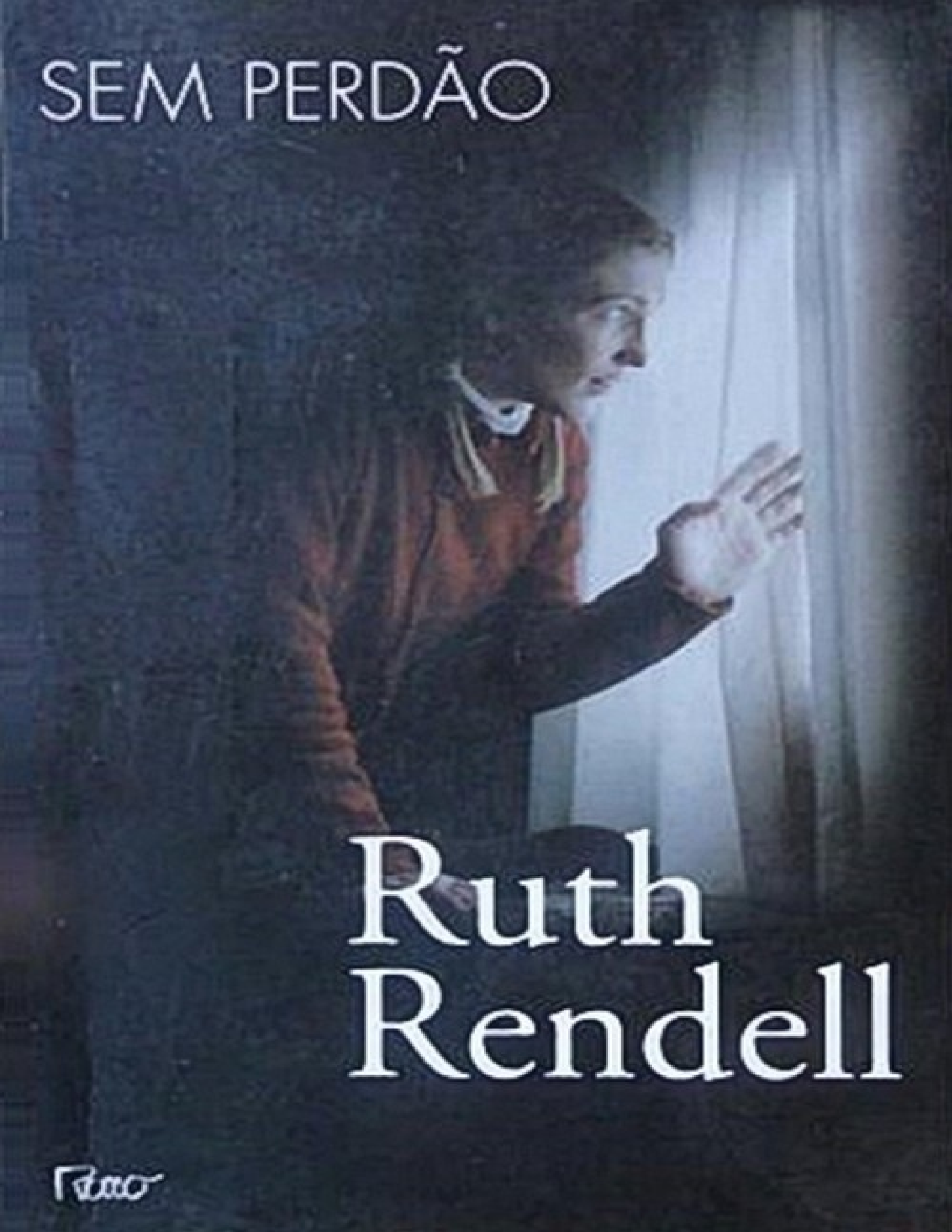
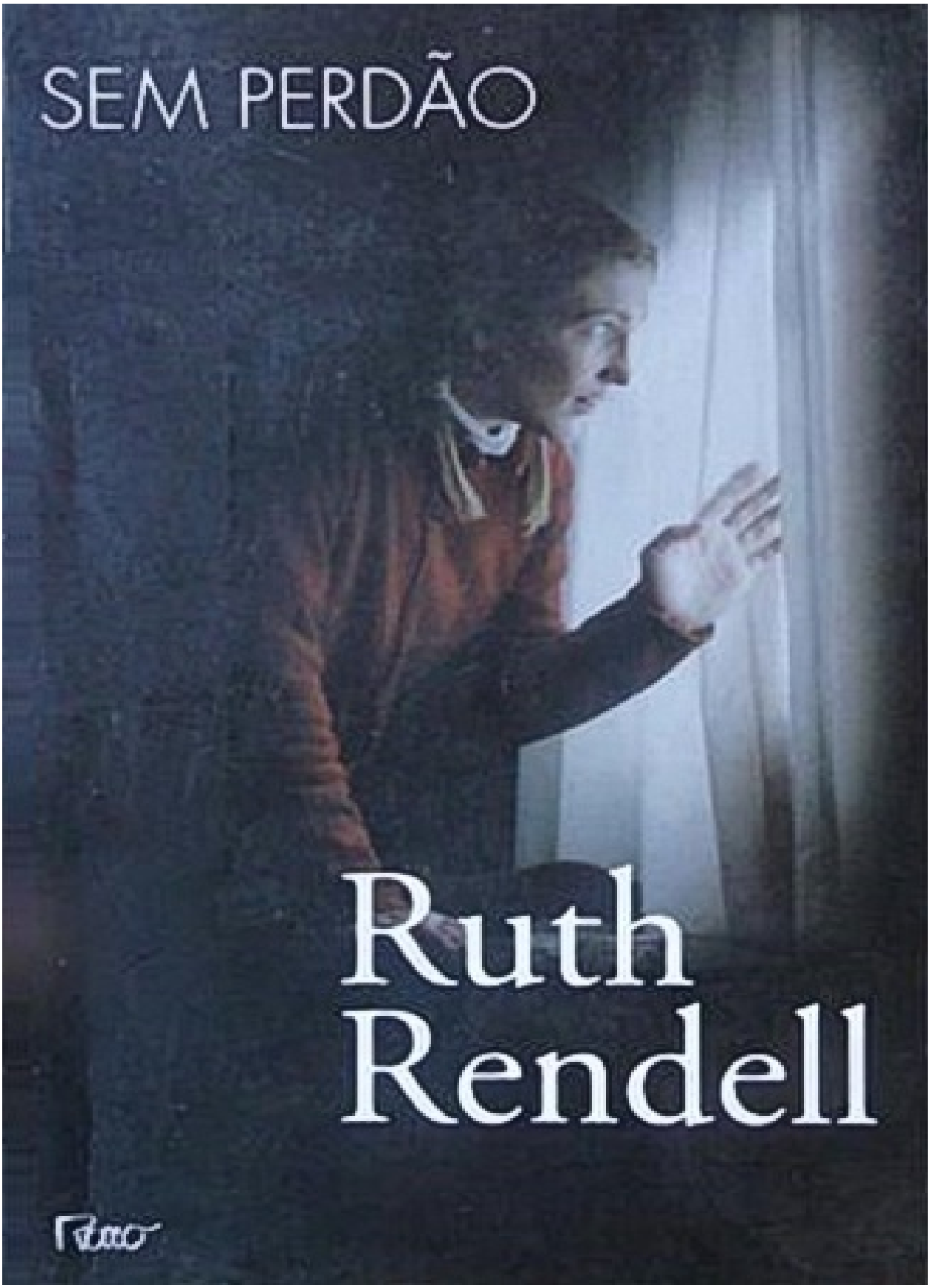
SEM PERDÃO



Ruth Rendell


SEM PERDÃO
Ruth
Rendell

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

TÍTULO

RUTH RENDELL

SEM PERDÃO

(Harm Done - 1999)

Inspetor Reginald Wexford #18

* * *

ÍNDICE

Capa
Título
Índice
A Autora
Série
Resumo
Capítulos
- ***Prólogo***
- ***Um***
- ***Dois***
- ***Três***
- ***Quatro***
- ***Cinco***
- ***Seis***
- ***Sete***
- ***Oito***
- ***Nove***
- ***Dez***
- ***Onze***
- ***Doze***
- ***Treze***
- ***Quatorze***
- ***Quinze***
- ***Dezesseis***
- ***Dezessete***
- ***Dezoito***
- ***Dezenove***
- ***Vinte***

Vinte e Um
Vinte e Dois
Vinte e Três
Vinte e Quatro
Vinte e Cinco
Vinte e Seis
Epílogo

* * *

A AUTORA

RUTH BARBARA RENDELL, Baronesa Rendell de Babergh, CBE, (Londres, 17 de Fevereiro de 1930), que também escreve sob o pseudônimo Barbara Vine, é uma escritora inglesa de obras de mistério e psicologia criminal, muitas vezes chamada de Rainha do Crime.

Filha de professores, terminou os seus estudos secundários no Loughton County High School, no Essex. Deu então início a uma carreira no jornalismo, desempenhando as funções de repórter e subeditora em diversos jornais regionais. Em 1950 casou com o colega Don Rendell e, engravidando do seu primeiro e único filho, abandonou o trabalho para se recolher ao lar. Decorreram cerca de dez anos durante os quais Ruth Rendell utilizou os tempos que lhe sobravam das lides domésticas para experimentar a escrita, tentando vários gêneros literários, se fixando afinal no do romance policial. Assim, publicou o seu primeiro livro em 1964, com o título **FROM DOON WITH DEATH**. Neste romance, a escritora apresentava o Inspetor Reginald Wexford, detetive da pequena localidade de Kingsmarkham, personagem que obteve desde o começo grande popularidade. Seguiram-se muitos outros volumes, entre os quais **TO FEAR A PAINTED DEVIL (1965), VANITY DIES HARD (1966)** e **WOLF TO THE SLAUGHTER (1967)**.

Durante a década de 80 começou a publicar romances policiais utilizando o pseudônimo Barbara Vine para exprimir uma sua faceta mais psicológica. As obras assim assinadas constituíram um sucesso de vendas bastante significativo. Escritora prolífica, publicou cerca de meia centena de livros policiais, que a crítica dividiu em três categorias. Uma série dedicada ao Inspetor Wexford, de que podem destacar **KISSING THE GUNNER'S DAUGHTER (1992)** e **ROAD RAGE (1997)**; uma outra à psicologia patológica, marcada sobretudo por obras como **A JUDGEMENT IN**

STONE (1977) e **THE LAKE OF DARKNESS** (1980); e os romances que assinou como Barbara Vine, de que se podem salientar **A FATAL INVERSION** (1987) e **KING SOLOMON'S CARPET** (1991).

Vencedora de vários prêmios literários da especialidade, Ruth Rendell foi nomeada membro vitalício da Câmara dos Lordes do Parlamento britânico, com o título de baronesa.

* * *

LIVROS DA SÉRIE INSPETOR REGINALD WEXFORD

1. *1964; From Doon With Death;*
2. *1967; Wolf to the Slaughter;*
3. *1969; A New Lease of Death;*
4. *1969; The Best Man to Die;*
5. *1970; A Guilty Thing Surprised;*
6. *1971; No More Dying Then;*
7. *1972; Murder Being Once Done;*
8. *1973; Some Lie And Some Die;*
9. *1975; Shake Hands Forever;*
10. *1979; A Sleeping Life;*
11. *1981; Put on By Cunning;*
12. *1983; The Speaker of Mandarin;*
13. *1985; An Unkindness of Ravens;*
14. *1988; The Veiled One;*
15. *1992; Kissing the Gunner's Daughter;*
16. *1994; Simisola;*
17. *1997; Road Rage;*
18. ***1999; Harm Done;***
19. *2002; The Babes in the Wood;*
20. *2005; End in Tears;*
21. *2007; Not in the Flesh;*
22. *2009; The Monster in the Box;*
23. *2011; The Vault;*
24. *2013; No Man's Nightingale;*

* * *

RESUMO

EM **SEM PERDÃO,** Ruth Rendell mistura investigação e suspense com a análise de dois temas espinhosos, a pedofilia e a violência doméstica. O Inspetor Wexford está de volta à cidade de Kingsmarkham para investigar o estranho caso de duas adolescentes que escaparam de um rapto mas que, misteriosamente, não conseguem se lembrar do que aconteceu. Coincidência ou não, um homem que cumpriu pena por abuso sexual de crianças se muda para a cidade e procura manter seu passado em segredo. Enquanto Wexford tenta desvendar o que aconteceu com Rachel, uma excelente aluna, e Lizzie, uma garota de 16 anos que sofre de problemas mentais, sua filha vai trabalhar em um programa contra a violência à mulher. À medida que as investigações avançam, uma intrincada rede de abusos vem à tona, revelando uma verdade perturbadora.

* * *

Prólogo

A CRUZADA das crianças, foi como se chamou aquilo depois que tudo acabou, dado o papel fundamental das crianças nos acontecimentos. Entretanto, não se tratava absolutamente de crianças. Nenhuma ficou fisicamente machucada, nenhuma sofreu qualquer dor na própria pele, nem sequer foi forçada a chorar além do que era esperado na idade dela. Mas a aflição mental que suportaram, os traumas emocionais e o dano psicológico, bem, isso eram outros quinhentos. Quem é capaz de dizer as sequelas que certas visões de algumas coisas podem deixar em crianças? E quem pode dizer quais serão as consequências dessas marcas? Se é que haverá alguma. Talvez, como muita gente acreditava antigamente, sejam apenas fatores que contribuem para a formação do caráter. Eles nos fazem mais fortes. Afinal de contas, o mundo não é nenhum mar de rosas, e é melhor que se aprenda isso desde pequeno. Todas as infâncias são infelizes, disse Freud. "Mas acontece", pensou Wexford, que algumas infâncias são mais tristes que outras.

Essas crianças, os cruzados, foram testemunhas. Há muita gente que acredita que nunca se deveria permitir que crianças testemunhassem em julgamentos. Ao que parece, as leis existem para impedir que elas sejam exploradas pela própria lei. Mas quem poderia tê-las impedido de ver aquilo que elas testemunharam com os próprios olhos? Foi sua filha Sylvia, a assistente social, quem disse achar que às vezes, depois de tudo que viu, todas as crianças deveriam ser tiradas dos pais ao nascer. Por outro lado, ela mesma lutaria com garras e dentes se algum assistente social enxerido tentasse lhe tirar seus filhos.

As crianças em questão, nos questionamentos e nas indagações de Wexford, vieram de todos os cantos de Kingsmarkhan e de outras cidadezinhas e vilarejos vizinhos; elas pertenciam a um loteamento municipal

que os jornais, ao empregarem sua expressão favorita no momento, apelidaram de "infame", mas também eram provenientes da chamada ala "verdejante" no bairro dos milionários e, entre um e outro, da classe média. Elas receberam, e de vez em quando chegaram até mesmo a ser batizadas com eles, nomes que ficaram na moda nas décadas de 1980 e 1990: Kaylee e Scott, Gary e Lee, Sasha e Sanchia.

Numa sala de aula da Escola Municipal St. Peter, era de mau gosto perguntar a respeito do pai de alguém, tamanha a quantidade de crianças inseguras a respeito de sua paternidade. Criadas com batatinhas fritas e salgadinhos crocantes, chocolate e quentinhas, elas formavam, mesmo assim, a geração mais saudável que o país jamais conhecera. Se alguma delas fosse esbofeteada, levaria o agressor à Corte Europeia de Direitos Humanos. Mas tortura mental era outra história, sem que ninguém soubesse que história era essa, mesmo que muitos a tentassem descrever diariamente.

A mais velha das crianças pelas quais Wexford estava interessado chegara ao limite da adolescência. A garota tinha dezesseis anos, idade bastante para casar, mas não para votar, idade bastante para, se tivesse vontade, abandonar a escola, e também sair de casa, se quisesse.

* * *

Um

NO DIA em que Lizzie voltou do "outro mundo", a polícia, a família e os vizinhos já haviam começado a procurar seu corpo. Eles faziam a busca no campo, nas matas entre Kingsmarkham e Myringham, passando um pente-fino nos morros e vasculhando a mata. Era abril, mas estava frio e úmido, e um vento cortante soprava do nordeste. A tarefa que tinham não era nada agradável; ninguém estava rindo, nem para brincadeiras, e se conversava pouco. O padrasto de Lizzie fazia parte do grupo de busca, mas a mãe dela estava nervosa demais para sair de casa. Na véspera, os dois apareceram de tarde na televisão para fazer um apelo pela volta de Lizzie, para que seu sequestrador ou estuprador, quem quer que fosse, a soltasse. A mãe disse que ela só tinha dezesseis anos, o que já se sabia, e que tinha dificuldades de aprendizado, o que era novidade. O padrasto era bem mais jovem, talvez uns dez anos, que a mãe, e tinha aparência também muito jovem. Usava cabelos compridos e barba, e vários brincos, todos na mesma orelha. Após sua aparição na TV, muita gente telefonou para a delegacia de Kingsmarkham para dizer que, na opinião delas, Colin Crowne era o assassino da enteada. Uma pessoa disse que ele a havia enterrado num canteiro de obras que ficava no começo da Rua York, no Condomínio Muriel Campden, quatrocentos metros estrada abaixo de onde o casal Crowne e Lizzie morava. Outra contou ao sargento detetive Vine que ela escutara Colin Crowne ameaçar matar Lizzie "porque ela era burra demais".

— Essa gente que vai pra TV falar de seus filhos desaparecidos, disse alguém que não quis se identificar, — É sempre culpada. E é sempre o pai. Já vi isso acontecer muitas vezes. Se você não sabe, é melhor procurar emprego fora da polícia.

O Inspetor-Chefe Wexford achava que ela estava morta. Não devido ao

telefonema anônimo, mas porque todos os indícios apontavam nessa direção. Lizzie não tinha namorado, não era nada precoce, tinha um baixo QI e era bastante obtusa e tímida. Três noites atrás, fora de ônibus com algumas amigas ao cinema em Myringham; depois do filme, porém, as outras duas garotas a deixaram voltar sozinha para casa. Elas perguntaram se Lizzie queria dar uma volta nas discotecas junto com elas, mas a moça disse que a mãe iria ficar aflita, as amigas acharam que a própria Lizzie estava aflita com a ideia, e a deixaram no ponto de ônibus. Já eram quase oito e meia, e estava anoitecendo. Ela deveria ter chegado a casa, em Kingsmarkham, por volta de nove e quinze, mas não houve nenhum sinal dela. À meia-noite, a mãe chamou a polícia.

Se ela fosse, digamos, um outro tipo de garota, Wexford não teria dado muita importância ao caso. Se ela fosse mais parecida com suas amigas. Hesitou em completar mesmo mentalmente a frase, pois era importante para ele manter seu nível pessoal de ser politicamente correto, tanto em pensamento como no seu discurso. Não que chegasse a ser ridículo a respeito disso, ele evitava o emprego de expressões absurdas como "imprecisa intelectualmente", mas também não iria chamar uma moça assim de débil mental ou retardada. Ela, além do mais, não era nem uma coisa nem outra, sabia ler e escrever mais ou menos, tinha uma certa dose de independência, e era capaz de se virar sozinha. Pelo menos de dia. Mas não era apta o bastante para ser largada por conta própria depois de escurecer numa rua deserta. A propósito, qual era a garota que podia?

Ele, portanto, pensava que Lizzie estava morta. Assassinada por alguém. Não gostou muito do que percebeu em Colin Crowne, mas não tinha razão para suspeitar de que o sujeito fosse o assassino da enteada. É verdade que Crowne, alguns anos antes de casar com Debbie Cromwell, tinha sido condenado por agredir um homem na calçada de um bar, e que tinha também uma outra condenação por direção e posse ilegítima, em outras palavras, roubo, de um carro. Mas o que significava tudo isso? Pouca coisa. Era mais provável que alguém houvesse parado e oferecido uma carona a Lizzie.

— Ela pegaria uma carona com um desconhecido? Perguntou Vine a Debbie Crowne.

— Às vezes é difícil fazer com que ela entenda as coisas, disse a mãe de Lizzie. — Ela fica meio que rindo, dizendo sim e não... Ela vive sorrindo, é uma garota feliz, mas a gente não sabe se ela cai numa dessas. O que você acha, Col?

— Já falei a ela pra não falar com estranhos, disse Colin Crowne, — Disse isso pra ela muitas vezes, mas de que adianta? Um sorriso, ela balança a cabeça, outro sorriso, e então ela simplesmente muda de assunto, diz alguma coisa biruta, como o sol está brilhando, ou pergunta se tem chá.

— Biruta não, Col, disse a mãe, evidentemente magoada. — Você sabe o que tô querendo dizer.

Então, quando fazia três noites que ela havia desaparecido, na manhã do terceiro dia, Colin Crowne e os vizinhos de ambos os lados da casa deles no Condomínio Muriel Campden começaram a procurar por Lizzie. Wexford já havia falado com as amigas dela e com o motorista do ônibus que ela deveria ter pegado, mas não pegou, e o inspetor Burden e o sargento Vine abordaram dúzias de motoristas que usam a rua todos os dias naquela hora. Quando a chuva se tornou torrencial, o que aconteceu por volta das quatro da tarde, eles interromperam a busca, mas combinaram recomeçá-la ao amanhecer do dia seguinte. Levando consigo a policial Lynn Fancourt, Wexford foi até a Puck Road para mais uma conversa com Colin e Debbie Crowne.

Quando da sua construção na década de 1960, num terreno vazio, que chamariam agora de uma "área de preservação natural", entre o começo da Rua York e o lado oeste da Glebe Road, as três ruas e blocos de apartamentos com um gramado no meio, o local foi chamado de Loteamento York. O então diretor da Secretaria Municipal de Habitação, que havia feito SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO para conseguir o certificado de conclusão do segundo grau, orgulhoso do conhecimento adquirido com a peça, batizou as ruas com o nome dos personagens da comédia, Oberon, Titânia e Puck. Esse último era uma constante fonte de aborrecimento para os moradores, a polícia e as autoridades locais pela oportunidade que oferecia à juventude de transformar numa obscenidade, em inglês, um nome inocente, bastando para tanto um mínimo de esforço com uma lata de tinta spray, ao mudar a letra P para F.

Muriel Campden foi presidenta, como agora se referem a ela, da

Câmara de Vereadores de Kingsmarkham por mais tempo que qualquer um e, quando morreu, rebatizaram o Loteamento York em sua homenagem. Um movimento estava em progresso para erguer uma estátua em sua homenagem no gramado em frente aos escritórios municipais, um prédio que recebera recentemente o nome de Centro Municipal. Metade da população era a favor, e metade, veementemente contra.

— Eu achava que este lugar já era homenagem suficiente, disse Wexford com os olhos fixos no triângulo de casas acachapadas dos anos 60, no centro do qual se erguia uma torre atarracada de apartamentos com seis andares de altura. As residências das Titânia, Oberon e Puck Roads pareciam haver sido feitas com blocos permeáveis ao vento que se encharcaram com a chuva de vinte e quatro invernos molhados, adquirindo um tom mais escuro que a hulha. — Bem apropriado à Muriel Campden. Ela era o tipo de mulher sombria, cinzenta e pesada. Ele apontou para a placa de rua no começo da Puck Road, outra vez adulterada. — Olha só. Parece que desistiram de limpá-la.

— Coisas vulgares agradam a mentes vulgares, senhor, disse Lynn no momento em que a porta se abriu e eles foram admitidos a entrar no número 45 pela moradora do número 47. Esta era uma vizinha chamada Sue Ridley, e foi ela quem os levou à presença de Debbie e Colin Crowne, que estavam sentados lado a lado no sofá. Ambos fumavam cigarros, e ambos assistiam, ou pelo menos olhavam, a um show de perguntas na televisão. Debbie deu um pulo e gritou quando eles entraram:

— Eles encontraram ela! Ela está morta!

— Não, nada disso Sra. Crowne, nós não temos nenhuma novidade para a senhora. Posso sentar?

— Faça o que quiser, disse Colin Crowne, com sua grosseria habitual.

Ele acendeu um cigarro e deu um à mulher, sem perguntar se ela queria. A atmosfera na saleta já estava embaçada de fumaça. A chuva batia incessantemente nas janelas. Na telinha, um dos participantes do show, ao ser perguntado se Oasis era uma cidade na Arábia, um conjunto de música pop, ou um cinema em Londres, foi incapaz de responder. Debbie pediu impaciente à vizinha para fazer mais chá:

— Você seria um anjo, Sue, meu bem?

Wexford e sua equipe já haviam feito todas as perguntas relevantes, ele estava ali mais para convencer a Sra. Crowne de que tudo que era possível fazer estava sendo feito, do que para conseguir mais informação. Mas insistiu mais uma vez em saber os nomes de qualquer parente, ou até mesmo de amigos, que morassem em pontos afastados do país e que Lizzie poderia ter procurado. Tal pessoa, homem ou mulher, teria de viver desterrado numa ilha sem jornal, rádio e televisão, ou talvez nas Hébridas Exteriores, para não saber que Lizzie Cromwell estava desaparecida e que a polícia andava à sua procura. Mesmo assim, ele perguntou. Para dizer alguma coisa, algo que servisse para distrair a mente de Debbie Crowne da monstruosidade de seus medos.

No mesmo instante em que Sue Ridley chegou com o chá, quatro canecas com os saquinhos ainda boiando, já pingadas com leite, e sem colheres, a campainha tocou. Ela colocou as canecas na mesa e, dizendo que deveria ser seu companheiro voltando da saída com o grupo de busca, foi atender a porta. O seu grito fez Wexford pular.

— Sua menina levada, onde foi que você se meteu?

Todos se levantaram, a porta se abriu e uma garota entrou, com água escorrendo dos cabelos e da roupa, como se acabasse de sair de uma banheira cheia. Debbie Crowne gritou e, ainda gritando, abraçou a filha, indiferente à roupa ensopada.

— Mamãe, tô com frio, disse Lizzie, sorrindo chorosa, e batendo os dentes. — Nunca senti tanto frio.

Ela voltou sã e salva, sem nenhum machucado aparente e isso, num primeiro momento, era tudo que importava. Wexford se retirou, deixando Mike Burden e Lynn Fancourt para conversar com Lizzie depois que ela houvesse tomado um banho quente. Ele mesmo a iria interrogar na manhã seguinte, e por vários dias consecutivos, diante de suas respostas totalmente insatisfatórias. Em outras palavras, ela se recusava, ou era incapaz, de dizer onde esteve. Ele não disse nada a respeito, pois não sabia de nada, quando chegou a casa às seis horas; era cedo para ele, mas contou à esposa que Lizzie

Cromwell foi encontrada.

— Ou melhor, ela parece ter voltado de livre e espontânea vontade. Vai aparecer no noticiário das nove.

— Onde é que ela estava? Perguntou Dora.

— Não sei. Metida com algum garoto, acho eu. É isso que geralmente acontece. O fato de os pais dela não saberem que existe um rapaz não quer dizer nada.

— Eu acho que era a mesma coisa conosco. Sylvia e Sheila tiveram namorados, além daqueles que a gente conheceu, dos quais nunca ouvimos falar. A propósito, Sylvia vai deixar Robin e Ben conosco esta noite. Neil está ocupado sei lá onde, e ela está com esse trabalho novo.

— Ah é, o telefone de ajuda do Hide. Eu não sabia que ela precisava trabalhar de noite.

— Eu preferia que ela não trabalhasse. É coisa demais para ela, ainda por cima com seu emprego de dia. Eu não acho que o que o Hide paga valha a pena.

— Que eu saiba, disse Wexford, o Hide não paga coisa alguma.

Ele estava ao telefone falando com Burden, quando sua filha mais velha chegou trazendo os netos. Foi Burden quem ligou, fulo da vida com a recusa de Lizzie Cromwell em falar.

— Você quer dizer que ela não quer dizer onde esteve?

— Eu cheguei a pensar que ela não pudesse falar. Sinceramente, pensei que ela fosse muda. Bem, a garota não é lá inteiramente normal, não é?

— Ela sabe falar, disse Wexford repreendendo-o. — Eu a ouvi.

— Ah, eu também... Agora.

— E ela é tão normal quanto você, ou tão normal quanto a metade da gente neste lugar. Ocorre apenas que ela não é nenhum gênio. Wexford pigarreou. — Como você e a sua turma, acrescentou com maldade, pois Burden havia sido aceito na Mensa Internacional, cujos membros têm de provar uma inteligência acima do normal, com um Q.I. Que se dizia ser de 152.

— Por que ela não diz onde esteve?

— Não sei. Medo. Teimosia. Não quer que a mãe e O-DosBrincos saibam, sei lá.

— Tudo bem, a gente tenta de novo amanhã.

A filha de Wexford, Sylvia, era assistente social. Já não era jovem quando resolveu estudar para um diploma em sociologia, pois se casou aos dezoito anos. Os dois meninos que saíram correndo da cozinha quando o avô pôs o telefone no gancho eram a prole desse casamento. Wexford disse olá a eles, elogiou um novo videogame da Nintendo e um Gameboy, e perguntou se a mãe deles já tinha saído.

— Ela tá falando com a vovó, disse Ben, com o tom de repugnância que a gente usaria ao castigar severamente um comportamento antissocial.

Todos os pais têm um favorito entre seus filhos, mesmo que sempre se esforcem, como Wexford, para ocultar qual deles é o predileto. Ele fracassara em esconder a sua queda pela filha mais nova, e sabia disso, mas não desistia. Com Sylvia era mais efusivo, nunca deixando de beijá-la toda vez que se encontravam, escutando atentamente quando ela falava com ele, e fingindo que não ficava chateado quando ela o irritava. Pois em Sylvia faltava o charme da irmã e, mesmo que bonitinha o bastante para ser olhada, não tinha a beleza de Sheila. Ela era uma feminista cabeça-dura, didática, frequentemente agressiva, propensa a dizer a coisa errada, crítica, má esposa, mas ótima para lidar com crianças. Ela também valia ouro de tão boa, com sua consciência social desmesurada, disso tudo Wexford sabia. Ele foi encontrá-la sentada à mesa da cozinha com uma caneca de chá à frente, fazendo um discurso para a mãe sobre violência doméstica. Dora tinha aparentemente feito a pergunta clássica, aquela que, segundo Sylvia, revela ignorância completa sobre o assunto:

— Mas se os maridos as espancam, por que elas não os abandonam?

— Essa pergunta é típica, estava dizendo Sylvia, — Do tipo de mulher completamente alienada do mundo à sua volta. Abandoná-los, diz você. Pra onde é que essa criatura, vamos dizer ela, não eles, irá? Ela é dependente dele, não possui nada próprio. Tem filhos... É pra ela levar as crianças? É claro que o marido a espanca, quebra o nariz dela e arranca fora seus dentes, mas depois disso, ele sempre pede desculpas, sempre diz que não vai fazer de novo. Ela quer que as coisas voltem ao normal, quer manter a integridade da família. Oi, papai, como vão as coisas?

Wexford lhe deu um beijo, disse que estava tudo bem e perguntou sobre o trabalho no telefone de emergências.

— Helpline, é como chamamos. Eu estava falando com mamãe a respeito disso. É uma coisa que deixa o coração da gente em frangalhos. E o pior é o comportamento do público. Parece mentira, mas muita gente ainda acha que tem alguma coisa de engraçada num homem espancar uma mulher. É uma piada, é um cartão-postal cômico que se manda nas férias. Essa gente devia ver alguns dos ferimentos com os quais a gente se depara, com algumas das cicatrizes. E quanto à polícia...

— Espere aí um momento, Sylvia. Todas as resoluções de Wexford em relação à filha saíram voando pela janela. — Nós temos um programa aqui em Sussex para lidar com violência doméstica, e não vemos em hipótese alguma a violência contra mulheres como sendo parte da rotina do casamento. Ele levantou a voz. — Estamos até criando um esquema para encorajar amigos e vizinhos a denunciar a evidência de violência doméstica. Nós o chamamos de Vigilantes da Dor, e se você não ouviu falar a respeito, deveria.

— Tá, tá, tudo bem. Mas você precisa admitir que tudo isso é muito recente. É coisa muito nova.

— Pra mim, isso parece coisa da Gestapo ou da KGB, disse Dora. — Não existe mais religião, o mundo agora precisa de babás.

— Mamãe, vamos imaginar um mundo com babás; o que há de errado em ter uma babá lhe ajudando? Eu várias vezes desejei poder pagar uma. Algumas dessas mulheres estão completamente desamparadas, ninguém ligava pra elas até os refúgios começarem. E se isso não é prova o bastante da necessidade deles, estão faltando refúgios, não existe sequer a metade de lugares necessários para atender à demanda...

Wexford saiu de fininho da cozinha e foi procurar os netos.

A escola dos meninos ficava no subúrbio de Myfleet, e Wexford os levou de carro até lá antes de ir trabalhar. O trajeto fez com que passassem por Brede Valley, beirando as colinas de Savesbury e ao longo da margem da grande Floresta de Framhurst. Ele nunca passava por ali sem agradecer a Deus que a via perimetral, a estrada do contorno, cuja construção começou

no ano passado, tivesse sido engavetada com a mudança de governo. O trecho de Newbury foi completado, mas o de Salisbury nunca seria construído, nem o de Kingsmarkham, na medida em que se pode dizer "nunca" em relação a essas coisas. Era algo incomum se sentir feliz que houvesse poucos recursos, ter alívio de que alguma coisa estivesse acima das possibilidades, mas essa era uma rara ocasião para se sentir esse tipo de alívio. A libélula amarela e a mariposa seriam salvas. Seria possível até mesmo dizer que algum tipo de animal silvestre foi beneficiado com o projeto abandonado da perimetral, uma vez que os texugos guardaram seus antigos esconderijos e se aproveitaram daqueles feitos pelo homem, enquanto que a mariposa passou a ter duas plantações de urtigas para se alimentar, em vez de uma.

No lugar onde a estrada do contorno deveria começar e onde os trabalhos tiveram início, a terra tinha sido movimentada por tratores e escavadoras. Ninguém, ao que parece, tinha a menor intenção de recuperar o aspecto original do solo; o mato e as ervas daninhas tinham crescido na nova paisagem de montes e barrancos de forma que pareceriam um fenômeno natural. Era isso, pelo menos, o que disse Wexford, ao falar com os netos a respeito da irregularidade do terreno.

— E daqui a centenas de anos, vovô, disse Robin, — Os arqueólogos vão achar que esses montes eram o cemitério de uma tribo antiga.

— É muito provável, disse Wexford, — Bem pensado.

— Túmulos, disse Robin, saboreando a palavra, — É disso que vão chamá-los.

— Você ficou contente? Perguntou Ben.

— O quê, por eles não construírem a perimetral? Sim, fiquei muito feliz. Eu não gostei de que eles cortassem as árvores e as beiradas dos morros. Eu não gostei da construção da estrada.

— Pois eu sim, disse Ben. — Gostei das escavadoras. Eu vou dirigir um trator JCB quando for grande e vou escavar o mundo inteiro.

Era a época mais agradável do ano, com exceção do início de maio, quando havia ainda mais abundância de flores, mas para o qual ainda faltava um mês; contudo, agora em abril as árvores formavam uma mistura de verde com âmbar claro e a Floresta de Framhurst, a mesma floresta que em maio estará coberta de campainhas-azuis, exibia celidônias e napelos, as duas com

seu dourado brilhante, todas pontuando o chão da floresta. Depois de ter deixado os meninos no portão da escola e esperado alguns instantes para vê-los serem conduzidos para dentro do prédio, Wexford dirigiu de volta meditando no gosto das crianças e nas belezas da natureza e no momento em que se tem consciência pela primeira vez dessa beleza na infância. "As meninas a percebem antes dos meninos", pensou, "há meninas de até sete anos de idade que são capazes de senti-la, enquanto os meninos parecem não ligar para o cenário de rios e morros, para os bosques, para as paisagens distantes de serras e as formas alterosas das nuvens até estarem perto dos dezoito." No entanto, todos os grandes poetas bucólicos foram homens. Sylvia, é claro, pode ter razão e também houve grandes poetisas, nascidas para não serem reconhecidas e desperdiçando sua suavidade no ar do deserto.

Entrementes, ele tinha de conversar com uma garota, uma que podia ou não ligar para belezas pastoris e texugos e borboletas, mas que parecia ser amistosa o bastante e que sorriu receosa quando o padrasto lhe deu uma bronca, mesmo estando ensopada até os ossos. Não era uma adolescente selvagem, não era uma rebelde.

Ela estava sentada no sofá da sala de visitas do número 45 da Puck Road, assistindo a um vídeo de desenho animado de dinossauros, produzido para crianças com a metade da idade dela, chamado Jurassic Larks. Ou apenas olhava sem prestar atenção, pensou Wexford. Qualquer coisa era melhor do que olhar para ele ou para Lynn Fancourt. A um sinal de Wexford, Lynn pegou o controle remoto da mesa.

— Acho que está na hora de desligar isso e termos uma conversinha, Lizzie.

Ao mesmo tempo em que o brontossauro e o pterodátilo com um bebê ictiossauro na boca desapareciam num piscar de olhos, Lizzie fez um som lastimoso, uma espécie de suspiro de protesto. Ela continuou a olhar a tela apagada.

— Vocês não vão conseguir tirar nada dela, disse Debbie Crowne. — Ela é muito teimosa, é o mesmo que falar com uma parede.

— Quantos anos você tem, Lizzie? Perguntou Wexford.

— Ela tem dezesseis. Debbie não deu oportunidade para a filha responder. — Fez dezesseis em janeiro.

— Sra. Crowne, talvez fosse melhor se conversássemos com Lizzie sozinha.

— O quê, tá querendo que eu saia?

— A lei exige a presença de um parente ou um adulto responsável apenas quando a criança tem menos de dezesseis anos. Lizzie falou, mesmo sem virar a cabeça para eles.

— Eu não sou criança.

— Por favor, deixe-nos a sós, Sra. Crowne.

— Ah, tá bem, se é assim. Mas ela não vai abrir a boca. Debbie Crowne pôs a mão na boca como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa. — Mas se ela falar alguma coisa vocês vão contar pra mim, não vão? Tão me entendendo, né, ela pode ter estado com qualquer um não sei onde. A gente não tem como saber, não é? Ela pode estar grávida.

Lizzie fez o mesmo som que havia feito quando desligaram seu videocassete.

— Você pode ficar resmungando, mas eu acho que ela devia fazer um exame. Debbie saiu da sala, fechando a porta com bastante brusquidão atrás dela. A garota não se moveu.

— Você ficou fora de casa três dias, Lizzie, disse Wexford. — Você nunca tinha feito algo assim antes, não é mesmo?

Silêncio. Lizzie curvou a cabeça ainda mais, de forma que seu rosto ficou completamente encoberto pelos cabelos soltos. Era um cabelo bonito, louro-avermelhado, comprido e ondulado. As mãos em seu colo tinham as unhas roídas.

— Você não estava sozinha, estava? Alguém levou você para longe, Lizzie? Quando ficou bastante claro que ela não responderia a isso também, Lynn acrescentou: — O que quer que tenha feito, ou onde quer que vocês tenham estado, ninguém irá lhe castigar por isso. Você está receosa de se meter numa encrenca? Não tenha medo.

— Ninguém vai machucar você, Lizzie, disse Wexford. — Nós só queremos saber onde você esteve. Se você foi embora para ficar com alguém

de quem gosta, tem todo o direito de fazer isso. Mas, me entenda, todo o mundo estava procurando você, a polícia, seus pais e seus amigos, todos estavam à sua procura. Por isso a gente tem o direito de perguntar, de saber onde você estava. O grunhido voltou, um som aflito como o de alguém sofrendo. — Posso entender que você não queira me contar, disse Wexford. — Eu posso ir embora. Você pode ficar sozinha com a Lynn. É assim que prefere?

Ela então levantou a cabeça. Seu rosto, um rosto rechonchudo bastante bonito, com sardas na altura do nariz e na testa, estava sem expressão, e os olhos, vazios. Ela umedeceu os lábios finos rosados. Sua testa se enrugou como se estivesse fazendo um esforço de concentração, mas como se esse esforço intelectual, qualquer que fosse, estivesse acima de suas possibilidades. Foi então que fez que sim com a cabeça. Não como as pessoas o fazem geralmente, abaixando e levantando várias vezes a cabeça, mas apenas uma vez, bruscamente, quase sendo rude.

— Então está bem. Wexford saiu da sala e foi para o vestíbulo, um corredor que abrigava uma bicicleta e um caixote cheio de garrafas vazias. Ele bateu numa porta que ficava no final e foi admitido a uma cozinha que era também o local das refeições. Colin Crowne não estava em nenhum lugar à vista. A mulher dele estava sentada num banco alto, na parte onde comiam, junto à bancada, bebendo café e fumando. — Existe uma possibilidade de que sua filha fale se ficar sozinha com a policial Fancourt.

— Se o senhor acha mesmo isso... Acontece que ela não quer falar nem com a própria mãe.

— Qual será a atitude que a senhora vai tomar caso ela tenha estado com um namorado?

— Ela não tem namorado, disse Debbie enquanto esmagava a guimba do cigarro num pires, — Por isso não posso tomar atitude alguma.

— Vou reformular a pergunta. Teria ela alguma razão para ter medo do que poderia acontecer caso a senhora descobrisse que ela esteve com um namorado?

— Olha aqui, ela não tem namorado. Eu sei. Eu sei onde ela tá a cada minuto durante o dia, eu tenho de saber, ela não é... Bem, você sabe como ela é. Ela é um pouco... Ela precisa da gente cuidando dela.

— No entanto, ela esteve fora por conta própria com amigas sábado à

noite e, mesmo tendo ido para Myringham com elas, foi deixada sozinha para que voltasse para casa por conta própria.

— Pois não deviam ter feito isso. Eu repeti não sei quantas vezes pra não deixarem a Lizzie fazer nada sozinha. Eu repeti isso pra elas e pra ela.

— Elas têm só dezesseis anos, Sra. Crowne, e nem sempre fazem o que lhes mandam fazer. Ela mudou o assunto para algo que a afligia mais.

— Mas se for como eu disse e ela tiver grávida, ela devia ir a um médico, precisam examinar ela. Imagina se ele fez mal a ela, a gente não sabe o que ele fez.

— A senhora está sugerindo que ela foi estuprada?

— Não, não estou, é claro que não, isso eu sei que não. Então, se ela não tem namorado nem foi estuprada, como poderia estar grávida? Ele não disse isso em voz alta; em vez disso, voltou para a sala de visitas, batendo antes na porta. Lynn estava lá, mas a menina havia desaparecido.

— Eu não tinha como impedi-la, senhor. Ela quis subir para o seu quarto no primeiro andar, e eu não podia fazer nada.

— Não podia... Vamos deixar isso de lado por enquanto.

No carro, ele perguntou como havia sido a entrevista, se é que houve alguma entrevista.

— Ela disse alguma coisa?

— Ela me contou um bocado de mentiras, senhor. Sei que eram mentiras. Era como se... Bem, como se ela tivesse se dado conta de que precisava dizer alguma coisa para se livrar da gente. Infelizmente, no caso dela, sua imaginação é bastante limitada, mas ela tentou.

— Então que histórias sem pé nem cabeça são essas que essa imaginação limitada inventou?

— Ela estava esperando no ponto de ônibus e chovia. Uma senhora, foi assim que ela disse, uma senhora chegou num carro e ofereceu uma carona, que ela recusou porque Colin lhe dissera para nunca aceitar carona de estranhos. Nada de o ônibus chegar e chovia a cântaros, foi então que resolveu ir para uma casa abandonada com tábuas pregadas nas janelas, a casa com a macieira, é assim que ela a chama, e se sentou no chão para esperar a chuva passar...

— Eu não posso acreditar nisso!

— Eu disse que o senhor não acreditaria. Eu não acreditei.

— Como foi que ela entrou?

— A porta não estava trancada. Ela empurrou e a porta se abriu. Então, quando a chuva parou e pensou em voltar para o ponto de ônibus, não podia mais sair porque alguém tinha trancado a porta com ela dentro. Ela ficou lá durante três noites e três dias sem nada para comer, ainda que pudesse beber água de uma torneira. Também encontrou cobertores para se agasalhar e manter o corpo quente. Até que a porta foi destrancada, ela escapou e pegou o ônibus para casa.

Ninguém acreditou na história de Lizzie, mas valia a pena ir até Myringham dar uma olhada.

— Não há necessidade de o senhor fazer isso, senhor, disse Lynn, sugerindo que não se tratava de trabalho para alguém com a patente dele. — Eu posso ir.

— Eu prefiro fazer isso a relatórios, disse Wexford.

Vine havia conversado com as duas amigas, Hayley Lawrie e Kate Burton, e ambas disseram ter acompanhado Lizzie até o ponto de ônibus. Elas haviam prometido não a deixar sozinha, e quase não a deixaram, seria só por cinco minutos, o ônibus ia chegar em cinco minutos. Hayley lamentava agora não ter ficado com Lizzie até o ônibus chegar, mas Kate achava que não tinha importância pois nada de mal tinha acontecido com Lizzie.

O ponto de ônibus era o que ficava mais perto do cinema, mas mesmo assim era nos arredores de Myringham, na velha Kingsmarkham Road. A primeira coisa que Wexford percebeu foi a casa abandonada. O ponto de ônibus estava bem em frente a ela. A casa, que ficava no meio de um jardim tomado pelo mato, onde a única coisa bonita de se ver era uma cerejeira com sua florada rosa-pálida, tinha tábuas pregadas em todas as janelas, com metade da ardósia do telhado faltando e o portão da frente pendurado numa única dobradiça. Não era uma macieira, como Lizzie dissera, mas uma cerejeira japonesa. A porta da frente fora pintada de um verde-escuro e agressivo há uns vinte anos, e a pintura estava descascando. Wexford virou a maçaneta de bronze escurecida e empurrou, imaginando como se sentiria em relação a Lizzie se a porta cedesse. Ela, porém, estava trancada. Eles deram a volta por trás. Ali uma das tábuas estava se soltando de uma das janelas, ou

alguém havia tido trabalho tentando arrancá-la. Wexford tomou rapidamente uma decisão.

— Vamos entrar por aqui. Depois a gente põe o tapume direito na janela. E fazemos assim um favor ao dono, ou à dona, quem quer que seja.

A abertura era grande o bastante para alguém pequeno ou franzino entrar espremido, mas Donaldson teve de aumentá-la com as ferramentas que pegou na mala do carro para Wexford passar. Wexford passou a perna pela beirada, seguido de Lynn e Donaldson. Fazia frio dentro da casa, estava úmido e cheirava a mofo. A tábua corrida fora arrancada revelando buracos negros, alguns cheios de uma água oleosa. Os móveis, em sua maioria, tinham sido removidos, mas restava um sofá com estofamento de pelo de cavalo na sala onde estavam, e a fornalha de ferro da lareira estava cheia de pontas de cigarro e sacos de batata frita. O papel de parede se soltava, formando longas faixas enroladas.

No único outro cômodo do térreo, afora a cozinha, duas pinturas a óleo ainda estavam penduradas nas paredes cobertas de fungo; em uma delas, um cervo bebia água numa poça, na outra, uma menina de aspecto vagamente pré-rafaelita colhia conchas numa praia. Não havia cobertores em lugar algum. Ainda faltava explorar o andar de cima. Wexford teve a ideia de investigar primeiro o buraco imundo que era a cozinha. Ele experimentou as duas torneiras. Uma estava seca, mas um filete de água escura e enferrujada, vermelha como sangue, saiu da outra. Certamente não foi isso que Lizzie bebeu. A porta dos fundos não tinha aldrava nem chave na fechadura. Estava pregada com ripas que atravessavam o batente. Lizzie também não entrara pela porta da frente, que tinha uma tranca interna, cujas ferragens estavam enferrujadas e não podiam ser soltas sem a ajuda de ferramentas.

— Dá pra gente subir até o primeiro andar, Lynn? Perguntou Wexford. — Parece que alguém andou usando picareta nas escadas.

— Apertado, mas dá, senhor.

Em vez dos degraus da escada, Lynn olhou para ele como se duvidasse da sua condição física. Aparentemente, uma tentativa tinha sido feita de substituir os pisos dos degraus, ou de removê-los, ou ainda de alargar toda a

estrutura; o projeto foi abandonado, mas não antes que a escada fosse parcialmente demolida. Wexford deixou que Lynn fosse primeiro, nem tanto por uma questão de boas maneiras, mas consciente de que, se caísse para trás, não cairia sobre uma mulher esbelta e pequena, que pesava provavelmente menos de cinquenta quilos. Ele foi pisando cuidadosamente, se apoiando, talvez inadvertidamente, no corrimão bambo. Seus esforços foram recompensados pela visão de um cobertor cinza cobrindo uma espécie de balde ou, de qualquer maneira, algo em forma de cuba. Não havia mais nada nos dois quartinhos do sótão.

— Suponho que ela pudesse ter se agasalhado com isto, disse Lynn, mostrando a Wexford que sua mão ficara molhada após ter tocado o cobertor. — Ainda que esteja cheirando um pouco a mofo. Acima deles, através de um buraco no teto manchado, a beira de uma telha podia ser vista e, além dela, uma nesga azul e branca do céu.

— Ela pode ter bebido da torneira de algum banheiro, disse Wexford,

— Se houver banheiro. Ele balançou a cabeça.

— Ela pode ter estado aqui, mas não por três dias.

— Isso faz diferença, senhor? Perguntou Lynn enquanto desciam de volta pela escada perigosa. — Quero dizer, ela está de volta sã e salva. Por que devemos nos preocupar com onde ela esteve?

— Talvez não, talvez você tenha razão. Acho que é apenas porque eu gostaria de saber.

Foi mais ou menos a mesma coisa que disse a Burden no dia seguinte, quando o inspetor reclamou a respeito do interesse dele por algo tão banal. Eles não estavam na chefatura de polícia, mas no bar Olive and Dove, tomando a cerveja do final do expediente.

— É como se eu não tivesse feito o meu trabalho, disse Wexford, — E somente preenchido aqueles malditos formulários.

— Quem sabe estamos finalmente derrotando o crime.

— Você está de gozação. Eu não acho que um crime tenha sido cometido contra Lizzie Cromwell, ou que ela tenha cometido algum, mas gostaria de saber. Três dias, ela ficou fora três dias e três noites, Mike. Ela não estava naquela casa, está bem, a gente só poderia ter certeza disso tirando suas impressões digitais e fazendo uma busca detalhada na casa, mas sei que não

estava. Ela não podia ter entrado e, caso conseguisse entrar, não teria condições de colocar a tábua de volta na janela como a encontramos. Ela mentiu a respeito de beber água da torneira, ela mentiu de ter se agasalhado com um cobertor, e mentiu dizendo que tinha sido trancada e solta depois. De forma que nunca esteve lá. Fico pensando se não valeria a pena colocar um alerta procurando a mulher, a tal que ofereceu carona a ela.

— Isso também pode ser mentira.

— É verdade. Pode ser. Wexford tomou o último gole de sua cerveja. — Mas então, onde ela estava?

— Com um homem. Elas estão sempre com um homem, você sabe disso. O fato de a mãe dizer que não há nenhum namorado não quer dizer nada, assim como afirmar que ela nunca teve oportunidade de conhecer um rapaz também não quer dizer nada. Não importa a aparência de uma garota, ou quão simples ela possa ser... Tudo bem, não me olhe assim, você sabe o que quero dizer... Ou quão tímida, ou o que for, o instinto de reprodução nos seres humanos é tão poderoso que as pessoas mais diferentes se atraem como... Como ímãs.

— Espero que não haja nenhuma reprodução neste caso, ainda que deva concordar que o mais provável é que ela estivesse com um homem, um rapaz. Mas isso ainda não nos diz onde.

— Na casa dele, é claro.

— Ah, tem um porém. Se ele tiver a idade dela, o mais provável é que more com os pais, ou um dos pais, talvez com irmãos. Se for mais velho, deve ser casado ou, como dizem agora, "tendo um relacionamento fixo". Essas outras pessoas envolvidas saberiam do desaparecimento dela. Alguém teria vindo nos procurar.

— Ele pode tê-la levado para um hotel.

— Por três dias e três noites, Mike? Será que ele está tão bem de vida assim? Não, a única possibilidade que vejo é o fato de ele morar sozinho, em um quarto ou apartamento próprio, e que a tenha levado para lá. Ele a manteve dentro de casa durante todo o período de três dias e três noites e ninguém na casa, ou no prédio de apartamentos, a viu. Eu não gosto disso, no fundo nem acredito muito, mas a gente sabe o que foi que Sherlock Holmes disse.

— Se tudo o mais é impossível, deve ser o que sobrou, ou algo parecido.

Wexford já havia repetido essa citação um sem-número de vezes para

que Burden pudesse ter ainda alguma dúvida. Ele se levantou e foi até o bar renovar as bebidas. Ainda que não fosse dizê-lo, ou pelo menos não agora, estava farto de Lizzie Cromwell e entediado com a coisa toda. Em sua opinião, Wexford estava começando a ficar de novo obsessivo, a diferença estava em que, no passado, quando tinha uma pulga atrás da orelha, era em relação a acontecimentos muito mais impactantes do que esse. Se ainda tinha alguma esperança de que, ao voltar para a mesa com duas tulipas de cerveja Adnams, Wexford fosse mudar o assunto da conversa, ficou desapontado.

— Então, quando as amigas a deixaram no ponto de ônibus, ela estava esperando por esse cara aparecer dirigindo um carro, não é? Então, por que no ponto de ônibus? Por que não em algum lugar quente e seco, como um café?

— Porque tinha de convencer as amigas de que estava esperando um ônibus. Burden falou com uma voz de quem estava se contendo. Ele esperava ter tido a última palavra.

— Você está de saco cheio desse assunto, não é? Eu sei que está, dá pra ver. Não vou lhe chatear por muito tempo ainda. Acho que você está certo a respeito da razão de ela ter ficado esperando no ponto de ônibus, mas eu gostaria de ir ainda um pouco mais fundo nesse sentido. O porquê dela querer que suas amigas acreditassem que esperava um ônibus.

— Para que elas não soubessem a respeito do namorado.

— Mas por que ela não queria que soubessem? Ter um namorado não faria com que ela sentisse orgulho? Sobretudo alguém com um carro e um lugar para levá-la? Lizzie podia ter confiado nelas. Elas seriam as últimas pessoas a contar à mãe dela.

— Talvez ele fosse casado.

— Então ele não teria lugar algum aonde levá-la, disse Wexford, e, ainda que Burden estivesse à espera da etapa seguinte do seu raciocínio, ele não disse mais nada a respeito. — O encontro sobre os Vigilantes da Dor é amanhã de manhã, foi o que disse. — Está lembrado? Às dez em ponto. Southby vai estar presente, caso eu tenha me esquecido de lhe avisar.

À perspectiva de um encontro com o novo superintendente de polícia assistente interino, Burden soltou um leve resmungo. A Operação Salvaguarda, como o programa tinha sido originalmente chamado, despertava pouquíssimo interesse nele. A sua crença pessoal era de que qualquer coisa

que acontecesse num lar dizia respeito a esse lar, devendo permanecer o máximo possível fora da esfera da lei. Mas sabia qual era a opinião de Wexford a respeito e, por isso, se manteve calado.

Na manhã seguinte, meia hora antes do horário previsto para o início da reunião, uma mulher, a caminho do trabalho, entrou na delegacia para dizer que havia visto, ao anoitecer do último sábado, Lizzie Cromwell no ponto de ônibus. Foi por pura sorte que Wexford falou com ela. Ele e Barry Vine estavam passando pela mesa da entrada do prédio, onde ela falava com o sargento de plantão. Mesmo assim, Barry se saiu com a fórmula de praxe, de que ele mesmo ia investigar o assunto, de que não havia necessidade alguma de Wexford... "De que eu fosse ocupar minha linda cabecinha com esse assunto", pensou Wexford, mas não disse isso em voz alta.

— Vamos subir para a minha sala, disse.

* * *

Dois

JÁ ERA SEXTA-FEIRA, e Lizzie havia voltado para casa na tarde de terça-feira. Wexford, surpreso de que ela ainda não tivesse tomado conhecimento, informou à Sra. Pauline Ward o que pensava.

— Será que eu poderia lhe perguntar por que a senhora não veio antes? Perguntou a ela.

— Eu só vi o retrato dela ontem à noite. Estava numa folha de jornal usada para embrulhar um caranguejo.

— Estava onde?

— Olha, eu não assino nenhum jornal. Quero dizer, um jornal diário. Não assisto ao noticiário da TV. Eu assisto à televisão, mas não ao noticiário. Irrita-me, porque quando não falam das atrocidades na Albânia, ou de garotos queimados vivos num incêndio, mostram os filhotes de foca sendo mortos a cacetadas. Por isso, não assisto mais.

— O caranguejo, por favor, Sra. Ward.

Ela já passara dos cinquenta, se trajava com elegância, embora a saia fosse curta demais e as pálpebras azuis demais, mas era uma mulher bonita e conservada, que chegou num Audi azul-escuro brilhando de tão polido, e estacionou na vaga reservada ao superintendente de polícia assistente interino. Quando sorria, como agora, mostrava uma dentadura de belos dentes brancos.

— Ah, o caranguejo, disse ela. — Sim, parei na peixaria da Rua York a caminho de casa ontem à tarde. Eu tinha convidado uma pessoa para jantar e precisava de uma entrada, pensei então que um caranguejo seria uma boa ideia e o peixeiro o embrulhou nesse jornal. Acho que era o The Times. De qualquer forma, quando desembrulhei meu caranguejo, vi o retrato dela e

lembrei de tê-la visto sábado à noite.

— Entendo. E quando sua amiga chegou, a senhora lhe disse alguma coisa a respeito?

— Amigo, disse a Sra. Ward. — Era um homem, meu convidado. O seu tom era o de uma mulher que dificilmente se teria dado ao trabalho de comprar um caranguejo se o jantar fosse para uma amiga. — Não, não disse. Deveria?

— Ele poderia lhe ter dito que Lizzie Cromwell foi encontrada. Isto é, caso ele também não evite os noticiários. Pauline Ward lhe deu uma olhadela de soslaio, desconfiada.

— Eu não sei se ele assiste a eles ou não. A gente não conversa sobre esse tipo de coisa. Ela quase atirou a cabeça para trás impacientemente, mas evitou fazê-lo, e levantou o queixo desafiadoramente. — O senhor não quer saber a respeito de sábado à noite?

Wexford assentiu com a cabeça.

— Então vamos lá. Eu trabalho em Myringham. Sou a gerente do minimercado Crescent no shopping Heaven Spent e, aos sábados, a gente fica aberto até as oito e meia. Eram nove e vinte quando saí. Eu tinha de trancar e andar até meu carro; somando tudo, deveria ser dez para as nove quando passei por aquele ponto de ônibus. Wexford a interrompeu.

— Como a senhora pode estar tão certa da hora?

— Eu sempre estou, controlo os minutos. Sou maníaca por pontualidade. Bem, tenho mania de olhar relógios. Eu vi a hora quando saí, e vi aquele relógio digital do Middland Bank quando estava começando a dirigir e marcava oito e cinquenta e quatro. Eu pensei que estava adiantado, que não podia ser tão tarde, verifiquei então a hora no meu relógio de pulso e no do painel do carro... Eu sabia que eles tinham a hora certa até nos segundos, de tão precisa... E ambos marcavam oito e quarenta e nove. Bem, pensei, vou procurar o Middland e lhes dizer isso, e disse, fui lá na terça-feira. E enquanto estava pensando nisso, a respeito do banco, quero dizer, eu estava passando por aquele ponto de ônibus e a garota estava lá. Eu pensei, coitadinha, esperando o ônibus debaixo de chuva. "Ofereço, ou não ofereço uma carona", pensei, e então achei melhor não, por que a gente nunca sabe, não é mesmo?

Então essa não foi a mulher que ofereceu a Lizzie uma carona, e foi recusada. Mas, dez para as nove... Será que a garota ficou realmente vinte minutos esperando no ponto de ônibus?

— A senhora tem certeza mesmo de que eram dez para as nove?

— Eu já lhe disse que tenho, não disse? Eu sempre sei que horas são. De qualquer forma, se ela já voltou, por que o senhor quer saber isso tudo?

— Isso eu não lhe posso dizer, Sra. Ward. Ela se levantou.

— O senhor não vai me agradecer? Eu não precisava ter vindo aqui, não é? Eu não teria vindo se não tivesse comprado aquele caranguejo. Ele a acompanhou escada abaixo até a porta de saída, ela virou a cabeça e disse por cima do ombro: — Sabe, o senhor é meio agressivo no lidar com as pessoas. É melhor tratar disso.

Wexford prendeu o riso até ela ir embora. Ele certamente tinha problemas, mas agressividade não fazia parte deles. Na verdade, ele estava se deixando ridiculamente envolver nesse caso de Lizzie Cromwell. Ela voltara, como todo mundo não parava de lhe dizer, passara um tempo com o namorado, mas estava de volta e não sofrera nenhum dano. Será que o namorado a deixou esperando por vinte minutos no ponto de ônibus? Na chuva? Talvez. Isso era possível. Ele se deu conta, e era uma ideia muito pouco bem-vinda, de que Lizzie, doce, com sua beleza infantil, sem ser muito brilhante e, provavelmente, capaz de ser enganada facilmente, era o tipo de pessoa de quem gente sem escrúpulos abusaria.

Teria ela frequentado uma escola especial? Caso contrário, por que não? Mesmo se o tivesse, seria esse tipo de escola o tipo de lugar que lhe inculcaria autossegurança e a sabedoria das ruas? Disso ele duvidava. Mas resolveu esquecer Lizzie, os problemas e a família dela. Isso não era caso de polícia. Tempo da polícia e dinheiro dos contribuintes tinham sido desperdiçados neste caso, mas isso acontecia o tempo todo. A gente tinha de ficar agradecido por não ter havido crime algum, nenhuma fatalidade, nem sequer ferimentos, e alguns diriam que o tempo e os recursos são bem gastos quando ocorre um desfecho tão feliz assim. Então, adeus Lizzie Cromwell; vamos torcer para que você não esteja grávida.

A reunião a respeito dos Vigilantes da Dor aconteceu sem nada de

imprevisto, e foi até satisfatória. Wexford e Malcolm Southby concordaram, o que era raro. Ambos queriam priorizar, vocabulário usado por Southby, disso Wexford discordava, a violência doméstica como um crime sério, e ambos acharam boa a ideia de fornecer telefones celulares e pagers às vítimas desse tipo de violência. O simples fato de saber que a polícia estava do lado delas já era um passo na direção certa.

— E quanto às mulheres que são vítimas e nunca nos procuram? Perguntou Karen Malahyde. — Existe um bocado de sigilo nessa área, os senhores sabem. Boa parte dessas mulheres fariam de tudo para não admitir que são vítimas.

— Eu não vejo muito o que a gente possa fazer a respeito disso, policial Malahyde, respondeu Southby, que era parcimonioso com o dinheiro dos contribuintes, — Além de fornecer a todas as senhoras da região de Kingsmarkham e arredores custosos equipamentos eletrônicos. Mesmo quando aprovava uma causa, o superintendente de polícia assistente interino conseguia raramente resistir ao sarcasmo. Ele acrescentou: — Ah, perdão, só seria para aquelas que tivessem um relacionamento fixo. E começou a rir da própria gracinha.

Karen, que não achava isso nada divertido, manteve um olhar firme e furioso, ao mesmo tempo em que lastimava os sorrisos bajuladores de alguns de seus colegas policiais. Ela não ousava dizer que isso não tinha graça alguma e sabia que o uso do "senhor" não adiantaria muito.

— Mas não é preciso que ainda se faça mais para saber onde estão as vítimas? Quero dizer, aquelas que escondem o que acontece com elas a qualquer custo?

— Nós temos os Vigilantes da Dor, Karen, disse Wexford e recebeu um olhar reprovador de Southby por tratá-la pelo nome de batismo. — Estamos alertando a todos, por intermédio de um anúncio no Courier e distribuindo folhetos em todas as residências. Um representante da força policial, que será um de nós, irá até a redação do noticiário Newsroom South-East e falará a respeito na televisão. Não vejo no momento o que mais podemos fazer.

— Está bem. Grata, senhor. É só que o problema está aumentando, mas obrigada.

Ele havia se concentrado durante uma hora inteira de reunião, mas tivera, sem muita dificuldade, também de conter o sorriso da gracinha do superintendente. Uma vez terminada a reunião, o pensamento voltou a lhe martelar a cabeça: por falar em sigilo, o que pensar a respeito desse namorado que tinha de ser escondido das amigas de Lizzie, assim como dos pais dela, e por que ela não admitiria isso agora para o policial?

* * *

O Hide não era com certeza a construção mais banal e de aparência menos interessante em todo o município de Kingsmarkham. A torre de apartamentos do Muriel Campden era mais feia, e alguns conjuntos de escritórios mais deselegantes, mas entre as casas que possuíam um terreno maior, o Hide não tinha rival na categoria dos prédios para que não se olha uma segunda vez. O fato de que pouca gente olharia de novo para ele, ou até o notasse de todo, contribuiu para que fosse adquirido por Griselda Cooper e Lucy Angeletti para funcionar como centro de apoio e moradia temporária às vítimas de violência doméstica.

Era preciso que fosse uma casa discreta e que, ao mesmo tempo, não parecesse ter algo a esconder, sem atrativos, mas não sinistra, e enfadonha com um tipo de enfado que não provocasse comentários. Teve antes uma placa com os dizeres 12, Kingsbrook Valley Road, mas a placa com o endereço foi removida, e não havia placa nenhuma substituta onde se lesse o nome The Hide. O seu número de telefone não estava no catálogo, apenas o número da sua helpline era divulgado. Todas as cabines de telefone em Kingsmarkham, Stowerton, Pomfret, assim como nos vilarejos, tinham em seu interior um cartão anunciando o telefone do Hide. Mas não havia nos cartões nada que pudesse indicar a localização da casa ou seus objetivos, ou qual era o tipo de pessoa que buscava e encontrava proteção ali. Praticamente a primeira pergunta que Sylvia Fairfax fez, na primeira vez em que chegou para trabalhar na helpline, foi:

— Por que esse sigilo?

— Em noventa por cento dos casos, respondeu Griselda Cooper, — Os maridos ou companheiros ou namorados, quem quer que seja o responsável pela violência, saem à procura delas. Dessa forma, fica difícil para eles

encontrá-las. Não impossível, porém mais difícil.

— Mas eles conseguem chegar aqui?

— Alguns conseguem. Um deles pulou o muro. É um muro de três metros com arame farpado no topo, mas, mesmo assim, ele pulou. Depois disso, mudamos o arame farpado para arame navalha.

O jardim era grande; treliças, da mesma altura que o muro da frente, separavam o Hide dos números 10 e 14 da Kingsbrook Valley Road. O gramado estava aparado e as moitas eram podadas de vez em quando; fora isso, o jardim não era cuidado. Havia um balanço e um brinquedo de trepar para as crianças, mesmo assim, Lucy Angeletti que fazia a captação de recursos do Hide, tentava juntar dinheiro suficiente para fazer um playground de verdade.

Os vizinhos dos números 10 e 14, e até dos números 8 e 16, também souberam do projeto e iniciaram uma campanha hostil para impedi-lo. O Hide e seus moradores não eram populares na Kingsbrook Valley Road. As pessoas achavam que era uma ameaça à paz do lugar, e um incentivo ao crime. A casa propriamente dita era uma enorme caixa quadrada sem alas ou empenas ou varandas, construída em 1886 por um homem com uma família grande, que queria economizar. Até o telhado, sem que fosse totalmente desprovido de inclinação, passava despercebido visto da rua, ficando atrás de uma platibanda de tijolos que fazia a volta da casa no beiral acima das janelas do terceiro andar. O material empregado na construção foi quase todo ele composto de tijolos marrom-avermelhados; o único ornamento da casa estava na cantaria amarelo-claro usado no revestimento no caixilho das janelas. Tudo isso ficava meio escondido pelas moitas de louro que predominavam no jardim da frente e pelas azinheiras, essas árvores de cemitério, cujas folhas são perenes e não caem, apenas escurecendo e tornando-se poeirentas com o tempo. Do lado de dentro, as coisas eram bem diferentes, cores de tom pastel e cortinas bonitas, além de quadros nas paredes. Bem, esses eram mais cartazes do que pinturas.

Lucy teve a brilhante ideia de comprar folhas de papel de embrulho, do tipo impresso com motivos florais, ou mapas-múndi, ou ainda tapeçarias como La Dame à la Licorne, e emoldurá-las. Os móveis vinham de brechós, ou eram doados por simpatizantes; já o carpete veio do depósito de tapetes de

Stowerton Road, que vendia seu estoque abaixo do preço porque foi danificado num incêndio. Nunca havia dinheiro suficiente. Lucy ficara de cabelos grisalhos de tanta preocupação em conseguir recursos suficientes para manter o Hide andando, ainda que fossem mudar de cor de qualquer forma, visto que em sua família os cabelos encaneciam precocemente. A falta de recursos era a razão por que Sylvia, Jill Lewis e Davina Crewe não eram pagas pelo trabalho na helpline, por atender no telefone ao apelo de mulheres em busca de ajuda ou, às vezes, de refúgio. O ideal seria que a helpline funcionasse em outro lugar. Mas não havia outro lugar.

Griselda Cooper morava no próprio local e Lucy Angeletti num apartamento de um quarto em Stowerton. Não havia escritórios no Hide, fora dois cubículos no porão da casa 12 em Kingsbrook Valley Drive. As duas linhas de telefone operadas por Jill e Davina, às vezes por Griselda e Lucy, e agora, por Sylvia, ficavam num quarto no último andar, vizinhas ao minúsculo apartamento de Griselda. Tão precioso era o espaço que os outros dois quartos naquele andar foram convertidos em conjugados com quitinete para mulheres fugitivas, com duas camas de solteiro, no primeiro, e mais três com um catre, no outro. Não era o ideal, mas era o melhor que podiam fazer.

Não havia elevador. Sylvia tinha de enfrentar três lances de escada, do térreo, onde ficavam as salas de estar, mais o saguão, a sala da televisão, o quarto de brincar das crianças, a cozinha e a lavanderia, passando pelo primeiro e pelo segundo andares, ambos inteiramente tomados por conjugados e banheiros, fazer outros banheiros era uma prioridade assim que Lucy angariasse mais fundos até o topo, onde ficavam os telefones. Geralmente havia crianças brincando nas escadas. Não deveriam, como também não deviam escorregar no corrimão, mas, quando chovia e o quarto de brincar estava cheio, não havia muita escolha para elas.

Sylvia trabalhava no Hide duas noites por semana, nem sempre nos mesmos dias, até meia-noite. Seu marido ficava geralmente em casa para tomar conta dos filhos, mas caso ele não pudesse, ela sabia que eles podiam ficar na casa dos avós. Sylvia aceitou ser voluntária em parte devido à sua consciência social e ao seu engajamento nas causas feministas, mas também para ficar fora de casa. Quando ficavam juntos em casa, ela e Neil ora permaneciam em silêncio, ora se comunicavam por meio dos filhos, ou

brigavam. Ainda que não falasse de seu casamento com os pais, ela o fazia com amigas e rapidamente ficou amiga de Griselda Cooper. O turno de Griselda terminava quando ela assumia; ela, porém, ficava às vezes meia hora, ou até mais, depois do expediente, para conversar. Ela era mais velha que Sylvia uma dúzia de anos, talvez mais; era solteira e tinha um amante que a levava para sair e para viajar, quando Griselda tinha um fim de semana de folga; era de dar inveja. Sylvia não conseguia deixar de ter uma ponta de inveja, Griselda não teve filhos e já não os teria mais. Uma noite, ela falou à Griselda sobre seu casamento, que ela e Neil casaram muito jovens e que descobriram tarde demais que não tinham absolutamente nada em comum.

— Tarde demais? Perguntou Griselda, que era divorciada.

— Eu não conseguiria romper os laços de família. Se a gente se separasse, meus filhos ficariam arrasados.

— Isso soa como algo que uma dessas mulheres diz quando telefona pra cá. Seu marido quase a matou, vai tentar de novo, ela sabe que ele vai, mas não consegue romper os laços de família. O telefone tocou e Griselda atendeu. — Helpline do Hide. Posso ajudá-la?

Ela falou com o tom mais calmo, cordial e reconfortante que sua voz permitia, a qual já era extremamente calma, cordial e reconfortante. Sylvia percebeu que a linha do outro lado estava muda. Isso acontecia com frequência. As mulheres perdiam a coragem, não sabiam o que dizer, ou, ainda pior, o homem da casa entrou no cômodo onde está o telefone. Griselda esperou e repetiu:

— Posso ajudá-la? Estamos aqui para isso. A senhora não quer me contar o seu problema? Tudo o que disser será mantido em sigilo. Após dez minutos de tentativas, ela lamentou, mas desligou o telefone. — Eu podia ouvir a respiração dela, disse Griselda. — Eu a ouvi suspirar. Só Deus sabe, espero que ela ligue de volta. Talvez ela ligue e você atenda.

— O que você estava falando agorinha mesmo, disse Sylvia, — Antes dessa ligação, sobre um homem quase matar uma mulher, mas de ela se recusar a romper com os vínculos de família? Neil nunca encostou um dedo em mim. Vou lhe contar uma coisa: trabalhando aqui, escutando tudo isso, ouvindo essas mulheres e as coisas pelas quais passaram, foi de certa forma reconfortante para mim. O que quero dizer é que isso está fazendo bem de

verdade ao meu casamento.

— Você só pode estar brincando!

— Uma noite dessas, quando voltei pra casa vindo daqui, já era noite alta e, é claro, fui direto pra casa e pra cama... Ah, é verdade, nós dividimos uma cama... Loucura, não é?... E me deitei ao lado dele... Ele dormia tranquilamente, como uma criança, e eu aí pensei "você tem sido educado, gentil e paciente e nunca dei valor a isso". Então eu... Eu pus meu braço à sua volta, deitei perto dele e o abracei. Eu não fazia isso há anos. Ela abraçou Sylvia, mas apenas por um instante, porque o telefone já estava tocando de novo.

* * *

Uma designer de tecidos que vivia e trabalhava em Pomfret teve todo o seu estoque roubado. A coleção de casacos e coletes matelassê, acolchoados, xales, assim como vários batiques de pendurar na parede, vestidos, toalhas de mesa e guardanapos, estava guardada no porão, que tinha sido transformado há dois anos num ateliê. A janela do porão tinha grades e a porta de acesso, duas fechaduras e uma tranca, mas a janela basculante do vestiário, um lugar do tamanho de um armário, com uma privada e uma pia minúscula, estava aberta. Quem quer que tenha entrado por aquela janela precisaria ser magro e franzino, foi ele ou ela quem removeu todo o material roubado pela mesma abertura.

— Ou destrancou e destravou a porta pelo lado de dentro, comentou o inspetor Burden, — Tirou o material, voltou, trancou e travou a porta de novo, antes de escapar pela janela quebrada.

— Eu não conseguiria, disse Wexford com pesar. — Mesmo que a abertura fosse duas vezes maior, não daria para mim. Ele olhou criticamente para o terno marrom-escuro de Burden, que lhe ressaltava o porte esbelto. — Devo dizer que nem você conseguiria, Mike. Será que usaram uma criança? Uma espécie de Oliver Twist.

— Só Deus sabe. Não encontramos impressões digitais, fora as dela e do sujeito que vive com ela. Ela avaliou o material que sumiu em cinquenta mil libras.

— Foi isso que ela disse? Pensei que essa gente que trabalha com artesanato estivesse na fila da sopa. Dizem que eles fariam mais grana

trabalhando como diarista, do que com esses maravilhosos bordados, vasos, batiques e o resto.

— Isso foi quanto ela avaliou a mercadoria. Não tem nenhuma relação com o fato de ela poder vendê-la ou não a esse preço. A propósito, antes que me esqueça, recebemos outro telefonema de uma mãe dizendo que a filha está desaparecida. Wexford bateu no tampo da mesa com os dois punhos fechados.

— Por que você não me disse isso antes?

Burden não respondeu. Sempre cuidadoso com a aparência, ajeitou a gravata, também num tom marrom-escuro, mas com detalhes discretos desenhados em vermelho-escuro e azul-claro, e se olhou no espelho. Um espelho bem pequeno estava sempre pendurado na parede amarela da sala de Wexford, entre a porta e o arquivo.

— Tudo bem, disse Wexford, impaciente. — Eu não gosto de espelhos, ou "superfície refletora", como costumava dizer meu velho pai. Olho para um de manhã para me barbear porque sou obrigado, e é suficiente para o dia inteiro. Eu não sou nenhum modelo.

— É claro que não, respondeu Burden, que agora estudava qual era o melhor ângulo de se olhar para seu rosto e pescoço, cujo reflexo aparecia no vidro que cobria a gravura de Chagall de Wexford. — Eu não sei o que há de errado com essa gravata, ela fica sempre torta, não importa o que eu faça.

— Com os diabos, por que que não a tira então? Ou faz como eu faço: tenho duas gravatas para revezar em dias alternados, a azul para as segundas, quartas e sextas-feiras, e a vermelha para as terças e quintas-feiras, e vice-versa na semana seguinte. Agora, quem sabe, você vai me falar a respeito dessa garota desaparecida. Burden se sentou do outro lado da mesa de Wexford.

— É quase certo que seja um falso alarme, Reg. Você sabe que existem mais de quarenta mil adolescentes desaparecidos neste país? É claro que sabe. De qualquer forma, essa garota não está desaparecida, ela não é criança, tem dezoito anos e, provavelmente, deu uma de Lizzie Cromwell.

— O que isso quer dizer?

— Que ela deve ter ficado com um namorado, ou foi visitar amigos, ou desistiu, ou coisa parecida.

— O que quer você dizer com "desistiu"?

— Ela está matriculada numa universidade em algum lugar. Ela vem

passar os fins de semana aqui, saiu sábado à noite e não foi mais vista.

— Houve uma época em que as universidades costumavam impedir que os estudantes saíssem do campus para ir para casa ou para qualquer lugar, nos fins de semana. Pena que o costume mudou. Imagino que a mãe saiba se ela simplesmente resolveu voltar ou não para a faculdade... Houve uma briga de família, ou coisa assim?

— Ela diz que não. E a garota não voltou para a universidade. Barry verificou isso com o campus e com o orientador dela.

— Como se chama ela e onde mora?

— O nome dela é Rachel Holmes e mora na Oval Road, em Stowerton. A mãe se chama Rosemary Holmes, é divorciada e mora só quando a menina não está com ela. Ela é recepcionista no consultório do doutor Akande.

Afastando-se de seu reflexo, um rosto fantasmagórico refletido sem brilho atrás das flores voadoras de Chagall, Burden começou a dar os detalhes. Rachel tinha saído sábado mais ou menos às oito da noite, com a intenção de se encontrar com um grupo de amigos num bar. A mãe dela não sabia qual era o bar, nem sequer para onde Rachel iria depois, mas certamente seria uma discoteca ou a casa de amigos. Era improvável que voltasse para casa antes das duas ou três da manhã.

— Quando ela era mais jovem, a Sra. Holmes havia explicado ao sargento detetive Barry Vine, — Eu a obrigava a levar um celular e a me telefonar para dizer onde estava. Mas você não pode mais fazer isso quando elas fazem dezoito anos, não é? Afinal de contas, ela já está na universidade. Eu não sei o que ela faz quando está lá. Não sei a que horas ela volta de noite quando está no campus. Assim, não faz sentido me preocupar se ela chega tarde quando está em casa. Mas eu me preocupo, mesmo assim, é claro que me preocupo. Eu não preguei olho a noite inteira no sábado.

— Foi hoje, então, que ela ligou pra gente? Perguntou Wexford.

— Telefonou e veio pessoalmente dar parte da filha como desaparecida.

— Por que demorou tanto?

— Não sei. Vine ficou com a impressão de que a garota é uma dessas adolescentes politizadas, do tipo que poderia infernizar a vida da mãe se tivessem dado parte dela como desaparecida, quando estava apenas em algum lugar por conta própria.

Wexford ficou um momento sentado em silêncio. Ele estava aflito para não ficar obsessivo, não deixar que um único caso sem muita importância tomasse conta de sua mente e a dominasse. Mas tinha também consciência de que é muito difícil alterar a própria natureza, principalmente na idade dele. Essa era a sua maneira de ser; tentar mudá-la seria uma violação de sua personalidade, e não necessariamente algo de produtivo.

— Você não está pensando em ir ver a Sra. Holmes, está? Disse Burden, quase gritando. — O Barry está com tudo sob controle.

— Eu estou pensando em voltar para falar de novo com os Crowne e a Lizzie Cromwell. Wexford se levantou. — Se eles conhecem os Holmes, ou se as duas garotas se conhecem, isso seria muito interessante.

* * *

Três

— Não, a gente não a conhece, disse Debbie Crowne cuspindo as palavras. — Ela não é do nosso meio, é? O tipo de gente como essa moça não gosta de conhecer gente como nós.

Como Rachel Holmes e a mãe moravam numa casinha muito simples com terraço bem menor do que esta onde estava agora nos fundos de uma rua transversal, Wexford ficou pensando a respeito dessa distinção tão clara feita pela Sra. Crowne, mas ao mesmo tempo sabia que estava sendo ingênuo. Existia uma diferença. Rosemary Holmes era dona da própria casa, tinha um trabalho de colarinho-branco, se é que essa categoria podia ser aplicada a uma mulher, numa clínica, e Rachel estudava numa universidade. De alguma forma, se a Sra. Holmes tinha origem operária, conseguiu subir um grau ou dois, enquanto que os Crowne permaneceram onde sempre estiveram. De certo modo, ele não gostava dessas gradações, mas sabia que elas eram um fato da vida em geral, não uma cultura específica ou, como dizem alguns, algo típico da Inglaterra.

— Ela e Rachel estudaram na mesma escola? Na mesma hora em que falou, sentiu que havia piorado as coisas. A própria Lizzie lhe deu um de seus olhares cabisbaixos, abaixando a cabeça, mas com seus olhos nervosos de coelha olhando para cima. Era uma expressão que se via normalmente em crianças com a metade da idade dela. A mãe respondeu.

— Existem dois anos de diferença entre elas, o senhor mesmo disse. Isso parece séculos na idade dela.

— Mas Lizzie frequenta o ginásio de Kingshmarkham, insistiu, — O mesmo que Rachel frequentou?

— Junto com outros mil estudantes. De qualquer forma, ela está na sala dos alunos com dificuldade de aprendizado. Debbie Crowne olhou para ele

com uma expressão igual à que teve a filha. — Isso é como ficar do outro lado do mundo.

De qualquer forma, as duas devem ter estado na mesma escola, na mesma época, durante alguns anos, talvez até por um período comum de quatro anos. Seria essa a conexão entre elas? Antes que algo mais pudesse ser dito, Colin Crowne entrou na sala. Wexford o observou enquanto a Sra. Crowne falava a respeito de Lizzie, repetindo seus receios em relação à menina, do que possa ter acontecido com ela enquanto esteve fora de casa, levantando com um tom agressivo na voz a possibilidade de ela estar grávida. Ela não parava de olhar para o marido enquanto falava.

A maioria das pessoas diria que Colin Crowne era bonito. Suas feições eram bem definidas, ele era alto e magro, moreno e com olhos castanho-escuros. O comprimento do cabelo, porém, assim como a barba que devia ter uma semana desde que foi raspada, além dos três brincos, lhe dava um aspecto sinistro. A aparência gasta da esposa, o seu rosto enrugado com a pele ressecada e os cabelos amarfanhados contrastavam quase ridiculamente com a impressão de juventude e sensualidade transmitida por ele. Wexford se lembrou dos dois na televisão, quando Crowne fez um apelo eloquente pela volta de Lizzie, encarando a câmera e pronunciando claramente as palavras, transmitindo uma emoção sincera, enquanto a mulher, sentada ao lado, mordia os lábios, contendo as lágrimas. Se não era verdade o que aquela pessoa que telefonou disse, de que aqueles que vão à TV para fazer um apelo pela volta de uma criança desaparecida, são eles mesmos os próprios responsáveis pela morte da criança, havia, de qualquer forma, algo de verdadeiro nisso.

Houve casos de pais cujas manifestações de dor pelo desaparecimento de um filho tinham emocionado às lágrimas os telespectadores, os quais, mais tarde, foram descobertos culpados de infanticídio. Tal comportamento não era necessariamente hipócrita; essa gente sentia uma dor genuína, uma emoção sincera, e até um arrependimento amargo. Afinal de contas, o que mais é capaz de fazer alguém sofrer e de estimular um remorso maior ainda do que cometer um assassinato? Mas Lizzie não estava morta, Lizzie voltara. Ele não tinha nenhuma razão para supor que Crowne fosse o responsável pela sua ausência de três dias, ou culpado de qualquer coisa em relação a ela.

Após rápido exame de consciência, ele decidiu mencionar à Lizzie a casa caindo aos pedaços em Myringham. Mesmo levando em consideração o fato de que ela pudesse ter falado confidencialmente com Lynn Fancourt, nenhum sigilo fora pedido. Além do mais, a verdade é que ela nunca entrou naquele lugar. Talvez uma menina como ela não devesse ser culpada por mentir, mas ela mentiu. Ele falou gentilmente com ela.

— Lizzie, você nunca esteve naquela casa perto do ponto de ônibus, esteve? Você contou, ele buscava por palavras que ela entendesse, — A policial, você contou a ela que ficou três dias naquela casa e que se agasalhou com cobertores? Você disse a ela que bebeu água de uma torneira, mas isso não era verdade, era?

Ele viu imediatamente, pela reação deles, ou porque não houve reação alguma, que Colin e Debbie Crowne tinham escutado a mesma história. Ao que parece, não era porque Lizzie tenha ficado com medo de relatar a sua fantasia para a mãe e o padrasto, mas sim porque ela a tinha acabado de inventar pouco antes de contá-la à Lynn. Ela deve ter contado a mesma história mais tarde à Debbie Crowne, após ele e Lynn terem saído. Lizzie agora afirmava, com a indignação excessiva e veemente do mentiroso:

— Sim, era verdade! Era lá que eu estava!

— Não havia água alguma nas torneiras, Lizzie. E estava muito frio. Havia um cobertor, mas estava molhado.

— Eu fui lá! Crowne falou com aspereza:

— Pronto, o senhor já conseguiu sua resposta. O que mais quer?

Muito mais. Contudo, seria inútil persistir, talvez até nem fizesse sentido. Todavia, Wexford de repente teve certeza de que ela esteve naquela casa, certamente não por três dias e três noites, mas esteve no interior da casa, ela o conhecia. Ela viu o cobertor e tentou, pelo menos, abrir as torneiras à procura de água. Será que Rachel esteve lá também?

* * *

Burden havia deixado implícito que seria absolutamente desnecessário

para Wexford ir a Oval Road, em Stowerton; aquele era um caso totalmente diferente de pessoa desaparecida, se comparado com o de Lizzie Cromwell; Rachel era mais velha, vivendo a maior parte do tempo fora de casa e uma jovem mulher inteligente completamente responsável pela própria vida. Mas todas as investigações tiveram resultados negativos. Nenhum parente teve notícias dela e, ao que parece, nenhum dos seus amigos a estava abrigando.

Um segundo telefonema para a Universidade de Essex revelou apenas que ela não havia aparecido na palestra que tinha naquela manhã, às dez horas. Mas um novo cenário estava se esboçando. Rachel, aparentemente, nunca teve a intenção de ir direto ao bar, mas sim de ir primeiro à casa de uma amiga em Framhurst. Como a linha de ônibus Framhurst-Stowerton havia sido interrompida quando começaram as obras da perimetral, elas haviam combinado que, como a mãe de Caroline Strang passaria por ali na volta do trabalho a caminho de casa, ela pegaria Rachel as oito na Kingsmarkham Road, que ficava a cinco minutos da Rua Oval, levando-a em seguida até Framhurst para pegar Caroline e, depois, deixando as duas garotas no Rat and Carrot. Vine, após uma conversa com a Sra. Strang, soube que ela chegou alguns minutos atrasada ao ponto de encontro devido a um engarrafamento e que, depois de estacionar o carro, ficou esperando.

— Essas meninas estão sempre atrasadas pra tudo. Eu sei, tive duas, e achei que ia chegar lá, mesmo estando atrasada, muito antes da Rachel. Ela esperou por dez minutos, e então foi embora. — Eu teria ido até a casa dela, só que não sei onde ela mora, tenho o número do telefone, mas não o endereço.

A mãe de Caroline Strang achou que Rachel houvesse se confundido a respeito do combinado, indo diretamente para o Rat and Carrot. Ligou para a casa dela antes de ir embora, mas ninguém atendeu. E concluiu, naturalmente, que ninguém atendeu ao telefone porque Rachel estava a caminho do bar e a mãe dela havia saído. Vine conversou com os outros três jovens que Caroline e Rachel iriam encontrar naquela noite. Todos disseram que ela não apareceu. Ninguém se preocupou com isso. Acharam que ela havia mudado de ideia. Vine se deu conta de que eles levavam muito pouco a sério coisas do gênero, como se esquecer de um encontro, ficar indeciso sobre ir ou não, telefonar para explicar, ou se desculpar quando aparecia um

programa melhor para a noite.

Havia uma possibilidade de Rachel ter ido a Kingsmarkham de ônibus, e Vine falou com os motoristas dos ônibus. Os ônibus que faziam a linha Stowerton-Kingsmarkham-Pomfret não tinham trocadores, sendo o motorista quem cobrava e fornecia a passagem. Vine mostrou uma fotografia de Rachel aos motoristas dos ônibus que fizeram o trajeto nos horários de oito e dez e de oito e trinta e dois. Nenhum dos dois se lembrava dela, mas um disse que tinha certeza de não a ter visto, enquanto que o outro disse não se lembrar de rostos. Isso convenceu Wexford de que Rachel não estava no ônibus, pois qualquer homem a acharia inesquecível, sendo a garota extraordinariamente bonita que era, com cabelos escuros luxuriantes, grandes olhos castanhos e feições voluptuosas: uma boca de lábios cheios, um queixo arredondado e alto, além de uma testa lisa. Coisa que parecia ser herança da sua bela mãe. Se por acaso Rosemary Holmes já tivesse quarenta anos, teria pouco mais do que isso. Wexford podia imaginá-la sendo o tempo todo elogiada por pessoas que a confundiam, ela e a filha, como sendo irmãs. O seu próprio cabelo tinha uma trança que formava um coque na nuca, uma moda antiga apropriada para o seu rosto oval. Ela era muito esbelta, com pernas longas e bem torneadas. “O doutor Akande deve manter sua recepcionista bem longe dos olhos dos outros”, pensou Wexford, “Porque ele mesmo se lembraria dessa mulher caso a houvesse visto alguma vez no centro médico.”.

Ele conseguiu comparar mentalmente a casa dos Crowne com esta, mas a deles, apesar de razoavelmente limpa, traía o fato de ligarem pouco para o ambiente em que viviam, enquanto que a casa de Rosemary Holmes era decorada com bom gosto, mesmo que não com coisas caras. Plantas de interior bem-cuidadas cresciam verdes e viçosas em jardineiras nos parapeitos das duas janelas da sala, um grande vaso de tulipas cor de abóbora estava em cima da mesa e uma das paredes estava cheia de livros do chão ao teto. Os ingleses, quando moram no campo, ainda podem ter consciência de sua classe, mas existia uma forma destorcida de eles pensarem por detrás de seus elitismos e sensações de inferioridade.

Mesmo sabendo que era errado fazê-lo, Wexford não resistia em juntar os dois casos na sua cabeça, e agora havia se convencido de alguma forma de

que, pelo fato de Lizzie ter voltado após três dias e três noites, Rachel também reapareceria após igual período de tempo. Isso seria amanhã de tarde, terça-feira à tarde. Por isso era incapaz de compartilhar dos receios da Sra. Holmes. Quando ela dizia, como agora "Eu não paro de pensar que nunca mais a verei de novo", ele sentia uma estranha sensação, como se soubesse de algo superior, alguma informação secreta, que seria cruel não revelar a ela. Ao mesmo tempo, é claro, ele não tinha nada, não sabia de nada; não tinha qualquer razão para ligar o desaparecimento de uma garota ao da outra. Dizer a ela que tudo ficaria bem, que ela não tinha necessidade de se preocupar, seria a coisa mais cruel a fazer, porque qual de nós pode ter certeza de adivinhar certo ou errado?

— Os senhores vão, ela perguntou, — Fazer uma... Bem, fazer uma busca por ela? Quero dizer, daquela maneira que a gente vê na televisão, formando uma linha de pessoas com varas de bater? Batedores... Bem o senhor sabe, gente cutucando terrenos? Ela começou a torcer as mãos. Wexford compreendeu muito bem o que ela queria dizer: que só fariam isso se tivessem uma boa razão para acreditar que a filha dela estava morta.

— Ainda é muito cedo para isso, Sra. Holmes. Karen Malahyde o livrou do embaraço de responder.

— Vamos esperar um pouco. Rachel só está desaparecida desde sábado à noite, há menos de quarenta e oito horas.

Eles já haviam indagado a respeito de namorados. Vine tinha perguntado a ela, e agora Karen fazia o mesmo de novo.

— A senhora disse que ela não tem namorado no momento, mas e no passado, quando ela morava aqui com a senhora e frequentava o colégio?

Rosemary Holmes deu dois nomes. Ela já os havia fornecido antes a outros policiais, mas se essas repetições a deixavam impaciente, ela não dava sinal algum. Estava ansiosa em ajudar, faria qualquer coisa para ajudar a encontrar sua filha, e não se queixaria de nada.

— E a senhora, Sra. Holmes? Perguntou Karen com delicadeza. — Talvez a senhora tenha um relacionamento?

— Eu tenho uma pessoa, sim. Mas não está pensando...?

— Por ora, não estamos pensando em nada ainda, disse Wexford, concordando consigo mesmo que nada era menos verdadeiro. — Nós estamos fazendo perguntas e avaliando as informações que conseguimos, isso é tudo. Para nós, neste estágio, é proveitoso ter os nomes e os endereços de todos os amigos da senhora e da sua filha, Sra. Holmes.

Ela deu o nome de um médico com consultório em Flagford. Fazia cerca de um ano que estavam saindo e, às vezes, passavam um fim de semana juntos. Rachel, disse ela num rompante de sinceridade, não gostava dele, mas a filha jamais gostou de algum dos amigos da mãe. Wexford pôs imediatamente o doutor Michael Devonshire acima de qualquer suspeita, tão elevada é a imagem de um doutor de medicina na sociedade, mas logo, rapidamente se autocensurando, o trouxe de volta para o cenário. Um médico era também um homem, e nunca se sabia.

— A senhora também saiu sábado à noite, não é, Sra. Holmes? Ela corou levemente.

— É verdade. Posso perguntar como o senhor soube disso?

— A mãe de Caroline Strang telefonou para cá aproximadamente as oito e vinte e cinco. A senhora não estava em casa.

— Michael tinha me levado para jantar. Isso é absurdo, eu sei, mas me sinto culpada por ter saído quando... Quando o que quer que fosse estava acontecendo com Rachel.

— A senhora sabia o que tinha sido combinado com a Sra. Strang? Rosemary Holmes disse, embaraçada:

— Eu sabia que alguém iria pegá-la na Kingsmarkham Road. Ela me disse. Pensei que fosse um... Bem, um dos rapazes com os quais a Rachel ia se encontrar. Ela de repente explodiu. — A gente não pode impedir que elas façam coisas, o senhor sabe. Não dá para colocar uma coleira nela o tempo todo. Mais uma vez ela se abriu. — Eu não acho que seja importante, só estou dizendo que a gente tem nossos problemas, Rachel e eu. Quero dizer, ela é uma menina adorável, uma pessoa realmente maravilhosa, e eu me dou bem com ela, mas ela no fundo não se relaciona muito bem comigo. Imagino que isso seja bastante comum quando se tem a idade dela, não é?

— Bastante comum, Sra. Holmes, concordou Karen.

De volta ao carro, Wexford sugeriu à Karen que falasse com Michael

Devonshire, tentasse pegá-lo antes que começasse a cirurgia marcada para a tarde.

— Ainda que ele tenha obviamente um álibi com a mãe da Rachel. Você acha que vale a pena dar uma olhadela de novo naquela casa em Myringham?

— Mas, senhor, a Rachel nunca chegou perto de Myringham. Karen parecia surpresa.

— Até onde a gente sabe.

— Com certeza, deve ser uma coincidência que Lizzie Cromwell tenha desaparecido no sábado da semana anterior e Rachel no último sábado.

— Mas nós não gostamos de coincidências, não é mesmo? Sabemos que acontecimentos ocorrem em sequência, ou que seguem um padrão cujos eventos estão geralmente associados.

Karen tinha um ar de dúvida. "Ela pode ter razão de duvidar", pensou Wexford, "Ela bem que pode." Ele precisava tirar da cabeça essa ligação entre o desaparecimento de uma garota com o da outra. Não fazia sentido voltar à casa abandonada, da mesma forma que não havia realmente ligação entre as meninas, exceto por elas terem frequentado a mesma escola. Exceto por serem ambas jovens, bonitas, desimpedidas e do sexo feminino. Exceto por terem desaparecido em sucessivas noites de sábado... "Pare com isso", disse a si mesmo, mas quando foi se encontrar com Burden no final do expediente num bar, foi o Rat and Carrot, em vez de o Olive and Dove, onde sugeriu que tomassem o drinque do final do dia, algo que faziam duas vezes por semana quando dava tempo. Burden o olhou desconfiado.

— Ela nunca chegou até lá, você sabe disso. Estou falando de Rachel Holmes. O que quer que tenha acontecido a ela, aconteceu em Stowerton enquanto esperava pelo ônibus.

— Como Lizzie Cromwell, disse Wexford.

— Você não tem razão alguma para associar uma à outra, nenhuma mesmo. Rachel não estava esperando por um ônibus, sabemos disso, ela estava esperando por uma carona. Mas essa garotada é tão distraída, eles parecem tão avoados quanto gente velha. Agora, caso Lizzie Cromwell tivesse sido encontrada morta e, então, Rachel Holmes tivesse desaparecido, eu diria a você que faz sentido. Mas não, você apenas está tendo uma outra dessas

suas obsessões. Achava que tinha parado com isso, mas não, você continua o mesmo.

— Pode o leopardo mudar suas pintas? Perguntou Wexford com afetação. — Ou um etíope mudar a cor de sua pele?

— Se eu dissesse que sim, você iria me chamar de racista.

O ponto de ônibus mais perto da Kingsbrook Valley Road ficava na extremidade leste da Rua High. Dali, eram apenas dez minutos de caminhada até o Rat and Carrot, um prédio vitoriano com a fachada trabalhada, na esquina da Kingsbrook Valley Road com a Savesbury Road. Era uma área principalmente residencial, mas havia duas lojas ao lado do bar. Uma delas era um pequeno supermercado e a outra, uma joalheria. Em frente, havia uma farmácia. Todos estavam fechados a essa hora. O joalheiro havia tirado sua preciosa mercadoria da vitrine e arriado uma grade de proteção na frente.

Era um bairro de estilos misturados; bangalôs dos anos trinta se avizinhavam com casas quase luxuosas e blocos de apartamento da década de 1970, além de casas sinistras do final do século XIX. O Rat and Carrot era o ponto dos moradores locais. Não faz muito tempo, o bar se chamava Duke of Albany. Esse nome foi considerado, por quem quer que fosse o responsável pelas regras nessa esfera de decisões, como sendo sem sentido e fora de moda para a maioria, recebendo então o nome atual, tido como divertido por aqueles que o rebatizaram. Infelizmente, bastaram seis meses para que o chamassem de Cenoura Roída, e o apelido ficou.

O lugar se dizia, obviamente, capaz de satisfazer qualquer coisa que a clientela pudesse imaginar num bar inglês, além de um bocado de coisas que ninguém podia imaginar. Sólidas refeições eram servidas no restaurante, assim como no bar; tira-gostos e sanduíches estavam disponíveis o dia inteiro, o bar tinha sua própria loteria e oferecia raspadinhas como prêmio nos concursos de adivinhação do número de chopes servidos a cada dia, ou de qual era a soma arrecadada para caridade no bar desde o último Natal, e o Rat's Hard Rock Club se reunia todas as terças e quintas-feiras à noite. As crianças eram bem-vindas ao salão King Rat Kids, onde se vendia suco de laranja e Coca-Cola ou, quando fazia bom tempo, ao playground na parte externa, que possuía um dinossauro lilás, um urso panda gigante, uma estrutura de quadrados de ferro onde trepar e uma gigantesca personagem do

desenho animado Loony Tune, de cuja barriga saíam uma mesa e cadeiras. Como observou Wexford, passava completamente despercebido ali que o objetivo fundamental de um bar é vender bebidas alcoólicas à sua clientela.

Ele e Burden entraram pela porta principal, onde havia acima um anúncio noticiando aos clientes que o dono do alvará para a venda de bebidas era um tal de Andy Honeyman. E foram até uma mesa se esquivando por entre quadros de avisos divulgando cafés-da-manhã gigantes, dança de quadrilhas e um concurso de talentos: SEJA A NOVA SPICE GIRL.

— Eu não faria muita questão de viver perto daqui, disse Burden sombrio. — As noites de verão devem ser um pesadelo.

— Ora, vamos, disse Wexford trazendo as bebidas, — Quando a gente chega à meia-idade, começa a gostar de caraoquê. Isso pode acontecer com você, sabe disso. E aquele bar na sua rua vende todas as marcas de cerveja. Basta uma mudança de dono e você também vai ter como vista da janela da sala de visitas personagens de desenho animado, além de garotas aspirantes à Spice Girl gorjeando noite adentro.

Fingindo que não ouvia, Burden examinava o lugar com o copo na mão. A decoração do bar era ostensiva. Um papel de parede com flocos vermelhos e dourados dividia o ambiente com painéis de cortinados de falso linho plissê, havia também uma quantidade de retratos de garotas com olhos de gazela, gatinhos brincando, cães pensativos e panoramas montanhosos; todas as cadeiras eram pretas e douradas com estofados amarelo-claro. A garota que perambulava limpando as mesas que já estavam mais do que impecáveis, usava justíssimos leggings escarlates e brincos que lhe chegavam às clavículas de tão compridos. Fora ela e os dois, a única pessoa no bar era um homem barbado com cerca de quarenta anos, o qual ela chamava de Andy e que estava sentado num banco alto atrás do balcão lendo Sporting Life. Burden balançou a cabeça pesaroso, como se estivesse se perguntando o que foi feito do mundo.

— Rachel Holmes, disse, — A gente não consegue entender o que uma garota como ela estaria fazendo num lugar assim.

— Acho que um bom número de homens deve ter feito a mesma pergunta a ela, disse Wexford, sisudo.

— O que você está dizendo? Ah, sim, entendi. Tudo bem. Mas sério, uma garota bonita de boa família que entrou para a universidade... O que ela vinha fazer aqui?

— Encontrar-se com os amigos, presumo. De qualquer forma ela não se encontrou com ninguém, ela não chegou a vir. Ah, mais clientes. Isso não me incomoda. Sabe, não gosto muito de ser a única clientela num bar, e você? Dois homens haviam entrado, seguidos de perto por um homem e uma mulher.

— Para dizer a verdade, eu até que gosto, disse Burden. — Aprecio um pouco de silêncio. Wexford riu, pois era essa a resposta que esperava.

— Acabei de pensar numa coisa. A Sra. Strang estava atrasada, ela não chegou ao ponto de encontro, era no trecho calçado com pedras, não era? Até alguns minutos depois das oito, vamos dizer, pelo menos depois de oito e cinco. Vamos imaginar, então, que Rachel não estava atrasada, que ela chegou lá as oito em ponto, ou até alguns minutos antes. E que outra pessoa passou por ali oferecendo uma carona que ela aceitou.

— Mas por que aceitaria? Ela estava esperando pela Sra. Strang.

— É verdade. Mas estou pensando numa coisa a respeito disso.

Ele se interrompeu e afastou um pouco para trás a cadeira onde se sentava, para deixar passar um grupo de mulheres que acabavam de entrar pela porta de vaivém. Eram quatro, duas mais jovens e duas beirando a meia-idade. Wexford reparou imediatamente no ar desconfiado e tímido que a maioria delas tinha. Exceto aquela que liderou o grupo até o bar, uma linda jovem esbelta trajando jeans e um suéter usado, cujos longos cabelos negros estavam amarrados na nuca por um lenço de seda; essa tinha um ar decidido como se, antes de entrar, houvesse cerrado os dentes e jurado que, dessa vez, não desistiria. "Está com um ar desafiador", pensou Wexford. As outras a seguiram, ficando uma ao lado da outra no balcão do bar. A mulher de cabelos negros tossiu levemente, mas isso não provocou reação alguma de Honeyman, que manteve os olhos fixos no seu exemplar de Sporting Life. Houve um breve silêncio e então, Wexford a escutou enchendo o peito de ar, ela falou com a voz um pouco mais alta do que deveria ser de seu hábito:

— Nós gostaríamos de uma bebida, por favor. Dois copos de vinho branco e duas cervejas com limão. O proprietário estalou o jornal, fechou-o bruscamente e olhou para cima.

— Vocês são lá daquele lugar rua acima, não são? Ela deu um passo adiante, se aproximando ainda mais do bar.

— O quê?

— Daquela casa cheia de mulheres que abandonaram os homens delas. Vocês são de lá. Uma mulher mais velha, tomando coragem, disse:

— Essa é uma forma esquisita de dizer, mas e daí se a gente for de lá?

— Vou dizer a vocês o "e daí"; daí que não vou servir vocês, é isso aí. A mulher de cabelos negros ficou muito pálida. Wexford teve a impressão de ver a mão pousada sobre o balcão começar a tremer.

— O senhor não tem o direito de fazer isso, disse ela. — O senhor não tem razão alguma para fazer isso.

— Eu não preciso de razão alguma, você pode perguntar a quem quiser se não é direito meu recusar bebida a qualquer um que eu decida não servir.

— É direito dele, disse Burden baixinho. Wexford concordou com a cabeça. Ele duvidava que as mulheres começassem uma briga, e tinha razão. Não disseram mais nada, viraram as costas e caminharam para a porta. O proprietário gritou atrás delas:

— É melhor vocês tentarem o início da Rua High, onde eles não sabem de onde vocês são. Vão servir vocês até descobrirem. A mulher de cabelos negros virou e disse com a voz bem clara:

— Seu canalha!

— Encantadora, disse Honeyman quando a porta voltou no movimento de vaivém atrás delas. — Os cavalheiros devem ter escutado o que ela disse, não é? Uma verdadeira dama...

Wexford se levantou, se dirigiu ao balcão do bar e, após ter pedido mais dois chopes da Adnams, disse que era um policial e mostrou seu distintivo. Honeyman falou num tom bastante apressado:

— Eu tinha razão, não tinha? Não preciso me justificar para servir ou não às pessoas.

— O senhor está em seu direito, mas imagino que tenha tido uma razão e fico imaginando qual seria. O patrão encheu duas canecas.

— Por conta da casa.

— Não, não vai ser não, mas obrigado mesmo assim. Wexford tirou uma nota de cinco libras e a colocou firmemente no balcão. — Nós viemos aqui para inquirir a respeito de uma garota desaparecida, Rachel Holmes,

mas gostaria de que me falasse primeiro a respeito dessas mulheres.

— Elas moram numa casa na Kingsbrook Valley Road, na verdade, é só subir um pouco mais acima nesta rua. As maneiras de Honeyman haviam mudado completamente, ele se tornara obsequioso e conciliador. Até mesmo a voz era outra, o sotaque do Sul da Inglaterra havia perdido sua aspereza, substituído por algo meloso e afetado. — Elas são o que chamam de vítimas do casamento, se o senhor entende o que quero dizer. Ou pelo menos dizem que são. Os maridos devem dar só um tapinha quando elas não são legais, aposto que é isso.

— Tudo bem, já entendi o cenário. Mas o que foi que elas fizeram para pisar nos seus calos?

— Vou contar ao senhor. Faz duas semanas, tinha duas delas aqui, entrou um pobre sujeito e segurou uma delas pedindo que ela voltasse pra casa, ela tinha abandonado ele com as crianças, por falar nisso. Bem, é claro que ela não ia fazer o que ele pediu, não é? Acho que, a vida inteira, ela não atendeu a nenhum pedido dele. Ela então se desvencilhou dele e empurrou ele e ele começou a cobrir ela com as porradas que ela pediu, logo a outra entrou na briga, esmurrando ele nas costas. Aí eu tive de me meter. Naturalmente, como tenho certeza de que o senhor vai me entender, expulsei todo mundo, e disse pra eles saírem daqui e não voltarem mais. No fundo, me arrependo em ter posto o cara pra fora junto com as duas, parecia um sujeito decente. O senhor sabe de uma coisa? Nos velhos tempos, quando a gente se casava, a mulher tinha de dizer que ia obedecer ao marido. Pena que isso mudou, se quer saber o que eu penso.

— Não me interessa nem um pouco o que o senhor pensa, Sr. Honeyman, disse suavemente Wexford. — Acho que não gostaria de saber sua opinião a respeito de praticamente nada. Ele olhou Honeyman quando esse último piscou os olhos e recuou um pouco do balcão. — Mas vou lhe dizer a minha opinião: eu lhe aconselho fortemente a nos chamar na próxima vez em que um sujeito decente cobrir de tabefes uma mulher no seu bar. E agora, quem sabe o senhor possa me dizer se é do seu conhecimento se esta menina esteve alguma vez aqui.

Um rubor vermelho profundo cobriu o rosto de Honeyman. Era provavelmente um alívio para ele ter alguma coisa para olhar que o distraísse do seu mal-estar. Ele prestou atenção na fotografia que Wexford mostrou para depois resmungar:

— Eu não sei, não me lembro. Burden, que se havia juntado a eles no bar, falou:

— Isso quer dizer que o senhor nunca a viu se encontrar com os amigos dela aqui sábado à noite? Ela é muito bonita, não é? O senhor não iria se esquecer de um rosto assim.

— Eu posso ter visto ela. A aspereza e o mau humor haviam retornado à sua voz, — Acho que vi, faz talvez dois ou três meses. Ela veio aqui com uma garotada... Veja bem, não estou dizendo que eram garotos, disse rápido ao lembrar o que dizia a lei a respeito de servir bebida a menores, — Todos tinham mais de dezoito... E fizeram uma refeição.

— Mas o senhor não a viu aqui na noite de sábado?

— Absolutamente não, disse Honeyman, balançando a cabeça para dar ainda mais vivacidade e veemência à sua negativa.

— Sylvia trabalha ali, disse Wexford, quando ele e Burden já haviam saído e se aproximavam do Hide. — Não me lembro se disse isso a você. Entre outras coisas, ela atende a helpline. Você já bateu alguma vez numa mulher?

— É claro que não, disse Burden, chocado. — Que pergunta!

— Ah, sei lá. Eu também não. Você sabe o que Barry me disse outro dia? "Todos os homens batem na mulher uma vez ou outra", foi isso o que ele disse. Eu fiquei meio confuso.

— Meu Deus! Burden estava horrorizado. — Eu espero e tenho fé de que não temos um espancador de mulheres na nossa equipe. Era só o que faltava, logo agora quando o Vigilantes da Dor começou a funcionar. A propósito, como vamos fazer para distribuir os celulares e os pagers? Nós sabemos que a violência doméstica está muito presente em todos os meios, mas quantos processos por agressão a esposas e namoradas aconteceram na nossa área? Quase nenhum. Isso não significa que o relacionamento homem e mulher seja mais idílico aqui, ou que os homens daqui sejam mais afáveis. Apenas significa que, no passado, as mulheres não nos chamavam e não queriam que nós interviéssemos.

— Então, como é que vamos encontrar as que correm perigo? É isso que você quer dizer? Talvez perguntando às pessoas que cuidam deste lugar.

Wexford parou o carro do lado de fora do Hide e olhou para as janelas. As que ficavam no térreo estavam quase completamente escondidas atrás das

plantas altas e sempre-verdes que enchiam o jardim da frente. De uma janela no último andar, um rosto emoldurado por cabelos negros o olhou. Ele reconheceu sua dona como sendo a mulher que gritou com Andy Honeyman.

— Precisa haver algum modo de distribuir. Nós não podemos colocar um anúncio no Courier oferecendo sistemas de comunicação de graça para quem quiser. Como disse Southby, a população feminina inteira iria querer um. Era óbvio que Burden não estava muito interessado.

— Por falar em população feminina, disse ele, — Que ideia era essa sua?

— Ideia?

— Você disse que tinha uma ideia a respeito de Rachel esperando pela Sra. Strang. Aparentemente, você sugeriu ter encontrado uma espécie de resposta.

— Ah, é verdade, foi mesmo. Mas eu só estava imaginando se Rachel e a Sra. Strang já haviam se encontrado alguma vez. Quero dizer, será que elas se reconheceriam?

Burden ficou atônito. Deu um olhar carrancudo para Wexford e disse que era melhor irem para casa, os sogros dele estavam fazendo uma visita e ele já estava indesculpavelmente atrasado. Wexford também foi para casa, tendo por companhia as observações cáusticas de Burden enquanto comia seu jantar e, mais tarde, durante um documentário a respeito da moeda única para a Europa, ao qual não prestou atenção. A Operação Salvaguarda e sua descendente direta, os Vigilantes da Dor, só funcionaria se ele e sua equipe perscrutassem todo o universo de violência doméstica.

A imagem ridícula de quinhentos celulares e pagers sendo depositados em seu escritório, talvez até empilhados em sua mesa, se apresentou diante dele, sem que tivesse a menor ideia de quais eram as mulheres com direito a recebê-los e quais não ficariam constrangidas de receberem a oferta daquilo que significava uma defesa e proteção contra os homens com os quais compartilhavam suas vidas. Uma vez tendo sido superado esse obstáculo, qual seria a reação deles mesmos, recebendo uma ligação de um desses aparelhos? Ir para a casa de quem ligou e prender o infrator. Muito simples. Só que na maioria das vezes não seria tão simples assim. A mulher alegaria que não queria que ele fosse acusado, que não queria vê-lo sendo retirado da

própria casa, que ele era o seu ganha-pão, que ele havia prometido não fazer de novo, que ele pedira desculpas, de que tinha vergonha do que fez, que ela não deveria ter chamado a polícia, que ela só estava com medo, machucada e fora de si, mas não queria ver sua família sendo destruída... Ele precisava falar com Sylvia. Enquanto isso, havia essa garota desaparecida, Rachel Holmes.

Dora parecia estar gostando do programa tedioso na televisão; isso significava que ele não podia desligar a TV. Só estava anoitecendo as oito e meia, de forma que ele podia sair e dar uma volta no jardim, até se sentar no pequeno trecho calçado que era o enfeite central do jardim de rosas de Dora. O seu assento era uma das cadeiras de bistrô francês, um par, que receberam de Sheila como presente de Natal. Era uma coisa muito elegante cinza-pálida com volutas, espirais e floreios, mas não necessariamente o lugar mais confortável onde sentar. Acima dele, o céu estava ficando de um azul mais profundo, com um balão vermelho e amarelo agora voando sobre onde deveria estar Pomfret, cujos passageiros podia ver que acenavam para ele. Ou para alguém. Wexford acenou de volta e, ao fazê-lo, por pouco não caiu de seu assento delicado e perigoso.

Amanhã era terça-feira, à tarde Rachel Holmes estaria de volta. As duas garotas frequentaram o mesmo colégio, ambas ainda eram adolescentes, ambas, de forma bastante distinta, eram atraentes, cada qual filha de uma mãe divorciada, as duas estavam esperando num ponto de ônibus, uma voltando de um programa noturno com amigas, a outra a caminho de um programa do mesmo tipo. Ambas foram dadas como desaparecidas num sábado, e em sábados sucessivos. Apesar de tudo isso, Burden diria que era uma suposição absurda. E ele a fazia toda a vez que a jovem lhe vinha à mente. Isso o impedia de se preocupar com Rachel como deveria. Será que também o impedia de tomar todas as medidas e decisões cabíveis para encontrá-la?

Será que ele deveria ter posto, por exemplo, Rosemary Holmes na televisão? Deveria ter iniciado uma busca no campo entre Stowerton e Kingsmarkham? Talvez a pergunta que ele deveria se estar fazendo fosse esta: o que faria ele caso Lizzie Cromwell não houvesse desaparecido exatamente uma semana antes e voltado para casa três noites e três dias depois? O balão navegava sobre a cabeça dele e uma leve brisa agitou as folhinhas novas e

provocou uma chuva de pétalas que se espalharam em volta da pereira. A cadeirinha era tão desconfortável que poderia se prestar a um instrumento de tortura. Ficar sentado nela durante doze horas com luzes fortes na cara e responder ao interrogatório... "Meu Deus!", pensou. Levantou-se e foi para dentro de casa, resolvido a falar com a mãe de Caroline Strang como sua primeira tarefa do dia seguinte.

* * *

Quatro

A PROCURA começou às duas da tarde de terça-feira. Havia dez policiais de uniforme, alguns entre eles eram reforços vindos do Esquadrão Criminal Distrital, além de dezesseis civis, todos voluntários, entre vizinhos e amigos dos Holmes. Rosemary Holmes quis se juntar a eles, mas Wexford foi explicitamente contra. Ele ainda acreditava, apesar dos sinais contrários, que Rachel iria reaparecer no final da tarde, e aquilo que havia descoberto em Framhurst naquela manhã apenas reforçava sua crença. Olga Strang não conhecia Rachel, nem sequer viu alguma vez uma fotografia dela. As duas meninas se haviam conhecido na universidade, elas não se conheceram porque moravam a apenas oito quilômetros uma da outra, nem por terem frequentado a mesma escola. Rachel era completamente estranha para Olga Strang, e vice-versa.

— Como é que a senhora a reconheceria? Perguntou Wexford. — A senhora ia lhe dar uma carona, mas como iria reconhecê-la?

— O senhor está perguntando se era para ela usar uma fita amarela e eu uma grande rosa vermelha? Nada disso foi combinado. Nem sequer pensei a respeito, eu apenas estava lá, e ela deveria estar lá, mas não estava.

A Sra. Strang, uma mulher avoada que parecia incapaz de raciocinar por mais de dois minutos de cada vez, dava a impressão de estar sendo assediada por tudo à sua volta e, quiçá, pela própria vida. A casa no campo, onde morava com o marido e três filhos, estava num estado assustador, tamanha a bagunça. Havia papéis misturados com roupas, cadeiras servindo de apoio para jornais e revistas, xícaras e copos sujos largados ao lado de vasos com flores murchas, um ferro ligado, com sua luz vermelha brilhando, de pé e invertido entre um pão de forma sem casca e um pacote aberto de um produto para soltar a crosta da chaleira. Ela mesma, talvez prestes a usar o

ferro de passar roupa, trajava um roupão diáfano por cima da blusa e da anágua, segurava com a mão esquerda algo feito com um tecido amarfanhado vermelho que podia tanto ser uma saia como um par de calças. Sem relaxar a pressão por um só momento da mão sobre o que segurava, ela foi se sentar à beirada da mesa, amarfanhando mais a peça vermelha de roupa, conseguindo que ficasse ainda mais amarrotada, enquanto passava a mão direita pelos cabelos quebradiços ruivo-alourados.

— Não vou ocupá-la por muito tempo, disse Wexford. — Vejo que a senhora está se aprontando para ir trabalhar. Ele não conseguia tirar os olhos daquele ferro que parecia se aproximar pouco a pouco das pregas de musselina, enquanto ela se balançava ansiosa para frente e para trás. — Mas a Rachel, pelo menos, sabia a marca de seu automóvel? A cor dele?

— Ah, sei lá, não sei dizer.

— A Caroline descreveu a senhora para ela?

— Isso o senhor precisa perguntar a ela. Eu não me lembro. Ela se alegrou, de súbito, e sorriu. — Eu sabia que os cabelos dela eram escuros. Eu estava à procura de uma garota morena. E a Caroline me disse que ela era muito bonita.

— Sra. Strang, a senhora está quase queimando o seu... Seu roupão.

— Estou? Ah, meu Deus! Obrigada. Caroline não está aqui, ela voltou para a faculdade, o senhor pode ligar para ela e perguntar. Ou eu poderia. Eu preciso passar esta saia, o senhor precisa me dar licença, estou atrasada...

Ele já sabia o bastante. Rachel não tinha a menor ideia de como era a mulher que lhe daria uma carona, a não ser que era de meia-idade e estava dirigindo um carro. Outra pessoa passou por ali às oito horas e a pegou, e quando Rachel disse "Sra. Strang?" ou coisa parecida, a tal mulher disse que sim, se aproveitou do mal-entendido e o usou a seu favor. Seria ela a mesma mulher que havia oferecido uma carona à Lizzie Cromwell? E será que Lizzie, apesar do que disse, aceitou? Seria criminoso o risco de agir seguindo uma intuição tão enlouquecida. Uma busca precisava ser feita e, caso ela não reaparecesse até amanhã, Rosemary Holmes iria à televisão fazer um apelo. Mas Rachel vai voltar para casa. Ela vai caminhar pela Oval Road até lá. Não vai estar aflita e nem ensopada até os ossos, ela simplesmente vai entrar caminhando e, após sua mãe ter tido uma crise nervosa, perguntará por que tanta confusão. Ou em vez disso, ela irá aparecer na sua universidade, com

um bocado de explicações a serem dadas. Ele voltou sua atenção para sua correspondência, primeiro no documento que estava sobre sua mesa.

Se alguém se dirige a você pelo seu nome de batismo e se assina "sempre seu", é natural que você espere que esse seu correspondente seja também um amigo íntimo. Essa cópia de um e-mail começava com "Caro Reg", e terminava com "Sempre seu, Brian", mas Wexford não colocaria Brian St George, editor do Kingsmarkham Courier, nessa categoria íntima. A mera visão da coisa já o deixava apreensivo. Nenhum tipo de comunicação vinda da parte de St George jamais apoiou ou cooperou com estratégias policiais. Ele havia olhado para a cópia da mensagem sem colocar seus óculos de leitura, e o que viu foi uma cobertura de letras borradas dançando, as quais olhou por um momento. Mas sabia que coisa boa não era e, após o que foi apenas uma pequena hesitação, colocou os óculos e leu a carta de St George.

Caro Reg,

Tomei conhecimento de que um infame pedófilo, Henry Thomas Smith, deve ser solto da prisão no final desta semana. Sua residência era, e ainda continua sendo, no Condomínio Muriel Campden, em Kingsmarkham. Fontes seguras me informaram que, quando for libertado no dia 17 de abril, depois de nove anos de detenção, ele pretende retornar para casa, onde residem atualmente sua filha e o companheiro dela. Ora, uma grande quantidade de pais com crianças pequenas, em relação às quais Smith constitui uma ameaça, mora no Condomínio Muriel Campden. Minha intenção é publicar matéria de capa esta semana no Courier, informando às pessoas interessadas sobre a volta de Smith. Tenho certeza de que você concordará comigo que Smith é um homem perigoso e que, enquanto estiver solto, nenhuma criança estará a salvo. Gostaria de receber seus comentários a respeito. Se a polícia de Mid-Sussex se der ao trabalho de me fornecer uma declaração a respeito do estado atual de Smith e, talvez, quais são suas diretrizes a respeito das formas de se lidar com pedófilos quando libertados, eu terei grande prazer em publicar.

Com meus melhores votos,

Sempre seu, Brian

Wexford suspirou. Não era só ótimo que St George tenha tido a inspiração de tratá-lo pelo primeiro nome, além de terminar a carta em termos tão afetuosos, mas que mistério estaria por trás disso? Seu último encontro com ele ocorrera durante as manifestações envolvendo o uso de reféns contra o projeto da perimetral de Kingsmarkham. Wexford tinha sido horrivelmente, mas com razão, rude com o editor do Courier e recebera, em troca, um bocado de grosserias. A resposta ao enigma estava, sem dúvida, no fato de que St George agora queria algo dele. Seria sua aprovação? Ele decidiu, em tempo recorde, que não iria responder à carta. Afinal de contas, por mais que a ideia o atraísse, ele não tinha como impedir que St George e o

Courier prosseguissem em sua missão. Pedir uma obstrução judicial para barrar a publicação não impediria que eles seguissem em frente. Tentou se recordar de Smith, mas só conseguiu lembrar de uma fotografia de jornal muito antiga de um homem de rosto gordo, com queixo e testa inchados. O que não era muito. Qualquer um teria um péssimo aspecto numa dessas fotos estouradas. Smith, o homem, desaparecera por completo de sua memória. É claro que o crime, qualquer que tenha sido, não ocorrera na região de Kingsmarkham e não foi ele quem o prendeu. Ele estava pensando se seria capaz de conseguir que seu computador localizasse o dossiê, ou currículo, de Smith, e enchesse com informações úteis a tela azul bonitinha onde pairavam nuvens brancas e passarinhos voavam, quando Vine entrou.

— Como está indo a busca da Rachel Holmes? Perguntou Wexford.

— Nada de novo, senhor. Mas vim lhe contar outra coisa. O senhor sabia que tivemos um outro roubo de roupas?

— Ah, sim, sabia. O da butique First Gear.

— Bem, encontramos alguém que se encaixa nos dois, o da First Gear e o da designer, a mulher do artesanato. O senhor estava certo quando disse que usaram uma criança para entrar. Uma espécie de Oliver Twist, foi o que o senhor disse, se me lembro direito. Eu não sei que idade Oliver Twist tinha, na verdade nunca li o livro ou assisti ao filme, mas essa criança tem quatro anos.

Por um momento, Wexford permaneceu em silêncio. O rosto de Smith, a cara que recordara, ressurgiu em uma imagem gravada em algum lugar na sua mente, e ele se perguntava o que era pior, abusar sexualmente de uma criança pequena ou ensinar essa criança a arrombar, invadir e roubar. É evidente que o primeiro é o pior, sem dúvida, mas mesmo assim...

— Você está falando que esse canalha... Como se chama ele, aliás?

— Flay. Patrick Flay. Ele mora na Glebe Road.

— Esse Patrick Flay pôs uma criança de quatro anos para passar pelo basculante e a instruiu a abrir a porta?

— Não foi bem assim, senhor, disse Vine. — Foi uma menina, a própria filha dele e, enquanto na primeira vez foi um basculante, estou quase certo de que na segunda ela entrou pela portinhola do gato.

— Portinhola do gato?

— Sim, senhor. É uma espécie de porta em forma de alçapão presa com dobradiças que, quando o gato empurra com a cabeça, se abre e...

— Eu sei o que é. Wexford balançou a cabeça com mais pena do que raiva. — Antes que esse negócio fosse inventado, as pessoas costumavam serrar um buraco na porta. Uma história conta que Sir Isaac Newton serrou uma passagem para sua gata e, quando ela teve ninhada, serrou mais seis para os gatinhos. Vine olhou para ele.

— Ele deve ter ficado doido.

— Bem, não. Naquele tempo não havia a Mensa Internacional, mas ele era tão brilhante quanto o senhor Burden. Era um grande físico, foi quem descobriu a gravidade, entre outras coisas. Mas o ponto é que pessoas muito inteligentes podem ser birutas com algumas coisas. De qualquer forma, eu nunca acreditei nisso. Só contei essa história para deixar claro que sei o que é a portinhola do gato. Onde está esse Flay? Lá embaixo?

— Ele chamou o advogado dele, o sujeito está a caminho.

— Eu espero, e tenho certeza, que vocês não trouxeram junto a menininha, não é? Vine pareceu insultado.

— Eu deixei ela com a mãe, senhor. Eu conversei com ela...

— Na presença da mãe, espero?

— É claro. A mãe disse que não sabia nada a respeito disso, mas a criança, ela se chama Kaylee, K-A-Y-L e dois E, me disse que o pai dela ensinou-a a usar luvas. Ele disse que fazia frio e que ela precisava usá-las, e eles saíram juntos e deram a volta até os fundos dessa casa onde o pai dela mostrou a portinha que pertencia ao "gatinho", foi como ela disse, e que era para ela não contar a ninguém o que fez, então ela não ia me contar. E depois o pai dela lhe deu um Drácula.

— Deu o quê?

— É uma espécie de sorvete, explicou Vine.

Foram juntos para o andar de baixo. No caminho, Wexford perguntou se os tecidos roubados foram encontrados. Vine teve de admitir que não. Flay, um homem de vinte e cinco anos cujo cabelo comprido avermelhado formava chumaços rastafári, mesmo sendo ele branco e tendo uma cabeleira esparsa, estava sentado à mesa da sala de entrevistas, fumando, enquanto esperava pelo advogado. O policial Martin Dempsey estava sentado numa cadeira perto da porta, com as costas viradas para a parede e os olhos impassíveis fitando as pernas da mesa. Vine ligou o gravador e disse:

— Detetive Inspetor-Chefe Wexford e sargento detetive Vine entraram na sala às quatro e cinquenta e dois. Também presentes estão o policial Dempsey e Patrick John Flay.

— Eu não vou abrir a boca até meu advogado chegar, disse Flay.

Wexford não respondeu. Não fazia mais de um minuto que havia sentado quando Lynn Fancourt entrou trazendo o advogado. Era um jovem que Wexford nunca havia visto antes, mas que sabia se chamar James Beamish, da Proctor, Beamish e Green, com escritório na High Street de Kingsmarkhgam. Vine registrou a chegada dele, e começou a interrogar Flay, cuja expressão sombria mudou para um ar esperançoso e satisfeito quando o advogado ficou ao seu lado. Seus sorrisos se transformaram em risadas quando Vine perguntou a respeito da filha dele.

— Você já começou errando. Ela não é minha filha, é filha da minha mulher. Eu sou uma espécie de padrasto. A patroa teve ela antes de se juntar comigo.

— Você parece ter um bom relacionamento com ela, disse Wexford.

— O quê? Com a Kaylee, é claro que tenho. Adoro criança.

— Você gosta tanto dela que a ensinou a entrar na casa dos outros e a roubar a propriedade dos outros.

— Eu não sei do que o senhor tá falando, disse Flay, com uma risadinha descarada. — Se o senhor acredita no que uma garota de quatro anos, que nem anda direito, lhe diz, tá bancando o fanfarrão. Ela tem imaginação, não tem, a Kaylee? Ela conta histórias, não é? Tem gente que ia chamar ela de mentirosa. Eu não, tô dizendo que eu sou um tipo de cara tolerante, mas tem gente que daria um peteleco no ouvido de uma criança mentirosa como a Kaylee.

— Você então não fez com que ela usasse luvas e passasse por basculante para dentro do vestiário de uma propriedade e, depois, por uma passagem de gato para o porão de uma outra propriedade?

Wexford estava cônscio de que a coisa toda era ridícula. Não seria difícil para qualquer estranho achar que Flay tinha razão de fazer troça. Ele olhava agora para Beamish, rindo e sacudindo a cabeça.

— Você não ensinou a ela como abrir a janela e a passar os bens do interior para o exterior?

— De jeito nenhum. O senhor tá de gozação?

— Kaylee não foi ensinada a entrar naquela casa e a roubar a propriedade do dono? Beamish levantou languidamente os olhos.

— Meu cliente já lhe disse que não, senhor Wexford.

Wexford estava pensando em reformular a pergunta, quando Lynn Fancourt lhe passou um bilhete, que ele nem sequer olhou, tão certo estava de que era um aviso de que Rachel Holmes havia voltado para casa, mas falou no microfone que iria se retirar da sala e que Lynn tomaria seu lugar. Do lado de fora, desdobrou o bilhete. Não era algo a respeito de Rachel, mas sim um recado do superintendente de polícia assistente interino pedindo que se comunicasse urgentemente com ele. Era um pouco cedo, é claro, para o retorno de Rachel. Se ela fosse voltar na mesma hora em que Lizzie Cromwell havia voltado, não chegaria a Stowerton antes das seis. Assim que chegou à sua sala, ligou para Southby.

— Smith, disse a voz que estava sempre gritando suas frases lacônicas. — Henry Thomas Smith. Significa alguma coisa para você?

Será que ele saberia de alguma coisa caso não houvesse recebido também a carta de St George? Wexford nunca poderia imaginar que teria razões para ser grato ao editor do Kingsmarkham Courier.

— Pedófilo, senhor, disse prontamente. — Ele esteve cumprindo pena por nove anos, está saindo e voltando pra casa aqui na próxima sexta-feira.

— Correto. Southby estava levemente desapontado. — Só achei que você devia saber que o pasquim local vai fazer uma dessas matérias de interesse público a respeito dele. Na sexta. Duvido que isso não dê problema.

Southby, então, também recebeu uma carta de St George. "Fico imaginando se a dele começou com um Caro Malcom", pensou Wexford. Ele ligou o computador e, após uma série de erros que fizeram aparecer repreensões aterrorizantes na tela, conseguiu acessar nessa odiosa linguagem de computador, mas mesmo assim motivo de orgulho quando se tinha sucesso, Henry Thomas Smith.

Nascido em South Woodford, Londres, E18, em 20 de fevereiro de 1928, terceiro filho de George e Annie Smith, de Churchfields, South Woodford. Estudou na escola municipal de Buckhurst Hill até os dezesseis anos. Condenado por atentado violento ao pudor em 1949 e, de novo, em 1952, preso por dois meses, pela primeira transgressão, e dezoito meses, pela segunda. Condenado por atentado violento ao pudor com um menor em 1958 e enviado à prisão por oito anos.

Nauseado pela repetição enfadonha dos crimes de natureza sórdida, Wexford apertou o botão para descer o cursor e ficou satisfeito de vê-lo funcionar. Na verdade apenas cumpriu a função esperada, o que estava longe de ser o caso, em sua opinião, da maioria dos computadores. Mas, dessa vez, aconteceu o que ele esperava, com a última página da terrível folha pregressa de Smith surgindo na tela. Wexford respirou fundo. A última condenação de Smith foi por homicídio, o homem estava há nove anos na prisão, condenado originalmente a quinze anos de reclusão pela sua participação no estupro e na morte subsequente de um menino de doze anos. Outros dois homens haviam tomado parte no crime, um deles recebera a mesma pena de Smith, e o outro oito anos. Não havia menção no dossiê de Smith a respeito de casamento, ou casamentos, e nada sobre uma filha. Wexford se deu conta de que ele era um velho agora, com mais de setenta anos. Seria ainda uma ameaça para as crianças? Era preciso conhecer o homem e saber muito mais a respeito de pedofilia do que ele, Wexford, sabia, para responder a isso. Mas de uma coisa estava certo: de que algo de errado havia numa sociedade que libertava um monstro assim, mesmo um monstro já acabado, envelhecido e alquebrado, numa comunidade com a maior população de crianças pequenas de toda a vizinhança.

Às nove horas, ele sabia que tinha se enganado e que o desaparecimento de Rachel não seria uma repetição do padrão de Lizzie. Uma espécie de culpa tomou conta dele, como se fosse responsabilidade sua ela não ter voltado. Estava aliviado por não ter dito nada a respeito, a não ser a Burden, da esperança e certeza que tinha. O que dissera a Burden ficaria entre eles. Ele tentou compensar suas frustração sugerindo que a busca se prolongasse após o anoitecer, mas até ele tinha de admitir que isso era impossível, pois era uma noite de muita chuva, escura e sem lua.

Vine, para quem ligou antes de se deitar, disse que foi obrigado a soltar Patrick Flay. Sem provas suficientes para acusá-lo, foi obrigado a relaxar a

custódia do sujeito, que continuava a rir quando saiu na companhia do advogado. Wexford ficou ainda por um momento olhando pela janela da escada, olhava a noite do lado de fora. Era um hábito dele, o de fitar o exterior, quando tudo estava calmo e silencioso. Ficava contente em saber que Sylvia fazia a mesma coisa. A gente talvez herdasse o gene de meditar olhando para o céu. A chuva caía firme, insistente, longas agulhas prateadas perfuravam a escuridão. Foi quando lembrou as palavras do rei Lear quando se recriminava por ter ligado tão pouco para o infortúnio dos sem-teto e despossuídos, pobres farrapos sem lar que suportam as pancadas da tempestade impiedosa, as mulheres que gritavam a Sylvia pedindo socorro, vítimas infantis como Kaylee Flay, ou a garota desaparecida. Mas essa última já estaria provavelmente morta, estendida numa fossa cheia d'água.

Na opinião do sargento detetive Vine, gente como os Flay, e ele, ao contrário de Sylvia Fairfax, não fazia qualquer restrição, não deveria ter o direito de conceber crianças e, se por alguma contravenção as concebessem, não lhes seria permitido criá-las. De que servia a assistência social senão para proteger crianças de gente como Patrick Flay? De que adiantava existir sistemas de custódia e adoção se seu uso não era aprimorado?

Vine chegou ao apartamento térreo da Glebe Road, uma casa dividida, miserável e arruinada, para encontrar os dois, Patrick Flay e a mãe de Kaylee, em casa. A menininha, quando começou a conversar com ela, estava sentada empertigada, entre os dois, no sofá manchado e puído, espremida entre eles sem nenhuma condição de escapar. Era uma criança de origem mestiça, nascida de mãe branca, uma mulher tão ruiva, sardenta e clara quanto Patrick. Kaylee, porém, tinha cabelo castanho-escuro com cachinhos pequeninos cobrindo toda a cabeça, olhos também castanho-escuros e uma pele trigueira. Abaixo de um dos seus olhos havia uma marca, um machucado que não estava ali antes, e Vine sabia, estava tão certo de que um daqueles dois a havia agredido no rosto, como se houvesse visto o golpe sendo desferido. Talvez Jackie Flay; contudo, era mais provável que tivesse sido Patrick, e Vine também sabia por quê. Uma brutal sensação de impotência e frustração quase o impediu de falar e, como mais tarde relatou a Wexford, a pior parte era saber que pouca coisa podia fazer a respeito disso.

— Você pode avisar à Assistência Social, disse Wexford. — Tem

bastante material ali para ameaçar os Flay com a perda da guarda da criança. O que foi que aconteceu, então?

— Kaylee me contou que não aconteceu nada. Ela é uma criança inteligente, isto é, brilhante. Ela apenas disse que nada daquilo era verdade, que havia inventado tudo. Em outras palavras, exatamente o que Flay nos disse. E ele ainda teve o desplante de dizer a ela: "Você sabe o que acontece contigo quando conta mentira, não sabe, Kaylee?" E disse isso com aquele risinho nojento dele.

— E a mãe?

— Ela só ficou sentada ali, morrendo de medo, se entende o que quero dizer, olhando como se fosse dizer ou fazer qualquer coisa para apoiar Flay. Ela provavelmente segurou a menina enquanto Flay batia nela. Eu ainda posso escutá-lo dizendo: "Você disse que nunca fez aquilo, que nunca esteve em lugar nenhum, não é verdade? Você tá querendo minha mão na sua cara de novo?". Wexford balançou a cabeça.

— Jackie Flay pode ser tanto vítima quanto a menina. E o pior é que Flay vai forçar a menina a fazer de novo, vai habituá-la a isso e já, já, ela nem vai mais se importar em dizer a verdade... Pobre Olívia Twist! Vine, que estava franzindo a testa pesaroso, ficou um pouco menos carrancudo e perguntou:

— O que foi que aconteceu com ele, senhor? Com esse Oliver Twist?

— Ele foi salvo por um velho cavalheiro que se revelou, por uma coincidência surpreendente, como sendo seu próprio avô.

— Isso não vai acontecer com a Kaylee.

— Provavelmente não, ainda que ela faça tanto ideia de quem são seus avós, acho eu, quanto fazia Oliver Twist. Vine meditou sobre isso apertando os lábios e assentindo com a cabeça.

— Por que uma mulher se casaria com um sujeito como Flay? Se é que são casados. Como qualquer mulher pode se juntar com um sujeito assim? Será que ela quer ser vítima, e fazer da filha uma vítima?

— Quando se começa a perguntar por que alguém casa com alguém, está se entrando em águas profundas, Barry. Isso é um mistério. Mas duvido que alguém escolha ser vítima, a não ser que seja masoquista, e são poucos os masoquistas. O negócio é que as pessoas querem ser parte de um casal, ter o que chamam hoje em dia de "relacionamento". E a maioria delas é capaz de preferir ter um mau relacionamento a nenhum. Faz parte da natureza. A propósito, você não estava falando sério quando disse que batia na sua esposa,

estava?

— Eu? Tudo bem. Foi só uma vez. Ela me acertou e eu acertei ela de volta. Foi só isso que eu quis dizer.

* * *

Wexford havia passado a maior parte da manhã na Oval Road, onde Rosemary Holmes, que sabia da história de Lizzie Cromwell, tinha possivelmente acreditado também que a filha ia retornar na véspera. Mas Rachel não voltou para casa e Rosemary estava arrasada, andando de um lado para o outro da sala; se jogou de repente numa poltrona, onde explodiu num pranto compulsivo. Wexford não entendeu por que diabos havia achado que esse desaparecimento teria um desenlace feliz só porque o de Lizzie teve. Graças a Deus não permitiu que seu pressentimento absurdo impedisse a busca ou obstruísse o curso de uma investigação a fundo.

Os batedores recomeçaram a busca logo que amanheceu. Passaram um pente-fino nos campos encharcados, satisfeitos de estarem abrigados na penumbra calma dos bosques, mas incomodados por uma chuva constante que não passava agora de um chuvisco. Karen Malahyde e Lynn Fancourt haviam ampliado ainda mais a investigação, para além do círculo de amigos mais próximos de Rachel. Elas conversavam agora com gente que frequentou a escola com ela. Elas foram até Brighton falar com o pai da moça, o marido de quem Rosemary se divorciou, escutando-o dizer que há sete anos não via a filha. Michael Devonshire, o clínico geral de Flagford, não só havia levado Rosemary para jantar fora, mas francamente admitiu que passou a maior parte da noite ao seu lado, deixando a casa na Oval Road apenas às cinco da manhã.

Fazia, agora, quatro noites e quase quatro dias que Rachel estava desaparecida. Constrangido, Wexford organizou uma coletiva com a imprensa para as cinco daquela tarde, a sua relutância foi provocada pela certeza de que Brian St George estaria lá e que, durante a coletiva, isso já tinha sido combinado, Rosemary faria seu apelo pela volta de Rachel. De início, ela se assustou com a ideia, se recusando absolutamente a fazê-lo. Quase já não tinha mais nenhum controle sobre si mesma, disse a Wexford, e o que dissesse não faria nenhum sentido.

— Isso não tem muita importância, ele disse gentilmente a ela. — Não quero parecer cínico, mas quanto mais emoção a senhora demonstrar e mais... Bem, quanto mais mostrar o estado desesperador em que a senhora está, mais chances de sucesso terá o apelo.

— Mas essas pessoas que vão assistir não ligam nem um pouco. Elas só vão se divertir às minhas custas.

— Eu não teria tanta certeza disso, Sra. Holmes. Muita gente lá fora está realmente solidária com a senhora.

"E os seus atrativos podem ter algum efeito", pensou com seus botões, "Seu rosto belo e jovem, sua bonita voz, para não falar do corpo e das pernas". Nós vivemos num mundo onde o que importa é ter uma boa aparência, onde é um trunfo poder preservar a juventude. Esses repórteres vão escrever matérias melhores e maiores porque essa mulher era linda e tinha uma voz de atriz shakespeariana. Os fotógrafos vão ser mais cuidadosos e os cinegrafistas mais entusiasmados. Se tudo isso irá trazer Rachel de volta? Isso ninguém poderia dizer.

Às quatro e meia, um automóvel foi enviado para apanhar Rosemary Holmes. Wexford viu com aprovação que, apesar da enorme ansiedade que sentia, Rosemary se vestiu com apuro, trajando um terninho preto e uma blusa rosa e branca. Tinha lavado o cabelo e pintado as unhas de rosa pérola. O repórter que St George mandou se comportava como se fosse a primeira vez que visse uma senhora arrumada. Antes mesmo que se houvesse sentado no seu lugar à mesa, entre Wexford e Burden, as câmeras já a focalizavam de perto.

— Olhe nesta direção, Rosemary!

— Vira só um pouquinho a cabeça, Rosemary!

— Obrigado, ficou ótimo. Só mais uma, Rosemary. Wexford cerrou os dentes. Por que eram incapazes de se dirigir a ela como Sra. Holmes? Será que imaginam que, ao tratarem-na pelo nome de batismo, estão afastando seu nervosismo, deixando-a mais à vontade, tornando-a mais feliz? Era tudo de uma impertinência tão crassa! Ele a escutou fazendo seu apelo com sua voz rica e modulada, os olhos abaixados.

— Se o senhor estiver mantendo minha filha adorada contra a vontade

dela, deixe-a partir, por favor, deixe que ela volte para casa. Tenha piedade de nós, ela é tudo o que eu tenho e eu... Eu sou tudo que ela tem. Por favor! Ela é uma menina adorável, boa e inteligente, que nesses seus poucos anos de vida nunca fez mal a ninguém. Deixe, por favor, que ela volte para mim...

E então Rosemary não conseguiu mais manter a firmeza da voz. Começou a soluçar, a garganta se fechando, as bonitas mãos lhe cobrindo o rosto, os olhos em lágrimas. Wexford a ajudou a se levantar e a levou para fora. Ele pediu chá e a deixou na sua sala, na companhia de Lynn Fancourt. Burden iria finalizar a coletiva, a sua presença não era realmente necessária, mas fez mesmo assim o trajeto de volta descendo a escada, chegando bem a tempo de alguém, não o repórter do Cousier, perguntar com voz estridente se era verdade que Thomas Smith ia ser solto no dia seguinte e se voltaria para sua casa na Oberon Road.

— Nenhuma pergunta que não seja pertinente em relação ao desaparecimento de Rachel 14olmes será respondida, disse Burden secamente. O repórter não deu a menor importância.

— Ele vai sair amanhã?

— Não, disse Burden, e estava dizendo absolutamente a verdade. A data da soltura de Smith não era na quinta, mas na sexta-feira. — A coletiva terminou. Muito obrigado, senhoras e senhores.

Wexford subiu de volta para a sua sala. Como deve ser a sensação de ser um pedófilo? Desejar ter relações sexuais com crianças pequenas? Alguma coisa lhe dizia que só se você conseguir imaginar, da mesma forma que a gente pode se imaginar sendo um sádico ou um necrófilo, realmente se entregando à imaginação, só então poderia entender. A tudo entender e a tudo perdoar deveria ser mudado para imaginar e compreender, deixando de fora a parte do perdoar. Na oração do pai-nosso, a qual fazia quarenta anos que não dizia na igreja ou em qualquer outro lugar, havia um trecho a respeito de perdoar os nossos pecados, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Quem nos tem ofendido, não às outras pessoas. Ele não podia perdoar essas ofensas contra terceiros, e Deus, se é que há um Deus, deveria fazer o mesmo. Os religiosos talvez considerassem isso uma blasfêmia.

Estava na sua sala pensando em ir embora para casa, colocar parte desses

papéis em sua luxuosa pasta de couro, outro presente de Sheila. Será que ela os deixou, a ele e a Dora, alguma vez comprar algo assim? Levar trabalho para casa, a pior das chateações. O telefone tocou, mas nem sequer ousou pensar em não atender. Uma voz que não reconheceu, as telefonistas estavam sempre mudando, disse:

— Tenho uma ligação da Sra. Holmes para o senhor. Em seguida, a voz maravilhosa, que havia escutado não fazia meia hora, num apelo pelo retorno da filha:

— Rachel está em casa! Ela já estava aqui quando voltei. Estou tão feliz ainda não consigo acreditar, mas é verdade, ela está em casa!

* * *

Cinco

ELA ESTAVA atrasada vinte e quatro horas, mas havia retornado. Ele se sentiu estranhamente gratificado por ter tido razão, principalmente porque ela estava sem nenhum arranhão, uma garota linda, alta e magra, com uma pele imaculada e morena, cabelos brilhantes. Era óbvio, contudo, que ela estava longe de estar contente em vê-los, a ele e a Karen Malahyde. Não os queria lá. "Se houvesse dependido dela", pensou Wexford, "a polícia nunca teria sido avisada da sua volta." Ele quase conseguia enxergar dentro da cabeça dela, imaginar seus pensamentos: "Eu vou voltar quietinha para Essex, e só depois de eu ter saído mamãe avisa a eles. Eles não têm nada a ver com isso, isso é problema meu." Ela os recebeu dizendo em alto e bom tom que estava com uma terrível dor de cabeça.

— Você deve procurar um médico, disse Wexford, — É, de qualquer jeito, é isso que você deve fazer. Rachel enrubesceu vivamente.

— Não preciso de médico algum. Só estou com dor de cabeça. Ninguém fez nada comigo.

Estava claro o que isso queria dizer, mas ela resolveu explicar enquanto fitava Karen Malahyde.

— É só porque sou mulher. As pessoas ficam sempre imaginando que uma mulher precisa ter sido estuprada. Pois bem, eu não fui. Saberia se houvesse sido. "Uma observação muito esquisita", pensou Wexford. "Como ela poderia ter sido sem saber? Como alguém não saberia?"

— Você sofreu qualquer tipo de agressão?

— Não. Nenhuma forma de agressão.

O desprezo na voz dela não era imaginação sua. "Ela era uma dessas

garotas espertinhas, educadas para se terem em altíssima estima que, quando ainda são jovens assim, mostram sua autossegurança no desprezo por aqueles que consideram inferiores na escala da inteligência. Oficiais de polícia fazem parte dessa categoria", pensou, disfarçando seu prazer.

— Você foi drogada? Eu estava pensando que seria aconselhável um exame de sangue.

— Eu não sei, disse ela com brusquidão. — Não sei o que me deram, não consigo lembrar. Mas não vou fazer exame de sangue algum. Se o senhor está pensando em AIDS, já disse que não fui violentada. Ele não estava pensando nisso.

— Eu gostaria que você fosse examinada por um médico.

— Pois eu não, e não vou deixar médico nenhum me examinar. Odeio médicos. Nunca deixo eles se aproximarem de mim. Se precisar de alguma coisa no gênero, procuro a medicina alternativa. Acupuntura ou ervas.

— Acho que um chazinho dificilmente poderia ser de alguma valia na presente situação, disse secamente Wexford. Ele havia se lembrado do relacionamento de Rosemary com o médico dela. Seria essa a razão de Rachel detestar a medicina tradicional? Talvez. — Se você está tão determinada assim a não ver um médico, não posso obrigá-la. Agora, talvez você nos possa contar onde esteve.

* * *

Eram corrimões deliciosos para se escorregar escada abaixo, feitos de mogno vermelho escuro, cuja pátina foi adquirindo brilho ao longo de cem anos, ao ser tocado por centenas de mãos, muitas delas enluvadas, e, no começo da existência da escadaria, por dúzias de criadas. Os corrimões desciam do andar de cima até o porão, como um rio contínuo de madeira, contínuo, porém irregular na sua inclinação. Atingiam, no meio dos lances de escada, ângulos de quarenta e cinco graus, se tornando quase verticais ao chegar às curvas, se suavizavam até ficarem quase horizontais nos patamares. Foi no segundo patamar que Sylvia, arfando na subida, se esquivou para evitar o contato com o pé saliente de uma criança de cerca de seis anos que voava escada abaixo, agarrada com as duas mãos no corrimão e guinchando com toda a força dos pulmões. Guinchar, Sylvia pensava com frequência, era um barulho natural que acompanhava a alegria de crianças até os sete anos. O

impulso foi insuficiente para levá-lo através do trecho horizontal do patamar até um outro lance de escadas e, fazendo sinais para Sylvia, ele gritou:

— Dá um empurrão, tia!

Essa era a maneira como as crianças no Hide se dirigiam a ela, Lucy e Griselda, como se elas fossem professoras na escola. Ao decidir que não daria uma bronca, mas com medo de que acontecesse um acidente, ela abriu a mão e deu um empurrãozinho no meio das costas dele.

— Com força, disse ele. — Não para! Sylvia empurrou com um pouquinho mais de força, o garotinho escorregou pela parte plana e atingiu uma nova descida, soltando outro guincho. Antes de subir o último lance de escada, ela o viu chegar à curva, no trecho mais arriscado, e ultrapassar o declive ali quase vertical do corrimão.

Lucy estava na sala da Helpline, com os dois telefones em silêncio.

— Não me diga que vou ficar sozinha, vou?

— Infelizmente, acho que sim, disse Lucy. — Jill está gripada e Davina desistiu. Ela diz que não tem como se dar ao luxo de trabalhar sem remuneração, o que eu entendo.

— O que eu vou fazer, perguntou Sylvia, — Se os dois telefones tocarem ao mesmo tempo?

— Graças a Deus, isso raramente acontece, não é como se estivéssemos no centro de uma grande cidade. Mas se acontecer, você vai ter de deixar um deles esperando. Use seu próprio critério para decidir qual dos dois.

— Quando elas receberem os celulares, nós vamos ter muito mais telefonemas, não vamos? Ainda que isso não seja motivo para nos queixarmos. Lucy riu:

— Não, não vamos, mas entendo o que você quer dizer. Agora, vou deixar você segurando as pontas.

Depois que ela saiu, Sylvia ficou em pé perto da janela olhando para o jardim lá embaixo, e para o seguinte, e assim por diante, todos grandes jardins, cheios de moitas, bem arborizados, separados entre si por muros de pedra ou tijolo, ou ainda cercas vivas de teixo ou cipreste, ou de madeira

cobertas por trepadeiras. Fora o deles, todos os outros jardins verdejantes estavam desertos, sem ninguém, a não ser um homem aparando um gramado distante. Quase não se ouvia o zumbido do cortador de grama, com seu dono se aproveitando da estiagem para realizar a tarefa. No jardim do Hide, dois pirralhos trepavam com dificuldade, vigiados pelas mães, na estrutura de ferro do brinquedo de subir, enquanto crianças maiores ocupavam o balanço. Ela viu o escorregador do corrimão aparecer no jardim trazendo uma bola de futebol vermelha, azul e branca, que jogou no chão antes de chutá-la com força sobre o tronco de uma cerejeira florida, fazendo cair de seus galhos floridos uma cascata de pétalas. A chuva cor-de-rosa que provocou evidentemente lhe deu prazer, visto que mirou um outro chute forte na direção da árvore e, após obter o efeito desejado, soltou um outro de seus famosos guinchos.

Ela se virou para o interior do quarto. Duas das paredes estavam cobertas com recortes de jornais sobre casos de violência doméstica. Letras negras garrafais, enormes fotos nuas, uma mulher acuada com um olho roxo, outra com o lábio aberto, um famoso boxeador negro mostrando seus dentes deslumbrantes, um igualmente famoso jogador de futebol branco fazendo sua conhecida careta. O primeiro havia deixado a namorada numa cadeira de rodas, para sempre paralítica, o segundo tinha matado a mulher num acidente, enquanto a golpeava na cabeça. Na parede acima da mesa, onde ficavam os telefones, estava pendurado um calendário junto com uma grande folha de cartolina que dava detalhes sobre os quatro refúgios para mulheres na região e quanto espaço, quando havia algum, estava disponível em cada um deles. A situação, no momento, era de que não havia mais lugar no Hide de Kingsmarkham, nem no de Myringham, mas a casa menor de Sewingbury tinha um quarto vago e, no mais afastado dos esconderijos, uma antiga pensão perto de Lewes, havia dois. Sylvia, que já tinha lido e relido várias vezes todos os casos, passou a trazer um livro para os momentos de calma nos intervalos entre um telefonema e outro. Após quinze minutos de silêncio, o telefone tocou e fez com que ela pulasse. Ela atendeu:

— Hide. Posso ajudá-la? A voz tímida, educada e gentil de uma mulher, disse:

— Eu não sou uma dessas mulheres que apanham, sabe.

— Tudo bem, disse Sylvia com jovialidade. — Gostaria de me falar do

seu problema? Não se apresse. Tem todo o tempo que quiser. Nós temos tempo de sobra. Tudo o que disser será mantido no mais estrito sigilo. Ela escutou a mulher respirar bem fundo e expelir o ar antes de falar de novo.

— Eu queria saber se a senhora podia me recomendar um psiquiatra. Sylvia ficou um pouco surpresa.

— Esta é a helpline do Hide. Tem certeza de que discou o número certo?

— Claro que tenho, falou a mulher. — Sei quem vocês são e gostaria de que me recomendassem um psiquiatra. Meu marido disse que parava de me bater se eu me tratasse com um bom psiquiatra.

* * *

— Tem uma quantidade grande de partes faltando, que não consigo lembrar, disse Rachel Holmes. — Vocês têm de se contentar com isso. Eu estou tendo uma espécie de amnésia, acho que deve ser o choque.

— Vamos começar pelas partes de que você se lembra, disse secamente Karen Malahyde. Se essa garota ia bancar a bacana e tentar humilhá-la, ela também sabia se fazer durona. — Começando pelo começo, você consegue? Às oito da noite de sábado. Você esperava ser apanhada pela Sra. Strang às oito?

— Vocês já sabem de tudo isso, disse a garota. — Não vão me fazer repetir, não é? Eu cheguei cedo. O namorado de minha mãe estava chegando para apanhá-la e achei melhor deixar o terreno livre. Essa última observação veio acompanhada de um olhar ressentido na direção da mãe. — Não é sempre que venho para casa e achei que o mínimo que ela podia fazer era desistir, pelo menos uma vez, de sair uma noite com ele...

— Mas, Rachel, protestou debilmente Rosemary, — Você também ia sair, você me disse que ia sair.

— É, e daí? Rachel parecia que ia mais longe ainda com seus ressentimentos, mas Karen Malahyde a interrompeu com um gesto e disse com alguma aspereza:

— Vamos voltar aos seus movimentos de sábado à noite, sim?

— Eu saí daqui quando faltavam poucos minutos para as oito. Rachel agora ficou amuada. — Cheguei ao ponto de ônibus em frente ao trecho de calçada as oito em ponto. Tinha um banco lá, e me sentei para esperar. Imagino que isso fosse bastante óbvio para vocês.

Wexford não conseguiu deixar de lembrar que, não fazia mais de uma hora, a Sra. Holmes havia dito que sua filha era "uma menina adorável, boa e inteligente". Até que inteligente ela podia ser.

— Você conhecia o carro da Sra. Strang, o modelo e a cor? Perguntou. A garota soltou um suspiro impaciente, mas, finalmente, começou a ser mais razoável no que dizia.

— Eu sei que deveria ter me informado sobre isso antes. Que deveria ter me informado sobre a aparência da senhora, mas não fiz isso, e fui punida, não fui?

— É isso que queremos saber, disse calmamente Wexford.

— Eu estou contando a vocês. Um carro chegou e parou. Era dirigido por uma mulher de seus cinquenta anos, acho. Talvez até mais, não sei, disse Rachel com a indiferença que se tem aos dezoito em relação à idade de qualquer um com mais de trinta e cinco anos. — Ela abaixou o vidro do carona, e eu me aproximei para dizer olá, ou algo assim, e falei que era a Rachel; aí ela disse: "Entre, Rachel", e entrei. Eu só pensei que ela era a Sra. Strang, tinha certeza disso. Quando me sentei, ela disse: "Sou a Vicky", mas não sabia qual era o nome da Sra. Strang, como poderia?

— O nome da Sra. Strang é Olga.

— Pena que ninguém tenha me dito isso antes. De qualquer forma, disse Rachel com rara elegância, — Vocês também não tinham como saber, não é mesmo? Prosseguindo, eu chamei a senhora de Vicky e nós começamos a conversar, e acho que não prestei muita atenção para onde estávamos indo. Mas se tivesse, não teria adiantado. Eu não conheço esses vilarejos, e nunca estive em Framhurst, assim, não sabia para onde íamos. Estávamos no campo, isso eu sabia, pastagens, bosques, e todo o resto. Era eu quem estava falando com ela, ela queria saber tudo a meu respeito...

— Ela pediu para você falar sobre si mesma?

— Foi, e o senhor pode ter certeza de que eu caí como um patinho. Disse a ela que meus pais eram divorciados, que morava com minha mãe, que ia fazer dezenove anos em junho, e que estava na universidade... Ah, e disse também todo o tipo de coisas sobre meus amigos, do que eu gostava de fazer, meus interesses, e tudo mais. Ela deu uma risada repentina, um riso irritado, caçoando de si mesma. — Vicky era uma boa ouvinte, disse com amargura.

— Para onde ela levou você?

— Não sei. Eu não estava registrando nada, simplesmente confiei que ela estava me levando para a casa dela para pegar Caroline, entende? Ela falou sobre Caroline. Agora entendo que ela obviamente falava de Caroline porque eu havia falado dela primeiro, disse que nos conhecemos no primeiro semestre em Essex, que descobrimos sermos vizinhas no campus, que Caroline estava fazendo estudos sobre a América Latina e eu fazia Antropologia. Ela disse que o espanhol de Caroline era tão bom porque tinham morado na Espanha durante um ano quando ela era criança, eu disse que não sabia disso; é claro que era tudo mentira, tudo inventado, mas vocês podem entender por que confiei nela, não podem?

— O que aconteceu quando vocês chegaram ao local para onde ela estava lhe levando? Rachel suspirou.

— Eu gostaria de poder dizer a vocês onde era e fazer uma descrição da casa, mas não posso. Tenho uma vaga lembrança de ter visto lambris na fachada da casa e um pinheiro na frente, algo parecido com uma árvore de Natal, mas isso é tudo. Eu não prestei atenção, eu não sabia naquela hora que teria de me lembrar. Vicky abriu a porta da frente, nós entramos e ela gritou "Caroline!", como se Caroline estivesse em algum lugar se arrumando, ou coisa parecida. Meu Deus, ela era tão boa atriz que posso jurar ter ouvido Caroline respondendo. Ela olhou para a mãe. — Posso tomar um copo d'água, por favor?

Rosemary Holmes deu um pulo da cadeira, feliz em obedecer a qualquer ordem da filha, agora que ela estava de volta. Karen assistiu, com uma censura cuidadosamente disfarçada, a Sra. Holmes voltar trazendo um copo alto com gelo e uma garrafa de Perrier. Rachel pegou o copo sem uma palavra de agradecimento, despejou o gelo num cinzeiro e encheu o copo d'água.

— Vou prosseguir agora, está bem?

— Como quiser, disse Wexford.

— Vicky me disse para sentar, eu sentei e, ela então me ofereceu uma bebida, que eu aceitei. Esse foi meu grande erro, mas eu não sabia disso.

— Como assim, grande erro? Perguntou Karen.

— Ela pôs alguma coisa na bebida. Deve ter sido...

— Oh, Rachel...! Rosemary Holmes gemeu, soltando um grito de angústia.

— Já disse a você que não fizeram nada comigo! Rachel estava quase

berrando. — Pelo menos o que você está imaginando. Não há por que fazer escândalo. Ela pareceu perceber o efeito que sua raiva estava tendo nos dois policiais, de como a maneira silenciosa deles prestarem atenção poderia estar encobrindo censuras, e abaixou a voz. — Eu pedi uma vodca com tônica, ou soda limonada, ou coisa assim, e ela trouxe, continuou. — Ela não ia beber nada porque ia dirigir e levar Caroline e eu até o Cenoura Roída. Ah, é verdade, eu disse a ela pra onde íamos, ela não lia pensamentos. Minha bebida tinha o sabor normal de uma vodca tônica e de início não provocou nenhum efeito estranho. Já devia fazer uns dez minutos que estava lá, e comecei a me perguntar por que Caroline estava demorando tanto. Nós havíamos combinado de estar no Cenoura Roída às oito e meia e já estávamos atrasadas. Vicky me ofereceu um outro drinque: "Vamos reabastecer seu copo", foi o que ela disse, mas eu recusei, estava começando a me sentir zonza. Foi então que aquele homem entrou na sala. Primeiro pensei que fosse o irmão de Caroline, apesar de ele ser velho demais para isso. Ele devia ter uns trinta anos, era pequeno, magro, com olhos esquisitos.

— O que você quer dizer com esquisito? Karen, por um instante, pensou que Rachel fosse gritar para que fosse olhar no dicionário, tamanho era o desprezo em seu olhar, mas ela só soltou um de seus suspiros de impaciência.

— Estranho, disse ela, — Penetrante, mas ao mesmo tempo estúpido. Ele tinha uma voz bastante aguda e não olhava nos olhos da gente quando falava. Ela bebeu um pouco da água mineral e pousou o copo. — Depois disso não me lembro, não me lembro do que aconteceu até a metade do dia seguinte, até o meio-dia de domingo.

— Oh, Rachel! Exclamou mais uma vez Rosemary.

— Oh, Rachel! Arremedou a filha. — Eu já lhe disse que tenho certeza de que não tocaram em mim. Como diria a vovó: de que não me fizeram mal. Ela olhou para Wexford como se fosse incluí-lo na mesma categoria da avó. — Eu estava deitada numa cama e Vicky, tenho certeza de que foi Vicky e não ele, tinha tirado meu jeans e meu suéter. Eu estava com minha blusa, sutiã e calcinha, e ninguém tinha feito nada comigo. Certo? Ficou claro? Vicky me trouxe uma xícara de chá e me mandou levantar, tomar um banho e me vestir. Ela hesitou. — Foi o que fiz, disse. — Quero dizer, eu discuti, perguntei onde estava e disse pra me levarem já pra casa, mas, quando vi que não tinha jeito nenhum de sair... Ela me trancou no quarto e só me deixaria sair se eu tomasse banho... Obedeci. Acho que pensei que era mais fácil sair

dali se estivesse limpa. Vicky tinha levado meu jeans e me dado em troca uma saia comprida, tipo maria-mijona, era horrível, mas eu não ia ficar perambulando só de calcinha, vesti então a saia e saí, e ele, ela chamava ele de Jerry, estava lá. Ela me mandou fazer o almoço.

— Ela mandou você fazer o almoço, disse Wexford com uma voz neutra. A incredulidade estava estampada em sua cara.

— Era para eu preparar o almoço, limpar a mesa e lavar a louça. Eu disse: "Não seja ridícula" e que estava indo embora para casa, que ela me levasse na hora para casa. Eu sabia que era criminoso levar uma pessoa para longe contra a vontade e mantê-la em cativeiro, e disse isso a eles. Vicky disse "Que pena!", ou coisa parecida. Tentei correr para a porta da frente... Na verdade, corri até a porta, mas estava trancada com três cadeados; tentei então as janelas, mas estavam fechadas e acho que eram de vidro duplo. Não disse a vocês que me senti enjoada de repente, com uma ressaca tomando conta de mim, e uma dor de cabeça terrível, com tremedeiras e arrepios. Por isso, acabei afinal de contas fazendo o que ela mandou. Pedi antes para tomar um Paracetamol, e ela me deu uns comprimidos, que eu vi quando ela tirou da embalagem de Paracetamol, por isso sabia que eles eram legais. Ela riu, o mesmo riso amargo. — Então fui descascar batatas e lavei uma couve-flor... Eu não sou cozinheira, nunca tive de cozinhar na minha vida. Rachel olhou para a mãe censurando-a, da mesma forma que deve ter olhado para ela quando, no passado, essa tentara sugerir que talvez ela quisesse aprender a cozinhar um ovo ou grelhar um bife. — Eles ficaram o tempo todo me olhando, Vicky e Jerry. Resumindo, nós almoçamos, depois eu lavei tudo, e Vicky disse para eu pegar o aspirador e limpar os quartos, mas não o quarto dela, cuja porta estava trancada. Eu perguntei, "Se fizer isso, posso ir para casa?', e Vicky respondeu: "Veremos"; eu então limpei os quartos e quando voltei ela me deu um monte enorme de meias do Jerry pra costurar. "Cerzir", foi o que ela disse, e eu não sabia o que isso queria dizer...

— Rachel, disse Wexford interrompendo-a, porque não conseguia mais se conter, — Você já leu um livro chamado The Franchise Affair, de Josephine Tey? Ela olhou para ele e levantou as sobrancelhas.

— Quê?

— É a história de uma moça que acusa duas mulheres de a terem raptado, obrigando-a a fazer suas tarefas domésticas. A acusação é falsa. Na verdade, ela havia fugido com um homem que ela pegou num hotel. O romance faz parte, às vezes, dos livros escolhidos para o vestibular.

O rubor que se espalhou pelo rosto de Rachel foi um dos mais intensos e brilhantes que ele já vira. Mas ele sabia que não era só culpa e vergonha o que fazia as pessoas enrubescerem.

— Você já o leu? Perguntou gentilmente dessa vez.

— Sim, já li, disse ela.

— E então? Rachel falou com uma voz tão alta que beirava a histeria. — O senhor veio até aqui e queria que eu falasse com o senhor e eu concordei, disse que ia contar tudo, e agora eu... Eu tenho de... O senhor não acredita em mim e está dizendo que tirei isso de um livro!

— Você cerziu as meias dele? Perguntou Karen, mal conseguindo disfarçar o prazer.

— Não, porque não podia! Eu não sei como fazer isso! Em vez disso, acabei tendo de fazer o jantar, além de ter posto meu jeans e minha blusa para lavar na máquina, e esse Jerry ficou me olhando o tempo todo sem dizer uma palavra. Por que não acreditam em mim?

— Continue, disse Wexford. — Não se essa mulher for caçoar de mim.

— Eu não estou caçoando, disse Karen. — Mas até mesmo você deve ter achado ridículo alguém lhe pedir para cerzir meias. Você tentou escapar?

— Eles não tinham telefone e, se tinham, eu não consegui encontrar. Tentei todas as janelas. Pensei em atrair a atenção de alguém, mas não tinha ninguém, era apenas uma estradinha no campo. Os motoristas dos carros que passavam não podiam me ver. Eu me levantei no meio da noite, mas Vicky tinha trancado a porta do meu quarto. Eu poderia ter quebrado os vidros da janela se realmente quisesse, mas tinha grades do lado de fora.

— Era um bangalô?

— Não, aliás, sim, só tinha um andar. Mas era espaçoso, com muitos cômodos. Na segunda-feira, eu estava me sentindo melhor, sem dor de cabeça. Vicky me acordou cedo e mandou que eu descongelasse a geladeira e limpasse o fogão. Depois, era para eu levar o café-da-manhã de Jerry na cama. Essa foi a única vez em que Vicky pôs a mão em mim. Ela me sacudiu para me acordar e me deu um tapa no rosto. Nunca ninguém tinha me esbofeteado. Fiquei sem saber o que fazer, não sei como lutar com as pessoas. Foi um choque, ser agredida assim. Levei o café-da-manhã de Jerry numa bandeja, tinha um prato com granola, uma torrada, mel e uma laranja. Ele estava sentado na cama vestindo um pijama listrado, pegou a bandeja e disse:

“Obrigadinho.” Essa foi a única vez em que ele falou comigo, mas falava com Vicky na minha frente. Parecia que Rachel havia perdido a pose. Ela estava solta agora, pondo tudo para fora. — Passei o dia fazendo tarefas domésticas e cozinhando. Acho que pensava que se fizesse tudo direitinho eles me deixariam ir embora. Eu tinha muito o que comer e Vicky me oferecia drinques a que eu recusava, porque ela podia ter posto alguma droga neles. Mas fiz uma burrice. Na terça, comecei a me sentir mal, estava começando a ter as minhas regras, e pedi um outro comprimido de Paracetamol à Vicky, que ela também tirou da embalagem. Mas ela havia conseguido adulterar as cápsulas colocando a droga por detrás da embalagem, de maneira que o invólucro parecia lacrado. Isso me enganou; eu tomei dois comprimidos que tiveram o mesmo efeito que a primeira vez, só que pior, e não me lembro do que fiz durante o resto do dia. Não me lembro de nada, posso ter arrumado a casa, comido alguma coisa, não sei, mas quando acordei no dia seguinte era meio-dia, eu estava lá, ela olhou insegura para Wexford, — Deitada no meio de uma bagunça, do meu lado tinha um pacote de Tampax, meu jeans e meu suéter. Eu estava me sentindo péssima, mas Vicky me obrigou a lavar meus lençóis. Ela mesma pendurou eles no varal, não me deixava ir lá fora. Então, quando eram quase seis horas, ela disse que eu podia ir para casa. Minha ressaca era tão grande que eu mal conseguia enxergar. Jerry não estava por perto. Vicky abriu a porta da frente e me levou até o carro, o mesmo em que me levou até lá. Eu podia ter saído correndo, mas estava passando muito mal e, além disso, não via nenhuma razão para isso. Eu deixei que ela me trouxesse até aqui e ela me largou no mesmo ponto onde me pegou.

Não foi nem Wexford, nem Karen Malahyde, mas Lynn Fancourt, que parecia ter despertado algo, ou acendido uma centelha de afinidade, quem convenceu Rachel a ser examinada por um médico. Talvez fosse apenas o fato de a idade de Rachel ser mais próxima da dela. Mas não quis o Dr. Devonshire, “Esse não”, disse Rachel, fazendo uma careta como se algo estivesse fedendo. Foi, então, o Dr. Akande quem a examinou e, após mais birra e má-criação, a moça deixou que ele tirasse uma amostra de sangue e lhe examinasse os olhos e a garganta.

— Acho que deram Rohypnol a ela, disse Wexford. — Akande não encontrou nenhum traço da droga, mas ela é, de qualquer forma, virtualmente indetectável, e já deve ter sido expelida de seu sistema. Burden

ergueu as sobrancelhas.

— É essa a droga que chamam de "Boa-noite Cinderela"? Sem cheiro, nem gosto, que é usada nas bebidas para sedar, ela deixa a pessoa no dia seguinte com uma ressaca arrasadora, sem poder se lembrar o que foi que aconteceu com ela.

— Mais ou menos.

— Então não tem erro, basta a gente encontrar quem andou receitando Rohypnol na região.

— Não é bem assim, disse Wexford. — Só agora o Rohypnol passou a ser vendido como medicamento controlado com a receita detida, mas não faz muito tempo qualquer um podia comprar no balcão da farmácia.

Burden, que falava enquanto caminhava com determinação de um lado para o outro na sala, com ar de quem estava meditando durante um passeio, se sentou na beirada da mesa de Wexford.

— Até onde você acredita nessa história da carochinha, nessa coisa sem pé nem cabeça dessa moça? Quero dizer, você não acha que o relato dela não passa de um mistifório?

Wexford estava calado, pensando. De início, não acreditou na história. O paralelo com THE FRANCHISE AFFAIR, um dos seus livros prediletos, havia sido responsável, em parte, pela sua incredulidade, aos poucos, porém, à medida que Rachel prosseguia, ele começou a duvidar da própria incredulidade. Agora estava num estado de meia certeza e meia dúvida. Que uma mulher de meia-idade havia levado Rachel para uma casa em algum lugar no campo, nisso ele podia acreditar. Que ela tenha sido drogada e trancafiada, tudo isso era possível. Mas no tal Jerry silencioso de olhar vidrado e nas exigências de que Rachel cozinhasse e fizesse tarefas domésticas e, ainda por cima, que cerzisse as meias do sujeito, isso só podia ser fruto de uma imaginação delirante.

— De qualquer forma, o que quer dizer mistifório? Falou, fazendo pouco caso.

— Só Deus sabe. É apenas uma expressão, uma figura de discurso, "peta e petas". Você é tão pedante, realmente. Você deveria ter sido um catedrático, mais um entre a nata dos sonhadores.

— Talvez pudesse ser isso também, disse, esperançoso.

— Você tinha falado sobre uma trama de mentiras... Bem, não foi exatamente o que disse, mas posso usar a expressão... Acho que mistifório é algo parecido. Uma espécie de mixórdia, ou coisa assim.

Wexford esperou que Burden parasse de andar e fosse ficar em pé perto da janela, contra a qual o granizo era arremessado numa repentina chuva de pedra.

— Ela descreveu aquelas duas pessoas de forma bastante prudente, disse. — A mulher com seus cinquenta anos, grisalha, de olhos azuis, usando aliança no dedo, obesa... Mas todo mundo, mesmo pessoas de peso normal, é obeso, para essas garotas. Wexford encolheu a barriga, como qualquer um quando está comentando a gordura ou a magreza dos outros. — O sujeito teria cerca de trinta anos, era baixinho, disse ela, com aproximadamente um metro e sessenta, cabelo castanho-escuro e entradas, e olhos vidrados. Ela não abre mão dessas descrições; repetiu-as duas vezes para mim e deu os mesmos detalhes para Lynn. Eu acredito nelas.

Parecendo fascinado pela chuva de pedra que bicava a janela, Burden não virou a cabeça.

— E isso importa? Não houve nenhum dano. Não a machucaram. Provavelmente até foi bom para essa dondoca mimada cozinhar, limpar a casa etc.

— Você sabe que não é bem assim, Mike. Eu não preciso lhe dizer que levar uma pessoa e detê-la contra sua vontade é um delito muito sério. Sem falar em drogar essa pessoa. E isso já aconteceu agora com duas moças. É cárcere privado e é claro que importa.

— Tudo bem. Ponto pra você. Está dizendo que foi essa tal de Vicky que também pegou a Lizzie?

— Você se lembra de ela ter falado de uma mulher que lhe ofereceu carona, mas que ela recusou? Bem, acho que ela aceitou, e que ela também foi levada para essa casa pela mesma razão, seja lá qual fosse.

— A mulher e o sujeito eram mãe e filho, não eram?

— Não sei. Pode ser. Wexford pensou a respeito das relações esquisitas com as quais topou ao longo da carreira, combinações bizarras de tipos

disparatados e associações inesperadas entre idades diferentes. Ele não iria encontrar nenhuma resposta fácil neste caso. — Com o que você está tão admirado aí? Perguntou. — Nunca viu uma chuva de pedra antes, não sabe o que são granizos?

— Vem cá ver uma coisa. Wexford se levantou.

Pela janela e através da cortina d'água escorrendo, ele podia ver duas pessoas que se abrigavam do granizo na entrada de uma loja. Ambas traziam dois cartazes pendurados no peito como se fossem homens-sanduíche, o da mulher era uma prancha de papelão recortada em forma de uma garotinha, o do homem tinha a forma de um menino, as figuras tinham seus rostos, cabelos e roupas pintados bastante realisticamente, e uma delas trazia os dizeres: Salvem nossos filhos; o outro: Fora com o pedófilo. A tempestade cessou tão abruptamente como começou; ambos saíram para a calçada e atravessaram a rua, levantando os braços para parar o trânsito, Ignorando o barulho das buzinas e os gritos dos motoristas, eles chegaram à calçada da Delegacia e ficaram parados olhando para as janelas. Wexford limpou o embaciado da janela provocado pela sua respiração.

— O homem é o Colin Crowne, disse, — Eu não sei o nome da mulher, mas ela também é do Condomínio Muriel Campden, acho que mora na Oberon Road.

— Para onde Smith estará de volta amanhã, disse Burden num tom fatalista. — Que tal irmos até lá e matarmos dois coelhos com uma só cajadada?

— E falar com esses dois primeiro. Mas, no tempo que levaram para chegar à rua, as duas figuras de homens-sanduíche mostrando cartazes de crianças haviam sumido.

* * *

Sem qualquer razão aparente, o Condomínio Muriel Campden foi projetado de forma que nenhuma moradia ficasse diante da outra, para que todas estivessem voltadas para dentro dos três lados do triângulo e para a torre atarracada de apartamentos no centro. Em volta dessa construção, pendendo de cada uma das janelas do segundo andar da torre, o que equivalia à altura das janelas do quarto de dormir das casas, foi dependurada uma faixa

trazendo, em letras vermelhas e negras, os mesmos dizeres pintados nos cartazes do casal de homens-sanduíche. Ela cingia a torre como uma cinta, quase que cercando toda a sua extensão e anunciando para qualquer um que olhasse pela janela ou passasse por ali: Fora com o pedófilo. Fique longe de nossos filhos. Mas não havia sinal do casal de homens-sanduíche.

Nos canteiros murados que cercavam a torre, o granizo havia destruído as tulipas. Listradas de laranja e verde, com as pontas parecendo plumas, elas jaziam quebradas e esmagadas de encontro ao solo claro de cor de giz. Já as árvores da rua, cerejeiras e ameixeiras com suas floradas cor-de-rosa, perderam todas as pétalas de uma só vez devido ao massacre absoluto do granizo. A calçada estava escorregadia por causa delas, adquirindo um brilho da madrepérola sob o sol ardente que surgiu repentinamente. Ao longe, além dessas casas da cor de carvão, dessas paredes e telhados de antracito, os prados verdejantes brilhavam tão intensamente que a vista chegava a doer.

Wexford tocou a campainha do número 16 da Oberon Road. De pé na soleira da porta que ficava um degrau acima do nível da rua, bastava virar a cabeça para receber todo o impacto daquela faixa a vinte metros dali. Era exatamente a visão que tinham os moradores do triângulo, conforme queriam os manifestantes. Ali, entretanto, exatamente naquele ponto, através de um cuidadoso planejamento e um posicionamento estratégico, a palavra "pedófilo" aparecia isolada da maneira mais agressiva.

A mulher que abriu a porta aparentava sessenta anos, mas devia ter provavelmente quarenta. Tinha a aparência de alguém que nunca se cuidou, que nunca ouviu falar de que era possível lixar e limpar as próprias unhas, lavar os cabelos, ir a um dentista, passar a própria roupa e cheirar bem. Seu rosto era oleoso e o cabelo, preso na nuca por um elástico, tinha o mesmo aspecto bolorento de carvão que o exterior da casa onde morava. Ela usava um vestido que deveria ter tido uma vez um cinto, e era, provavelmente, pelo corte e estilo, uma herança da avó dela, além de meias caídas enroladas no tornozelo e chinelos de pano. O cheiro dela, como Burden comentaria mais tarde, era muito parecida com o de uma barraca de hambúrguer que era montada na Rua Queen em dia de feira. E seus dentes... Mas ele disse rapidamente a si mesmo que não queria se lembrar dos dentes dela, que queria apagá-los completamente da memória.

— Sra. Smith? Disse Wexford. — Sra. Suzanne Smith?

— Sou eu mesma. O que que tu qué?

— Inspetor-Chefe Wexford e inspetor Burden, do Departamento de Investigações Criminais de Kingsmarkham. Podemos entrar um minuto? Ela se afastou e, uma vez que entraram, bateu com força a porta.

— Já não chega o que tô tendo de aguentá, perguntou sem especificar para quem, — Com essa gentalha lá fora?

Havia um homem na sala assistindo à televisão. Ele não deu a menor atenção aos recém-chegados; era como se Suzanne Smith houvesse entrado na sala sozinha, ou, no que lhe dizia respeito, absolutamente ninguém havia entrado.

— Está esperando a volta de seu pai para casa na sexta-feira... Amanhã, não é mesmo? Perguntou Wexford.

— Acho que tô, disse ela. — Ele num tem outro lugar pra ir, o velho tarado.

Essa observação provocou uma reação no homem no outro lado da sala. Ele desviou os olhos da televisão, virou a cabeça e olhou fixamente na direção deles. Suzanne Smith fez uma espécie de apresentação.

— Esse aí é o meu noivo. Os dois policiais o ignoraram.

— Nós não estamos prevendo encrenca, disse Burden com uma segurança que não sentia, — Mas vou deixar este número de telefone com você. Ele escreveu num papel e o entregou a ela. — E se for preciso você pode falar comigo, inspetor Burden. B-U-R-D-E-N, deu para entender?

Ela assentiu. Esquecendo qualquer lealdade com o pai, ou talvez Wexford tenha se enganado a respeito do tom dela, Suzanne soltou um som de exasperação e olhou para o teto. O homem do outro lado da sala falou.

— É isso aí, garotona, disse, acrescentando com uma voz tão odienta e perversa que Wexford se deu conta de que ela o deixou arrepiado, — Gente assim tem mais é que ir pra câmara de gás. Ou pra cadeira elétrica.

Do lado de fora, em meio ao ar relativamente limpo, Burden observou que o "noivo" de Suzanne Smith aparentemente não fazia a menor ideia de que a pena capital fora abolida no Reino Unido há mais de trinta anos. Toda a noção que ele tinha sobre a vida vinha da televisão; tinha absorvido tanta cultura norte-americana vinda dessa fonte que acreditava serem tanto a câmara de gás quanto a cadeira elétrica opções inglesas.

— Contanto que ele ou ela não atire o infeliz do Smith à turba, disse Wexford.

— Espero que você esteja brincando, falou seriamente Burden.

— É o que espero também. Não existe nenhuma turba, só tem uma faixa. Precisamos olhar para o lado positivo.

Wexford olhou à sua volta. O sol havia se posto, mas a tarde ainda estava brilhante e o céu azul, com nuvens apressadas correndo através do firmamento. A faixa estalava com a brisa. Em dois gramados, homens que pareciam civilizados e respeitadores da lei aparavam seus gramados.

— Este lugar realmente não tem nada de bonito, disse ele, — Mas é bastante simpático. É aconchegante, rústico, o ar é puro e se não é como vinho é pelo menos igual à melhor das águas minerais. Não existe vandalismo, ou se existe é muito pouco. Se as autoridades municipais plantam árvores, elas não são arrancadas. Não foram mãos humanas, mas o granizo que estragou as tulipas. Bem diferente desses conjuntos habitacionais suburbanos de que a gente ouve falar, não acha? Desses lugares onde os velhos saem temendo pelas suas vidas, ou nem saem, lugares onde as gangues vagam pelas calçadas e os moradores vendem substâncias proibidas.

— É claro. Mas aonde você quer chegar?

— Apenas isso, vamos rezar para que continue assim. E agora vamos visitar a família Crowne, certo?

Era inevitável que a faixa também fosse visível da sala da frente dessa casa. Lizzie Cromwell estava sentada perto da janela, olhando para ela, como se esperasse que a faixa mudasse de formato, caísse ou, a qualquer momento, algum material ainda mais inflamatório fosse acrescentado a ela. Sem se intimidar nem pela atmosfera fumarenta, nem pela cara antipática e a cabeça coberta de rolinhos metálicos aquecidos de Debbie Crowne, Wexford puxou

uma cadeira para o lado de Lizzie e começou a lhe contar o que de fato aconteceu com ela no sábado há duas semanas atrás.

— Depois de você ter esperado vinte minutos pelo ônibus, aceitou a carona de uma senhora num carro branco que a levou para uma casa no campo. Havia um homem lá. O nome dela era Vicky e o dele Jerry. Eles deram a você algo para beber que a deixou com sono e fez com que você esquecesse grande parte do que aconteceu. Estou certo, não estou, Lizzie? Ela se virou para encará-lo. Ele pensou o quão saudável era sua aparência, radiante, seu rosto enrubescendo, os olhos brilhando e mostrando inteligência.

— Eu não posso falar sobre isso.

— Quem disse para você não falar? A mulher que lhe levou com ela? Ou o tal de Jerry? Lizzie não teve nenhuma chance de responder. Debbie Crowne se meteu entre Wexford e a filha dela. Podia-se sentir de repente o cheiro de cabelo esquentado. Ele reparou que ela estava tremendo. — O que está acontecendo, Sra. Crowne?

— Eu vou dizer o que tá acontecendo. Ela tá grávida, isso é o que tá acontecendo. Ele engravidou minha filha.

* * *

Seis

A PRIMEIRA reação de Wexford foi dizer:

— Não há como saber disso tão cedo. Não faz nem quinze dias.

— Por onde o senhor tem andado? Perguntou bruscamente Debbie Crowne. — Na lua? Eu fiz nela um teste, né? Um kit de teste caseiro, pro seu governo, é assim que chamam. Eu fiz um teste e deu que ela está grávida. Se tivesse feito na semana passada, ia mostrar a mesma coisa. Mas o que eu tô querendo saber é o que o senhor vai fazer a respeito disso?

— Ia nos ajudar a poder fazer alguma coisa, disse Burden, — Se Lizzie nos contasse a verdade sobre o que aconteceu com ela.

— Ela tá com medo. Ele violentou ela e ela tá com medo do que ele pode fazer com ela.

A palavra "violentou" fez com que as meninas-dos-olhos de Lizzie faiscassem. Era como se alguma coisa quente ou de brilho muito intenso houvesse sido aproximado de seu rosto. Sua cabeça foi impelida para trás.

— Você dormiu muito enquanto estava lá, Lizzie? Perguntou Wexford. — Eles lhe deram bebidas para fazer você dormir?

— Eu não sei, disse ela. — Não é pra eu dizer. Vou ser castigada se contar. Burden olhou para Colin Crowne que acabara de entrar na sala.

— Você não vai ser castigada, Lizzie. Ninguém vai lhe castigar. Você vai nos contar a respeito deles e da casa onde esteve e onde fica. Eles vão ser apanhados e punidos. Tenho certeza de que você compreende o que estou dizendo, não é? Debbie Crowne gritou de repente:

— Larga do pé dela! Isso não tá certo, ficar pressionando ela no estado dela. Ela pode abortar! "Isso certamente seria a melhor coisa que poderia acontecer", pensou Wexford, para se repreender em seguida pela sua

insensibilidade.

— Ninguém está pressionando a Lizzie, começou a dizer, mas o resto da frase ficou no ar quando Lizzie interveio, fazendo-o esquecer que um dia a considerou como sendo submissa e pouco dada à rebeldia.

— Não, eu não vou, não vou abortar. Vou ter o meu bebê, eu quero o meu bebê. Então vou poder ir embora daqui e ter um apartamento e viver com meu bebê. Eu vou poder ficar longe de você e dele, e ter minha própria casa e ser... Ser feliz! Seu rosto se franziu e ela explodiu numa tempestade de lágrimas.

— Tá vendo o que o senhor fez? Disse Debbie Crowne. — Isso é besteira, é isso que é. Quer ter o bebê! Ela deveria é ter tomado a pílula do dia seguinte. Se ela tivesse tomado a pílula do dia seguinte no dia em que voltou...

— Ela não taria na merda em que tá, disse Colin Crowne.

* * *

— "Mistifório", disse Wexford na manhã seguinte. — Eu olhei no dicionário, não tem nada a ver com mentiras, significa "de foro misto" e vem do latim mixti fori. Significa também "confusão", "mixórdia". Interessante, não acha? Burden jogou o Kingsmarkham Courier em cima da mesa de Wexford.

— Isso apenas confirma o que eu disse a respeito de você ser um pedante. Já viu o jornal? Com um pouco da sensação que é geralmente descrita como um peso no coração, Wexford perguntou:

— Por quê? Tem alguma coisa que eu devia ver? Ele sabia o que provavelmente veria, mas não tinha noção do quão ruim a coisa poderia ser. — Ah, meu Deus, disse, — Fico pensando qual é o sentido de se fazer uma coisa dessas. O que St George tem a lucrar com isso?

— Um salto na circulação do jornal, eu acho. A gente sabe que ele precisa disso.

A manchete dizia:

SMITH LIVRE
O PEDÓFILO DE KINGSMARKHAM VOLTA PARA CASA

Todos os pais com filhos pequenos irão viver em permanente terror deste fim de semana em

diante, sabendo que Thomas Smith, o pedófilo e infanticida condenado, está de volta ao seu meio. Solto após cumprir oito anos de uma pena de quinze, Smith, de setenta e um anos, é esperado hoje de volta para a casa que deixou faz quase uma década na Oberon Road, no Condomínio Muriel Campden, em Kingsmarkham.

— Só faltou ele informar o número da casa para dar todo o serviço, comentou Wexford de forma sombria. — Me pergunto por que não fez isso.

Hoje em dia um homem idoso, se sabe que Smith, entretanto, admitiu que possa continuar a ser uma ameaça às crianças. A sua casa na Oberon Road é atualmente ocupada pela sua filha Suzanne Smith e seu companheiro Garry Wills, e dá de fundos para o único parque público de Kingsmarkham e o playground infantil. Até que seja dada uma ordem judicial banindo Smith de locais frequentados por crianças, como o Parque York, essa área popular para a criançada ficará provavelmente deserta, e isso na estação mais propícia do ano para atividades ao ar livre...

— Não suporto o texto de St George nem as frases do repórter dele, disse Wexford. — Essa palavra "pedófilo", há cinco anos ninguém sabia o que significava... Bem, ninguém, a não ser psiquiatras e estudiosos do grego. Agora está na boca de todo o mundo. Até um imbecil como esse Colin Crowne sabe o que significa.

— Tem também uma matéria de abertura, disse Burden. — Você gostaria de que eu lhe fizesse uma sinopse? Não vai fazer muito bem para a sua saúde se você mesmo o ler. Sua pressão arterial já está aparecendo na sua cara. Wexford suspirou.

— Tudo bem. O que é que ele diz?

— Que os pedófilos, se não optarem pela castração, deveriam ser mantidos a vida inteira confinados, que nunca deveriam ser tolerados numa área em cuja proximidade houvesse uma criança sequer, que deveriam receber sentenças mais severas... Tudo isso, não necessariamente nessa ordem. Ah, e ele... É, a propósito, o próprio St George quem escreve, diz que o Governo não está agindo rápido o bastante, e onde estão as medidas que deveriam ter sido tomadas para fazer o acompanhamento dos pedófilos que forem soltos? Não podia ser pior.

— Não tenho certeza. Ele podia ter defendido a castração compulsória. Wexford empurrou o jornal para o chão, para que ficasse fora de sua vista. — Eu estive pensando a respeito daquela faixa, Mike. A gente não tem nenhum meio de obrigá-los a tirá-la dali, tem?

— Duvido. Teríamos se ela provocasse tumulto, porque aí se tornaria um instrumento contra a ordem pública. Mas a faixa não provocou baderna.

— Ainda não. Smith ainda não voltou para casa, mas voltará hoje. Eu

sonhei com o Condomínio Muriel Campden a noite passada e acordei gritando que havia uma bomba plantada debaixo da torre. Dora achou que eu enlouquecera. Que vamos fazer a respeito de Lizzie Cromwell?

— É um trabalho para Lynn, agora, você não concorda? Põe a Lynn perto dela e vê se ela consegue arrancar o que realmente aconteceu. Rachel Holmes se entendeu bem com ela, então por que não a Lizzie?

— Elas são moças muito diferentes, Mike. Mas é uma boa ideia. Lynn precisa convencer a Sra. Crowne a levá-la ao seu clínico, essa é a nossa prioridade. Logo que ele ou ela confirme a gravidez, vou ficar convencido de que ela está grávida de duas semanas.

A caçada pela casa com lambris na fachada e uma grande árvore de Natal não havia começado ainda, mas Wexford, cujo conhecimento da região e arredores era considerável, tinha pensado a respeito. Ele havia recriado a imagem de vilarejos em sua mente, vendo suas igrejas e o grupo de chalés, as casas maiores, os gramados públicos com monumentos aos mortos nas guerras, e ficou com uma seleção de vários bangalôs, mas nenhum deles ficava isolado numa região de prados abertos. Não era pouco seu esforço para ver mentalmente trechos ampliados de estradas e caminhos, de vales profundos e grandes colinas. Assim, na noite anterior, ele examinou de carro, indo de um lado para o outro, toda a região onde a estrada do contorno teria sido construída.

Confessou a si mesmo que tinha gostado de ter ido lá por pura autossatisfação. Ele sentia um doce prazer, quase físico, ao ver, explodindo em folhagens novas, árvores cuja derrubada havia sido programada para o ano anterior, em ouvir o canto dos pássaros voando para seus abrigos, enquanto dirigia pela estrada estreita através da grande floresta de Framhurst, olhando entre as clareiras silenciosas as pequenas flores de quelidônia e das anêmonas silvestres no solo da floresta. Ele chegou até a se demorar na beirada da estrada, parando o carro por instantes, enquanto refletia que ali, naquele exato local, ele e todo o mundo em Kingsmarkham haviam esperado que por essa época já estivesse concluída uma enorme autoestrada rasgando o vale devastado. Fazia-lhe bem, pensava de vez em quando, sentar e olhar e usufruir; isso lhe trazia uma serena satisfação. Sentiu-se revivido quando ligou o carro, partindo na direção de Framhurst, Savesbury e Myfleet.

Durante todo o caminho pelas estradas, algumas verdadeiras estradinhas com as beiradas elevadas pontilhadas de prímulas e primaveras, ele buscava por uma casa que se encaixasse na descrição de Rachel. Mas ainda que uma fachada com lambris seja um aspecto de muitas moradias de Sussex, havia poucas na região, e menos bangalôs. Depois de dirigir por uma hora, indo até Myringham numa direção e Stringfield na outra, só encontrou duas casas assim e, delas, uma estava no centro de um vilarejo e, de qualquer forma, tinha dois andares. A outra, à beira de uma depressão, não tinha nenhuma árvore perto, a não ser a cerca viva de cipreste Leyland. Isso fora na tarde anterior. Nessa manhã ele decidiu, sempre supondo que ela havia mantido sua promessa de não voltar ainda para a Universidade de Essex, levar Rachel para fazer um reconhecimento com ele e Karen Malahyde, indo para a região ao sul da cidade.

* * *

Não fazia mais de dez minutos que Sylvia havia chegado ao Hide quando a campainha tocou. Não era um dos seus dias de estar de serviço e não era um dos seus horários. Na verdade, era o dia em que tinha direito a uma folga do trabalho e estava em casa, planejando passar a manhã no jardim e a tarde no cinema, quando Lucy Angeletti ligou dizendo que Jill Lewis ainda estava resfriada, que ela, Lucy, tinha uma reunião marcada com o Departamento de Habitação de Myringham, e perguntando se ela não poderia ser um anjo e ir até lá. Seria só por algumas horas, até Griselda substituí-la às três horas. Então, é claro que ela concordou e telefonou à mãe para pedir que pegasse os meninos na escola, caso ela se atrasasse, e havia chegado ao Hide antes das onze horas.

No tempo em que ela mesma era uma criança, quando tinha dez anos, ninguém pensaria duas vezes antes de deixá-la voltar para casa sozinha da escola. Ninguém acharia que fosse arriscado ela levar para casa a irmã caçula. Mas hoje em dia todo mundo estava apavorado em perder de vista os filhos, por cinco minutos que fossem. E ficariam ainda mais apavorados após lerem o Courier, como ela havia feito de manhã, levando o jornal e uma xícara de chá com ela de volta para a cama. Era de presumir que havia pedófilos quando ela era criança, tantos quanto hoje, a natureza humana não muda, mas raramente se ouvia falar a respeito deles, enquanto hoje parecia existir

um deles espreitando atrás de cada moita e em cada esquina.

Ela estava pendurando a capa de chuva no vestíbulo e não havia ninguém mais por ali, fora dois garotinhos de três anos sentados na escada; era óbvio que cabia a ela abrir a porta. Mas no momento em que segurou a maçaneta, se lembrou das instruções que recebeu durante o breve treinamento que teve para esse trabalho. “Seja cautelosa ao abrir a porta, olhe primeiro pelo olhomágico, ponha a corrente na porta.”. Poderia ser um marido ou companheiro violento procurando pela mulher agredida por ele e que conseguiu escapar. Sylvia então tirou a mão da maçaneta, pôs a corrente, levantou o pequeno protetor circular em cima do olho mágico e espiou. Uma mulher bastante idosa de aspecto ansioso foi o que viu. Ela soltou a corrente e abriu a porta. A mulher trazia um maço de papéis presos numa prancheta. Falou como se houvesse aprendido de cor e com muito esforço as palavras.

— A senhora assinaria o abaixo-assinado da Associação de Moradores de Kingsbrook? É um protesto contra um abrigo onde estão planejando construir um playground.

— A senhora está falando do Hide? Disse Sylvia.

— Sim, é assim que chamam o lugar. Nós temos alguns textos a respeito se a senhora quiser ler antes de assinar. Neles a questão é explicada a fundo e por que a Associação de Moradores é tão veementemente contra.

Sylvia teve dificuldade em sufocar sua gargalhada. Ela pôs uma das mãos na boca, respirou fundo, e disse num tom cortês:

— Aqui é o Hide.

— Isto aqui? Esta casa? A mulher ficou apavorada. Ela se recompôs, como as pessoas fazem geralmente, partindo para um ataque despropositado, que ela não havia decorado de antemão. — Como é que eu podia saber disso? Não tem nenhuma placa, nenhum número. Deveria ser proibido por lei uma casa sem número.

— Está bem, eu vou dizer isso à polícia, disse Sylvia e, ao fechar a porta, explodiu numa gargalhada. Ela iria contar à polícia, contaria ao pai se o visse de noite. Ele iria achar isso engraçado. Ela subiu as escadas.

Uma mulher negra trazendo duas criancinhas a reboque saiu de um dos

quartos quando ela passava pelo vão do primeiro andar. Negros eram raros em Kingsmarkham e arredores, mesmo que de um ano para cá seu número tivesse aumentado, e Sylvia imaginou de onde ela veio e qual seria a sua história. Era alta e altiva, a cabeleira trançada estava armada num penteado no alto da cabeça. Sylvia disse olá e que estava chovendo de novo, antes de seguir para o último andar. Lucy Angeletti estava lá e falava ao telefone. Não parecia que estivesse respondendo a uma chamada de socorro. Ela a ouviu dizer:

— Está bem, obrigada. Se alguém aparecer hoje de manhã, eu mostrarei a ele ou a ela a carta que recebi. Até logo. Sylvia franziu a sobrancelha. — Uma ameaça de morte, disse Lucy. — Anônima, é claro. "Você está com minha mulher. Se ela não voltar eu vou lhe matar, sua cadela.".

— Era com a polícia que você estava falando? Eles vão mandar alguém para cá?

— Não será o seu pai, disse Lucy, rindo. — O posto dele é muito alto. Mas é bom que eles sejam informados. Vou deixar você encarregada, está bem? Nós estamos esperando a qualquer momento a chegada de uma nova mulher. Ela ficou a noite inteira na delegacia de Pomfret com um bebê e uma criança de dois anos. Ela vai ficar com o nosso último quarto disponível e, depois disso, não sei mais o que faremos. E agora preciso ir a Myringham.

Sylvia assistiu pela janela à chegada da mulher. Ela veio de táxi, cuja despesa Sylvia sabia que era paga por um cupom fornecido pelo Departamento de Assistência Social. O bebê era minúsculo, aconchegado como um passarinho no ninho dentro do cueiro preso na alça que a mãe trazia pendurado no seu peito magro. O pirralho estava chorando, esfregando os punhos nos olhos. Lucy saiu pela porta da frente, desceu os degraus e pegou a valise que a mulher havia trazido no assento traseiro do táxi. O motorista não mexeu um dedo para ajudá-la. O cupom, pensou Sylvia, provavelmente não cobria a gorjeta. Ela olhou o táxi dar marcha a ré pela entrada com canteiros de moitas verdes e voltou para a mesa quando o telefone começou a tocar.

— Hide, em que posso ajudá-la? Silêncio. Em geral era o silêncio ou uma sequência apressada de palavras.

A maioria das mulheres ficava constrangida ao telefone. Eram inocentes, mas ficavam envergonhadas. Afinal de contas, estavam se queixando com estranhos sobre o homem que escolheram para ser o companheiro de toda a vida. Muitas vezes começavam se desculpando por elas mesmas ou pelo homem que as espancara. Enquanto durava o silêncio, ela lembrou da mulher com quem havia falado uma noite daquelas, aquela que tinha sido maltratada pelo marido porque ele a chamara de louca e só iria parar quando ela encontrasse uma cura para a sua loucura. Eles não ouviram mais falar dela depois do telefonema de desabafo, e Sylvia ficou sem saber se ela seguiu seu conselho de procurar a polícia. Ela repetiu:

— Aqui é o Hide. Como posso ajudá-la? Uma voz perguntou abruptamente:

— É da parte da Federação Inglesa de Proteção à Mulher?

— Não, esta é a linha de ajuda do Hide. Nós podemos lhe oferecer o mesmo tipo de serviço da Federação de Proteção à Mulher. Como posso ajudá-la?

— O que vocês podem... O que vocês podem fazer por mim? Sylvia falou com muita doçura.

— Você não gostaria de me dizer qual é o problema? Alguém a agrediu? Você está machucada?

— Foi ontem à noite, antes dele sair para o trabalho. Ele está no trabalho agora, e vai voltar lá pelas onze, talvez antes. Pensei que tivesse quebrado meu braço, mas não quebrou. Não está quebrado se a gente consegue mexer, não é? Estou coberta de hematomas e meu rosto está uma beleza.

Sylvia olhou para o relógio. Eram quase dez e meia. Ela não perguntou por que a mulher não ligou antes, por que esperou tanto. Imaginou o quanto custara a ela simplesmente telefonar, o sacrifício de seu orgulho e privacidade, o revelar para uma estranha o pesadelo que seu casamento se tornou.

— A melhor coisa que você tem a fazer é procurar a delegacia mais próxima. Você está em Kingsmarkham? A mulher não gostaria de dar seu endereço. Sylvia percebeu isso, mas ela ouviu um murmúrio relutante dizendo que sim. — Você poderia me dar seu nome?

— Eu preferia não.

— Está bem. Isso não tem problema. Não importa. Vá para a delegacia de Kingsmarkham. Sabe onde fica? Fica na Rua High, no começo da Pomfret Road, em frente a Tabard Road. Eu vou ligar para lá e avisá-los para ficarem atentos à sua chegada. Você vai fazer isso?

— Ah, eu não sei...

— Eu vou telefonar para lá assim que nos despedirmos. Vou dizer que você estará lá em meia hora.

— Até logo, disse a voz de repente. — Obrigada, até logo. A ligação caiu e o som de discagem surgiu.

Sylvia não tinha meios de saber se a mulher que telefonou iria seguir seu conselho. Ligou, mesmo assim, para a delegacia de Kingsmarkham e falou com o sargento Camb, a quem conhecia desde que tinha treze anos de idade, e lhe disse para ficar atento à chegada de uma mulher com o rosto bastante machucado, cujo nome desconhecia. O telefone tocou imediatamente logo após ter desligado. Dessa vez era um homem.

— Filha-da-puta escrota! Disse a voz. — Vaca lésbica frígida! Sabe o que vou fazer com você? Eu vou...

Sylvia segurou o telefone com o braço esticado para longe do rosto. Percebeu que a mão tremia, todo o braço tremia. Lucy tinha rido na última vez que contou o que tinha ocorrido e disse que sabia tudo a respeito de tremores e tremedeiras, isso já acontecera com ela, mas um dia acabava. Ela se habituaria com esses telefonemas e iria eventualmente tirá-los de letra. Palavrões engoliam o fone saindo em sequência como metralha. Sylvia desligou e respirou fundo. Teria sido o marido da mulher que não se quis identificar? Ela torceu desesperadamente para que não fosse. Essa era a pior parte desse trabalho. Na metade das vezes, mais da metade, você ficava sem saber o desenlace, não havia como adivinhar a fase seguinte na vida perigosa de quem havia ligado. Durante a meia hora, ou os quarenta e cinco minutos seguintes, não houve nenhuma ligação. Então o telefone tocou. Talvez pelo fato de o silêncio ter se prolongado por tanto tempo, a campainha pareceu mais alta e insistente. Uma campainha estridente, seguida de uma voz suave e educada.

— Meu nome é Anne. Prefiro não lhe dizer meu sobrenome.

— Está bem assim, disse Sylvia. — Você gostaria de me contar o seu problema? Houve uma hesitação, seguida de um tom de surpresa:

— Mas com certeza é sempre o mesmo problema, não é?

— Em geral, talvez seja. Os detalhes variam. Normalmente é uma mulher que foi agredida, mas nem sempre. A agressão pode não ser física, pode ser psicológica. A risada que a mulher soltou foi fantasmagórica, fria e distante, o riso menos verdadeiro que Sylvia jamais escutou.

— Ah, posso lhe garantir que meus machucados não têm nada de psicológicos.

— Eu gostaria de ajudá-la, disse Sylvia. Ela se aventurou a chamá-la pelo pseudônimo. — Eu realmente gostaria de ajudá-la, Anne. Por que você não me conta seu problema?

— Eu preciso me encontrar com você, preciso ficar face a face com alguém, é uma longa história, levaria dias, semanas, para contar.

Ela parou e seguiu-se um silêncio. Sylvia escutava o silêncio, percebendo os leves sons do arquejar. Foi então que houve um grito desesperado e comovente de socorro:

— O que é que eu faço?

— Você está em Kingsmarkham?

— Estou.

— Tem mais alguém com você em casa?

— Ele está no jardim e o bebê está com ele. Eu posso vê-los pela janela. Ah, meu Deus! Ele está entrando, tenho de desligar, eu não devia ter ligado para vocês, ele vai querer saber com quem eu estava falando... O que é que eu digo?

— Ligue mais tarde quando estiver sozinha, Sylvia falou com a voz mais calma que conseguiu. — Vamos nos despedir por enquanto.

Não houve resposta. A ligação foi interrompida: Sylvia ficou sentada curvada sobre a mesa, cobrindo o rosto com as mãos. Essa ligação a emocionou. Até agora fora a pior delas. Havia alguma coisa de terrível em especial nela pelo fato de ser uma mulher de classe média, sim, Sylvia tinha de admiti-lo, uma mulher educada provavelmente com carinho e vivendo neste país, nesta cidade, que era capaz de falar com uma voz cuja inflexão revelava aprisionamento e tortura. Ela imaginou o homem entrando na sala,

arrancando o telefone das mãos dela, agredindo-a com a outra mão, e estremeceu. “A gente precisa de uma bebida neste emprego”, às vezes pensava, mas isso era impossível, ela sabia onde isso iria terminar, bebendo ao meio-dia. Disse a si mesma que havia outras em quem pensar além de “Anne”, e se obrigou a telefonar de novo para a delegacia de Kingsmarkham, mas ninguém com rosto machucado tinha aparecido por lá.

* * *

— Descreva de novo a casa para mim, disse Wexford. Eles estavam no carro de Karen Malahyde. Karen estava dirigindo, com Rachel sentada no lugar do carona e Wexford no banco de trás.

— Eu já contei ao senhor. Uma coisa podia-se dizer a respeito de Rachel: ela não tinha medo da polícia. — Ela ficava totalmente isolada, cercada por pastos e bosques, não havia nenhuma outra casa, a fachada da frente era toda coberta de lambris... Bem, quase toda, a parte de cima pelo menos, o resto eram tijolos vermelhos... E tinha uma grande árvore no jardim da frente, acho que era um pinheiro, talvez um pinheiro escocês.

— Você disse antes que era uma árvore de Natal.

— Ela é um pinheiro, não é? Eu não sei o que é, mas sei o que vi. Andei pensando nisso, fechando os olhos e tentando formar uma imagem, e tudo que consigo ver é um tipo de árvore parecida com uma árvore de Natal.

O que ela queria dizer é que a árvore era uma conífera, mas Wexford não a corrigiu. Ele sabia como era fácil ela ficar irritada e fechada em copas. Se ao menos soubesse como animá-la e deixa-la falante!

— Ora vamos, Rachel, disse ele, — Enquanto você era mantida aprisionada, já devia saber que uma vez solta, a polícia iria lhe fazer perguntas. Pensou a respeito disso?

— Às vezes pensava que nunca seria solta.

— Tudo bem, mas você deixou claro que a sua provação não a deixou muito assustada. Enquanto você estava com Vicky e Jerry, imaginou sem dúvida que quando chegasse a hora, a polícia iria querer que você recordasse o máximo que pudesse sobre o entorno. Será que você, por acaso, não registrou o que podia ver das janelas? Rachel fungou. Tinha o hábito pouco atraente de fungar quando outras pessoas normalmente encolhiam os

ombros.

— Eles me deram aquele negócio pra beber, o senhor sabe o quê, o senhor me disse o que era. Isso bagunçou com minha memória. Mesmo assim, tudo o que dava para ver eram pastos. Era só o que tinha: pastos, quilômetros e quilômetros de pastos.

Eles se dirigiram para o sul vindo de Stowerton, na direção de Flagford. Havia poucos trechos dessa estrada livres de construções, mas todos eram grandes vazios entre uma propriedade e a do vizinho mais próximo, o que significava uma distância de talvez duzentos e cinquenta metros. E a arquitetura era variada, indo desde casas de fazenda até chalés, até cottages, celeiros reformados para moradia, casas de campo modernas e, até mesmo, nos arredores de Flagford, uns dois blocos de apartamentos, levemente disfarçados de mansões, mas poucos bangalôs. Rachel amarrou a cara, e Wexford imaginou que fosse porque ou estavam passando pela casa do doutor Devonshire, ou pelo centro médico onde ele clinicava.

A cidadezinha em si não valia a pena uma parada, visto que Rachel estava convicta de que o local para onde foi levada era cercado de prados abertos. Karen seguiu por estradinhas vicinais, vias estreitas, através de bosques, passando por vilarejos. As áreas contínuas de colinas onduladas com alguns morros mais altos eram habitadas exclusivamente por carneiros. Nenhuma casa estava à vista. Rachel, enquanto isso, insistia que não estivera em nenhum lugar perto dali, nada que fosse semelhante ao relevo da região.

— Eu disse pastos, afirmou, — Pastos e bosques; e não uma área de relevo acidentado.

— Vai ser difícil, disse secamente Karen, — Encontrar algum lugar nesta região que não seja acidentado. Ela não gostava de Rachel, Wexford tinha percebido, e não escondia sua antipatia. Nesse caso, era uma atitude de todo contraprodutiva.

— Siga em frente, disse ele. — Continue dirigindo para o norte na direção da proeminência dos Downs.

Ao sudoeste de Pomfret, encontraram uma casa que se encaixava perfeitamente na descrição de Rachel, ou pelo menos assim pensou Wexford. Tratava-se do que era conhecido como um bangalô estilo chalé, com o andar

de cima consistindo de apenas um quarto no sótão diretamente abaixo do telhado, e ficava num local deserto, isolada numa encruzilhada, sendo que as estradas que se cruzavam eram meros caminhos estreitos. O andar de cima estava coberto de lambris que terminavam em concheados, enquanto que o térreo era de tijolos de um vermelho rosado. As janelas eram de caixilhos e a porta da frente, um anacronismo de vidro e chumbo. No jardim da frente, quase todo ele de grama e cascalho para a entrada de carros, se erguia uma árvore alta e bonita, seu aspecto se assemelhava ao de um choupo da Lombardia que obviamente havia perdido suas folhas, pois estava florescendo, com seu elegante esqueleto coberto por traços delicados de uma penugem de viçosos brotos verde-claros. Wexford pensou que poderia ser um cipreste do pântano, originário dos bayous da Luisiana, e o disse.

— Eu falei que era um pinheiro, afirmou Rachel. — Um pinheiro ou um abeto. Vamos concordar que é uma conífera? Então por que essa não tem... Como é que se chama?... Agulhas, é isso... Por que essa não tem agulhas? Wexford não iria cair nessa.

— A casa poderia ser essa?

— Não, disse Rachel, — Não é nem um pouco parecida com ela.

— Ela responde à sua descrição, disse Karen.

— A porta da frente é diferente. Sei que não falei nada a respeito da porta da frente, mas estou me lembrando agora, e essa é diferente. A árvore não é essa, e também a porta e os lambris no telhado são de outra cor. Nem, disse Rachel triunfante, — Ficava numa encruzilhada.

Eles a levaram para casa. O alívio dela era evidente. Domingo, estaria de volta à Universidade de Essex em Colchester, deixando para trás sua experiência com Vicky e Jerry na casa do pinheiro. Se é que a casa que descreveu alguma vez existiu, como foi o comentário de Karen no caminho de volta para Kingsmarkham. Se é que havia uma casa. Ela era mais esperta do que Lizzie Cromwell em contar histórias, mas não muito.

— Mas o que aconteceu, então, com essas duas garotas para deixá-las tão ansiosas em esconder de nós? Perguntou Wexford.

— No caso de Lizzie, aparentemente, estupro.

— Eu não acredito nisso.

O olhar de Karen trazia um certo desapontamento, como se o houvesse considerado como um homem capaz de levar a sério o estupro e, agora, tivesse motivos para mudar seu conceito.

— Ela está grávida, senhor. — Até onde se sabe. Além do quê, se estiver, existem outras maneiras de se engravidar. Wexford a olhou com firmeza.

— Na próxima vez, sargento Malahyde, espero que a senhora torne menos óbvia sua antipatia pela garota, está bem? Não há lugar numa investigação policial para o que a senhora, sem dúvida, chamaria de envolvimento emocional.

* * *

Nos últimos dois anos, nenhum médico ou médica clinicando naquela região receitara Rohypnol para qualquer paciente. Se algum o fez, seria quase impossível conseguir que ele ou ela dissesse seu nome. Farmacêuticos em Kingsmarkham, Stowerton e Pomfret disseram que estocaram a droga, mas que não a tinham mais. Nenhum tinha registros de tê-la comprado, mas quatro deles não registravam esse tipo de venda.

Enquanto Rachel Holmes esteve sendo levada pelo campo, ajudando, ou obstruindo, a investigação policial, a médica que atendia a família Crowne confirmou a gravidez de Lizzie. Isto é, Debbie Crowne e a filha disseram que ela a havia confirmado. A médica se recusou a dar qualquer informação a respeito de sua paciente à Wexford. Lizzie teve uma série de longas conversas com Lynn Fancourt, a quem ela estava ficando ligada.

— Eu quero ser polícia quando crescer, disse, uma afirmação que Lynn achou tão patética que quase ficou com os olhos cheios d'água.

— Uma policial, Lizzie, falou com doçura.

— Uma policial, é isso que tô querendo dizer.

— E eu acho que você já está crescida, não está? A gente não pode ter bebês se não for adulta.

— Se isso fosse verdade...

— Se eu ganhar um apartamento pra morar, mamãe pode ir lá cuidar do meu bebê enquanto eu treino pra ser uma polícia, quer dizer, uma

policial. Não quero que ele chegue próximo de meu bebê, mas com mamãe tá tudo bem.

Lynn contou a Wexford que Lizzie parecia antipatizar profundamente com Colin Crowne. Ela suspeitava de abuso sexual. A gravidez de Lizzie já estava ficando aparente, o que era um absurdo se a concepção ocorrera há apenas duas semanas. Mas quando ela perguntou a respeito de Colin Crowne e, encorajada pelo óbvio desejo da garota de listar todos os defeitos de Colin, todas as "coisas feias" que fez ou disse, sugeriu que podiam ter ocorrido relações sexuais entre os dois, a gargalhada de Lizzie foi tão inacreditável e ela parecia tão evidentemente surpresa com a ideia que Lynn quase desistiu dessa possibilidade. Mas talvez sua sugestão tenha sido por demais oblíqua. Lynn então se exprimiu mais livremente.

— Ele ia levar um murro tão forte que nunca ia se esquecer se chegasse perto de mim, respondeu Lizzie, com uma agressividade de que Lynn não a imaginava capaz.

Mais do que as firmes negativas dela, foram suas renovadas risadas que convenceram Lynn. A ideia não afligia nem um pouco a moça. Por outro lado, o relato da história de Rachel parecia deixá-la aflita. Ela não queria ouvi-lo. Tinha abandonado sua invenção de haver passado três dias e três noites na casa arruinada, dizendo agora que nunca esteve lá, que foi um "sonho". Também não foi levada para qualquer outro tipo de casa, ninguém a levou para lugar algum, ela havia vagado pelo campo, dormindo em celeiros e debaixo de sebes. Havia feito isso para ficar longe dele. Era para ficar longe de Colin, que a chamara de retardada. Ele estava sempre no pé dela porque ela não era inteligente.

— Você gostou do Jerry, Lizzie? Perguntou Lynn. Ela soltou um pequeno suspiro de alívio quando Lizzie, distraída pela sua aversão a Colin, deixou escapar:

— Eu não sei de nenhum Jerry, mas da Vicky eu gostei. Foi a única deixa, mas não era grande coisa.

* * *

Sete

JÁ HAVIA escurecido quando Thomas Smith, sempre chamado de Tommy, voltou para casa na Oberon Road. Ele veio a pé da estação e, como todos que se haviam interessado pela sua volta estavam certos de que chegaria num táxi, num carro de polícia, ou até mesmo numa perua da penitenciária, sua chegada passou despercebida. Foi o último trem que o trouxe até Kingsmarkham, e passava das onze e meia quando tocou a campainha da casa onde moraria. Ele, sem dúvida, antes tinha a chave, mas durante os oito anos em que passou na prisão essa chave fora extraviada. A casa estava às escuras, como se ninguém morasse ali. Foi sua filha Suzanne quem abriu a porta. Ele entrou sem dizer palavra e ela fechou a porta atrás dele.

— Você envelheceu, foi o que disse quando ela acendeu a luz.

— Olha quem está falando! Seis anos haviam se passado desde a última vez em que ela o visitara.

Ela não gostava dos olhares que recebia quando ia lá. Todos sabiam por que ele fora preso e o faziam pagar por isso. Mas por que descontar nela? Não era culpa dela. Ela o viu andar pela sala e olhar pela janela. Ele sabia que havia alguma coisa pendurada nas janelas da torre, mas não se demorou na rua para ver o que era iluminado pela luz de um único poste solitário, além das poucas luzes dos apartamentos da torre. O poste da rua ainda estava aceso, mas seria apagado em vinte minutos. Ele leu impassível os dizeres da faixa. Sobraram-lhe pouquíssimos sentimentos e nada lhe provocava reação; a única coisa que importava para ele era se manter vivo; não sabia, porém, por que queria viver. Um capelão lhe dissera uma vez na prisão que sua alma corria perigo, mas Tommy dera de ombros. Ele se virou para a filha e perguntou:

— O que é aquela coisa?

Ela não respondeu. Ele conseguiu ler a palavra "pedófilo", mas não deu sinais de se sentir atingido. Virou as costas para a janela e disse:

— Aquele sujeito continua por aqui?

— Ele é meu noivo, disse ela. Tommy Smith deu uma risada. A risada dele era do tipo que soava como se saísse de um instrumento e por intermédio de um mecanismo há muito fora de uso. Era como se ele estivesse falando um linguajar que aprendera no colo de sua mãe, mas que fazia anos que fora substituído por um idioma diferente e áspero. Na casa silenciosa e quase toda às escuras, sua voz fez um pequeno eco. — Eu aprontei sua cama, disse ela, acrescentando, lá nos fundos.

— Você pegou o meu quarto, não pegou? Você e o seu noivo? Disse a última palavra carregando-a de desprezo. — Eu não quero comer nem beber nada, disse, como se ela houvesse perguntado.

Pegou a mala que havia deixado no corredor da entrada e subiu as escadas sem acender nenhuma outra luz para iluminar seu caminho. A filha ficou esperando no sopé da escada até que ele desaparecesse. Ela abriu a porta da frente e olhou para o silêncio do lado de fora, a rua vazia, o casario enfileirado, a torre e a faixa, que balançava um pouco com o vento. Quando, ao chegar a meia-noite, a iluminação pública foi apagada, ela fechou a porta, passou a tranca e colocou a corrente. Em seguida, foi se deitar.

* * *

Na construção antiga, ainda não totalmente reformada, bela e desproporcionalmente grande que fora uma reitoria, onde vivia com o marido e os filhos, Sylvia estava deitada acordada se preocupando com o Hide. A mulher que havia chegado naquela manhã, que já era a manhã de ontem, havia pegado para ela e os filhos o último quarto disponível. O que fariam com a próxima pessoa em busca de abrigo? Algumas horas apenas após a chegada da mulher, uma outra havia ligado e perguntado, muito esperançosa e inocente:

— Eu posso ir ficar com vocês? Posso levar meu bebê? Acrescentando em seguida, quando Sylvia pediu que desse mais detalhes sobre seus problemas: — Vocês vão me dar um apartamento pra mim e pro meu bebê?

Algumas tinham expectativas assim, muito otimistas, outras quase nenhuma. Algumas só queriam um ouvido que as escutasse, outro ser humano em quem pudessem confiar, enquanto tinha sempre uma que achava que, uma vez dado esse primeiro passo, esse passo incomensurável, enorme, quase impossível, tudo o mais se resolveria: acomodações seguras seriam encontradas para ela, sendo o homem responsável pelas vicissitudes, castigado, ameaçado e levado a se comportar como ela esperava que o fosse quando primeiro juntaram as trouxinhas.

E o que acontecia com aquelas que ligavam para lá, mas nunca procuravam a polícia ou a assistência social? Aquela com o rosto espancado, por exemplo? E aquela mulher chamada Anne que riu com aquele riso amargo quando Sylvia mencionou abusos mentais, cuja voz expressou tamanho terror quando viu o marido indo para casa, vindo do jardim? Qual foi seu destino após ter sido confrontada por ele, que talvez tenha notado com quem ela estava ao telefone? Foi de novo agredida por ele? De novo machucada por ele? E o bebê que ela havia mencionado? Onde se encaixaria nisso tudo? Isso afligia Sylvia, a mantinha acordada durante a noite, deitada ao lado do homem bom, gentil e entediante que há muito cessara de amar. "Ele era tão capaz de levantar a mão para ela", pensou, como seria capaz de se transformar no amante excitante, interessante e encantador que esperava que ele fosse quando se casaram. Um bocado desses esposos e companheiros, noivos e namorados, eram homens charmosos, corteses, encantadores e cheios de consideração com todas as mulheres, exceto com aquelas com quem viviam. Sylvia se perguntava por que era assim. Ela perguntou ao pai o que ele pensava sobre isso quando passou por lá para pegar Robin e Ben.

— Eles fazem isso talvez para poderem esconder melhor o que são, foi o que respondeu. — Só que você pode achar isso tão absurdo psicologicamente falando, que eu fico com receio de dizer.

— É, não pode ser por isso, ela respondeu, rejeitando a ideia. — Isso é tão ridículo! Para se arrepender em seguida, desejando que tivesse sido gentil com o pai, como muitas vezes o fazia.

Ele fazia esforços consideráveis para se comportar como se a amasse tanto quanto amava a irmã dela. Ela percebia o esforço, mas ter consciência deles não a deixava mais terna em relação a ele. Ela achava que ele não deveria preferir a Sheila. Por que será que preferia? Ela amava igualmente seus dois filhos, não fazia nenhuma diferença entre eles, isso porque honestamente não tinha favorito. Ele continuou a conversar com ela como se ela não o houvesse agredido.

— Nós temos uma reunião marcada para a próxima quarta-feira. Vão estar nela o superintendente de polícia assistente interino, eu, duas pessoas do Esquadrão Distrital Criminal e uma mulher chamada Griselda Cooper do Hide. É para discutirmos os métodos de distribuição de celulares para mulheres necessitadas. "Ele está me fazendo confidências", pensou, "fazendo um esforço consciente para falar a respeito de coisas que ele calcula serem do meu interesse."

— Você conhece a Sra. Cooper?

— Bem, é claro que conheço, disse rispidamente.

— A gente não tem centenas de pessoas trabalhando lá, o que é uma pena.

Agora, deitada acordada ao lado de Neil, ela se lembrou da sua rispidez. Já era crescida demais para se comportar assim. De qualquer maneira, o que havia de errado com ela que fazia que não se pudesse entender com o próprio marido e o próprio pai? Com a própria mãe, pois estava pensando no assunto. Ela era fantástica com crianças, era maravilhosa com os deficientes, os pobres, os socialmente excluídos. Todo mundo dizia isso. Por que, então, não o era com sua própria gente? Foi então que lhe ocorreu um pensamento tão ousado e corajoso, que deu um pulo e se sentou na cama. Não era ela quem sempre sustentava, que sempre ensinava isso na terapia, de que a coisa certa a fazer nesses casos era "tirar o assunto a limpo"? Por que então não "passar a limpo" com seu pai? Falou em voz alta, quase acordando Neil, de forma que ele murmurou:

— Aconteceu alguma coisa? Qual é o problema?

Falar com Neil a respeito dos problemas deles sempre resultava nele

respondendo que não havia nada para ser dito a respeito, que eles eram incompatíveis, que isso era tudo, mas que deveriam permanecer juntos para o bem das crianças. Ela olhou para ele na meia-luz do lusco-fusco vespertino, para seus olhos fechados, para o cenho franzido de sua testa que nunca relaxava, se curvou, então, e gentilmente o beijou no rosto. Ele sorriu em seu sono. Aquele sorriso encheu seus olhos de lágrimas e ela pensou: "quando ele dorme eu ainda o amo". Ela se deitou de novo, se aninhando ao lado dele.

* * *

Era um belo dia, o primeiro dia realmente bonito em um mês. O céu estava azul, o sol brilhava, cada lâmina de grama, todas as folhas novas, todas as flores que brotavam brilhavam de viço, alimentadas por semanas de chuva. Wexford e Dora estavam indo de trem para Londres para fazer compras, visitar a exposição Bonnard na galeria Tate e, à noite, assistirem Sheila na remontagem da peça Home and Beauty, de Somerset Maughan, no Theatre Royal, em Haymarket. Devido ao dia estar tão bonito, eles foram caminhando até a estação; iam conversando no caminho se teriam de partir imediatamente após o arriar da cortina para pegar o último trem de volta para casa, ou se a peça terminaria cedo o bastante para que pudessem tomar uma taça de champanha com Sheila no camarim.

Burden estava no jardim. A mulher dele havia plantado uma sebe de buxos em toda a volta de um canteiro formal de flores e, agora, ele buscava uma forma de podá-la. Iria cortá-la em ângulos retos ou faria cones? Transformaria cada moita numa bola? Esta última opção, ele duvidava se seria capaz de fazer. Mas afinal, ainda não era cedo demais para fazer qualquer poda? Talvez devesse cortar apenas as pontas que se sobressaíam. Ele resolveu esquecer, por hora, esse assunto de poda e aparar o gramado.

* * *

No Condomínio Muriel Campden, a placa de rua havia sido repintada e a curva do P em Puck inteiramente restaurada. Não ia durar muito, como observou Hayley Lawrie para Kate Burton quando estavam a caminho da casa dos Crowne para convidar Lizzie Cromwell para ir com elas ver o novo shopping em Myringham. Kate acabara de fazer dezesseis anos e queria gastar

as cinquenta libras que a mãe, o padrasto e dois meio-irmãos lhe mandaram como presente de aniversário.

Lizzie, que desde sua abdução nunca mais foi à escola e não pensava em voltar, disse que não podia sair porque estava grávida e precisava de repouso. As duas garotas ficaram embasbacadas, deliciadas e, de certa forma, intimidadas. Queriam saber os detalhes. Quem, por que e quando? Lizzie ia começar a responder quando Colin Crowne entrou, acendendo um cigarro na guimba do último. Ele havia escutado Lizzie dizer que não podia sair e, ansioso para se ver livre dela, perguntou se ela era boba ou algo assim. É claro que ela deveria sair, isso lhe faria bem, eles não viviam mais "como antigamente". Kate, que tinha uma queda por Colin, ficou lançando olhares langorosos, os quais ele ignorou, tendo outras coisas em mente.

Depois que as meninas saíram, ele e a mulher desceram a rua para chamar Brenda Bosworth, mãe de três crianças pequenas. Os pequenos Bosworth estavam fora brincando, sem ninguém vigiando, no Parque York com um bando de outras crianças do condomínio. Colin e Debbie e Brenda Bosworth foram andando até o final da Puck Road, e seguiram para a Oberon Road, onde tocaram a campainha da casa de Tommy Smith. Suzanne retirou as trancas e abriu a porta, mas deixou a corrente. Isso permitia que a porta ficasse uns quinze centímetros aberta.

— Onde é que ele tá? Perguntou Colin Crowne.
— O que que tu tem com isso? Disse Suzanne.
— Ele tá aí dentro?
— Pode ser que sim, pode ser que não.
— A gente tá querendo uma resposta direta pra uma pergunta direta. Brenda Bosworth empurrou Colin para o lado com o ombro e tentou enxergar um pouco do vestíbulo atrás de Suzanne.
— E essa pergunta é, ela gritou de maneira teatral, — Onde tá o infame pedófilo Thomas Smith?
— Vão se foder os três, disse Suzanne e bateu a porta na cara dela.

Destemidos, os três deram a volta pelos fundos, Colin primeiro, seguido pelas duas mulheres. Era uma casa geminada, com um portão de arame preso num suporte de madeira entre a parede lateral e a cerca que dividia o jardim

dela com o vizinho. Colin deu um pontapé na cerca e eles avançaram para o quintal, que era um contraste chocante com os quintais dos vizinhos de ambos os lados, todos os dois com gramados aparados e bem cuidados, além de canteiros de flores. No quintal dos Smith, cresciam urtigas, cardos e azedas-miúdas tão luxuriantes quanto as tulipas e alelis que cresciam nos jardins ao lado. Em meio às ervas daninhas, onde nos vizinhos havia uma fonte para passarinhos, estava um estrado de uma cama de ferro enferrujada. Colin, Debbie e Brenda ignoraram tudo isso. Tendo espiado a janela da frente quando passaram e vendo que as cortinas estavam arriadas, eles partiram agora para as janelas de batentes. Através delas, viram Gary Wills, o homem que eles sabiam ser o noivo de Suzanne, assistindo à televisão e, a um metro dele, sentado numa poltrona, um homem muito mais velho que não estava fazendo nada a não ser olhar para a parede oposta. Ele era baixo e parrudo, com uma cara inchada e bochechuda, cabelos prateados surpreendentemente longos e luxuriantes. As mãos que descansavam descontraídas no colo eram grandes e cheias de veias, com unhas grossas e amarelas como cascos. Estava vestido com calças de flanela cinzentas grandes demais e uma camiseta listrada de azul e branco excessivamente juvenil para ele. Debbie Crowne bateu na janela. Garry Wills virou a cabeça e abriu os olhos para ela. O outro homem ficou imóvel e continuou olhando diretamente à sua frente, até mesmo suas mãos permaneceram sem se mexer nos seus joelhos ossudos.

— A gente tá lhe vendo, Tommy Smith, guinchou Debbie. — A gente sabe que é você.

— A gente sabe que tu tá aí dentro, disse Colin, como se Smith estivesse escondido dentro de um armário. — Não fica achando que você vai se safar com isso.

O noivo de Suzanne virou a cabeça e voltou a olhar para a televisão. Smith permaneceu imóvel. Parecia uma estátua de cera dele mesmo. Sem saber como agir, Colin, Debbie e Brenda foram embora de volta para frente da casa, para a rua, onde encontraram duas mulheres trazendo placas de papelão presas em cabos de vassoura. Um dizia: Fora com o pedófilo, e o outro: Protejam nossos filhos. A faixa continuava presa, como um cinto, na cintura da torre. Colin convenceu as mulheres a juntar forças com ele, Debbie e Brenda, enquanto eles seguiam em bando para o Parque York onde

pegaram todas as crianças brincando nos balanços, gangorras e brinquedos de subir, sob protestos, e as levaram dali para Oberon Road.

Exceto por Brenda Bosworth, eles se reuniram todos diante da casa de Smith cantando o refrão "Fora papa-anjo", e "Salvem nossos filhos", ao ritmo de "Louvai o Senhor". Logo apareceram cabeças nas janelas da torre, com os moradores saindo em seguida para aumentar o grupo. Brenda Bosworth voltou para a própria casa, de onde ligou para o Kingsmarkaham Courier. Ninguém estava na redação, a não ser a atendente dos classificados, que lhe forneceu o telefone da casa de Brian St George. Brenda ligou para ele e, após mostrar certo desprezo por um jornal hebdomadário, perguntou como poderia entrar em contato com a Independent Television News. Ele mesmo faria isso, disse St George, alegre em abandonar os planos que fez de passar o dia cuidando de afazeres domésticos.

Um acidente de trem, provocado por uma falha de sinalização na linha entre Bath e Bristol, foi praticamente o assunto que dominou a mídia naquele dia. Praticamente, porque na mesma hora em que a locomotiva de um trem vicinal rasgava o último vagão do expresso Intercity da linha Bristol-Londres, Gare de Paddington, uma bomba explodiu num bar de Belfast, sem nenhuma vítima fatal, mas deixando quatro feridos. Foi por isso que nem a televisão, nem o rádio, se interessaram muito pelo caso de Kingsmarkham e, ainda que tanto o Sunday Telegraph como o Mail on Sunday houvessem respondido positivamente aos esforços frenéticos de Brian St George para conseguir prioridade para a matéria dele, nada do que ele escreveu apareceu nas páginas dos dois jornais no dia seguinte.

Como havia um jogo de futebol de repercussão internacional na tarde de sábado, o qual estava sendo transmitido por um canal entre três e cinco da tarde, a maioria dos moradores das ruas Puck, Ariel e Oberon ocupados em assistir à televisão, se sentiram pouco inclinados a acompanhar Colin e Debbie Crowne, além de Brenda Bosworth, na batalha.

— Vocês tão torrando o meu saco. Foi o comentário de um vizinho dos Smith, amante da paz, que assistiu às atividades dos Crowne-Bosworth e escutou o cântico deles até não aguentar mais.

Mas, quando eram cinco para as três, pouco antes da hora prevista para o início do futebol, ele foi caminhando até a Rua York, onde encontrou dois policiais fazendo a ronda: o policial Martin Dempsey e a policial Lydia Wingate. Eles o acompanharam até a Oberon Road e aconselharam os porta-estandartes que fossem para casa. Colin Crowne discutiu um pouco, mas acabou desistindo.

As crianças que haviam sido retiradas do Parque York estavam agora reclamando de não terem almoçado e fazendo barulho pedindo comida, de forma que quando eram cerca de três e quinze todos tinham ido embora, ou "dispersados para suas residências", como o policial Dempsey pôs no seu relatório. Ele e Lydia Wingate seguiram até a torre e subiram de elevador até o segundo andar onde bateram na porta de um apartamento habitado por John e Rochelle Keenan. Martin Dempsey pediu que eles retirassem a faixa. Esperando que houvesse resistência, ele recebeu, pelo contrário, uma pronta e submissa obediência, John Keenan faria qualquer coisa para que o deixassem assistir ao futebol e, quando Dempsey e Wingate já estavam a caminho de volta à rua York, Keenan mandou Rochelle dar a volta na vizinhança e remover, junto com os vizinhos, a faixa de pano com os dizeres inflamados. Antes de virar a esquina, Dempsey olhou para trás e viu, para sua surpresa e seu alívio, que ela havia desaparecido.

Em nenhuma ocasião, durante todo esse tempo, Tommy Smith mostrou a cara, fosse nas janelas, fosse à porta do número 16 da Oberon Road. Suzanne Smith se arriscou a dar uma volta lá pelas quatro horas e voltou quarenta e cinco minutos mais tarde com duas sacolas de compras. O lugar estava sem vivalma, parecendo um cemitério, pois todos estavam assistindo ao jogo, inclusive seu pai e seu noivo. Garry Wills saiu sozinho de casa as sete para ir, como de costume, ao bar, mas, em vez do Crown and Anchor na Rua York, seu ponto habitual, achou mais prudente seguir mais adiante até o Rat and Carrot, onde ninguém o conhecia.

Os jornais de domingo estampavam enormes matérias sobre o acidente e a bomba. Wexford os levou para cima junto com a bandeja do café-da-manhã da mulher, a qual resolveu ficar na cama até tarde depois da noitada, mas primeiro verificou se não havia alguma coisa a respeito de Smith. A dois quilômetros de distância, no triângulo de ruas com a torre no centro, tudo

ainda estava calmo. A faixa havia desaparecido. As cortinas na sala da frente do número 16 da Oberon Road permaneciam fechadas. Às dez horas, Colin Crowne permanecia na cama curando uma ressaca, resultado de uma bebedeira que durou até de madrugada com Brenda e seu amante e hóspede, Miroslav Zlatic. Brenda e Miroslav também ainda dormiam, de forma que os dois meninos pequenos e a menininha se levantaram por conta própria, fizeram o café da manhã e foram ao Parque York com os dois guris dos Keenan e as três crianças cujo sobrenome era Hebden, moradores da Ariel Road.

* * *

Sábado havia sido um dos dias mais agradáveis da existência de Lizzie Cromwell. Pela primeira vez, ela havia sido festejada e admirada. Hayley lhe comprou sorvete e Kate, tendo convidado todas para almoçar com o dinheiro que ganhara de presente de aniversário, a convenceu a tomar um coquetel de vodca com groselha para "animá-la". Agora que estava grávida, passou a ser dona do seu nariz, lhe disseram. Depois de beberem ilegalmente vários drinques num bar que anunciava nunca fechar, elas voltaram para o apartamento da mãe de Kate na Stowerton Road, comeram peixe frito com batata frita e purê de ervilhas que o irmão de Kate, Darryl, encomendou, e assistiram a L.A. Confidential na televisão. Lizzie só foi voltar para casa quase à meia-noite. Ela estava esperando uma bronca, mas não houve nada, visto que, como disse Debbie:

— Agora já é tarde demais pra isso, não é? E Colin disse:
— Não adianta botar cadeado na porta depois que ela for arrombada.

O dia seguinte prometia ser quase tão bom, pois pouco depois das dez da manhã. Kate e Hayley foram visitá-la na companhia de uma garota chamada Charlotte. Essa Charlotte, além de ter mais de um metro e oitenta de altura, era de uma beleza estonteante, com uma cabeleira ruiva que ia até a cintura, conhecia centenas de rapazes, inclusive quatro que tinham motocicletas e estavam vindo de Pomfret para se encontrar com elas no coreto do parque às onze. As quatro meninas foram juntas até a Rua High e compraram barras de chocolate Twix e salgadinhos na única loja no centro da cidade que ficava aberta aos domingos, depois seguiram para o parque.

A promessa do dia estava destinada a não ser cumprida, isso porque os meninos deram o bolo. Lizzie, Kate, Hayley e Charlotte ficaram um tempão esperando perto do coreto comendo seus salgadinhos e o chocolate e, por fim, deitaram na grama para escutar Lizzie contar a história da sua gravidez. Cada vez que contava a história, ela fazia um relato diferente dos acontecimentos e, por agora, já havia inventado três possíveis pais para a criança. Hayley percebeu isso, e fez um comentário, mas Lizzie disse que era para ela não chatear, pois ela não podia ficar transtornada na condição em que estava. Quando ficou claro que os rapazes não viriam, as quatro se levantaram e fizeram o caminho de volta. Não voltaram, contudo, pelo trajeto que haviam feito na ida, pois esse as levaria até a High Street, mas voltaram pelo playground que ficava na parte do parque mais próxima do Condomínio Muriel Campden. Um dos meninos Keenan, junto com um dos meninos Bosworth, estava nos balanços, outro Bosworth e dois Hebdens estavam no brinquedo de trepar, e os outros chutavam uma bola. As quatro garotas ficaram por ali, e Hayley disse que ia descer no escorrega; era uma coisa que ela nunca teve coragem de fazer quando pequena.

Os fundos da maioria das casas na Oberon Road davam para o parque, mas apenas aquelas cuja numeração ia do 14 ao 19 tinham de fato vista para o playground. Quando Hayley estava descendo pela segunda vez no escorrega, olhou para cima e viu um homem em pé numa das janelas de um segundo andar; aparentemente, ele espiava as crianças. Não era o número 16 e não era Tommy Smith nem o vizinho mais próximo, mas sim o homem do 18, aquele que tinha ido chamar a polícia na tarde anterior. Tony Mitchel era quinze centímetros mais alto que Smith, além de ser vinte anos mais jovem, mas esses detalhes insignificantes não incomodaram Hayley, zunindo escorrega abaixo com os braços e as pernas no ar, ela gritou:

— O papa-anjo! O papa-anjo tá lá em cima olhando pra gente! As outras garotas começaram também a gritar da mesma forma que as crianças, entediadas com os brinquedos do playground. Saíram todos correndo, com Hayley à frente, na direção de uma das entradas do Condomínio Muriel Campden, berrando: — O papa-anjo! O papa-anjo!

Desceram às carreiras pela passagem que dava para a Oberon Road;

Lizzie corria melhor que a maioria, esquecida do seu estado interessante. Nove crianças e quatro adolescentes todos berrando a plenos pulmões constituíam uma razoável algazarra. Cabeças surgiram nas ruas Oberon e Puck, portas foram escancaradas e gente saiu no jardim da frente para ver o que estava acontecendo.

— Aquele velho papa-anjo estava na janela espiando as crianças, disse Charlotte ofegante, e Lizzie gritou, igualmente arfante: — Ele estava espiando elas e vai descer para pegá-las!

Brenda Bosworth, que havia saído de camisola com um casaco por cima, soltou um grande grito e agarrou os filhos, Sean, Dean e Kelly, prendendo todos os três num abraço protetor, mas os soltou de novo quando Colin Crowne começou a conduzir todas as crianças para dentro da casa dele, declarando que lá ficariam seguros "até que algo fosse feito." Ele bateu a porta da frente na cara das crianças que haviam entrado e, junto com Debbie, foi marchando rua acima até o número 16. Foi a vez de John e Rochelle Keenan surgirem no gramado que cercava a torre, ali, uma dúzia de pessoas se juntou a eles, duas das quais, dois rapazes, haviam se armado, um deles com um pedaço de cano de chumbo e o outro com um tijolo. Os cartazes com "Fora com o pedófilo" e "Protejam Nossos Filhos" ressurgiram, trazidos por Joe Hebden e um amigo dele que havia aparecido para conversar sobre um carro Triumph Herald de vinte e cinco anos atrás que queria vender. O homem do Triumph Herald foi apenas o primeiro de muita gente de fora do condomínio, estranhos que vieram se juntar à baderna. Como souberam a respeito, como a novidade havia corrido e inflamado essa gente, isso permanecia um mistério. Mas, quando a maioria dos pais em Muriel Campden estava reunido no gramado, onde Brenda Bosworth estava arengando a respeito "da ameaça em nosso seio", havia gente fluindo para a Ariel Road de todas as partes de Kingsmarkham, grande parte a pé; contudo, alguns chegaram de carro, motocicleta e um grupo veio até numa perua.

Tony Mitchel, o amante da paz que Hayley havia confundido por Tommy Smith, a tudo assistia; dessa vez, porém, não fez nada. Ontem à tarde, quando estava do lado de fora regando o jardim, uma mulher idosa se aproximou e cuspiu na direção dele, chamando-o de quinta-coluna. Ele era jovem demais para entender o significado dessa alcunha. Mesmo assim não

gostou, como não gostou da sua vizinha do 19 ter lhe virado as costas quando disse boa-noite, de forma que decidiu não meter mais o bedelho. Disse à mulher que não se envolvesse e ela disse que não se envolveria. Ela só atravessou a rua de fininho indo até a torre, onde pegou emprestada a filmadora da irmã Rochelle Keenan, e, de uma janela do segundo andar, começou a gravar a coisa toda em videoteipe.

As três ruas estavam agora entulhadas de carros. Motoristas que tentavam entrar pela rua de acesso vindo pela Rua York, metiam a mão na buzina e gritavam pelas janelas dos carros. Um deles era Brian St George, cujo carro abandonado, ficou bloqueando o meio da rua, enquanto ele foi a pé para a Oberon Road. A multidão no gramado aclamava e ovacionava Brenda Bosworth, sendo que dois homens tiveram a ideia de carregá-la nos seus próprios ombros para que tomasse posição em frente ao número 16. Ali ficaram, na frente daqueles que trouxeram as faixas, enquanto aproximadamente uma centena de pessoas se aglomerava atrás dos primeiros manifestantes. As coisas ainda estavam relativamente sob controle, com a multidão apenas cantando de novo; dessa vez o refrão "O Senhor é meu Pastor", sugerido por um torcedor do Manchester United, mas não por ser domingo. Nunca ficou esclarecido quem foi que atirou o primeiro tijolo. Os tijolos estavam empilhados em frente ao número 21 da Oberon Road, cujos moradores estavam passando o dia fora, prontos para serem usados na construção de uma mureta para separar o gramado da calçada, substituindo a cerca de aramado. O pedreiro os havia deixado ali na sexta-feira, cobertos por um plástico.

Foi John Keenan quem tirou o plástico, mas ninguém soube dizer se ele também pegou um tijolo. Mas alguém pegou e o arremessou com força no número 16. Esse primeiro tijolo, que passou zumbindo no ouvido de Brenda Bosworth, fez com que seus carregadores se agachassem e aqueles que traziam as faixas se afastassem, mas acabou errando o alvo e foi, em vez de atravessar a janela, se espatifar contra o muro da casa dos Smith. O barulho que fez deixou todo mundo meio sem graça e a multidão hesitou. Foi nessa hora que um sujeito chamado Carl Meeks se deu conta de que o número de crianças era menor do que deveria ser. Faltava, acima de tudo, seu próprio filho. Ele berrou:

— Onde está meu filho Scott? E John Keenan deu seguimento gritando:

— O que aconteceu com meu filho Gary? Brenda Bosworth desceu pulando do ombro de seus carregadores, se certificou com uma olhadela rápida à sua volta de que seus filhos também estavam faltando e disse aos berros:

— Ele pegou as crianças! O pedófilo está com elas lá dentro!

Todos os pequeninos Bosworths, Keenans, Hebdens e Scott Meeks estavam dentro da casa de Crowne. Ainda que qualquer um deles fosse capaz de abrir a porta e escapar, era onde eles preferiram ficar, comendo os salgadinhos que encontraram na cozinha, enquanto assistiam a um dos vídeos pornôs de Colin Crowne. Colin os havia trancado dentro da casa, mas ninguém sabia disso e, não se imagina como, Colin havia esquecido completamente disso, de maneira que ele também começou a gritar que Smith estava com as crianças e também atirou um tijolo. Dessa vez o míssil atingiu o alvo em cheio, atravessando a vidraça do número 16. Seguiu-se uma chuva de tijolos e, quando esses acabaram, a multidão se muniu de pedras que pegaram nos canteiros de flores. Podia-se ouvir alguém guinchando no interior da casa dos Smith. Era a própria Suzanne, mas Linda Meeks bradou ter reconhecido a voz de seu filho Scott, o que fez a multidão se insurgir de encontro ao portão do número 16, derrubando o portão e arrasando a cerca de aramado fino, para formar um aríete humano que se chocou contra a porta da frente.

A polícia chegou na hora em que a porta ia abaixo. Suzanne havia ligado para a delegacia logo que o primeiro tijolo foi arremetido. Ela teria ligado antes, não fosse pelo comentário do noivo dizendo que nunca iria acreditar se, um dia, alguma pessoa lhe dissesse que alguém ligado a ele tinha chamado a polícia. O que passava pela cabeça de Smith, ninguém sabia. Ele permaneceu sentado em sua cadeira de espaldar reto, imóvel, exceto por se levantar de vez em quando e preparar para si uma xícara de chá. Entre as nove da manhã e as três da tarde, ele bebeu quinze xícaras.

A multidão foi dispersa pela polícia que prendeu John Keenan, Brenda Bosworth e Miroslav Zlatic, todos os três acusados de provocar baderna e danos à propriedade alheia. Um carpinteiro foi chamado para recolocar no

lugar a porta da frente do número 16 da Oberon Road e pôr tapumes nas janelas quebradas. O sargento Joel Fitch teve uma longa conversa com os moradores da casa a respeito da situação atual e futura deles, melhor dizendo, falou na presença de Smith, mas se Smith estava escutando ou dando a mínima, isso eram outros quinhentos. Será que ele deveria ficar onde estava, ou ser removido? E, no caso de remoção, para onde? Uma delegacia seria provavelmente o melhor refúgio, mesmo que temporário. Mas não a de Kingsmarkham, na qual as acomodações se resumiam a duas celas, ambas agora ocupadas respectivamente por John Keenan e Miroslav Zlatic; Brenda foi liberada porque não havia ninguém para cuidar das crianças dela.

Foram necessárias algumas horas para que tanto essas crianças como os pequenos Keenan e Hebden fossem achadas. Quando Debbie, Colin e Lizzie voltaram para casa, eles já haviam ido dar um mergulho no açude de Kingsbrook, tendo antes consumido todos os comestíveis da casa, além de se apoderarem de quinhentos cigarros adquiridos no free shop, que Colin havia comprado numa viagem de um dia até a França. Quando as coisas se aquietaram, Shirley Mitchel saiu de casa e foi até o gramado recolher todo o lixo acumulado durante a tarde, juntando tudo num saco plástico: sacos de batata frita, embalagem de chocolate e algumas latas de Coca-Cola. Ninguém estava perto para escutar seus resmungos furioso a respeito da ignorância das pessoas que não valorizavam o meio ambiente em que viviam.

Mais tarde, quando já se fazia noite, um homem saiu carregando uma mala do número 16 da Oberon Road. Era o noivo de Suzanne Smith, a caminho da estação para pegar o último trem para Londres. Ele tinha um camarada com quem podia ficar em Balham. Quando tudo tivesse serenado ele era capaz de voltar, mas do jeito que as coisas estavam, não dava mais para aguentar o estresse, disse ele a Suzanne.

Wexford a tudo assistiu pela televisão, no noticiário da noite de domingo as dez para as nove. Grande parte das imagens era proveniente de um vídeo amador, e essa procedência foi devidamente identificada nos créditos sem, contudo, mencionar nomes. Ele considerou um desserviço que uma foto de Thomas Smith tenha sido incluída na reportagem, uma daquelas fotos da galeria de bandidos que fazem o sujeito parecer um indivíduo repulsivo e sanguinário. “É claro que Smith, a bem da verdade, era

provavelmente isso", pensou, soltando um suspiro. Ele esperava não ter de conhecê-lo, mas sabia que logo o veria.

O aspecto da casa dos Smith, mesmo depois de terem colocado os tapumes, chocou Dora profundamente. Uma coisa assim teria sido inconcebível à época em que veio morar em Kingsmarkham, um lugar calmo, uma cidadezinha do interior onde a lei era respeitada.

— Não era tão ordeira assim, comentou Wexford.

— Nada que se compare com o que é hoje, isso você não pode negar, Reg.

— É claro que não nego. Mas que vamos fazer com esse sujeito, esse Smith? Trancafiá-lo para sempre?

— Não seria isso a melhor coisa a fazer? Eu fico arrepiada só de pensar nele.

— Todos nós ficamos arrepiados, disse Wexford.

Certos boatos estavam circulando velozmente no Condomínio Muriel Campden: Shirley Mitchel teria recebido cinco mil libras esterlinas, talvez até dez mil, ou não recebeu mais do que quinhentas libras, na verdade não tinha recebido nada. Não foi sequer o vídeo dela que usaram, mas um outro feito por um cameraman profissional que se esgueirara no apartamento dos Keenan. Tony Mitchel havia pessoalmente feito em pedaços a filmadora da cunhada e, por causa disso, ele e Shirley compartilhavam agora o uso da dele. As crianças tinham sido abduzidas por Smith, mas Colin Crowne conseguiu libertá-las. Ou seriam só os pequenos Bosworth que foram abduzidos e Miroslav Zlatic as salvou? Smith cometeu suicídio, ou tinha sido Suzanne quem tentara se suicidar? Longe de ser acusada de qualquer coisa, Brenda Bosworth deveria ter sido indicada para receber uma medalha por bravura.

Todas essas histórias proliferavam. A mais importante e, também, a mais perigosa foi aquela que começou a circular na segunda-feira pela manhã. O homem que foi visto às nove e meia saindo do número 16 da Oberon Road não era o noivo de Suzanne, mas sim o próprio Smith. Um dos vizinhos dos Keenan tinha a mais absoluta certeza disso, pois estava seguro de ter visto Gary Wills aparecer às dez horas à janela do quarto onde dormia. Um outro homem de idade, um dos primeiros moradores do Condomínio

Muriel Campden, identificou Smith; ele teria reconhecido o andar dele em qualquer lugar, assim como o jeito que ele tinha de carregar a mala na mão esquerda. Para onde teria ido ele? Ninguém fazia a menor ideia, mas isso não impediu que tecessem conjecturas.

* * *

Oito

— Não existe casa alguma que fique a vinte minutos de carro de Kingsmarkham e bata com a descrição de Rachel, disse Wexford. — Ela inventou essa história. Por alguma razão, não quer que a gente encontre Vicky e Jerry.

— Se é que Vicky e Jerry são de verdade, disse Burden. — Vicky existe. Ambas as moças admitiram que ela existe. Então, o que é verdade e o que é mentira? É claro que é falso; Lizzie só está grávida de duas semanas, ela parece mais estar com uma barriga de três meses. E certamente é verdade que Rachel não queria faltar ao encontro no Cenoura Roída, mas foi impedida de ir por alguém ou alguma coisa. As duas foram levadas para algum lugar, mas talvez para endereços diferentes.

— Quem quer que tenha levado Lizzie embora conseguiu amedrontá-la. Se ela falasse, eles iriam atrás dela e a castigariam, ou algo no gênero. Mas isso não iria funcionar com a Rachel, por isso fico pensando se, enquanto ela estava com essa, ou essas pessoas, não teria ela feito algo que considerasse tão vergonhoso que quisesse manter escondido.

— Nós teremos uma chance de descobrir se eles pegarem uma outra menina.

— Deus nos livre disso!

— Você está sempre me contando a origem das coisas, disse Burden. — Isto é a origem de expressões, citações, esse tipo de coisa. Pois eu aposto que você não sabe de onde vem o que você acabou de dizer.

— De onde vem o quê?

— A expressão "Deus nos livre disso".

— O quê? Ah, está bem. Bem, de onde é que isso vem?

— Do Paulo. De São Paulo Apóstolo. Ele põe isso o tempo todo nas cartas dele.

— Como é que você sabe?

— Sei lá. Apenas sei.

* * *

Wexford havia considerado a possibilidade de que uma outra garota fosse abduzida sábado à noite. Por várias vezes, enquanto estivera em Londres e no dia seguinte, durante a confusão em Muriel Campden, seu pensamento se voltou para Rachel e Lizzie, para Vicky e Jerry, e para a casa misteriosa; uma notícia na manhã seguinte dizendo que uma garota havia desaparecido não o surpreenderia. Mas não aconteceu nada e o que fazer a respeito de Smith passou a ser sua prioridade.

As coisas estavam calmas no Condomínio Municipal Muriel Campden. Miroslav Zlatic e John Keenan, assim como Brenda Bosworth, estavam nesse momento presentes na Corte de Magistrados de Kingsmarkham, mas Wexford sabia que os três sairiam com sursis, ou seriam compelidos sob juramento a manter a paz, e estariam livres na hora do almoço. O que aconteceria se Smith mostrasse a cara do lado de fora do número 16 da Oberon Road? Ele poderia ficar trancafiado lá dentro para sempre. E não havia como saber quando um outro morador esquentado iria decidir que seus filhos corriam perigo, e atacar de novo a casa. Wexford estava começando a rever sua opinião a respeito de os habitantes do condomínio serem diferentes de seus semelhantes respeitadores da lei que moravam dentro da cidade. Pensando bem, não teria a maioria dos pais de crianças e pré-adolescentes se revoltado, irados e temerosos, se um Smith viesse se instalar entre eles?

O superintendente Rogers do Corpo de Polícia Uniformizado lhe disse que Smith, ao deixar a prisão, havia feito um pedido especial de proteção contra si mesmo. Ele não podia garantir que deixara de ser uma ameaça. Não tinha certeza do que aconteceria se tivesse acesso a crianças. De qualquer forma, e este talvez fosse o menor dos males, ele ainda gostava de ficar olhando para as crianças. Vê-las era algo que lhe dava um prazer imenso e não conseguia entender direito que mal havia em satisfazer esse prazer. Olhar não machucava ninguém. Afora o menino que morreu, e isso, ele declarou formalmente, foi um trágico acidente, Thomas Smith sustentava que nunca fez mal a alguém. Ele só era um desses pedófilos, “um papa-anjo”, comentara Wexford com sarcasmo, uma nova palavra que fora incorporada à língua

inglesa, um daqueles que insistem que as crianças, mesmo as mais pequeninas, desejam, gostam e precisam de relações sexuais. “Foi ele quem pediu, foi ele quem ficou me provocando para que eu fizesse”, esse era seu principal argumento de defesa.

Se porventura houvesse em Wexford alguma propensão a sentir pena de Smith, essa atitude dele bastava, acima de tudo, para fazer com que seu coração se tornasse implacável. “O Mal”, essa era uma expressão que se empregava facilmente nos dias de hoje e ele a via com desconfiança, mas Smith, e o que ele fazia, era o Mal, disso tinha certeza. E quando ouviu falar da maneira que Smith tinha de justificar as suas ações, mesmo na sua fase final, quando ouviu dizer que o velho ainda inventava esse tipo de justificativa para si, Wexford sentia o mesmo tipo de fúria dos moradores do Muriel Campden. Se seus próprios netos morassem em qualquer lugar perto da casa de Smith, não teria ele reagido de alguma forma parecida com a deles?

Mesmo assim, ainda que seja apenas no interesse da ordem pública e de um comportamento civilizado, da mesma forma que garotinhos precisavam ser protegidos dele, o pedófilo precisava ser protegido de seus vizinhos. O superintendente Rogers era a favor de removê-lo para Myringham, fosse para a delegacia, fosse para o Quartel-General da Polícia de Mid-Sussex. Ambos os locais tinham acomodações que poderiam ser adaptadas para abrigá-lo temporariamente. Visto que, como afirmou Rogers, mesmo sendo odioso tudo que dizia respeito ao velho e suas atividades, ele havia, usando as próprias palavras do superintendente, “pago a sua dívida com a sociedade” e, tecnicamente, era uma pessoa inocente, que não poderia ser alojada numa cela de polícia sem que antes algumas adaptações fossem feitas nela.

O superintendente de polícia assistente interino queria que ele permanecesse onde estava, em seu lar, na sua própria casa. Por enquanto. Ele tinha a teoria de que uma vez que os cabeças neste caso, John Keenan, Miroslav Zlatic e Brenda Bosworth, foram levados ao tribunal, tratados com os rigores da lei e severamente repreendidos, não haveria mais nenhum problema. Essa era uma comunidade de gente do interior, cujos ancestrais, não fazia muito tempo, haviam morado em chalés em vilarejos e aldeias, gente que cuidava de seus carneiros e protegia a caça dos proprietários das terras. Gente assim era, por natureza, respeitadora da lei, tolerante e amante

da paz. “Além do quê”, disse ele, eles vão se habituar com a situação, e vão aceitá-la. Verão que mal nenhum acontecerá com os filhos deles, e o alvoroço vai acabar.

* * *

A policial detetive Lynn Fancourt estabeleceu um relacionamento agradável com Lizzie Cromwell, ainda que do lado dela esse fosse baseado em simpatia e no de Lizzie fosse de um puxa-saquismo explícito. Lizzie a tratava pelo prenome e se sentia privilegiada, até mesmo audaciosa, em fazê-lo. Na segunda-feira de tarde, Lynn conseguiu, por meio de uma conversa amigável, fazer com que Lizzie admitisse que de fato havia aceitado uma carona da mulher chamada Vicky, sendo informada de que Vicky dirigia um carro branco, cuja placa e o fabricante permaneciam desconhecidos. Isso foi um triunfo para Lynn, que decidiu deixar a coisa como estava por enquanto e mudar o assunto para a gravidez de Lizzie, a qual ela era terminantemente contra. Essa, segundo Lynn, deveria ser interrompida o mais cedo possível.

Debbie, ao abrir a porta, disse que era engraçado, porque ela não topou por pouco com a assistente social que passou para ver Lizzie e convidá-la para fazer parte de um novo projeto. Lizzie estava toda orgulhosa de ter sido uma das garotas escolhidas. Não, disse Debbie, ela não falou nada a respeito da gravidez de Lizzie, e Lizzie também não, isso não pareceu necessário e, de qualquer forma, não era da conta da assistente social. Lynn já tivera tempo suficiente para perceber que o projeto era uma iniciativa da Assistência Social de Kingsmarkham, que visava a desencorajar a gravidez na adolescência, uma campanha chamada Projeto Simulador de Bebê, e, quando entrou na sala de estar onde estava Lizzie, foi encontrá-la com um boneco em forma de bebê em tamanho natural no colo. O boneco usava fralda de plástico por cima de um guardanapo de papel e meias brancas.

— Eu vou ficar uma semana com ele, disse Lizzie. — O nome dele é Jodi. Ela parecia confusa. E era natural que estivesse, pensou Lynn, que perguntou:

— Será que ele é uma espécie de robô? Logo percebeu que Lizzie não saberia o que era isso, e indagou em seguida: — Ele chora, faz pipi, precisa comer, e tudo o mais?

— Ele já chorou um pouco, mas eu troquei a fralda. Eu tô aprendendo a cuidar dele.

Lynn percebeu que Lizzie e, provavelmente, Debbie também, não perceberam o objetivo da coisa. O objetivo, ao se selecionar candidatas ou voluntárias para Jodi, era demonstrar para garotas adolescentes o trabalho duro, a falta de sono e o somatório de responsabilidades que cuidar de um bebê acarretava. Assim, elas pensariam talvez duas vezes antes de terem atividade sexual sem proteção. Lizzie, por outro lado, via a coisa como um treinamento para o seu futuro de mãe.

— Bem, eu acho que você vai passar algumas noites em claro, disse Lynn. — Com quantas semanas de gravidez você acha que está? Ela fez a pergunta, em vez de intimidá-la, como parte de uma conversa normal, de forma camarada, e Lizzie, concentrada em olhar para os olhos azuis insondáveis de Jodi, respondeu também despreocupadamente:

— Acho que já faz umas catorze semanas, isso foi o que a mamãe disse. Desde fevereiro que eu não sujo. Foi com alguma dificuldade que Lynn interpretou essa última frase, mas estava segura de ter entendido direito, e perguntou:

— Jerry não teve nada a ver com isso, não é?

A resposta murmurante de Lizzie se perdeu num súbito soluço de Jodi, que começou a chorar sem nenhum aviso, como de fato fazem os bebês de verdade. Enquanto dizia que tinha de ir pegar a mamadeira dele, ela entregou o robô a Lynn e saiu da sala. A detetive policial Fancourt se viu na situação ridícula de ter sobrado um boneco chorão para ela, de cujas bochechas de plástico corria água, com ruídos chorosos saindo da boca.

Ela se levantou e ficou andando de um lado para outro, da maneira que se lembrava de ter visto sua mãe fazer com seu irmão quando bebê. Jodi continuava a chorar e soluçar, enquanto sacudia os braços. O choro atingiu um crescendo, até Lizzie voltar. Ela o pegou com ternura em seus braços, falou baixinho com ele e enfiou o bico da mamadeira em sua boca. Um doce sorriso surgiu em seus lábios quando o robô começou a sugar, ela se virou para Lynn com um olhar que mostrava tanto amor e orgulho que a policial Fancourt quase entregou os pontos. Interrogá-la agora seria como

interromper com questões de ordem um rito sagrado. Lizzie, com seu monte de plástico no colo, era a própria mãe-terra, ao mesmo tempo sacerdotisa e essência da maternidade sagrada.

De forma que Lynn ficou esperando, meio sem jeito, até que a mamadeira fosse esvaziada, se decidindo a falar somente quando Lizzie começou a tirar o guardanapo de Jodi para substituí-lo por outro. Ninguém, afinal de contas, não importa o quão emocionado tenha ficado com a devoção da garota, Lynn se lembrou, curiosamente, daqueles patinhos que, se postos ao nascerem ao lado de uma cadela, se ligam ao animal como se aquele fosse a própria mãe deles, continuaria emotivo diante das medidas higiênicas.

— Você ia me falar a respeito do Jerry, Lizzie, disse ela.

— Ele nunca me tocou, disse Lizzie. — Nunca me tocou e nunca falou coisa alguma. Ela percebeu que havia falado demais e pôs uma das mãos na boca. Lynn comentou como quem não quer nada:

— Era uma casa bonita? Depois que recolocou Jodi no seu berço portátil, Lizzie deu à Lynn um olhar ressentido.

— Eu não posso falar disso, você sabe. Eles vão me pegar e me castigar. Eles vão fazer buracos nos meus joelhos, eles me avisaram, vão quebrar os meus dedos. Se me machucarem eu posso perder meu bebê, isso é o que a mamãe disse.

— Você então contou à sua mãe?

— Não, não contei, gritou Lizzie. — Eu só disse que queria um bangalô bonito igual àquele, também moderno e no meio de um campo de verdade, sem nenhum vizinho perto.

— E Jerry nunca falou com você, não é verdade? Lizzie disse magoada:

— Ele nunca falou uma palavra, mas eles nunca falam. Ele nunca falou. Só dizia "Leezee, Leezee". Quando ia pedir a ela que explicasse melhor, Lynn foi interrompida pela chegada de Debbie, atraída pelo tom de voz elevado de Lizzie.

— Que aconteceu? O que é que você andou dizendo pra ela agora?

— Eu já estou de saída, Sra. Crowne, Lizzie tem colaborado muitíssimo.

— Tem, é? Bem, a gente nunca sabe quando é que um milagre vai acontecer, eu achei que vocês gostariam de saber que o velho papa-anjo se mandou. É isso aí, você não sabia, sabia? Debbie sorriu com superioridade. — É engraçado como a polícia nunca sabe o que todo mundo já sabe. Ele se

mandou, foi embora ontem à noite. Tem mais de uma dúzia de gente que viu. Ele tava com uma mala, dessas com todinhas, e corria como se todos os demônios do inferno estivessem atrás dele, e puxava aquela mala atrás dele. Não era caso de alguém daqui não deixar ele ir embora, não é? Toda porcaria deve ser removida rapidinho, é o que eu digo. Não adianta me perguntar para onde ele foi, ela prosseguiu como se Lynn houvesse perguntado, — Eu não faço a menor ideia. Se jogar debaixo de um trem, é isso que desejo pra ele, só que se ele tivesse feito isso tinha de ter um cadáver. O que me deixa confusa é que é ele o criminoso, é ele que deve balançar na corda, mas foi o pobre do John e a Brenda e o Miro Sei-Lá-O-Quê que acabaram no tribunal.

Quando essa conversa lhe foi relatada, Wexford disse:

— Se acham que ele partiu, melhor. Assim, teremos um pouco de calma. Cedo ou tarde, vão descobrir que ele continua lá, mas, a não ser que ele saia, e duvido que ele faça isso, não vai haver confusão.

— Eu achava que você era do ponto de vista de Southby, disse Burden.

— De certa forma, sou. Mas sei que as multidões são iguais no mundo inteiro, tanto faz nos centros urbanos como em paraísos rurais, e todas estão sujeitas à psicologia das massas. Que tal sairmos para procurar de novo o tal bangalô?

Eles sabiam agora que se tratava de um bangalô. As duas garotas não podiam estar mentindo, não de maneira tão específica. Lizzie havia considerado o dela "moderno", o que significava esquecer os lambris. Para Smith, como havia dito Lynn, "moderno" poderia ser qualquer coisa que houvesse sido erguida ao longo de sua vida, mas para Lizzie seria algo com não mais que dez anos de idade. E esse ficava isolado, sem vizinhos. Eles pediram que ela os acompanhasse para apontá-lo, mas Lizzie recusou. Não estava se sentindo bem, e estava assustada de que pudesse sofrer o tão temido aborto. A mãe dela teve um numa ocasião em que "saiu pra dar uma volta num caminhão numa estrada cheia de calombos".

Eles se dirigiram para os vilarejos ao longo da autoestrada do contorno cuja obra fora abandonada, seguindo na direção norte até Myfleet, depois para o sul até Flagford, Pickvale e Sayle. Três bangalôs surgiram como possíveis, mas um deles foi logo descartado. Ninguém, nem mesmo Lizzie

Cromwell, chamaria de "bonito" e "moderno" um vagão de trem adaptado, mesmo que a adaptação tenha sido recente e que a residência estivesse isolada no final de uma estradinha. Mas o bangalô nos arrabaldes de Pickvale era outros quinhentos. Restrições ao uso do solo proibiam novas construções na região, exceto em locais previamente ocupados por uma moradia. Esse, em particular, tinha incorporado provavelmente os vestígios de um chalé original em seu interior, mas seu exterior imaculado, aparência ebúrnea, pintado de branco com as traves pintadas de preto. Nenhuma outra casa era vista dali. O jardim era jovem, desimpedido e dispensava jardineiros, com mais cascalho do que grama, com árvores e moitas de um tipo que nunca cresceriam em excesso.

Burden tocou a campainha, e os dois esperaram. Uma moça atendeu à porta, com um rapaz atrás dela. Wexford soube, de alguma forma, assim que os viu, que estavam no lugar errado. Eles mostraram as suas credenciais, que o jovem casal examinou seriamente. A não ser que fossem atores consumados, não estavam mentindo quando disseram que não conheciam ninguém chamado Vicky, nunca ouviram falar de Jerry, e o carro deles era um BMW preto, que se encontrava agora na garagem, o qual Wexford e Burden podiam olhar, se quisessem.

Quando estavam atravessando Pickvale, para pegar a estrada para Sayle, Burden exclamou que a coisa toda era uma perda de tempo. Ninguém havia se ferido e tanto Rachel como Lizzie estavam seguras na casa delas e, além do mais, as próprias garotas estavam obviamente ansiosas de que nenhum progresso fosse feito na investigação.

— E assim fica tudo bem, não é mesmo? Wexford, que estava olhando pela janela através dos prados até o começo das elevações dos Downs, se virou para ele.

— Agiu-se acima da lei, ela foi seriamente desrespeitada duas vezes. Duas moças foram levadas embora à força de suas casas e famílias, enganadas e mantidas durante três dias em cativeiro. Houve duas investigações policiais, com custos enormes para os contribuintes, e você está dizendo que não houve dano algum.

Burden teria gostado de lhe dizer para parar com isso, se não fosse pela

presença de Donaldson, o motorista, cuja língua poderia ser discreta, mas cujas orelhas não eram, era isso que teria feito. Em vez disso, comentou:

— Prolongar a investigação só irá custar mais ainda ao contribuinte. E isso pra quê? Que tipo de... Wexford o interrompeu.

— Olhe para lá! É essa a casa!

Donaldson parou no acostamento da estrada. Estavam do lado de fora de uma casa que já haviam visto antes, mas que fora descartada pela ausência de lambris na fachada. Esse bangalô, chamado Sunnybank, ficava numa elevação com pinheiros e moitas de zimbro à sua volta; seria, como o nome diz, uma elevação ensolarada, se o céu não estivesse tão carregado. No meio de seu gramado central, crescia uma árvore, não uma conífera como Rachel havia dito, mas um arbusto de folhagem decídua que Wexford nunca vira antes, as folhas eram de um amarelo claro esverdeado e tinham o formato de um quadrado unido a um triângulo. Essas folhas, é claro, deveriam ter sido apenas brotos quando ela esteve ali. Se é que ela esteve ali, se é que era aquela a casa.

— Nós já examinamos esta casa antes, disse Burden. — E decidimos que não valia a pena um segundo olhar.

— Porque a árvore não estava em conformidade com a descrição e não havia lambris. Mas agora sabemos que Rachel estava mentindo e Lizzie não falou nada a respeito de lambris. Esse lugar é exatamente do tipo que atrairia uma garota como a Lizzie.

Ela era deslumbrantemente branca com a porta de entrada rosa, atrás de um pórtico georgiano com colunas que não combinavam, além de um beiral verde-jade. A garagem, construída independentemente, era ela própria uma casinha, também com um telhado de beiral trabalhado, tinha duas janelinhas com caixilhos em forma de diamante. Ao descrever a casa onde estivera como tendo dois andares, lambris e uma entrada de carro com cascalho, Rachel dificilmente poderia ter se afastado mais da verdade. Teria sido esse seu objetivo? Descrever o oposto?

Mas eles ficaram mais uma vez desapontados, mesmo que dessa vez tenham entrado, se sentado e conversado durante meia hora com a Sra.

Pauline Chorley. Ela era uma mulher na casa dos cinquenta, alta e magra, com os cabelos pintados de louro-acinzentado, casada com um homem de negócios que viajava todos os dias para Londres. Era lá que estava nesse momento e não chegaria antes das sete e meia a casa. A Sra. Chorley era uma jardineira experiente, a jardinagem ocupava a maior parte de seu tempo, juntamente com os cuidados em manter impecavelmente a casa. Foi ela mesma quem pintou, no ano anterior, o exterior da residência e acreditava piamente que já precisava de uma nova pintura. O branco não era adequado àquele país, a chuva o manchava em demasia, mas ela amava o branco, era apaixonada por ele, o branco nunca era demais para ela. E essa preferência podia ser vista na mobília da ampla sala de visitas que se prolongava em sala de jantar, nas cortinas de um branco brilhante que se destacavam, no carpete branco, nas almofadas e nos tapetes felpudos, além de suas próprias roupas, a blusa rendada de um branco congelante e os sapatos cuja alvura brilhava.

O gosto dela pelo branco atingia o máximo na cozinha, visível através da porta de vidro de batente duplo, a qual surgia tão cristalina como icebergs num mar de gelo. Mas estava, contudo, ausente do jardim. Ela precisava de cor ali. O que era confirmado pela vista através das janelas duplas, pelo rosa e o amarelo flamejante das azaleias, pelo amarelo estridente do doronicum e das Hymenaea Altissima. Era a própria Sra. Chorley quem fornecia os nomes, sem que lhe fosse solicitado.

— O que é aquela árvore na frente?
— Lyriodendrum Tulipefera, informou com pronúncia impecável.

Wexford disse que esperava que fosse conseguir se lembrar, mas duvidava disso. Será que não havia um nome vulgar?

— Árvore lírio com flor de tulipa, acho eu. A Sra. Chorley disse isso com nojo, como se estivesse surpresa de alguém ser tão vulgar ao ponto de se referir às plantas sem usar a classificação científica. Ela já havia dito aos dois que nunca ouvira falar de Vicky ou Jerry e que fazia meses não recebia visitas na casa. — Eu não tenho tempo para receber. O jardim e a casa tomam todo o meu tempo. Dirigir um carro, o senhor quer dizer? Meu marido faz isso. Eu nunca aprendi.

Mas havia, mesmo assim, algo de estranho, comentou Wexford quando estavam voltando para Kingsmarkham, algo que ele não percebeu, ou que deveria ter perguntado.

— Essa mulher não teria ficado com as duas garotas na casa dela, disse Burden. — Em hipótese alguma. Elas poderiam sujar os tapetes. Tenho pena desse pobre coitado, o tal Chorley.

— É mesmo? Eu sempre achei que você mesmo fosse um pouco maníaco com a limpeza da casa.

— Eu não sou nenhum doido varrido, disse Burden, indignado. — Muito obrigado.

— O que deixamos de perguntar? Perguntou Wexford, mas Burden não soube responder.

* * *

Três anos na polícia e, apesar de ambiciosa e desejosa de ser promovida, Lynn Fancourt ainda aparentava ser muito mais jovem que os seus vinte e cinco anos de idade. Seu rosto era redondo e rosado, seus olhos tinham aquele azul da porcelana chinesa e seus cabelos castanhos eram fartos e curtos, com uma franja, cortados como os de uma criança de antigamente pintada numa lata de doce. As pessoas achavam que ela devia ter uns dezoito anos. Uma vez, um bêbado que ela prendeu por estar causando arruaça lhe perguntou se seus pais sabiam onde ela estava àquela hora da noite. O lugar onde morava, que ficava a 320 quilômetros da casa dos pais, era a parte de cima de uma construção em Framhurst, a qual tinha uma cobertura no final do jardim onde guardava o seu Ford durante a noite.

De hábito, Lynn ia trabalhar de carro, mas, ultimamente, desde que Rachel voltou para casa, o Fiesta passou a ficar no seu abrigo. Lynn passou a fazer metade do caminho de ônibus e a andar o resto. Já a volta para casa era planejada com mais cuidado. Numa noite, ela andou quase dois quilômetros até um prolongamento da Pomfret Road e ficou esperando no ponto de ônibus, não que estivesse mostrando o polegar para pedir carona, apenas olhando esperançosa. Numa outra noite foi a Flagford Road, onde havia pouco trânsito e a estrada era escurecida pela sombra dos galhos crescidos das árvores.

O motorista da perua, que foi o único veículo que parou para ela, lhe deu um olhar tão libidinoso e era tão repulsivo que a moça teria mandado embora, mesmo que estivesse realmente necessitada de carona. Em geral, acabava pegando o ônibus, mas no dia em que visitou Lizzie e a viu com Jodi, o bebê virtual, ela pegou a primeira carona. Parecia ser absolutamente natural que entrasse num carro dirigido por uma mulher. Era uma mulher de meia-idade, cabelos acinzentados e de aspecto agradável, e o carro, um Honda cor de creme. Evitando dar maiores indicações sobre o trajeto, Lynn lhe pediu que a deixasse em Savesbury. Sua ansiedade cresceu quando a motorista pegou errado a primeira entrada, parecendo tomar a direção da antiga perimetral. Contudo, ela havia só se enganado de caminho.

— Minha querida, não tenho a menor noção de direção! Dez minutos mais tarde Lynn se viu sendo largada no meio da rua central do vilarejo de Savesbury, dando alegres adeusinhos para o Honda que partia. Em seguida, teve de andar os três quilômetros de volta para casa.

* * *

Cerca de duas horas mais tarde, Wexford estava pensando em ir para a cama. O telefone tocou, mas era engano, ele estava colocando o aparelho no gancho, quando lhe veio à baila a pergunta que queria ter feito à Sra. Chorley. Talvez não fosse bem uma pergunta, era mais uma ausência que havia na casa, a qual percebera subconscientemente, mas que não fora formulada. A casa não tinha telefone. Ou pelo menos ele não havia visto aparelho algum. Fora treinado para observar a ausência das coisas, assim como a presença delas, mas não vira telefone algum. Algo assim era tão raro hoje em dia a ponto de ser considerado uma excentricidade. Rachel Holmes havia dito que a casa para onde a levaram não tinha telefone, ou que fora incapaz de encontrá-lo...

O seu próprio telefone começou a tocar enquanto estava em pé ali pensando. Àquela hora! Era sem dúvida a mulher do número errado de novo. Atendeu ao telefone e ouviu uma voz que fazia muitos anos não escutava, a voz infantil e assustada de Sylvia, sua filha adulta, competente e controlada:

— Ah, papai, algo horrível aconteceu. Sei que sou uma tola, mas você pode vir aqui, papai? Você vem, não vem, pai?

* * *

Nove

ELE ENFIOU um suéter em vez do paletó de tweed e chegou ao Hide em quinze minutos. Uma vez lá, encontrou dificuldade em entrar, visto que a mulher que abriu a porta o confundiu com outro marido raivoso procurando pela mulher. Após uma profusão de desculpas, seguidas de uma risada de alívio, ele encontrou o sargento Fitch e o policial Dempsey no ato de prisão em flagrante do homem que Sylvia surpreendeu cortando o arame no alto do muro. Quincy Miller provocou uma correria, fazendo com que elas pulassem de um lado para o outro da casa, gritando: "Tracy, onde você está? Eu vou lhe pegar", arrombando duas portas e esmurrando uma mulher que nunca havia visto e que nem por um segundo poderia ser confundida com a esposa dele. Tracy dormiu tranquilamente durante todo o episódio, assim como suas duas filhas nas camas ao lado dela.

Wexford foi encontrar Sylvia na sala da Helpline no ponto mais alto da casa: ela bebia chá e se recuperava de suas duas confrontações com Miller, a primeira quando ele olhou para cima e a fitou nos olhos enquanto atravessava o jardim, e a segunda, quando ele irrompeu na sala dela e a ficou sacudindo, enquanto berrava obscenidades, até seus dentes começarem a ranger. Wexford a envolveu com seus braços, apertando-a num longo e confortador abraço. Após um ou dois minutos, durante os quais ela se agarrou a ele, foi soluçando que disse:

— Ah, papai, e eu que achava que era durona! Depois daqueles anos todos como Assistente Social...

— Ninguém, disse ele, — Ninguém é tão valente assim. Acredite em mim.

Ela pensou na decisão que tomou de colocar "tudo em pratos limpos"

com ele e que isso não parecia mais necessário. À aflição e ao terror se seguiu uma calma enorme, um calor interno que se espalhou por dentro dela, como ao beber algo quente e forte. Ela pegou a mão dele e a ficou segurando.

— Quero conhecer este lugar, disse ele. — Que é aquela listra ali em cima? De onde vieram esses recortes todos? E, depois que ela deu uma pequena volta com ele na sala, continuou: — O que você diz quando atende ao telefone? O que você faz?

Ela lhe falou a respeito de "Anne", que telefonara há alguns dias completamente apavorada; do homem que, aparentemente, entrara na sala vindo do jardim e de como haviam batido com o telefone no gancho; falou da mulher cujo marido se comprometera a parar de espancá-la se ela procurasse um psiquiatra. Esses eram alguns dos seus fracassos; ela, porém, falou também de seus sucessos, de suas vitórias. Quando já era meia-noite e Jill chegou para rendê-la, Wexford disse para ela deixar o carro que ele a levaria para casa; ele preferia que ela não dirigisse, Neil poderia levá-la até lá na próxima vez em que estivesse de serviço. Foi assim que a levou para casa, percorrendo todo o trajeto pelo campo, dezesseis quilômetros fora de Kingsmarkham. Viu-a entrar em casa e voltou depois para a própria casa, se deitando na cama ao lado de Dora quando faltavam poucos minutos para as duas horas da manhã.

Foi devido ao seu esgotamento e a um pouco de insensatez que decidiu ir a pé para o trabalho na manhã seguinte. Uma vez que o ar fresco e o exercício eram opções saudáveis entre as que o doutor Akande vivia dizendo de que precisava. Era também um lindo dia, quente e sem vento, com o sol meio encoberto pelo mormaço. Ele pensou em como era agradável olhar a calçada quando os únicos detritos eram a florada que caíra, flores cobertas pelo pó de pólen esverdeado, em vez de embalagens e guimbas de cigarros. Apesar da noite em claro, não dormiu quase nada depois de chegar em casa, a noite havia sido muito gratificante: ele fora recompensado com o afeto da sua difícil filha mais velha que, com alguma sorte, poderia em breve descobrir que era tão amada por ele quanto a irmã caçula. Ao entrar na delegacia, chegou ao cúmulo de subir as escadas, todos os quatro lances, em vez de usar o elevador.Um comunicado em cima de sua mesa lhe chamou a atenção, e foi a primeira coisa que leu:

Ações contra Delinquentes Sexuais. Um aperfeiçoamento dos meios para identificar e lidar com notórios delinquentes sexuais, postos em liberdade e de volta à comunidade, foi anunciado esta semana pelo Ministro da Justiça. Será criado um novo conselho nacional de orientação, do qual farão parte representantes do Ministério da Justiça, da Associação de Comissários de Polícia, da Associação de Comissários de Sursis e especialistas no tratamento de delinquentes sexuais. O novo conselho irá: Identificar notórios delinquentes sexuais de difícil reintegração enquanto eles ainda se encontram na prisão, para a avaliação de planos no momento de sua soltura; Supervisionar o controle dos transgressores após serem libertados; e considerar quaisquer recursos necessários diante dos custos adicionais para acomodá-los. Tem havido patente preocupação pública em relação à maneira com que alguns notórios infratores sexuais têm sido soltos de volta à comunidade...

"Você pode ter certeza disso", disse Wexford com seus botões enquanto refletia também que tudo isso era tarde demais para Smith. Talvez a "poeira tenha assentado" no Condomínio Muriel Campden. Ele tinha muita fé na capacidade das pessoas em aceitarem uma situação, se adaptando a ela. Se Smith não fizer nada, e é claro que não vai fazer, se ele se tornar um notório delinquente se mantendo discreto, seus vizinhos não irão além de tratá-lo, a ele e aos seus, com indiferença, mantendo a distância. A sua divagação foi interrompida pela entrada na sala de Karen Malahyde.

— Senhor, uma outra menina está desaparecida. Ele iria se arrepender depois da brincadeira.

— Levada pelas almas para um adorável bangalô com uma árvore na frente, presumo eu? Karen não sorriu:

— Acho que não, senhor. Isto é coisa séria, se trata de uma menininha que não tem ainda três anos.

* * *

Ploughman's Lane é a rua dos milionários em Kingsmarkham. Ainda que para alguém de passagem ela não pareça de todo uma rua, mas sim uma estrada rural atravessando um bosque. E os bosques de Sussex são os mais bonitos da Inglaterra, uma vez que as árvores são mais altas, das espécies mais variadas, com folhagens mais luxuriantes; crescendo em meio a elas o sabugueiro e o viburno. As mais belas entre elas são as faias, com seus galhos como plumas, como asas verdejantes abertas, e seus troncos lisos de um cinza prateado como se fosse pele de foca; havia também o álamo-preto, a mais distinta, com sua copa redonda, cujo aspecto natural faz pensar ser obra de um topiário.

"É lá, caminhando entre as copas que, de tão feliz, caio em mim". Era assim que Wexford se sentia quando ia até lá, ainda que, é claro, não houvesse mar algum antes de quase quarenta quilômetros. Além do mais, os bosques hoje em dia estavam cheios de casas, já estando assim desde a infância dele. Apenas mais residências foram acrescentadas, só isso. Mas ainda era difícil conseguir enxergar a maioria delas, a não ser olhando com atenção, espiando entre uma moita ou uma sebe de arbustos, supondo que alguma moradia estivesse escondida ali atrás das árvores porque havia um portão e uma caixa de correios com nomes como Woodland Lodge, ou The Beeches. Houve uma época em que Sylvia morou ali, quando o negócio de Neil estava indo a todo vapor, mas, mesmo naquele tempo, a casa dela fazia parte do grupo das mais modestas. Aquela que ele ia visitar agora estava entre as mais esplêndidas, com as árvores mais altas no seu terreno, tinha a alameda mais longa do portão até a casa, e era, entre todas elas, a mais invisível da estrada.

Não poderia haver contraste maior num raio de dois quilômetros entre esse lugar e o Condomínio Muriel Campden ou a Glebe Road. Mesmo aqueles sem tendências radicais não podiam deixar de percebê-lo e de se sentirem, a contragosto, constrangidos. Wexford refletia a respeito desse contraste toda a vez em que chegava ali e, à medida que o carro subia pela entrada da propriedade em direção a Woodland Lodge, o trajeto até a casa que parecia ser mais uma estradinha vicinal no campo do que o acesso para a garagem, ele olhava de um lado para outro, sentindo a mesma sensação de iniquidade na vida.

A casa à qual chegaram era quase um solar art nouveau da primeira década do século XIX: tinha tijolos vermelhos com maciços acabamentos brancos, janelas em caixilhos e uma porta almofadada de carvalho. A enorme garagem dupla era evidentemente a antiga cocheira que foi reformada. Ainda dentro do carro, ele notou que era praticamente impossível ver dali qualquer uma das casas da vizinhança, ou que fosse devassável por qualquer vizinho. Esse aspecto da Woodland Lodge, em Ploughman's Lane, tão vantajoso para corretores de imóveis e atraente para os compradores, seria uma dificuldade a mais para a investigação policial.

Ele já sabia, antes mesmo de ser admitido diante da presença desoladora

da mãe e do pai, que esse era um caso muito diferente das abduções de Lizzie Cromwell e Rachel Holmes. Ninguém ofereceu carona à filha dos Devenish, nem ela foi vítima de um engodo, mas sim agarrada durante a noite na sua própria cama e levada do seu quarto na casa dos pais. Mas não havia como dizer se os episódios com os Cromwell e os Holmes não foram os antecedentes, ou ensaios para esse de agora. Foi Stephen Devenish quem abriu a porta para Wexford e Karen Malahyde. Ele se mostrou bastante protetor em relação à mulher, tentando de início poupá-la da investigação. Afirmou que ela não sabia de nada que importasse para eles, que estava por demais transtornada, e ele não queria que ela fosse incomodada, que sofresse mais do que já estava sofrendo. Não havia nada que ela pudesse dizer que ele não soubesse.

— O senhor me desculpe, mas eu preciso falar com a Sra. Devenish, disse Wexford. — Não vamos afligi-la. Acho que ela mesma gostaria de nos ajudar.

Devenish tinha modos gentis, aparentemente não era nem agressivo, nem impertinente, e sorriu tristemente ao assentir com a cabeça, concordando com o que Wexford disse. Ele os levou para uma sala de estar mobiliada com primor; uma das extremidades tinha janelas de batente que se abriam para um terraço e um gramado. Mais além, começavam as árvores, árvores adultas, até mesmo seculares, que existiam ali muito antes de a casa ter sido construída, mas mesmo elas não eram altas o bastante para encobrir as vertentes azuladas ao longe das elevações das colinas.

No meio de um sofá de três lugares estofado de cetim creme, se sentava uma mulher pequenina e magra de rosto pontudo e os olhos enormes de um morcego frutívoro. Tratava-se de um casamento, isso era evidente para Wexford, de um fenômeno muito comum, no qual um homem alto e extremamente bonito se casou, formando um casal feliz, com uma mulher sem graça e insignificante. Stephen e Fay Devenish, disso já sabia, tinham ambos trinta e seis anos, mas enquanto ele parecia ter trinta e poucos, ela aparentava quarenta e cinco. Ela se levantou quando entraram na sala e estendeu a mão, modos de uma mulher bem educada que precisaria de algo mais do que o horror da descoberta daquela manhã para se esquecer de suas boas maneiras. Ela disse, com voz baixa e suave:

— Obrigada por terem vindo, é muito gentil de sua parte.

— Sente-se, querida, disse Devenish. — Você precisa se acalmar; é preciso preservar suas energias. "Para quê", se perguntou Wexford, falando logo em seguida:

— A sua filha tem três anos de idade, não é?

— Trinta e três meses, para ser preciso, disse Devenish.

— E o nome dela é... Deixe-me ver... Sanchia?

— Isso mesmo.

— O senhor tem outros filhos, Sr. Devenish?

— Dois meninos. Eles estão no colégio. Eu os mandei para o colégio nesta manhã, achei que era o melhor a fazer. Eles se chamam Edward e Robert, e têm doze e dez anos. Karen falou:

— Sra. Devenish, a senhora poderia nos dizer o que aconteceu aqui ontem à noite e hoje de manhã? Mesmo tendo a pergunta sido feita à mulher dele, Devenish respondeu rapidamente:

— Ontem à noite, tudo se passou normalmente, foi uma noite absolutamente normal de um dia no meio da semana. Foi o que aconteceu depois que fomos dormir que foi tão... Tão horrível, tão terrível!

Ele se sentou ao lado da mulher e segurou a mão dela, puxando-a para cima dos próprios joelhos. Sentado ao lado dela, ele parecia ter duas vezes seu tamanho, era um homem troncudo, sem ser gordo, moreno, quase trigueiro, com uma cabeça byroniana, e rosto semelhante às feições atraentes do poeta.

— Sanchia foi, como sempre faz, para a cama às sete, e minha mulher leu, como sempre faz, uma história para ela; tudo foi absolutamente como de hábito.

— Eu deixei a janela do quarto aberta, disse Fay Devenish com voz desesperada, como a de alguém confessando uma culpa aterradora. — Era uma linda noite e eu deixei a janela aberta. Não pareceu ser perigoso, não nesta casa, não na Inglaterra no verão.

— Ora, querida, disse Devenish, — Você sabe que faz umas tolices de vez em quando.

Ele disse isso com uma voz amorosa, quase num tom brincalhão, mas que surpreendeu Wexford. Não foi "nós todos fazemos tolices de vez em

quando", mas "você faz umas tolices", você é a tola que deve ser culpada.

— Daqui a pouco vamos ver o quarto de Sanchia, disse Wexford. — O senhor escutou algo de estranho durante a noite?

— Eu nunca ouço nada, eu tomo um comprimido de dormir antes de ir para a cama. Isso era uma admissão surpreendente vindo de um homem tão forte e de aparência tão saudável. — Ele me faz dormir um sono de pedra. Eu preciso de meu descanso, tenho um trabalho estressante.

— Qual é o seu trabalho, Sr. Devenish?

— Sou o diretor-presidente da Seaward Air, disse Devenish, se referindo a uma das principais companhias aéreas transeuropéias, que funcionava no aeroporto de Gatwick. — Eu deveria estar lá agora, mas é claro que... Ele levantou as mãos em sinal do inevitável.

— E a senhora não ouviu nada durante a noite, Sra. Devenish? A senhora também toma comprimidos para dormir? Ela balançou a cabeça, para em seguida olhar para Wexford, revelando tamanho desamparo, que ele precisou desviar os olhos. Mas precisava continuar com as perguntas. — A que horas Sanchia costuma acordar de manhã? Foi mais uma vez o pai de Sanchia quem respondeu.

— Às seis. Muito raramente às seis e meia. Ele sorriu, de um pai de família para outro. — Eles todos acordam cedo nessa idade.

— Então a senhora achou que ela estava dormindo até mais tarde, como já aconteceu antes? Foi Karen quem falou.

— A que horas a senhora foi ao quarto dela? Devenish estava prestes a fornecer a resposta, mas Karen disse com firmeza: — Sra. Devenish?

— Eu... Nós... Dormimos um pouco demais. Ela olhou para o marido como se pedisse permissão para continuar. Ele assentiu, dando seu apoio a ela. — Eram sete horas quando acordei. Eu me levantei e fui para o quarto de Sanchia. Achava que já fazia uma hora que ela deveria estar acordada e eu não a ouvi. É claro que se ela estivesse lá, ela teria se levantado e vindo para o nosso quarto, era algo que ela podia fazer, mas não pensei nisso naquela hora. Corri até o quarto dela e a cama estava vazia e... Ah, meu Deus... Eu pensei, pensei...

— Não fique nervosa, querida, disse Devenish. — Tente manter a calma. Você sabe que não é bom para você ficar transtornada. Eu conto o resto. Mais uma vez, ele pegou a mão da mulher e a puxou para perto do próprio corpo. — Nós pensamos que Sanchia houvesse se levantado e

descido as escadas. Ela nunca fez isso antes, mas as crianças mudam tão rapidamente nessa idade, sempre há algo de novo... De qualquer forma, ela não desceu. Nós a procuramos até no jardim, mesmo que todas as portas estivessem trancadas e continuassem trancadas. Aquela porta, ele apontou para as janelas de batentes, estava trancada e a chave foi retirada, como sempre, da fechadura. Ele assentiu com a cabeça. — Retirada por mim, falou, como se ninguém mais naquela casa fosse capaz de tirar uma chave da fechadura. Wexford se levantou.

— Vamos ver, por favor, o quarto de Sanchia.

A casa era maravilhosa, impecavelmente mantida, os lambris acompanhavam o estilo da época, madeira escura entalhada e extremamente lustrada, o saguão da escada era amplo e a escadaria larga, com os degraus atapetados com um carpete branco-marfim. "Escolha esquisita", pensou Wexford. Uma coisa era a Sra. Chorley, já na meia-idade e sem filhos, gostar e conservar em todo lugar uma brancura imaculada, mas como isso era possível para um casal com três filhos, o mais velho ainda um pré-adolescente? Mesmo assim estava irreprochável. A Sra. Devenish provavelmente tinha uma diarista, ou até mesmo uma empregada permanente. Enquanto subiam as escadas, Wexford perguntou a respeito.

— Minha mulher cuida de tudo isso, disse Devenish com orgulho. — Ela é uma dona-de-casa fantástica. Mas isso é a única coisa que ela sabe fazer. E sorriu para mostrar que estava brincando.

O andar de cima era também todo de cor marfim, com tipos de móveis colocados no patamar que só os ricos têm: um par de cadeiras brancas e douradas, um cachepô com uma enorme planta florida e uma chaise-longue rosa. Uma porta à direita tinha um medalhão esmaltado preso, onde estava escrito: Quarto de Sanchia. Devenish abriu a porta e eles entraram; a mãe da criança desaparecida cobriu o rosto com as mãos, e deixou escapar um soluço abafado.

— Sente-se, querida, disse Devenish. — Teria sido melhor se você não tivesse subido. Tudo isso está sendo demais para você. Ele levantou os olhos para dar a Wexford um olhar que queria dizer alguma coisa, mas que coisa era essa, isso era impossível dizer. — Minha mulher é muito frágil.

Devenish parecia querer dizer muito mais com isso do que o sugerido pela frase de praxe, ainda que meio fora de moda. Será que ela estaria se recuperando de uma doença? Será que sofria do coração? Não dava para Wexford adivinhar. Ele examinou o quarto. Ficava nos fundos da casa e suas janelas davam para o jardim. O tapete ali era rosa, a cama era de baldaquino com o dossel feito de cortinas cor-de-rosa. Obviamente, tudo havia sido deixado da maneira que estava quando a criança saiu dali, foi levada dali, com o edredom de motivos florais rosa-e-brancos dobrado para trás e o jardim zoológico de animais de pelúcia, vários ursos, um cachorro, dois gatos e uma girafa, empilhado ao pé da cama. Uma das janelas ainda estava aberta, e era larga o bastante para que um adulto pudesse entrar. A outra mais parecia uma porta de vidro e, quando Wexford a destrancou e abriu, viu que ela dava para um balcão com uma grade de ferro forjado. Ele saiu. A altura até o gramado era de apenas cerca de cinco metros, mas alto o bastante para que alguém pulasse com uma criança nos braços.

— A cama normalmente já teria sido feita a esta hora, é claro, disse Devenish, parecendo se desculpar. — Mas diante das circunstâncias, achei... Wexford não se dignou a responder, se é que uma resposta era esperada.

— O senhor tem uma escada na propriedade? Perguntou a Devenish que havia saído para o balcão com ele.

— Temos sim. Uma escada extensível. Ela fica na garagem e, receio que seja culpa minha, a garagem não estava trancada. Num lugar assim, quero dizer, numa cidadezinha rural, com uma vizinhança da melhor qualidade, a gente acaba achando que não precisa trancar toda noite a garagem.

— E eu receio que essa sua vizinhança da melhor qualidade seja exatamente a razão pela qual o senhor deveria trancá-la, disse secamente Wexford. Devenish deu de ombros.

— Podemos fechar a janela agora? Seu pessoal já olhou todos os detalhes, impressões digitais e todo o resto, e mostrei a garagem e a escada a um policial.

Wexford se sentou ao lado de Fay Devenish. A cabeça dela continuava coberta pelas mãos; ela, porém, agora as afastou e olhou para ele, mostrando um rosto destruído pela dor, sulcado pelas lágrimas.

— Sra. Devenish, disse ele, — Que tipo de criança é Sanchia? Ela tem trinta e três meses de idade, e possivelmente já deve estar falando razoavelmente bem e deve ter uma voz clara e vigorosa, não é? Ele tinha em mente as crianças quando acompanham as mães ao supermercado; a voz de uma de três anos é a mais ensurdecedora de todas. — E faz cerca de ano e meio que ela anda? Fay Devenish hesitou, para em seguida dizer:

— Ela começou a andar tarde, aos dezoito meses. Falou com voz monocórdia, como se estivesse drogada. — E ela não fala muito, não tanto quanto deveria.

— Querida, não faça com que minha filha pareça retardada. Devenish com sua maneira jovial e paternalista abrandou a dureza da repreensão. — Inspetor-Chefe, Sanchia é apenas uma dessas crianças que começam a falar tarde. Meus dois filhos começaram a andar com um ano e falavam fluentemente com dois. Sanchia é menina, e talvez aí esteja a diferença. O respirar fundo de Karen era exatamente o que Wexford esperaria dela, mas mesmo assim deu-lhe um olhar censurando-a.

— Seria ela capaz de deixar que um estranho a tirasse da cama e a levasse para fora do quarto descendo por uma escada? Ela teria alguma reação? Imagino que fosse com certeza gritar...

O pai respondeu que não saberia dizer, não tinha como responder a isso, o que deixou Wexford matutando quanto tempo de verdade ele passava junto aos filhos. Será que a Seaward Air o mantinha tão ocupado que ele, mesmo só vendo rapidamente os filhos pela manhã, não conseguia chegar a casa, antes que todos tivessem ido se deitar? Fay Devenish disse, com um soluço engasgado:

— Ela é uma menininha doce e gentil, uma menininha afetuosa, ela poderia... Ela poderia ir com alguém que fosse... Que fosse carinhoso com ela. E com isso, explodiu numa tempestade de lágrimas, soluçando e balançando de um lado para o outro. Seu marido se sentou no lugar de Wexford e a abraçou.

Não era preciso fazer um desenho. Montague Ryder, o chefe de polícia, não foi explícito no telefone, mas disse tudo que era preciso ser dito, assim como Wexford não deu nome aos bois nem forneceu detalhes a Karen, Burden e Vine, mas eles entenderam o que ele queria dizer da mesma forma

que ele havia compreendido Ryder. Seria conveniente que a abdução de Sanchia Devenish fosse, por enquanto, mantida longe da imprensa, da mídia, que seu desaparecimento fosse mantido em sigilo. Isso significava que Stephen e Fay Devenish não iriam aparecer na televisão suplicando pela volta da filha, o que também era uma espécie de alívio para Wexford, o qual começava a achar que após o apelo dos Crowne e de Rosemary Holmes, um terceiro seria constrangedor. Além do quê, ele depositava sua expectativa na existência de Vicky e Jerry. Quaisquer que fossem as mentiras contadas por Lizzie e Rachel, Vicky e Jerry apareceram nos dois relatos; eles eram de verdade.

— Imagino que alguém terá de ir até a universidade de Essex, disse Burden, — Falar com Rachel e arrancar a verdade. Imagino que ela pare de mentir quando souber que agora pegaram uma menina de três anos. Wexford balançou a cabeça.

— Não, Mike, isso não é suficiente. Eu a quero de volta aqui. Karen vai até Colchester para trazê-la de volta pra cá. Ela pode conseguir uma licença do tutor, do orientador, ou do supervisor de estudos dela, qualquer que seja o título dele ou dela. Basta que fique um dia aqui. Eu mesmo vou andar com ela de carro por aí até que ela encontre a tal casa e identifique essa gente.

— Ela pode se recusar a vir.

— Neste caso, disse Wexford, — Eu vou autuá-la por obstruir o cumprimento da lei. Ela é maior de dezoito anos, já é uma mulher.

Vicky era provavelmente alguém muito persuasiva, uma mulher charmosa, talvez. Se não fosse esse o caso, como teria sido capaz de atrair Lizzie para dentro do carro e de convencer Rachel, de longe a mais inteligente, de que era a mãe de uma amiga? Será que tinha também, como se dizia, "jeito" com criança? Seria ela o tipo de mulher a que uma criança pequena se apega imediatamente, que se sente à vontade naturalmente com ela? Como dizem "vinde a mim as criancinhas", e assim elas se aproximam felizes, confiantes e desejosas. Isso porque se a mulher não tivesse uma flauta encantada como a do Pied Piper, o tal Flautista de Hamelin, concluiu Wexford, ela teria de ser alguém conhecido de Sanchia, uma parenta ou amiga da família, ou uma visita frequente na casa da Ploughman's Lane. Mas isso tudo parecia tão improvável, como era difícil de imaginar que alguém assim fosse pegar uma escada na garagem no meio da noite, para em seguida

galgá-la até a janela, entrar, despertar aquela criancinha adormecida e levar embora a garotinha sem que ela esboçasse qualquer grito ou ruído.

Ele voltaria mais tarde, naquele dia, até a Woodland Lodge para extrair de Devenish uma lista, uma lista muito reduzida, dos parentes e amigos que Sanchia conhecia e via com frequência. "Extrair" era a palavra, uma vez que Devenish resistira ao máximo a fornecê-la. Nenhuma dessas pessoas era de longe capaz, ele insistiu, de raptar uma criança e, ainda por cima, a filha dele. Deu a impressão estranha de alguém cujos poucos amigos receavam, alguém que inspirava respeito profundo, ou até mesmo temor. Mas, então, sorriu e, não pela primeira vez, Wexford teve a impressão de que ele não estava tão transtornado quanto aparentava. Wexford imaginou como seria para ele se Sylvia ou Sheila houvesse sido levada de suas camas quando tinha menos de três anos. De como teria sido tomado de raiva e incredulidade, juntamente com dor e pavor. Mas esse sujeito sorria, ainda que tristemente. Bem, as pessoas eram diferentes, era preciso aceitar isso. E havia gente muito boa em esconder seus sentimentos. Devenish lhe deu uma lista e Fay Devenish outra. O marido olhou a lista da mulher e balançou a cabeça.

— Olhe aqui, querida, você incluiu Gerard Morgan e Sarah Pilgrim e... Vejamos... Carmel Finn, quem quer que ela seja. Há anos nenhuma dessas pessoas põe os pés nesta casa... Bem, com certeza desde que Sanchia nasceu. Ele sorria tanto ao dizer essas palavras quanto havia sorrido de manhã numa situação parecida. — Eu não teria permitido. A mão da esposa recebeu um afago confortante. — Sanchia não conhecia essa gente, e com certeza não teria ido com nenhuma delas. A cara feia delas a teria deixado morta de medo. A palavra "morta" fez com que Fay caísse mais uma vez em pranto. Wexford pegou as listas, duvidando de que elas tivessem alguma utilidade.

— Suponho que a senhora e o senhor tenham uma fotografia recente de Sanchia, disse.

Eles não tinham. Talvez numa foto da família reunida, disse Devenish sem muita certeza, um instantâneo que não poderia ser considerado nada próximo de um retrato.

Wexford ficou olhando os dois, virando a cabeça de um para o outro, se lembrando de sua própria paternidade numa época em que a fotografia não

era algo quase semanal e rotineiro como hoje em dia, mas que ele e Dora haviam, mesmo assim, fotografado com dedicação e constância suas duas filhas. E dificilmente se poderia dizer que fossem ricos... Numa conversa com Devenish, que o levou para uma sala a que chamava de escritório, ele perguntou ao sujeito se ele tinha inimigos.

— Inimigos? Stephen Devenish fez com que a pergunta parecesse uma sugestão ridícula. — O senhor já recebeu algum tipo de ameaça?

— É claro que sim. Qualquer homem na minha posição recebe ameaças. Wexford achou que se tratava de uma resposta surpreendente.

— É mesmo?

— Estou falando de cartas ameaçadoras. Recebi algumas, do tipo repleto de obscenidades, nas quais o autor afirma que quer me matar.

— O senhor lida com isso de forma muito pouco séria, Sr. Devenish. Por acaso chegou a nos avisar a respeito? Teria o senhor conservado essas cartas?

— Nem uma coisa, nem outra. Veja bem, sei que existem pessoas que trabalham comigo, subalternos, sabe o que quero dizer, ou gente que já trabalhou comigo, que não gosta de mim, mas daí a roubarem minha filha é um pouco demais, não é?

Wexford não respondeu. Quando o comportamento das pessoas estava em questão, ele sabia que tudo era possível. Olhou ao redor da sala. Era um ambiente cheio de masculinidade, quase uma paródia do escritório de um homem viril, uma sala voltada para atividades másculas, trabalho de homem e negócios de homem, onde um homem podia, porém, se regalar em meio a objetos estranhos às mulheres. Um cenógrafo seria capaz de criar algo assim como cenário de uma peça a respeito de um magnata ou político. O mobiliário era todo ele grande e pesado, os acabamentos de madeira eram de mogno com arremates de bronze e o estofamento de couro castanho-claro. Nenhuma fotografia, nenhuma flor, nenhuma folhinha. Espadas cruzadas nas suas bainhas de couro estavam penduradas numa parede com um punhal mostrando a lâmina nua entre elas. Uma antiga pistola de pederneira descansava numa vitrine e, ao seu lado, numa outra caixa envidraçada, se via um grande peixe sem vida, aparentemente empalhado. A janela tinha uma persiana, nenhuma cortina, e, no centro da enorme lareira de mármore negro, havia uma fileira de atiçadores de bronze polidos.

— O que o senhor quis dizer com pessoas com as quais “trabalhou”, Sr. Devenish?

— Ah, apenas que eu tive de despedir um cara por incompetência e alcoolismo. Ele era o gerente-geral. Ficou ressentido. Isso é natural, eu diria. E houve outros casos. Mas isso tudo está indo longe demais.

— Mesmo assim, eu gostaria de que o senhor me desse o nome do gerente-geral.

Uma vez mais, ao sair na Ploughman's Lane, Wexford examinou as entradas de automóvel das duas propriedades vizinhas à Woodland Lodge, todas as duas afastadas pelo menos uns doze metros da entrada dos Devenish. Vine já havia falado com os moradores, nenhum dos quais tinha ouvido, ou visto, qualquer coisa durante a noite. Ele e Lynn continuavam a ir de casa em casa, questionando os moradores. O chefe de polícia ligou para ele assim que voltou à delegacia.

— A que horas sai esse jornalzinho que você tem aí, Reg?

— O jornal é de Kingsmarkham, senhor, não meu. O Courier está na rua sexta-feira de manhã.

— Sei. Aquela moça, a segunda a ter sido levada, Lizzie Crowne é o nome dela, não é?

— Lizzie Cromwell, disse Wexford.

— Lizzie Cromwell. Eu imagino que você não está pensando em interrogá-la a respeito da menininha, está? “Quanta coisa se podia dizer”, pensou Wexford, deixando claras as suas intenções e usando de subterfúgios para não dar o nome certo aos bois.

— Não, senhor.

— Muito bem. Você é eficiente.

Lizzie Cromwell não era exatamente uma boba, certamente não era retardada, estava longe de ser do tipo que se pensa internar como louca. Mas era lenta, inocente, com um Q.I. bastante baixo. Devenish havia negado que a filha estava atrasada em relação às outras crianças da sua idade, mas isso era algo inerente ao seu papel. Tudo que fosse associado a ele, sua mulher, seus filhos, sua casa, tinha de ser perfeito, era algo que saltava aos olhos de qualquer um. Mesmo assim, dezoito meses de idade era extraordinariamente

tarde para começar a andar, principalmente nos dias de hoje, quando os bebês fazem as coisas cada vez mais cedo e, caso uma das suas próprias filhas fosse incapaz de falar com quase três anos, pensou Wexford, ele ficaria seriamente preocupado. Haveria nisso alguma ligação? Será que quem abduziu Lizzie também abduziu Sanchia porque havia algo de que precisavam, ou que os atraía, em baixos quocientes de inteligência? Esse era um pensamento desagradável. Mas, nesse caso, por que as mesmas pessoas teriam escolhido a altamente inteligente Rachel Holmes? Ele gostaria de saber a aparência da criança, mas na falta de uma fotografia, ele recusou o instantâneo da família reunida, não tinha como.

Karen trouxe Rachel para casa naquela noite. Ela não queria vir, tinha se recusado a vir, de forma que Karen desistiu de persuadi-la por bem, dizendo apenas do que ela poderia ser acusada; falou com o orientador dela, em seguida com o diretor do departamento e depois com o próprio vice-reitor. Foi muito contrariada que Rachel teve de se render. A viagem levou um bocado de tempo devido a um congestionamento na autoestrada M25, que permaneceu durante todo o trajeto entre Brentwood e a ponte Queen Elizabeth II, na travessia do rio Tâmisa, seguido de mais um outro na M2. Eram quase nove da noite quando chegaram a Stowerton, onde Karen a deixou para que passasse a noite na casa da mãe. Wexford disse que falaria com ela logo pela manhã. Ele havia telefonado pessoalmente para todas as pessoas nas listas dos Devenish, e até mesmo para as três que Devenish disse que Sanchia não conhecia. Todos pareceram inocentes, chocados e solidários. Ele pediu a cada um em particular que não dissesse nada a ninguém a respeito das conversas que tiveram com ele, e todos se comprometeram a não fazer isso, mas não se podia realmente confiar na discrição de homens e mulheres numa situação como aquela.

* * *

A maioria das pessoas no Condomínio Muriel Campden acreditava que Smith não morava mais ali. O homem que foi visto indo embora do número 16 da Oberon Road era com certeza o próprio Smith, quem mais poderia ser? A questão era: para onde ele foi? Várias respostas, todas especulativas, foram fornecidas. Colin Crowne disse que ele foi removido para o Quartel-General da Polícia de Mid-Sussex, na entrada de Myringham. Por ser um local grande

o bastante, que tinha até suítes, disso ele tinha absoluta certeza. Smith deveria ser trancafiado numa cela, mas eles não fariam isso, eram moles demais. Iam certamente colocá-lo numa suíte com banheiro de luxo e cozinha acoplada. Brenda Bosworth disse que ele foi enviado para uma antiga fazenda de estação de águas, um daqueles spas que, como todo mundo sabia, tinha sido transformado em unidades de detenção para notórios delinquentes sexuais que haviam cumprido suas penas.

Na opinião de Tony Mitchell, o pacifista, deram a Smith um apartamento em algum lugar distante, provavelmente no Norte, como parte do programa de proteção às testemunhas do Governo, mas John Keenan disse que, de qualquer forma, esse tipo de programa para testemunhas só existia nos Estados Unidos. Sua esposa, Rochelle, aderiu à teoria do suicídio. Foi para se matar que Smith saiu naquela noite de sábado. Provavelmente iriam encontrar o corpo dele no rio, ou dependurado numa árvore na floresta de Cheriton, um bom lugar para se livrar de porcarias fedorentas. Miroslav Zlatic não disse nada, sendo incapaz, mesmo após doze meses vivendo no Reino Unido, de falar uma palavra em inglês, mas levantou os braços e gritou imprecações em servo-croata. Viver e deixar os outros viverem, foi o que disse Sue Ridley, ele não vai fazer mal algum, está velho demais e acabado.

Todos, entretanto, eram unânimes na crença de que Smith já não estava entre eles. Não viram mais sinal de Suzanne nem do noivo: estavam com vergonha demais para darem as caras, disse Debbie Crowne. Foi então que, ao passar pela Oberon Road a caminho de casa, vindo do trabalho, Joe Hebden viu um homem saindo do número 16 e colocando dois cascos de garrafas de leite no degrau de entrada. Era um velho pequeno, com um rosto de criança de antigamente e uma grenha de cabelos grisalhos, que trajava camiseta e calças grandes demais para ele. Ele disparou de volta para dentro e bateu a porta, como se alguém o houvesse ameaçado com um revólver, mas não antes que Hebden tivesse visto quem era: Tommy Smith, com toda a certeza. Usando suas próprias palavras, Hebden voltou pra casa e caiu de boca no telefone.

* * *

Dez

A MÃE dela havia ficado em casa; tirou a manhã de folga no trabalho para ficar com ela. Como se ela fosse uma criança, pensou Wexford com certa repulsa, incapaz de se cuidar. E não era nem o caso de a garota ser pelo menos um pouco simpática com ela. A vida em comum das duas devia ser um inferno. A ida de Rachel para a universidade deve ter sido um alívio.

— Chegou a hora, Rachel, de nos contar a verdade, disse ele. — Você sabe disso, não sabe? Sabe que a última a desaparecer foi uma criança que não completou ainda três anos de idade?

— Eles não iam pegar ela.

— Rachel, meu bem, como você pode ter certeza disso? Rosemary disse isso da maneira mais afetuosa possível. Talvez porque parecia o tom de voz de alguém tentando fazer as vontades de uma imbecil, talvez por isso Rachel tenha retorquido agressiva:

— Porque ela não serviria aos propósitos deles. Porque eu estive lá e conheço essa gente. Você não esteve e você não sabe. Karen Malahyde parecia que estava prestes a dizer que a garota não tinha como saber a respeito disso, mas bastou um olhar de Wexford para que se controlasse.

— Mesmo assim, eu acho que você sabe onde fica essa casa para onde a levaram.

— Você sabe como é essa casa, disse Wexford, — E, para ser sincero, a descrição que você nos forneceu não se parece com nada nessa região. Não existe nenhuma casa assim. Não há nenhuma casa ou bangalô com lambris na fachada e uma árvore conífera no jardim da frente. Acrescentou em seguida, olhando o rosto petulante e rebelde da moça: — Existe, no entanto, uma casa em Sayle que possui uma enorme árvore decídua em seu jardim da frente, uma casa térrea branca chamada Sunnybank, com um telhado de telhas francesas verdes.

Rachel costumava corar, para seu desgosto. Pôs as mãos no rosto, mas não conseguiu esconder o profundo rubor, tão rosa quanto a porta da Sra. Chorley, enquanto negava com evidente falta de convicção:

— Eu não sei do que o senhor está falando.

Ela fungou, olhou para a mãe e depois virou o rosto. Não sabendo para onde olhar, fitou a porta como que ansiando que o carpete e os tacos se abrissem e ela fosse bem-vinda a um mundo escondido embaixo.

— Sra. Pauline Chorley, Wexford prosseguiu, determinado a ser inflexível. — O que você nos pode dizer a respeito dela?

— Nunca ouvi falar nela! As pessoas mentiriam menos, ou aprenderiam a enganar melhor, se soubessem como é fácil para um investigador treinado detectar uma mentira.

Durante certo tempo, quando ela contou a sua história pela primeira vez, quando foi voluntariamente até a delegacia, ele acreditou nela, em grande parte por se tratar de uma vítima, uma vez que, aparentemente, não havia razão alguma para ela não dizer a verdade. Agora, à medida que ela argumentava, ele sabia que ela nunca ouviu falar em Pauline Chorley, da mesma forma que obviamente conhecia a casa de Pauline Chorley.

— Creio que a sargento detetive Malahyde lhe disse que gostaríamos de levá-la para um novo passeio de carro, dessa vez para Sayle, para vermos se você reconhece a casa.

— Tudo bem. Eu não estou nem aí, murmurou Rachel. Ela se sentou reta e um pouco de sua velha arrogância voltou. — Mas preciso estar à noite de volta na universidade. Espero que o senhor se lembre disso.

— Você gostaria de que eu fosse com você até Sayle, meu bem? Perguntou Rosemary Holmes.

Wexford se perguntou se alguma vez falou num tom tão humilde e bajulador com a sua Sylvia. Esperava que não, achava que não, de qualquer forma era evidente que não funcionava, como Rachel mostrou, virando as costas para a mãe.

— Não, não gostaria. Eu não sou criança!

* * *

Era difícil de dizer quem estava mais confusa com a acareação, Pauline Chorley ou Rachel Holmes. A não ser que se tratasse de uma conspiração esquisita, uma trama urdida nas profundezas, e Wexford sabia que não era o caso, elas nunca haviam se visto antes. Como toda a gente que levou uma vida isolada quando numa situação parecida, a Sra. Chorley estava receosa de que fosse ser acusada de algo que não havia feito, nem sonharia em fazer, mas que mesmo assim poderia ser suspeita de um crime anos depois que o mesmo acontecesse. Rachel permaneceu de cabeça baixa. Ela praticamente não reagiu, a não ser para olhar, brusca e compulsivamente, para um trecho do tapete branco que ficava próximo do centro da sala de estar. Era como se estivesse procurando algo que deveria estar lá, mas não estava. Wexford concluiu que isso era apenas uma técnica para se manter distante da situação e insistiu para que visitassem o resto da casa.

Mas, de volta ao carro, ela admitiu que, se a Sra. Chorley não era Vicky, a casa dela, porém, certamente era aquela. Foi para ali que a tal Vicky a levou naquela noite de sábado há duas semanas. Naqueles cômodos, havia sido drogada, obrigada a cozinhar e a remendar meias, puseram-na para dormir em um daqueles quartos e lhe deram roupas "adequadas" para vestir. Fora o fato de ambas serem mulheres e terem uma idade bem próxima uma da outra, Vicky e Pauline Chorley não tinham nada em comum. Eram tipos físicos completamente diferentes. Vicky sabia dirigir e a Sra. Chorley não. A Sra. Chorley estava obviamente nervosa, enquanto que Vicky não teria medo de nada.

— Você fez faxina naquela casa? Perguntou Wexford, se lembrando de que duvidou dessa história quando a escutou pela primeira vez. — Nesses tapetes brancos?

— Fiz, naqueles tapetes. E espanei todas aquelas porcarias e aqueles móveis de mau gosto. E cozinhei, e tudo o mais. Eu já lhe disse que fiz isso. E tentei remendar as meias do sujeito.

Wexford voltou à casa. Pauline Chorley abriu a porta bastante receosa e ficou apavorada quando o viu de novo. Ao vê-la empalidecer, ele pensou que ela fosse desmaiar e caminhou rapidamente para dentro do vestíbulo.

— Sente-se, Sra. Chorley. Está tudo bem. Acredite em mim, eu não suspeito da senhora. Acho que a senhora foi vítima de uma gente muito inescrupulosa, mas a senhora não tem culpa de nada. Com a cor voltando ao seu rosto atormentado, ela soltou uma risadinha nervosa.

— Da maneira que me comportei, disse, — Dando pulinhos nervosos e quase desmaiando, estou surpresa de que o senhor não me ache culpada.

— Isso só é verdade na TV, disse ele. — A senhora vai me ajudar agora? A senhora responderia a mais algumas perguntas? Ela assentiu. — A senhora e o seu marido estiveram viajando de férias recentemente?

— Como pode saber de uma coisa dessas?

— Digamos que adivinhei.

— Nós fomos passar duas semanas em Chipre e voltamos no final da semana passada.

— E contrataram uma governanta, não foi? A senhora não iria gostar de deixar sua casa maravilhosa, "Deus me perdoe", pensou, desprotegida e, talvez, à mercê de gatunos, de forma que respondeu a um anúncio de alguém se oferecendo para tomar conta da casa. O nome dela era Vicky qualquer coisa e ela possuía referências impecáveis. A Sra. Chorley o fitava estupefata.

— O nome dela era Victoria Smith e de fato tinha boas referências, mas receio que eu não as verifiquei. Ela era tão... Bem, tão prática e com os pés no chão e agradável, e obviamente uma governanta realmente boa que eu... Bem, acho que fui uma tola. "Sem dúvida que foi, ao não verificar essas referências", pensou Wexford, mas não disse nada.

— E a respeito de Jerry? Era o marido ou o filho dela?

— Eu não sei de nada, nem ouvi nada a respeito desse Jerry. Ela veio sozinha, ficou aqui um dia e uma noite antes de viajarmos, de maneira que eu pudesse mostrar tudo a ela, entende, e ela não mencionou esse tal de Jerry. Ela formulou sua pergunta de maneira bastante hesitante, como se não esperasse resposta. — O que... Que foi que ela fez?

— Lamento, mas não estou autorizado a lhe revelar isso.

— Entendo. Ele podia ver que ela estava aliviada, realmente não queria saber de nada, isso poderia ser algo muito desagradável. Mas tinha de perguntar, o marido iria gostar que tivesse perguntado. Ele quase podia ouvir

os pensamentos dela.

— A senhora poderia, por favor, me fornecer o endereço dela, Sra. Chorley?

— É claro que sim, fico feliz em poder ajudar.

Ele tinha certeza de que era falso. Não que parecesse ser falso, era apenas um endereço normal em Myringham, uma rua humilde de casas geminadas, entre a rodoviária e, ironicamente, a delegacia. Mas seria um local que essa Victoria Smith, Smith, ora, seria o nome verdadeiro? Teria localizado consultando um plano de ruas, ou um mapa do automóvel clube. Ele agradeceu à Sra. Chorley e prometeu que a manteria informada dos resultados; na soleira da porta, fez sua última pergunta:

— Telefone? Mas é claro que tenho. Fica no meu quarto. Mas costumo usar um celular quando estou no jardim.

Se faltava alguma coisa para confirmar a história de Rachel, isso seria o suficiente. O telefone ficava no quarto principal e Vicky mantinha a porta daquele quarto trancada. Ele voltou para o carro. A Sra. Chorley teria algo para contar ao marido aquela noite quando ele voltasse para casa depois do longo trajeto desde Londres. Seria ele do tipo que ficaria interessado e se divertiria, ansiando por saber do desenlace? Ou do tipo de homem que encontraria apenas mais um pretexto para dar uma bronca na mulher, criticando-a por ter sido descuidada? Rachel estava sentada atrás, com a cara amarrada.

— Posso voltar agora para Essex?

— Desculpe, Rachel, disse Karen, — Mas nós temos ainda algumas perguntas para as quais gostaríamos de respostas. Ela estava dirigindo. — De volta à delegacia, senhor? Wexford fez que sim com a cabeça, sem dizer nada. Eles voltaram pelo caminho de Pomfret. Após cerca de dez minutos, Rachel falou:

— Eu não fiz nada de errado, vocês sabem disso. Não têm nenhum direito de ficar no meu pé dessa forma. Quando viu que nem Wexford nem Karen iam responder, repetiu o que acabara de dizer, só que de modo mais agressivo.

— Você fez tudo o que podia para obstruir o cumprimento da lei, disse

calmamente Wexford. — Tem sorte de não ser autuada por isso.

* * *

Tasneem Fowler era uma mulher de pais paquistaneses, nascida na Zona Oeste de Londres, que se casou aos dezessete anos com um inglês e teve dois filhos antes de fazer vinte anos. Nas sessões de terapia em grupo conduzidas por Griselda Cooper, ela contou às outras que suportou anos a fio a brutalidade do marido sem nunca chamar a polícia, era espancada por ele, na maioria das vezes sábado à noite. Ela temia que, se chamasse a polícia, Terry Fowler, o arrimo da família, seria levado embora e a família desfeita. Mas quando teve seu maxilar quebrado pelo marido, que também arrancou três dos seus dentes, até então ela só perdera um dente de cada vez, e após estada de uma semana no hospital, ela teve medo de voltar para casa e foi para o Hide.

As coisas deveriam ficar melhores para ela depois disso e, em certo sentido, ficaram. Um trabalho de prótese odontológica foi realizado em sua boca mutilada, o conselho municipal de Kingsmarkham lhe prometeu um apartamento e ela estava matriculada como estudante sênior num curso da Universidade de Myringham. Mas, ao buscar refúgio no Hide, teve de deixar os filhos para trás. Eles só tinham seis e quatro anos e se entendiam bem com o pai, que nunca levantou a mão para eles. Tasneem estava separada legalmente do marido e esperava pelo divórcio, mas não tinha nenhuma chance de conseguir a custódia de Kim e Lee enquanto não tivesse uma casa. Uma coisa que ela não comentou na terapia de grupo foi que falava todo dia com sua amiga, Maria Michaels, antiga vizinha de porta na Ariel Road, para ter notícias dos meninos, como estavam e se haviam se esquecido dela. Ela telefonava do telefone público que ficava no saguão de entrada do Hide, ou Maria ligava para ela. Tasneem receava ir até a casa para vê-los e que o pai deles os impedisse de sair para falar com ela.

— Eu posso ir vê-los, se você quiser, Sylvia disse a ela. — Vou dizer que sou assistente social. Aliás, eu sou uma assistente social.

— Você é muito bondosa.

— Eu sei como me sentiria se me separassem dos meus filhos.

Sylvia teve vontade de chorar, mas conseguiu se controlar e, no dia seguinte, passou pelo Condomínio Muriel Campden e conseguiu entrar no número 27 da Ariel Road, se dizendo do Departamento de Assistência Familiar do Conselho Municipal. Terry Fowler era um homem nanico e magricela, com aparência quase tão frágil quanto a de Tasneem. Sylvia, que era uma mulher grande, alta e forte, pensou que, se ele houvesse tentado fazer alguma coisa com ela, levaria uma surra para valer, e ela não toleraria qualquer abuso. Mas sabia que era ilusório esse argumento. Os homens são mais fortes que as mulheres, e mulheres agredidas ficam em geral por demais desmoralizadas para tentar até mesmo reagir. Ele podia ser nanico, mas era tão agressivo quanto um galo garnisé. "Um primeiro-sargento frustrado", pensou Sylvia, alguém que não encontraria nem no inferno os meios para chegar a esse posto, mas que alimentava sonhos secretos de poder e opressão. Teria ele se realizado através do domínio sobre seus filhos pequenos? Ela não acreditava nisso. Apesar de falar bruscamente com ela, resmungando "sim", "não" e "certo", com os meninos era gentil e paciente. As pessoas são muito esquisitas... Na entrada, quando ela já estava saindo, Kim, o menino mais velho, disse:

— Nossa mãe foi embora e não vai voltar nunca mais.

Esse menino sabe fazer o coração da gente ficar apertado, pensava Sylvia enquanto descia a pé pela Oberon Road. Isso era algo que ela não iria repetir. Tinha esperado conseguir ficar sozinha um momento com os meninos, lhes dizer que a mãe deles os amava, mas não houve oportunidade. Ao chegar em casa, telefonou para o Hide e falou com Tasneem: contou que esteve na Ariel Road e que tudo estava bem, as crianças felizes e saudáveis. Teve vontade de mentir, de dizer que eles sentiam saudades da mãe e lhe mandaram um beijo, mas se controlou. Isso não era certo.

Depois que Sylvia desligou, Tasneem ficou onde estava, no grande saguão de entrada do Hide, com o coração na mão. Quando escutou Sylvia dizer que os meninos estavam felizes, ela sentiu fisicamente uma dor de verdade no lugar onde ficava seu coração. Saudáveis era uma coisa, era bom, mas que estivessem felizes, quer dizer felizes sem ela, esse foi um dos maiores baques que sofreu na vida, doeu mais do que quando Terry lhe surrou o rosto. Talvez Sylvia tenha inventado isso, talvez pensasse que faria bem à

Tasneem saber que Kim e Lee estavam felizes. Maria Michaels nunca disse algo assim, só dizia que as crianças estavam bem, mas era o bastante para Tasneem. Ela sabia que "bem" significava que elas não estavam doentes nem correndo perigo, e isso era tudo que queria ouvir. Colocando o aparelho de volta no gancho do telefone de parede, inseriu duas moedas de dez centavos e discou o número de Maria. Melhor fazer isso agora antes que houvesse, como sempre de tarde, uma fila para o telefone. Maria atendeu. Ela era amiga de Tasneem e uma mulher boa, mas tinha o hábito engraçado de chamar você de "minha querida" em quase todas as frases que dizia.

— Felizes, minha querida? Quem lhe disse isso? Uma assistente social? Você precisa ficar longe dessa gente, minha querida. Preciso dizer mais?

— Você quer dizer que eles não estão felizes? Pensar agora que eles estavam tristes era tão ruim quanto.

— Minha querida, não foi isso que eu disse. Mas você sabe como são as crianças. Eles sentem falta da mãe deles, é claro que sentem, de forma que você não pode dizer que estejam exatamente cheios de alegria. Mudando de assunto, eu tenho novidades. Sabe aquele velhote papa-anjo, o Smith? Ele voltou pra casa. Você nunca conheceu ele, não é? Antes de ir pra cadeia, quero dizer. Você não morava aqui naquela época, minha querida, você era jovem demais, mas ele voltou em tamanho natural.

— O que é um papa-anjo? Disse Tasneem.

— É um pedófilo, um desses que se metem com crianças, só que esse também as matava. Tasneem começou a chorar. Ela gemia e soluçava, batendo com a cabeça contra a parede até Lucy Angeletti descer para ver o que estava acontecendo.

* * *

Quando ela terminou de dar uma descrição precisa de Vicky e Jerry, fornecendo todos os tipos de detalhes, tais como a cor dos olhos e as roupas que ele e Vicky usavam, chegando no máximo possível que podia perto de definir a idade dos dois, Rachel voltou a insistir que foi obrigada a cuidar da casa enquanto estava em Sunnybank, além de cozinhar e remendar as meias.

— E isso não tem nada a ver com The Franchise Affair, comentou amuada. — Isso realmente aconteceu. Ela deu de ombros, como que

exasperada com todo o trabalho. — Jerry nunca abriu a boca, ele só ficava sentado lá, olhando pra mim. Eu vou dizer, mesmo assim, uma coisa pra vocês, na verdade, algo que acabei de lembrar. Vicky não estava muito bem. Quero dizer, tinha alguma coisa errada com ela: tossia muito e ficava logo cansada. Foi por isso que eu...

— Você o quê, Rachel?

— Nada. Não tem importância. Wexford olhou com firmeza para ela, pensando que provavelmente era algo que tinha muita importância. Ela, porém, havia ajudado, contara muito mais coisas a eles do que qualquer um antes. Ele pediu que descrevesse o carro. É claro que ela não sabia o número da placa, mas foi capaz de dizer que era um carro de "tamanho médio" e, surpreendendo-o um pouco, disse que o carro "tinha um valor intermediário de mercado"; um carro hidramático branco, ou melhor, creme.

— Gostaria agora de saber por que deixaram você partir e de como o fizeram.

— Eles simplesmente deixaram, ela falou com seus modos mal-humorados. — Eu passei o aspirador na casa, espanei as estantes e depois disse que ia embora. "Estou indo embora", foi o que eu disse, e ela só respondeu "tudo bem" e que me daria uma carona de volta.

— Assim mesmo? Disse Wexford. — Eles abduziram você, lhe deixaram virtualmente prisioneira, você foi drogada e obrigada a trabalhar e a fazer tarefas domésticas, mas assim mesmo, quando você disse que ia embora eles não discutiram, e simplesmente concordaram.

— Jerry, não, disse ela, Jerry nunca falou.

— Certo. Vicky, então. Ela simplesmente concordou?

— Eu já disse ao senhor.

— Rachel, fico imaginando o que mais aconteceu naquela casa. Você causou algum dano a alguma coisa ou alguém? Fez alguma coisa que você pensa que lhe possa ser prejudicial? É isso?

— Eu não fiz nada! Ela gritou. — O senhor tem me chamado de criminosa, mas é no que fizeram comigo, é nisso que deveria pensar. No que fizeram comigo.

— Tudo bem, Rachel. Vicky, então, levou você pra casa, não é?

— Não, ela não me levou de volta, só me levou até o ponto de ônibus e me largou lá, e eu fiquei esperando horas até o ônibus de Kingsmarkham passar. Posso voltar agora para Essex, ou isso é pedir demais?

— Você pode ir embora.

Depois que ela partiu, Wexford examinou todas as informações coletadas naquele dia. Ao que parece, todos os parentes e amigos dos Devenish estavam livres de suspeita. Afora isso, a informação mais importante foi levantada com o pessoal que morava na propriedade em frente a Woodland Lodge. Eles formavam o casal Wingrave. Na noite em que levaram Sanchia, Moira Wingrave viu um carro saindo da entrada dos Devenish. Eram cerca de duas da manhã. Wexford abençoava os insones, não do tipo de Stephen Devenish, mas aqueles que nunca tomavam pílulas para dormir. Sem conseguir dormir, Moira Wingrave havia visto os faróis de um carro pelas cortinas do quarto e se levantou para olhar, não porque suspeitasse de alguma coisa, mas para ocupar seu tempo olhando alguma coisa, algo que distraísse sua mente naquelas horas terríveis de insônia. E é claro que havia visto que horas eram, uma coisa que fazia pelo menos uma vez a cada hora durante toda noite.

Quando ela chegou à janela, andando devagar e com cuidado para não acordar o marido, o carro já havia saído da entrada da Woodland Lodge e os seus faróis da frente atingiram em cheio seu rosto, deixando-a tonta, quase que a cegando, de forma que foi incapaz de dizer qual era a cor dele, muito menos a marca e o número da placa. Ela não sabia dizer se era um homem ou uma mulher que dirigia. Nenhum outro vizinho viu coisa alguma. Ninguém ouviu qualquer som vindo da Woodland Lodge. Apesar disso, uma criança havia sido levada embora daquela casa por alguém desconhecido, despertada de seu sono, removida de sua cama, carregada escada abaixo, enfiada num automóvel, tudo isso sem emitir um grito. O seu sequestrador poderia ter tampado a sua boca; ela poderia ter se debatido e chutado. Ou ele ou ela poderia tê-la amordaçado, e a enfiado dentro de um saco para carregá-la. Wexford imaginou esses horrores com o coração apertado. Mas não acreditava neles.

— O caso da criança que não chorava à noite, disse ele.

— Pode ser que ela tenha sido drogada, disse Burden, com seu jeito sombrio. — Nós sabemos que Vicky é usuária de drogas. Não poderiam ter dado Rohypnol à criança?

— Ela teria mesmo assim de ser desperta de seu sono por alguém que não conhecia e de ver uma cara estranha olhando pra ela. Será que esse

estranho pôs um esparadrapo em sua boca enquanto injetava nela alguma coisa com uma agulha hipodérmica? A propósito, tem um casal de jovens morando naquele endereço em Myringham. Na William Street, que era antigamente o bairro-de-lata do Jerry, no trecho entre a prisão e a rodoviária, foi agora maquilada. Yuppies estão morando agora em sobradinhos vagabundos construídos para durar dez anos, mas que já estão durando, mais ou menos, um século.

— Bairro-de-lata do Jerry, comentou Burden. — O nome não podia ser mais apropriado.

— Só que na verdade não é. Esses moradores nunca ouviram falar nele, ou da mãe dele, ou quem quer que ela seja. Burden, que em geral deixava esse tipo de especulação intuitiva para Wexford, disse surpreendentemente:

— Eu me pergunto por que ela escolheu a William Street. Será que existe em todo o país alguma William Street que não seja um buraco esquálido? Por que escolher esse lugar específico?

— Existe uma William Street em Londres, no bairro de Knightsbridge, que é um bocado luxuosa, mas entendo o que você quer dizer. Você acha que ela tem algum tipo de ligação com o lugar? Que tenha morado lá alguma vez, ou os pais dela moraram, ou alguém que ela conhecesse bem? E foi por isso que escolheu o endereço?

— Alguém de imaginação limitada é capaz de fazer isso. Talvez valha a pena fazer um levantamento casa a casa. Pena que não tenhamos uma foto. Ou o número da placa do carro.

— Mike, se nós tivéssemos uma foto ou a placa do carro, ela já teria sido encontrada. Mas vamos tentar a sua sugestão de levantar casa a casa. Ou deixamos para Myringham fazer. Eles só precisam atravessar a rua. Wexford se levantou. — Já é tarde e nós temos aquela reunião de manhã sobre os Vigilantes da Dor.

Eram duas horas quando o sargento detetive Vine conversou com Moira Wingrave, após ter lhe contado o que ouviu na noite anterior. Ainda que ele fosse um homem relativamente calmo, bastante discreto, com cara de tacho, Vine deve ter deixado transparecer algo do que sentiu ao receber dela a única evidência autêntica que colheu da sua faina vespertina. Uma vez que, depois que ele partiu, deixando de lado a raiva que sentiu de início por não ter visto ou escutado mais, a exasperação por ter sido incapaz de enxergar a placa do carro, ela começou a se sentir uma colaboradora importante nessa

investigação. Com um pouco de sorte, poderia até aparecer na televisão, ou pelo menos no Kingsmarkham Courier.

"Seria preciso algum jogo de cintura para isso", pensou, enquanto se lembrava do policial lhe dizendo que tudo o que foi dito era sigiloso e que ficaria grato se ela guardasse para si o que contou a ele. Mas o sumiço da pequena Devenish certamente estaria no noticiário do rádio ou da televisão e, uma vez que se tornasse de "domínio público", ela gostava dessa expressão e a repetiu consigo mesma, ficaria livre para falar com quem quisesse a respeito, sobretudo, do papel significante que teve na investigação de um sequestro.

Nos seus quatro aparelhos de televisão, os Wingrave podiam sintonizar todos os canais possíveis. Moira conseguiu encontrar um noticiário às três, e um outro às três e quarenta e cinco, enquanto que uma das várias estações de rádio iria dar um resumo das notícias às cinco para as quatro. O detalhe extraordinário foi que não havia nada em nenhum desses noticiários a respeito do sumiço da criança. Isso deixou Moira com uma mistura de excitação, por ser a única, afora os pais da criança, é claro, a saber a respeito, e indignação pela incompetência da mídia. Quando seu marido chegasse a casa, ele traria o Evening Standard de Londres, mas ela apostaria o que quer que fosse como não haveria nada nele também a respeito dela, qualquer que fosse seu nome, Sasha ou Sandra Devenish.

A diarista que fazia duas vezes por semana a faxina da casa chegava às quatro. Por enquanto, suas duas filhas estavam no colégio. Tracy Miller fazia faxina o dia inteiro, começando às nove, mas era tão solicitada que só conseguia chegar à casa de Moira no meio da tarde. Isso era uma chatice, pois Brian Wingrave sempre chegava pontualmente às seis e não gostava de encontrar Tracy andando pela casa, mas o que Moira podia fazer? Ela precisava de uma faxineira, mesmo que fosse uma com a cara da Cindy Crawford, um corpo de adolescente de dezesseis anos e penteasse os longos cabelos negros numa trança caindo nas costas.

Tracy, de qualquer forma, era um pouco misteriosa. Já fazia seis meses que ela trabalhava na casa e Moira ainda não sabia onde ela morava, se era casada, se vivia com um namorado, se tinha filhos, ou o que quer que fosse. Isso parecia torná-la anônima e capaz de pertencer a qualquer lugar, uma

mulher solitária que, para Moira, poderia se guardar dentro de um armário, da mesma forma que o aspirador que ela usava com tanto vigor, após o término de seu dia de trabalho. Mesmo assim, ela parecia ser uma espécie de reclusa, sem amizades, discreta e calada. Nunca abria a boca a não ser que se dirigissem a ela primeiro; Moira, no entanto, não tinha o que dizer a alguém que, não fosse pelo medo de perdê-la, chamaria de criada.

Mas naquele dia resolveu falar com Tracy algo mais que o habitual, isto é, dizer onde havia marcas de dedos nos espelhos e que a mesa de centro precisava ser mais lustrada. A questão era que precisava contar a alguém, e contar para Tracy era a mesma coisa que confiar segredos uma parede. A mulher ficou só escutando, enquanto usava o espanador, e só quando Moira terminou, disse apenas:

— Pobre mãe!

— Bem, foi isso exatamente o que eu disse ao policial: pobre mãe! Mas se a informação não é de domínio público, como eles podem esperar agarrar quem quer que tenha feito isso?

— Não tenho a menor ideia, disse Tracy.

Bryan chegou em casa logo em seguida, trazendo o jornal vespertino. Não havia matéria alguma sobre criança desaparecida, Moira já sabia que não haveria, e também nada foi dito no noticiário das seis na BBC. Às sete horas, ela pagou a Tracy suas vinte e cinco libras e a acompanhou até a saída da residência, esquecendo de dizer a ela para não falar nada a respeito. Mas, de qualquer jeito, com quem a outra iria falar? Com ninguém que importasse. Ela era apenas uma criada.

A calada e misteriosa Tracy voltou para casa na Kingsbrook Valley Road, num endereço que deixaria Moira Wingrave bastante surpresa, e entrou numa casa cujos objetivos essa última não poderia nem sequer imaginar. Violência doméstica era algo que a Sra. Wingrave consideraria como pertencendo "ao domínio do casamento" e, por conseguinte, restrito ao âmbito de marido e mulher, um assunto privado sobre o qual se silenciava. Tracy entrou usando sua chave e atravessou a casa indo para o playground no jardim, onde teria as melhores chances de encontrar as filhas àquela hora. Mas só encontrou Tasneem Fowler, arrumando os brinquedos depois que as

menininhas foram embora. As filhas de Tracy, ela avisou à mãe, estavam dentro da casa assistindo a um vídeo, já de camisola e prontas para irem para a cama.

— Obrigada, você é maravilhosa! Disse Tracy, que sabia falar copiosamente com quem ela gostava. — Ei, você nem sabe o que aconteceu! Sumiram com uma garotinha lá no lugar dos milionários. A velha morcegona pra quem eu trabalho me contou. Uma criancinha, com menos de três aninhos, que morava numa das casas mais bacanas dali. Isso mostra que grana não dá felicidade.

— Sumiço? Disse Tasneem. — Uma criancinha?

— Foi o que eu disse, uma menininha. O nome dela é Sandra qualquer coisa. Eu gosto desse nome, e você? Se um dia eu tiver mais uma, que eu nunquinha vou ter com ele, Deus me livre, não acharia ruim chamar ela de Sandra. Mas Tasneem já não estava escutando. Ela soltou um grande grito, quase um berro.

— Foi o papa-anjo! Lá onde meus filhos estão tem um. Foi ele quem pegou ela!

* * *

Onze

ERA UMA linda manhã, o céu estava azul e o sol brilhava através de uma bruma transparente. Tudo estava silencioso no Condomínio Muriel Campden, a não ser pelo canto dos pássaros vindo do parque. As poucas pessoas que saíam cedo para trabalhar estavam acabando de acordar. Pouco depois das sete, era a hora da entrega do leite, com o leiteiro deixando uma garrafa ou duas, não mais garrafas de vidro, mas recipientes de plástico com capacidade para um litro, na maioria dos degraus das portas. Meia hora mais tarde, Darren Meeks, de dezesseis anos, chegava empurrando seu carrinho roubado de supermercado para entregar os jornais.

Maria Michaels, que tinha de sair para o trabalho às oito e meia, pegou seu exemplar do Sun no capacho da entrada, e foi para a cozinha tomar o café-da-manhã: uma xícara de chá com croissant. A conversa que teve na véspera à noite por telefone com Tasneem continuava presente na sua mente, ainda que não tivesse dito nada a ninguém a respeito dela, a não ser Monty Smith com quem vivia. De qualquer forma, não teve oportunidade, pois eram dez e meia quando Tasneem, que teve de esperar muito tempo na fila do telefone público do Hide, conseguiu falar com ela.

A menininha desaparecida seria a matéria de capa do Sun, Maria estava certa disso. Mas não havia nenhum sinal dela. E não era só na primeira página, não havia nada a respeito em nenhuma página do tabloide. O que estava acontecendo? Ela levou uma xícara de chá para Monty, que estava desempregado e portanto continuava na cama, lá em cima, e perguntou o que ele achava disso.

— Isso não está certo, disse Monty, pegando o chá e o jornal das mãos dela. — Eles estão mantendo sigilo. Nada na TV nem no jornal. Como é que

a gente ia se sentir se tivesse filhos?

— Totalmente biruta, meu querido. Eu acho que o jornal não tem culpa, a culpa é da polícia.

— Eles estão sempre do lado dos bandidos, disse Monty. — Papa-anjos, estupradores, ladrões, assassinos, qualquer um, são todos bonzinhos.

— A gente precisa avisar ao pessoal. Meu querido, eu vou já dar uma ligada pra Rochelle antes de ir pro trabalho. Meu Deus, olha só a hora, é melhor me mexer.

Maria ligou para Rochelle Keenan e, como não se lembrava do nome que Tasneem lhe disse, ela falou que uma criança chamada Shawna, Shana, ou algo no gênero, estava desaparecida e que a polícia não estava fazendo nada a respeito. Depois que desligou, Rochelle ligou para Brenda Bosworth, embelezando a história para que ela soasse mais realista nos ouvidos daquela mulher que adorava sensacionalismos, e disse que Tommy Smith tinha surrupiado um bebê de dentro do próprio berço no seu próprio quarto e levado ele embora num carro roubado. Brenda quis saber por que a história não saiu na televisão ou no Mirror; Rochelle então explicou que a polícia não queria que a coisa vazasse porque soltaram Smith. Foi Brenda quem, naquele instante, empregou pela primeira vez um termo para se referir a ela, Miroslav, Colin Crowne, Joe Hebden e os Keenan, do qual mais tarde os jornais lançariam mão. — Chegou a hora do sexteto de Kingsmarkham agir, disse ela.

Ela foi em pessoa contar a novidade à Shirley Mitchel, que já havia escutado a história da própria irmã, dizendo que o Sexteto de Kingsmarkham estava se reunindo, sacudiu o punho na direção da casa dos Smith e seguiu em frente para avisar os Hebden, os Meeks e os Crowne. Shirley subiu as escadas e olhou pela janela do quarto dos fundos de onde tinha uma boa vista do quintal dos Smith, mas ele parecia estar como sempre; o estrado de ferro enferrujado continuava lá, ainda que, agora, parcialmente encoberto pelo mato, que já havia crescido quase meio metro desde a última vez. O marido dela estava de saída para o trabalho. Ela contou a ele que Smith e Suzanne tinham roubado uma criancinha chamada Sarah e a mantinham dentro da casa com eles.

— Smith não se interessa por meninas, disse Tony Mitchel. — O

negócio dele sempre foram meninos.

— Então ele mudou. O tempo na prisão mudou ele.

— É tudo um monte de baboseiras, disse Tony. — Daqui a pouco você vai começar a dizer que começou a gostar de mulher. Não mete o bedelho nisso. Cuida da sua vida. Já lhe disse isso umas quinhentas vezes.

Quando ele já estava fora de vista, indo na direção do ponto de ônibus na rua York, uma multidão estava se juntando na Oberon Road, com Brenda Bosworth na vanguarda. O sol agora estava quente, a bruma tinha se evaporado e o silêncio foi quebrado por duas dezenas de vozes gritando:

— Queremos Smith! Queremos Smith!

Concentrado na organização das buscas por Sanchia Devenish, Wexford estava ocupado demais para participar da reunião dos Vigilantes da Dor. Burden o substituiu. Estava em seu escritório desde as oito e meia, reexaminando os progressos das pistas sobre Victoria Smith, ou melhor, a falta de progressos. Seguindo a sugestão de Burden, Barry Vine, acompanhado de dois policiais de Myringham, realizou a uma investigação casa a casa na Rua William, a qual deu em absolutamente nada. Ninguém reconheceu as descrições da mulher de meia-idade e do jovem, ninguém ouviu falar de uma Vicky ou de um Jerry. Uma consulta aos registros eleitorais de vinte anos pra cá indicou que há dois anos que a única Victoria na Rua William havia morrido.

Wexford parou de ler e começou a pensar, ficou apenas sentado com os olhos semicerrados e as mãos entrelaçadas, refletindo quais os motivos que levam alguém a escolher um endereço falso. Quiçá por ela ter morado naquela rua, seria talvez porque passasse por ali a caminho do trabalho, ou tivesse frequentado uma escola na rua, ou ainda que um dos pais morasse naquele lugar, ou um filho, ou tivesse um dentista, um médico, ou um massagista ali. Uma vez que tivesse concluído que não havia nenhum dentista, médico ou massagista trabalhando na Rua William, assim como nenhuma escola, agora, ou em tempos idos, então teria de repensar tudo de novo. É claro que era mais do que possível, mesmo provável, que Vicky tenha simplesmente arranjado esse endereço num guia de ruas de Myringham. Era o que teria feito se, numa situação bastante implausível, necessitasse um dia

de um endereço falso. Mas afora esses recursos, quais seriam os outros meios para encontrá-la? O curso de seu pensamento foi interrompido com o telefone tocando. Era Sylvia. Ela nunca telefonava para ele no trabalho, isso era quase inaudito. Ele se controlou para não perguntar o que havia de errado, se a mãe dela estava bem, disse simplesmente um jovial:

— Olá, meu bem.

— Papai, tem alguma criança desaparecida em Kingsmarkham, uma menininha? Ele recebeu um golpe no estômago.

— Por que você pergunta?

— Já vou lhe dizer. Uma das mulheres no Hide escutou essa história no lugar onde trabalha e me contou ontem de noite quando cheguei para o meu plantão. Bem, na verdade não foi logo que eu cheguei. Eu já estava lá há algum tempo quando ela me contou. Eu estava na sala da Helpline, e a cabeça dela apareceu por detrás da porta entreaberta para me dizer boa-noite. Já passava das onze, do contrário tinha ligado pra você.

Admitir esse segredo cuidadosamente guardado era algo que o estava remoendo, especialmente, talvez, por ser ela um membro da sua própria família. Ele falou com cautela:

— Uma menininha está realmente desaparecida. Existem razões para que isso não se torne público ainda. Nós temos esperança de encontrá-la e assim não há razão para que isso se torne público.

— Será que entre as razões não estaria algo relacionado com Thomas Smith?

— Eu não posso responder a isso, Sylvia.

— Só que os vizinhos dele, toda aquela turba que enlouqueceu outro dia, já estão sabendo. Uma de nossas mulheres contou para uma amiga dela no Muriel Campden e a história já deve estar agora circulando no lugar.

— Ah, meu Deus! Disse Wexford. — Sylvia, obrigado por me avisar, acrescentou. — Você pode ter conseguido evitar algo terrível.

Ele não falou o que pensava, de que ela realmente teria evitado algo horrível se de fato houvesse ligado ontem às onze da noite. O relacionamento dos dois nunca esteve tão bom, era bom tentar mantê-lo assim. A única coisa a fazer agora era entrar em contato com o superintendente Rogers e sugerir

que um contingente do pessoal dele seguisse imediatamente para a Oberon Road. A divisão uniformizada era a responsável pelo controle de multidões, mas ele poderia também dar um pulo até lá, por que não? Onde seria que essa mulher trabalhava, a tal que descobriu a respeito de Sanchia Devenish e passou a informação adiante? Ele devia ter perguntado isso à Sylvia. Mas sem dúvida era em algum lugar na Ploughman's Lane ou na Winchester Drive, algum lugar próximo dos Devenish. "Agora é tarde demais para me preocupar com isso", pensou, enquanto Donaldson o conduzia ao longo da Rua High e virou na esquina com a Rua York.

Antes de chegar ao Muriel Campden, ele já esperava ouvir de longe alguma gritaria, ou cantoria, ou até rosnados, mas havia apenas silêncio, ou melhor, um sossego, como se mesmo os sons comuns a uma cidade do interior num dia de semana houvessem sido eliminados. A entrada para o triângulo formado pelas ruas ao redor do gramado havia sido bloqueada por um carro de polícia com as cores familiares, amarelo-canário, vermelho e azul, da Divisão de Polícia Uniformizada de Mid-Sussex. A viatura estava atravessada na rua, formando um ângulo reto. Wexford não reconheceu o policial de uniforme sentado ao volante.

— Eu vou andar o resto do caminho, falou para Donaldson.

Estava quente para o início de maio, com o sol agora batendo direto, as calçadas brancas de luz, contrastando com as sombras quase negras. Ele já podia avistar uma multidão mais adiante a sua frente, além de uma ambulância estacionada no meio da Oberon Road. Ela se afastou e a sirene começou a soar no momento em que ele passava na frente do número 20. A visão da casa dos Smith quase o deixou paralisado. Os vidros das janelas, que haviam sido substituídos na véspera pela municipalidade, haviam sido estilhaçados de novo, a porta da frente tinha sido derrubada e alguém, se sabe lá como, conseguiu arrancar várias telhas do telhado. Em frente ao portão do jardim estava o sargento Joel Fitch e, diante do buraco que surgiu com a falta da porta de entrada, havia uma policial feminina cujo nome, se não lhe falha a memória, era Wendy Brodrick.

— Quem estava na ambulância? Perguntou a Fitch.
— Suzanne Smith, senhor. Ela foi atingida na cabeça por um tijolo.

Eles atiraram os mesmos tijolos que usaram no domingo. Alguém juntou eles de novo numa pilha e eles só tiveram de arremessar.

— Hoje em dia, tudo é reciclado, disse Wexford.

— Graças a Deus, a menininha não estava lá dentro, senhor. Eles com toda a certeza teriam acabado com ela.

— Onde está o superintendente Rogers?

— Lá dentro com o Smith. Ele vai trazê-lo para fora. A van está acabando de chegar. A multidão, que estivera silenciosa, começou a murmurar. A intensidade do murmúrio subia e descia, subiu mais uma vez e uma mulher berrou:

— Ninguém vai me levar numa droga de camburão! Era Brenda Bosworth, de braços dados com Miroslav Zlatic o qual, por sua vez, estava de braços dados com Lizzie Cromwell.

Se o número 16 da Oberon Road tivesse uma entrada de garagem, a coisa teria sido muito mais fácil, mas as únicas garagens no Condomínio Muriel Campden eram uma fileira de construções separadas no final da Rua York com a Ariel Road. O motorista da van da polícia foi obrigado a estacionar no meio-fio na frente do número 16; ele não havia sequer puxado ainda o freio de mão direito quando a multidão emergiu para cercá-lo.

— Pra trás, disse Fitch com sua voz ressoante, que ainda assim não chegava a ser um grito. — Já pra casa, o bando todo. Não tem nada pra vocês fazerem aqui.

Mas a multidão não tinha intenção alguma de ir para casa, apesar de ter recuado um pouco, de maneira a não encostar mais na van. O motorista era um homem esbelto de altura mediana, cabelos de um louro avermelhado encaracolados e cortados curtos. Ele desceu da van e obrigou, com mais dois outros policiais uniformizados, o Sexteto de Kingsmarkham e seus seguidores a voltar para o gramado.

— Bicha, disse Colin Crowne para o motorista. — Olha só o cabelo dele. Vai ao cabeleireiro pra botar rolinhos nos cachinhos do cabelo, a bicha.

— E tarada, acrescentou Monty Smith. — Bicha tarada. E começou a rir da própria gracinha.

— É por isso que tão do lado do papa-anjo, disse Brenda. — São todos

umas bichas taradas, todo o bando. Tudo farinha do mesmo saco, é isso o que eu digo.

Lizzie Cromwell guinchava de tanto rir, enquanto apertava o braço de Miroslav. Do outro lado do gramado, na sua janela no segundo andar da torre, Rochelle Keenan, de novo com sua filmadora na mão, se debruçou um pouco mais para ter certeza de que não estava perdendo nada em seu vídeo. Wexford passou na frente de Fitch e disse:

— Com licença, para a policial Wendy Brodrick, e entrou no corredor de entrada da casa semidestruída.

Puxou a porta atrás dele, quase conseguindo fechar a passagem. A maioria dos tijolos tinha acabado ali. Havia estilhaços de vidro em todo o lugar. Ele pisou com muito cuidado, sentindo o vidro se esmigalhar debaixo do sapato. Era uma casa tão pequena que não precisava levantar a voz da entrada para falar com os que estavam na sala.

— George, você tá precisando de apoio?

Roger o mandou entrar. Wexford empurrou e abriu a porta da sala. Tommy Smith estava lá dentro com Rogers, mais dois policiais, um bem alto e um outro baixo. Se houvessem perguntado a Wexford se ele achava Smith emotivo, teria respondido que não sobrara nenhum sentimento no sujeito, que ele não sentia nada em relação a si mesmo, ou qualquer um. Mas Wexford teria se enganado. Smith estava chorando. Era autocomiseração, ou chorava pela filha ferida? Certamente que não era por conta de seu passado e seus crimes. As lágrimas rolavam pelas bochechas escuras e carnudas, sem que fizesse qualquer tentativa de enxugá-las.

— É melhor você se controlar, disse Rogers, secamente, porém sem animosidade. — Nós temos de tirar você daqui. Ou tirar alguém no seu lugar. Wexford sabia o que ele estava pensando. — Você podia colocar um casaco... Desculpe, qual é o seu nome...?

— Dixon, senhor.

— Você podia colocar um casaco por cima da cabeça de Dixon... Minha capa de chuva, se precisar. De qualquer forma, seria bastante esquisito

vestir uma capa de chuva num dia como este... E você e eu poderíamos tirá-lo daqui com ele no meio de nós dois.

— Certo, disse Rogers.

Era impossível não sentir piedade por um velho chorando, teria dito Wexford uma semana atrás, mas não sentia nada por Smith. Olhava para o ancião e tinha de contrair os músculos devido ao arrepio de repugnância que sentia. Impossível estar na presença do sujeito e, se a gente tivesse alguma imaginação, não ficar imaginando as coisas que ele fez, o prazer que sentia em fazê-las, ao mesmo tempo em que sufocava qualquer sentimento que pudesse sentir pelos outros.

— Ele é um pouco mais alto que você, disse para Smith, usando a voz mais distante que podia, — Mas não o bastante pra que se possa perceber com a cabeça coberta. Vamos experimentar?

— E eu? Perguntou Smith, enxugando os olhos com a manga da camisa.

— Isso é para o seu próprio bem. Rogers não estava achando graça nenhuma. — Com sorte, eles irão embora depois que o Dixon sair, e você vai poder escapar calmamente numa das outras viaturas.

— Escapar pra onde? Smith olhava perturbado de um para o outro.

Rogers disse que iriam encontrar alguma solução. Ele tinha cortado sem querer a mão num estilhaço de vidro e ela estava sangrando. Wexford que, de vez em quando, pensava ser o último homem na Terra a usar lenços, estendeu o seu, branco e engomado, para Rogers. Ele tirou a capa de chuva e eles cobriram com ela a cabeça e os ombros de Dixon, deixando-o irreconhecível. Começando a chorar de novo, Smith olhava desesperado para o homem disfarçado dele.

Wexford e Rogers eram ambos grandões, de forma que Dixon enfiado entre os dois parecia ter menos que o seu metro e setenta e cinco de altura. Logo que a porta da frente foi removida, a multidão começou a uivar, lembrando um pouco uma matilha de perdigueiros ladrando quando fareja uma pista, pensou Wexford. Ele, Rogers e Dixon desceram na direção do portão, e a policial Brodrick se afastou para deixá-los passar. Os policiais faziam uma corrente, eram oito deles, que mantinham a multidão afastada,

mas não conseguiam impedi-los de uivar. Enquanto Wexford estava dentro do número 16, a faixa havia reaparecido, assim como os cartazes de homem-sanduíche com dois meninos e duas meninas pintados nas pranchas, um usado por Carl Meeks, cuja pança o mantinha quase em ângulo reto, e o outro por Joe Hebden. A multidão começou a gritar:

— Fora papa-anjo! Fora papa-anjo! Rogers e Wexford, com Dixon entre eles, seguiram seu caminho atravessando o portão, enquanto a multidão puxava e empurrava a corrente feita de mãos segurando umas nas outras e de costas largas viradas para eles, conseguindo finalmente rompê-la no momento em que Dixon era enfiado na van. Rogers pulou para dentro ao lado dele e, no momento em que Wexford recuou, o motorista já estava se afastando da calçada.

Wexford pensou por um momento que tivessem o intuito de agredi-lo e ele teria prazer em lutar com eles, mas logo ficou claro que ninguém estava interessado nele. Ele podia muito bem ser uma luminária num poste de rua ou a caixa dos correios. Brenda Bosworth, Monty Smith e John Keenan, com outros cujos nomes não sabia, todos se agarraram à van, tentando pegar no puxador da porta, esmurrando as janelas e guinchando para os ocupantes. O motorista teve de parar, enquanto Fitch e dois policiais os arrancavam do carro, Fitch recebeu o punho de Monty Smith na cara, agressão a um policial no cumprimento da lei, pela qual foi preso em flagrante pelo policial Dempsey, que gritou triunfante:

— Você tá ferrado!

A van se moveu de novo, adquiriu velocidade e partiu na direção da Rua York. Wexford mandou Wendy Brodrick entrar na casa, lhe disse que mandaria uma outra viatura e que ela trouxesse Smith assim que a barra estivesse limpa. No que lhe dizia respeito, não queria voltar a ver Smith de novo. A companhia dele era uma experiência deprimente, uma vez que se aquilo era um homem, ele também o era. Provavelmente, o fato de ela ser uma mulher tornaria a coisa mais fácil. Por outro lado, mulheres eram mães... Atravessou a rua até o gramado, feliz de ter encontrado uma forma de se livrar da capa de chuva no dia que prometia ser, até agora, o mais quente do ano. Apenas Brenda Bosworth, Miroslav Zlatic e Lizzie Cromwell

permaneciam na grama e, quando o viram se aproximar, eles também caíram fora, ainda de braços dados, Lizzie dando risadinhas e projetando para frente seu ventre volumoso. Ele decidiu segui-los até ter a segurança de que estavam em suas casas na Puck Road. Era improvável que houvesse novas prisões. Autuar essa gente seria uma perda de tempo, pois muito dificilmente alguém iria fazer alguma denúncia contra mais alguém.

Os policiais que restavam estavam indo embora nas viaturas, levando Monty com eles. Wendy Brodrick havia desaparecido no interior do número 16 e, quando Wexford olhou de novo para trás, viu o carro vermelho, azul e amarelo parar em frente da casa. "Não era uma grande ideia", pensou, enquanto se detinha exasperado, "para que eles passassem despercebidos". Felizmente, não havia mais ninguém no gramado e a mulher com a filmadora havia entrado e fechado a janela. Por um momento, ele tinha deixado de lado as três pessoas que vigiava à sua frente. Um grito estridente fez com que se virasse e começasse a correr na direção deles. Brenda Bosworth e Lizzie estavam atracadas rolando no chão, metade dos corpos na calçada, metade no canteiro de flores recentemente plantado pela prefeitura, com Lizzie gemendo e Brenda rosnando e agarrando um punhado dos cabelos louros da garota. Miroslav se afastou e balançava a cabeça de braços cruzados.

Naquele instante, uma infinidade de coisas ficou clara para Wexford; uma série de mistérios foi solucionada. Ele imobilizou Brenda segurando seus braços e tentou afastá-la, enquanto Lizzie se protegia com os braços, se dobrando em defesa do seu ventre intumescido. Brenda chutava Wexford sem conseguir machuca-lo, até ele dar um fim nisso tudo, controlando-a com uma chave de braço. Livre da outra e pouco machucada, Lizzie primeiro se ajoelhou, ficando em seguida de cócoras. Seus joelhos estavam lanhados e ela estava com terra no rosto. Talvez tivesse esperado ajuda da parte de Miroslav, visto que estendera sua mão para que ele a ajudasse a se levantar, mas ele estava olhando para o outro lado, fingindo que examinava uma nova motocicleta estacionada em frente do jardim do número 42.

— Vá pra casa, Lizzie, disse Wexford, ainda segurando Brenda. — Eu vou lá falar com você daqui a cinco minutos.

Ele soltou o braço de Brenda e a empurrou para o portão dela, e

Miroslav seguiu inocentemente atrás. Brenda, uma vez dentro do seu jardim, se virou para encarar Wexford juntando saliva na boca para cuspir.

— Não faça isso, disse Wexford. Em vez de cuspir, ela falou: — Isso foi ilegal, o jeito com que o senhor me segurou. Eu vou processar o senhor com todas as leis.

— Eu sou a lei, disse Wexford, — Então vê se fecha essa boca e entra de uma vez.

A maneira com que ela bateu a porta fez com que a casa tremesse. Largado do lado de fora e, aparentemente, sem uma chave pessoal, Miroslav olhou suplicante para Wexford, um pouco da mesma forma que Lizzie tinha olhado antes para ele. Wexford deu de ombros e deixou-o para trás batendo na vidraça da janela do cômodo da frente. O canteiro de flores estava um desastre, um enxovalhamento de amores-perfeitos e prímulas. Wexford colheu um amor-perfeito roxo-alaranjado e o enfiou na lapela. A porta dos Crowne estava entreaberta, presa apenas com o trinco, de forma que tocou a campainha e foi entrando. Ele encontrou Lizzie com a mãe, que limpava o sangue dos joelhos da filha com uma toalha de rosto e uma bacia de água ensaboada.

— É melhor levá-la ao médico, disse ele. — Eu acho que não houve nada de sério, mas prudente morreu de velho.

— Aquela cadela! Disse Debbie Crowne. — Aquela puta! Se atracando como uma cachorra. Eu vou matar ela, vou arrancar a porra dos olhos dela.

— Quando a senhora tiver acabado de limpar os ferimentos da Lizzie, Sra. Crowne, eu gostaria, por favor, de ter uma conversa a sós com ela.

Para surpresa dele, Debbie saiu sem dizer mais uma só palavra. Wexford fechou a porta atrás dela, ainda que não houvesse como impedi-la de escutar pelo buraco da fechadura. Lizzie estava fazendo uma de suas caras enfezadas, abaixando o olhar; o lábio inferior estava saliente e as sobrancelhas se juntaram, formando uma carranca.

— Você está entrando no seu quarto mês de gravidez, não está, Lizzie? Começou ele. Ela assentiu, ainda de cara amarrada. — Miroslav Zlatic é o pai, não é? Você costumava se encontrar com ele naquela casa velha perto de

Myringham, era o único lugar onde vocês podiam ficar juntos sozinhos. Foi por isso que você sabia da existência do cobertor, o qual era sem dúvida útil. Brenda descobriu quando você, ela e Miroslav estavam caminhando de volta, não foi?

— Eu não sei como, disse Lizzie inocentemente. — Ele meio que me tocou quando achou que ela não estava olhando, mas ela devia estar. Deve ter sido isso. Ela ficou doidinha. Será que eu vou perder o bebê?

— Por enquanto, acho que não. Bebês não se perdem assim tão facilmente. Ele vai largar a Brenda e montar uma casa com você quando o bebê nascer? Lizzie sacudiu a cabeça.

— Ele não pode falar, não é? Ele só sabia dizer uma coisa: "Leezee, Leezee." Como é que eu vou saber o que ele vai fazer?

Wexford refletiu que Miroslav tinha inventado isso. Quem é que pode saber quantas outras garotas ele levou para aquela casa caindo aos pedaços e fez amor com elas em silêncio? Estava na cara que ele não tinha nenhuma intenção de um dia aprender a falar inglês.

— Agora que nós sabemos tudo a respeito de você e Miroslav e o seu bebê, talvez você possa me contar o que realmente aconteceu naquele bangalô branco tão bonito do qual você gosta tanto em Sayle. Você fez a faxina para aquela gente? Costurou e cozinhou para eles?

Ela fez que sim com a cabeça, de novo cabisbaixa, contemplando, aparentemente, os machucados nos joelhos.

— Vicky e Jerry. Eles disseram que, se você contasse o que aconteceu, iriam atrás de você, até lhe encontrar, para castigar você. Estou certo?

De novo, aquele lento levantar e abaixar a cabeça. Mas ele havia percebido que as adivinhações e as conclusões a tinham deixado profundamente impressionada. Como foi que Brenda intuiu o que aconteceu entre ela e Miroslav? Como foi, também, que ele, Wexford, conseguiu também descobrir com tanta facilidade toda a verdade? Como se houvesse estado lá, como se somente ele, entre todos os homens, pudesse falar a própria língua de Miroslav. O olhar que ela lhe deu agora era de assombro, quase respeitoso. Inocente, ingênua e vagarosa, ela era diferente da maioria

dos jovens semelhantes a ela no objeto de sua admiração, era a inteligência que ela admirava respeitosamente nos outros.

— Eles não vão castigar você, Lizzie, eles não podem. Eu não os deixaria. A melhor maneira, Lizzie, de fazer com que eles parem é me contando tudo do que você se lembra.

Ela não disse nada, mas o olhar de admiração permaneceu o mesmo.

— Lizzie, tem uma menininha desaparecida. Você sabe disso, é por isso que você estava no gramado com toda aquela gente, mas você talvez não saiba que ela não fez ainda três aninhos. Não foi Tommy Smith quem a pegou, isso foi tudo uma bobagem inventada por alguém. Inventaram essa história porque têm medo dele. Ele foi levado embora, mas a menininha continua sumida. Você acha que Vicky e Jerry a pegaram?

— Ela não sabe fazer tarefas domésticas, disse Lizzie.

— É verdade. Mas isso não foi tudo o que você fez, não é?

— Ele não fez nada daquilo comigo, não as coisas que Miroslav fez.

— Está bem. Eu sei disso. Por que deixaram você ir embora?

— Eu não era boa. Eu não fiz nada daquilo direito. Eu sei passar o aspirador, mas não sei cozinhar, nem consertar as coisas. Vicky disse: "Você é burra, você não serve." E me trouxe de volta no carro dela.

— O que ela quis dizer com "você não serve"? Não serve para quê?

— Eu não sei. Ninguém disse.

— Diz pra mim como era o rosto dela. Ele esperava que ela dissesse apenas "um rosto normal", ou "era só uma velha", a reação normal de uma pessoa pouco observadora. Em vez disso, ele estava descobrindo que Lizzie era de certa forma mais observadora que Rachel Holmes.

— Ela não tinha cabelo, disse Lizzie. — Ela era careca. Usava uma peruca, uma enorme peruca grisalha, mas eu a vi sem a peruca. Eu vi a peruca pendurada num suporte no quarto dela e vi sua cabeça completamente sem cabelo.

* * *

— O quê aconteceu na reunião?

— Nada de especial, disse Burden. — Desde quando acontece alguma

coisa quando Southby está dando as cartas? Aquela mulher, Griselda Cooper, deu algumas sugestões úteis a respeito de como distribuir os celulares, mas o nosso superintendente de polícia assistente interino estava pouco ligando. Ele criou um Comitê, Burden fez uma cara de nojo, — Para, e vou citar, considerar e rever o projeto sobre vítimas de violência doméstica. E adivinha só, me meteram nele. Wexford riu.

— É a propósito dessa unidade que estão criando em Myringham? Pelo que ouvi falar, vinte policiais vão receber um treinamento especial.

— Eu estou fora disso, disse Burden, — Sou velho demais, graças a Deus, mas a Karen está incluída. Vamos, portanto, ficar sem ela durante os próximos três meses. Mais alguma nova pista sobre Vicky e Jerry?

— Lizzie Cromwell me deu uma dica interessante a respeito. Wexford descreveu rapidamente o que aconteceu de manhã, para contar depois a Burden a respeito da peruca. — Rachel disse que Vicky parecia doente, tinha uma tosse. Ora, que tipo de doença faz com que uma mulher fique careca?

— Alopecia, disse prontamente Burden.

— Tudo bem, mas onde é que a tosse se encaixa? Não é mais provável que ela esteja fazendo quimioterapia? Digamos que ela tenha câncer e esteja sendo tratada através de quimioterapia, cujo resultado, na maioria das vezes, é uma completa perda de cabelo.

— Pode ser, mas não vejo em que isso possa ajudar. Você não pode sair por aí, ir até a Royal Infirmary, ou procurar o Akande, e perguntar quantos pacientes deles foram tratados com quimioterapia nas últimas semanas. Ou melhor, até pode, mas ninguém vai responder.

— Mike, vamos sair daqui e almoçar. É melhor irmos à cantina, se quisermos algo rápido. Depois quero voltar a visitar o casal Devenish e talvez você possa vir comigo.

A cantina, no último andar, tinha melhorado muito desde a época em que Wexford tinha estado lá pela primeira vez. Naqueles dias primitivos, para escapar dela, ele comia a maior parte do tempo na rua ou, quando especialmente atarefado, encomendava sanduíches e, nos anos seguintes, toda a variedade de pratos étnicos disponíveis para entrega. O cardápio do dia da cantina era de massas, curry e risoto.

— Hoje em dia, a gente nunca mais encontra uma boa torta, como de carne e rins, disse Burden, suspirando. — Você já notou isso?

— É claro que notei. De qualquer forma, estou proibido de comer essas coisas.

A menção da dieta que ele raramente seguia fez com que Wexford se lembrasse do seu médico e, ao mesmo tempo, dos outros clínicos gerais em atividade. Levando sua bandeja de tagliatelli e salada, acompanhado de um minúsculo pudim de leite, ele seguiu na direção do sargento detetive Vine que compartilhava uma mesa com a policial Wendy Brodrick.

— Podemos nos juntar a vocês? Wexford se sentou e contou ao sargento sua teoria. — Eu não acho, Barry, que você vai ter muito sucesso com esses médicos, mas pode ser que o fato de haver uma criancinha correndo risco mude suas chances.

— Eu vou tentar, senhor. Não sei se o senhor já viu os resultados do laboratório, mas andaram trabalhando na escada da garagem do casal Devenish e estão certos de que ninguém mexeu nela e muito menos a usou para subir.

— Como podem ter certeza? Perguntou Wendy Brodrick.

— É uma escada completamente virgem, que foi adquirida numa embalagem de plástico. Devenish tirou o plástico e deixou simplesmente a escada intacta no chão da garagem. A gente pode ver o contorno dela na poeira e não há dúvida de que ela nunca foi removida. As únicas impressões digitais nela são as de Devenish, e isso só no degrau de cima.

— Perfeito. Aquela escada não foi utilizada, mas outra pode ter sido.

— Uma outra, levada até lá num carro comum de cinco portas? Totalmente impossível. Nós vamos ter de descobrir o que mais podemos tirar de Moira Wingrave. Wexford se virou para Wendy Brodrick, que estava comendo certa massa cinzenta pegajosa que ele presumiu se tratar do risoto. — O que você fez com o Smith?

— Arrumei uma maleta com as coisas dele, senhor, preparei uma xícara de chá pra ele e, quando a barra limpou, nós partimos. O Sr. Southby me mandou levá-lo para o quartel em Myringham.

— Eles têm acomodações para ele?

— Eles tinham um quarto com banheiro. Colocá-lo numa cela da prisão não seria justo, não é, senhor? Afinal ele pagou sua dívida com a sociedade. Wexford ignorou o grunhido de Vine e o “Sei!”, sem graça, de Burden.

— Ele vai se juntar aos outros 110 mil pedófilos que vivem neste país. Afinal, apenas quatro por cento deles estão presos. Não faz bem pensar nisso, não é? De forma que a maior parte do tempo a gente evita pensar no assunto. O que foi que você fez? Trouxe o velho pra cá e aguardou instruções?

— Nós entramos pelos fundos e ele nem sequer precisou sair do carro. O Sr. Southby estava saindo de uma reunião e mandou que eu levasse o sujeito para Myringham. Na verdade, senhor, ele disse para eu me livrar dele o mais rápido possível.

Wexford assentiu. Isso era típico de Southby, um perito em se livrar de batatas quentes. Ele manda o problema da violência doméstica para um comitê e o infanticida para quinze quilômetros estrada acima.

— Você foi vista quando o trouxe para cá? Perguntou.

— Tenho certeza de que não. Eu fui cuidadosa e não havia muita gente por aqui. Ele estava sentado no banco de trás. Fora aquele pessoal lá no Muriel Campden, não tem muita gente que o reconheceria, senhor.

* * *

Ter contado para Tracy Miller a respeito do bebê desaparecido tinha parecido ser, na hora, algo bastante inocente. Foi só mais tarde, durante a noite, quando ela não conseguia dormir, que a culpa de Moira Wingrave começou a remoê-la. E essas pontadas na consciência prosseguiram aumentando seu remorso durante toda a manhã; o aguilhoamento se tornou mais agudo ao ver Stephen Devenish abrindo os portões da propriedade dele, de forma que quando viu os dois policiais caminhando pela sua entrada subindo na direção de sua porta da frente, ela já tinha a certeza de que eles sabiam de tudo. Eles estavam vindo para admoestá-la, ou coisa pior. Mesmo assim, não saiu matéria alguma a respeito no jornal daquela manhã...

Ela teve de abrir a porta, não havia criada para fazer isso. Reconheceu o policial grandão, mas o outro nunca viu antes; apesar do terno elegante com uma padronagem em minúsculos pied-de-poule e da gravata de seda verde-escura, ela imaginou que também fosse um detetive. Não sabia o que fazer para impedir que irrompesse a falar: “Fui eu, a culpa é minha, fui eu que falei!”

Mas eles não pareciam nem um pouco interessados nesse assunto. Tudo o que queriam era que fizesse um relato a respeito do carro que viu saindo da entrada dos Devenish às duas da manhã, mas a mulher já havia contado tudo o que sabia, ou pelo menos achava que sim. O grandão, cujo terno sem vinco e provavelmente precisando de uma tinturaria, numa cor a que ela se referia sempre como "cinzento masculino", e que nem chegava perto do que o outro vestia, disse para ela fechar os olhos e tentar recapturar a aparência do carro na memória, qual era a cor dele e que tipo de pessoa o estava dirigindo.

Fechar os olhos na presença deles a deixou incomodada. Realmente vulnerável. Era como se eles pudessem vê-la muito mais como era, enquanto, por sua vez, ela não os via. Um pouco como se estivesse se despindo. Assim, com os olhos cerrados, Moira enrubesceu. Ela não conseguia ver nada, a não ser uma vermelhidão com manchinhas pretas flutuando, mas subitamente, ainda que o carro não tivesse aparecido na tela que estava tentando criar, se lembrou de duas coisas.

— Eu achei que ele fosse bater no pilar do portão, disse. — Quase abri a janela e gritei para que tomasse cuidado. E só não gritei porque meu marido estava dormindo.

— A senhora, então, não acha que fosse alguém estranho, digamos um intruso? Disse o da gravata de seda verde. — A senhora não achou que fosse alguém que não tivesse o direito de estar ali?

— Bem, não sei. Só sei que o carro era estranho. Quero dizer que pensei se tratar de algum amigo que estivesse visitando eles. Não que eles tenham muitos amigos. O grandalhão fez que sim com a cabeça.

— Agora, qual foi a outra coisa?

— A outra coisa?

— De que a senhora se lembrou. A senhora disse que foram duas coisas.

— Bem, foi isso. Eu pensei que fosse algum amigo deles. O de gravata verde perguntou:

— Quem estava dentro do carro?

— Só o motorista. Bem, eu acho que era só uma pessoa, não deu para ver no banco de trás.

— Era homem ou mulher que dirigia? Moira tentou a técnica de fechar os olhos de novo. Dessa fez foi mais fácil e menos constrangedor. Uma

imagem de fato apareceu.

Ela não acreditava que isso fosse possível. Talvez fosse porque estava relaxada. Mas seria a imagem de um homem ou de uma mulher? Apenas um contorno, uma silhueta, uma cabeça sem rosto.

— Eu não sei, disse ela, — Realmente não sei. Acho que era um homem, mas pode ter sido uma mulher.

— Sra. Wingrave, havia alguma escada no carro? Para acomodar uma escada, a mala do carro ou uma ou ambas as janelas de trás teriam de estar abertas. A senhora viu alguma coisa assim? Moira balançou a cabeça.

— A criancinha estava no banco de trás, não estava? Não sobrava espaço para uma escada.

— A senhora quer dizer que viu a criança no banco de trás?

— Eu não sei. Ela, agora, se sentia bastante exasperada. — Foi o senhor quem me disse que o bebê estava no banco de trás, de forma que ele devia estar.

Eles atravessaram a rua e subiram pela entrada caminhando por debaixo dos galhos frondosos das árvores. Stephen Devenish abriu a porta, se afastou para que entrassem e perguntou se tinham novidades sobre sua filha desaparecida.

— Nós estamos seguindo várias pistas, disse Burden. Ele sabia que isso devia soar nos ouvidos de um pai consternado fora de propósito, mas o que mais podia dizer?

Isso tinha o mérito de ser verdade. “Devenish”, ele pensou, e Wexford pensou a mesma coisa, parecia muito menos aflito do que esteve Rosemary Holmes quando a filha desapareceu. Até mesmo os Crowne, no lugar dele, estiveram mais próximos do pânico do que esse homem calmo e urbano que os conduziu para o escritório onde a esposa estava deitada no sofá estofado de couro, coberta por uma manta. A sala formava um ambiente que exalava tamanha macheza e era de tal forma severo, que Wexford imaginou que uma mulher deveria se sentir desconfortável ali, mas foi onde aparentemente Fay Devenish escolheu ficar para relaxar e descansar.

— Querida, disse o marido, amável, — Nós estávamos esperando uma visita do Inspetor-Chefe Wexford esta tarde, não estávamos? Ele se virou para Burden: — E o senhor é...?

— Inspetor Burden.

— Como vai? Nós não queremos importuná-los, mas estamos obviamente ansiosos.

A mulher no sofá parecia estar doente. O rosto não estava pálido, mas cinzento, e ela tremia apesar de agasalhada por um cobertor. Ela se esforçou para sentar, enquanto puxava a manta até o queixo. As mãos que seguravam a beirada com força eram mãozinhas patéticas de tão pequeninas, como as de um mico segurando as vergas de sua gaiola.

— Sra. Devenish, por favor, não tente se sentar, disse Wexford. — É melhor para a senhora descansar. A senhora já foi ao médico? Ultimamente, ele parecia estar sempre sugerindo que as pessoas fossem procurar um médico. Ela balançou a cabeça, mas depois fez que sim.

— Mas é claro que o médico a examinou, querida, disse Devenish, que entrelaçou gentilmente os dedinhos cinzentos e finos, deixando-os abertos por cima da coberta. — Faça um esforço para relaxar, é melhor. Ele acariciou a face dela e alisou seus cabelos para trás da testa. — Você não pode contar nada ao Inspetor-Chefe que eu mesmo não possa contar. Wexford assentiu.

— Sr. Devenish, não importa quem tenha sido a pessoa que levou Sanchia, é impossível que tenha usado a escada da garagem para subir até a janela do quarto dela. É também improvável que ele ou ela tenha trazido uma escada suficientemente alta. As nossas investigações mostraram ser igualmente improvável que tenham entrado no quarto da Sanchia pelo exterior. Quem quer que a tenha levado o fez a partir do interior da casa. Ora, não há sinais de arrombamento nem de invasão. Além dos dois, quem tem uma chave da casa?

— Absolutamente ninguém, disse Devenish. Burden que, de tão chocado com a visão que tinha dela, não conseguia desviar o olhar de Fay Devenish, disse:

— Nenhuma faxineira, senhor, nenhum jardineiro?

— O jardineiro nunca entra na casa. Minha mulher se encarrega ela mesma dos afazeres domésticos. A surpresa estampada no rosto dos dois foi percebida por Devenish, pois exclamou rapidamente, como se estivesse se

defendendo: — Ela seria a primeira a lhes dizer que, como não tem profissão, seu trabalho é cuidar de nosso lar. Isso é perfeito para ela e ela jamais quis ajuda. "Justificativas em excesso", pensou Wexford. E, com os diabos, qual seria a sua profissão, Devenish? Ele era o diretor-presidente, ou algo no gênero, de uma companhia aérea.

— Seus filhos onde estão?

Como se fosse combinado, logo após o barulho de uma porta se abrindo e fechando em algum lugar, dois meninos apareceram na sala. Chegaram hesitantes, ficando em pé na entrada da sala, como se receassem ver algo do lado de dentro, algo que ninguém gostaria de ver. Robert, o caçula, olhou para a mãe e desviou rapidamente a vista. O mais velho, Edward, tão alto quanto um homem, mas cujo rosto doce e vulnerável era o de uma criança, concentrou o olhar em Stephen Devenish e, curiosa e surpreendentemente, cerrou os punhos. "Como se fosse agredir o pai com socos", pensou Wexford. Aliás, melhor, como se fosse esperar um ano, ou dois, e então esmurrá-lo. Mas Devenish, por sua vez, sorria suavemente para os meninos. Caminhou até eles e pôs um braço em volta de cada um.

— Eles não têm chave, disse. — Podem até ser grandalhões, mas ainda não têm idade bastante para terem a chave da casa, não é mesmo, meninos?

Fay Devenish falou pela primeira vez. A queda que provavelmente sofreu devia ter machucado sua boca fazendo com que ceceasse; Wexford percebera a dificuldade que a senhora tinha em falar.

— Um dos nossos vizinhos foi pegá-los na escola e eles entraram pela porta dos fundos. Nós não trancamos a porta dos fundos durante o dia.

— Mas trancam durante a noite?

— É claro que sim. Sempre. Ela foi mais enfática do que normalmente, quase como se receasse levantar algum fio de dúvida. Os meninos haviam se desvencilhado dos braços do pai e se retiraram da sala. Devenish sorriu magoado.

— Eles crescem cedo demais, hoje em dia.

— Está bem, agora ninguém tem uma chave, disse Burden, — Mas será que algum dia alguém teve? Chaves podem ser copiadas, todo mundo sabe.

Fay Devenish virou o rosto para a almofada sobre a qual repousava a cabeça. O marido puxou a manta até a altura dos ombros dela e disse para os policiais:

— Eu gostaria que deixassem minha mulher descansar agora. Vamos conversar na sala de estar.

Ela podia não estar passando bem, mas sabia manter o esmero de sempre na casa. O belo salão havia sido limpo com aspirador e os móveis foram lustrados, além dos vasos terem recebido flores recém-colhidas. O ambiente respirava o perfume dos lilases brancos e violeta-claro que enchiam uma enorme urna chinesa. A filha pequenina havia desaparecido, mas a mãe continuava a fazer arranjos florais, a polir os enfeites de prata e a manter as almofadas arrumadas.

— Sentem-se, por favor, disse Devenish. — Eu teria oferecido chá aos senhores, mas minha mulher, como viram, dificilmente encontraria forças para prepará-lo. "E o senhor, não pode fazer?", Wexford não disse isso de viva voz.

— Tenho a impressão, Sr. Devenish, de que o senhor nos trouxe para cá para nos contar a respeito de alguém que um dia teve uma chave. Estou certo?

— Sim, está. Mas eu me sinto bastante... Bem, eu já deveria ter dito isso antes aos senhores.

— O senhor está querendo dizer que essa pessoa não faz parte da lista de amigos e parentes? Tentando ser informal a respeito, Devenish soltou uma ligeira risadinha.

— É melhor eu abrir o jogo, não é? Ela é amiga de minha mulher, essa tal pessoa, e francamente, para ser absolutamente sincero, eu não a suporto. Bem, já fui amigo dela no passado, só que uma série de incidentes muito infelizes... Acho que não preciso falar mais... Eu...

— O senhor foi duro com ela, Sr. Devenish?

— Ora, vamos! Devenish mostrou sua irritação pela primeira vez. — Ia dizer que convenci minha mulher de que essa mulher não era uma pessoa muito adequada para ser nossa amiga, especialmente com crianças por perto. Naquela época, nós só tínhamos os meninos, mas mesmo assim...

— Qual o nome dela? Perguntou Burden. Tendo ido tão longe,

Devenish agora precisava contar isso a eles.

— É uma tal de Srta. Andrews, Jane Andrews. Ela mora em Brighton. Não tenho o endereço dela, mas estará com certeza na lista. Ela teve a chave daqui porque, há muito tempo atrás, quando Robert só tinha três anos, veio passar uma temporada nesta casa para cuidar do lugar enquanto viajávamos de férias. Foi ideia de minha mulher, é claro. Naquela época nós tínhamos um gato, e ela também cuidou do gato. Foi logo depois disso que minha mulher concordou comigo que a melhor coisa seria nós rompermos com ela. Eu pedi que devolvesse minha chave, o que ela naturalmente fez, mas isso não quer dizer que não tenha feito uma cópia, não é?

Wexford fez que sim com a cabeça. Iria falar com essa Jane Andrews, e investigar a fundo, mas considerou as observações de Devenish como paranoicas. Elas permitiram que enxergasse o homem com novos olhos. Será que uma pessoa normal, que estivesse de bem com a vida, suspeitaria de que uma amiga fizesse uma cópia às ocultas da chave da casa dela? Mudou bruscamente de assunto.

— Eu suponho que o senhor, Sr. Devenish, não tenha recebido mais nenhuma daquelas cartas ameaçadoras, não é?

— Ah, aquilo. Não, eu lhes teria contado.

— Bem, o senhor não nos disse nada antes.

— Eu não percebi qual seria a importância delas, disse Devenish.

— Penso que agora o senhor percebe essa importância, observou Burden. — Elas querem dizer que o senhor tem um inimigo, não é mesmo? O senhor acredita que o autor dessas cartas teria sido capaz de raptar Sanchia? Alguma vez nas cartas houve qualquer ameaça de vingança contra o senhor por meio de um membro de sua família?

— Várias cartas ameaçavam fazer de minha mulher uma viúva e tornar meus filhos órfãos, se o senhor considera isso se vingar por meio de minha família. Mas não diziam nada a respeito de atingi-los diretamente.

"Expressões extraordinárias", pensou Wexford, quando ele os acompanhou na saída da sala. Viúvas e órfãos, frases com um jeito de citação bíblica, como se saíssem de algum salmo. Um daqueles salmos bem impiedosos e selvagens, cheios de fogo e enxofre, com tribos inteiras degoladas. Em algum lugar, de alguma região abissal, ele ouviu o som do

cuco, marcando cinco horas.

* * *

Doze

AS RUAS do bairro tinham todas nomes de figuras geométricas: Oval, Pirâmide, Losango e Retângulo. Era mais esquisito que nomes de flores, ou de meninas, ou ainda de batalhas. Ninguém sabia a razão disso e, como há mais de cem anos que as ruas haviam sido construídas e batizadas, era pouco provável que alguém um dia soubesse por quê. A Rua da Pirâmide não tinha nenhuma ligação com o Egito, cume de montanhas, ou tumba de reis. Como as outras, era uma ruazinha mesquinha com casinhas mesquinhas cujas frentes não tinham nem jardins, nem árvores, e foi construída originalmente como moradia para os trabalhadores das minas de greda. Esse tipo de rua suburbana pode ser encontrado em todas as cidades rurais da Inglaterra, mas fotografias delas nunca aparecem em guias de viagem ou cartões postais. Essa ficava precisamente na entrada do sistema viário de mão única em Stowerton, ligando ao contorno que leva à área dos shopping centers. Grandes caminhões de carga pesada roncavam por ali da alvorada à meia-noite. O local ficava fortemente iluminado durante as horas de escuridão para beneficiar o tráfego, mas isso contrariava a vontade dos moradores, agora, porém, não havia qualquer luz acesa no início de uma tarde ensolarada de um dia de maio.

A casa em que Trevor Ferry morava era quase idêntica em tamanho e aspecto à de Rosemary Holmes, distando apenas duas esquinas uma da outra; havia, entretanto, toda a diferença do mundo entre as duas. A casa de Rosemary dava a impressão de que ela começou a realizar melhoramentos quando se mudou para lá, talvez há dez anos atrás, e essas benfeitorias prosseguiam; era um lugar confortável, quase luxuoso, tinha livros e flores, um aparelho de som, com o melhor aproveitamento possível tirado de um espaço restrito. Ao entrar na casa de Ferry, Burden, que viu com a mulher na noite de domingo o filme QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF, disse consigo

mesmo a frase inicial do roteiro:

— Que espelunca!

Ainda que fizesse quase um ano desde que se mudou para lá, como o próprio Ferry contou a Burden, a sala de estar continuava entulhada com os caixotes e as caixas da mudança de seu antigo endereço. Os poucos móveis, cadeiras de lareira e um sofá com armação de madeira, uma mesa de sarrafo e bancos de bambu, pareciam estar arrumados tendo por única finalidade assistir à televisão. Era isso o que Ferry estava fazendo às duas da tarde. Não era nenhum evento esportivo de repercussão internacional, nenhum debate político, nem sequer um show de perguntas e respostas, mas um programa culinário de uma mulher jovial mostrando como se preparava a massa e se assavam folheados. Ele tinha o aspecto de quem há muito tempo está desempregado, um ar bolorento, sempre cansado, sempre um perdedor.

— Eu não trabalho desde que a Seaward Air decidiu que "somos obrigados a abrir mão dos seus serviços", disse. — Expressão bacana, essa, o senhor não acha? "Somos obrigados a abrir mão dos seus serviços", como se eu tivesse suplicado para me demitirem. Faz dois anos que isso aconteceu e o senhor tem ideia durante esse tempo pra quantos empregos eu mandei meu currículo? Trezentos. Na verdade, trezentos e vinte e um, pra ser preciso.

— De forma que o senhor não tem nenhuma razão para morrer de amores por Stephen Devenish, não é?

Ferry desligou a televisão precisamente no momento em que Burden ia lhe pedir isso. Ele era um homem pequeno e obeso, com a gordura mórbida do bebedor de cerveja de alto teor alcoólico e comedor de hambúrgueres e batata frita. Seu rosto porém, era pálido e inchado, além dele ter adotado o hábito pouco meritório dos carecas que cobrem a calvície com fios compridos penteados como disfarce sobre a pele nua. Os olhos, que estavam fixos em Burden, encarando-o de forma desconcertante, eram caramelo-claro, com o branco injetado de sangue. Burden achava que já sabia qual seria a resposta do homem e se surpreendeu quando Ferry disse:

— Por quê? O que foi que ele fez dessa vez? Burden hesitou.

— Que tipo de coisa o senhor acha que ele possa ter feito, Sr. Ferry?

— Só estou pensando de quem foi que ele chutou o traseiro dessa vez. Ou melhor, com quem ele foi grosseiro ou perdeu as estribeiras.

— O senhor não o descreveria, então, como um homem encantador?

— Ele até pode ser.

— Com as mulheres?

— Ele não é um desses que chamam hoje em dia de viciado em sexo. Posso até dizer a seu favor que é dedicado à esposa. Acho que ele não é de todo ruim. Eu perguntei o que foi que ele fez.

— Eu sei que perguntou, Sr. Ferry, disse Burden, que não ia deixar que falassem assim com ele. — Eu ouvi. Não se trata do que ele fez, mas do que fizeram com ele. Ainda era muito cedo para falar a respeito da criança, fosse para o Sr. Ferry, fosse para quem fosse. — Alguém tem mandado cartas ameaçadoras para ele. Cartas anônimas.

— Não brinca, disse Ferry, parecendo pela primeira vez feliz desde que Burden chegou. — Ameaças de quê? Burden não respondeu.

— Ele tem uma filha pequena, de quase três anos. O senhor já a viu? Ele percebeu de imediato, pela expressão de Ferry, sua completa falta de interesse, que esse homem não tinha nada a ver com o rapto da filha dos Devenish.

— A mulher dele levou-a uma vez até o escritório em Kingsmarkham... O senhor sabe que eles têm um escritório lá, outro no aeroporto de Gatwick e um outro em Brighton. Aconteceu de eu estar lá. Não sou lá muito chegado a crianças, e a bebezinhos então... Disse Ferry.

— Sr. Ferry, imagino que o senhor esteja recebendo seguro desemprego.

— É, estou, se é que a polícia tem alguma coisa a ver com isso. E pelo que estou vendo, vou continuar recebendo até que ele seja substituído pela minha aposentadoria por idade. Felizmente, minha mulher tem um emprego. A voz de Ferry tinha atingido a exacerbação do sarcasmo. — Felizmente, nós não temos filhos, nenhuma filha. Ela voltou a ensinar quando Devenish "foi obrigado a abrir mão dos meus serviços". É claro que ela não tinha a menor vontade. Quem é que gostaria disso, depois de ter sido uma dona-de-casa no bem-bom da Kingsbrook Valley Drive? Além do mais, ela teve de trabalhar numa escola particular, o que significa um salário mais baixo.

— O senhor sugeriu há pouco que o Sr. Devenish possa ter sido grosseiro, ou perdido a paciência, com outras pessoas. Poderia me dizer o nome de uma dessas pessoas? Ferry deu uma risada desagradável:

— Seriam nomes demais. A resposta é praticamente qualquer um que

tenha tido contato com ele.

* * *

Jane Andrews tinha saído para fazer compras, mas a mãe estava em casa. Era uma velha loquaz, com raciocínio altamente articulado que, no espaço de dez minutos, contou a Wexford que tinha setenta e dois anos de idade, era viúva, vivia naquela mansão vitoriana há quase quarenta anos, e pretendia morrer ali, tinha duas filhas, Jane e Louise, que Louise era também viúva e que Jane havia se casado e divorciado duas vezes, peculiaridades que para a Sra. Probyn pareciam sintomas de uma doença incurável.

— Minhas filhas não tiveram uma vida muito feliz, Inspetor-Chefe. A pobre da Jane é uma dessas mulheres chamadas de executivas, que só pensam na carreira, e sacrificam a felicidade conjugal em detrimento do trabalho. Ela faz um tipo de RP, coisa a que meu falecido marido sempre se referia como significando Relações Promocionais, mas que hoje em dia parece significar Relações Públicas, o que quer que isso seja.

— Ela sempre morou com a senhora?

— Santo Deus, não! Ela teve um apartamento atrás do outro, da mesma forma que teve o que se pode chamar de um marido atrás do outro. Mas quando meu marido morreu... Tenho certeza de que a cabeça dele estava perturbada, pobre homem... Ele deixou um testamento esquisito. A Sra. Probyn disse isso à maneira de uma contadora de história à moda antiga, prestes a desvendar, diante de sua assistência, o desfecho de uma novela de mistério e suspense. Ela fez uma pausa dramática, para em seguida continuar:

— Minha filha Louise é uma mulher rica. O marido dela deixou-a extremamente bem de vida. Ela, pelo menos, não precisaria trabalhar. O senhor poderia até dizer que seu único infortúnio, afora, é claro, perder este mesmo marido, foi seu insucesso em ter um filho. Bem, pelo menos é assim que eu vejo as coisas. Mas estou divagando. Assim, meu marido achou, com alguma razão, que não precisava deixar nada para ela, da mesma forma que poderia ter achado a mesma coisa em relação à Jane, cujas dificuldades, é preciso ser dito, foram em grande parte provocadas por ela mesma. Mas, ai de mim! Não. Segundo os termos de seu testamento, esta casa, meu lar há quarenta anos, foi deixada para Jane, cabendo a mim apenas o seu usufruto. Em outras palavras, devo morar aqui até o término de minha vida natural, e a

Jane é dona de tudo. O que o senhor acha disso?

Wexford não tinha a menor intenção de dizer o que pensava a respeito, a ideia que lhe veio à mente sendo a de que, ele fosse Jane Andrews, teria preferido se mudar para um desses apartamentos do que viver aqui com essa harpia tagarela. Mas foi salvo de dar uma resposta gentil pela chegada de alguém. Achou primeiro que fosse um homem, e essa ilusão durou alguns segundos. Com certeza, um homem de aparência bastante feminina, de narizinho arrebitado e lábios fartos, mas relativamente alto, quase um metro e oitenta, e com o peito chato. Foi então que viu as mãos e percebeu a ausência do pomo-de-adão. Ela falou com a mãe, estendeu a mão para ele e disse "olá". A voz era rouca e bastante áspera. As roupas dela não eram mais masculinas que as das mulheres em geral, seus jeans e camisa branca e tênis eram quase um uniforme, e os cabelos eram apenas cortados num corte curto. A ilusão se dissipou.

Ela parecia ter quase quarenta, era bem magra e muito bonita. Uma maquiagem teria realçado sua beleza, pois sua pele era feia, machucada nas faces devido aos furos provocados por cicatrizes de acne. Seu rosto brilhava de transpiração por ter carregado duas sacolas pesadas até o alto do morro. Ela as largou no chão e agora se esparramou numa poltrona. Wexford se identificou e lhe perguntou a respeito de sua amizade com Fay Devenish. Ele achava que ainda estava de posse de uma chave para entrar em Woodland Lodge. Antes de responder, ela sugeriu que a mãe os deixasse sozinhos.

— Ela tem sua própria sala de estar, disse, enquanto a velha se retirava da sala com um ar ofendido. — E não é esta aqui. Esta é uma casa grande, com cômodos mais do que suficientes para duas mulheres viverem nela sem ter de ficar o tempo todo se encontrando. Sorriu para suavizar a aspereza de suas observações. — Imagino que o senhor esteja me considerando uma pessoa muito má. Desculpe-me. A culpa é toda minha por ter me mudado para cá. Eu deveria ter ficado onde estava, ou aceitado o convite de minha irmã para dividir residência com ela. Ela não mora longe daqui. Não tendo nada a dizer a respeito, Wexford ficou de boca fechada.

— O que foi que o senhor me perguntou sobre a Fay?

— Eu disse que acreditava que a senhora e ela fossem amigas.

— Houve uma época em que fui, disse, — Mas não sou mais.

— Houve alguma briga?

— Não entre mim e ela, se é isso que o senhor quer dizer.

— Entre a senhora e o marido dela, então?

— Vamos colocar as coisas desta forma: ele não gosta que ela tenha amigos ou amigas. Ele mandou que ela parasse de me ver e parasse... Bem, parasse de se comunicar comigo. É ciumento. Tem ciúmes até dos próprios filhos. E isso é absolutamente tudo que eu tenho a dizer. Nenhum policial que mereça este nome leva muito a sério essa afirmação definitiva empregada com tanta frequência.

— Como assim, ciumento? A senhora está sugerindo que ele não gosta dos filhos? E com relação à menininha? Wexford empregou o presente de propósito. — Ele não gosta dela?

— Eu nunca disse nada a respeito de não gostar. Eu disse que ele era ciumento. E nunca vi a Sanchia. Sei apenas da existência dela, isso é tudo. Há anos que eu não vejo os meninos. Wexford se deu conta de que ela não percebeu a escorregadela que dera. Ele a olhou pensativo.

— O que aconteceu com a chave, Srta. Andrews?

— Que chave?

— A chave da casa dos Devenish que lhe foi entregue quando a senhora dormiu lá para cuidar do gato.

— Mas isso foi há muitos e muitos anos atrás. — Há cerca de sete anos. Wexford a examinou cuidadosamente e viu que um músculo no canto esquerdo de um de seus olhos começou a tremer. Era um espasmo muito leve, um mero pestanejar; ela, porém, levantou a mão e tocou o lugar com um dos dedos para imobilizá-lo.

— A senhora teria tido alguma razão para fazer uma cópia da chave? Ela falou com demasiada rapidez e indignação:

— Isto seria desonesto e eu não sou desonesta. Realmente não quero mais falar a respeito do casal Devenish, portanto, se o senhor não se importar...

— A senhora tem carro, Srta. Andrews?

— É claro que tenho, disse ela. Ela soou exasperada, mas havia alguma coisa a mais do que isso. Nervosa também? A maioria das pessoas fica nervosa quando interrogada pela polícia, inocentes ou culpadas, elas ficam apreensivas. Ele tentou imaginá-la indo de carro no meio da noite até Ploughman's Lane, estacionar o carro na entrada da garagem da Woodland Lodge, entrar na casa, subir as escadas e tirar uma criança que nunca vira

antes de sua cama, impedindo que a criança começasse a gritar. Ele tentou imaginar a coisa, mas desistiu. Mas ainda havia alguma coisa esquisita...

— Srta. Andrews, disse, — Tem algo que está me incomodando e que preciso falar. Ele olhou para o relógio no pulso. — Faz quinze minutos que estou interrogando a senhora e a senhora ainda não me perguntou por quê, até agora não quis saber a razão que me trouxe até aqui. Eu acho isso muito estranho, a senhora não? Ela respondeu prontamente, sem hesitação.

— Eu não precisei perguntar. O senhor veio por causa do desaparecimento da menininha dos Devenish, porque a Sanchia está desaparecida.

— Mas como foi que a senhora soube disso?

— Está nos jornais, saiu na televisão.

— Não, não saiu. Por falar nisso, como foi que a senhora soube que o nome dela é Sanchia, visto que faz sete anos que a senhora não mantém contato com os Devenish?

O músculo no canto do olho dela pulou mais uma vez. Ela fechou os olhos por um instante para, em seguida, ao abri-los, olhar de frente para o rosto de Wexford. “Era um jeito de olhar”, pensou ele, “que ninguém usa para olhar alguém numa conversa social.”

— E então, Srta. Andrews?

— Fay me contou, é claro. Ela telefonou e me disse.

— Portanto, apesar do que me disse, a senhora mantém contato com ela? Jane Andrews entrelaçou os dedos das mãos em seu colo.

— Stephen não sabe disso, mas nós nos falamos por telefone. Houve um tempo em que ela me contava absolutamente tudo. Stephen odiava isso. Ele disse a ela que eu era lésbica e que eu tinha segundas intenções com ela. Teria sido engraçado se não fosse tão burro e falso. Eu já fui casada, na verdade, me casei duas vezes. Não é coisa que se faz se a gente for lésbica, não é? Ela estava mais animada agora do que durante toda a conversa. A cor voltou ao seu rosto pálido e seus olhos brilharam tanto que pareciam cheios de lágrimas.

No caminho de volta para casa, ele parou em Ploughman's Lane. A casa em que Sylvia havia morado, antes que ela, Neil e as crianças tivessem se mudado de verdade para dentro do mato, era quase vizinha, distando

somente três casas da Woodland Lodge, se é que se pode falar de vizinhos onde as propriedades ficavam cinquenta metros separadas uma das outras. Ele sempre gostou dessa casa, uma das menores na vizinhança, com seu estilo despretensioso vitoriano, com silhar e empenas, e seu jardim simples com as árvores plantadas estrategicamente. Os novos compradores acrescentaram uma garagem para dois carros e uma varanda envernizada. "O patrimônio histórico municipal deve ter autorizado", supôs, lamentando a perda da antiga simplicidade e o espaço maior no terreno. Além de cortá-las, não havia nada que alguém pudesse fazer para estragar a beleza das árvores naquele lugar, as faias cor de cobre no seu vermelho esplendoroso de maio, as castanheiras em flor, os carvalhos com suas folhas tendo recém-adquirido o tom verde-âmbar. Aquela casa tinha sido batizada, e ainda era chamada, de Laburnum House. Com as flores das árvores que lhe deram o nome já em botões, a floração amarela deveria acontecer numa questão de dias. Ele havia deixado de apreciar os laburns desde que Sylvia foi levada para o hospital aos três anos de idade, após ter comido uma vagem cheia de sementes que havia caído no jardim da avó.

Um pensamento curioso lhe ocorreu: o de que num caso como aquele os pais sabiam quase que de imediato quais eram os prognósticos. Numa questão de minutos, ele e Dora foram avisados de que fizeram uma lavagem no estômago de Sylvia, de que ela estava passando bem e que ficaria bem. Os Devenish não sabiam nada a respeito do paradeiro da filha, de como ela estava se sentindo, qual o seu estado de espírito, nem sequer se estava viva. Foi o menino mais velho, Edward, quem abriu a porta na Woodland Lodge.

— Minha mãe está dormindo e meu pai está no jardim, disse ele, sem esperar que lhe perguntassem.

— Eu vou dar a volta na casa e encontrar o seu papai, disse Wexford, se perguntando, ao seguir o caminho que dava a volta na casa, por que um menino de doze anos se referia aos pais de maneira tão formal, em vez do mais gentil papai e mamãe.

Como é que tem gente que consegue um gramado assim? Esse aqui era como se fosse um feltro verde, alisado bem baixo. Stephen Devenish estava em pé no meio dele aparando as bordas da relva ao redor de um grande canteiro de rosas com um par de tesouras de poda. Pensamentos estranhos

pareciam ir e vir em sua mente, refletiu Wexford enquanto caminhava na direção dele, especulações e pressentimentos inusitados. Por que diabos tinha ele a sensação de que teria preferido encontrar Devenish sem que esse estivesse armado com um utensílio perigoso? O homem era encantador, gracioso, gentil, paciente e civilizado, não é mesmo? Nem sempre. Não quando falava a respeito de Jane Andrews. Parecendo ter lido os pensamentos de Wexford, foi sobre ela que ele começou a falar quando pousou no gramado a arma ofensiva.

— Receio que tenha sido brusco ao falar a respeito da Srta. Andrews quando conversamos de manhã. Ele sorriu, aquele sorriso incessante, mesmo quando diante, aparentemente, das piores adversidades. — Ela não fez por mal. Mas nenhum homem gosta de ver alguém de fora se meter entre ele e sua mulher, não é mesmo? Uma interveniente, talvez fosse o termo apropriado para ela?

— Isso seria apropriado em casos de separações judiciais, Sr. Devenish, disse Wexford. — Nesse caso ela seria o equivalente feminino de um cúmplice de adultério.

— É mesmo?

— No caso de alguém de fora, para usar as suas palavras, a maioria das mulheres tem amizades femininas fora do âmbito conjugal, amigas que não são comuns aos maridos ou companheiros.

— Não é o nosso caso, disse Devenish. — Nós temos um ao outro. Não precisamos de mais ninguém. Vamos entrar em casa.

Wexford o seguiu. Eles entraram pela porta dos fundos e passaram por uma espécie de vestíbulo com botas e botinas, entrando em seguida numa enorme, impecável e bem equipada cozinha. Com um espaço contínuo usado como copa ou sala de almoço, a mesa estava posta para quatro pessoas jantarem, com uma toalha branca, em vez de um serviço americano, talheres de prata no lugar de garfos e facas de inox e cabo de osso, flores num vaso. Mais uma vez ele pensou como era bizarro que Fay Devenish conseguisse fazer tudo isso sem ajuda, sozinha, e continuasse a fazê-lo mesmo enquanto permanecia sem notícias de sua filha, enquanto estava perturbada e seu médico obviamente lhe dera um sedativo e a mandara descansar.

Ele gostaria de dizer que estava francamente confuso, que se sentia como

alguém na escuridão de uma floresta, desorientado e perplexo, ou algo no gênero. Ninguém poderia ter entrado na casa sem arrombamento, mas ninguém, por outro lado, havia trazido uma escada. Para ser exato, nenhum estranho poderia ter levado Sanchia embora, sem que a criança chorasse e despertasse os pais. Era isso que ele queria dizer, estava prestes a dizê-lo, quando, de maneira surpreendente e assustadora, Stephen Devenish explodiu em pranto. Ele se jogou com os braços sobre a mesa arrumada com tanto apuro, abaixou a cabeça e começou a soluçar e se sacudia com os soluços, os ombros tremendo, enquanto cerrava as mãos com força.

Bastante surpreso, Wexford se sentou pacientemente à frente dele. Não havia nada que pudesse fazer, ficando quase sem saber por que tinha voltado ali. Talvez tivesse sido apenas para ver esse homem de novo, ver de novo a casa. Ele olhou à sua volta, examinando o ambiente. Na bancada, um conjunto de panelas para cozinhar no vapor, uma panela de pressão, certa máquina para fazer diferentes tipos de macarrão. Um bloco de madeira maciça escura de onde surgiam os cabos de chifre de sete ou oito facas. Pratos de porcelana azul e branca, Royal Copenhagen e faiança de Delft, estavam pendurados nas paredes. Havia um calendário das Terras Altas Escocesas e um relógio cuco. Na última vez em que esteve na casa, ele o ouviu marcar as horas, mas ao longe. Agora, de súbito, um cuco pintado de cores alegres pulou para fora batendo o bico e emitindo seis vezes seu canto. Quando o cuco cantou pela quarta vez, Stephen Devenish levantou o rosto. Ele estivera batendo com os punhos em cima da mesa e havia derrubado o moedor de pimenta e o vaso de flores. Um dos copos caiu e rolou pelo chão. Wexford se levantou, encheu um outro copo com água da bica e disse calmamente:

— Beba isso, coragem. Sem saber ao certo por que não conseguia colocar a mão no ombro do sujeito, porque essa sua relutância em tocar Devenish chegava à repugnância.

— Eu sou um tolo, disse Devenish, se sentando direito e segurando o copo. — Não consegui evitar. Eu não paro de pensar que não vou vê-la de novo, que ela está morta. Seu rosto estava seco. Ele havia chorado sem verter uma lágrima. — Eu nunca a verei de novo neste mundo, são essas as palavras que ficam martelando na minha cabeça.

— Onde há vida, há esperança, disse Wexford, empregando um clichê que normalmente não usava.

— Sim, mas ainda há vida? Não é muito mais provável que haja morte? Devenish respirou fundo, aspirando o ar com um arrepio. — Desculpe por ter me perturbado tanto. Eu amo minha filha, entende? Quero vê-la crescer.

Wexford não se demorou muito na casa depois disso. Seu último pensamento foi incongruente; ele imaginou quando saía da cozinha que a primeira coisa que Fay Devenish faria ao acordar, isso seria esperado dela? Seria esticar, completar e recompor a mesa com sua toalha marcada por dedos.

Wexford chegava com tanta frequência tarde a casa que Dora não o repreendia mais, nem sequer fazia um comentário, mas de sua filha mais velha ele esperava algum tipo de bronca. Sylvia havia telefonado à mãe quando saía do trabalho na Assistência Social de Kingsmarkham e estava sentada ao lado dela no sofá; as duas bebiam vinho branco. Mas em vez de censurá-lo, ela pareceu apenas ansiosa em se defender.

— Papai, eu estou dirigindo, mas só vou tomar um copinho. Ele disse sorrindo:

— Você sabe que eu nunca vou poder, querida, imaginá-la desrespeitando a lei de propósito. Ela corou de alegria.

— Não mesmo? Que bom!

— Se você tiver um momento, eu gostaria de perguntar algo que pode considerar como pertencendo ao domínio da psicologia infantil. Dora se levantou bruscamente.

— Eu vou preparar o seu jantar, Reg, é só colocar o prato no micro-ondas.

— Não, não precisa. Eu mesmo vou. Daqui a um minuto. Ele sentiu uma aversão repentina à ideia de que esse tipo de tarefa fosse esperado dela. — Sente-se, disse. — Fique aí tranquila. Sylvia terminou seu vinho e descansou o copo.

— Papai, eu não sou psicóloga de criança, ou de quem quer que seja, ainda que, diga se de passagem, muita gente me tome como tal. Só fiz um cursinho na faculdade para ter meu diploma.

— Isso serve, afirmou o pai. — Darwin disse, e eu espero conseguir repetir direito, que: “O Homem tem uma tendência instintiva à fala, como podemos comprovar ao ver nossos filhinhos balbuciarem; nenhuma criança,

porém, tem tendência instintiva para cozinhar, tramar ou escrever." Diga-me uma coisa: com que idade você acha que uma criança começa a falar? Ela deu de ombros.

— Não sei, acho que aos dezoito meses, dois anos... Se você estiver se referindo a falar de verdade, com palavras e frases. Robin já tinha mais de dois anos, mas Ben já falava um bocado antes dos dois. Imagino que seja porque o irmão falava o tempo todo com ele.

— Você começou a falar muito cedo, Sylvia, disse Dora. — Já era capaz aos dezoito meses de falar qualquer coisa. Com a Sheila foi mais tarde.

— É engraçado como as mães se lembram dessas coisas. Eu não consigo, sumiu completamente da minha cabeça. Mas então, quais são as razões, segundo vocês duas, que levariam uma criança a não falar praticamente nada aos trinta e três meses?

— Trinta e três meses? Isso são quase três anos de idade! Sylvia perguntou, indecisa:

— Nós não estamos levando lesões cerebrais em consideração, estamos?

— Não, acho que não.

— Ele ou ela poderia ser surdo. Essa é uma possibilidade real, mas eu não creio, hoje em dia, que essa possibilidade não tenha sido examinada antes dessa idade. Ou, é claro, a criança pode ter tido algum tipo de trauma emocional. Tasneem Fowler, lá no Hide, me contou que seu irmão mais velho ficou dois meses sem falar depois que o caçula nasceu.

— Mas ele falava antes, não falava? Disse Wexford. — Ele estava com ciúmes do recém-nascido e isso inibiu sua capacidade de falar, não é?

— Provavelmente. Papai, você deve ter um caso específico em mente. Em que tipo de ambiente social se insere essa criança da qual você está falando?

— Classe média alta, talvez até ricos, muito dinheiro sobrando, uma ótima casa, e não estou exagerando, pais naturais e, em princípio, dedicados, vivendo juntos, e dois filhos mais velhos. A criança que tenho em mente é muito querida, foi muito desejada, eu diria.

— Assim você me deixou sem opções, disse Sylvia. — Eu lembro de ter lido em algum lugar que Einstein não falou antes dos três, disse Dora.

— E o que, me diga, isso prova, mamãe?

Depois de Sylvia ter ido embora, Wexford assistiu ao noticiário das nove, em seguida a um programa a respeito de um novo tipo de ativista, o

guerreiro ecológico. Um grupo deles, fazendo a sua guerra contra a engenharia genética, tinha destruído um campo de trigo em Shropshire e envenenado um pomar em Somerset. O trigo havia sido alterado geneticamente para um tipo de massa de pão mais maleável, as maçãs eram mais vermelhas que as de ordinário e desprovidas de sementes. Ele estava olhando para uma das maçãs secionadas sem sementes, quando Dora entrou dizendo que ia levar, de manhã, as roupas de inverno para a lavanderia e que não conseguia encontrar a capa de chuva dele.

— Ah, meu Deus! Exclamou ele, — eu a emprestei a um sujeito chamado Dixon para ele cobrir a cabeça e fingir que era um pedófilo. Dora o olhou de maneira esquisita.

— Pegue-a de volta. Você não vai querer ficar sem ela: uma gabardine da Burberry. Ela desligou a televisão e os dois foram se deitar.

Ele quase sempre tinha sonhos interessantes e raramente pesadelos. Nesse sonho, no qual ele pareceu mergulhar imediatamente, Dora e ele voltaram anos atrás, para um passado quando eram jovens e as filhas bem pequenas. Estava sentado com Dora, admirando sua beleza enquanto penteava seus longos cabelos castanhos, um clichê bastante comum, quando ela se virou para ele e disse com muita calma que Sheila, o bebê, tinha desaparecido, tinha sido roubada do berço. Ela fora até o quarto e encontrou o berço dela vazio. Sendo tomado de uma angústia e um terror sem limites, ele correu pela casa afora, gritando o nome de Sheila, suplicando a ela que voltasse, chegando em disparada à rua, despertando a cidade, o mundo inteiro. Então, o sonho mudou, como em geral ocorre com esse tipo de sonho, e ele se encontrou num estúdio de televisão sendo entrevistado por uma personagem demoníaca representada por Peter Cushing. Ele implorava que uma mensagem fosse enviada aos sequestradores, na qual oferecia resgate por Sheila, resgate esse que era, esta foi a pior parte, decididamente aquela que lhe deu terrível sensação de vergonha, sua filha mais velha, Sylvia. “Levem a Sylvia”, ele ouviu a própria voz dizendo, “E me devolvam a Sheila.”. Acordou em seguida, tremendo e coberto de suor.

* * *

À meia-noite, Lynn Fancourt, que foi ao cinema e tomou depois um

drinque no Rat and Carrot com o namorado, entrou num carro que parou para ela na extremidade norte da Rua York. Na verdade, o carro tinha parado num sinal vermelho e Lynn bateu no vidro da janela do passageiro pedindo carona. Quem dirigia era mulher, cuja aparência alguém muito jovem poderia considerar como de meia-idade, com um homem de cerca de trinta anos sentado ao lado. Eles estavam indo, disse o passageiro, para Myringham, mas, se ela quisesse, poderiam deixá-la em Framhurst. Pela conversa dos dois, Lynn percebeu logo que alguma coisa esquisita estava acontecendo e não era bem o que ela andava à procura. Quando o homem sugeriu que parassem por dez minutos num acostamento da antiga perimetral, ela pensou que se tratava de drogas e ficou indecisa sobre o que fazer se surgissem substâncias proibidas. Prendê-los por posse de entorpecentes? Chamar a delegacia pelo celular? Mas estava enganada. O carro parou e os dois se juntaram a ela no banco de trás com intenções amorosas. Os sinais de Lynn para desencorajá-los fizeram com que a mulher dissesse que estava entendendo e que seria melhor se fossem direto para casa, onde poderiam se divertir a três com mais conforto.

Lynn se deu conta, então, de que a confundiram com uma garota de programa, um novo fenômeno em Kingsmarkham, mas não de todo desconhecido. A culpa era toda dela, batendo na janela dos carros, e num sinal com a luz vermelha, havia certa ironia nisso. Era uma gente bastante bacana, agradável e cordial. Quando lhes disse que mudou de ideia, eles a levaram mesmo assim até Framhurst e deixaram o telefone deles com ela, caso mudasse de ideia.

* * *

Fazia mais de um ano que Wexford deixara de assinar o jornal da cidade. O Kingsmarkham Courier o havia irritado tanto, com a cobertura que Brian St George fez dos reféns da perimetral, que achava ser humanamente impossível aturar o jornal na mesa do café-da-manhã. Não dava para passar por aquilo de novo, de forma que desistiu do jornal. Nem o Times, nem o Independent poderiam chegar perto de provocar a raiva que sentia lendo o Courier, de forma que passou a assinar os dois. Mas, desde que abandonou alegremente o Courier, o jornaleiro dele contratou uma nova leva de entregadores de jornal, cuja maioria era de incompetentes. Quando

chovia, eles deixavam molhar os jornais e, se não conseguissem encontrar logo o jornal certo no alto da pilha, entregavam simplesmente qualquer um que viesse a calhar: às vezes um tabloide, ou o Financial Times. Qualquer um desses teria sido infinitamente preferível para Wexford do que aquilo que encontrou jogado virado para cima no capacho da porta.

Sob o cabeçalho, encimado por uma águia com um rolo de pergaminho no bico, onde estava o cabeçalho do jornal com Courier escrito em caracteres góticos, a manchete saltava aos olhos. Ele cerrou as pálpebras, mas é claro que as teria de abrir de novo. A gente sempre tem. ONDE ESTÁ SANCHIA? dizia a manchete no maior corpo de caracteres romanos que os diagramadores do Courier conseguiram encontrar; logo abaixo, apenas um tantinho menor e em negrito um pouco menos acentuado: SMITH AMPARADO PELA POLÍCIA. As coisas que foram escritas na matéria que vinha em seguida, ele podia adivinhar sem ler. A essência lhe veio à mente no momento em que viu as manchetes: uma menininha havia desaparecido, as notícias foram censuradas enquanto Smith era acobertado, e uma enorme manobra de dissimulação estava em progresso. Mas ele não havia previsto a maneira como St George, era dele o editorial, distorceria os fatos, dizendo que Thomas Henry Smith estava atualmente numa cela reformada com "todos os confortos e serviços" na delegacia de Kingsmarkham.

Duas fotografias foram inseridas no texto, a clássica mostrando a soltura de Smith da prisão, já publicada em todo o lugar, e um retrato de Sanchia Devenish que ele nunca vira. Foi tirada evidentemente quando ela teria cerca de seis meses de idade, uma vez que era a foto de um bebê, cuja cabecinha redonda quase careca repousava sobre um travesseiro bordado. Uma foto pouco nítida, provavelmente ampliada em excesso. A mão de um adulto, seria a de Fay Devenish? Podia ser vista num dos cantos junto com o que poderia ser um carrinho de bebê.

Rugindo sozinho como um urso furioso, Wexford pegou o jornal e levou para a cozinha, onde pôs a chaleira no fogo. Sua primeira reação, como a maioria das pessoas hoje em dia quando atônitas, felizes, chocadas ou assustadas, foi telefonar para alguém. Mas para quem? Southby, é claro, mas ele procurava ter o menor contato possível com o superintendente de polícia assistente interino. Para o superintendente Rogers? Para o sargento na

recepção da delegacia? No final das contas, após ter subido com o chá de Dora, quando reparou que estava chovendo de novo, mas sem mencionar a capa de chuva esquecida, ele acabou se decidindo pelo de costume e ligou para o fiel Burden.

— Eu já vi, disse Burden. — Pensei que você tivesse abandonado esse pasquim.

— E abandonei. Eles entregaram o jornal errado.

— O seu e o meu. St George deve ter visto Wendy Brodrick entrar com o Smith, estava sem dúvida de tocaia do lado de fora ou matando tempo sentado num carro estacionado. Eles só ficaram lá cinco minutos.

— Tempo bastante. Onde é que eles conseguiram a foto de Sanchia?

— Só Deus sabe. Aqueles Devenish não tinham uma foto para nos dar, mas St George conseguiu uma. Não que essa do jornal tivesse servido pra gente, pois um bebê aos seis meses não tem nada em comum com a aparência que terá dali a dois anos. Aquela fotografia do St George ajudaria tanto a encontrar Sanchia Devenish quanto um retrato seu ou meu. Burden falou pensativo: — Talvez os Devenish não a tenham dado a ele. Você sabe como o Courier vive organizando todo o tipo de concurso, em princípio para caridade... O sujeito que é dono do maior pé, alguma gincana horrível, o concurso de Miss Kingsmarkham, até as feministas acabarem com ele... Bem, eu estava pensando se a Sanchia não esteve em algum show de bebês e tiraram o retrato dela. Ela era um bonito bebê, não era?

Essas palavras, incomuns na boca de Burden, deixaram Wexford tão profundamente emocionado que se esqueceu completamente da raiva que há pouco sentia, sendo tomado de dor e tristeza ao ouvir em silêncio o amigo empregar o pretérito quando falou de Sanchia. “Pobre menininha!”, pensou, “queira Deus, ou as fadas, que quem quer que a tenha em suas mãos, seja gentil com ela.”.

— Você ainda está aí? Perguntou Burden.

— Estou. Wexford pigarreou. — Os Devenish não são o tipo de gente que deixaria a filha participar de um show de bebês, você não acha?

— Deus sabe o tipo de gente que são. Não me pergunte, é melhor perguntar ao St George.

— Tenho toda a intenção de fazer isso, disse Wexford; acrescentando

em seguida, com uma satisfação que lhe era atípica: — Tenho toda a intenção de encontrar um meio de puni-lo.

* * *

Treze

A CONFUSÃO dessa vez começou em Stowerton, na Rua do Retângulo, não muito longe das casas de Trevor Ferry e Rosemary Holmes, onde o irmão de Joe Hebden vivia com a namorada, dois filhos dela e dois dele. David Hebden era o motorista da camionete que fazia a entrega, ainda com a tinta fresca da impressão, dos exemplares do Courier para todos os jornaleiros de Kingsmarkham, Stowerton e Pomfret, com uma rotina que começava às seis da manhã. Saber ler não fazia parte de seus atributos, apesar de ser capaz de decifrar as manchetes do caderno de esportes. Naquela manhã chuvosa, o que chamou sua atenção no Courier foi um nome, um dos poucos que conseguia ler, e que aconteceu de ser o mesmo com o qual sua namorada havia batizado a filha mais nova. David Hebden era muito chegado à pequena Sanchia. Ela não era filha dele, mas gostava mais dela que dos próprios filhos, os quais considerava um estorvo entre ele e a ex-mulher. Durante trinta minutos assustadores, ele pensou que alguma coisa terrível houvesse acontecido com ela. Senão, por que seu nome estava nos jornais?

Pedir a alguém que lesse as coisas para ele era algo que evitava sempre que podia, de forma que não disse nada aos jornaleiros, ficando simplesmente cada vez ansioso e frustrado toda vez que seus olhos encontravam aquele nome querido impresso daquela forma enorme e horrível. Todos ainda dormiam quando chegou em casa. Ele disparou escada acima à procura de Sanchia, e encontrou-a dormindo no quarto da mãe, para onde devia ter ido depois que ele saiu para o trabalho, e acordou a casa inteira com seus urros de alegria. A mãe de Sanchia, Katrina, pegou o jornal e leu a matéria. Alguns instantes depois, as outras crianças entraram e também sentaram na cama, percebendo que havia uma possibilidade de divertimento nessa quebra de rotina.

— A polícia é uma vergonha, disse Katrina. — Essa menininha está sumida desde segunda-feira e o que é que eles fazem? Em vez de procurar por ela, ou, ainda pior, pelo corpo dela, transformaram a delegacia num hotel com tudo que é conforto pra deixar o pedófilo viver na maior mordomia.

— Mamãe, o que é um pedófilo? Perguntou Georgina, de seis anos.

— Não faça perguntas bobas pra não escutar mentiras. Dave, vou dar uma ligada pro Joe e a Charlene. Ou você liga, é sua obrigação, eles têm o direito de saber.

Desde a partida de Smith do Condomínio Muriel Campden, toda a excitação e a maior parte da tensão havia arrefecido. Um outro acontecimento estava exacerbando os moradores das Puck, Ariel e Oberon Roads: Colin Crowne havia atacado e feito em pedaços Jodi, o bebê virtual. Isso aconteceu um dia antes da data marcada para que Lizzie Cromwell o devolvesse à Assistência Social. Depois de sua briga com Brenda Bosworth e de todos, menos o próprio Miroslav, acharem de comum acordo quem era o pai da criança, Lizzie pareceu perder seu interesse por Jodi. Em vez de cuidar dele, dando comida e trocando as fraldas, colocando-o no seu berço, além de pegá-lo no colo e dar toda a proteção e carinho, ela perdeu completamente o interesse pela coisa e Jodi, abandonado pela primeira vez na sua curta vidinha, pois era um recém-nascido quando foi entregue a Lizzie, começou a chorar. Ele chorava, soluçava e gritava, sendo que a fita da gravação era sempre rebobinada quando acabava, recomeçando toda a cantilena.

— Você não pode simplesmente deixar ele de lado, e você sabe disso, Debbie a repreendeu.

Colin não disse nada. Tampouco não fez qualquer tentativa de silenciar Jodi, simplesmente retirando as pilhas, ou abafando o som. Às nove da noite, quando já fazia seis horas que o robô estava chorando, Colin o pegou pelas pernas e o despedaçou contra a parede do banheiro. Os pedaços de Jodi, seus membros, mecanismos e sua bela cabeça delicada foram parar na banheira, onde ele os pisoteou até esmigalhá-los. Lizzie não se importou nem um pouco, ela estava entediada com aquilo tudo, mas teve de se explicar para a assistente social. Colin havia saído, era seu dia de assinar o formulário do seguro-desemprego. A assistente social disse que uma coisa assim nunca havia acontecido e perguntou a ela que tipo de mãe ia ser quando tivesse seu bebê

de verdade. É claro que ela, ou a mãe, ou o padrasto, teriam de pagar um substituto para Jodi; será que ela sabia quanto custava um bebê virtual? Colin voltou para casa e disse que nem morto conseguiriam que ele pagasse por quebrar uma porcaria de um boneco de merda; Debbie disse que, por princípio, também não ia pagar. Iam acabar conseguindo de qualquer forma que ele próprio morresse, disse. Colin, pois já começavam a surgir erupções na sua pele, com brotoejas aparecendo da cintura até a bunda. Ninguém percebeu o estresse que suportou com aquela coisa dentro de casa e só Deus sabia o inferno que seria com um bebê de verdade.

A notícia dessa cobrança injusta por parte do Departamento de Assistência Social de Kingsmarkham se espalhou como fogo por Muriel Campden. Com exceção dos Mitchel, Monty Smith e Maria Michaels, quase todo o mundo tomou o partido dos Crowne. Monty Smith estava em sursis e foi obrigado a pagar uma multa de valor incalculável, cuja soma tomou emprestado de Maria, por agredir o sargento Fitch. Seu ponto de vista era que, como ele fora multado injustamente, como outros poderiam querer se safar sem pagar?

— Sabe como a gente faz uma bomba incendiária? Perguntou, na véspera, Colin Crowne a Joe Hebden no Rat and Carrot.

— Fazer o quê? Você está de onda.

— Não, eu vi na TV. Era em algum lugar no Iraque, ou na Argélia, um lugar desses, e essa turma tava jogando bombas incendiárias no governo. Eu pensei cá comigo que a gente devia fazer isso aqui, no conselho municipal, fazer eles se mexerem. Um cara que nenhum dos dois vira antes disse: — Você enche uma garrafa com gasolina, uma garrafa como a de leite.

— A gente não recebe mais garrafas de leite, disse Colin. — Tudo bem. Esquece. Qualquer garrafa, contanto que não seja de plástico. Enche até em cima e enfia um pedaço de pano no gargalo. Você põe querosene no pano, pode ser querosene azul ou rosa, não importa, acende com um fósforo e joga. Precisa jogar no ato, nada de ficar segurando senão você acaba pegando fogo. Mas não precisa se incomodar. Se tiver a fim, eu posso fornecer. Tem um mercado pra esse tipo de coisa.

— A gente tava brincando, disse Joe. O cara só deu uma risada e disse que ia pagar uma bebida para os dois, depois queria mostrar uma coisa.

A mulher de Joe, Charlene, atendeu o telefonema do cunhado às sete e meia da manhã. Que a criança continuava sumida não era novidade para ela. Ela já sabia disso, todo mundo no Muriel Campden sabia disso, só os jornais que não. Mas ignorava que Smith estava escondido na delegacia de Kingsmarkham e num quarto de luxo! Charlene teve satisfação em dizer que o mundo estava dividido entre aqueles que fazem e aqueles que não fazem; ela fazia. Pôs uma roupa, pegou um guarda-chuva, e pisou na calçada do triângulo, batendo de porta em porta.

Existem homens gordos sólidos como Carl Meeks, homens com ombros largos e barrigas como tambores convexos, firmes e duros como se usassem espartilhos, mas nenhum espartilho daria conta; há outros gordos cuja obesidade parece líquida, geleia mole presa numa fina membrana interior, de forma que uma picada de alfinete os esvaziaria como um balão furado. Brian St George, editor do Kingsmarkham Courier, era do segundo tipo e, presentemente, sua liquescência escorria pelos braços da cadeira, brotando como uma poça de encontro à mesa de Wexford. A camisa dele, que pretendia ser branca, parecia, como sempre, que havia sido posta na máquina de lavar junto com um par de jeans pretos e uma camiseta vermelha. Se houvesse uma gravata em algum lugar, estaria no seu bolso. Desde que sua calvície se agravou, ele deixou crescer bem compridos os cabelos que sobraram, de forma que se a gente o visse de cima, como Wexford o estava olhando agora, a cabeça parecia uma enorme margarida branca de miolo rosa-amarelado. Ele compareceu na delegacia ao ser intimado, mas talvez por também não apreciar muito a ideia de ver o Inspetor-Chefe na redação do Courier, se sentou na cadeira e logo estava sendo supliciado. St George tentou se defender com galhardia, reclamava um pouco, agredia um pouco, insistindo sempre que tinha de "improvisar" por culpa da polícia de Kingsmarkham, que nunca lhe contava nada.

— "O Sexteto de Kingsmarkham", disse Wexford com nojo.

— Não fui eu quem inventou isso, disse Brian St George como atenuante. — Está sendo vingativo, isso é uma vingança. Mas você sabe que não me assusta facilmente, Reg.

— Não me chame assim, reclamou Wexford.

— Sinto muito. Eu tinha certeza de estar na companhia de um velho amigo. Tu, Reg, mim, Brian. Essa sua formalidade de ficar me chamando de

“Sr. St George” é uma doideira.

— O senhor pode achar o que quiser, mas nós vamos manter uma formalidade debaixo deste teto. Se o senhor achava que Smith estava escondido aqui, o que foi que lhe impediu de telefonar ao seu “velho amigo” para confirmar? Não, não se dê ao trabalho de responder. O senhor teria recebido uma negativa e uma negativa é a última coisa que o senhor deseja. O senhor ficaria sem matéria.

St George mudou a sua massa flácida de posição alguns centímetros. Surgiu uma abertura entre dois dos botões da camisa dele, mostrando um pedaço de pele rosa cabeluda. O editor do Kingsmarkham Courier pegou um maço de Marlboro no bolso, olhou em volta procurando um cinzeiro e, mesmo não encontrando, acendeu seu cigarro.

— Esta área é de não-fumantes, disse Wexford.

— Não costumava ser, protestou St George. — Desde quando?

— Desde hoje, às nove da manhã. Wexford olhou para o seu relógio que mostrava três minutos depois das nove. — Apague este cigarro imediatamente. Devagar e com ar de quem fazia um grande sacrifício, St George apagou a ponta do cigarro.

— A matéria saiu em todos os jornais de grande circulação, alegou. — É a manchete da primeira página do Mail.

— Só porque você avisou a eles. Ao que parece, choveram telefonemas a noite inteira aqui. Tudo teve de ser negado. Smith não se encontra aqui. Esteve aqui precisamente por cinco minutos, sentado dentro de um carro no estacionamento. Imagino que o tenha visto entrando.

— Culpado, excelentíssimo senhor, disse St George, ostentando um sorriso gaiato.

— E passou adiante esse seu furo jornalístico, mas tarde demais para que fizessem concorrência com o Courier.

— Bem, o que você faria no meu lugar, Reg? Desculpe, Sr. Wexford.

— Teria me comportado como um cidadão responsável, mas sei que isso é um conceito que lhe é completamente estranho. Agora é tarde demais para fazer qualquer coisa a respeito. Vamos torcer para que não tenha causado nenhum prejuízo. Onde foi que obteve a fotografia de Sanchia?

— Preciso proteger as minhas fontes, o senhor sabe disso.

— Não estou me referindo às suas fontes, estou falando de uma

fotografia que o senhor deve ter conseguido com os pais da criança, ou mandado tirar anteriormente para o próprio jornal.

— Foi quando o pai dela teve um grande aumento salarial, de umas cem mil libras, ou coisa assim, e nós fizemos uma matéria sobre milionários. Sabe como é: "Como Magnata da Aviação Justifica Salário de Marajá?"

— O que isso tem a ver com a foto da Sanchia?

— O lado humano, o senhor entende disso. O valor da família. Aconteceu que o nosso fotógrafo viu a Sra. D. saindo com o bebê. Pra falar a verdade, foi pela foto em nossos arquivos que descobrimos o nome verdadeiro. Aquela gente estava chamando ela de Sasha, Sarah, todo tipo de coisa no gênero. Wexford olhou enojado para ele.

— Nós não vamos mais fornecer qualquer tipo de informação para o seu jornal, de forma que queira o senhor, por favor, instruir na redação os seus repórteres que costumam vir aqui, duas vezes por semana para o comunicado à imprensa, que eles não são mais bem-vindos. St George se levantou, seu corpo era uma banha só e tremelicava.

— Escute aqui, o senhor não pode fazer isso. Isso é ultrajante. Eu vou falar com o chefe de polícia. Repetindo as palavras de Dora, continuou: — Isto aqui virou uma Gestapo, igualzinho à KGB.

— Pelo que me diz respeito, pode ficar igualzinho ao Talibã, disse Wexford.

O som de vidro quebrado, vindo do andar debaixo, interrompeu qualquer comentário adicional que ele pudesse ter feito. Parecia que alguma coisa havia atingido uma das janelas dos andares de baixo. Wexford foi até a janela e olhou para fora. Ficou um momento imóvel, depois se virou e fez um sinal para Brian St George:

— Venha cá ver o resultado das suas artimanhas, disse.

* * *

Quando soaram oito e meia, a maior parte da população de Kingsmarkham e dos vilarejos próximos já sabia que uma criança estava desaparecida e que um notório pedófilo estava sob proteção policial. Foi uma moradora da Glebe Road que começou o boato de que Smith havia assassinado Sanchia Devenish, confessado o crime e buscado abrigo na

delegacia de Kingsmarkham, escapando, assim, de ser feito aos pedaços por todos os pais decentes da região. Essa mulher era mãe de dois filhos, e o mais velho tinha sido vítima de agressão sexual por um homem de Stowerton. Com sua meia-irmã Jacky Flay e Kaylee, a filha de Jacky, além de meia dúzia de vizinhos, ela iniciou uma marcha, não eram mais do que quatrocentos metros de caminhada, e encontrou, a meio caminho dali, um contingente que vinha dos arrabaldes de Stowerton. Nesse grupo de manifestantes, todos carregavam cartazes de papel, improvisados na hora, com os dizeres: QUEREMOS SMITH e SALVEM NOSSOS BEBÊS. Se ao menos a chuva tivesse continuado, como Wexford comentaria mais tarde, a manifestação poderia ter sido evitada, pois a maioria dessa gente relutaria em se molhar. Mas a chuva havia parado quando eram quinze para as oito, dando lugar a um céu azul inclemente, sol brilhante e vento noroeste forte.

Os dois grupos foram se encontrar por acaso do lado de fora do posto do Ministério do Trabalho, onde fizeram uma pausa para unir suas forças. Os gazeteiros da escola para alunos problemáticos de Kingsmarkham, o grupo habitual de adolescentes desmotivados, já estavam sentados na murada do lado de fora. Estavam sonolentos porque foram acordados cedo pelos pais para ir ao colégio. Nada nunca acontecia, segundo eles, nesse buraco, de forma que ficaram felizes da vida de serem convidados a se juntarem à manifestação. Logo após a marcha ter recomeçado, quando estavam entrando na Rua High, o ônibus de Stowerton parou do lado de fora do bar Olive and Dove e David Hebden desceu com Katrina, as filhas Georgina e Sanchia, mais os filhos Grant e Jason; as crianças estavam matando aula porque tinham algo mais importante a fazer.

Assim que se deram conta, com Grant bancando o homem-sanduíche, a silhueta de duas crianças se dando as mãos, com SALVEM AS CRIANCINHAS de um lado, e, do outro, CORTEM OS PAPA ANJOS EM PEDAÇOS, dois objetivos da família, a turma da Glebe Road os recebeu de braços abertos. Um grupo de trinta pessoas subiu marchando a Rua High, passando pela Igreja de São Pedro. Eles pareciam um grupo tão disciplinado que os policiais Lydia Wingate e Leslie Wilson, que faziam a ronda naquela rua principal, pararam o trânsito na ponte Kingsbrook para deixá-los atravessar.

Enquanto isso, multidão ainda maior estava fluindo do Muriel

Campden na direção da Rua York. Lizzie Cromwell, Suzanne Smith, Sue Riddley, Pete McGregor e Monty Smith estavam ausentes do grupo por razões variadas: gravidez, simples cautela, doença e medo de pagar mais multas, ou até de ir para a cadeia. Mas Brenda Bosworth estava presente com Miroslav Zlatic na comissão de frente, seguidos dos Hebden, dos Keenan, de Carl e Linda Meeks, Maria Michaels e Shirley Mitchel, além do marido de Tasneem, Terry Fowler, com os filhos Kim e Lee. Muitos entre eles carregavam sacolas cheias de compras, mas não havia nada em especial que provocasse suspeitas, tanto assim que quando a policial Lydia Wingate os viu, nem sequer reparou que eram os mesmos moradores do Muriel Campden com os quais havia se encontrado na semana passada.

Eles se juntaram aos manifestantes de Stowerton e da Glebe Road do lado de fora do shopping Heaven Spent. Joe e David Hebden ficaram emocionados ao se avistarem, eram dois irmãos se encontrando, e se jogaram nos braços um do outro, se abraçando e dando tapinhas nas costas, era a primeira vez que faziam algo assim e ambos já se aproximavam dos quarenta. Essa demonstração de amor fraterno estimulou as quase cinquenta pessoas que haviam se reunido, provocando hurras, antes que a marcha prosseguisse na direção da delegacia.

A disciplina desapareceu, entretanto, com a chegada da tropa do Muriel Campden. Tornando-se agora patente o contraste entre a indolência e o desânimo dos antigos moradores da cidade velha e a vitalidade e o fogo dos modernos, a impressão que se tinha era, porém, de que os primeiros houvessem recebido uma injeção de vitalidade dos últimos inflamando suas veias, pois todos se uniram numa cantoria enquanto caminhavam, cujo tom, de início baixo, foi crescendo progressivamente. Seguindo o ritmo pausado da música caipira STAND BY YOUR MAN, eles passaram a cantar de improviso "lute pelos seus filhos, diga a eles que você os ama..." Na hora, ninguém parecia saber quem foi o responsável por essa inspirada adaptação da canção de Tammy Wynnette, mas se decidiu depois, por consenso geral, que havia sido Brenda Bosworth.

Foi assim que prosseguiram até a extremidade leste da Rua High, uma corte de pessoas de todas as idades, dos dois aos quarenta anos, uma companhia jovial, os mais novos em carrinhos de bebê, os mais velhos com

suas calvas e barrigas protuberantes, todos cantando aquela que era talvez a mais conhecida das músicas caipiras, uma cantiga à moda antiga, para a maioria deles. Eles levavam sacolas e cartazes, com o sol forte brilhando sobre suas cabeças e o vento soprando e despenteando os cabelos das mulheres, de forma que pouco depois das nove horas estavam reunidos diante da calçada protegida por ferros da delegacia de Kingsmarkham. O estacionamento, cujos portões estavam abertos e que só podia ser visto de esguelha, estava cheio de carros, mas não havia ninguém por ali. Os manifestantes hesitaram. Carl Meeks, mais tarde, quando interrogado pela polícia, disse que eles ficaram surpresos de não encontrar vivalma. O vazio do lugar era perturbador. Até mesmo as grandes portas de duplo batente estavam fechadas. Se alguém houvesse aparecido, algum "policial responsável", poderiam ter explicado o problema deles a ele ou ela. Teriam dito ao policial, disse Carl Meeks, que levassem Smith para outro lugar, para qualquer lugar, de forma que Kingsmarkham ficasse finalmente livre do sujeito. Entretanto, ninguém apareceu. Se não fosse pelos carros, a impressão que se tinha era de que o interior do prédio estava vazio.

Quem foi que os dirigiu para o pátio da frente onde havia apenas um carro de polícia? Mais uma vez deram a entender que tinha sido Brenda Bosworth, ainda que ninguém se lembrasse. Uma coisa era certa. No momento em que começaram a entrar no pátio, pararam de cantar e se fez silêncio. Shirley Mitchel teve a impressão de que a cidade inteira se calou, o trânsito silenciou e até mesmo o melro que cantava pousado num galho do bordo no pátio da delegacia interrompeu seu canto. Eles caminharam em silêncio até ficarem a apenas um metro dos degraus que levavam à porta de duplo batente, então pararam para permitir que a mulher a qual chamavam de porta-voz chegasse até lá. Essa era Brenda Bosworth que, por alguma razão que não era do seu feitio, se encontrava na retaguarda da multidão e teve de abrir caminho até a linha de frente.

Enquanto estava fazendo isso, uma janela da delegacia se abriu e o sargento Joel Fitch pôs a cabeça para fora. O que quer que tenha dito, como os teria repreendido, aconselhando-os que voltassem para casa ou que fossem para outro lugar, nunca se soube, uma vez que bastou uma visão do sargento para que Maria Michaels ficasse de pavio aceso. Ela o reconheceu na hora, não apenas como o causador dos problemas de Monty Smith, mas como o

responsável por esse ter tomado emprestado toda a poupança de Monty no Cooperative Bank para que pagasse a multa dele. Ela enfiou a mão na sua sacola de compras da Marks & Spencer, tirou um tijolo e o arremessou contra o sargento Fitch.

Quando jovem, Maria havia sido a campeã de 1984 de arremesso de peso do Condado de Sussex, sabendo ainda arremessar mais longe e melhor do que a maioria dos homens. Felizmente para ambos, ela não acertou Fitch, porque ele se abaixou. O tijolo passou voando pela esquadria da janela à esquerda de onde estava a cabeça dele. A um curto silêncio de espanto, se seguiram vivas estrondosas e a cantoria recomeçou com vigor redobrado.

— Queremos Smith, queremos Smith, queremos Smith!

O ritmo agora era de torcida de futebol e fez com que todos os transeuntes parassem e olhassem para dentro do pátio. Talvez tenha sido este público que os estimulou, pois uma chuva de latas e pedras foi arremetida na mesma direção que o primeiro tijolo, contudo, apenas um projétil atingiu uma janela, quebrando o vidro. O resto foi de encontro à parede de tijolos e caiu inofensivamente sobre um canteiro de flores que cercava o prédio. Eles tiveram, porém, o efeito de fazer com que uma dúzia de policiais saísse em disparada pela porta de duplo batente em direção à multidão. No mesmo instante em que o superintendente Rogers abria a janela de batentes no centro do prédio e aparecia no balcão segurando um megafone. Ele estava acompanhado de dois policiais, um de cada lado.

— Queremos Smith, queremos Smith, queremos Smith!

Ao ser projetada no início da década de 1970, a delegacia teve o acréscimo desse balcão exatamente com este objetivo: para que um oficial de polícia graduado pudesse sair para repreender, conversar ou dar garantias à população. Tinham feito piadas a respeito, comparado o prédio aos palácios de justiça dos pequenos Estados sul-americanos, lugares onde se espera que uma revolução ocorra. Até agora nunca havia sido usado, e George Rogers precisou da ajuda do detetive Archbold para conseguir abrir a porta do balcão. Quando logrou finalmente sair, viu que a multidão era bem maior do que pensava, pelo menos cinquenta pessoas, todas mantidas afastadas pela sua

própria tropa, que os empurrava formando uma corrente com as mãos. Mais nenhum projétil foi arremessado e, diante da visão de Rogers, com Fitch e Archbold, um de cada lado, a cantoria foi diminuindo até virar um murmúrio, um zumbido como o de abelhas enfurecidas.

Na janela do andar de cima, estava Wexford com Brian St George. Ele havia aberto a janela, preocupado em não ser atingido por estilhaços de vidro, quando ouviu o que acontecia embaixo. Brian St George era a última pessoa que queria ao seu lado numa situação dessas, mas dificilmente podia mandar o sujeito para fora do prédio; era como enviá-lo, por assim dizer, para as mandíbulas dos manifestantes; é claro que, numa situação como essa, também não podia deixá-lo perambulando pela delegacia, devorando ele mesmo tudo que encontrasse pelo caminho. Logo Rogers, ou um equivalente seu, estaria lendo a lei antimotim para eles. Mas, em vez disso, Rogers falou no megafone:

— As pessoas que arremessaram os mísseis responderão de acordo perante a lei. Prisões serão realizadas. O resto de vocês deve ir para casa. Smith não está aqui nem nunca esteve. Nenhuma criança foi assassinada. Vocês foram enganados por falsos boatos publicados nos jornais. Smith não representa qualquer ameaça para seus filhos. Seus filhotes estão completamente a salvo.

— Então, onde é que ele tá? Gritou alguém na multidão.

— Não tenho autorização para informar isso, respondeu Rogers.

— Ele tá aí dentro com vocês! Vocês tão protegendo ele!

— Queremos Smith, queremos Smith, queremos Smith!

— O que o senhor diria se um infanticida e estuprador aparecesse e viesse morar ao lado dos seus filhos? Você acha isso direito? O senhor acha isso justo? Essa era Brenda Bosworth falando. — O que o senhor diria se a polícia protegesse ele e fizesse criminosos as mães e pais?

Por mais que não gostasse dela, Wexford tinha de concordar que a mulher tinha alguma razão. Como se sentiria ele a respeito disso se suas filhas ainda fossem pequenas? Por falar nisso, como é que o próprio Rogers, que se casou tarde e tinha dois filhos com menos de dez anos, estaria se sentindo? Rogers havia lidado mal com a situação. Ele não iria dizer isso em voz alta para ninguém a não ser Burden, e isso na maior confidência, mas Burden não

estava ali; por alguma razão, estava atrasado naquela manhã. Imagine no que daria ele criticar Rogers para St George! "Agora Rogers deveria entrar", pensou, "sair agora mesmo dali. Fazer as prisões, se conseguisse encontrar os culpados." Ele ficou pensando em como era ridícula a palavra "míssil", em como havia perdido seu sentido original de alguma coisa arremessada e agora era irremediavelmente associada a um foguete, uma bomba-projétil nuclear ou coisa semelhante, utilizada em tempo de guerra. Era estranho, refletiria depois, que estivesse pensando nisso exatamente naquele momento, e ainda mais estranho que tenha sido ele, somente ele, que testemunhou o que aconteceu em seguida. Ele escutou Rogers usando sua última e bastante inócua munição verbal:

— Eu repito, Smith não se encontra aqui. Ele não está mais vivendo nesta comunidade e não está nesta delegacia.

Os policiais no pátio da delegacia empurraram as pessoas pelos portões para fora do pátio e, dali, para a calçada. A cantoria tinha parado, enfraquecida num murmúrio. Rogers entrou, seguido de Fitch e Archbold, e a porta da sacada se fechou trás deles. Wexford estava prestes a fechar a janela, mas em vez disso a escancarou e olhou para baixo.

O sargento detetive Ted Hennessy havia saído pelas portas de duplo batente e atravessava o pátio da entrada caminhando na direção dos portões. Para realizar as tais ameaças de prisão? Ou simplesmente porque, tendo estado até agora nos fundos do prédio, saía agora, na mais completa inocência, para realizar alguma empreitada completamente diferente? Mais tarde, Wexford lamentaria amargamente ter desviado sua atenção dos manifestantes para olhar Hennessy e, dessa forma, não ter visto o que depois lhe disseram que aconteceu. Ele assistiu, mesmo assim, à coisa voar da multidão rodando no ar, viu-a partir de certa mão desconhecida, e gritou, tarde demais:

— Cuidado! Se jogue no chão!

A garrafa estava acesa, ele viu a fita fina em chamas enquanto voava e, ainda que acontecesse muito abaixo dele, se esquivou, arrastando St George junto com ele para o chão da sala. Caso contrário, a explosão o teria

derrubado. Ela foi tremenda, ensurdecedora, era mais um rugido que uma trovoada, um som sibilante como o de um tornado sugando o ar. Insuficientemente alto, porém, para abafar o grito que veio do pátio. Um grito horrível, um urro quase desumano, um som que só se imagina que um animal tendo uma morte violenta possa produzir. Wexford virou para se levantar. Ele procurou por St George, mas o sujeito já estava de pé se debruçando na janela, gritando a plenos pulmões:

— Eu vi! Eu vi tudo!

Wexford ficou em pé. Havia estilhaços de vidro em todo o lugar, ele sentia a sola do sapato pisando-os. A janela havia desaparecido. Um carro queimava lá embaixo no pátio e uma coluna de fogo sibilava com suas chamas no céu azul. A multidão havia encolhido, tinha gente de cócoras e até deitada na calçada.

Wexford viu Burden vindo da direção da rua e entrar pelos portões, chegando para trabalhar e, com as mãos protegendo o rosto, atravessar lentamente o pátio agora vazio. Atrás dele, com sua presença ainda despercebida para ele, fluía uma matilha de repórteres com suas câmeras e seus microfones. Era tarde demais para fazer qualquer coisa pelo homem que antes estava próximo do carro. Ele havia desaparecido. Estava mergulhado naquele inferno, queimando junto com metal, tinta e couro, em algum lugar dentro daquela fornalha sibilante, aquela contrastante espiral de fumaça branca, junto com o fedor de tirar o fôlego da gasolina em combustão. Um gemido cresceu na multidão. A corrente de policiais ainda os mantinha recuados. Wexford se viu sem palavras, incapaz até de se juntar ao lamento plangente que vinha das pessoas na calçada. Ele viu a imprensa se aproximando, o pipocar das câmeras, ouviu ao longe as sirenes do corpo de bombeiros e então, se virando para St George, fez uma coisa que nunca havia feito antes com um homem; agarrou-o pela gola do paletó, como alguém que segura pelo pescoço um cachorro desobediente, e o arrastou até a porta.

— Eu vi tudo! Arfou St George, meio enforcado. — Que sorte a minha!

* * *

Quatorze

A MORTE de Ted Hennessy não serviu de nada para inibir a mídia. Os carros da imprensa lotavam a Ploughman's Lane, a Savesbury Road e a Winchester Drive, e montaram um acampamento no jardim da frente da Woodland Lodge. Wexford organizou de imediato uma coletiva e fez o melhor que pôde para responder a perguntas do gênero:

— Por que o senhor manteve em sigilo esse desaparecimento? Como o senhor pode ter certeza de que Thomas Smith não está envolvido?

Era em vão que repetia a simples verdade: que Smith nunca tinha mostrado, ao longo de sua carreira desprezível, interesse por meninas. Ele tinha condenações por abusar de meninos e foi preso pelo assassinato de um menino. Ele era um verdadeiro pedófilo no sentido original da palavra.

— Ele foi casado, não foi? Perguntou uma moça de um tabloide de circulação nacional. — Ele tem uma filha.

— As vítimas foram sempre do sexo masculino, disse Barry Vine, que estava na mesa com Wexford. — Smith não tem absolutamente nada a ver com o desaparecimento de Sanchia Devenish.

Aqueles entre eles que não estavam fazendo o cerco aos Devenish, ou na porta da viúva de Hennessy, dirigiram seu ataque para Suzanne Smith, que convalescia no número 16 da Oberon Road. Um rumor infundado começou a circular: o de que Suzanne havia sido uma das primeiras vítimas do pai; era evidente para eles que Suzanne foi uma criança molestada sexualmente, uma vítima infeliz de uma parceria incestuosa. Com a cabeça ainda envolta em ataduras, ela surgiu pela porta improvisada da casa coberta de tapumes gritando para eles:

— Ele nunca encostou um dedo em mim, seus canalhas filhos-da-puta! Aquele veado velho nunca tinha tocado em nenhum garoto safado se minha mãe não tivesse ido embora e abandonado ele, coitado! A culpa toda tá nisso, foi isso que fez dele um comedor de meninos safados. Vocês vão se foder, todos vocês e me deixem em paz!

Mais adiante, no Ploughman's Lane, Faye Devenish pegou às sete e meia o jornal no tapete da entrada. Mas antes que Stephen Devenish houvesse tido oportunidade de vê-lo, os repórteres já estavam com o dedo na campainha, esmurrando a porta e o telefone começou a tocar insistentemente. Ele sabia que não era uma boa ideia abrir a porta. Um dos sujeitos da imprensa escalou o telhado da garagem e tentou entrar por uma claraboia. Deveria ter levado com ele aquela menininha Kaylee Flay, como observou Wexford quando lhe contaram a respeito. Devenish chamou um táxi para levá-lo até a polícia. Se houvesse pegado o próprio carro, a matilha sairia correndo para cima dele e talvez conseguisse ganhar acesso ao interior da casa. A empresa de rádio-táxi se chamava All the Sixes e seus veículos faziam normalmente o circuito entre o centro de Kingsmarkham, a estação de trem de Kingsmarkham e os vilarejos. O motorista não conseguiu passar pela imprensa e os carros estacionados. Parou o táxi e fez o trajeto a pé até a casa. Os repórteres o cercaram, alguns se agarraram nele, suplicando que dissesse qual era a tarifa dele, para onde ele o estava levando, se não podia dar um jeito para eles falarem com o pai de Sanchia.

O motorista de táxi se sentia como se estivesse num filme. Pensou em pedir uma boa grana para manter o Sr. Devenish à disposição deles, depois pensou que estaria arriscando perder o emprego com isso; além do quê, o herói, o xerife, ou testemunha principal, ou cocheiro da diligência, sempre se comporta com heroísmo, se mantendo em silêncio, sendo valente, marchando com determinação para salvar os outros. De forma que fez o melhor que pôde para ignorá-los, caminhou firmemente até a porta da frente e tocou a campainha. Devenish primeiro pôs a cabeça para fora de uma janela, saindo em seguida. O motorista de táxi falou, tranquilizador:

— O senhor fique bem perto de mim, não diga uma palavra e tudo sairá bem. Eu vou segurar seu braço, o senhor não vai se importar, não é? E fazer o

senhor passar por esse bando de urubus.

Devenish disse que não se importava com isso, ou melhor, gritou que não fazia mal, visto que tudo o que dizia era abafado pelas perguntas da matilha de repórteres, o som dos pés correndo, os cliques e flashes das câmeras. O motorista de táxi avançou resoluto. Sem esquecer de colocar em evidência sua cara de cenho franzido para as fotografias, ele levou Devenish com maestria até onde o táxi estava estacionado. Devenish se sentou tremendo no banco de trás, dizendo:

— Obrigado. Muito obrigado. Sinceramente, não sei o que teria feito sem você.

A matilha saiu em perseguição; o motorista, porém, conseguiu despistá-los. Quando chegaram à delegacia, Devenish lhe deu uma gorjeta enorme. Depois de ele ter entrado pelas portas de duplo batente, o motorista deu duas voltas no pátio para ter uma boa visão das janelas estilhaçadas e da fachada enegrecida de fumaça da delegacia. Se tivesse oportunidade, voltaria mais tarde ali com uma câmera fotográfica. Stephen Devenish perguntou por Wexford. Não, o Inspetor-Chefe não estava à espera dele, mas ele pensou que poderia vê-lo, uma vez que nada o faria sair dali para se sentir de novo como uma raposa correndo para as mandíbulas de uma matilha de cães. O sargento da recepção mandou que ele subisse pelo elevador e disse que Wexford estaria à sua espera. Os primeiros carros da imprensa chegaram ao mesmo tempo em que ele alcançava o segundo andar. Uma vez na sala de Wexford, ele não se queixou da invasão da imprensa, mas mesmo assim começou a gritar e, pela primeira vez, Wexford viu os sinais do seu famoso temperamento. Devenish esmurrou a mesa com os punhos.

— É aquele pedófilo quem está com a minha filha?

— Tente se acalmar, por favor, Sr. Devenish.

— Só me responda isso!

— Sente-se, por favor. Está tudo bem. Compreendo sua raiva. Eu sentiria a mesma coisa no seu lugar. Mas, não, Smith não está com a sua filha.

— Como é que sabe disso? Como o senhor poderia saber?

— Nós mantivemos o desaparecimento dela em sigilo, respondeu

Wexford, porque receávamos que acontecesse exatamente isso. Foi uma coincidência infeliz que Smith estivesse presente na vizinhança no momento, mas isso é tudo. Não há nenhuma ligação... Espero que o senhor entenda isso.

— Então, onde ele está agora?

— Sinto muito, mas não posso dizer. Ele, contudo, não se encontra neste prédio, nem sequer nesta cidade. Wexford estava cansado de dizer às pessoas de que a tara de Smith era por garotos, mas repetiu para o pai de Sanchia o que tantas vezes já havia dito antes. — Thomas Smith não tem interesse por meninas. Ele é um pedófilo homossexual.

— Que nojo! Isso dá vontade de vomitar. "Sinto muito", pensou Wexford, "que essa resposta o deixe desapontado."

— Nós estamos fazendo todo o possível para encontrar a Sanchia, disse, — E garanto ao senhor, e espero que isso possa lhe dar algum alívio, que ela não se encontra nas mãos de nenhum pedófilo conhecido da nossa lista. Estou falando em nível nacional. Nenhum pedófilo a tem sob custódia. Nesses casos, o criminoso é com frequência uma pessoa perturbada, em geral uma mulher, que perdeu recentemente o próprio filho, ou que é incapaz de engravidar. Essa a razão de tanta ansiedade de nossa parte ao insistir para que o senhor e sua esposa nos fornecessem os nomes de seus amigos e conhecidos, na esperança de que uma mulher assim pudesse estar entre eles.

Wexford achou que havia percebido uma leve mudança na expressão do homem, não mais que um lampejo, uma diferença ínfima na íris dos seus olhos, uma pressão quase imperceptível dos lábios. Mas em vez de seguir sua intuição, ele mudou o assunto de quem poderia ser o possível sequestrador de Sanchia para o ambiente na Woodland Lodge na noite que a levaram.

— Sr. Devenish, a questão não é exatamente quem poderia ter a posse da chave, ou se alguém encontrou uma outra maneira de ter acesso ao interior da sua casa, mas sim como essa pessoa conseguiu entrar, sem despertar o senhor ou a sua esposa ou os seus filhos com algum barulho. Sinceramente, o senhor acha que um estranho qualquer poderia tirar a sua filha da cama no meio da noite, despertá-la, pegá-la no colo, sem que ela chorasse ou chamasse algum de vocês?

— Eu não sei. Wexford não queria fazer essa pergunta, mas tinha de fazê-lo. Ele tinha de deixar claro de uma vez por todas as deficiências de

inteligência e das faculdades de Sanchia.

— Eu presumo que ela consiga chorar? O senhor disse que ela fala muito pouco, mas ela sabe falar, não é?

— É claro que sabe, disse Devenish, de maneira bastante alterada para o seu feitio. — Ela não é uma imbecil. O que o senhor está insinuando? Que ela é uma espécie de retardada?

— Não, Sr. Devenish, eu não estou dizendo isso. Mas o senhor precisa concordar de que a coisa toda é muito estranha. Algum médico ou psicólogo deu sua opinião sobre Sanchia não falar ainda, aos dois anos e nove meses de idade?

— Nós não solicitamos opinião alguma, disse Devenish. Ele agora estava calmo, a cor lhe havia voltado ao rosto e seu charme estava de volta. Ele falou suavemente, empregando seu meio sorriso habitual. — Nós nunca achamos que isso fosse necessário. Ela está tendo um desenvolvimento tardio, isso é tudo. O senhor me desculpe, mas qual é o sentido dessa pergunta? Descobrir por que ela não fala não vai fazer com que ela seja encontrada.

— Eu gosto de ter os mistérios solucionados, disse simplesmente Wexford. — Eu gostaria de solucionar o mistério das cartas ameaçadoras que o senhor recebeu. A inveja cria inimigos e deve ter muita gente que inveja o senhor. Por exemplo, quando o senhor conseguiu o seu atual emprego e, depois, quando teve um aumento muito grande de salário, deve ter havido gente que foi preterida para o senhor chegar a essa posição. Talvez existam pessoas que guardem ressentimentos contra a sua companhia por terem sido ou imaginar que foram prejudicadas. Podem ter transferido esse ressentimento para o senhor, como representante da companhia aérea. Tenho certeza de que o senhor está me compreendendo.

— Sim, é claro que compreendo. Mas não houve nada. O rosto transparente de Devenish era um daqueles onde a mentira e a verdade ficam imediatamente à mostra. Ele agora estava mentindo. Wexford tinha certeza disso. Aqueles olhos escuros mostravam também teimosia. Não era apenas uma questão de mentir, mas também de não falar demais a respeito do assunto. Não havia nada, ele não tinha inimigos, e pronto. Não havia qualquer espaço para discussão ou persuasão. — O senhor parece ter dificuldade em entender, disse Devenish com toda a educação, — Que essa gente que mandou as cartas é maluca. Eles não precisam de uma razão. Basta que tenham lido alguma coisa nos jornais e isso é suficiente para exaltá-los. Eles são doidos.

— Senhor, eu entendo isso, entendo que isso seja frequentemente, ainda que nem sempre, o caso. E agora eu gostaria de que o senhor me dissesse algo que pode lhe parecer igualmente irrelevante, mas eu lhe garanto que não é. Wexford fez uma pausa, olhando fixamente para o outro homem. — O senhor tem um segundo endereço?

— O quê, o senhor quer dizer uma espécie de casa de campo? Nós moramos no campo. E não temos apartamento em Londres.

— E também seria ainda menos necessário perguntar se um marido tão evidentemente devotado como o senhor teria, ou teve alguma vez desde o casamento, um relacionamento com outra mulher? Se Devenish percebeu uma suspeita de ironia na voz de Wexford, assim como o emprego incomum do marido na terceira pessoa como sujeito, ele não demonstrou.

— Inspetor-Chefe, o senhor deve estar brincando. Devenish sorriu, ao mesmo tempo em que balançava a cabeça como se houvesse escutado uma história completamente absurda. — O senhor não pode estar falando sério.

— Senhor, estou sendo absolutamente sério, disse secamente Wexford. — Não acho nenhuma graça em nada disso. Um homem sofreu uma morte terrível aqui esta manhã.

* * *

O corpo de Ted Hennessy jazia na morgue. Ele tinha trinta e quatro anos de idade, quatro dos quais pertencendo ao Esquadrão Criminal Regional em Myringham. Era casado, como foi noticiado, e tinha dois filhos. A notícia de sua morte num jornal de circulação nacional, em nenhuma matéria de primeira página, mas numa coluna na página dos anúncios de nascimentos, casamentos e mortes, dizia que ele foi o marido adorado de Laura e pai de Jonathan e Kate. Alguém na multidão arremessou a bomba incendiária que o matou. Normalmente, ele não estaria em Kingsmarkham. Estava ali como um reforço na equipe de Wexford, exausta. Poder-se-ia dizer que Smith e os Devenish foram os responsáveis pela sua presença ali, o que de certa forma era uma ironia.

— Eu não vejo ironia alguma nisso, disse Burden.

— É, talvez não, disse Wexford. — O que eu realmente queria dizer é que não estava aqui por alguma coisa concreta. Ele estava aqui por causa de gente que fazia um papelão.

Não explicou o que queria dizer. Wexford tinha um encontro com Brian St George ao meio-dia. O editor do Kingsmarkham Courier não compareceu na coletiva de imprensa e Wexford achava que sabia por quê. De qualquer forma, ele tinha a esperança de saber por quê. St George havia "visto tudo" sozinho. Ele teve a sorte de ver a bomba incendiária sendo lançada.

— Eu não estou dizendo que realmente vi a coisa, Reg, começou St George. Ele parecia nervoso. — Não posso dizer que tenha visto. Isso não foi bem o que eu quis dizer.

— O que então o senhor quis dizer?

— Bem, eu vi quando atingiu o alvo.

— Por "alvo", imagino que o senhor esteja se referindo ao sargento detetive Hennessy, disse Wexford, quase sem poder controlar a raiva. — Para um jornalista, o senhor tem uma forma singular de usar expressões infelizes. É isso que vai escrever naquele seu pasquim?

Se houvesse algum modo de magoar St George isso só podia ser atacando seu talento de redator. Ele se retraiu um pouco. Pôs as mãos na cabeça, no meio da margarida formada pela careca, e olhou cabisbaixo para Wexford.

— Eu não vi em momento algum quem jogou aquilo, disse. — Nem por um instante quis dizer isso. E se fosse o caso, acrescentou irrefletidamente, eu não diria: não quero me tornar um homem marcado, não na minha posição, eu não posso, Reg.

— Não me chame de Reg, disse Wexford. A viúva de Hennessy, quando foi avisada de sua morte, disse:

— Eu sempre soube que esse trabalho iria matá-lo, mas não desse jeito, não desse jeito.

Já no dia seguinte, o pátio da delegacia havia sido limpo, o carro queimado, outrora propriedade do detetive Archbold, foi removido e as janelas quebradas cobertas por tapumes. Várias prisões foram feitas e meia-dúzia de pessoas, Brenda Boswoth, Maria Michaels e David Hebden inclusive, foram levadas ao tribunal acusadas de provocar danos criminosos

na propriedade pública. Barry Vine e Lynn Fancourt foram obrigados a interromper a busca por Sanchia Devenish e, juntamente com dois membros do Esquadrão Criminal Regional, e passaram a ir ao encalço de quem havia atirado a bomba incendiária que matou Hennessy. Uma coisa era nenhuma testemunha aparecer quando se tratava do arremesso de um tijolo e uma janela quebrada, outra, muito diferente, era quando algo resultava na morte de um homem. "Nem todo mundo era covarde como Brian St George", lembrou Wexford.

As pessoas estavam ansiosas para prestar depoimento, com voluntários possuidores de alguma informação vindo de todos os lugares, de Stowerton, Kingsmarkham e do Condomínio Muriel Campden. A dificuldade estava em que ninguém tinha certeza absoluta de quem trouxe a bomba incendiária, e muito menos de quem a jogou. O assassino de Hennessy estava entre eles, era um deles, caminhou com eles até a Rua High, conversou com eles e cantou junto com eles a música Stand by Your Kids, disso todos sabiam. Deve ter sido desse jeito, mas então eles se detinham e olhavam desamparados para Barry e Lynn. Não tinham como dizer com certeza que foi beltrano, ou sicrano, não podiam jurar por isso se fosse preciso jurar, era só uma impressão que eles tinham... Afinal de contas, não se vai querer afirmar algo com certeza absoluta se o que se disser pode significar a prisão perpétua para alguém. Andy Honeyman, o dono do Rat and Carrot, foi pródigo em informações. Como comentou mais tarde Barry com Michael Burden, parecia até que ele esteve lá, assistindo a tudo, tomando notas e tirando fotografias. Mas, no final, tudo acabou sendo apenas fruto de uma conversa que ele ouviu por acaso no seu bar.

— Então aquele cara disse: "Como a gente faz uma bomba incendiária?", se eu pergunto isso ao senhor, o senhor não vai levar a sério, vai? E esse outro cara, ele não levou a sério. "Fazer o quê?", disse ele, "Seu maluco", ou "Você tá tirando onda", ou coisa assim. E é isso mesmo, pensei eu, nunca imaginando que ia acabar resultando naquilo. Então apareceu outro cara...

— Espera aí um minuto, disse Vine, — Não estou conseguindo separar quem é quem. Você não sabe o nome deles, sabe?

— É claro que sei, disse Andy Honeyman. — O primeiro cara era o Colin Não-sei-de-quê, acho que é Cromwell, não Crowne. E o outro sujeito

era o Joe Hebden. Os dois são lá daquele buraco, o Condomínio Muriel Campden. Então, como estava dizendo, apareceu outro cara...

— Qual é o nome dele?

— Não pergunta pra mim. Eu nunca vi o sujeito antes. Não sei quem era ele, mas sei o que ele falou. Ele disse pros dois como é que se fazia uma bomba incendiária, que era pra pegar uma garrafa, encher de gasolina, o resto eu deixo pros senhores imaginarem. Ele disse que tinha um mercado pra essas coisas, querendo dizer, acho eu, que tem gente que compra essas coisas. Depois disse que era uma perda de tempo fazer as bombas, quando tinha gente que fornecia elas já prontas. Tinha um bando de gente escutando. Quero dizer, aquele cara, o Fowler, o sujeito que foi largado por aquela mulher crioula e foi se meter com aquela corja que mora lá embaixo na rua, no lugar que chamam de Hide. Eu tenho um outro nome pra aquilo.

Barry entrevistou Colin Crowne, Joe Hebden e Terry Fowler. Colin disse que não tinha como conseguir gasolina, que nem tinha carro, como se a posse de um automóvel fosse o único meio de se ter acesso a uma bomba de gasolina. Ele não se lembrava da conversa no Rat and Carrot e estava convencido de que era uma invenção do Andy Honeyman. De qualquer forma, ele não se juntou aos manifestantes porque estava de cama com herpes-zoster, e ainda não tinha ficado bom, como qualquer um podia ver de cara. Joe não se lembrava da conversa e Terry disse que ele tinha ouvido a palavra "bomba", mas não se lembrava de nenhum sujeito aparecendo por lá dando dicas de como fabricar uma. Mas a resposta retórica de Colin deu a Barry uma ideia e, no dia seguinte, ele começou a fazer investigações em todos os postos de gasolina na cidade e circunvizinhanças.

Lynn voltou para casa de carro, deixou o veículo lá e foi para a Savesbury Road, onde ficou esperando com cara de desamparada até aceitar uma carona do quarto motorista, e primeira mulher, que passou. A mulher não era grisalha, aliás, era sim, mas tinha o cabelo pintado de vermelho, era mais magra do que gorda e tinha, com certeza, mais de quarenta e cinco anos. Ela conduziu Lynn de volta para Kingsmarkham, deixando-a onde pediu para descer, do lado de fora da igreja de São Pedro. Lynn, que teve de pegar um táxi para voltar para casa, ficou pensando se poderia conseguir reembolso por essas despesas.

O inquérito judicial a respeito da morte de Ted Hennessy foi aberto e suspenso. Wexford e Burden saíram juntos do tribunal, Wexford vestiu a capa de chuva de plástico fino que comprou fazia muitos anos numas férias na Irlanda.

— Não consigo pensar em mais nada a não ser naquele pobre coitado, disse. — É, como a mulher dele disse, não foi a morte dele em si, ainda que isso tenha sido terrível, mas a maneira como morreu. Ser queimado até a morte... Não dá pra imaginar coisa pior.

— Nós vamos pegar o assassino, disse Burden, olhando criticamente para a capa de chuva. — Não tenho dúvida. Ele ou ela, nós vamos agarrar.

— A vingança não serve de consolação para mim, Mike.

Eles caminharam pela Rua High, onde o sol brilhava intensamente se refletindo nas calçadas molhadas, nas poças d'água, na chuva acumulada no asfalto. Um carro passando numa velocidade acima do normal fez a água empoçada esguichar e errar por pouco as calças de Burden. O motorista, sem razão aparente, se curvou sobre o assento do carona no sinal vermelho e "deu uma banana" para eles.

— Vamos tomar um café no Europlate, disse Wexford.

O Europlate tinha aberto há uns seis meses. O nome não tinha nada a ver com a União Monetária Europeia, sendo apenas uma referência ao cardápio, uma escolha apropriada para os pratos ecléticos que servia; ali eram oferecidos os principais pratos típicos da cozinha de cada um dos países da União Europeia. Era possível escolher entre almôndegas suecas, fritada à espanhola, salada grega, ensopado irlandês, salsicha alemã, croque monsieur e o rosbife da velha Inglaterra. O problema era que tudo tinha o mesmo gosto. O cozinheiro parecia que era chinês, ainda que ninguém afirmasse tê-lo visto e verificado a informação. A última vez em que Wexford esteve lá, preferindo o lugar à cantina da delegacia, ele perguntou se eles faziam algum doce turco e recebeu uma negativa bastante áspera. O lugar era decorado de azul e amarelo. As toalhas de mesa eram azul-escuras e todos os guardanapos tinham no meio o anel de estrelas que é o emblema da UE. Eles pediram café e lhes foi oferecido como acompanhamento um amanteigado dinamarquês. Burden recusou com um sorriso, já Wexford teve dificuldade em resistir e

acabou por se render ao amanteigado recheado com geleia de damasco e coberto de açúcar e nozes.

— Eu vou aceitar, disse ele, — Sei que não devia, mas preciso de um consolo. Esta semana foi infernal, não foi? Haverá um inquérito sobre o ocorrido na última quinta-feira e o resultado vai ser a demissão do pobre coitado do Rogers.

— Ninguém poderia esperar aquela bomba incendiária. Quem imaginaria uma bomba dessas exatamente ali? Nós não estamos na Coréia, isto aqui não é, Burden hesitou, tentando pensar onde mais poderia ser, Jacarta.

Wexford atacou seu doce dinamarquês. Era o primeiro amanteigado que comia em mais de um ano e ficaria, provavelmente, mais um ano inteiro sem comer outro.

— Eu estive ontem, como você sabe, na Seaward Air. A direção funciona no aeroporto de Gatwick, e não no escritório de Brighton. Eu falei com a assessora de imprensa e a secretária de Devenish, duas mulheres bem diferentes, por falar nisso, ele é um figurão, e com o atual gerente geral. Todos gostam dele, todos dizem que ele é um bom patrão, boa praça, gentil, sem ser metido a amigo.

— Mas?

— Bem, de fato tem um "mas". A secretária falou a respeito do péssimo gênio dele, do qual eu mesmo vi uma amostra no outro dia. Ela já o viu explodindo com outros, não com ela. Ao que parece, houve um incidente no qual ele jogou um sujeito para fora da sala dele. O sujeito tinha forçado a entrada, se queixando de que um parente dele tinha sido maltratado pela Seaward. Isso aconteceu há cerca de dois ou três anos atrás, antes da época da secretária atual, mas a moça ouviu falar que ele jogou literalmente o cara para fora da sala, segurando-o pela gola e pelos fundilhos. O boato era de que o homem havia quebrado uma costela. Mas é tudo muito vago. Ela não sabe o nome do sujeito e não conseguiu descobrir ninguém que soubesse.

— Da maneira que você fala, a impressão que dá é de que Devenish é popular, disse Burden. — O retrato que Trevor Ferry pintou dele foi bem diferente.

— Como você mesmo disse, é compreensível que Ferry não o tenha em

grande apreço. Wexford terminou seu amanteigado dinamarquês e pegou com os dedos as últimas migalhas do doce no seu prato. Ele falou muito calmamente, olhando primeiro em volta: — Eu acho que Devenish abduziu a própria filha. Burden olhou para ele, mas não disse absolutamente nada. — Eu não sei por que fez isso, ou para onde a levou, mas acredito que ela esteja a salvo e de que a tenha escondido.

— Acho que eu andei pensando a mesma coisa, disse Burden.

— Ele é muito arrogante, mas chorou. Talvez estivesse fingindo o choro, como fazem as crianças. Eu não vi nenhuma lágrima. Tem hora que ele parece transtornado pelo sumiço da filha, tem hora que parece estar pouco ligando. Burden concordou.

— Ele a escondeu com alguém, não é? Você deve estar achando isso.

— Eu pensei, antes de tudo, disse Wexford, — Numa namorada. Ele é bonitão, jovem e está bem de vida. A mulher dele parece mais velha do que é e tem um ar cansado. Ele também bate demais na mesma tecla do casamento feliz. Eu não ficaria nem um pouco surpreso com a existência de uma namorada.

— Você quer dizer que ele estava planejando largar a mulher por essa namorada, mas queria conservar a filha? Que a criança está escondida com ela em algum esconderijo secreto o qual, por ser rico, ele pode se dar ao luxo de manter?

— Alguma coisa do gênero. Mas, Mike, não existe namorada. Caso ele estivesse tendo um caso, alguém teria de saber dentre as dezenas de pessoas com quem falamos. Eu sei tudo o que existe para se saber a respeito dele, sei até que ele conheceu a esposa na festa de Natal dos funcionários quando era Diretor Executivo da Southern Cross Rail Link e ela diretora de Relações Públicas. No que lhe diz respeito, não existe a mais leve suspeita de um comportamento indecoroso. Nunca se ouviu falar que ele tenha almoçado com uma mulher. Um dos gerentes do setor de passagens da Seaward tinha certeza de que foi um recorde quando ele passou uma noite no ano longe da família, e isso só porque foi absolutamente obrigado a comparecer numa reunião em Bruxelas ou Frankfurt. Ele canta aos domingos no coro da Eucaristia na igreja de São Pedro, a família inteira canta. Ele nunca falta à reunião dos pais no colégio dos meninos e, também, participa frequentemente dos eventos esportivos. Quando ela fez trinta e cinco anos, ele lhe deu de presente de aniversário um anel de safira e diamantes como mostra de eterno amor e um carro novo quando ela fez trinta e seis, faz uma

semana mais ou menos. Ela pode parecer velha e cansada... Desculpe se pareço insensível, mas ele a ama. Wexford limpou a boca com o logotipo da União Europeia. — Ele parece ser um desses raros homens que são totalmente monogâmicos, não por necessidade ou prudência, mas por vocação.

— Garanto a você que eu também sou monogâmico por vocação, disse Burden apaixonadamente.

— Você sabe o que eu quero dizer. Ele não teria fantasias nem sequer por uma mulher que visse na rua. Em outras palavras, nem em pensamento ele cometeria adultério. É um marido devotado. Você quer um outro café?

— Pode ser. Mas esse santo que você está descrevendo sequestrou a filha que, por acaso, é também a filha de sua mulher amada?

— Ele não é santo. Santos não são arrogantes, soberbos ou insensíveis aos sentimentos dos outros, e ele é tudo isso, disse Wexford. — O sequestrador, como você o chama, era suficientemente conhecido da criança para que ela não chorasse ao vê-lo. Ele sabia exatamente onde ela estava. Não precisava invadir a casa, porque já estava lá dentro. Wexford fez um sinal para a garçonete, levantando o bule azul e amarelo vazio. — Ele a levou embora num carro que a Sra. Wingrave na casa em frente não reconheceu e, portanto, achou que pertencia a um estranho. Ela não reconheceu o veículo porque era o carro que Devenish dera à mulher há apenas dois dias. Burden não parecia impressionado.

— Tudo bem, mas para onde ele levou a filha no carro novo da mulher?

— Não foi para a casa de um parente ou amigo. Nem para a casa de uma namorada. O carro está sendo examinado pelo pessoal do laboratório. A primeira coisa que Peach e Cox fizeram foi ir até lá e trazê-lo pra cá. Segundo a Sra. Devenish, desde que ela o recebeu de presente, ninguém o havia dirigido. Ela mesma não saiu de casa desde o desaparecimento da Sanchia. De forma que logo teremos uma resposta. Wexford encheu as xícaras dos dois com café fresco. Ele catou no prato uma migalha do doce dinamarquês com um pedacinho de noz e enfiou na boca. — A Sanchia teria sentado naquele carro, ela já tem quase três anos e não seria levada num berço.

— Nesse caso ela estaria presa num assento de bebê.

— Acho que ele não se deu a esse trabalho. Meu Deus, você às vezes pode ser absurdamente irrelevante! Não importa se ela estava num assento de bebê ou não, ela esteve ali e, por isso, deve ter deixado algum vestígio, fios de cabelo, fiapos de roupa, impressões digitais. Ele, ainda por cima, não deve ter

se arriscado a ficar muito tempo fora de casa, com medo de que a esposa acordasse. É ele quem toma remédio pra dormir, não ela, ainda que ele não tenha presumivelmente tomado algum naquela noite. Por isso acho que ele dirigiu apenas uma pequena distância com Sanchia para se encontrar com alguém de carro, um cúmplice, que a pegou dele e a levou para onde quer que ela esteja agora.

— Esperemos que não seja debaixo das águas do rio, ou numa cova, disse Burden.

— Quem pode saber? Ele veio até aqui de táxi, e chegou com raiva e desesperado. Pôs a cabeça na mesa da cozinha e chorou. As pessoas choram de raiva, desespero, e remorso, não é? Não apenas de tristeza.

Ao entrarem no prédio da polícia, se encontraram com o policial de cachos dourados, o motorista da van, cujo cabelo foi cortado ainda mais rente desde que Smith foi contrabandeado para fora de casa. Ficou muito constrangido com os insultos de Colin Crowne e Monty Smith, mais ainda do que ficava com a pergunta que lhe faziam insistentemente a respeito de como estavam as coisas em Dock Green. Ele se dirigiu a Wexford, que estava tirando sua capa de chuva de plástico:

— Eu andei procurando pelo senhor. Imagino que o senhor queira saber o que aconteceu com a sua gabardine. Ela nem chegou a sair do condomínio. Eu entreguei ela para o Jim Donaldson, enquanto ele estava estacionado na Ariel Road esperando pelo senhor.

* * *

Era quase meio-dia quando Barry Vine chegou ao último posto de gasolina da sua lista. Era um posto minúsculo no meio de um vilarejo chamado Bredeway e projetado para se integrar, na medida do possível, no cenário campestre. As duas bombas foram pintadas de verde, havia vasos com azaleias e amores-perfeitos pendurados na entrada, e a construção tinha um telhado coberto de colmo. O proprietário, que estava no caixa do lado de dentro, sobre um balcão cheio de barras de chocolate com amendoim Snickers e dropes de hortelã Polo, de um lado, e CDs e vídeos da Disney, do outro, perguntou a Vine se gostou da decoração e descreveu a coisa como sendo ecologicamente correta. Vine, que não achou que o lugar tinha muito

futuro, disse que estava procurando por alguém que tivesse ido ao posto na última quinta-feira, de manhã bem cedo, antes das oito, trazendo um recipiente, uma lata, ou talvez um balde, para encher de gasolina.

— Como se o carro tivesse ficado sem combustível em algum lugar na estrada?

— Pode ser. Essa deve ter sido a desculpa que deram. O proprietário fez um monte de perguntas, chamou a mulher que estava nos fundos, interrogou-a, ofereceu a Vine uma série de conjecturas para dizer, finalmente, que isso não podia ter acontecido no Posto de Gasolina de Bredeway, pois não abriam antes das oito e meia da manhã.

Vine retornou a Kingsmarkham e o policial Archbold se juntou a ele. Os dois iriam começar a fase dois do esquema planejado, visitando todas as lojas de ferragem que vendessem querosene.

* * *

As portas da enorme garagem de dois carros estavam abertas. Ambos os carros haviam sumido, tanto o de Devenish, como o da mulher. As pétalas vermelhas das flores das castanheiras cobriam o gramado que ficava em frente. Wexford tocou a campainha, esperou mas ninguém apareceu, e tocou de novo. Uma janela se abriu no andar de cima e Fay Devenish pôs a cabeça para fora.

— Será que a gente poderia dar uma palavra com a senhora, Sra. Devenish?

Ela não queria que ele entrasse, dava para ver isso, mas não sabia como recusar o pedido. A incapacidade da classe média, em geral, em dizer "não" era extremamente vantajosa para a polícia, dizia Wexford frequentemente. Uma das pretensões da psicoterapia era ensinar aos seus pacientes que não era preciso, ou desejável, nem para o ego, nem para a paz de espírito deles, que dissessem sempre sim. Dizer sim era ser propiciatório, era mostrar desejo de agradar e apaziguar. Ele imaginava às vezes o que aconteceria com o trabalho da polícia se uma nova geração crescesse informada de que poderia recusar solicitações e convites.

Fay Devenish evidentemente não fazia ainda parte dessa geração. Ela não chegou a ponto de dizer que era agradável vê-los, mas ficou no meio termo. O marido havia saído para trabalhar só na parte da manhã. Será que ela lhes poderia oferecer chá ou café? Será que eles se importavam de se sentarem no escritório porque ela não havia "arrumado" ainda a sala de estar? Ela era uma fadinha do lar, do tipo que há mais de quarenta anos Wexford não via igual. Um grande avental à maneira antiga cobria sua saia e sua blusa, e sua cabeça estava também coberta por um turbante de algodão de xadrezinho vermelho. Seu rosto estava pálido e brilhoso, sem sinal de maquiagem. O batom, a base, o pó-de-arroz seriam acrescentados aparentemente depois de ela terminar os afazeres domésticos e pouco antes do marido chegar. Sim, ela podia se vestir, se pintar e se arrumar como uma esposa num anúncio de uma revista dos anos 1950. "Esteja sempre cheirosa e arrumada para ele, e vista sempre alguma roupa bonita para quando ele chega a casa depois de um dia de trabalho." Foi então que ele se lembrou de que a única filha dela, de três anos de idade, estava desaparecida e isso foi um choque; tudo isso era tão inapropriado.

Eles entraram no escritório onde, na última vez em que Wexford esteve lá, ela estava deitada no sofá. Ela agora se sentou à beira do móvel e olhou para eles, apreensiva. Seu aspecto se encaixava tão bem na descrição que ele havia feito para Burden, parecendo mais velha do que era, com seu ar cansado, de forma que se ficou perguntando por um momento o que um homem de sucesso, inteligente, bonitão e rico via nela, que tinha rosto precocemente enrugado, com as pálpebras caídas. Como será que ela pareceria aos cinquenta anos?

— Sra. Devenish, começou, — Creio que a senhora já sabe que estamos examinando o seu carro novo, fazendo certos testes de laboratório nele. Eu sei que a senhora não chegou a estreá-lo, mas alguém mais poderia tê-lo dirigido?

— Eu não emprestaria meu carro a ninguém, disse ela com sua voz delicada, quase infantil.

— Nem mesmo a seu marido? Ele achou que ela havia estremecido, mas por que reagiria assim?

— Meu marido tem carro, não precisa dirigir o meu.

— Creio que a senhora tem uma amiga chamada Jane Andrews, disse

Burden. Ela hesitou.

— Eu tinha.

— Ela então não é mais sua amiga? Wexford ficou olhando o rosto dela buscando sinais de alarme ou de fingimento, mas não havia nada. — O que terminou a amizade? A senhora se importaria de nos contar?

— Nós nos afastamos, disse ela. — Isso acontece com amigas.

— Como foi que vocês se conheceram? A aflição repentina que tomou conta dela foi inesperada.

— Por que eu tenho de contar tudo isso aos senhores? O que isso tem a ver com a minha filha?

— Quando foi que a senhora a viu pela última vez, Sra. Devenish?

— Há anos atrás. Seis ou sete anos. De súbito, ela se tornou falante. — O senhor me perguntou como nos conhecemos. Nós fizemos um curso de administração juntas. Já faz dezessete anos. O fato é que meu marido não simpatiza com ela. Ele não gosta de ela ter se casado e se divorciado duas vezes, entende? Ela deve ter se dado conta dos olhares surpresos dos dois. Seria a história conjugal complexa de uma amiga razão para romper uma amizade? — Eu não acredito que seja possível manter uma amizade no casamento se o outro cônjuge não gosta dela, disse ela, soando perplexa, — Não fazendo diferença se é o marido ou a mulher quem não gosta, o senhor não concorda?

— Eu gostaria de voltar à noite em que Sanchia desapareceu, Sra. Devenish.

Por um momento, Wexford a olhou em silêncio. Com suas maneiras antiquadas e suas ideias ultrapassadas sobre o casamento, seu uniforme de dona-de-casa e seu nervosismo, seu medo de algo indeterminado que parecia tomar conta dela, essa mulher era um mistério e, como ele já havia dito ao marido, gostava de que os mistérios fossem resolvidos. O medo, quando se torna um sentimento que é vivido quotidianamente, abate somente até certo ponto sem que sua vítima dure muito; ele a devora, fazendo com que ela envelheça e enquanto a esgota, pode enlouquecê-la, levando-a a morrer antes da sua hora. Ele já vira isso acontecer antes.

— A senhora não me parece, disse, — Uma pessoa que tenha sono pesado. É claro que não posso afirmar, não sou nenhum médico, mas a impressão que a senhora me dá é de ser bastante tensa, quase sempre no

limite, enquanto seu marido projeta a imagem de um homem calmo e firme, com as coisas sob controle. Entretanto, tanto a senhora como ele me disseram ser ele quem toma sedativos à noite, e não a senhora. Ela tentou rir. Foi um ruído lamentável e tenso.

— Pode parecer que não tenho sono pesado, mas tenho.

— Ele estava sedado e a senhora tem um sono de chumbo, de forma que nenhum dos dois escutou quando sua filha foi levada do quarto e carregada escada abaixo, passando necessariamente pela porta do quarto de seu marido e da senhora. Lembre-se de que sabemos, sem sombra de dúvida, que não a levaram pela janela. Ela foi carregada passando pela porta do seu quarto e escada abaixo.

— A maioria das mães, interveio Burden, — Quero dizer, a maioria dos pais também, adquire um sono leve após se habituar a acordar no meio da noite com o choro dos bebês, ou o chamado dos filhos. São precisos anos para acabar com esse hábito e, em geral, ele só acaba, se é que acaba, quando as crianças ficam adultas. Mas a senhora, mesmo tendo tido três filhos, não adquiriu esse hábito?

— Eu não ouvi nada. Eu dormia, disse ela. Wexford, ao sair, se virou e perguntou como, quem não queria nada:

— Que idade tem seu filho mais velho, Sra. Devenish?

— Ele tem doze anos.

— Ah, é verdade. Ele parece mais velho. Muitos deles parecem hoje em dia. Falta muito ainda para ele dirigir um carro, não é? Ela titubeou. — Ele já experimentou dirigir um carro... Bem, só em frente da casa e na entrada até a garagem. Isso não é proibido, é? Numa propriedade particular?

— Não, Sra. Devenish, isso não é proibido.

— Eles todos querem aprender a dirigir, o senhor sabe, e Edward é muito alto. Quando estavam indo embora, ela disse de repente, deixando os dois surpresos: — Foi uma coisa horrível o que aconteceu com aquele homem, aquele policial, coitado, que maneira terrível de morrer.

O relatório sobre o Volkswagen Golf branco, o presente que Devenish deu à mulher, confirmou quase tudo que Wexford esperava. Não havia impressões digitais no volante, que ainda tinha pedaços do invólucro de polietileno protetor que o cobria quando saiu da fábrica. As impressões de cinco pessoas, as de Devenish, dos filhos, de Fay Devenish e, sem dúvida, as do homem que entregou o carro na revendedora, estavam em todo o lugar no

interior. Não havia nada de surpreendente nisso. Fazendo apenas sentido no caso de Sanchia ter estado dentro do carro, havia a presença das impressões de certa mão de bebê e três fios de cabelos louros da cabeça de uma criança pequena. Mas isso era o bastante para significar que, na noite de seu sumiço, foi nesse carro que a levaram embora? Sanchia, sem dúvida, também deve ter feito parte do grupo de admiradores do carro novo, ela deve ter subido de gatinhas no banco detrás, enquanto os irmãos sentavam na frente e brincavam com os acessórios, a mãe dando demonstrações de prazer e gratidão, e o pai, ao lado, olhando satisfeito.

— Você consegue imaginar uma única razão por que Devenish sequestraria a própria filha? Perguntou Burden quando tomavam uma bebida rápida no Olive and Dove. — Qual seria o motivo dele? O que conseguiria com isso? Quero dizer, se houvesse uma outra mulher envolvida e ele se visse tendo um futuro com essa outra mulher, a única coisa que eu consigo imaginar é ele deixando a filha sob os cuidados dessa última, de maneira que quando se divorciassem e Fay conseguisse a custódia dos filhos, ele ficaria com Sanchia. É só isso que consigo imaginar, e mesmo assim é algo que não faz muito sentido.

— Além do quê, se tivesse feito tudo isso, que chance teria ele de escapar impunemente? Disse Wexford. — Praticamente nenhuma. Se Sanchia não fosse encontrada antes, ela o seria assim que ele se houvesse mudado para a casa dessa mulher. Mas não existe mulher alguma e, no caso dela existir, foram tantas as dificuldades e provações pelas quais passaram para manter velada sua existência, que a única maneira possível era se eles tivessem planejado esse sequestro desde o início do caso. Burden ficou olhando para o colarinho espumante e cremoso de sua cerveja escura como uma pitonisa olhando para a bola de cristal.

— Sabe de uma coisa? Disse. — Eu não acredito nessas cartas com ameaças. Acho que são invenção do Devenish numa tentativa desajeitada de nos tirar da cola dele. Se ele as tinha, por que não guardou? Por que não guardou pelo menos uma? Toda essa história de as cartas serem particularmente eruditas, o trecho que parece citação bíblica, isso só foi acrescentado para tirar onda para cima da gente de que ele é alguém que sabe distinguir uma prosa de qualidade quando a encontra.

— Você pode ter razão. Se ao menos soubéssemos por que levaram a Sanchia, já estaríamos com mais de meio caminho andado para encontrá-la.

Não existe razão para a terem levado, nem para mantê-la escondida. Nenhuma razão para tirar a criança da casa dela e, de quebra, torturar a própria mulher. Eu posso entender como, no que se refere à logística da coisa, mas por mais que me esforce, não consigo imaginar por quê.

— E será que você conseguiria descobrir por que algum malfeitor desejaria matar Ted Hennessy? Por nada. Simplesmente por se recusar a entender coisas que foram repetidas cem vezes. Você consegue? Eu não.

* * *

Quinze

QUANDO seu carro enguiçou na velha estrada do contorno, Lynn já havia tirado da cabeça a cilada que vinha tentando armar para Vicky. Afinal de contas, foram muitas as tentativas, mesmo depois da experiência esquisita que teve com o casal que queria fazer uma orgia a três, e todas deram em nada. Vicky, ela estava certa disso, tinha hibernado, havia abandonado seu plano bizarro de recrutar moças para fazer o trabalho doméstico que lhe cabia, se é que era esse o motivo, e arrumou sua própria vida no próprio lar, onde quer que fosse, com ou sem Jerry. Além do quê, Lynn estava começando a se sentir culpada. Ela não deveria ter tido essa iniciativa sem antes pedir permissão.

No caminho de volta do trabalho para casa em Framhurst, ela havia passado para visitar Laura Hennessy. Laura não era uma de suas amigas, nem Ted tinha sido seu amigo, mas eles trabalharam juntos e Lynn havia simpatizado com ele. Ademais, aquela fora uma tragédia tão horrível e, como havia dito à Laura, uma perda absurda! Duas crianças pequenas ficaram sem pai, havia ainda o enorme financiamento da casa para ser saldado, o qual, mesmo que fosse coberto em parte pelo seguro, era mais uma preocupação. Lynn saiu desanimada da casa geminada na Orchard Road, pensando em como seu emprego era perigoso, quantos riscos ela e seus companheiros corriam diariamente e como era pequena a gratidão, ou até o respeito, que recebiam por isso.

Não há nenhuma hora conveniente para o carro da gente enguiçar, mas existem momentos menos exasperadores que outros. Isso não deveria jamais acontecer numa noite escura e úmida, quando o namorado da gente está viajando a trabalho e um companheiro policial da mesma geração foi queimado até a morte, além de a gente se sentir como não havendo ninguém

no mundo inteiro com quem se possa conversar. O único consolo de Lynn foi que, quando o motor simplesmente morreu, o Fiesta não estava na pista de velocidade, mas bem próximo do acostamento e não havia tráfego na estrada em nenhuma das pistas. O motor morreu, o carro foi perdendo velocidade até parecer ter entrado no mais completo colapso, ainda que, é claro, ele continuasse inteiro. O único problema era que não andava mais. Lynn tentou de tudo para fazê-lo pegar, mas não adiantou. Ela não tinha muita noção de mecânica. Agradeceu aos céus a ausência de tráfego na estrada, um caminhão passou por ela, em seguida uma motocicleta, porque não queria ajuda de estranhos. A única coisa a fazer, o óbvio, era ligar para o número especial do Royal Automobile Club, Eles chegariam o mais rápido possível e isso poderia ser com a maior brevidade, em menos de dez minutos.

A chuva cessou e uma lua laranja envolta em névoa apareceu. Mais tarde, Lynn daria graças a Deus por não ter largado o seu celular no banco do carro quando saiu. Foi por puro acaso que não o deixou lá, uma vez que não podia imaginar para que serviria o telefone com ela simplesmente em pé respirando o ar fresco da noite do lado de fora do carro enquanto esperava pelo sujeito do RAC. Isso talvez tenha tido alguma relação com a parte de seu treinamento na qual repetiram insistentemente que nunca se afastasse de seu telefone celular. O pisca-pisca de emergência do Fiesta continuava funcionando mesmo sem o motor ligado. As luzes seguiram piscando, acendendo e apagando na escuridão. Eram as árvores, o bosque fechado de ambos os lados nesse trecho da estrada de mão dupla, que a tornavam escura e misteriosa e, por mais estranho que pareça numa estrada molhada depois do anoitecer, ela também era linda. Porque a chuva interminável, essa chuva que fora ora torrencial, ora um chuvisco, ora um borrifo, essa chuva constante e diária havia alimentado as faias com suas copas frondosas como plumas, as castanheiras e suas folhas longas, os carvalhos, álamos e tílias, de forma que estavam mais verdes do que Lynn jamais os vira, mais verdejantes, luxuriantes, viçosos e robustos. Foi preciso seu carro enguiçar, pensou, para que ela pudesse apreciar as árvores, e se aproximou da beirada do bosque para olhar as aleias em meio às árvores onde a chuva pingava de folhas lustrosas brilhando como esmeraldas sob o pálido luar.

Um carro se aproximando fez com que ela se virasse. Achou que fosse o homem do RAC, mas não era. Era um carro branco com uma mulher ao

volante. A motorista se inclinou por cima do assento do carona para perguntar se ela precisava de ajuda. Lynn quase deixou escapulir que havia chamado o RAC, lhe agradecer, e dizer que ele já deveria estar chegando, mas percebeu que a mulher era de meia-idade e parruda, com uma abundante e incomum cabeleira grisalha. Sentiu um calafrio lhe apertar os músculos do estômago, e se esqueceu de que não deveria fazer certas coisas sozinha e por conta própria.

— Eu não queria ficar esperando pelo socorro aqui sozinha. Se a senhora pudesse me levar até um posto de gasolina, eu agradeceria muito. Sabe, eu não sou daqui, mas me disseram que existe um posto que fica aberto a noite inteira na saída para Myfleet. Isso seria muito gentil.

Lynn jamais se ouvira soando tão ingênua e tão docemente feminina. A mulher abriu a porta com um empurrão e ela entrou, rezando para que o homem do RAC não chegasse até elas terem ido embora. Então, sentada ao lado da mulher que poderia ser Vicky, que certamente era Vicky, se sentiu culpada em relação ao coitado do sujeito do RAC, que talvez tivesse que ter saído de casa, interrompido o jantar com a família, porque estava de plantão e tinha respondido ao seu chamado, mas ele encontraria o carro abandonado ao chegar, porque ela já havia ido embora, e ficaria imaginando o que teria acontecido com ela.

Mas ele nunca iria imaginar o que estava fazendo. Ela tagarelou um pouco mais com a mulher dizendo que ela era muito gentil e que teria sido horrível se ela não tivesse aparecido, porque ela, Lynn, ficava muito nervosa quando estava sozinha numa estrada escura, a gente lê cada coisa nos jornais... A probabilidade de que fosse Vicky crescia a cada instante, ela nem sequer deu a volta com o carro para seguir na direção da saída de Myfleet, mas acelerou na estrada do contorno indo para o retorno de Myringham. Lynn não queria mostrar nenhuma ansiedade ainda, isso não combinaria com seu jeito de mocinha ingênua. Ela havia estudado a cabeça de Vicky, estando bastante segura agora de que aquela cabeleira espessa e ondulada era uma peruca, tinha dado uma boa olhada dentro do carro e até comentado que era um carro adorável, e prestava atenção agora para onde estavam indo, dizendo a Vicky que não fazia ideia de que a paisagem fosse tão bonita ali. Foi então que Vicky falou, disse o que ela estava esperando:

— Mudando de assunto, meu nome é Vicky.

— O meu é Lynn.

— Nós já estamos chegando ao posto de gasolina de que você falou. É só virar à esquerda aqui.

Vicky virou à esquerda, fazendo o carro entrar apertado numa alameda tão larga quanto a cama de casal de Lynn. Os ramos da vegetação no barranco, samambaias, urtigas e taiobas encostavam ao longo do carro, molhando os dois lados do veículo. "Agora chegou a hora", pensou Lynn, "de dizer que esse não parecia ser bem o caminho para o posto de gasolina", essa era uma observação autêntica que deveria ser manifestada num tom cada vez mais ansioso, mas ficou calada e Vicky pareceu não se importar.

Onde é que estavam? A caminho de Myringham por uma estradinha vicinal tortuosa? Era óbvio que não estavam nem um pouco perto de Sayle e do bangalô dos Chorley, que distava pelo menos a vinte quilômetros dali. Mas Vicky ganhava a vida tomando conta da casa dos outros, não é mesmo? Desde Rachel Holmes, deve ter havido outros Sunnybanks, pelo menos mais uma casa para Vicky tomar conta e receber Jerry. Ela estava a caminho de uma delas agora. A mulher prendia a respiração um pouco ofegante, dando sinais de excitação, pensou Lynn. Olhou as horas. Eram dez para as dez. Meu Deus, ela não queria passar a noite, mas se não havia outro jeito...

O carro prosseguiu se arrastando pelo túnel verde e molhado da alameda, saindo numa estrada um pouco mais larga, onde soltou uma pequena descarga como se estivesse aliviado. Virou à esquerda e Lynn viu o farol iluminar um poste de sinalização com uma seta avisando que Myringham ficava a oito quilômetros dali, e Upper Brede a cinco. Agora era hora, pensou, de mostrar seu nervosismo.

— Não foi aqui que eu vi o posto de gasolina, disse ela.

— Aquele estava fechado, disse Vicky. — Tem um que funciona vinte e quatro horas em Upper Brede. Lynn não queria parecer muito esperta. Por outro lado, uma burrice excessiva poderia levantar suspeitas.

— A senhora acha que eles vão ter um mecânico, ou só vendem gasolina?

— Eles têm um mecânico, disse Vic. — Não se preocupe. Eu já fui lá muitas vezes. Ela sorriu como se estivesse olhando para Lynn e não para a estrada à sua frente. — Você podia agora me distrair um pouco. Fale a respeito de você. Afinal de contas, eu me expus um bocado ao lhe oferecer ajuda, não é mesmo? Você pode pelo menos conversar comigo.

Seu tom de voz soou, de repente, irritado e indignado. "Deve ser um sinal", pensou Lynn, de que chegara a hora dela começar a ficar assustada. Entretanto, resolveu fazer como lhe disseram, ou pelo menos uma imitação do que ela lhe estava mandando fazer, e fez para Vicky um relato totalmente fictício de que era uma garota que morava com os pais em Stowerton e estava voltando de carro para casa depois de ter saído, em Kingsmarkham, com uma velha amiga de colégio. Disse que tinha dezenove anos e, talvez Vicky achasse isso estranho, não tinha namorado. Trabalhava como ajudante de um veterinário em Kingsmarkham, mas o trabalho não era tão importante quanto parecia. Era mais um serviço de limpeza, ela tinha de esfregar o chão! Lynn estava orgulhosa de ter conseguido terminar a frase com um ponto de exclamação bem definido.

— Que vida emocionante, disse Vicky. O curto espaço de dez minutos bastou para que ela mudasse completamente. De camarada e gentil, ela passou a se comportar com brusquidão, chegando às raias do desprezo. E agora, na medida que pegaram uma outra estradinha, virando quase em seguida na entrada de carro de uma casa grande recém-construída e bem iluminada, Vicky disse, com uma voz que mais parecia a de um guarda penitenciário mal-humorado falando com um detento recalcitrante: — Chegou a hora, já pra fora! E nem pense em inventar alguma coisa, eu estou logo atrás de você.

Lynn não era lá uma grande atriz e não sabia ao certo como a garota que ela representava deveria se comportar numa situação como essa. De forma que nada fez, a não ser obedecer. Como uma ovelhinha confusa, ela se precipitou para fora do carro na direção da porta da frente, que havia sido aberta pelo lado de dentro no momento em que chegaram. Vicky lhe deu subitamente um empurrão, fazendo com que ela tropeçasse por cima do capacho da porta e quase caísse. Quase, mas não caiu. Foi uma coisa engraçada ter se lembrado de Wexford dizendo que não devia ir nem tão

rápido que parecesse ter medo, nem tão devagar que parecesse ser provocação; ele disse que estava citando o duque de Wellington quando se viu cercado por manifestantes no Hyde Park. Ela tropeçou. Olhou para cima e seus olhos encontraram um par de olhos cinzentos completamente amorfos, num rosto estranhamente desprovido de qualquer expressão.

À primeira vista, parecia que ele tinha a cara torta, com uma das faces mais gorda do que a outra, mas foi ilusão. O homem era um tantinho mais alto do que ela, magro, com cabelos castanhos que começavam a rarear e trajava um terno com riscas de giz bastante puído. Ele parecia triste, dando a impressão de jamais sorrir, de nunca ter podido, de não saber como, de desconhecer até os músculos que se usam num sorriso. Lynn olhou por cima do ombro para Vicky, que estava lá, só olhando pra ela, voltando, em seguida, a olhar para o homem que deveria ser Jerry, e disse a fala que seria de uma ajudante bonitinha de veterinário:

— Que lugar é este? Por que me trouxe pra cá?

— É perda de tempo perguntar, disse Vicky, — Porque não vou dizer. Por que deveria? Você não tem escolha. Está aqui e aqui fica até eu decidir se você serve.

— Serve? Disse Lynn.

— Serve aos meus propósitos. Diga olá para Jerry. Seus pais não lhe ensinaram a ter boas maneiras? Lynn disse olá para Jerry que respondeu com um olhar vazio, olhando-a em silêncio como resposta.

* * *

Nenhuma das lojas de ferragens que vendia querosene abria antes das nove e meia da manhã. Vine teve de rever suas ideias a respeito de um dos desordeiros ter comprado o querosene na manhã em que a bomba foi arremessada. Ele estava começando a achar que estava totalmente na pista errada, uma vez que gasolina e querosene eram mercadorias muito comuns e de uso geral, tanto assim que cinquenta por cento das residências deveriam ter uma delas, ou ambas, guardada. Mas, de qualquer forma, ele passou o dia ligando para as lojas de ferragens, esperançoso de que um balconista lhe falasse de algum freguês que, invariavelmente, comprasse querosene, o que acabou sendo em vão.

Ele voltou à tardinha ao Rat and Carrot, para conversar de novo com Andy Honeyman. Vine achava difícil entender como alguém pudesse se lembrar do que um outro homem disse, recordando das circunstâncias em que as coisas foram ditas, mas ser incapaz de descrever o tal homem. Honeyman ou estava mentindo, ou era totalmente desatento, ou sofria de um esquecimento próximo da amnésia, pois negou com determinação que tivesse algum indício a respeito do freguês que havia dito a Colin Crowne no Rat and Carrot como fazer um coquetel molotov. Ele também não era capaz de lembrar, fora Colin e Terry Fowler, quem mais estava presente. Depois de muita pressão exercida por Vine, ele acabou por admitir que havia uma mulher presente a quem conhecia de vista. Ela morava na Glebe Road e ele achava que seu prenome era Jacky. Nada disso adiantou muita coisa para Vine, que voltou para o Condomínio Muriel Campden e começou a interrogar mais uma vez Colin Crowne e Terry Fowler.

Colin ficou de cama antes que a bomba que provocou a morte de Ted Hennessy fosse lançada. Além da dor provocada pelo herpes zoster, contribuindo para seu mal-estar, havia ainda por cima a recusa de Miroslav Zlatic em escutá-lo, ou dar algum sinal de que entendeu o que ele estava dizendo quando perguntou ao sérvio o que pretendia fazer a respeito do sustento do bebê de Lizzie. No dia seguinte, ele foi informado pela Assistência Social de Kingsmarkham que o custo dos seus bebês virtuais foi estimado em 1.254,80 libras esterlinas a unidade, que Jodi precisava ser substituído e que eles tinham a intenção de serem ressarcidos nessa quantia por ele, usando para tanto todos os meios disponíveis ao seu alcance. Colin sabia que isso significava o tribunal e, talvez, um oficial de justiça. Ele não queria sair da cama quando Vine chegou, mas Debbie o convenceu de que era melhor ele se levantar, de forma que desceu, vestindo umas calças de training e camiseta.

Vine fez com que ele repassasse tudo, de como havia perguntado apenas por curiosidade como fazer um coquetel molotov. Colin disse que era, pessoalmente, por demais respeitador da lei para ter qualquer inclinação para fazer essas coisas, mas ele as tinha visto na TV, com gente jogando garrafas que explodiam incendiando carros e teve uma curiosidade natural de saber como eram feitas. Dando uma colher de chá para o vizinho, ele disse que Joe

Hebden pensava igualzinho a ele.

— Mas a sua curiosidade natural não fez com que o senhor fosse levado a descobrir o nome do seu instrutor?

— Meu o quê?

— O sujeito que lhe explicou como fabricar uma bomba, não é?

— Eu não perguntei nada a ele, perguntei? Foi ele que se meteu na conversa. Eu nunca perguntei ao sujeito como se fazia bomba. Foi isso que falei com o meu xará, que aquele cara se intrometeu por conta própria na nossa conversa.

— Qual era o aspecto dele? Indagou Vine, que já havia feito essa pergunta antes. Colin Crowne deu a mesma resposta.

— O de um cara comum, de uns vinte e poucos anos, talvez mais, sei lá. Eu não podia saber que ia ter de lembrar, podia?

Foi um dos filhos de Terry Fowler que abriu a porta da frente. O outro estava sentado com o pai no sofá assistindo a Crimewatch na televisão e comendo batata frita. O lar dos Crowne estava longe de ser imaculado, mas aquele era um dos lugares mais sujos e bagunçados que Vine já vira. Ninguém tinha limpado ou arrumado o local desde que a esposa de Terry o deixou. Havia alguma coisa no chão atrás do aparelho de televisão que Vine, que desviou rapidamente a vista, torceu para que fosse cocô de cachorro, mas receava que pudesse ser de procedência humana.

Terry, contudo, foi capaz de fornecer, dessa vez, uma migalha de subsídio. Ele conhecia essa tal de Jacky por intermédio da irmã dela, cujo filho frequentava a mesma escola que os dois filhos dele. As irmãs eram vizinhas de porta na Glebe Road, mais do que isso não sabia dizer. Os pequenos Fowler começaram a falar então, sem qualquer sinal de respeito ou timidez, sobre um outro colega da escola, parente de alguém, um garoto de seis anos que já tinha seu próprio computador e esteve de férias na Flórida, visitando a Disneyworld. Vine achou que a conversa estava se afastando um pouco do que interessava, eles pareciam estar divagando através dos laços de parentesco de todas as famílias de Kingsmarkham, e tentou voltar ao tema de Jacky. Terry comentou que a tinha visto uma vez na companhia de Charlene Hebden, mas era tudo o que podia dizer. Kim Fowler, com seus seis anos de idade, acompanhou Vine até a porta. Ele era uma daquelas crianças que a avó

de Vine chamava de à moda antiga e pediu desculpas pela sujeira no chão e pela poeira que cobria o resto da casa.

— Era a mamãe quem limpava, disse, — Mas ela foi embora e abandonou a gente, então não tem ninguém pra fazer isso. Papai disse que isso é coisa que só mulher faz, não é pra homem fazer.

— Não é bem assim, disse Vine, — Tem uns caras chamados de Novos Homens, e eles limpam as coisas.

— A gente não conhece nenhum deles por aqui. Kim teve de se espichar para abrir a porta, mas quase não a alcançou. — Essa Jacky tem uma filha chamada Kaylee, disse ele, — E o senhor sabe o que o pai dela fez? Fez ela entrar pela portinhola do gato para roubar coisas. Ele só não foi pra prisão porque não podiam provar.

* * *

Tasneem chegou à sala da Helpline no momento em que Sylvia, após a quinta ligação da noite, estava colocando o fone no gancho. Eram dez e meia, a noite estava um breu e chovia a cântaros. Sylvia não havia arriado a persiana e a chuva escorria pela janela como um véu movediço de prata brilhante. A essa hora, depois de todos aqueles telefonemas inquietantes e aflitivos, um deles foi de um homem com um jeito fanático de falar e um sotaque irlandês que havia ameaçado ir até lá pegá-la e fazer com ela "o que fizeram com a martirizada Santa Ágata, abençoada seja". Uma visita era sempre bem-vinda, fosse ela de Tasneem ou Tracy, ou daquela mulher negra com um nome que ela não conseguia ainda pronunciar direito, ou ainda da recém-chegada Vivienne.

Tasneem ficou próxima da janela olhando para fora através do véu d'água, o qual escorria pela noite negra e molhada. Naquela noite, em especial, não havia nada para se ver, mas Tasneem ficava muitas vezes fitando ao longe, olhando vagamente, Sylvia sabia, na direção da Rua York e do Condomínio Muriel Campden, onde Kim e Lee estavam.

— Você não saberia por acaso alguma coisa a respeito de Santa Ágata, saberia? Perguntou Sylvia.

— Sylvia, os mulçumanos não têm santos.

— É verdade. Vocês têm profetas. O telefone tocou. Sylvia respondeu: — Helpline do Hide. Em que posso ajudar?

— É o meu namorado, disse uma voz ofegante, — Nós resolvemos morar juntos... Quero dizer, eu me mudei para a casa dele. Ele sempre foi adorável, é uma pessoa muito bacana, todo mundo diz isso, e ele sempre foi muito gentil. Bom, na noite passada, eu cheguei em casa meia hora atrasada do trabalho, o ônibus demorou a vir, e eu não liguei pro meu namorado avisando... Você está aí? Está me escutando?

— Estou aqui, disse Sylvia. — Estou escutando. Continue.

— Como disse, eu estava meia hora atrasada e quando cheguei ele agiu como se eu tivesse feito uma coisa terrível, cometido um crime ou coisa parecida, e me agarrou, me segurou com força e perguntou onde é que eu tinha estado e com quem tinha me encontrado, só eram seis e meia da noite, meu Deus! E então me deu duas bofetadas, uma de cada lado. Eu fiquei tão chocada, que mal podia me dar conta do que estava acontecendo. Fiquei com um hematoma muito feio na face esquerda. Ele pediu mil desculpas, e me disse que eu precisava compreender que ele tinha feito isso porque ficou preocupado.

— Onde você está agora?

— Na minha casa. Graças a Deus eu não me desfiz dela. Ele saiu pra um compromisso durante a noite, então eu encontrei seu número num cartão dentro de uma cabine de telefone, vim pra cá e liguei pra vocês. Olha, eu até entendo que ele estivesse preocupado comigo... Bem, entendo até certo ponto... Mas você não sai batendo nas pessoas porque está preocupada com elas, sai?

— Tem gente que sai, disse Sylvia, — infelizmente você agora sabe disso. Você resumiu tudo quando deu graças a Deus por não ter se desfeito da sua casa.

— Você está dizendo que eu deveria continuar aqui e não voltar para ele?

— Eu nem preciso dizer, é você quem está dizendo.

— Se é isso o que acontece depois de eu ter vivido com ele uma semana, imagina o que vai acontecer depois de seis meses, é isso que você quer dizer?

Sylvia disse que sim, mas repetiu, para a mulher que havia ligado, que ela mesma sabia, as respostas de antemão, e que apenas estava querendo ser confortada e se convencer delas. Ao pôr o fone no gancho, Sylvia contou à

Tasneem o que acabara de ouvir.

— Terry era assim, um cara realmente legal, meigo e tudo mais. Mas só de longe. É quando a gente fica junto que a coisa começa, quando você fica trancada dentro de casa sozinha com eles. Eu queria fazer o seu trabalho, Sylvia, seria fazer algo em que eu realmente tenho experiência. Terry vivia me chamando de burra, ele dizia que eu era ignorante, que só sabia cozinhar e fazer faxina, mas se existe alguma coisa em que eu sou perita, é em violência doméstica. Sylvia pegou a mão dela e apertou.

— Tas, você poderia aprender a atender às ligações da Helpline, mas é um trabalho gratuito, e você precisa acabar a faculdade. Além do mais, assim que conseguir um apartamento, não vai querer nem passar pela porta do Hide de novo.

— E eu vou conseguir meus filhos de volta, não é?

— Tenho certeza de que sim, disse Sylvia, ainda que não estivesse segura disso, mas não pôde falar muito mais, porque o telefone começou mais uma vez a tocar.

Era de novo o irlandês fazendo ameaças. Ela desligou antes que ele conseguisse dizer mais do que três palavras, mas foram três palavras muito ofensivas e a mão dela começou a tremer no fone.

— Sou uma boba de ainda não estar acostumada com isso.

— Tem coisas com as quais a gente nunca se acostuma, disse Tasneem com emoção.

— Chega. Dessa vez vou falar com meu pai sobre esse aí, e vamos ver se a gente consegue descobrir quem é.

A cabeça de Griselda Cooper apareceu atrás da porta dizendo que o telhado estava com uma goteira na ala noroeste da casa, e a chuva estava entrando pelo teto. Ela teve de mudar Vivienne para o quarto de Tasneem durante a emergência e gostaria de saber se Tasneem estava de acordo. Tasneem respondeu que iria gostar da companhia e Sylvia perguntou a Griselda o que foi que fizeram com Santa Ágata.

— Não me pergunte. Colocaram ela numa churrasqueira, ou a amarraram numa roda, ou algo assim, uma coisa horrível dessas. Por quê?

Será que algum desses homens charmosos que ligam pra cá quer fazer isso com você?

* * *

Lynn achou que foi por ela ter feito um trato com seus captores que eles a pouparam do Rohypnol, da bebida adulterada que Lizzie Cromwell e Rachel Holmes tomaram ao chegar. Lynn não discutiu nem ficou se lamentando muito; só disse que os pais iriam ficar preocupados e choramingou um pouco, mas se Vicky prometesse deixá-la ir embora de manhã, ela concordava em dormir ali uma noite. Será que ela podia ligar para os pais? Isso fez com que Vicky risse. Ela nem se deu ao trabalho de responder e olhando de cima a baixo para Lynn, disse:

— Essas calças que você está usando não servem. Nós vamos ter de lhe vestir com outra roupa amanhã.

Mas Vicky não chegou a revistá-la, nem olhou dentro da bolsa, onde estava o celular. Ela pareceu aceitar seu comportamento submisso e dócil como sendo exatamente o esperado de uma garota independente de dezenove anos, isso porque Vicky era uma egomaníaca de proporções descomunais, algo como Lynn nunca vira igual. Ela não prestava atenção, não fazia perguntas, nem sequer desconfiava porque se via como a única figura capaz de ser forte, poderosa e de agir com retidão. Além disso, é claro, era Jerry que ela via.

Sentada numa cadeira em frente dele, literalmente obrigada a se sentar , com uma das mãos de Vicky apoiada em cada ombro fazendo com que ela permanecesse sentada, Lynn achou que merecia um prêmio por não ter medo dele. Foi por um triz que conseguiu se controlar e ser forte o bastante para aplacar o medo que começou a crescer em sua espinha. Eram basicamente os olhos dele, aqueles olhos que pareciam ter mais branco ao redor das pupilas de que a maioria das pessoas, e seu silêncio, a tal ponto que ela começou a duvidar se ele era capaz de falar. Caso emitisse um som, de que tipo seria?

Desde o momento em que pisou naquela casa, pensou na menininha desaparecida, atenta a barulhos infantis e procurando sinais de criança pela

sala. Mas não havia qualquer ruído. Quem quer que tenha mobiliado a sala não estava preocupado com o ambiente, querendo apenas que fosse um lugar confortável e isolado do exterior. A cor predominante era o bege e essa gente não tinha nenhum interesse em brinquedos, tanto para crianças como para adultos. Sanchia não estava ali, a menos que Vicky fosse mais esperta do que Lynn pensava. Depois de ter ficado olhando durante dez minutos para ela, com aqueles olhos que aparentemente nunca piscavam, Jerry se levantou e começou a andar pela sala, mexeu nas coisas e depois colocou-as de volta no lugar: um livro, um cinzeiro, um bibelô de bronze em formato de tartaruga. Ele tirou uma íris azul de um arranjo de flores numa cesta, aproximou-a do nariz e a cheirou, para depois jogá-la no chão e pisar em cima. Não foi uma simples pisadela, mas um pisão maníaco e obsessivo, visando a esmagar completamente a flor. Em seguida se dirigiu à janela e ficou lá, com as costas viradas para a sala, de cara para as cortinas puxadas. Vicky se curvou e catou no chão os restos da íris no tapete, os quais deixaram uma mancha azul-escura no lugar.

— Você pode limpar isso amanhã de manhã, disse olhando para Lynn. — Depois de uma boa noite de sono.

Jerry esteve esse tempo todo olhando para Lynn, para em seguida começar a perambular pela sala, enquanto Vicky continuava a falar, dando alguma explicação à Lynn, coisas que ela achava que a outra deveria saber. A casa não lhe pertencia, ela estava ali apenas tomando conta durante a viagem de férias dos donos. Só fazia três dias que ela e Jerry haviam chegado ali. Os proprietários queriam que o lugar ficasse imaculado, como Lynn podia comprovar. Manter a casa assim seria o trabalho dela, mas, primeiro, iria mostrar a ela de manhã bem cedo como preparar o café-da-manhã de Jerry.

— Agora é hora de ir pra cama, disse ela. — Meu Deus, olha só que horas são, já passa das onze!

Ao ouvir isso, como se a hora provocasse nele algum tipo especial de fascínio, Jerry deu de súbito um rodopio. A camisa dele era cáqui e estava abotoada até o pescoço, mas o movimento brusco fez com que o botão do colarinho se abrisse, revelando duas tiras do esparadrapo de um curativo de gaze que cobria um emplastro na altura do ombro. Vicky foi até onde ele

estava e abotoou de novo a camisa dele. Ela o fez rapidamente, como se não quisesse que Lynn percebesse o curativo. Depois de deixar que ela arrumasse sua camisa, ele foi se sentar com as pernas cruzadas no chão e as costas viradas para as cortinas. Cerrou os olhos e balançou a cabeça para frente e para trás; parecia que ia adormecer nessa posição.

Lynn ficou aliviada de se afastar dele. Ela subiu as escadas, registrando atentamente a geografia da casa. Do lado de fora, não dera para perceber no escuro que era uma casa de dois andares, mas agora estava sendo compelida a subir um lance de escadas. Vicky estava atrás dela, mandando que se apressasse, dizendo que não tinha a noite inteira, o que lhe pareceu algo esquisito de dizer, devido às circunstâncias. Vicky mostrou o local onde ficava o banheiro no andar de cima, e ficou obviamente montando guarda do lado de fora, porque Lynn quase esbarrou nela quando saiu. A porta do quarto que seria o dela foi aberta por Vicky, que se manteve atrás dela. Tudo em seguida aconteceu rápido demais, com Lynn só percebendo tarde demais que havia subestimado a mulher, isso porque, logo após ter entrado no quarto, ela escutou um dique, acompanhado do som de algo sendo cortado, e sentiu sua bolsa deslizar do ombro. Vicky havia cortado a alça com um par de tesouras.

Lynn se virou e tentou agarrá-la, mas tudo que conseguiu pegar foi o cabelo de Vicky, ficando com a peruca grisalha na mão. A porta se fechou com violência na sua cara e a chave virou na fechadura. Vicky ficou do lado de fora e Lynn do lado de dentro, sem seu celular. Fora outro, completamente diferente, o cenário que ela havia imaginado. Vicky teria entrado com ela no quarto e ficado lá, enquanto ela se despia para vestir alguma roupa de dormir fornecida pela outra, sendo que essa, com seu jeito de carcereira puritana, permaneceria, é claro, de costas. Ela ficaria privada das próprias roupas, a porta seria trancada e poderia então dar seu telefonema. As coisas aconteceram de maneira diferente.

Wexford iria ficar aborrecido. Ele virava uma outra pessoa quando ficava aborrecido, frio e duro, mostrando um certo desprezo, sendo até injusto. Diria que ela era por demais inexperiente para montar uma operação desse tipo usando a si mesma como isca; que ela deveria ter primeiro avisado a ele, ou a Barry Vine, e que ela deveria ter perguntado antes. Os policiais nos

seriados de TV sabem como lidar com fechaduras, ou, se forem do tipo brutamontes, arrombá-las com um pontapé. Lynn sabia que se tentasse arrombar a porta faria tanto barulho que chamaria a atenção de Vicky e Jerry, que eles iriam subir e que, juntos, eram mais fortes do que ela, podendo dominá-la. Além do quê, a ideia de um corpo-a-corpo com Jerry era algo que lhe provocava repugnância. Ainda que firmemente determinada a não ter medo dele, a ideia de que ele pudesse encostar um dedo que fosse na sua pele lhe dava vontade de gritar.

Ela foi até a janela e, apagando primeiro a luz, afastou as cortinas. De início, não conseguiu enxergar quase nada além do fato de que a chuva havia cessado. Abriu a janela, que era um basculante. As luzes ainda estavam acesas na sala do térreo e viu que estava a uma boa altura do chão, quase seis metros; Encontrava-se, aparentemente, num segundo andar, construído há poucos anos como uma água-furtada. A luz que vinha lá de baixo saía pela separação da cortina da sala como uma linha fina e amarela que atravessava o negrume do chão. Era uma longa distância até embaixo, alto demais para pular, uma altura grande demais para que ela despencasse no concreto. Lençóis, cortinas, cobertores, Lynn não gostou da ideia de usar nada disso para fugir. Ela olhou dentro do armário. Estava cheio de roupas de mulher, roupas velhas, ou roupas de uma velha, que cheiravam a mofo e a cânfora. Dois dos vestidos tinham cintos presos a eles, mas Lynn percebeu que eram muito finos para o uso que tinha em mente.

Sentou-se na cama. Prestou atenção aos ruídos. A casa estava em silêncio. Seu relógio marcava onze e vinte e cinco. Era duvidoso que os ouvisse, de onde estava, ir para a cama, mas veria quando as luzes se apagassem. Será que dormiam na mesma cama? Ela não se importava com isso. Não era relevante para ela saber se eles estavam na cama, a não ser que descobrisse como escapar. Ela precisava de alguma forma usar aquele quarto, fazer uso do que havia no quarto. O aposento não havia sido projetado como prisão, era o quarto de hóspedes da casa. As visitas dormiam ali e usavam o banheiro, cuja porta ficava ao lado, talvez apreciassem até o relativo isolamento no alto da casa. Ainda que os donos não primassem pelo bom gosto nas cores e nos objetos, certamente apreciavam o conforto. Havia toalhas felpudas no banheiro, além de sabonetes novos e um vidro cheio de óleo de banho caro.

Não foi nem Vicky, nem Jerry quem pegou a Sanchia, disso estava certa. A não que a houvessem pegado, mas não estivesse mais na casa porque... Não, ela não iria nem mesmo fazer essa suposição, não era o trabalho dela, nem tinha condição de pensar nisso. Aproximou-se mais uma vez da janela. A luz continuava acesa lá embaixo. Odiou imaginar Jerry perto de uma criança, ou uma criança na presença dele. A peruca de Vicky continuava no chão, encostada na porta onde havia caído. Bem, uma vez que ela houvesse partido, Vicky poderia entrar lá e pegá-la. "Se você quer realmente algo", disse Lynn consigo mesma, "pode conseguir." Pena que não estivesse de posse de um telefone. As pessoas nunca instalam telefones em quartos de hóspede, mesmo que sejam ótimos anfitriões; por outro lado, colocam aparelhos de televisão e havia um ali, com uma antena feita de pedaços de metal montados em ziguezague em cima dele. Havia também dois abajures, um de cada lado da cama, e mais um em cima da penteadeira. Lynn ficou de gatinhas e rastejou até debaixo da cama.

Duas tomadas, cada uma com dois fios. Qual seria o uso dos outros dois? Ela seguiu a direção de um deles até o colchão da cama e descobriu que saía de um cobertor elétrico. O outro pertencia a um rádio. Cada fio tinha cerca de dois metros de extensão. Lynn olhou à sua volta. Abriu as gavetas da penteadeira, mas estavam todas vazias, cuidadosamente forradas com um papel bege de bolinhas brancas. Voltou de novo à janela para ver se as luzes continuavam acesas. Continuavam. Havia uma gaveta em cada uma das mesinhas-de-cabeceira. A do lado esquerdo continha o controle remoto da televisão, a do lado direito, uma caixa de lenços de papel fechada, uma embalagem de pastilhas para dor de garganta, gotas para o nariz e uma tesourinha de unha.

Melhor do que nada, muito melhor. Não adiantava nada ficar sonhando com uma faca afiada. Os fios dos abajures de cabeceira e da antena eram finos, ainda que, Lynn contava com isso, resistentes, e foram facilmente cortados pelas lâminas bastante afiadas da tesourinha. Já com os fios grossos do cobertor, do rádio e do aparelho de televisão, foi uma outra história. Ela ficou tentando cortá-los até fazer bolhas no dedo indicador da mão direita que começou a sangrar. Foi quando se deu conta de que nunca teria sucesso com o cabo da televisão. De algum lugar lá embaixo veio o ruído de uma

cadeira rangendo. Ela foi mais uma vez até a janela e viu que as luzes haviam se apagado. Lynn começou a ficar relativamente animada. Foi então que lhe ocorreu um pensamento que imediatamente considerou idiota: o de que a polícia de Kingsmarkham, não os donos da casa, e muito menos Vicky e Jerry, seria obrigada a substituir todos esses fios, consertar tudo que ela havia destruído ali. Mas que importância tinha isso uma vez que foi ela quem encontrou aqueles dois?

Começou a amarrar os fios uns nos outros. Os nós de marinheiro eram os melhores, mas tomavam uma grande medida de fios. De início, ela havia pensado que dispunha de uma extensão enorme para trabalhar, algo como dezoito metros para uma altura de seis, mas os nós consumiram um bocado, de forma que quando a espécie de corda ficou pronta e firme, parecendo segura para ser usada, ela não dispunha de mais do que cerca de cinco metros. E ainda precisava de uma sobra para amarrar em alguma coisa. Amarrar em quê? Quanto mais distante da janela fosse, mais fio ela teria de gastar. Debaixo da janela ficava um radiador. Lynn o examinou e viu que estava preso à parede por duas braçadeiras de metal e, ao chão, pelos canos por onde passava a água, ou o óleo, ou o que fosse que esquentasse o quarto. Parecia ser bastante firme. Teria de servir. Ela passou o fio pela junta do cano na parte de cima do radiador e o apertou com um outro nó direito, dessa vez duplo.

Prestou atenção de novo no silêncio da casa. Em seguida, apagou a luz. Seria mais difícil no escuro, porém mais seguro. Se ao menos tivesse luvas! Passou uma perna por cima do parapeito da janela, abençoando as calças com as quais Vicky tanto implicara, e depois a outra. Ao sentar na beirada, com as pernas dependuradas, se deu conta de que seria preciso coragem para se segurar do lado de fora dependendo daquele fio fino. Até mesmo os fios mais grossos do rádio e do cobertor pareciam fracos agora. Ela se virou, ainda segurando no parapeito e apoiou a pélvis na beirada da janela, mantendo as pernas esticadas.

Dentro e fora do quarto estava profundamente escuro. Ela agarrou o cabo com a mão direita, se afastou da janela, segurou a beirada com a mão esquerda, e apoiou os pés na parede. A superfície era áspera, como se o reboco houvesse sido chapiscado com uma colher de pedreiro. O chapisco formava uma espécie de alto-relevo no qual nenhuma das saliências sobressaía

mais do que um centímetro, mas o suficiente para dar algum apoio aos seus pés, melhor do que se fosse numa superfície completamente lisa. Lynn tentou firmar os pés com os dedos na parede, mas seus sapatos eram rígidos e tinham solas de couro. Subiu de volta para dentro do quarto, tirou os sapatos e os pendurou pelos cadarços em volta do pescoço. As meias também se foram, ela as enfiou dentro do sapato. Retornando à beirada da janela, ela repetiu o procedimento e achou muito mais fácil dessa vez. Talvez tenha sido uma boa ideia ter entrado e recomeçado do início. Ela podia agora se firmar melhor nas saliências do chapisco.

A pior parte, como já sabia de antemão, seria o momento em que se soltaria, quando largasse a beirada com a mão esquerda, ficando completamente à mercê da resistência do cabo. Ela não havia previsto o balanço do cabo quando ele esticou com seu peso, nem o longo rangido estridente que o radiador soltou. Mas a amarração aguentou. Agarrando-se nela com toda a força, ela moveu o pé direito alguns centímetros para baixo, depois o esquerdo, e assim por diante. Suas mãos então escorregaram no fio e ela começou a deslizar, tentando desesperadamente acompanhar a descida com os pés andando na parede, na verdade correndo, até seus pés começarem, por sua vez, a escorregar, fazendo com que ela ficasse balançando no ar a quase três metros de altura, e junto com a sua perda de apoio, sobreveio o som metálico de algo sendo triturado e torcido com violência.

Foi então que Lynn se soltou, com o fio correndo pelas mãos e lhe queimando os dedos até aterrissar em pé no chão, com as pernas bem abertas. Ela, contudo, havia descido na vertical e estava bem. Não conseguia enxergar muito bem como estavam as coisas lá em cima, vislumbrando apenas um negócio branco no parapeito da janela com o cabo ainda preso a ele. Ela pesava só cinquenta e quatro quilos, mesmo assim seu peso havia arrancado o radiador da parede! Será que os canos tinham se soltado também? Será que mesmo com o aquecimento desligado haveria ainda algum líquido neles, óleo ou água? Ela não iria ficar esperando para ver, mas a imagem de canos esguichando água com a casa sendo inundada lhe passou pela cabeça enquanto calçava as meias e os sapatos e fugia.

Escapuliu pela saída lateral, dando a volta pela frente da casa. Não havia luz alguma, nem na casa, nem em lugar algum. Só quem já morou no campo,

ou melhor, numa casa próxima de um vilarejo, sabe como quão escuro o mato pode ficar escuro à meia-noite. É virtualmente impossível sair para um passeio sem uma lanterna. Aos poucos, porém, você se habitua, como Lynn se acostumou, com a escuridão. O breu absoluto vai adquirindo matizes entre o negro e o cinza, cinza e negro, ficando nas gradações monocromáticas semelhantes às de um filme muito velho e escuro.

Ela caminhava seguindo a alameda por onde haviam chegado. Na encruzilhada, chegou bem perto do poste de sinalização sem, todavia, conseguir ler o que estava escrito na placa. Mas havia registrado no caminho de ida onde estava, sabendo que era capaz de descobrir como sair dali. Para a esquerda, ficava Bredeway, com a ponte sobre o rio. Viu, de repente, que havia uma luz à sua frente, à direita de onde estava, e seguiu naquela direção, se mantendo bem perto da sebe. Ela estava sem a bolsa e sem o celular, mas tinha a sua carteira de policial. "Tenha-a sempre com você no bolso", Barry Vine lhe disse uma vez. Não na bolsa ou no casaco, mas no bolso da roupa do corpo. E ela não se esqueceu disso; a carteira estava ali, perto do coração, de verdade, mesmo que fosse uma forma um pouco dramática de dizê-lo.

A luz vinha do segundo andar de uma casa com telhado feito de colmo perto da ponte. A noite parecia ser mais clara ali, o bastante para que lesse o nome do lugar, Bridge Cottage, mais um ponto de referência para ela registrar. Ela tocou a campainha. Ficou tocando sem parar, batendo também na porta, usando primeiro a aldrava e depois os próprios punhos. Tinha até pensado em jogar pedras na janela, mas o receio de quebrar os vidros, tornando-a responsável por mais prejuízos, a conteve.

Não havia ninguém na casa. A luz foi deixada acesa para que gente como ela, ou tipos mais perigosos, pensasse que havia alguém na casa. Ela deu meia-volta, fechou o portão atrás, e atravessou a ponte. Será que Vicky, se houvesse escutado o rangido estridente do radiador sendo arrancado da parede, viria atrás dela? Isso era bastante provável. Lynn sabia, porém, que Vicky sozinha não era páreo para ela. Havia alguma coisa escrita numa placa à esquerda, parecia ser o aviso do começo de um vilarejo, provavelmente Bredeway. Ao chegar pertinho, ela conseguiu distinguir o nome: era Bredeway. "Dirija Com Atenção Ao Atravessar Nossa Vila". "Que sorte!", pensou Lynn. Seu carro deveria estar ainda estacionado no contorno, a não

ser que alguém o tivesse roubado, ou batido nele.

O vilarejo estava quase completamente às escuras, ainda que houvesse luz em dois dos chalés, sendo que uma casa grande estava com as luzes todas acesas. “Ia ser essa”, pensou Lynn. Podia ouvir de longe o barulho, antes mesmo de passar pelo portão do jardim, percebeu a música, os risos e a algazarra. Uma vez no jardim, viu que havia gente dançando na sala da frente, que estava toda iluminada. Com sua credencial à mão, ela tocou a campainha, batendo depois na porta. Podia ser que não escutassem a campainha. Uma garota com cerca de dezoito anos abriu a porta. Ela nem esperou que Lynn desse uma explicação.

— Ah, meu Deus, me desculpe! Disse ela. — Os vizinhos do lado ligaram dizendo que iam chamar a polícia e a gente prometeu que ia parar com o barulho, mas a senhora sabe como é, a gente acaba não prestando atenção no embalo, não é? É a festa de dezoito anos do meu namorado. Eu não pensei que a polícia fosse vir de verdade. Ah, meu Deus, que mico!

— Eu só queria, disse Lynn, — Usar seu telefone, se puder.

— Mas é claro que sim! Entre. Tome um drinque. A gente acabou com a champanhota, só sobrou Football Red, de Campari, e Football White, de vodca. Olha, a gente vai ficar quietinho como meninos e meninas bem-comportados.

* * *

Dezesseis

EM ALGUM momento durante a noite, ela havia subido e entrado naquele quarto para recuperar a peruca. Essa era uma arquitetura complicada de pelos cinza-azulados formando cachos e tufos encaracolados, e agora descansava em cima de uma cara amarrada, em cuja superfície rugas e sulcos surgiram cedo, se é que a idade que deu era verdadeira. Ela aparentava ter muito mais do que cinquenta e cinco anos. O pescoço era grosso, mas o rosto era bem desenhado e fino. As mãos desprovidas de anéis pareciam estar inchadas e seu tornozelo se avolumava por cima dos sapatos de amarrar. Ela não cessava de repetir com voz áspera e masculina que não fez nada de errado. Só estava tentando ajudar Jerry, isso é tudo, cuidar dele como sempre tinha feito. Wexford permaneceu calado. Estava esperando James Beamish chegar. O advogado que representaria Jerry tinha aparecido há dez minutos e estava agora numa sala com seu cliente, Burden e o policial Cox. Segundo Vicky, o nome completo dele era Jerry Dover. Ela se chamava Victoria Cadbury e era irmã da falecida mãe dele.

Os dois estavam acordados quando os dois carros de polícia chegaram juntos à uma e meia da manhã: Jerry, sentado com as pernas cruzadas no chão do vestíbulo, se balançava de um lado para outro, gemendo baixinho. Vicky estava no andar de cima tentando puxar um radiador pesado de metal para fora do parapeito da janela, lhe faltando, obviamente, forças para isso. Nenhum dos dois tinha saído em perseguição de Lynn Fancourt. Jerry Dover aparentava ser incapaz de ficar só, ainda que Vicky o deixasse sozinho quando saía para suas entrevistas, ou na noite em que dormiu na casa da Sra. Chorley, ou ainda ao sair atrás de suas presas. Wexford só o viu de relance na hora em que chegou de manhã para trabalhar; isso bastou, no entanto, para defini-lo como maluco; para ser mais preciso, profundamente esquizofrênico, o tipo de pessoa que costumava ser descrita como “doido varrido”.

A casa em Upper Brede foi revistada e o jardim examinado. É claro que não havia nenhum sinal de Sanchia Devenish e nenhuma prova de que tenha estado lá. A impressão que se tinha era de que por muitos anos nenhuma criança viveu, nem sequer esteve ali. A casa pertencia a um casal chamado Jackson. Vicky Cadbury estivera tomando conta da casa para eles enquanto estavam numa ilha grega. Deveriam chegar no dia seguinte, quando encontrariam os aparelhos elétricos do quarto de hóspedes desmantelados e o radiador arrancado da parede. Wexford foi obrigado a rosnar uns elogios para Lynn Fancourt. Afinal de contas, foi uma iniciativa dela que levou à captura da dupla, mas ao custo de um bom dinheiro dos contribuintes, a não ser que o seguro da casa se responsabilizasse pelo prejuízo, e de certa maneira foi bem feito para ela que seu carro, deixado na estrada do contorno, tenha sido vandalizado durante a noite e seu rádio roubado. Logo de início pensou que gostaria de ter estado lá para assistir Lynn arrancando a peruca de Vicky, mas já estava começando a sentir pena daqueles dois. Isso ia acabar terminando em alguma história trágica, senão absurda, e, coincidindo com esse seu pensamento, surgiu James Beamish, como sempre esplendoroso e se sentindo o máximo.

— Presentes na sala Victoria Mary Cadbury, Inspetor-Chefe Wexford e sargento Malahyde. O Sr. James Beamish acabou de entrar na sala. São nove horas e trinta e dois minutos, disse Karen. Devido à pressão no trabalho, ela precisou deixar para outro dia seu treinamento contra violência doméstica, e não estava nada satisfeita com isso.

— Srta. Cadbury, começou Wexford, — Ou seria Sra.?

— Senhorita ou Vicky, tanto faz, me chame como quiser. Tudo menos senhora. Eu nunca fui casada.

— Em algum momento no mês de abril, a senhora abduziu uma moça chamada Elizabeth Cromwell e a levou para sua casa, mantendo-a prisioneira contra a vontade dela? E, uma semana depois, a senhora também abduziu Rachel Holmes e a manteve prisioneira contra a sua vontade? Vicky deu de ombros. Eram ombros pesados, do tipo desenvolvido por pessoas que tomam esteroides anabolizantes.

— E daí? Não era minha casa, não fiz nada de errado, eu não machuquei nenhuma delas, eu tirei elas da rua e elas foram alimentadas por mim. Só Deus sabe o que teria acontecido com elas, sozinhas lá fora. Eu fiz

com que elas se vestissem decentemente e pusessem saias, em vez de calças. Balançou a cabeça. — Foram elas que se comportaram mal com a gente. Essa tal da Rachel enfiou um canivete no Jerry. Ela encontrou o canivete numa gaveta, a gente nunca sabe o que pode ter numa casa estranha, ela foi pra cima do Jerry, inofensivo e não faria mal a uma mosca, e enfiou o canivete no peito dele. Eu pensei que ela havia furado o pulmão dele e que ele fosse sangrar até morrer. Depois disso, eu levei ela embora, é claro que levei, assim que fiz um curativo no ferimento de Jerry. Eu trabalhei como enfermeira, mas isso não é a mesma coisa, não é? Jerry podia ter morrido.

"Então, foi isso", pensou Wexford, que fez com que Rachel Holmes mentisse. Ela temia as consequências se fosse descoberto que havia ferido Jerry Dover, de forma que inventou uma casa com lambris e uma grande conífera no jardim da frente.

— A senhora, então, abduziu essas duas moças?

— Sr. Wexford, minha cliente acabou de dizer que sim, disse Beamish.

— Eu quero responder a isso. Quero que vocês todos fiquem sabendo de que não fiz nada de errado, eu estava fazendo uma boa ação. Fiz isso pro bem do meu sobrinho. Vicky olhou desafiadoramente, se virando ora para Wexford, ora para Karen, ora para James Beamish. Ela parecia não entender que Beamish estava do lado dela, ainda que o papel dele lhe houvesse sido explicado. — Eu amo aquele menino, disse. — Conseguem entender isso, algum de vocês? Estão me entendendo, estão entendendo que a gente pode amar alguém sem sexo, sem qualquer outra coisa no meio, mesmo não sendo o filho da gente? A mãe e o pai dele morreram. Eu estou cuidando dele desde que essa coisa toda começou. Vocês viram ele, tão me entendendo, né?

Beamish, que não havia visto Jerry Dover, ficou com cara confusa. Ninguém lhe havia dito nada.

— Ele vivia entrando e saindo desses lugares, desses hospitais psiquiátricos, tudo pior do que um hospício. Faz dez anos que eu tô com ele. Ele vive comigo. Eu dou remédios pra ele e comida, ele não come muito. Não tô dizendo que ele não é um tantinho destrutivo, mas é inofensivo. Vicky falou então com uma voz diferente, num tom sibilante: — Eu tô com câncer. Ninguém disse nada. Wexford assentiu com a cabeça. — Eu não tô

dizendo que eu tava com câncer, eu disse que tô doente. Isso porque quem teve câncer uma vez vai ficar tratando até morrer. Eu sei, como já disse, trabalhei de enfermeira. A coisa tá muito ruim, eu vou morrer. Eu tô com câncer no seio, a gente sempre diz que tá com câncer onde ele começou, mas agora pegou nos pulmões, eles ficam dizendo que não sabem até quando vou viver, mas eu sei. Só tenho mais um ano, isso com sorte.

— Que relação tem isso com as abduções, Sra. Cadbury? Perguntou Karen.

— A senhora estava procurando alguém para cuidar de Jerry, não estava? Perguntou Wexford. — Uma espécie de consorte pra ele, estou certo? Uma moça que cozinhasse, limpasse e remendasse as roupas dele? Alguém para cuidar dele?

— Mas sem sexo, disse Vicky com brusquidão. — Jerry não sabe o sexo nem quer saber. Mas precisa haver casamento, isso pra garantir. Ela não explicou o que queria dizer com "pra garantir". — E ia ter tudo sobrando pra garota sortuda. Pra ela e pro Jerry: iam ficar com a minha casa quando eu morresse, uma casa moderna com máquina de lavar e secadora, mais toda a roupa de cama, talheres, e tudo o mais.

— A senhora chegou a explicar isso a essas moças? Wexford perguntou secamente.

— Era isso que eu ia fazer se tivesse encontrado uma que prestasse. Eu ia mostrar a minha casa pra ela em Guildford, pra ela ter uma ideia do que ia ganhar. Mas não dava pra fazer isso com um tipo errado, nem com uma que saísse logo reclamando; assim vocês iam encontrar a gente e então não ia ter mais esposa pro Jerry. Foi isso que aconteceu, acrescentou ela, — E você parece que sacou tudo nessa sua cabeça.

Seu estado delirante foi ficando cada vez mais aparente à medida que falava. A esquizofrenia pode ser genética, Wexford sabia disso, talvez sempre fosse. Nos anos 60 e 70, essas teorias vitorianas sobre loucura hereditária, atingindo famílias inteiras, foram desdenhadas. Hoje em dia parecia que aqueles escritores oitocentistas não estavam tão errados assim.

— Mas as moças não serviram, disse ele gentilmente. — Elas não eram exatamente o que a senhora estava procurando, além do quê, a senhora temia que viesse a falecer e seu sobrinho ficasse sozinho sem ninguém para cuidar dele, não é?

— Sr. Wexford, francamente, disse Beamish, — Eu não posso tolerar uma coisa dessas. Mas Vicky respondeu, olhando calmamente nos olhos dele:

— Sim. Sim, é isso mesmo. Burden saiu, seguido de Wexford.

— Esse Jerry é doido de pedra, disse Burden, levantando os olhos para cima. — Não deviam permitir que ficasse sozinho.

— Ele não está.

— Cárcere privado, disse Burden com um tom severo, — É um delito muito sério.

— Eu sei. Andei dizendo isso pra você nas últimas três semanas. E não adianta dizer que não houve qualquer prejuízo grave. Eles vão ser levados amanhã ao tribunal e ambos ficarão sob custódia à espera de relatórios psiquiátricos. Ele suspirou. — Rachel Holmes enfiou um canivete no peito do Jerry.

— Ah, então o mistério era esse. Eu perguntei a ele por que tinha um emplastro no ombro. Ele não respondeu, então perguntei pela segunda vez, o pobre coitado começou então a falar. Pôs a mão em cima do curativo e disse: "Dói, dói.".

"Tudo isso era patético", pensou Wexford, uma história triste e ridícula. Quando Vicky Cadbury morresse, quem iria cuidar de Jerry Dover? O Estado? Era mais provável que ele fosse solto na "comunidade", apenas não havia nenhuma comunidade, só vizinhos que ficariam assustados com ele, ou o tratariam como os idiotas da aldeia de antigamente. Seu fim seria, no começo doséculo XXI, o de um mendigo maluco vivendo na calçada.

— Não há mais nada para eu fazer aqui, disse, — De forma que vou visitar mais uma vez a Srta. Jane Andrews e como, pelo visto, você também não tem nada para fazer aqui, pode muito bem vir comigo.

* * *

— Meu pai disse que era pra eu não contar.

Sentada no joelho da mãe, brincando com os cabelos compridos, Kaylee Flay sorriu virtuosa. Ela pegou um cacho dos cabelos de Jacky Flay e começou a enrolá-lo em volta do indicador, enquanto lançava olhares tímidos de soslaio para Vine.

— Mas você contou para Kim Fowler, disse Vine.

— Isso é diferente, ele é um menino, não é adulto.

Ele ficou pensando que ela era inteligente, essa pirralha de quatro anos que saiu do estrato mais baixo da sociedade, quase que dos socialmente excluídos. Havia lido em algum lugar que, apesar das presunções de que toda criança tinha hoje em dia oportunidades iguais de educação e progresso, as que pertenciam ao meio dela eram as que menos tinham chances de se aproveitar disso. Ele ficava com raiva quando olhava para aquele rosto brilhante e aqueles olhos sensíveis e via que ela estava usando aquela inteligência, que poderia ter sido bem encaminhada na direção certa, para enganar a lei. O verdadeiro crime estava nisso, em perverter uma criança como essa, corrompê-la, transformando-a numa ajudante de criminosos, fazendo com que roubar virasse uma brincadeira, na qual o sucesso seria recompensado.

Jacky Flay não disse palavra desde que permitiu Wexford interrogar Kaylee. Ela ficou sentada ali, apática, com os braços em volta da cintura da menina, virando a cabeça de um lado para o outro, fazendo com que seu cabelo ficasse mais acessível para Kaylee. Ela parecia estar gostando desse carinho bruto, deixando-os serem puxados. Vine lhe perguntou a respeito da noite em que esteve no Rat and Carrot.

— Foi sozinha ou com Patrick?

— Eu não gosto quando você e papai saem de noite, disse Kaylee.

— Ora, você sabe que a tia Josie mora ao lado.

— Eu não gosto da tia Josie.

— É claro que gosta, Kaylee. Você gosta da tia Josie. Você fica feia quando diz que não gosta.

— Você feia, disse Kaylee. — Sair e me deixar sozinha. Eu posso me queimar num incêndio, ou aquele tarado pode vir me pegar.

— Sra. Flay, eu perguntei, se a senhora e o seu companheiro foram juntos ao Rat and Carrot naquela noite.

— E se a gente foi? Para de puxar, Kaylee, você está me machucando.

— A senhora ouviu alguém no bar descrevendo como fazer uma bomba incendiária?

— Eu não sei do que o senhor tá falando, disse Jacky. Kaylee desceu do colo da mãe. Ela escorregou até o chão, subiu numa outra cadeira e ficou sentada lá com as pernas dependuradas.

— Papai, disse ela fazendo um comentário, — Pegou duas garrafas e colocou um negócio fedorento dentro delas, horrível, e ele enfiou meias dentro delas, as meias eram minhas e tavam pequenas, e ele tirou mais coisa fedorenta do aquecedor no meu quarto e botou nas meias, aí ele disse que eram bombas incendiárias para matar o papa-anjo.

Jacky Flay soltou um grito. Deu um salto na direção de Kaylee, com um braço levantado, mas a menina se esquivou da mão dela e Vine, sem entender onde estava se metendo, pegou-a em seus braços e a levantou no ar.

* * *

A Sra. Probyn estava acompanhando alguém até a porta quando eles chegaram. A mulher que estava de saída era muito parecida com Jane Andrews, numa versão mais feminina, sem dúvida era sua irmã. Ainda que fosse uma visita surpresa, a Sra. Probyn pareceu radiante em vê-los e os apresentou à filha na soleira da porta.

— Esta é minha filha, Sra. Sharpe. Esses são os policiais sobre os quais eu estava falando contigo, Louise, aqueles que tinham um assunto importante para tratar com Jane que, é claro, não me deixou ouvir o que era.

Ela deu um sorriso cúmplice só para mostrar à boa filha que aquele tratamento já era de se esperar da outra, a filha problemática. Louise Sharpe era mais robusta do que a irmã, e menos chique, apenas suas joias, muito caras, um enorme diamante no anel de noivado no mesmo dedo que a aliança de casamento, os brincos de diamante e um relógio Cartier no pulso esquerdo davam algum sinal de sua riqueza. Afora isso, ela vestia uma saia comprida estampada com flores e um suéter de ginástica que trazia a logomarca de um famoso fabricante de material esportivo. Seus cabelos castanhos desarrumados precisavam de um bom corte e, a não ser por uma coisa preta lambuzada em volta dos olhos, estava de cara lavada. Ela deu um beijo na mãe, mas que na verdade foi apenas uma bicada no ar a pelo menos cinco centímetros do rosto dela, explicando que precisava ir embora, pois não queria deixar, nas atuais

circunstâncias, "os empregados novos" muito tempo sozinhos. Após dizer a Wexford e Burden que foi um prazer conhecê-los, essa expressão ridícula, trocada quando absolutamente nada foi dito entre as pessoas, ela desceu o caminho na direção do carro, uma Mercedes nova vermelha.

— A sua filha mora numa casa grande? Perguntou Wexford, enquanto a Sra. Probyn impelia os dois para a sala de visitas, onde era desencorajada de ficar.

— Louise? Ah, sim, é uma casa enorme, com seis quartos e três banheiros... Ela está muito bem de vida, como acho que disse aos senhores. A Sra. Probyn soltou uma risadinha satisfeita. — Noblesse oblige, os senhores sabem como é. "Como a maioria das pessoas, ela parecia não fazer ideia muito clara do significado da expressão", pensou Wexford. — Acho importante manter as aparências, o senhor não acha? Devo dizer que a pobrezinha da Jane faz o melhor que pode. Ela costuma ter lindos cabelos compridos, sabe, mas precisou cortá-los. Disse que dava trabalho demais, ora essa! Louise parece bagunçada a maior parte do tempo, mas esse jeito descuidado que ela tem não se estende pela casa, fico feliz em dizer. Ela tem uma casa realmente maravilhosa, um lar que seria realmente abençoado para uma criança, que pena, eu sempre digo, que ela não tenha tido filhos.

— Ela nunca pensou em adotar? Arriscou Burden.

— Sim, de fato ela tentou adotar um bebê de um desses países, Romênia ou Albânia, um desses lugares do Bloco Oriental, como os entendidos chamam aquela região. Ela estava com a papelada toda, mas alguma coisa deu errado, não me pergunte o quê, e então, é claro, o pobre do James morreu, o marido dela. A Sra. Probyn deu uma risadinha e cobriu a boca com a mão, como uma colegial. — Mas não devo falar sobre isso. Jane vive dizendo que eu faço fuxico demais e para eu parar de ficar contando histórias da família. Mas sempre respondo a ela que esse é o único assunto que eu tenho. De que mais posso falar? Eu não sou exatamente alguém que circula pelo grand monde, sou? Não frequento os corredores do poder, frequento?

Eles foram salvos de uma resposta pela entrada de Jane Andrews na sala, alertada sem dúvida pelo ruído das risadinhas e a voz elevada da mãe. Hoje, ela estava elegante, trajando um vestido negro acima dos joelhos e um blazer amarelo, deixando de lado a imagem masculina, mas parecia apavorada.

Estava branca, por baixo da maquiagem pesada. Wexford tinha pensado que sua aparência melhoraria com o uso de cosméticos, mas mudou de ideia. O rosto dela era uma máscara pintada. Ela nem tentou dessa vez expulsar a Sra. Probyn da sala.

— Eu estava trabalhando lá em cima, disse. — Não ouvi a campainha.

— Eles não tocaram a campainha, Jane. Chegaram justo na hora em que Louise estava saindo e a porta estava aberta.

— Ah, Louise esteve aqui? Jane Andrews parecia que ia falar mais alguma coisa, mas mordeu a língua. — Eu não a ouvi chegar. Foi o que acabou dizendo.

— Ela veio me ver. A satisfação descarada da Sra. Probyn fazia com que ela parecesse senil. — Nem todos que chegam a esta casa buscam a sua companhia, se lembre disso, minha cara, por mais difícil que seja para você suportar isso. Jane Andrews se virou para Wexford.

— A respeito de que o senhor queria me ver? Foi Burden que respondeu a ela. Ele disse calmamente:

— Srta. Andrews, sabemos que o seu relacionamento com Stephen Devenish não é sexual. Mas a senhora mantém algum tipo de relacionamento com ele, não é verdade?

O efeito disso sobre ela foi surpreendente. Ela explodiu numa gargalhada. Uma gargalhada do tipo que não era de alguém se divertindo, só de incredulidade e espanto com a loucura das suposições humanas. Revelava também alívio.

— Eu nunca poderia imaginar algo assim, disse ela. — Mesmo vindo da polícia. O que eu posso fazer para deixar claro o quanto menosprezo e odeio Stephen Devenish? Como posso explicar a vocês o filho-da-puta que ele é?

— Olhe os modos, Jane, disse a Sra. Probyn. Wexford a ignorou.

— A senhorita já fez isso, disse. — Ou melhor, a senhorita nos deixou com uma impressão bem forte disso. Talvez possa agora nos fornecer detalhes. Ela hesitou. Sua própria veemência a deixou, aparentemente, encurralada.

— Ele é um grande filho-da-mãe, disse, pouco mais calma.

— Isso a senhora já disse. Mas existe uma razão para a senhorita afirmar isso? Ou isso é um caso para o Rum Creosotado?

— Para o quê? A Sra. Probyn começou de súbito a recitar:

Veja, ilustre passageiro, O belo tipo faceiro que o senhor tem ao seu lado, No entanto, acredite, quase morreu de bronquite, salvou-o o rum creosotado.

Ele pensou que isso fosse deixar a filha enfurecida. Mas, para surpresa sua, fez com que ela risse, tornou-a humana.

— Essa eu nunca tinha escutado, mamãe, disse ela, e em seguida para Wexford: — Eu com certeza não amo Stephen, tenho profunda ojeriza a ele, e é claro que posso lhe dizer por quê. Ele é um tirano machista, transformou Fay na escrava dele, ele tiraniza aquela casa como o déspota e eu o odeio.

— E talvez a senhorita tenha extravasado isso, razão pela qual sua amizade com a esposa dele terminou? Talvez a mulher dele seja uma esposa leal que não tolera críticas sobre esse marido, a quem, obviamente, é muito apegada? Ela deu de ombros.

— Pode ser. Eu não creio que ela goste disso. Eles já não têm amigos, nenhum dos dois. Bem, pode ser que ele tenha algum no trabalho, companheiros, amizades de negócio, se é que se pode chamar esse tipo de gente de amigo.

— Ou talvez nada disso seja verdade. Talvez essa inimizade declarada dele em relação à senhorita, e indiscutivelmente da senhorita em relação a ele, seja um disfarce para acobertar uma amizade e uma aliança. Ela se inclinou para frente, ia tentar falar alguma coisa. Wexford levantou a mão para que esperasse. — Só um momento, me deixe terminar, por favor. Eu não estou sugerindo, como já foi mencionado aqui, que exista ou tenha existido qualquer tipo de relacionamento que envolva sexo. Quero dizer que o Sr. Devenish pode ter alguma utilidade para a senhora, e vice-versa. Apenas isso. No mais, só queria dizer que se houvéssemos gravado essa conversa e fôssemos capazes de escutá-la de novo, até a senhorita diria que seus protestos dizendo o quanto o despreza foram violentos demais para serem críveis.

— Se o senhor está sugerindo, e eu acho que está mesmo, disse Jane Andrews, voltando a ser agressiva, — Que eu, ou melhor, eu e Stephen Devenish abduzimos a filha dele e a estamos mantendo nesta casa, então o senhor é maluco.

— Jane! Exclamou a mãe.

— Ah, mamãe, isso mesmo. É isso que eles pensam.

— Mas você não gosta dele. É por isso que a gente nunca mais viu a

querida Fay, não é? Porque o Sr. Devenish e você não se entendem.

* * *

O velório de Ted Hennessy aconteceu no dia seguinte. O chefe de polícia e o chefe de polícia adjunto estavam presentes, da mesma forma que Wexford e toda a equipe, além dos membros do Esquadrão Criminal Regional, o vice-ministro da justiça e um primo de Hennessy, que calhou de ser um comediante famoso da televisão. A BBC, que gravou toda a cerimônia, não porque houvesse um ministro, mas devido à presença do comediante, mostrou a matéria no noticiário da tarde. Mitchell se aproximou dele, quando já estava de saída, para dizer o quanto lastimava a morte de Hennessy.

— Nós estamos fazendo uma coleta no Muriel Campden, para a coitada da viúva do sujeito. Ele deu uma olhadela sinistra para Carl Meeks. — Bom, pelo menos alguns entre nós estamos.

Quando voltou para o carro, Wexford comentou com Donaldson que era a intenção que contava, e perguntou se o rapaz sabia o que foi feito da gabardina dele.

— Uma tal Sra. Hebden foi até o carro e disse que o senhor estava na casa dela, senhor. Ela disse que, como fazia um dia lindo, pra variar o senhor iria voltar a pé e me pediu que desse a ela a capa de chuva do senhor, que ela ia levar pro senhor.

— E você deu?

— Sim senhor, dei. Não fiz nada de errado, fiz, senhor? Wexford não respondeu.

Voltou para a sua sala, onde tinha um encontro agendado com Lynn Fancourt há cinco minutos. Ela estava esperando por ele na sala, tensa, os ombros curvados, roendo as unhas. Não permitindo que transparecesse qualquer sinal de que estava se divertindo, nem a aprovação dissimulada que sentia, ele a repreendeu por cinco minutos sobre a inconveniência de ter esse tipo de atitude, de ter tomado decisões por conta própria e de perseguir objetivos individuais às escondidas, como se ela fosse um detetive particular,

em vez de parte de um time. Não era assim que se conseguiam promoções. Isso era amadorismo, e não iniciativa. A expressão detetive particular calou fundo em Lynn, "amadorismo" também, mas a moça ficou calada, ainda que balançasse frequentemente a cabeça, concordando vivamente com tudo.

* * *

Bombas incendiárias e bombas de prego. Patrick Flay admitiu que fabricava os dois tipos em sua cozinha na Glebe Road. Ao ser indagado por Barry Vine, numa sala de interrogatório na delegacia de Kingsmarkham, ele disse primeiro que só as fez para ver se funcionavam, mas acabou confessando que fabricava as bombas para vender.

— Vender pra quem?

— Os senhores iam ficar muito surpresos, disse Flay. Ele estava ficando cada vez mais seguro de que não havia feito nada de errado, ou melhor, que não cometera crime nenhum, só uma contravenção. — Tem um mercado de armamentos. É uma indústria. Não vê isso na televisão? O fornecimento de armamentos é um negócio importante no mundo inteiro.

— Você está falando de tanques, canhões, mísseis e do resto, disse o policial detetive Archbold, — Não de reles garrafas de concentrado de frutas cheias de gasolina.

— Nem tão reles assim, disse Flay, — Quando a gente pensa no que elas podem fazer. O engraçado, sabe, é que tá difícil hoje em dia conseguir uma garrafa de vidro. Tudo é agora em latinha ou de plástico.

— Você ia me dizer para quem vendeu as bombas incendiárias, disse Vine.

— Ia? O senhor me desculpe, mas acho que não me perguntou. Pra dizer a verdade, eu nunca vendi nenhuma delas. Eu dei uma delas de presente, como amostra, junto com uma das minhas bombas de prego. Então, Flay fez uma cara piedosa, — Então, por causa dessa tragédia que aconteceu aqui, eu destruí todo o meu estoque. Pode revistar tudo se quiser, fica à vontade.

— Nós vamos revistar, pode estar certo disso. Você, então, não teve lucro com elas. A quem você deu a amostra?

— Colin Crowne, disse Flay.

— Isso você já disse antes. Crowne estava acamado, com herpes-zoster.

— Eu não tenho culpa disso. Eu não sei o que ele fez com ela. Só sei que eu dei ela pra ele no Cenoura Roída. E não adianta ficar me perguntando se eu sei quem atirou o troço, se é que foi a minha, porque eu não tava lá. O senhor tirou essa história toda da minha filha Kaylee, não foi? Nem precisa negar. O senhor tirou isso tudo dela quando a mãe dela estava fora da sala, o senhor deve ter enganado ela pra ela contar isso, ela só tem quatro anos de idade e isso que o senhor fez é ilegal.

— Sua mulher esteve presente durante toda a entrevista, disse secamente Vine.

— O senhor pode contar isso pro juiz, disse Flay, — Depois que o chefe de polícia ler meu depoimento sobre o senhor.

Um mandado de busca e apreensão foi expedido e a casa da qual Jacky Flay era a locatária, foi revistada. Nada foi encontrado, nem bombas de prego, nem de gasolina, nem mercadoria roubada.

* * *

Dezessete

OS DOIS MENINOS eram parecidos com o pai, mas de maneiras distintas, cada qual favorecendo aspectos diferentes dele: Edward tinha sua altura, seus cabelos escuros e ondulados, a testa larga e o nariz reto, enquanto Robert compartilhava a cor de seus olhos, a boca de lábios cheios, as maçãs do rosto bem definidas e a elegância de movimentos. A mãe deles não parecia ter contribuído em nada para a composição genética dos dois; não se podia identificar nenhum traço dela naqueles jovens rostos. Será que a menininha se parecia com ela? Isso, Wexford não tinha como saber. As pessoas do Condomínio Muriel Campden e da região da Glebe Road não somente tinham registros de seus filhos em álbuns de fotografias, como também em filme. O casal Devenish da Ploughman's Lane tinha apenas um retrato, tirado por um jornal quando Sanchia, passeando em seu carrinho de criança, ainda era bebê.

— Não tiramos retratos de gente, explicou Edward, como se isso fosse uma explicação. — Tiramos de locais.

Wexford estava interrogando cada um deles individualmente, na presença, é claro, da mãe. Ele primeiro pediu que Edward voltasse a memória para o momento em que Sanchia havia desaparecido, que ele fechasse os olhos e tentasse recriar aquela noite, começando pela hora exata em que tinha ido para a cama, o momento em que havia apagado a luz e quanto tempo tinha levado para adormecer. O menino obedeceu, ou Wexford achou que ele estava obedecendo, ao lhe dizer que não lia muito, e nunca na cama. Que estivera brincando com um jogo de computador e o tinha deixado ligado sem querer, de modo que esse ainda funcionava quando ele acordou durante a noite, sendo obrigado a se levantar para desligá-lo.

— O que lhe acordou? Perguntou-lhe Wexford. O menino disse que não sabia o que foi e acrescentou, revelando com isso um primeiro sinal de inteligência: — A gente nunca sabe o que nos acorda, isso porque, até que a gente acorde, já parou. Ele também não sabia que horas eram. Poderia ter sido o ruído de alguém subindo ou descendo as escadas.

— Isso não teria acordado você, Edward, disse Fay Devenish. — Papai e eu frequentemente subimos e descemos as escadas depois de você ir para a cama e você nunca acorda.

— Então não sei, disse o menino, e lançou um olhar para a mãe que Wexford não pôde interpretar. Parecia ressentido, e no entanto, confuso. — Eu disse que não sabia e não sei mesmo.

— Você gosta de sua irmã?

— Claro que gosto. Ela é minha irmã. Fay Devenish começou a chorar. A maioria dos meninos de doze anos, educados como esses haviam sido, num ambiente assim, teria ido até a mãe e colocado o braço em volta de seus ombros, ou pelo menos teria lhe dito para não chorar, tentando reconfortá-la de alguma forma. Edward, porém, permaneceu sentado impassível. Ele desviou o olhar. Ela enxugou os olhos, parecia que estava fazendo um esforço estoico para se controlar. Wexford continuou:

— Você já pensou que poderia ter sido mais feliz sem sua irmã? Como se, por exemplo, ela nunca tivesse nascido?

Fay emitiu um pequeno murmúrio de protesto, o som que uma mulher poderia emitir se tivesse se cortado ou sido picada por um inseto.

— Sinto muito, Sra. Devenish, mas gostaria que ele respondesse. Ela balançou que sim a cabeça, de um jeito um tanto indefeso.

— Edward, responda. O menino, cuja expressão não havia mudado, disse:

— Não sei, acho que me acostumei a ter ela por perto. Ele hesitou. — Suponho que achei esquisito, quero dizer, estranho, ela aparecer quando eu e Robert já estávamos tão crescidos.

— Mas você nunca pensou em machucá-la de alguma forma, pensou?

— Inspetor-Chefe, sinto muito, mas não posso permitir isto. Até onde ele sabia, Fay nunca havia se mostrado tão determinada. Seu rosto estava corado e os olhos brilhavam. — Não posso ficar sentada aqui escutando o senhor lhe fazer esse tipo de perguntas.

— Muito bem, Sra. Devenish. É só, Edward.

— Posso ir agora?

— Pode. E diga a seu irmão que ele é o próximo.

Robert era menor que Edward, mas provavelmente atingiria a altura dele dentro de dois anos. "Muitas crianças, especialmente meninos, têm expressões inquisitivas ou confusas, o que não era de surpreender", pensou Wexford, quando se considerava o estado do mundo em que eles estavam vivendo. Mas havia algo mais do que isso nos olhos daqueles dois, algo compartilhado entre eles, mas que já havia observado em uns outros poucos, uma expressão de perplexidade amargurada. Ficava particularmente evidente quando eles olhavam para a mãe. Ele perguntou a Robert a respeito daquela noite, mas o menino se lembrava de ainda menos coisas que o irmão. Quanto à pergunta se ele gostava de Sanchia, respondeu que achava que sim:

— Gostava bastante. Wexford reparou no uso do verbo no pretérito, ainda que Fay Devenish não parecesse ter reparado. Ela, porém, emitiu um som de assombro quando Robert disse: — Ela está morta não está? Os meninos na escola dizem que ela está morta.

— Robert, você conhece uma amiga de sua mãe chamada Jane? Srta. Jane Andrews? Antes que o menino pudesse responder, Fay rapidamente, rápido demais até, disse:

— Ela não é minha amiga.

— Robert?

— Acho que sim. Faz muito tempo. Nós não vemos ela mais. Wexford disse que não tinha mais nada para perguntar a ele. A criança foi embora, e a mãe voltou a chorar.

— Ela não é amiga minha, não é. O senhor não deveria ter dito isso na frente dos meus filhos.

— É compreensível que a senhora esteja perturbada, mas, como estou aqui, tem uma ou duas coisas que eu ainda gostaria de deixar claro.

— Tudo bem, mas o senhor não deveria... Ahh, de que adianta? Ela tirou alguns lenços de papel da caixa que estava sobre uma mesa lateral, secou os olhos e assoou o nariz. — Não vou chorar mais. O que quer saber?

— Não é tanto o que gostaria de saber, mas o que gostaria de ter. Quando lhe pedi uma foto de Sanchia, a senhora só me ofereceu uma da família reunida. Eu a recusei naquela hora, mas agora gostaria de tê-la. Ela é

melhor do que nada.

— Meu marido vai chegar num instante.

— Ótimo. É melhor que a senhora não fique muito sozinha. Mas isso não é razão para que não procure uma foto para mim. Tudo que temos no momento é uma pobre foto borrada tirada pelo Courier, e não é sequer o original.

— Eu vi essa foto no jornal, disse ela, como se estivesse respondendo a ele, como se estivesse explicando. — Quem foi que a tirou? Eu nem sabia que estavam fotografando minha filha.

— Talvez a senhora possa procurar a foto agora. A certeza de que o retorno de Devenish para casa terminaria com tudo de útil que ele poderia realizar ali, lhe deu um senso de urgência. — Por favor, Sra. Devenish.

Ela saiu, relutante. Eles estavam na sala e ele a ouviu entrar no escritório e, depois, subir as escadas. Por que, perguntou a si mesmo mais uma vez, a menina desaparecida não queria, ou não sabia falar, por que os olhos daqueles meninos estavam tão perturbados, e uma nova pergunta, que também não teria resposta, por que a mãe havia chorado quando ele só havia perguntado ao seu filho mais velho se ele gostava da irmã. E, agora, por que essa aversão a Jane Andrews, ao ponto de fazer com que o simples fato de se atribuir uma amizade entre as duas provoque o choro nela? Ela voltou, e ele notou algumas mudanças nela: havia passado pó de arroz no rosto e maquiado os olhos e a boca, passado perfume e trocado os sapatos por um par mais elegante. Alguma coisa havia sido feita para que o cabelo parecesse ter mais volume, e o resultado havia sido borrifado com laquê.

— Aqui está, disse. — Infelizmente, é o melhor que posso fazer. Duas fotos. Bastou uma olhada para ele ver que eram de casais, ou de grupos de pessoas, que não havia uma sequer só da menina, mas não era hora de examinar com mais atenção. Fay Devenish se sobressaltou com o ruído da chave de seu marido na fechadura. Wexford rapidamente disse:

— Posso levá-las? Claro que eu as devolverei.

— Sim, pode.

Poderia ser uma espiã que estava passando os planos para um agente inimigo, de tão baixa e apressada soava a sua voz; ela estava mais para um suspiro que para um sussurro. Ela se levantou, alisando o vestido como se

pudesse se livrar do cansaço, da dor e da ansiedade.

— Já estava de saída, disse Wexford, ao mesmo tempo em que Devenish entrou na sala.

O sujeito beijou a mulher. Foi um beijo longe de ser displicente, era um beijo apaixonado, "o tipo de beijo", pensou Wexford um pouco constrangido, "que nunca devia ser dado, ou recebido, na presença de outros". Os lábios de Devenish se demoraram sobre a boca passiva e entreaberta de Fay, antes dele se afastar lentamente. Ele estendeu a mão para Wexford, sorridente, caloroso, e disse, surpreendentemente, que lamentava estarem dando tanto trabalho à polícia. Wexford resistiu dizer, como sempre repetia, que estava apenas fazendo seu trabalho. Ao caminhar de volta para seu carro, ele se perguntou se era sua indignação ou a Sra. Devenish teria preferido que ele tivesse ficado o mais tempo, que ela teria ficado contente se ele houvesse voltado a se sentar e repetido toda a conversa. Ela, no entanto, tinha se vestido para a volta do marido e havia correspondido agradecida ao seu beijo.

— Estive pensando a respeito do menino mais velho, Edward, Wexford disse mais tarde a Burden no Europlate. — Aquelas crianças não deixam escapar muita coisa. São espertas e dissimuladas, os olhos são desorientados. Fiquei até me perguntando se teriam sofrido abusos.

— Pelo pai? Indagou Burden.

— Imaginaria que sim. Não há provas. É possível que esse caso do Tommy Smith tenha posto essa ideia na minha cabeça, e não é nem uma ideia, é mais um pensamento sem base.

— O fato é, disse Burden, — Que abusar de crianças está na moda. Não se pode abrir um jornal sem ler a respeito de um novo caso tenebroso em algum lugar. É terrível, mas não é tão comum assim, e não posso imaginar Stephan Devenish num papel desses.

— Eu já não tenho tanta certeza. Ele parece capaz de violências e sabemos que tem mau gênio. O que você vai comer? Hoje tem três tipos de arenque com batatinhas... Isso é sueco... E até um gulache húngaro. A Hungria está na União Europeia?

— Só Deus sabe, disse Burden. — Estou lendo o cardápio no quadro negro. Para beber, a inevitável água com gás?

— Quando encontrarmos a menina tomaremos uma garrafa de champanha Veuve Clicquot. Wexford pediu arenque com batatas e Burden, bacalhau português.

— Bacalhau seco e salgado preparado com alguma coisa a mais. Comemos isso no ano passado quando estivemos no Algarve.

— Parece asqueroso. Eu consegui algumas fotos da menina com a senhora Devenish. Quer vê-las? Não são lá grande coisa, na verdade são só fotografias de família fora de foco. Burden lançou um olhar rápido sobre as fotos que Wexford havia posto em cima da toalha de mesa.

— Pior que inúteis, eu diria. Nem sei por que você está se importando com elas. Ou foi Devenish quem a levou, ou um dos filhos dele.

— Se foi um dos meninos, Sanchia está morta. Burden olhou para ele.

— Você quer dizer que Devenish pode ter escondido a garotinha em algum lugar, contratado uma babá e instalado a menina, ela e a babá, num apartamento alugado em algum lugar? Isso é uma possibilidade. Mas, se um dos irmãos a levou, ele deve tê-la matado. Não teria onde escondê-la e, pelo que posso ver, nenhuma vontade de escondê-la. Ele teria levado a irmã por ciúmes de sua posição junto à família, e depois a matado para tirá-la do caminho... E então?

— Escondido o corpo. Wexford serviu água mineral para ambos. — Em algum lugar próximo da casa. A mãe dele disse que ele sabe dirigir. Talvez saiba. Pode ser que, teoricamente, ele até possa dirigir um carro, mas duvido muitíssimo que tenha conseguido manobrar o carro para fora daquela entrada da propriedade durante a noite. Os dois são meninos grandes, qualquer um dos dois a poderia ter carregado, e ela não teria chorado se um deles a tivesse tirado do berço. Então, se foi Edward ou Robert, ele matou a irmã em algum lugar do jardim, possivelmente estrangulando-a, e estamos de volta para sua ideia.

— E, então, o quê? Ambos são fortes o bastante para carregar uma criança de três anos por uma certa distância, mas cavar uma cova e enterrá-la? Quanto tempo seria preciso para fazer isso? Será que eles saberiam o que e como fazer?

A comida foi trazida pelo dono do Europlate, um homem gordo que, por alguma razão, apesar de não ser ele o cozinheiro, sempre trajava um engomado e impecável avental branco. Na opinião de alguns de seus clientes, fazia isso para se dar ares de francês. Ele combinava em seu visual vários

aspectos supostamente típicos de muitos membros da UE, tendo os cabelos e os bigodes pretos como os de um toureiro espanhol, o perfil simétrico de lábios finos dos escandinavos, a pele trigueira dos gregos e as maçãs do rosto salientes dos eslavos. Alguns diziam que ele se chamava Henri, outros diziam que era Henrik, ou Heirich, e atendia a todos esses nomes. Mas seu inglês era falado com o puro sotaque da Baixa Escócia e, agora, enquanto estava colocando os pratos na mesa, dava sua opinião de que um "tiquinho" de peixe era o bastante para deixá-los dispostos pelo resto do dia, porque alimentava o cérebro.

— Bem que preciso de um pouco disso, disse Burden quando Henri voltou para os fundos do restaurante. — Sabemos que não foi um dos meninos, não é? Precisa ser Devenish ou, de acordo com meu cérebro, o qual ainda não foi alimentado, tem mesmo de ser ele. Por que ele a levou e onde a instalou, isso não sabemos, mas podemos estar seguros de que, se foi ele quem a levou, ela está viva.

— Pais também matam os filhos, você sabe disso.

— É claro, e se trata de um crime hediondo, mas normalmente é acidental, resultado de um excesso de violência. Devenish não tinha motivo para fazer isso.

— Nenhum motivo, isso em sua opinião. Que tal ciúmes? Que tal se ele a visse como a única pessoa com o poder de se meter entre ele e sua mulher? Capaz de separá-lo da mulher? Ele parece apaixonado por ela. Ele a cumprimenta tão apaixonadamente como se tivessem se conhecido há um ano e estivessem separados há seis meses. Sabemos muito a respeito dessas pessoas a esta altura, Mike, mas sabemos muito pouco a respeito dos sentimentos delas. Aliás, o que sabemos realmente sobre os sentimentos alheios, mesmo quando se trata das pessoas mais próximas e queridas? Talvez Devenish não gostasse da filha e se ressentisse dela. Talvez, Sanchia fosse a preferida da mãe, mais querida que os irmãos, mais querida até do que ele?

— Às vezes, eu gostaria, disse Burden, — De poder lidar com pessoas normais comuns.

— Será que existe alguma? Você já se deu conta, Mike, de que foi você quem inventou um cenário viável para Devenish se encaixar? Não acho que você tenha feito de propósito, mas, mesmo assim, o fez. Ele abusou sexualmente dos filhos e, agora, se voltou para a menininha. Isso acontecia durante a noite, na cama dela. Ele na verdade não toma comprimido para

dormir, só diz à mulher que tome. Naquela noite ele a visitou, como de costume, matou-a acidentalmente, carregou seu corpo para baixo e o enterrou no jardim.

— E o carro?

— Então, não foi no jardim. Você tem razão. Ele levou o corpo para algum lugar e o enterrou. Burden descansou a faca e o garfo no prato. Limpou a boca num guardanapo azul-escuro com o logotipo da UE no centro e pegou o cardápio. De repente, disse:

— Não tenho mais vontade de comer. Ia pedir a Sobremesa Inglesa de Verão à Moda Antiga ou o zabaglione, mas toda essa conversa sobre o que Devenish pode ter feito ou não com a menina cortou meu apetite. Bobagem, não? Geralmente não sou assim.

— Vou pedir uma sobremesa, disse Wexford decidido. — Vou comer uma coisa chamada roed groed, a qual tenho certeza de que não sei pronunciar corretamente. Como disse Henri, preciso alimentar meu cérebro.

— Você vai prendê-lo?

— Henri?

— Não, Devenish, é claro.

— Ainda não, disse Wexford. — Ele não vai fugir. Tem absoluta certeza de que está seguro. Eu diria que ele sempre está seguro em tudo o que faz. Sabe o melhor, sabe o certo, Devenish controla tudo bem. É sem dúvida o segredo de seu sucesso: confiança total nele próprio.

— Gostaria de ver o que vai acontecer com essa famosa confiança, disse Burden, malevolente, — Quando o levarmos ao tribunal.

* * *

— Tenho um jantar com um cliente... Está lembrada?

Houve um tempo, quando seu marido fazia essa observação, e a fazia dez minutos antes de partir para seu compromisso, que Sylvia, para usar as palavras dele, soltava os cachorros. Era sabido que ela já havia se encostado à porta da frente, mantendo-a fechada, enquanto lhe passava um sermão sobre seus direitos de mulher, dizendo que os filhos eram tanto dele quanto dela. Hoje, contudo, havia passado a metade do dia num seminário intitulado "Abuso psicológico nos relacionamentos" e foi isso, ou então, o que era mais provável, o fato de suas experiências no Hide a estarem afetando, de modo

que ela se perguntou se o conferencista daquele dia não a teria acusado de, em muitas ocasiões, ter perpetrado abuso verbal. Ela se acalmou, gostava de se imaginar sendo virtuosa, direita e politicamente correta, e se forçou a dizer palavras agradáveis:

— Tudo bem. Estou num turno curto, o das oito à meia-noite, então pedirei à minha mãe para ficar com Tom e Robin, está bem?

— Seria, talvez, o melhor, disse ele, de maneira abstrata, para concluir: — Faça como quiser. Preciso ir, senão vou me atrasar.

O que ela esperava? Que ele ficasse de joelhos? Um beijo de despedida? A porta da frente se fechou atrás dele. Ela ligou para a mãe, fez a mala dos meninos com os pijamas e as roupas para o dia seguinte. Eles ainda estavam gozando as férias do meio do ano, de forma que o pai dela não precisaria levá-los à escola. Será que ela conseguiria se segurar, continuar a ser agradável com Neil, se ele, na maior parte do tempo, agia como se ela não estivesse ali? Será que um dia fariam sexo novamente? Será que ela faria sexo novamente, pois não conseguia se imaginar com outro homem?

Pôs os filhos no carro e dirigiu até a casa da mãe. Era uma coisa estranha, mas frequentemente trabalhava tanto que nem reparava no clima e já eram seis da tarde quando notou pela primeira vez que não estava chovendo e ia ser uma noite agradável. O céu parecia estar diferente, mais nublado, com pouca transparência, e a massa de nuvens havia se dividido numa delicada plumagem. Uma lua cheia, como deveria ser a dessa noite, sempre tornava o trabalho na Helpline menos estressante. Após um contato especialmente perturbador com uma mulher na Helpline, ela gostava de ficar à janela, de observar a lua flutuante e contemplar os jardins banhados pelo pálido e frio luar. Isso era, na verdade, uma terapia para ela. Seu pai fazia o mesmo, talvez ela tenha pegado isso com ele. Ter como modelo o pai em vez da mãe não era nada bom, disse o psicólogo que havia dentro de Sylvia. Ela poderia ter jurado que naquela noite a lua havia avançado, bem, claro que avançava, mas não tão rápido, não de modo que pudesse vê-la avançar. Ocasionalmente, terapeutas aconselhavam seus clientes a aliviar a pressão observando o tranquilo movimento de peixes dourados nadando em círculos. Bem, a lua era seu peixinho dourado.

Ainda faltava muito tempo para o cair da noite. O sol aparecia palidamente no momento em que chegou. Seu pai saiu ao seu encontro e para dar as boas-vindas aos meninos. Ela sabia que ele estava tentando ser mais gentil com ela, do mesmo modo que ela tentava ser mais agradável com Neil, e se ela sentia um certo ressentimento pelo fato de que seu próprio pai tivesse de tentar, não o demonstrou. Após retribuir o beijo, perguntou, mas só para ela mesma, o que havia de errado com ela, como pessoas relativamente desconhecidas, como aquelas no Hide, podiam gostar todas dela, enquanto que sua própria família...

— Fica um pouquinho? Ele pediu a ela. — Estávamos no jardim. Foi quase a primeira chance que tivemos este ano. Vou esperar você partir, e então levarei os meninos até o rio.

Costumava se irritar porque sua mãe cuidava do jardim, além da casa e da cozinha. Hoje, esse tipo de feminismo era muito antiquado. Nunca tinha levado em conta o fato de sua mãe gostar das coisas que fazia e de ela se sentir muito à vontade sendo dona-de-casa. Foi se sentar numa cadeira de vime e a mãe trouxe uma bandeja de limonada caseira, bem gelada com rodelas de limão e açúcar nas bordas dos copos.

— Você tem fotos novas. Ela não tinha realmente prestado atenção, à parte ter observado que eram fotos, mas no momento em que as pegou, as examinou.

— São do seu pai, alguma coisa a ver com o trabalho dele. Ele esvaziou os bolsos sobre a mesa. Dora riu. — Você sabe como ele faz.

Chaves, moedas para troco, um lenço branco, perfeitamente passado, outra razão que a levava, no passado, a pontificar contra a supremacia do macho, e essas fotos. Ela pegou a de cima. Mostrava uma família, um homem, uma mulher, dois meninos, um deles um pouco mais velho que seus próprios filhos, um bebê nos braços da mulher. Eles estavam num jardim em frente de uma casa, que Sylvia reconheceu imediatamente. Ficava na Ploughman's Lane. Outrora, ela havia morado no fim da rua, embora numa casa um tanto mais modesta. Aquela ali se chamava Woodland Lodge. Ela, em sua mente, podia ver a placa com o nome ao lado dos portões de entrada para carros. Era sem dúvida uma das melhores casas das redondezas. Havia

entrado uma vez lá, quando estava arrecadando fundos para uma obra de caridade, e se lembrava da ampla e elegante escadaria e dos lambris talhados no interior.

Na ocasião, ou essas pessoas não estavam lá, ou, se estavam, ela não os reconhecia. A mulher que a deixou no saguão enquanto foi procurar uma nota de cinco libras era uma senhora idosa. Mas fazia vários anos que isso aconteceu, numa época em que seus próprios filhos eram muito pequenos e quando ela e Neil ainda se davam bem... Passou para a próxima foto, e a seguinte. Nessa, o bebê já estava mais crescido, talvez um ano mais velho. Impossível dizer se era menino ou menina, o cabelo era muito curto, a criança estava sem nenhuma expressão, e suas roupas eram o uniforme da criança moderna: calças e suéter de moletom. A mãe e a criança estavam sozinhas, e Sylvia examinou essa foto com atenção, pondo-a na mesa com um suspiro.

Wexford saiu da casa e se sentou em frente a ela. Ele pegou a foto que ela já tinha visto e ficou observando-a enquanto ela examinava as duas restantes. A criança não aparecia claramente em nenhuma das duas, porque o menino, ou menina, havia virado o rosto da câmera. O pai da família era de longe o membro mais notável, ele apequenava a mulher e os filhos; seu sorriso largo fazia com que o sorriso deles fosse sem graça.

— Me diga uma coisa, papai. Como foi que Santa Ágata morreu?

— Não me pergunte. Tem um dicionário de mártires na sala. Pensou a respeito. — Está junto com os outros dicionários, na terceira estante de baixo para cima. Sylvia entrou na casa e voltou com o Livro dos Mártires. Ela não o abriu, mas, em vez disso, pegou novamente uma das fotos.

— Suponho que você não vai me dizer quem são estas pessoas.

— Há alguma razão para que você queira que eu lhe diga?

— Apenas que a mulher é uma vítima da violência doméstica. Ah, você não vê os hematomas, nem as fraturas curadas, mas é o que ela é, e o responsável é sem dúvida esse idiota sorridente.

Atônito, Wexford perguntou a ela como sabia. Ele estivera com Fay Devenish meia dúzia de vezes, sozinho na companhia dela, e junto com o marido, sem que houvesse notado nada. Tinha reparado, é claro, que ela era

uma dona-de-casa meticulosa e à moda antiga e que Stephan Devenish esperava um alto padrão de asseio em sua casa; notou que eles eram reservados e tinham poucos amigos, mas certamente nem de longe...

— Como posso saber uma coisa dessas? É difícil dizer. Só sei que posso. Você acaba sabendo quando está sempre encontrando mulheres na situação dela. Existe um olhar vulnerável, amedrontado e algo de extenuante que aparece nos rostos dessas mulheres, principalmente quando o abuso é mantido por um longo período. Olha agora para ela, papai, sob o ângulo do que acabei de lhe dizer.

Ele olhou. Olhou especialmente para a foto na qual ela estava sozinha com a filha, em pé, no jardim, sorrindo timidamente; uma mulher cautelosa, acanhada, submissa que parecia querer passar completamente despercebida, se somente isso fosse algo que lhe permitissem fazer. Sua linguagem corporal exprimia sua completa relutância em ser fotografada, como se estivesse sendo forçada a isso. A criança estava de costas para a câmera, com a cabeça enfiada na saia comprida da mãe.

— Não há hematomas visíveis, está vendo? Disse Sylvia. — Ele toma cuidado para espancá-la em lugares que não aparecem. Se ele se descuida e porventura deixa marcas em seus braços ou pernas, ela os cobre com mangas e saias compridas.

— Deveria ter me dado conta, disse Wexford. — Eu mesmo deveria ter percebido isso.

— Talvez você tenha de ser treinado para reconhecer uma coisa assim. Sabe, papai, não é só nela que vejo isso, posso ver nele também. A arrogância, a elegância, o charme, o sorriso. Ele faz o tipo. Existem muitos tipos, mas ele é um deles.

Wexford ficou em silêncio durante um momento, pensando nas implicações. O que isso significava para Stephen Devenish? De repente, ele havia se transformado numa pessoa diferente, num monstro tão criminoso quanto o brutamontes que dá um soco em qualquer um numa briga de bar. Se fosse verdade, se Sylvia estivesse certa. Ele refletiu o quanto seria duro interrogar Fay Devenish, e como seria mais difícil para ela responder.

— Você se lembra de que há cerca de duas semanas eu lhe perguntei por que uma criança de quase três anos estava aparentemente muda? E você me deu várias respostas viáveis?

— Papai, você está dizendo que essa criança é a menina que está desaparecida, Sanchia? Ele inclinou afirmativamente a cabeça.

— Essa é a família Devenish.

— Então a razão é simples. Ela não fala porque testemunhou o pai batendo na mãe. Não estou dizendo direto, no sentido de "Minha mãe fala e você bate nela, então não vou correr esse risco, por isso não falo", apesar de ser algo no gênero. Mas é mais complexo, é com certeza um comportamento protetor... Olha o jeito dela se esconder na saia da mãe. E quanto aos meninos? Como isso os afetou?

— Só Deus sabe, Sylvia. Agora que você me contou, posso dizer o que de fato pensei naquela hora: que o mais velho parece estar esperando o momento propício, até que ele tenha idade suficiente para bater no pai.

— Talvez, ou então o pai os está encorajando para que eles batam nela também. Ah, não precisa fazer essa cara, papai! Acontece. E não pergunte por que ela suporta isso, está bem? Para onde é que ela iria? Para onde poderia levar os filhos? Ela não tem como se sustentar, pelo menos, suponho que não, então, quem iria sustentá-la? E ela não conta nada às pessoas porque, acredite ou não, está com vergonha. Está com vergonha, porque mulheres de verdade, mulheres suficientemente bonitas e inteligentes o bastante, e realmente boas donas-de-casa, não sofrem violência. Elas são admiradas e acalentadas. Se ela fosse assim, se somente ela pudesse estar à altura das expectativas do marido, também não seria espancada. Provavelmente ninguém sabe a respeito disso, ou talvez ela tenha contado aos pais, se é que ela os tem, e eles dizem que é exagero dela, que ele é um bom pai de família, fiel, que ela está fazendo uma tempestade num copo d'água. Ou então ela vai e conta a uma amiga e essa lhe diz para deixá-lo, mas que não irá abrigá-la, nem a ela, nem aos filhos, então de que adianta?

"Jane Andrews", pensou Wexford. Ela seria a amiga e confidente. Mas havia ocorrido uma briga e ela havia sido mandada embora, por que ela sabia e Devenish não suportava que alguém soubesse? Ou Fay, como muitas pessoas que confiam a uma outra pessoa seus mais profundos e dolorosos segredos, não conseguia mais tolerar a companhia desta mulher em quem havia confiado? Sylvia, que estava percorrendo as páginas do Livro dos

Mártires, parou, fez uma careta e recuou.

— Meu Deus, ela teve um tipo de mastectomia dupla, cortaram seus seios fora. Gostaria de não ter lido isso!

— Isso foi há muito tempo, disse Wexford suavemente, — E talvez nunca tenha acontecido.

— Mas estava presente na cabeça das pessoas, não estava? Eles devem ter feito coisas assim, ou elas não estariam... Elas não estariam nesse livro.

— Violência e crueldade estão sempre presentes, Sylvia. Ao me contar o que você acabou de me contar a respeito dos Devenish, talvez você tenha diminuído um pouco o que está ocorrendo com essa família. Pense nisso, e não na Santa Ágata.

Depois que a filha foi embora, ele compreendeu que ela também havia lhe mostrado a maneira como a abdução de Sanchia havia sido planejada, como aconteceu, o desalento, o remédio desesperado, a cumplicidade dos outros, o doloroso, mas necessário sacrifício final. Era como se um panorama de revelações, de causas, consequências, e de uma crueldade aparentemente sem fim estivesse se abrindo diante de seus olhos. Ele percebeu o paradoxo da vítima inocente declarada culpada e o implacável responsável emergindo sem culpa. E que diabos ele, Wexford, ia fazer a respeito?

* * *

Dezoito

DESDE a semana anterior, um lago espelhado de flores cobria o pátio em frente à delegacia. Gente que nunca ouvira falar em Ted Hennessy, até mesmo aqueles que só conheciam o Departamento de Investigações Criminais dos seriados de televisão, ou que odiavam a polícia, toda essa gente trouxe flores, debaixo de chuva, deixando-as pousadas no chão com seus invólucros de celofane, que agora brilhavam sob o sol escaldante. Muitos dos nomes nos cartões pertenciam a moradores do Muriel Campden.

Wexford, ao voltar para a delegacia vindo do funeral de Hennessy, tentava imaginar, e não pela primeira vez, a origem dessa paixão atual por flores fúnebres ainda envoltas em papel. Quando foi que começou? O costume talvez tenha se originado, do hábito das pessoas colocarem buquês no local onde alguém morreu de morte violenta, ou num acidente trágico. Teria o costume dez anos? Não mais do que isso. Era quase sempre o caso da pessoa que morreu ser alguém que não se conhecia, alguém distante. Talvez fosse um sinal de uma sociedade que estava se preocupando mais com os outros, isso era algo que recebia todo o seu apoio, mas se perguntava o porquê de ninguém ter pensado em tirar o invólucro das flores, jogar fora o plástico, para que todas essas rosas e cravos não florescessem encobertas.

Ele compareceu ao funeral, mas seu papel foi discreto. Impedido pelo médico de carregar peso, por causa da idade e do excesso de peso, ele viu o caixão de Hennessy ser carregado por Burden, Vine, Donaldson e Cox em seus ombros para fora do carro negro e sinistro do papa-defunto até a igreja de São Pedro. A coroa funerária da Polícia de Mid-Sussex era a mais evidente, enorme e exagerada, feita de estefanotes, gazânias e jasmins, escolhida pelo superintendente de polícia assistente, enquanto que a guirlanda de flores

artificiais de laranjeira de Laura Hennessy e as patéticas duas rosas dos filhos foram postas na frente do esquife. Southby, encarregado do discurso de despedida, disse o de sempre sobre policiais corajosos e sua devoção excepcional ao dever, além do sacrifício da própria vida pelos companheiros e que nenhum homem era tão querido. Mas o pobre do Ted Hennessy não havia realmente se sacrificado por alguém. Ele estava apenas no lugar errado na hora errada.

Wexford ficava deprimido com enterros, não apenas por razões evidentes, mas também porque eles faziam brotar muita hipocrisia e falsa comiseração. Bastava olhar para Southby, meio sentado, meio ajoelhado, cobrindo os olhos com as mãos, sussurrando orações que não repetia desde criança, e sua pressão subia. Eles podiam ir todos, se quisessem, para a casa de Laura Hennessy tomar xerez e comer bolo de frutas. Ele não, e tinha quase certeza de que Burden também não iria. Repórteres e cinegrafistas estavam em todo o lugar. Um flash pipocou em seu rosto quando estava descendo os degraus da igreja e, por um instante, tudo escureceu. Esfregou os olhos fechados e ficou imóvel, tomado do pânico que todos sentimos quando expostos à cegueira, seja ela real ou imaginária. Burden tocou em seu braço.

— Você está bem?

— Acho que sim. Você já imaginou alguma vez que algo de terrível pudesse acontecer com os seus olhos? De estar ficando cego se não fizer imediatamente algo a respeito?

— Todo mundo tem esse pesadelo, disse Burden, surpreso. — Pelo menos todo o mundo com quem falei sobre isso.

— Tem mesmo? Acho isso estranhamente confortante.

Uma multidão havia se reunido na Rua High. Como disse Wexford, só Deus sabia o que essa gente esperava ver. Mas talvez fosse uma atitude semelhante à de levar flores envoltas em celofane, algo que os fizesse se sentir participando, uma espécie de manifestação de que não foram deixados de fora, de que faziam parte desse drama, dessa tragédia humana.

— A morte de qualquer homem me aflige, é por isso que estão aqui?

— Você os está superestimando um pouco, não está? Disse Burden. — Eles só querem aparecer na televisão.

Eles caminharam de volta, sendo fitados pelos transeuntes como se fossem policiais de Marte e não com rostos que podiam ser vistos todos os dias. Wexford ficou em silêncio, pensava em Fay Devenish. Precisava falar com ela, mas ainda não. Uma relutância esquisita em se encontrar de novo com ela tomou conta dele, e ficou se perguntando se todas as mulheres maltratadas tinham esse mesmo efeito nos outros. Elas não eram queridas, precisavam ser repudiadas; ao se tornarem esse tipo de vítimas, eram afastadas do relacionamento humano comum. Essas criaturas passivas eram os derradeiros seres à espera de um exorcismo. Era um comportamento terrível, o seu, e ele o enfrentou apenas por um instante antes de decidir que precisava botar para fora. Ele evitava vê-la, porque tinha de ver primeiro uma outra pessoa.

— Suba comigo. Ele e Burden foram caminhando cuidadosamente entre o lago de flores. — Quero lhe contar uma história para depois você me dar sua opinião. Debaixo do glacê de celofane, as rosas, fúcsias e zínias começavam a fenecer, as pétalas se enrugando, escurecendo nas beiradas, seu perfume sofrendo uma estranha reação química. — Os lírios quando apodrecem cheiram muito pior que as ervas daninhas.

— Não estou vendo lírio algum, disse o sempre prosaico Burden. — Mas entendo o que você quer dizer.

— Um número impressionante de pessoas quer adotar crianças, não quer? Wexford falou quando já estavam na sua sala. — Elas ficam obcecadas com isso. Até mesmo gente que normalmente é respeitadora das leis, principalmente as mulheres, e é difícil para mim dizer isso, esquecem seus princípios e as regras que governavam suas vidas, sendo capazes de infringir a lei de todas as formas possíveis.

— O que você está querendo dizer é algo assim como ir à Romênia e voltar com bebês órfãos, falsificando passaportes e certidões de nascimento?

— Mais ou menos. Você está lembrado da Sra. Louise Sharpe?

— Não. Deveria?

— Ora, por Deus, Mike, só faz alguns dias. Ela é irmã de Jane Andrews.

— Ah, ela! O que ela tem a ver com isso? Com essa história que você vai me contar?

— Espere um momento. Você ficaria surpreso em saber que a Sra. Sharpe tem ficha na polícia?

— Do jeito que vão as coisas, disse Burden, — Eu não ficaria surpreso de saber que qualquer um tem ficha. Eu não ficaria surpreso nem se me dissessem que você é fichado.

— Muito obrigado. Louise Sharpe é viúva... — O que não constitui um crime, a não ser que ela tenha assassinado o velho dela.

— Não tenho razão alguma para imaginar qualquer coisa no gênero. Ele teve um infarto fulminante há dois anos, faltando alguns meses para fazer quarenta anos.

— Seu nome era James Michael Sharpe, era um contador que se meteu com computadores, acertou em cheio e fez fortuna. Ela estava com trinta e oito anos quando ele morreu, e esperava um bebê. A criança, uma menina, teve de ser mantida numa incubadora e acabou morrendo dois meses depois. Ela e o marido, acreditando que fossem estéreis, vinham tentando há cinco anos adotar uma criança antes que ela finalmente engravidasse. Fizeram um levantamento por correspondência, e apareceram dois bebês candidatos, ou seja lá qual for o termo. Mas, em ambos os casos, as mães mudaram de ideia no último momento. Louise Sharpe então engravidou.

— Como você sabe disso tudo?

— Graças à nossa maravilhosa rede de computadores, um bocado de informações está disponível sobre qualquer um que tenha ficha criminal.

— Você não disse ainda o porquê dessa ficha criminal, resmungou Burden.

— Já vou chegar lá. O marido dela morreu e ela perdeu a filha, uma dupla tragédia. Eu não sei o que aconteceu em seguida, visto que só possuo os fatos, e não as emoções. Essa parte eu tenho de imaginar. De qualquer forma, em algum momento no ano seguinte ela renovou seu pedido de adoção, mas a situação era muito diferente. Ela estava três anos mais velha, não possuía mais um casamento duradouro e estável. Suas possibilidades de ser aceita como mãe adotiva em potencial eram praticamente nulas.

A descarga pesada de um motor a diesel fez com que Wexford fosse até a janela. Ele olhou para o caminhão verde e branco lá embaixo, que pertencia à firma que trabalhava para o município, e viu os homens com seus uniformes verdes e brancos de braçadeiras fluorescentes começarem a juntar as flores em montes.

— O que hoje é belo, amanhã será cinza, comentou. — Só que hoje em

dia o belo é jogado num triturador monstruoso.

— Do que você está falando?

— Nada, disse Wexford. — Esqueça. Voltando à Sra. Sharpe. A primeira filha se chamou Nicola e morreu. Sharpe, como eu disse, tinha feito muito dinheiro e deixou sua viúva em ótima situação, como a tagarela Sra. Probyn nos havia dito. Como tinha dinheiro sobrando, ela viajou e comprou um bebê. Para ser preciso, foi à Albânia, onde se pode, ao que parece, comprar bebês ciganos. Ela teve sorte de que não a pegassem lá; só Deus sabe o que teriam feito com ela. Eu não acho que uma prisão albanesa seja um lugar muito agradável de se passar alguns anos. Em vez disso, foi aqui que a pegaram, pois ela havia tentado usar o passaporte que solicitara para a criança morta, Nicola.

— Ela solicitou um passaporte para um bebê doente que só tinha dois meses de vida?

— Gente rica está sempre levando os filhos ao estrangeiro. Talvez ela fosse fazer uma viagem com o bebê quando estivesse melhor, só que ele não melhorou e morreu. Louise Sharpe teve sorte de não ir para a prisão por ter comprado uma criança albanesa. Um psiquiatra, que foi levado a testemunhar no tribunal, disse que ela estava seriamente perturbada, de forma que conseguiu se livrar da prisão com uma multa pesada e a Nicola Segunda voltou para a Albânia.

— Eu estou começando a entender aonde você quer chegar, disse Burden. — Nós temos aqui uma mãe adotiva sob medida, uma mulher que ansiava por um filho, que já tinha até um nome pronto para ele, além de uma certidão de nascimento e um passaporte.

— Acho isso.

— Você quer dizer que essa mulher, essa Louise Sharpe, entrou em Woodland Lodge durante a noite e abduziu Sanchia Devenish? Onde é que entra o próprio Devenish nessa história? E qual é o papel de Jane Andrews?

— Eu acho que posso explicar tudo isso a você.

* * *

Jane Andrews estava mais uma vez metida em seus trajes “unissex”, de cara lavada, com tênis nos pés. Sua ida à delegacia em Kingsmarkham foi voluntária, suspeitou Wexford, porque ela estava muito ansiosa, agora que todo o esquema tinha ido por água abaixo, para contar a história toda. Ela

havia queimado seus cartuchos, não havia como se retratar, e agora tinha de fazer o melhor que podia pela amiga, que pensava ter traído, e pela irmã, que talvez tivesse sofrido um dano irremediável, ainda que tudo fosse feito com as melhores intenções. Ela dispensou o advogado que chamou de início. Na verdade, como disse a Wexford, queria evitar que mais alguém de fora, a não ser que fosse absolutamente necessário, participasse da coisa. Em vez de uma sala de interrogatório, foi para a sua própria sala que ele a levou. Barry Vine e Karen Malahyde haviam ido a Brighton para confrontar Louise Sharpe.

— E trazer a Sanchia-Nicola de volta com a gente? Karen havia perguntado.

— É preciso. A Assistência Social já foi avisada e uma mulher do Departamento de Adoções de Kingsmarkham irá com vocês. É preciso que a Sanchia seja devolvida o mais rápido possível aos pais. Wexford repetiu isso para Jane Andrews quando se sentou, com ela do outro lado da mesa. Ela olhou para o chão.

— Ele vai matá-la, disse calmamente.

— A senhorita está dizendo que Stephen Devenish mataria a própria filha?

— Ele vai matar a Fay. O senhor disse que sabia por que Fay levou a Sanchia embora. O senhor talvez tenha uma ideia, mas não sabe da gravidade da coisa. O senhor é igual a todos os homens, acha que não tem nada demais se um homem dar um tapinha na mulher. É assim que se diz, não é?

Um tapinha? Não era bem assim que ele fazia com ela. Se ele houvesse feito com um homem o que tem feito sistematicamente, anos a fio, com ela, sem nunca parar, sendo cada vez mais violento e brutal, ele teria sido condenado à prisão perpétua. Preferindo ignorar o fato de ela tê-lo posto nessa categoria de homens, Wexford disse:

— Prossiga, por favor.

— Está bem, vou prosseguir. Será um prazer prosseguir. Ele a agrediu pela primeira vez durante a lua-de-mel. Ela foi vista por ele conversando com um homem que estava hospedado no mesmo hotel. Apenas conversando e pode ser que ela tenha ousado rir um pouco. Stephen pediu que ela o acompanhasse até o quarto, ela pensou que ele quisesse fazer amor, mas, quando entraram no quarto, ele a esbofeteou com tanta força que ela

desmaiou. Em outras palavras, ele a nocauteou. Disse que ela não podia ficar sozinha com um outro homem, e agora sabia o que aconteceria se ficasse. Ela chorou muito, o senhor entende, ela não conseguia acreditar que ele houvesse feito aquilo. Era algo tão diferente dele agir assim, pensou ela, que continuou a chorar, e ficou chorando até ele dizer que sentia muito, que isso não aconteceria de novo, mas que a amava tanto que ficava louco de ciúmes, a ponto de não conseguir se controlar. Bem, é claro que aconteceu de novo. Tantas vezes que não vale a pena contar. Mesmo a mim não foi dito quantas vezes, nem soube de todos os detalhes. Ela não conta mais nem ao pai, nem à mãe, ainda que isso de nada adiantasse. A mãe dela nunca presta atenção a qualquer coisa que considere "desagradável", e o pai fica perguntando o que ela faz para provocar o marido. Ele quebrou seus dois braços. Uma vez, bateu com tanta força no olho dela, que pensaram que houvesse perdido a visão. Ele a retalha. Vai até a cozinha, pega uma faca, de forma que ela o veja pegando, e então a chama até aquele escritório horrível... O pretexto é sempre alguma falta imaginada ou inventada... Onde diz para ela estender a mão, mas ele não bate na palma da mão dela como os professores faziam antigamente com as crianças; não; ele retalha a palma da mão com uma faca. Depois disso, é claro, fica todo arrependido e pede desculpas, garante que não vai acontecer de novo, mas ao mesmo tempo diz sempre: culpa dela, que ela o obriga a fazer isso. Se ele a ouve falando ao telefone, ela tem um amante, ou então é a saia curta demais, ou ela é namoradeira. É por isso que eles não têm nenhum amigo. Ele a espanca se ela falar com um homem, e tem ciúmes até de uma mulher de quem ela goste. Ao mesmo tempo, diz que ela é maluca. Eu perdi a conta das vezes em que ele a acusou de ser lésbica. Ela nunca pôde trabalhar porque poderia vir a conhecer outras pessoas, homem ou mulher, no trabalho. Além do mais, cabe a ela manter a casa impecável e cozinhar para todo mundo sozinha, isso é função dela e se não for perfeita nela, ou se ele decidir que ela não é perfeita, ela vai receber o que ele chama de "um tapinha', que na verdade significa nocauteá-la e cobri-la de chutes.

Jane Andrews fez uma pausa para recuperar o fôlego. Ela estava vermelha e seus olhos brilhavam. Wexford percebeu que ela mantinha os punhos cerrados como se prestes a dar um soco em alguém, e ele não tinha dúvidas sobre quem seria esse alguém.

— Está bem, Srta. Andrews, fique calma. Eu estou começando a

compreender. Qual é o papel das crianças nisso tudo? Ela não respondeu.

— Foi engraçado, o senhor achar que ele pudesse ter uma namorada. Stephen Devenish é o homem mais fiel sobre a face da Terra. Ele ama sua vítima, ela é a única mulher que ele pode espancar até a morte. A sua risada amarga era desagradável de se ouvir. — Não faz muito tempo, ela ligou para a Helpline do Núcleo de Atendimento à Mulher, o senhor sabe... Bem, não era o Núcleo de Atendimento à Mulher, mas algo assim. Ele estava no jardim com Sanchia, mas entrou e a acusou de estar falando com um amante. Ele bateu nela com tanta força que ela desmaiou, ficando inconsciente por cinco minutos. Ela relaxou o punho e deixou que as mãos caíssem frouxas, olhando cansada para ele. — Não me pergunte por que ela não foi embora, está bem? Não pergunte por que ela não o deixou, ou chamou a polícia, ou algo assim. Eu costumava perguntar isso a ela. Antigamente.

— Qual é o papel das crianças?

— Elas moram ali, não moram? Ele não para porque os filhos estão presentes. Eu não sei o que ele conta a eles. Algo como "é isso que a gente precisa fazer com as mulheres para mantê-las na linha", imagino. Ou, "a mamãe fez uma coisa feia de novo". Coisa parecida. É claro que dá pra ver que isso mexeu com eles, cada qual à sua maneira, são dois meninos perturbados.

— E Sanchia?

— Sanchia foi o fruto de um estupro. A gente tem o direito de usar essa expressão agora, não tem, ao se referir a homens que forçam suas mulheres a ter relações? Não é mais um direito deles, não é? Bem, Stephen violentou Fay quando ela estava acamada em consequência do espancamento brutal que sofrera. Ela estava sofrendo e implorou a ele que a deixasse sozinha, mas não adiantou, ele era homem, foi o que disse, e precisava se satisfazer sexualmente, ou ficaria com sua saúde prejudicada. De forma que ela engravidou. Quando ela estava no quarto mês de gravidez, ele lhe deu um pontapé no estômago. Não queria mais filhos, alegou. Fay iria amá-la mais do que a ele. Bem, o pontapé dele não teve o efeito esperado e Sanchia nasceu. Nasceu sem sequelas, o que foi muita sorte. Fay suplicou a ele que não a espancasse mais, ficou de joelhos na frente dele. "Se você se comportar como uma mulher adulta e responsável, eu não vou precisar castigá-la mais", ele disse. Ficar de joelhos na frente do próprio marido, que maneira é essa de se comportar? E ele lhe deu uma surra. Wexford a interrompeu.

— Ele a surrou assim na frente da criança? Na frente da Sanchia?

— É claro que surrou. Ela e eu não podíamos mais ser amigas, mas, como já lhe disse, a gente se falava pelo telefone. Ela só contava comigo e isso não era lá muita coisa. Jane Andrews limpou a garganta, como se receasse que a súbita rouquidão na sua voz traísse uma emoção acabrunhadora. — Eu não podia confrontá-lo com isso. O único resultado seria ele ir à forra em Fay. Isso eu sabia. Eu já havia falado antes com ele, na primeira vez em que ela me contou, mais ou menos há sete anos atrás. Eu disse a ele que iria chamar a polícia, e o senhor sabe o que ele fez? Negou tudo, disse que era tudo imaginação da Fay, que ela era neurótica, ou coisa pior, e tinha sorte de ter um marido que a compreendia. Ele não foi grosseiro, agressivo, ou qualquer coisa assim comigo; se comportou, como sempre, com grande calma e encanto, tentando realmente me acalmar, foi quase paternal, mas descontou nela depois.

— Mas a senhorita foi finalmente banida da casa?

— Isso foi quando eu descobri que ele a estava surrando na frente de Robert. Robert só tinha três anos então, a mesma idade que Sanchia agora. Era quase como se ele o fizesse de propósito, de maneira que a criança pudesse assistir. Não, não era quase como, ele a surrava de propósito na frente dele. Tirava o menino do colo de Fay e o punha no chão, para começar em seguida a surra em Fay, com Robert assistindo a tudo. "Assim ele vai aprender o que acontece com mulheres burras e desobedientes", dizia. Bem, eu fui pra cima dele, disse a ele que isso não podia continuar, que eu iria levar a Fay e as crianças para viverem comigo, Deus sabe lá como, mas eu estava falando sério e ele sabia disso. Foi então que me disse que eu não era mais bem-vinda perto da família dele. Isso não iria me impedir de ver Fay, mas ele se vingou nela, ele se desforrou nela, e isso eu não pude suportar. Nós continuamos a manter nossa amizade por telefone, era tudo o que a gente podia fazer, Fay temia mesmo assim que ele descobrisse a respeito dos telefonemas. Era eu quem normalmente ligava, mas quando o serviço de identificação de chamadas passou a existir, o senhor sabe, basta discar um código para saber o número da última pessoa que ligou, ela ficou apavorada de que ele fizesse isso e descobrisse que eu havia ligado enquanto ele estava fora. Ela me fez prometer ligar somente em horários preestabelecidos, quando não houvesse possibilidade de ele estar em casa e ela pudesse atender.

Wexford, que permaneceu em silêncio a maior parte do tempo, escutando esse catálogo de sofrimentos, resolveu falar:

— De quem foi a ideia de levar Sanchia embora? Jane Andrews respondeu rapidamente:

— Da Fay, não minha. Eu nem sequer conseguiria imaginar uma coisa assim. Ela me disse que ou isso, ou ela iria se matar.

— Por "isso" a senhorita quer dizer a entrega da Sanchia para adoção de forma que ela não visse mais a mãe sendo constantemente espancada pelo pai? A solução para que ela pudesse crescer num lar feliz, mesmo que isso significasse para a Sra. Devenish nunca mais ver a filha de novo?

— Sim, é isso mesmo que eu quero dizer. Quando ela sugeriu essa ideia pela primeira vez, achei que era loucura e não via maneira disso funcionar. Então pensei na minha irmã Louise. O senhor precisa entender que tudo isso foi há meses atrás, de que foi preciso muito planejamento. Louise sofreu uma experiência ruim tentando adotar um bebê da Europa Oriental, e eu achava que ela houvesse desistido de qualquer ideia ligada à adoção, mas era exatamente o contrário. Ela me disse que continuava com a mesma vontade de antes, com mais vontade do que nunca, na verdade, desesperada por uma adoção. E a dificuldade que eu havia imaginado, mas a que Fay não prestara atenção, como conseguir uma certidão de nascimento, um passaporte e todo o resto para Sanchia, isso tudo seria resolvido porque Louise guardou todos os documentos que eram da sua filha que morreu.

— A sua mãe tomou parte nessa conspiração?

— Minha mãe não sabe nada a respeito disso tudo. Ela não sabe nem que Louise está com uma filha... Louise tem governanta e babá... E agora não vai precisar saber, vai? Jane Andrews fez uma pausa, parecendo subitamente ter sido tomada de pavor. — Ah, pobre da Louise, pobrezinha! Ela gritou, — Isso vai matá-la, perder mais uma filha depois de tudo pelo que passou...

— Srta. Andrews, o fato é que a senhorita deveria saber que toda essa operação estava destinada a fracassar. Foi errado de sua parte ter despertado as esperanças da Srta. Sharpe e encorajá-la a participar disso. A senhorita deve ter consciência disso.

— Eu não vejo assim. Poderia ter dado certo, quase deu.

— E as consequências seriam necessariamente prejudiciais à Sanchia.

— Nem a metade dos prejuízos que sofreu vivendo com um criminoso violento. Ela foi acometida de um pensamento surpreendente. — Ela não precisa voltar, precisa?

— É claro que ela terá de voltar, disse Wexford, com um suspiro. — Eu

compreendo, eu entendo as circunstâncias. Mas o que quer que o Sr. Devenish tenha feito, ele continua sendo o pai natural dela, que vive um relacionamento aparentemente estável com a mãe natural dela. Ele levantou a mão quando Jane começou a se projetar para frente na cadeira. — Só um minuto, Srta. Andrews. Eu ouvi o que disse e acredito na senhorita. Mas se a Sra. Devenish não registrar nenhuma queixa conosco em relação ao seu marido, não há nada que possamos fazer. E se fosse o caso dela registrar uma queixa, ela já o teria feito, não é mesmo? Isso já dura, segundo a senhora, treze anos.

— Ele precisa saber o que foi que ela fez? Quero dizer, que foi a própria Fay quem pegou Sanchia para levá-la embora?

Havia algo na maneira com que ela disse isso que provocou um arrepio na espinha de Wexford. Ele não queria ser afetado por ela, queria guardar distanciamento, mas foi incapaz de controlar a resposta de seu corpo, o calafrio que o atravessou dos pés à cabeça. Tudo o que podia fazer era disfarçar e tentar ser o mais fleumático possível ao dizer a ela que obviamente Devenish teria de saber, acrescentando para si que já deveria ter avisado ao homem, da mesma forma que Sanchia já deveria ter sido recuperada e devolvida aos pais. Essas coisas precisavam ser feitas imediatamente. Ele não queria olhar para o rosto pálido e amedrontado de Jane Andrews, mas teve de fazê-lo. Ela repetiu as palavras que havia dito antes:

— Ele vai matá-la.

Devolver uma criança desaparecida aos pais deveria ser uma das tarefas mais agradáveis de um policial. Wexford já havia encontrado antes crianças desaparecidas; levando-as para a casa de uma mãe cujo rosto fora tomado de comiseração, assistido à felicidade do pai, algo que fora o bastante para aquecer sua alma. Dessa vez seria diferente e uma ocasião de alegria transformada em... Ele nem sequer conseguia imaginar o quê. Horror? Consternação? Talvez, um perigo assustador. Mas era preciso ser feito e ele tinha de fazê-lo.

De nada adiantou Jane Andrews lhe dizer que queria que o menor número de pessoas possível soubesse do ocorrido. Elas precisavam saber. Acusações teriam de ser feitas contra Jane Andrews e Louise Sharpe, mas era

um quebra-cabeça saber que acusações. De qualquer forma, não havia muita pressa. Nenhuma delas iria fugir. No que dizia respeito à Fay Devenish, ele não conseguia imaginá-la sendo ainda mais castigada, já em relação ao marido, ele não suportava ter qualquer pensamento. Decidindo-se por se autoimpor uma atitude incomum nele, a de agir de improviso, deixou que Donaldson o levasse de carro até Ploughman's Lane e a Woodland Lodge.

Era a primeira vez que voltava ali desde as revelações feitas por Sylvia e Jane Andrews. À luz delas, o lugar idílico parecia diferente, não era mais o aprazível canto silvestre de Kingsmarkham que ficava aconchegado entre aquela antiga cidade de mercado e as elevações dos South Downs, mas um esconderijo sinistro, com as belas árvores servindo ali para acobertar, escondendo o que acontecia debaixo da proteção delas. Ainda assim, ninguém poderia imaginar, olhando para a casa que, nesta perfeita tarde ensolarada, parecia se aninhar confortavelmente no vale viçoso, que um crime era perpetrado continuamente em seu interior, uma criatura indefesa sendo submetida ininterruptamente à violência. Tão agradável era a cena e tão sossegada a atmosfera que, por um instante, ele mesmo duvidou. Jane Andrews tinha inventado, imaginado aquilo, floreado aquela história para esconder a verdade. Havia uma outra razão para Fay Devenish se livrar da própria filha. Logo que a viu, uma vez que foi ela quem abriu a porta para ele, soube, contudo, que era tudo verdade, ficando quase sem saber o que dizer. Stephen Devenish estava felizmente fora de casa, no escritório da Seaward Air em Brighton. Ela disse isso a Wexford, como se fosse impensável que ele tivesse ido lá para vê-la, deveria ser o marido quem ele procurava.

— Fico contente de poder falar a sós com a senhora, Sra. Devenish.

— Meus filhos logo estarão em casa. Será que ela pensava de que precisava ser protegida dele?

— Eu quero falar com a senhora, disse, — Sem a presença de seus filhos. Com a senhora sozinha. Tenho algo para lhe dizer.

Ele sabia. Ela leu em seu rosto e ficou tão branca como a blusa de linho cor de marfim que usava. Ele pensou por um instante que ela fosse desmaiar e desejou ter trazido Lynn, ou Wendy Brodrick. Ela, porém, se recuperou, conseguiu até mostrar um sorriso horrivelmente forçado, e ele pensou a que ponto a vida dela era uma constante superação da dor e do choque, e de

como ela estava acostumada a isso. Ele se encaminhou na direção do escritório onde, numa ocasião anterior, havia conversado com ela deitada no sofá de couro, o rosto marcado e inchado, sua fala obstruída, mas sentiu a mão fina e leve de mulher pousar em seu braço:

— Não, ali dentro não. Por favor, não vamos entrar aí. Ele se lembrou do que Jane Andrews havia dito a respeito daquela sala, daquele lugar de macho, com os lambris escuros, os móveis estofados de couro, com espadas e adagas na parede, como sendo esse o cenário frequente do sofrimento da Sra. Devenish. Em vez de entrar ali, ele a seguiu para um espaço designado como sendo a província dela, a cozinha.

Na mesa da copa, a mesma onde Devenish havia chorado, uma fruteira de madeira estava cheia de frutas, maçãs de um amarelo-pálido, peras verde-escuro, laranjas viçosas, bananas douradas e uvas como contas de jade. Todos os cantos estavam impecáveis, como se houvessem saído de uma faxina anual. Duas das janelas de basculante estavam abertas e as cortinas brancas e novas flutuavam com a brisa, a qual agitava as folhinhas das ervas, manjericão, sálvia, manjerona, segurelha, nos vasos esmaltados que ficavam no parapeito da janela. As portinhas pintadas do relógio cuco estavam fechadas. Ele a ajudou a se sentar à mesa e foi se sentar do lado oposto. Era um alívio enorme para ele, quase um refrigério, que ela não tivesse qualquer hematoma, marca ou ferimento, de maneira que pudesse dizer para si mesmo que a coisa afinal não era tão terrível assim, talvez houvesse exageros. Os olhos dos dois se encontraram e ela desviou a vista. Então ele contou a ela. Ele lhe disse que Sanchia havia sido encontrada, que estava sã e salva e feliz na casa de uma certa Sra. Louise Sharpe, mas que essa Sra. Sharpe não foi a pessoa que a abduziu.

— Foi a senhora mesma quem fez isso, Sra. Devenish. Era uma afirmação, e não uma pergunta. — A senhora não precisa me dizer por quê. Eu sei por quê. A palidez e a ameaça de desmaio desapareceram. Ela apenas suspirou.

— Alguém a está trazendo de volta?

— Em cerca de meia hora ela deverá estar aqui. Ela hesitou. Receava dizer aquilo, mas tinha de fazê-lo. As palavras saíram forçadas e dolorosas, como algo sendo expelido de um tubo.

— O que eu vou dizer ao meu marido? A réplica inflexível seria de que ela deveria ter pensado nisso antes. Mas era algo que ele nem sonhava em dizer.

— Nós já vamos falar sobre isso. A sua amiga, Srta. Andrews, me contou um bocado de coisas a respeito da senhora e do Sr. Devenish. Imagino que a senhora possa adivinhar o que foi. Se são verdadeiras e a senhora vem sendo, digamos, vítima de repetida violência... Ela o interrompeu e as palavras começaram agora a fluir.

— O senhor vai dizer que eu poderia ter chamado vocês, quero dizer a polícia, e fazer acusações contra ele, e levá-lo aos tribunais, e que eu poderia deixá-lo... Mas para onde eu iria? E isso não iria fazer com que parasse, ele não pararia, apenas ficaria ainda mais furioso, e iria me encontrar onde quer que eu estivesse, eu sei que iria. É o que ele diz, ele diz que vai me achar aonde quer que eu vá. Não há escapatória, não enquanto ele viver, enquanto eu estiver viva, não há nenhum lugar para onde fugir.

Ela colocou os dedos sobre os olhos, tocando as têmporas como se estivesse estimulando o pensamento, para então dizer, olhando para ele com uma bravura patética, com uma esperança fingida:

— A única possibilidade é que ele possa mudar. Eu achei que ele estava mudando há um ano atrás quando ele não... Bem, não fez nada comigo durante quatro semanas. Quero dizer, não durou muito, mas por um certo tempo não foi de todo ruim, e então começou de novo, mas eu sei que ele estava estressado, estava com problemas no trabalho, e eu não sou... Não sou o tempo todo... Bem, não sou a mulher que ele gostaria, a esposa que um homem como ele merece, por assim dizer. Eu sei de tudo isso. Ele pode mudar, o senhor não acha? Sem acreditar por um instante no que dizia, Wexford comentou:

— A perda temporária de sua filha pode ser que faça diferença; isso pode tê-lo chocado a ponto de mudar seu comportamento. Pode o leopardo mudar suas pintas? — Mas, Sra. Devenish, ele fez uma nova tentativa, — Não existe razão para a senhora suportar esse tratamento. O que o seu marido faz com a senhora é o mesmo tipo de violência que faz um homem que espanca um outro numa briga de rua até ele perder a consciência.

— Eu sei, mas ele não sabe. Diz que me ama, que eu sou a única mulher que ele sempre amou. Que é obrigação dele me... Bem, me castigar.

Ele diz que eu preciso disso ou vou ficar descontrolada. Ele acredita realmente nisso. A voz dela, que como de hábito permaneceu baixa, se alterou bruscamente num guincho quando seu autocontrole desapareceu. — O que ele vai fazer quando souber que fui eu quem levou a Sanchia? O que ele vai fazer?

— Tente se acalmar, por favor. Eu compreendo, entendo a sua situação. Eu estarei aqui, sou eu quem vai contar isso a ele. E outros policiais vão chegar com a Sanchia e permanecerão aqui. Tudo parecia tão débil, droga de promessa fajuta. Ele pôs firmeza e vigor na voz. — Tente se lembrar, por favor, do que eu disse. A senhora não é obrigada a suportar isso. Na próxima vez em que ele a agredir, entre no seu carro e vá direto à delegacia, combinado?

Ela estava agora em prantos, se sacudindo com soluços, chorando como nunca havia chorado enquanto sua filha estava desaparecida. Wexford foi pegar um copo d'água para ela, que bebeu um pouco, levando em seguida, ela mesma, o copo de volta até a pia, onde o lavou, enxugou com um pano de prato e foi guarda-lo. A porta dos fundos se abriu e os dois meninos entraram de volta da escola. A entrada deles provocou uma mudança física na mulher. Ela se sentou empertigada, pareceu se compor, conseguiu sorrir. Mas eles não falaram com ela, nem ela com eles. Ela se levantou e pegou latas de Coca-Cola na geladeira que pôs na mesa para eles, juntamente com uma bandeja de biscoitos e dois sacos de batata frita. Será que Wexford gostaria de um chá? Ele balançou a cabeça. Tanto ele quanto ela pularam quando a campainha da porta tocou, e ela soltou um gritinho de medo.

— Para com isso, mamãe, tente se controlar, disse Edward. Robert foi abrir a porta e retornou acompanhado de Barry Vine, Karen Malahyde, uma policial especializada em crianças pequenas, e Sanchia. Ambos os meninos ficaram chocados e em silêncio. Fay Devenish disse "Sanchia!" como se estivesse soltando uma exclamação de desespero.

A criança olhou, colocou os punhos nos olhos, virou as costas para a mãe e enfiou a cabeça na saia de Karen.

— Alguém pode fazer um chá, por favor? Disse Wexford para o grupo, não ousando se dirigir especificamente às moças. Mas a policial de menores

tomou para si a tarefa.

— Onde é que ela estava? Perguntou Edward à mãe.

— Não pergunte.

— Você e o papai são malucos, disse Robert.

Ele pegou um dos sacos de batata frita e saiu da copa. Barry distribuiu as xícaras de chá. Sanchia foi virando bem devagar a cabeça, olhou para a mãe, enfiou o polegar na boca e fechou os olhos, apertando as pálpebras com força. Ninguém parecia saber o que dizer. Não houve conversa, a não ser da parte de Karen, comentando que fazia alguns dias que não chovia, e da policial de menores, dizendo com sua voz clara de quem recebeu treinamento de assistente social, como era bonito o relógio cuco e se ele tinha vindo da Suíça. Naquele instante, as portas se abriram e o cuco saiu batendo o bico e dizendo "cuco" cinco vezes.

Passou-se meia hora antes que Stephen Devenish chegasse a casa e todos tomaram duas outras xícaras de chá. Fay foi a primeira a escutar o carro dele, ela parecia tê-lo escutado antes mesmo que ele pudesse ser ouvido, como se algum sexto sentido houvesse sido desenvolvido pela violência e o medo, fazendo com que ela conseguisse perceber sons inaudíveis a longa distância. Ela enrijeceu, se sentando reta, para logo começar visivelmente a tremer.

— Acalme-se, disse Wexford. — Fique aqui. Deixe isso comigo.

Ele lembrou a si mesmo de que o homem não sabia de nada, de que ninguém o havia prevenido. Mesmo sendo o monstro que era, por mais estranho que pudesse parecer o conceito, ele amava, sem dúvida, sua filha. Os seres humanos eram as criaturas mais estranhas que havia. Não esperou que a chave de Devenish entrasse na fechadura e saiu para o pátio da entrada. O pai de Sanchia estava em pé ao lado do Jaguar negro do qual acabara de sair; quando percebeu a presença de Wexford, deu um de seus sorrisos encantadores.

— Tenho boas-novas para o senhor, Sr. Devenish, disse Wexford com uma voz firme e baixa. — Sua filha foi encontrada. Sanchia voltou para casa e está com a mãe.

A felicidade dele foi evidente, e sua alegria, espontânea. Ele exultou com um grito de triunfo, deu um soco no ar com os dois punhos, como um jogador que houvesse marcado um gol, ou um tenista vencendo um set. Agarrou a mão de Wexford e a puxou, sacudindo para cima e para baixo. Ele ria de prazer.

— Onde ela estava? O que aconteceu com ela? Um pensamento menos agradável pareceu tomar conta dele. — Ela está bem?

— Ela parece bem. Que tal entrarmos?

— Mas o que aconteceu com ela?

— Já vou lhe contar tudo. Só um momento, por favor. E vou lhe pedir, Sr. Devenish, que seja muito compreensivo, paciente e tolerante. Que tal nós irmos para o seu escritório? Eu gostaria de lhe falar a sós. Tenho certeza de que o senhor pode esperar dez minutos para ver Sanchia.

Devenish o escutou de costas viradas. Ficou perto da janela, olhando aparentemente para fora, enquanto Wexford falava. Então, quando era visível que ele não estava aguentando mais, Wexford falou:

— Sente-se, por favor, Sr. Devenish.

O homem se virou para ele com o rosto vermelho de sangue, veias escuras sobressaíam protuberantes na sua testa. Sentou-se na beira do sofá de couro.

— Ela não é normal, disse. — Ela é completamente insana. Eu não sabia que ela era louca quando nos casamos, mas logo descobri. É uma bênção para ela que tenha a mim, do contrário teria perdido completamente a razão. Entre outras coisas, ela é ninfomaníaca. Não comigo, devo dizer, com todo mundo, menos comigo. Mas isso era de esperar. Ela é louca.

Wexford estava num dilema. Ele não tinha provas da violência de Devenish, ainda que acreditasse completamente nela. Mas não podia dizer ao sujeito que deixasse a mulher em paz, visto que Devenish negaria simplesmente ter alguma vez sido violento com ela.

— Não é questão de insanidade, disse finalmente, — Mas ela deveria

certamente procurar um psiquiatra.

— Do que ela será acusada? Sequestro? Abdução? Ela poderia ser condenada à prisão perpétua. Eu não suportaria isso, eu a amo, ela precisa de mim. Em vez de responder, Wexford disse:

— Mais do que qualquer coisa, sua esposa precisará da compreensão e do apoio do senhor. Agora é melhor que venha comigo para vê-la, junto com a sua filha.

Karen teve tempo suficiente para avisar a Fay Devenish que uma policial feminina treinada no campo da violência doméstica manteria contato com ela e que uma outra policial especializada em psicologia infantil faria visitas sistemáticas. Fay disse que o marido iria matá-la assim que a polícia saísse. Diante da oferta de um celular para que ela entrasse rapidamente em contato com a polícia ou a assistência social, ela disse que eles já tinham três celulares na casa e não fazia sentido ter mais um. Sanchia foi de gatinhas até debaixo da mesa e ficou sentada ali chupando o polegar, mas, cerca de dez minutos depois, saiu dali e subiu no colo da mãe.

— O que foi que eu fiz com ela? Disse Fay. — Eu a traumatizei, não foi?

— Não acredito nem por um instante nisso, disse a policial especializada em crianças. — Ela ficará bem.

Mas quando Devenish apareceu na companhia de Wexford, Sanchia começou a chorar. Não era um choro comum, mas uma sucessão de gritos soltados histericamente. Fay permaneceu sentada com a cabeça abaixada, abraçando Sanchia pela cintura sem, entretanto, fazer qualquer tentativa para acalmá-la. O marido caminhou na sua direção, parou ao lado da cadeira dela e pôs a mão no seu ombro. Fay permaneceu imóvel. A criança continuou a chorar, agora aos soluços.

— Está tudo bem, querida, já sei de tudo, disse Devenish. — Não foi tão terrível assim. Nós a temos de volta e é isso que importa. Ela olhou para Wexford e perguntou se ele iria prendê-la.

— Vamos conversar amanhã sobre isso, disse ele. Não havia mais nada a fazer, mas nunca antes ele relutou tanto em deixar uma situação de trabalho. Disse a si mesmo que parasse de ser melodramático e, sobretudo, parasse de

achar que iria abandoná-la à própria morte.

Devenish seria punido, ele sabia que estava sendo vigiado. Era absurdo achar que no momento em que Vine, ele, e as duas mulheres, saíssem da casa, Devenish iria se virar contra a mulher e espancá-la, nocauteá-la no chão. Por outro lado, isso não havia acabado, o homem nunca iria mudar. Fay iria mais uma vez ter o rosto socado e os olhos roxos, talvez os ossos quebrados, talvez nem hoje, nem amanhã, mas na semana seguinte, ou na outra semana. Isso nunca iria terminar, a não ser que ela o deixasse ou que ele a matasse. E se ela o largasse, ele iria persegui-la. Jamais Wexford se sentira tão impotente.

Como prometido, ele voltou no dia seguinte e se encontrou com ela sem a presença de Devenish. A Sra. Devenish lhe disse que a policial do Esquadrão Criminal Regional estivera lá mais cedo. O marido, felizmente, havia saído às oito e meia para o escritório de Brighton. A sargento detetive Margaret Stamford havia lhe oferecido um pager juntamente com um celular, os quais foram recusados, e ofereceu a ela todo o tipo de opções para hospedagem e apoio, no caso de ela deixar o marido, além de lhe falar sobre a Helpline do Hide. Ela não teve mais nenhum sinal do juizado de menores de Kingsmarkham, e isso a deixou aliviada.

— Eles não vão levar a Sanchia sob custódia, vão? Eu não sei por que estou falando assim, na verdade isso talvez seja a melhor coisa para ela, se eles a tomarem sob custódia.

— Sra. Devenish, disse Wexford, — A senhora não será acusada de crime algum. Na verdade, o único crime do qual a senhora poderia ser acusada seria o de ter inventado isso tudo; se houvesse acusação, a polícia perderia ainda mais tempo, ele deu um sorriso tranquilizador, com a papelada. Eu apenas gostaria de reforçar o que a sargento detetive Stamford lhe disse. Nós não podemos processar o seu marido a não ser que a senhora esteja disposta a depor contra ele, mas isso a senhora disse que não vai fazer. Eu gostaria de insistir para que a senhora pensasse mais uma vez no assunto e, no caso de mais agressões, entrasse sem demora em contato conosco. A senhora pode ligar a qualquer hora do dia ou da noite. Está me entendendo? Ela assentiu.

— É claro que sim, disse ela, — É claro que irei procurá-los. Mas ele sabia que ela nem por um instante pensava em fazê-lo.

De forma que foi embora e a deixou, mas seus pensamentos se recusavam a deixá-la. Ela permaneceu junto a ele durante o restante daquele dia, o mesmo no dia seguinte, e no dia depois daquele. Ele não parava de pensar nos meios que lhe permitissem protegê-la, colocar um homem vigiando dia e noite a casa, espiar pelas janelas para flagrar Devenish quando fosse atacá-la de novo. Mas isso não era exequível, ele não tinha condições, faltava-lhe pessoal suficiente para fazê-lo. Ele ficou à espera de um telefonema, não dela, isso tinha certeza de que nunca aconteceria, mas de alguém, até mesmo de um dos filhos, que a houvesse encontrado mutilada, morrendo, ou assassinada. Era demais para a imaginação dele visualizar o tipo de cena que sobreviria depois dele ter ido embora, quando ela estivesse a sós com Devenish. Ou talvez fosse apenas sua mente que vacilasse diante disso. Ela era tão pequenina e frágil; já Devenish era um homem corpulento, um brutamontes que deveria ter o dobro do peso dela. E o pior de tudo era que Devenish tinha o direito de estar furioso com a mulher pelo que ela havia feito, levar a filha dele para longe, enganá-lo, mentir para ele e os filhos. Mas ninguém tinha o direito de extravasar sua fúria distribuindo murro contra outra pessoa, se comportando com selvageria.

— Quando encontrássemos Sanchia, ele comentou com Burden, — A gente ia beber um champanha, lembra? Mas eu não sinto a menor vontade disso agora, e você?

— Nem um pouco, disse Burden.

Será que ele a espancou de novo? Wexford não tinha meios de saber. À medida que o tempo passava, ele pedira a Margaret Stamford para voltar à Woodland Lodge, e ela voltou. Dessa vez, Fay Devenish não a deixou nem sequer passar pela soleira da porta da frente. Foi ela mesma quem saiu, quase fechando a porta atrás de si e disse aos sussurros que sentia muito, mas que uma outra entrevista não levaria a nada de bom. Disse que o marido estava lá dentro, e ela teria de explicar a ele quem a estava visitando e a razão da visita. Só que ela não explicaria nada, teria de inventar alguma coisa, só Deus sabe o quê. Tinha-se a impressão de que a violência de Devenish contra ela havia recomeçado. E é claro que recomeçara; Wexford nunca havia duvidado de que ela não recomeçaria.

Qualquer coisa que ele viesse a fazer, todo o partido que tomasse para ajudá-la ou apoiá-la iria apenas exacerbar a violência do outro. Brian St George publicou certa matéria no Courier sobre os acontecimentos no tribunal, onde Jane Andrews e Louise Sharpe compareceram como acusadas de obstruir o trabalho da polícia durante uma investigação e de fazerem com que a polícia gastasse seu tempo inutilmente. Ele ficou pensando, na hora, no que aconteceria com Fay depois que Stephen Devenish lesse a matéria. Uma acusação muito mais séria contra Victoria Cadbury, a de ter abduzido duas mulheres e as mantido em cativeiro sob falso pretexto, ocupava as manchetes. Será que isso também deixaria Devenish enraivecido, fazendo com que sua esposa corresse perigo? Talvez, mas ele não soube nada a respeito.

Wexford chegou ao ponto de perguntar à Sylvia se ela havia recebido um telefonema de Fay Devenish, ou de alguém que pudesse ser Fay Devenish, enquanto atendia às ligações na Helpline do Hide, mas ninguém tinha ligado. Se houve alguma violência na Woodland Lodge, Fay sofreu em silêncio em meio às árvores alterosas e à paz profunda do lugar.

Mas então, dois meses depois, o silêncio e a paz chegaram ao fim.

* * *

Dezenove

EM BRIGHTON, Louise Sharpe tentou duas vezes se suicidar. Na primeira vez, saiu de sua mansão de seis quartos e três banheiros, com sua piscina e o casal de empregados filipinos, mas agora já sem a babá, foi à praia e entrou mar adentro até que sua cabeça fosse coberta pelas águas. Foi avistada por um nadador e salva.

Um mês depois, sua governanta a encontrou inconsciente; ela havia engolido uma caixa de comprimidos para dormir e bebido meia garrafa de gim. Depois que saiu do hospital, o psiquiatra que a atendeu disse que esse seu comportamento era um grito de socorro, mas Louise lhe disse que não queria socorro, o que ela queria era morrer.

O número 16 da Oberon Road, que não era mais o lar dos Smith, havia sofrido sérios prejuízos causados pelo Sexteto de Kingsmarkham e seus acólitos. Todas as janelas da frente haviam sido quebradas, a porta arrombada e as telhas arrancadas do telhado. Passaram-se semanas antes que a empreiteira contratada pelo município começasse os trabalhos. A casa ficou esse tempo todo com as janelas e a porta da frente fechadas com tapumes e o telhado coberto por um grande plástico azul. Uma noite, enquanto o Condomínio Muriel Campden dormia, um grafiteiro invadiu o espaço e decorou a fachada inteira com desenhos de corpos ensanguentados, torsos decapitados com suas cabeças ao lado, fuças com suas goelas animalescas abertas e palavras como “imundície”, “papa-anjo”, “assassino” em cores vibrantes de pintura em spray, rosa, amarelo, esmeralda, azul-da-prússia e escarlate. O Kingsmarkham Courier publicou matéria sobre a situação deplorável dos sem-teto que dormiam nas ruas de Myringham, isso enquanto havia moradias pertencentes ao município naquele vilarejo e, sobretudo, em Kingsmarkham. Sem falar também no caso vergonhoso da delegacia de

Kingsmarkham, que foi restaurada como nova em apenas três semanas, ao passo que o número 16 da Oberon Road permanecia em ruínas. Eles publicaram na primeira página uma fotografia em quatro cores da pichação.

Um zunzunzum tomou conta do Condomínio Municipal Muriel Campden sobre quem ficara com a casa após o término das obras. Debbie Crowne corria atrás da moradia, tentando pegá-la para a filha, Miroslav Zlatic e a criança. Ela estava pouco se lixando se houvesse ou não casamento; isso ficaria inteiramente ao critério de Lizzie. Ela só queria, como havia contado a Maria Michaels, vê-los vivendo um relacionamento estável, obedecendo aos valores familiares. Infelizmente para as suas ambições, Miroslav continuava a viver com Brenda, numa associação que parecia ser mais feliz do que antes, com o pessoal comentando que os filhos dela passaram a chamá-lo de papai. Lizzie estava com quase seis meses de gravidez e, para usar as palavras da mãe, "do tamanho de um elefante". A assistente social aparecia de vez em quando insistindo para que ela frequentasse cursos sobre a maternidade e o pré-natal, mas Lizzie respondia que ainda estava pensando a respeito. Havia a situação insólita da Assistência Social de Kingsmarkham estar processando Colin Crowne no Tribunal do Condado pelo prejuízo em substituir Jodi, o bebê virtual.

Tommy Smith e Suzanne, a filha dele, receberam uma nova moradia num apartamento no subúrbio de Peterborough. Essa moradia fazia parte de um loteamento projetado para pensionistas idosos e paralíticos, e ficava bem afastado de famílias com crianças. Mas as famílias dos aposentados logo descobriram a identidade de Smith. Pararam de levar as crianças para visitar os avós, e o resultado disso foi que os outros moradores do loteamento passaram a repudiar Smith e Suzanne, enviando aos dois, cartas obscenas. O noivo de Suzanne sumiu de vez e, após certo tempo, ela conseguiu ficar noiva de outro homem, que fazia a coleta do lixo reciclável dos locatários.

A polícia é particularmente obstinada em suas investigações quando se trata do assassinato, ou ferimento, de alguém da corporação. Burden e Vine, juntamente com Cox e Lynn Fanhurst, gastaram horas infindáveis atrás de pistas para encontrar o assassino de Hennessy. A única coisa que conseguiram, entretanto, foi a eliminação de Colin Crowne do inquérito. Patric Flay se lembrou de ter visto Miroslav Zlatic "segurando um míssil".

Vine encontrou um professor de Estudos Balcânicos na Universidade do Sul que falava servo-croata para servir de intérprete, mas Miroslav continuou sem dizer nada, lhe faltando, aparentemente, a mesma aptidão para a sua língua materna que tinha para o inglês. E a coisa estava nesse pé, ainda que Burden e Vine insistissem, determinados que estavam em encontrar o assassino de Hennessy, e estivessem longe de desistir até o conseguirem.

Frustrado pelo desinteresse de Fay Devenish em processar o marido por agressão, ou em testemunhar contra ele, Wexford se recusava, mesmo assim, a deixar que o caso Devenish caísse naquele grande receptáculo de resíduos recicláveis de casos inacabados, para dentro do qual corriam os problemas familiares insolúveis que saíam do outro lado como "caso estritamente doméstico, fora da alçada policial". Em vez disso, ele continuou a ficar de olho. A sargento detetive Karen Malahyde visitou Fay, tomando cuidado para que fosse na ausência do marido, enquanto fazia três vezes por semana um treinamento para lidar com a violência doméstica. Com as coisas de volta ao normal, Stephen Devenish havia voltado aos seus compromissos anteriores com a Seaward Air, ficando cerca de oito a dez horas por dia nos escritórios de Gatwick, Brighton ou Kingsmarkham. Com os meninos até o final de julho na escola preparatória em Sewingbury, era relativamente fácil para Fay ficar sozinha.

Karen começou em pouco tempo a se sentir em casa em Woodland Lodge, conseguindo controlar, quando na companhia de Fay, suas tendências feministas, como sua alergia aos afazeres domésticos e seu desprezo por aquelas que os faziam. Afinal de contas, havia comentado com Lynn, o fato de a pobre coitada encerar o chão era a menor das suas preocupações. Ela arranjou um encontro de Fay com Griselda Cooper, e as três mulheres almoçaram juntas no Europlate, tendo Fay descoberto que a data coincidia com a ida do marido ao aeroporto de Gatwick para um voo inaugural de ida e volta a Bruxelas num dos novos aviões Flyfast 355 Stratoslicer comprados pela Seaward.

O almoço foi compensador, mas apenas no sentido de que trouxe o colorido de volta às faces de Fay e um brilho em seus olhos. Ela não almoçava fora com amigas desde que Stephen a proibiu de se encontrar com Jane Andrews. Griselda tentou convencê-la a usar um aparelho de alarme em volta

do pescoço, mas Fay disse que Stephen o descobriria em cinco minutos, fazendo-o em pedaços e, provavelmente, ela junto com ele. Pelo menos uma coisa positiva resultou do encontro, disse Karen: Fay se sentiu finalmente capaz de falar com bastante liberdade sobre o que acontecia em casa. O assunto deixou de ser um segredo sombrio e terrível, destinado apenas a ser sussurrado para uma única amiga íntima.

Os vizinhos sabiam. O objetivo da operação Vigilantes da Dor era alertar os moradores da vizinhança sobre o que estava acontecendo. Karen decidiu que cabia a ela contar a Moira Wingrave, mas recebeu como resposta que uma coisa assim não podia acontecer naquela vizinhança. Moira disse que não podia sequer imaginar se imiscuindo num relacionamento entre marido e mulher, sobretudo num bairro exclusivo como aquele, mas outros moradores da Ploughman's Lane foram mais receptíveis e menos susceptíveis.

— Não que algum deles fosse perceber alguma coisa, disse Karen a Wexford. — Aquilo não é bem um loteamento municipal com paredes de papelão. Ele pode espancá-la até a morte sem que algum deles a escute gritando. Não através de duzentos metros de mata virgem.

O próprio Wexford, quando não estava investigando e perseguindo guerreiros ecológicos, ficava matutando sobre o que estava acontecendo agora em Woodland Lodge. Ele conversou a respeito disso com a mulher e com Sylvia. Quando falou sobre o caso com a filha caçula Sheila, sua única resposta foi de que se algum homem com quem ela alguma vez houvesse estado encostasse nela, ele é que ficaria sem saber o que foi que o atingiu. Wexford sabia que a coisa não era tão simples nem tão direta assim. O caso Devenish era responsabilidade de Karen, mas ele mesmo ia às vezes visitar Fay, conversando suavemente com ela, tentando descobrir em que pé estava agora a situação e buscando sinais de violência da forma em que Sylvia lhe ensinou procurar.

Ele procurava também por outros sinais. Desde o retorno da Sanchia, nenhum hematoma apareceu no rosto de Fay, mas muitos homens violentos eram ardilosos ao machucarem suas vítimas de maneira que os resultados não fossem visíveis. Isso também ele havia aprendido. E também viu algo que Karen não havia percebido: mesmo em pleno verão, Fay se vestia com saias

três-quartos e blusas de manga comprida. Ela só tinha trinta e seis anos, mas nunca mostrava os braços nem os ombros, e todas as suas roupas eram de gola alta. Isso poderia significar não só que estas partes cobertas de seu corpo escondiam ferimentos e hematomas, mas também que Stephen Devenish exigia que a mulher se vestisse com um recato excessivo igual ao de uma crente. Wexford perguntava a ela de vez em quando se estava bem, com ela entendendo perfeitamente o que ele queria dizer e respondendo simplesmente que sim, que ele não devia se preocupar com ela.

De forma que ele batia o terreno, de mais de uma forma, atrás daquela gente bem-intencionada e sincera, mas que desrespeitava a lei devastando campos de sementes de colza e linhaça geneticamente alteradas para o fabrico de óleo, gente que ele prendia sob acusação de danos propositais à propriedade alheia, enquanto pensava na família Devenish. Será que Stephen Devenish continuava a receber aquelas cartas ameaçadoras? Ou será que nunca houve carta alguma no gênero? Wexford não acreditava muito na existência passada de cartas obscenas ou anônimas cujo destinatário declarava ter se livrado delas. Talvez, elas existissem apenas na imaginação paranoica de Devenish.

Ele também jamais conseguiu descobrir o que aconteceu exatamente quando Stephen e Fay ficaram sozinhos após o retorno de Sanchia. Ela não lhe queria contar nada, nem à Karen, a não ser que Stephen a acusava com mais frequência agora de ser "doente mental". Ele também dizia sempre que ela era incapaz de cuidar dos filhos dele, mas nunca dizia se essas acusações eram, ou não, acompanhadas de pancadas. Sanchia havia começado a falar. No início de julho, completou três anos e já estava formulando frases e desenvolvendo um amplo vocabulário. Crianças de fala tardia começam a falar fluentemente quando deslancham. Cônscio da incongruência de seu raciocínio, Wexford viu no desenvolvimento da fala de Sanchia, mesmo assim, um sinal de que ela não havia testemunhado mais nenhuma cena de violência do pai contra a mãe.

— Isso não funciona bem assim, papai, disse Sylvia. — Ela estava destinada em algum momento a começar a falar. O que irá acontecer é que haverá novos traumas, ela será hiperativa, ou totalmente o contrário, ou ainda terrivelmente malcomportada, ou calma demais, mas alguma coisa vai

acontecer.

— Se ele continuar a ser violento.

— Você está sonhando. É claro que ele continua a fazer a mesma coisa. Por que pararia?

— O que me surpreende, disse Dora Wexford, — É que essas pessoas sejam de classe média... Bem, de classe média alta, se vocês quiserem usar todas essas gradações. Eles estão muito bem de vida, ele deve ganhar umas duzentas mil libras por ano.

— Trezentas e setenta e cinco mil, para ser preciso, disse Wexford.

— Bem, é isso que eu quero dizer. Se eles se divorciarem ela receberia uma enorme pensão. O bastante para manter aquela casa, e ele poderia comprar uma outra igualmente bonita para morar. Eu não consigo entender isso.

— Você não consegue mesmo, mamãe, de forma melhor não ficar falando em voz alta o que pensa. Violência doméstica ocorre em todas as classes sociais, não é uma coisa exclusiva das classes trabalhadoras, como é que você pode estar dizendo uma coisa assim? Você não faz ideia do que está falando.

— Agora sou eu que estou sendo oprimida, disse Dora. Wexford riu.

— Eu deveria dizer pra você não falar com sua mãe assim, só que, como alguém disse, Lorde Melbourne, acho eu: "Aqueles cujo comportamento requer que sejam admoestados são, raramente, sábios o bastante para tirarem proveito da admoestação."

Um princípio que ele não precisou de todo mudar quando foi até Woodland Lodge para visitar a Sra. Devenish dali a uma semana. Havia algo estranho nela; o rosto estava coberto por maquiagem pesada, um tipo de base espessa lhe cobria a pele pálida e fina, sem conseguir esconder, contudo, o hematoma negro que se espalhava pela testa, a face e a têmpora esquerdas. O olho esquerdo tinha um hematoma roxo e a pálpebra estava muito inchada. Wexford se viu na situação incomum de se sentir profundamente constrangido. Foi ela quem abriu a porta, e soltou um rápido gemido quando viu quem era. Sanchia estava junto a ela, se agarrando com as mãos à saia da mãe. Ele havia observado uma vez que seus filhos não se pareciam nem um pouco com a mãe, mas pelo menos essa garotinha se assemelhava à Fay, até mesmo nos olhos arregalados e assustadiços. Deu mais uma olhadela no seu rosto danificado e ficou quase sem saber o que dizer, mas tinha de dizer

alguma coisa pertinente ao que estava vendo. Ela caminhou na frente dele para a sala de estar, a mão cobrindo os machucados, mas isso não bastava para disfarçar aquela evidência terrível.

— Eu sei que a senhora não bateu o rosto numa porta, nem caiu de encontro a uma mesa, disse ele.

Ela sacudiu a cabeça. Isso tanto podia significar uma negação, como simplesmente um desejo de mudar de assunto. A garotinha, que estava segurando uma longa tira de pano, um pedaço de tecido de algodão, com uma das extremidades enfiada na boca, olhava para ele com olhos de morcego frutífero.

— Eu não posso falar a respeito disso na frente dela, disse Fay Devenish. — E ela está aqui com a gente e eu não posso mandá-la embora.

— A senhora pode me dizer pelo menos se ela assistiu à cena. A mulher assentiu com a cabeça. A mão permanecia apoiada de encontro à carne machucada e ao olho semicerrado. — Eu já lhe falei isso antes, Sra. Devenish, a sargento detetive Malahyde disse o mesmo, todo mundo diz a mesma coisa: a senhora precisa dar um basta a esse tratamento. A senhora com certeza já aturou mais do que o suficiente. Na próxima vez, é preciso que nos procure. É preciso.

O suspiro profundo que ela soltou pareceu levantar e abaixar inteiramente o seu corpo numa onda de sofrimento.

— Gostaria de saber falar uma outra língua de forma que pudesse me expressar nela. Gostaria de falar francês... Bem, falar direito. O senhor fala francês?

Ele balançou a cabeça. Ela fez um esforço que era ao mesmo tempo ridículo e comovente. “Il me cherchera et il me tuera”. Isso ele entendeu. Ou compreendeu o bastante. O marido iria à procura dela e, quando a encontrasse, a mataria.

Wexford nunca se sentiu tão impotente e incapaz. Imaginou-se prendendo Devenish, falando com ele na presença do advogado dele, e o

sujeito negando tudo, Fay se recusando a testemunhar e, em vez disso, inventando uma daquelas suas histórias já prontas, a de que foi de encontro a uma parede, a de que caiu de cara no chão... Ao mesmo tempo, ele gostaria de poder entender a raison d'être do sujeito, de poder compreender uma filosofia de vida que determinava a um homem grande e pesado que, motivado por uma causa imaginária e inventada, espancasse com seus punhos e pés uma mulher pequena e vulnerável. Isso somente porque ela era incapaz de manter o tempo todo o modelo de perfeição que ele desejava no serviço doméstico, porque ela perdia o controle sobre o comportamento dos filhos. Não fazia sentido. Isso era uma negação de toda decência, bondade e civilização humanas. Estava na cara que Devenish era um sádico que não se satisfaria com uma parceira masoquista, ou com uma que fingisse meramente a dor. Mas como iria ele, Wexford, se sentir se esse homem a matasse? Olharia então retrospectivamente com um arrependimento amargo de ter sido incapaz de fazer mais?

Mas fazer o quê? Ter certeza de que Karen mantivesse suas idas a Woodland Lodge. Alertar os Vigilantes da Dor e seu time recém-treinado para essa situação clássica. Ficar seguro de que a Assistência Social estava atenta e vigilante. Visitar ele mesmo essa casa, sempre que possível e sempre que seguro. Nunca se esquecer da Sra. Devenish. Nunca permitir que ela sumisse de seus pensamentos.

Em julho, ele e Dora viajaram em férias de duas semanas para Portugal. Quando descobriu que o agente de viagens que Dora usava havia reservado os lugares deles para Lisboa num voo da Seaward Air, sentiu um abatimento momentâneo. Mas por quê, em nome de Deus, eles não podiam voar com a Seaward Air? Mesmo que isso significasse colocar dinheiro no bolso de Devenish, o que não era o caso, Fay e as crianças seriam tão beneficiadas com isso quanto o próprio presidente da companhia aérea. Burden dizia frequentemente que ele se deixava levar por obsessões. Agora descobria que também era hiperemotivo.

No aeroporto de Gatwick, enquanto esperava que seu voo fosse anunciado, começou a ficar nervoso com a possibilidade de se encontrar com Devenish, mesmo sabendo que isso era bastante improvável. Um homem na posição de Devenish dificilmente seria visto vagando em meio aos passageiros

da classe turista, ou batendo um papo com eles a respeito da qualidade dos serviços. O problema era que se Devenish realmente aparecesse e os visse, ele iria quase certamente convidá-los para uma sala Vip, ou para algum santuário reservado para ele, e ofereceria bebidas. Podia até dar upgrade aos assentos deles. Wexford é claro que recusaria, mas a própria recusa seria desagradável. De qualquer forma, não havia sinal de Devenish e eles embarcaram tranquilamente no avião.

A temporada no Estoril e em Sintra foi agradável; o sol brilhava, mas sem ser escaldante, a comida era boa, o hotel confortável e eles voltaram na última semana de julho, revigorados e bronzeados. Wexford ligou imediatamente para Burden, para saber das novidades, e quais eram elas, além de perguntar como estava tudo em geral.

— Não pegamos ainda ninguém pelo assassinato de Hennessy, se é isso que você quer saber, disse Burden.

— Isso é só parte do que eu queria saber. De qualquer forma, se vocês o tivessem apanhado isso estaria nos jornais ingleses, os quais eu lia diariamente, como bom cidadão que sou.

— Vicky Cadbury não será levada a julgamento, ela está morrendo. Estão dizendo que qualquer novo tratamento seria inútil e que agora é apenas uma questão de administrar a morfina para eliminar a dor. Jerry Dover perdeu completamente a razão e foi internado.

— Imagino que a minha gabardine continue sumida, não é?

— Que eu saiba, continua. Charlene Hebden nega saber qualquer coisa a respeito e diz nunca ter visto Donaldson na vida. Wexford preparou-se para enfrentar algo que era muito mais importante para ele. Respirou fundo.

— E Fay Devenish?

— Nada de novo, disse Burden. — Karen foi vê-la enquanto você estava fora. Acho que ela descobriu direitinho como foi que Devenish se vingou em Fay pela tentativa dela de que a filha fosse adotada. Karen vai ter de lhe contar isso pessoalmente. Não é nada agradável. Fora isso, tudo está uma porra de uma zona.

— Você está aprendendo expressões de calão com o pessoal do Muriel Campden, disse Wexford, numa tentativa fracassada de melhorar a atmosfera.

Ele voltou a trabalhar. A delegacia recentemente reformada tinha aparência branca e ofuscante nessa manhã de sol forte. A fachada inteira foi repintada e janelas novas foram instaladas nas esquadrias. Ele pensou em Ted Hennessy que nunca veria isso, mas que poderia ter gostado. Wexford se lembrou de que, numa conversa que tiveram uma vez sobre um caso, o colega mostrou gostar de arquitetura moderna e inovadora.

Karen Malahyde tinha acabado de entrar de férias, de forma que, quaisquer que fossem os horrores que tivesse para lhe contar, eles teriam de esperar. Em vez disso, Wexford foi obrigado a encarar uma montanha de papéis relacionados às prisões, delitos e danos cometidos por catorze manifestantes ecológicos no campo cultivado entre Flagford e Sayle. Burden entrou para dizer que acabara de escutar que Vicky Cadbury havia entrado em coma, do qual não se esperava que se recuperasse. Ele se sentou na beira da mesa de Wexford, fazendo com que o mesmo examinasse seu terno, evidentemente novo e extremamente leve, num atraente tom caramelo-escuro. A gravata era listrada de caramelo e negro. Wexford comentou que, de agora em diante, deveria pagar cinquenta centavos para conversar com ele e pediu desculpas por não ter posto ainda um espelho na sala.

Só conseguiu se livrar da papelada na metade da manhã seguinte. Vine estava interrogando Flay mais uma vez, a policial Brodrick foi enviada para o Muriel Campden, onde todos os receptáculos para lixo reciclável tinham desaparecido durante a noite e seu conteúdo de papel, papelão, garrafas e latas espalhado pelo gramado triangular, e Wexford estava começando a pensar a respeito do almoço, quando seu telefone tocou apenas pela segunda vez naquela manhã.

— Houve um assassinato, senhor, disse a voz de Vine. — Acabou de acontecer; foi lá na Ploughman's Lane. Na Woodland Lodge.

Wexford podia jurar mais tarde que seu coração havia parado. Seu coração parou, sua respiração foi suspensa e sua voz desapareceu. O tempo havia cessado.

— O senhor ainda está aí? Está me escutando, senhor? Perguntou Vine. As vozes voltam e o tempo prossegue. Corações saudáveis não perdem o

batimento. Apenas dão a impressão de parar. Wexford encontrou uma voz nas profundezas de si mesmo e disse:

— Eu receava isso. Ah, meu Deus, eu tinha medo disso! Onde está o corpo dela? Dentro de casa?

— No escritório, disse Vine, — Mas não é a Sra. Devenish que está morta. É o marido dela, foi Stephen Devenish quem morreu assassinado.

* * *

Vinte

As grandes árvores tinham um colorido mais escuro e suas folhagens eram mais pesadas. Pareciam pessoas de meia-idade, ainda bastante bonitas, vigorosas e voluptuosas, até que postas ao lado da imaculada frescura da juventude. As árvores não tinham de suportar essa comparação, visto que todas envelheciam juntas, todas começavam ao mesmo tempo a ficar cansadas, com as folhas secando e amarelando nas pontas. Semelhantes, mais uma vez, a seres humanos que envelhecem, as árvores aparentavam estar bem quando vistas a certa distância, e eram menos deleitáveis de perto. Wexford as olhou quando saiu do carro e se lembrou de como, na primeira vez em que foi ali entrevistar os Devenish, as árvores estavam repletas de verdes botões viçosos. Stephen Devenish nunca as veria se tornarem castanhas e decíduas. Ele nunca mais veria nada. Wexford acreditava ser errado sentir prazer com a morte de alguém, mas, exceto pelas circunstâncias, ele teria sentido real prazer e gratidão pela morte de Devenish. Exceto pelas circunstâncias... Daria qualquer coisa para descobrir que a Sra. Devenish se encontrava fora dali na hora em que seu marido morreu, muito, muito longe dali, incapaz de ser alcançada e a uma distância que não pudesse ser percorrida. Mas Fay nunca saíra dali. Ela sempre esteve ali e era ali que estava agora. Na cozinha, segundo Lynn Fancourt, que foi quem abriu a porta da frente para ele e Burden. Ela estava no seu domínio, na cozinha, sentada à mesa, bebendo chá.

— Onde está ele? Perguntou Wexford, dizendo "ele" em vez do corpo, porque a morte parecia recente demais para que dissesse "o corpo".

— No escritório, senhor. A equipe dos legistas está lá com o patologista.

Fotografias estavam sendo tiradas agora. Perry, o policial encarregado da cena do crime, estava ocupado tirando medidas e o patologista, Sir Hilary

Tremlett, recém-alçado à Câmara dos Lordes com o título de Lorde Tremlett of Savesbury na última leva de honrarias do gabinete que perdera as eleições, estava de cócoras no tapete marrom-escuro e estudava os ferimentos na cabeça do homem morto. Ele se virou quando Wexford entrou, mas não se levantou.

— Ele foi esfaqueado no peito. Há três ferimentos ali, um dos quais produzido quando a faca passou através do coração. Um outro pode ter perfurado um pulmão. Você pode levá-lo embora quando quiser e eu irei examiná-lo melhor no necrotério. Não quero sujar meus sapatos com sangue. São novos.

Metade do corpo jazia sobre o tapete e a outra metade sobre as tábuas corridas. A impressão que se tinha era de que Devenish, quando ferido, havia caído de joelhos, para em seguida despencar para trás. Seus belos traços estavam tão brancos na morte que pareciam pertencer a um busto de mármore. Estava vestido como deveria estar um executivo saindo para um dia de trabalho: terno cinza-escuro de corte impecável, camisa cinza-pérola e uma gravata de seda rosa, com uma listra horizontal cinzenta. Ou pelo menos, esse era o aspecto que devia ter apresentado quando acabou de se vestir de manhã. O paletó do terno e a camisa estavam escuros de sangue e a gravata rosa estava respingada de vermelho, de maneira que parecia ser um estampado de rosas.

— Eu ainda não posso ter certeza, disse Lorde Tremlett, — Mas diria que quem fez isso era mais baixo do que ele. O que, aliás, não seria difícil, ele era um sujeito grandalhão. Olhando para cima na direção de Wexford, comentou como se altura fosse uma desvantagem, — Como você.

— A que horas foi a morte? Perguntou Wexford.

— Eu sabia! Já estava esperando por isso. Você quer que eu diga: "As oito horas e doze minutos em ponto, com um ou dois segundos de diferença." É isso que você quer, não é mesmo? Bem, eu não posso. Ninguém poderia. Eu posso dar um palpite.

— Vamos lá, então, dê seu palpite, disse Wexford, irritado com a afetação do sujeito. — Seja ousado uma vez na vida. Tremlett não gostou disso.

— Eu não entrei na Casa dos Lordes por dar palpites, mas sim pela

minha reputação de ser preciso e honesto. "Tem gente que diz que foi pagando cem mil libras", disse Wexford consigo mesmo.

— Está bem, quando é que foi? Aproximadamente.

— Aproximadamente esta manhã, entre sete e meia e oito e meia. Espero que você não me pressione, não gosto nem um pouco desse tipo de coisa, mas se me pressionar, eu diria que foi entre sete e meia e oito e quinze. Wexford saiu do escritório, foi até o vestíbulo e perguntou a Barry Vine quem havia encontrado o corpo.

— Foi a mulher dele, senhor. Ela ligou pra gente.

— Quando?

— Logo depois das nove. Ela pensou que ele já tinha saído pro trabalho e entrou pra limpar o lugar.

— Onde estavam as crianças?

— Os meninos tinham ido para a escola. É o último dia de aulas deles antes das férias. Eu imagino que a garotinha estivesse com ela. Vine hesitou. — Ela diz que alguém veio se encontrar com Devenish às oito da manhã. Foi o próprio Devenish quem abriu a porta e o levou para o escritório. Ela não viu ele, mas escutou uma voz de homem.

— Foi a Sra. Devenish quem disse isso?

— Exatamente.

— Ela disse isso a você?

— Foi praticamente a primeira coisa que ela disse.

— Entendo. Nenhum sinal da arma do crime, imagino?

— Não havia nenhuma faca no escritório, senhor. Parece claro que foi uma faca que usaram. Tem sete facas num encaixe de madeira na cozinha e ninguém tocou nelas. Isto é, ninguém tocou nelas desde que eu cheguei aqui. Lynn está na cozinha com a Sra. Devenish.

Wexford se lembrava do bloco de madeira com o encaixe para facas. Isso e o relógio cuco eram os símbolos para ele daquela cozinha e, curiosamente, eram símbolos também de Stephen Devenish.

— Está bem. Eu vou entrar e falar com ela agora.

Foi encontrá-la no lugar onde Vine lhe disse que encontraria, cumprimentou-a com um "bom-dia", disse que a coisa toda era terrível, e fez sinal para que Lynn fosse se encontrar com ele no saguão. Lá, com a porta da

sala de estar fechada, perguntou a ela se as roupas que Fay estava usando, um vestido comprido branco de algodão com bolinhas azuis abotoado na frente e alpargatas com sola de corda, eram as mesmas que vestia quando encontrou o corpo do marido.

— Eu perguntei a ela, senhor. Ela disse que eram.

— Vamos começar imediatamente uma busca na casa. Ele voltou à cozinha. O lugar continuava imaculado e arrumado como antes.

Fay Devenish parecia zonza, literalmente zonza, como se alguém lhe houvesse dado uma bordoada na cabeça e a derrubado. Talvez, Devenish tivesse feito isso. Ela estava sentada numa cadeira Windsor de madeira torneada, afastada de maneira esquisita da mesa, se curvando para frente, a cabeça arqueada, seus joelhos e pés apertados bem juntos. Seus cabelos lisos castanho-claros lhe caíam nas faces. Ela olhou para cima quando ele entrou e ele reparou que seu rosto estava branco como se fosse ela, e não o marido, quem tivesse se esvaído em sangue. Em situações assim, quando a mulher perdeu o marido por homicídio, Wexford começava por oferecer condolências como preâmbulo para as perguntas que queria fazer. Neste caso, parecia desapropriado dar os pêsames.

— Foi a senhora que encontrou o corpo de seu marido? Ela levantou de novo a cabeça e o encarou fundo nos olhos.

— Foi. Era claramente tudo o que ela queria dizer. Ela não tinha mais nada a dizer, mas percebeu talvez que ele quisesse algo mais, muito mais, e explodiu com uma voz rouca, quase meio sufocada: — Eu não posso acreditar nisso! Acho a coisa toda inacreditável, isso não pode ser verdade. Era eu quem iria morrer, eu que seria chacinada, era isso que eu sempre achei... Era também a opinião de Wexford. — Mas Stephen está morto. Ele foi assassinado. Não posso crer. Não acreditei quando o vi. Ele era tão grande, tão forte e tão cheio de vida! Eu ainda não consigo acreditar.

— Mas é verdade.

— Havia tanto sangue! Como alguém podia ter tanto sangue? O sangue de Wexford gelou. Essa era a frase de Lady Macbeth, o comentário grotesco e inapropriado que se origina do choque quando se assiste a algo horrível.

— A que horas a senhora encontrou o corpo de seu marido, Sra. Devenish?

— Eram nove horas da manhã. Pouco antes das nove. Eu tinha ido lá... Até lá... O escritório. Só agradeço a Deus, agradeço a Deus que Sanchia não estivesse comigo. Eu a deixei no quarto de brinquedos. Ela estava assistindo a um vídeo. Era O REI LEÃO. Graças a Deus ela estava assistindo a um vídeo, graças a Deus!

— Fale-me a respeito desse homem que a senhora disse que veio visitar seu marido às oito horas da manhã. Ela não gostou do "disse" e franziu o cenho.

— O senhor está sugerindo que não acredita em mim?

— Não quis dizer isso.

— Mas talvez quisesse.

— Fale-me dele.

— Só escutei a voz dele, eu não o vi. Pensei que fosse um dos vizinhos. Imagino que meu marido tenha aberto a porta para ele. Meu marido estava... Bem, ele estava de saída para o escritório em Brighton e esse homem às vezes pega uma carona com ele. Era ele quem eu pensei que fosse.

— Qual é o nome desse vizinho? Ela não sabia, ou disse que não sabia.

— Ele mora na Laburnum House. A antiga casa de Sylvia. Ele tentou se lembrar do nome das pessoas que a compraram de Sylvia e Neil. Paulton? Poulson?

— Estou vendo que a senhora cortou a mão, disse ele.

— Eu não a cortei. Ela olhou para a mão com ar de surpresa, como se nunca a houvesse visto antes. Através da palma, em diagonal, onde fica a linha da vida, havia um corte longo e profundo. — Sangrou muito na ocasião, disse ela.

— Como foi que aconteceu?

— Foi o Stephen quem fez isso. Ela começou a rir histérica; era uma gargalhada quase operística, subindo em escalas sonoras, de uma mulher enlouquecida. Ela se balançava na cadeira para frente e para trás, batendo no tampo da mesa com as mãos. — Foi ele, foi ele! Ela guinchou. — Mas ele nunca mais vai fazer isso, nunca, nunca, nunca! Alertada pelo barulho, Lynn entrou na cozinha.

— Você poderia pegar um copo d'água pra ela? Pediu Wexford. Quando Lynn o trouxe, Fay Devenish já estava soluçando.

A policial levou a água até os seus lábios e, para surpresa dos dois, ela bebeu com avidez, respirou bem fundo e soltou o ar com um longo suspiro.

Foi então que fez uma coisa mais chocante porque o fez muito calmamente, sob o mais absoluto controle. Ela se levantou e, revelando uma força surpreendente, levantou as mãos, segurou o relógio cuco e lutou para arrancá-lo da parede. Agarrou-se tenazmente a ele por alguns instantes até conseguir soltá-lo, e o jogou em seguida com toda força o relógio no chão. Ela despedaçou o relógio. O pequeno cuco atrevido, finalmente vencido, rolou para fora dos destroços e permaneceu de costas debaixo da mesa. O surto de violência fez com que sua mão recomeçasse a sangrar. Ela parecia não notar o sangue que lhe escorria da palma da mão e pingava no chão.

— Esse ferimento precisa ser tratado. Provavelmente necessita de pontos, disse Wexford. Ela deu de ombros.

— Ele comprou esse relógio quando estávamos de férias em Lucerna. Eu sempre o odiei. Costumava achar que o cuco caçoava de meu... De meu sofrimento. Lynn se ajoelhou e começou a catar os pedaços.

— Você é provavelmente a única pessoa além de mim que jamais fez uma coisa dessas nesta casa.

— A senhora não deve ficar sozinha, disse Wexford. — Existe alguém que possamos chamar para lhe fazer companhia?

— A Jane, disse ela. — Eu agora posso ficar com a Jane.

O corpo foi levado embora. Peach, Cox e Archbold haviam feito uma busca na casa à procura de roupas manchadas de sangue, mas não encontraram nada de interesse.

Wexford foi até a lavanderia, onde uma pilha de roupa limpa dobrada, mas ainda não passada, estava numa bancada. Entre as peças de roupa, juntamente com meia dúzia de camisas brancas como a neve que pertenciam ao defunto, ele percebeu algo que parecia ser uma saia de algodão, várias camisetas e um vestido de abotoar até embaixo. Ambas as portinholas, tanto da máquina de lavar como da secadora, estavam abertas. A lavanderia tinha uma passagem para a cozinha, onde Fay Devenish continuava sentada ao lado de Lynn Fancourt. Ele olhou à sua volta, viu o suporte de facas e notou que cada um dos encaixes no bloco de madeira tinha sua respectiva faca, menos uma. Sete facas. No dia em que Stephen Devenish chorou naquela sala, com os braços estirados em cima da mesa, eram sete ou oito facas que estavam ali?

— Ponha aquele suporte de facas num plástico, disse a Cox, — E vamos mandá-lo para a perícia. Em seguida, perguntou a Fay Devenish se estava faltando uma faca no suporte.

— Eu acho que não, disse ela. — Deixe-me ver. Não, estão todas ali. Ela o encarou temerosa. — O senhor acha que uma dessas facas...?

— Eu não estou achando muita coisa por enquanto, Sra. Devenish. Fiquei pensando apenas que existem oito encaixes na madeira, mas somente sete facas estão lá.

— Nunca houve mais do que isso. Ela falou categoricamente, sua histeria havia terminado. — Existe uma razão para isso. Apesar de ter sido feito para oito facas, se a gente colocasse oito, elas ficariam justas demais e, quando se tentasse puxar uma delas, a que está ao lado dela sairia também. O senhor entende o que estou dizendo?

— Acho que sim. Wexford ficou esperando que ela dissesse que uma das suas facas de cozinha não poderia ter sido usada para assassinar o marido. Ela havia permanecido o tempo todo na cozinha e o homem que teria assassinado Stephen Devenish nunca havia entrado ali. Era isso que ele esperava que ela falasse, mas ela, em vez disso, disse o seguinte:

— A faca com a qual meu marido me cortou, eu não sei de onde veio. Não era uma dessas.

Ele não disse mais nada. Eles logo saberiam, a perícia lhes diria. No corredor da entrada, ele encontrou Burden.

— Onde está a menininha, Mike?

— Eu fiz com que a levassem para a casa de uma vizinha, a tal da Wingrave. Não é o ideal, mas é melhor do que aqui. E liguei para a escola dos garotos; é a Francis Roscommon School, em Sewingbury. Eu disse que iria até lá pra falar com o diretor, mas ele me pareceu um homem sensível e me disse que iria contar a eles quando encontrasse uma ocasião apropriada. E ele mesmo vai trazê-los pra casa.

— Eu não quero que eles sejam trazidos pra cá, Mike. Burden olhou para ele. — Ou melhor, quero que eles voltem para casa, mas não os quero a sós com a mãe. Não quero que ela tenha oportunidade de falar com eles, nem eles com ela. Algum outro tipo de arranjo terá de ser feito.

— Você está pensando no estranho misterioso que ela diz ter estado aqui pela manhã? Ela imaginou isso de improviso, não foi?

Wexford deu de ombros. Foi até o escritório e ficou perto da janela; o cômodo ficava num segmento ou ala da casa que se projetava para frente, e dava para olhar para a esquerda e ver a porta da frente. Estaria Devenish ali para assistir à chegada do tal homem? Havia algum homem? Ou seria uma invenção desesperada de uma mulher? Ele olhou de novo para frente e viu o carro de Jane Andrews chegando pelo longo túnel verde da alameda de entrada. A chegada dela melhorou estranhamente seu humor. Era melhor que ela estivesse ali.

Aqui, na câmara mortuária de Stephen Devenish, era também o cômodo onde a maior parte da brutalização de Fay Devenish acontecia. Já havia sido revistado, mas resolveu ele mesmo revista-lo. Numa gaveta da mesa, encontrou um chicote. Era o tipo de chicote que um jóquei usaria, ainda que não estivesse certo disso, por não ter familiaridade com os meios usados para castigar um cavalo. De uma coisa estava certo: Devenish não o usava num cavalo. Uma outra gaveta continha apenas um par de quebra-nozes e um instrumento que parecia ser um par de pinças, mas cujo objetivo não conseguia definir. Foi um alívio descobrir que havia apenas papel na gaveta de cima; na maioria eram cartas dentro de envelopes.

Tudo isso teria de ser examinado. Ainda que mais tarde, agora não. Ele já estava fechando a gaveta quando a escrita, ou melhor, a impressão no alto de um envelope chamou sua atenção. O envelope foi rasgado quando aberto, o conteúdo foi sem dúvida lido e, em seguida, posto de volta no lugar. Endereçado a Stephen Devenish Esq., Woodland Lodge, Ploughman's Lane, Kingsmarkham KM2 4ZC, os tipos foram produzidos por um computador e uma impressora. Quase não acreditando na própria competência nessa área, ele reconheceu o programa Word para Windows, o mesmo que usavam na delegacia, e, é claro, em milhões de outros lugares. O carimbo postal era de Brighton, datado de 24 de julho. Ele retirou a carta do envelope, produzida no mesmo computador, e pela mesma impressora de texto.

Prezado Sr. Devenish:

Tenho me perguntado frequentemente se o senhor sabe o monstro que é. Um psicopata, pois o senhor não é absolutamente um ser humano. Na verdade, gente má como o senhor é bastante rara. Graças a Deus! Mas Deus não terá Sua vingança até que o senhor tenha morrido em sua cama confortável e luxuosa, foi para isso que Ele me escolheu para castigá-lo. Eu vou matá-lo. Pode ser nos próximos dias, semanas, ou meses, até. Mas vou matá-lo, e o senhor irá sofrer, sofrer com as mesmas

crueldades que inflige à sua pobre esposa. Eu a transformarei numa viúva e farei dos seus filhos órfãos e, assim como eles, soltarei também gargalhadas de alegria.

Não havia assinatura. Wexford achava muitas vezes engraçado observar como, sem pensar, a gente se dirige a pessoas de que não gostamos, desconfiamos, ou a quem desprezamos, com este termo de apreço: "prezado", até mesmo empregado por autores de cartas anônimas. Já vira muitas dessas contas, mas nenhuma como essa. A impressão que dava, por um lado, era de ter sido o trabalho de uma pessoa instruída. Havia algo de evangélico a respeito daquela última frase, quase como um versículo de um salmo, sugerindo com a menção de Deus e o uso das maiúsculas nos pronomes que o autor fosse religioso. Ele mudou de ideia a respeito de examinar mais tarde as gavetas. Surgiram duas outras cartas num estilo bem parecido. Ambas começavam com Prezado Sr. Devenish e ambas mencionavam a "crueldade" de Devenish com a mulher, mas a segunda se referia ao hábito dele de cortá-la com uma faca. Uma era datada do início de julho e a outra de meados de junho. Então, Devenish talvez não houvesse mentido ao dizer que tinha recebido cartas assim em abril, mas as destruiu. Talvez tivesse havido muitas e ele as recebesse regularmente.

Wexford encontrou, ao voltar a Woodland Lodge durante a tarde, não apenas duas mulheres na sala, mas três. Jane Andrews, asseada e elegante num conjunto de linho de saia comprida cor-de-creme, estava sentada com a amiga num dos sofás, segurando a mão ferida da outra, enquanto numa poltrona estava uma mulher que Fay apresentou surpreendentemente como sendo sua mãe, Sra. Dodds. A magra e cansada Fay, metida num vestido azul que estava dependurado nela, não se parecia nem um pouco com a senhora robusta trajando um vestido verde vistoso que combinava com os sapatos de salto alto, com seu "cabelo armado" formando um capacete dourado cuidadosamente escovado e o rosto pintado com primor. Havia bolinhos na mesa junto com biscoitos numa salva de prata, e alguém havia preparado um bule de café. Elas ofereceram uma xícara a Wexford, mas ele a recusou com a cabeça.

— Eu gostaria de falar com a senhora sozinha, Sra. Devenish, de forma que sua mãe e a sua amiga poderiam permitir que se ausentasse por dez minutos.

Enquanto conduzia as duas para fora da sala, ele chamou Lynn para se sentar com Fay Devenish. Ele pensava rápido, buscando uma forma de se aproveitar da oportunidade. O escritório estava obviamente fora de consideração. Por mais que Jane Andrews odiasse Stephen Devenish, ela iria provavelmente empacar na hora de entrar numa sala tão pouco tempo após ele ter perecido ali de morte violenta. Mas era uma casa imensa, com muitos cômodos. Ao abrir uma porta, ele deu de cara com um quarto de brinquedos onde um aparelho de televisão permanecia ligado, ainda que O REI LEÃO tivesse terminado há muito tempo, e brinquedos jaziam espalhados por todos os cantos onde Sanchia os largara. Ele teve mais sorte na sua próxima tentativa. Era ali que ficava a sala de jantar. Uma mesa grande o bastante para acomodar vinte pessoas sentadas, será que a coitada da mulher era obrigada a preparar jantares formais para os contatos profissionais de Devenish? Permitia, ainda assim, que houvesse espaço para um aparador, armários de bebidas e cadeiras extras. Ele pediu às duas mulheres que se sentassem, dizendo em seguida:

— Sra. Dodds, os seus netos logo estarão chegando da escola. Não acho que seja uma boa ideia eles ficarem aqui, a senhora não concorda? Sua filha precisa descansar. Por isso fico pensando se a senhora não poderia ficar com eles durante alguns dias, apenas para... Ela foi logo interrompendo. O sorriso impaciente e a voz radiante mudaram a imagem que havia feito dela como estando longe de gostar de ser vovó.

— Eu adoraria ficar com eles! Que ideia esplêndida do senhor! Meu marido e eu estamos sempre comentando que nunca os vemos bastante. Eu não me importaria em passar um mês com eles. E eles adoram ficar com a gente.

— Está bem, então. Mas se a senhora pudesse, nisso ele abrangeu com o olhar tanto da Sra. Dodds como o de Jane Andrews, — Fazer de conta que o convite partiu da senhora por iniciativa própria? Isso seria... Bem, ficaria melhor assim.

— É claro que farei isso.

— A senhora e a Srta. Andrews poderiam fazer uma mala com algumas roupas para eles enquanto converso com a Sra. Devenish. Tenho certeza de que a senhora sabe do que eles precisam.

Fay Devenish estava sentada contemplando calmamente a mão

esquerda, agora coberta de ataduras. Talvez estivesse pensando ser aquele o último ferimento que receberia das mãos de Devenish. Ou refletiria sobre o que ela havia feito? Ou sobre o que o seu salvador, esse estranho, havia feito?

— A que horas a senhora ouviu a voz desse homem, Sra. Devenish?

— Eu já lhe disse. Por volta das oito. Eu estava na cozinha, arrumando a louça do desjejum. Os meninos estavam comigo, esperando a carona deles para a escola.

— Eu gostaria que a senhora me relatasse corretamente a sequência dos acontecimentos, por favor. Prometo que não irei prendê-la mais do que o necessário; compreendo como isso deve ser extenuante para a senhora.

Fay pigarreou. Olhou ao redor da sala e, por um instante, Wexford pensou que ela fosse perguntar se a presença de Lynn era necessária, mas não perguntou. Ela suspirou e começou a falar:

— Sanchia acordou às seis e meia. Ela sempre acorda a essa hora. Eu me levantei quando a ouvi, eu a vesti e a trouxe para baixo. Meu marido já estava tomando banho. Às sete, entrei no quarto dos meninos e mandei que saíssem da cama. Precisei voltar para dizer de novo, mas sempre tenho de fazer isso. Eu estava ajudando Sanchia a tomar o café-da-manhã, quando meu marido desceu. Eu preparei o desjejum dele. Ele sempre come... Comia... Alguma fritura. Os meninos desceram então para comer os sucrilhos e as torradas deles. Eu tinha... Eu tinha ficado sem laranjas para fazer suco, é uma época ruim do ano para se conseguir laranjas, de forma que usei um suco congelado, mas não consegui que descongelasse... O senhor não vai querer escutar essa história toda.

— Eu quero escutar tudo, disse Wexford. — Continue.

— Meu marido terminou o café e foi até o escritório. Isso devia ser cerca de quinze para as oito. Ele me chamou para ir até lá... Eu... Ah, eu não...

Seu rosto se desfez em tristeza. Não havia lágrimas, era mais um contorcer de seus traços, formando uma careta de medo e dor. Era como se, e Wexford achou que estava enxergando claramente isso nela, ela estivesse se perguntando, como sempre havia se perguntado, por que esse marido dela achava que precisava feri-la para sempre, sempre recomeçando de novo. Por

quê? Teria ela sido tão ruim que merecesse isso? Wexford disse suavemente:

— Seu marido a chamou ao escritório para castigá-la, não foi, castigá-la por não ter suco de laranja fresco? Ela aspirou sonoramente o ar, abaixou a cabeça, e disse num suspiro quase inaudível.

— Foi.

— Ele tinha uma faca, mas não era uma das facas da cozinha? Era uma faca que aconteceu de ele ter no escritório? Houve apenas um aceno da cabeça dessa vez. — Ele disse para a senhora esticar sua mão... sua mão esquerda, porque não tinha intenção de interferir na sua capacidade de realizar os afazeres domésticos... E fez um corte na palma dessa mão.

— Fez. De forma muito inapropriada e incomum, Wexford se sentiu exultante pela morte do sujeito, que ele tivesse tido uma morte violenta, que houvesse sido castigado. Mas não disse nada. Fay falou, com voz trêmula:

— Ele ficou muito, muito pior comigo depois daquela história com a Sanchia. Todo dia havia... Havia alguma coisa: espancamentos ou cortes, ou me dava pontapés. Edward e Robert assistiam, a Sanchia assistia a tudo.

— Isso agora acabou, disse Wexford, acrescentando para si mesmo que, quaisquer que fossem as consequências, qualquer que fosse a verdade, não haveria mais nada daquilo. — Conte-me o que aconteceu depois que seu marido a cortou.

— Eu voltei para a cozinha. Não, primeiro fui ao banheiro do andar térreo enrolar a mão numa toalha. Os meninos não viram o corte, mas viram que minha mão estava coberta. Eles estavam de saída para a escola. Nos dias em que não sou eu quem os leva, eles têm de andar cerca de cem metros rua abaixo e pegar carona com uma senhora que também tem filhos estudando na mesma escola. Eu me despedi deles...

— Perdão... A senhora quer dizer que foi até a porta da frente com eles? Ela olhou para ele, de início confusa.

— Se eu... Ah, entendo o que o senhor quer dizer. Não, eu só disse que estava na hora de eles irem e me despedi deles, e eles saíram da cozinha para o saguão da entrada e dali pela a porta da frente. Eu na verdade não os vi saindo de casa, mas sei que saíram. Então, quase em seguida... Bem, alguns minutos depois da saída deles, a campainha soou. Era esse homem. Eu escutei a voz dele e a voz de meu marido falando com ele.

Ele percebeu que ela nunca se referia a Devenish como Stephen, mas

sempre como “meu marido”, da mesma forma que um escravo diria “meu amo”.

— Isso deve ter sido por volta das oito horas. A senhora ouviu quando ele saiu?

— Eu não sei. Pensei ter escutado a porta da frente se fechando, mas isso poderia ter sido meu marido de saída, só que não era.

— A senhora não ficou surpresa, Sra. Devenish, que seu marido saísse sem antes falar nada com a senhora? A gargalhada que soltou soou como um choque naquele lugar sossegado.

— O senhor ficaria surpreso se alguém não se despedisse do senhor depois de tê-lo retalhado com uma faca?

— Talvez não, disse Wexford. — Talvez não. Ela deu subitamente um salto da cadeira, olhando transtornada à sua volta.

— Onde está minha garotinha? Onde está a Sanchia?

— Com a Sra. Wingrave.

— Eu a quero, eu a quero de volta! Ah, meu Deus, o senhor se deu conta de que eu nunca mais vou precisar temer por ela de novo?

— É claro que a senhora pode ficar com ela aqui.

— Eu vou até lá pegá-la, disse Lynn.

Do outro lado da rua e depois de uma outra entrada de automóveis, Moira Wingrave estava sozinha no quarto forrado com papel de parede camurçado e cheio de almofadas que ela chamava de seu “boudoir”, reclinada num sofá com os pés pra cima, com um copo cheio de uma bebida que tanto podia ser suco de tomate puro, como um Bloody Mary, e assistia à televisão.

— Sanchia estava em algum lugar, disse ela, provavelmente lá em cima com Tracy. Ah, sim, ela simpatizou muito com Tracy. Essa gente humilde é sempre um sucesso com as crianças. Lynn lhe perguntou havia se visto um homem entrando no portão que levava à Woodland Lodge por volta das oito da manhã.

— Que homem? Você não está falando do coitado do Stephen Devenish?

— Não. Talvez um dos vizinhos, o morador da Laburnum House, por exemplo?

— Ah, Gerry Paulton. Não, por que o teria visto? Ele nem sequer

conhece os Devenish, conhece?

— Eu gostaria de levar a Sanchia de volta para a mãe dela agora.

— Fique à vontade, faça o favor. Eu não estou acostumada com crianças e, francamente, nunca sei o que dizer a elas.

Tracy Miller sabia. Ela estava fazendo uma brincadeira com Sanchia chamada "dar a volta pulando", da qual Moira Wingrave certamente não teria gostado, pois consistia em a menina dar uma volta no quarto da dona da casa passando de um móvel para o outro sem pisar no chão, pulando de uma pequena cadeira dourada para a réplica de uma cômoda Luís XVI, terminando numa penteadeira forrada de seda cor-de-marfim e, dali, para os braços de Tracy. Sanchia, que agora conseguia se expressar, disse que não queria voltar para casa, que queria ficar com Tracy, e começou a chorar. Lynn conseguiu finalmente suborná-la com balas Smarties, as quais encontrou por sorte no fundo da bolsa.

De volta, em casa, a mãe a abraçou suavemente e lhe cobriu o rosto e a cabeça de beijos, um tratamento do qual Sanchia tentou se desvencilhar. Há dez minutos que estava em casa, quando os irmãos Edward e Robert entraram pela porta dos fundos, levados pelo diretor da escola deles no próprio carro. Tinham a aparência que os garotos da idade deles têm quando atingidos por acontecimentos trágicos: pareciam embaraçados, confusos, perdidos e indefesos.

Edward resmungou alguma coisa em resposta ao cumprimento de Jane Andrews. Robert não disse nada. Ele ficou trocando de pé como se estivesse apertado, até perguntar à mãe se havia alguma coisa para comer. Como um reflexo, Fay se levantou e pegou latas de Coca-Cola na geladeira, além de pão, manteiga e pasta de Marmite de uma dispensa, mais barras de chocolate Mars de outro lugar. Mas, quando a avó deles entrou, os dois mostraram mais entusiasmo do que Wexford já havia visto antes em qualquer um dos dois. Ele ficou satisfeito com seu plano para eles e disse que precisava ir embora. Do lado de fora, se encontrou com Vine, que visitara a antiga casa de Sylvia, na qual um Gerald Paulton recém-chegado do trabalho lhe disse que sempre ia no próprio carro até Brighton. Era verdade que uma vez, quando seu carro esteve na oficina para uma revisão da parte elétrica, ele pegou uma carona com Stephen Devenish, mas isso foi há mais de um ano atrás.

— Que coisa terrível! Eu fiquei arrasado quando minha mulher me contou, totalmente arrasado. Ele era um dos melhores sujeitos que conheci, um dos melhores.

— Então o senhor não deu uma passada na Woodland Lodge hoje, por volta das oito horas da manhã, não é?

Na ficção, quando as pessoas são interrogadas pela polícia, ou respondem às perguntas calmamente, como se fosse algo rotineiro, ou parecem apenas estar aborrecidas com isso. A realidade é diferente. Gerald Paulton ficou chocado e assustado com as perguntas de Vine. O que ele pensava que estava fazendo? O que estava insinuando?

— Não estou insinuando nada, senhor. Estou fazendo apenas umas perguntas rotineiras.

— O senhor me pôs na lista de suspeitos?

— Nós não temos uma lista de suspeitos, Sr. Paulton. Esta investigação começou há muito pouco tempo.

— Bem, eu não fui até lá hoje de manhã. Saí para o trabalho às sete e meia. Pergunte à minha mulher, pode perguntar aos meus filhos, ao rapaz do programa de intercâmbio estudantil que mora conosco, a qualquer um.

Em casa, Wexford leu e releu as fotocópias que mandou fazer das cartas anônimas que encontrou na mesa de Devenish. Os originais foram enviados ao laboratório, para exames. Estava pensando como o uso universal de computadores tornou muito mais difícil a identificação de cartas anônimas, mas é provável que os policiais dissessem a mesma coisa quando as máquinas de escrever foram inventadas. Essas cartas eram evidentemente trabalho de alguém que tinha mais do que rancor contra Devenish. Ele precisava descobrir mais a respeito desse homem que Devenish teria expulsado do escritório e jogado escada abaixo. Havia uma coisa com a qual cismava: por que Devenish conservou essas cartas, isto é, as que chegaram em junho e julho, mas não as anteriores? Seria porque só essas mencionavam especificamente sua violência contra a mulher? É claro que nem sequer sabia se esse era o caso, isto era apenas uma suposição. Pode ser que as outras também houvessem se referido a isso. E, de qualquer forma, qual era a necessidade de sair procurando pelo assassino de Devenish em outro lugar

que não a sua própria casa?

* * *

Vinte e Um

WEXFORD NÃO tinha a menor simpatia pelo uso de estratégias conciliatórias, e esperava conseguir fazer a entrevista com Brian St George sem precisar de qualquer coisa no gênero. Por outro lado, desejava ter informações do editor do Kingsmarkham Courier, informações que só St George tinha. Se necessário, ele precisaria fazer uma concessão e restabelecer as antigas prerrogativas de imprensa do Courier com a polícia de Kingsmarkham. Mas aconteceu que, ao se encontrar com St George no seu escritório na redação da Rua High, o editor estava ansioso para ajudar, até mesmo obsequioso, e disposto a dizer ou fazer qualquer coisa para que o antigo status quo fosse restaurado.

— O senhor está atrás da matéria sobre os ricaços, Sr. Wexford? Quer saber quando nós tiramos aquela foto da Sanchia? Eu não tenho como lhe dizer precisamente quando foi, pelo menos assim de chofre. Mas a minha assistente pessoal pode fazer isso num piscar de olhos. Nosso sistema de informática é mais do que excelente.

As assistentes pessoais de St George estavam o tempo todo mudando e nenhuma parecia ter mais de dezesseis anos. A última tinha sido uma loura gordinha que usava minissaias cujo comprimento mal dava para cobrir suas nádegas. Sua sucessora era uma negra com um metro e oitenta de altura, e apliques compridos cheios de contas, presos nos cabelos pintados de vermelho.

— Veja se consegue descobrir a matéria sobre ricaços que fizemos sobre Devenish, está bem, Carly-Jo? Procure no arquivo de dois anos atrás, e me traga uma cópia.

— Vocês chegaram a entrevistá-lo? Perguntou Wexford.

— É claro que entrevistamos. Está tudo na matéria. Acho que vamos publicar trechos na edição desta semana relatando o assassinato. Bastante surpreso, Wexford perguntou:

— Vocês vão publicar? Por quê?

— Ele disse muita coisa a respeito de seus inimigos. Disse que havia feito inimigos no trabalho. O gerente da companhia aérea, por exemplo, foi demitido logo depois que Devenish conseguiu seu aumento de salário. A demissão foi por incompetência e, segundo Devenish, o sujeito era incompetente. Ele foi um desastre desde o início, foi ele quem perdeu uma grande oportunidade para a empresa. Trevor Ferry.

— Vocês não vão publicar nada sobre isso, imagino, disse Wexford num tom muito sério.

— É claro que não. St George fez uma cara como se fosse extremamente correto. — Espero que sejamos mais responsáveis do que isso.

— Eu também.

— De forma que a gente não usou isso na matéria sobre os "ricaços". Eu só estou contando o que ele me disse. Ele era um sujeito bastante simpático, muito afável de se lidar, aberto e franco etc. Na posição dele, era obrigado a lidar com muita inveja. Você sabe, tinha um superemprego, um dinheirão, uma mulher adorável, filhos lindos, uma casa espetacular...

— Está certo, disse Wexford. — Eu sei muito bem.

— Eu só estava querendo dizer, Reg, que as pessoas não gostam de tudo isso. Elas sentem raiva. Quero dizer, elas se perguntam "por que ele tem tudo isso, e não eu", esse tipo de coisa. Elas acham que não é justo. Ah, aqui está nossa matéria.

Carly-Jo entrou com a matéria impressa, e colocou-a na frente de Wexford, exalando uma onda doce e densa de perfume. Com medo de que fosse espirrar com a coceira que sentiu nas narinas, ele pressionou o indicador de encontro ao lábio superior, isso sempre funcionava. A matéria, ele viu de cara, seria de pouca ajuda. Era a coisa de sempre, começando com uma descrição do estilo de vida de Devenish, seguida de uma longa citação das palavras dele, tudo para justificar um salário de quase quatrocentas mil libras por ano. Nem uma só linha a respeito dos inimigos dele, muito menos sobre ameaças. Nada sobre o gerente demitido.

— Uma vez que o seu objetivo era fazer com que o sujeito fosse odiado,

ridicularizado e desprezado, imagino que tenha tomado cuidado para não ser processado. Wexford pôs a cópia em cima da mesa.

— Eu não acho que você esteja sendo justo comigo, Reg. Isto aqui não é bem um jornal de circulação nacional. A maioria de nós precisa conviver com os moradores desta cidade. Nós também não gostamos de fazer inimigos. Além disso, a gente também leva em consideração um gesto de boa vontade para manter um bom relacionamento com nossos contribuintes.

— Por que foi que ele mencionou que tinha inimigos? Não precisa responder, deixe que eu adivinho. Você, ou o seu repórter, lhe perguntou se ele os tinha, se recebia ameaças, se essa tal inveja se manifestava de alguma forma.

— Se me lembro direito, disse St George um pouco sem jeito, — Ele realmente mencionou ter recebido cartas ameaçadoras. E, é claro, eu disse que não ia publicar, mas que ele deveria contar isso imediatamente para a polícia.

— É claro, disse secamente Wexford, — Que você faria isso.

— Ele não levou as cartas a sério. Disse que ia jogá-las fora, que eram lixo e o melhor lugar para o lixo era uma lata de lixo.

— Que original! Eu não fico surpreso que não desse pra fazer uma matéria com isso. Afora Trevor Ferry, creio que ele não mencionou mais nenhum desses inimigos, mencionou? Teria ele alguma ideia de quem enviou as cartas, por exemplo?

— Teve um cara que se tornou tão inconveniente que ele foi obrigado uma vez a botá-lo porta afora, ele me contou isso, mas não mencionou nome algum.

* * *

Para Burden, a morte de Devenish foi simplesmente uma chateação, algo que o fez perder a concentração e desviou policiais da caçada ao assassino de Hennessy. Encontrar quem jogou a bomba incendiária e fazer com que, ele ou ela, fosse julgado era incomensuravelmente mais importante aos seus olhos do que perseguir e capturar quem quer que tivesse esfaqueado Stephen Devenish até a morte. Como era do seu feitio, há muito já tinha determinado que Devenish era um vilão e um selvagem que não merecia existir. Não chegaria a ponto de desejar boa sorte para o assassino, visto que a justiça era algo que importava para ele, mas não gostava de ser obrigado a desviar bons

homens e mulheres para esse inquérito, quando ainda havia tanto a ser feito para descobrir quem atirou a bomba incendiária.

— Imagino que, de qualquer forma, tenha sido ela, não foi? Comentou com Wexford enquanto faziam um almoço rápido no Europlate. — Esses espancadores de mulheres, quando recebem o merecido, é sempre a pobre da infeliz quem acaba fazendo a coisa. A porca torceu o rabo, é só isso.

— O fato é que, em apenas dois por cento de todos os homicídios envolvendo mulheres maltratadas pelos seus companheiros, foram as mulheres que os cometeram.

— Ora, Reg, para com isso! Ela aguentou a coisa anos a fio, enquanto ele a tratava a socos e pontapés, fazendo com que ela visse com quantos paus se faz uma canoa, até que um dia foi a gota d'água. Ela estourou, pegou a faca, ou o que fosse lá com que ele a cortava, e devolveu tudo a ele. Olho por olho, e um pouco mais de troco.

Wexford, que estava almoçando massa italiana com aspargos alemães, balançou a cabeça; em seguida, parecendo reconsiderar, assentiu.

— Tem muito mais coisas que eu quero que ela me diga. Mas primeiro quero conversar com os garotos. Depois tem esse negócio da arma.

— Você não encontrou a arma, encontrou?

— O engraçado é que eu não sei. Estou dizendo que não sei por que havia sete facas naquela cozinha. Mas fico achando que deveria dizer que eram oito.

— Acho que não estou entendendo direito o que você disse.

— Bem, e se for verdade o que Fay Devenish afirma de nunca houve oito facas? Ou se eram oito e está faltando uma? Ou será que das sete foi a que usaram? Ou se é verdade o que afirma Fay, que nenhuma das sete facas da cozinha foi usada? Se foi uma das facas da cozinha, três podem ser descartadas por serem pequenas demais para aqueles ferimentos, outra é uma faca de pão. Isso nos deixa com três.

— Nós vamos saber mais, disse Burden, — Assim que o nobre senhor Lorde Tremlett entregar a você os resultados de seus exames de médico-legista. É claro que não deve ser difícil encontrar a faca que corresponde aos ferimentos.

— Ela tem uma lavadora de louça, disse Wexford, mas para Burden esse

comentário pareceu irrelevante.

— Ela o quê? Eu também tenho. Você também. O que tem isso a ver com o assunto?

— Da minha maneira de ver a coisa, eles tiveram um contratempo com o suco de laranja, ele a chamou para ser castigada, cortou-a, mas ela conseguiu pegar a faca e o esfaqueou. Era sangue jorrando pra todo canto. Ela pôs as roupas na máquina de lavar e depois na secadora, antes de ligar pra gente. Sua única testemunha é uma criança de três anos que, graças a Deus, nem estava lá quando o crime aconteceu. Tudo muito claro e simples.

Burden afastou o prato e bebeu um pouco d'água. Toda essa conversa sobre sangue e ferimentos a faca estava acabando com seu apetite. Coisa que nunca parecia afetar Wexford e, mesmo assim, se fosse mesmo preciso declarar, ele se considerava mais insensível que o Inspetor-Chefe.

— Quando ele a chamou até o escritório, disse lentamente Wexford, — Os garotos ainda estavam em casa.

— É o que ela diz.

— É bem provável que estivessem, se ele a mandou ir ao escritório, como você diz, às sete e quarenta e cinco. Mas eles não podem ter estado na casa quando Devenish foi assassinado. Você não está dizendo que ele aceitou ser esfaqueado três vezes sem soltar um pio, não é? Ele provavelmente berrou e gritou feito um doido.

— Então ela não o matou logo depois que ele a cortou, disse Burden enquanto pegava o cardápio das sobremesas de Henri. — Ela voltou ao escritório, depois que os meninos saíram para descer a pé pela rua até o lugar da carona, e foi então que o matou. Pra isso não precisava que fosse mais tarde que oito e cinco, o que dava tempo de sobra para que ela lavasse as roupas. Ela estava provavelmente vestindo aquele vestido rosa que nós encontramos junto com a roupa lavada. Quando a gente pensa nisso direito, ela estava numa situação ideal para esfaquear alguém sem deixar qualquer indício, pois tinha os meios de se livrar das manchas de sangue no próprio local. No que concerne à faca, ela pode tê-la enterrado em qualquer lugar da propriedade com aquele terreno todo que eles têm. Você vai comer sobremesa? Wexford balançou a cabeça. — Nem eu, disse Burden.

* * *

Catherine Daley, que era mãe de um menino de onze anos e de uma filha de dez, disse à Karen Malahyde que levava três vezes por semana os filhos dela com os garotos Devenish para a escola em Sewingbury, e os pegava de volta duas vezes por semana. Fay Devenish levava as quatro crianças para a escola duas vezes por semana e as trazia de volta nos outros três dias. Na manhã em que Stephen Devenish morreu, tinha sido a vez dela, Catherine, de levar as crianças para a escola e, como de hábito, Edward e Robert Devenish tinham ido até Braemar, esse era o nome da casa dela, na Ploughman's Lane, por volta das oito e cinco. Pode ser que fossem quase oito e dez, mas eles nunca se atrasavam demais, Fay tomava cuidado com isso, sabendo que Catherine Daley sairia com o seu automóvel às oito e quinze. A ida de carro durava vinte minutos e ambas as mães gostavam que as crianças chegassem com folga de tempo à escola antes que as aulas começassem às quinze para as nove.

— Como os meninos pareciam estar? Karen perguntou a ela.

— O que a senhora quer dizer exatamente com isso?

— Eles estavam agindo normalmente? Estavam animados? Assustados? Cabisbaixos?

— Eu realmente não sei. Edward, talvez, estivesse bastante calado. Mas, de qualquer forma, ele é o mais introvertido dos dois. Robert pode ser bastante falante.

— Ele estava falante ontem?

— Não muito. Não, não estava. Ambos estavam bastante normais.

Wexford falou pelo telefone com o gerente demitido, Trevor Ferry. Às oito da manhã anterior, dia da morte de Devenish, ele ainda estava na cama, foi o que lhe disse Ferry. Havia mais alguém com ele? Não havia ninguém mais na casa, disse Ferry bastante taciturno. O que Wexford achava? Que tinham um hóspede?

— Sr. Ferry, este é um assunto muito mais sério do que aquele que discutimos quando falei da última vez com o senhor. No caso de o senhor se lembrar dos nomes de qualquer uma daquelas pessoas que o senhor achou, naquela ocasião, que tinha motivos para se queixar do Sr. Devenish, por favor, entre em contato conosco.

Wendy Brodrick passou a noite na Woodland Lodge e era Lynn Fancourt que estava agora na casa. Se Fay achava estranha essa vigilância, não deu sinal disso. Estava no quarto de brinquedos com Sanchia, passando um outro vídeo da Disney, mas a criança não prestava atenção e, em vez disso, brincava com um comboio de miniaturas de carros do exército pintados com camuflagem, os quais, com certeza, pertenceram aos irmãos dela.

Não foi o original, mas uma fotocópia da carta ameaçadora que ele mostrou à Fay. Não, ela nunca a tinha visto antes, mas sabia da existência dessas cartas. Stephen recebeu um bocado delas. Ele nunca lhe mostrou qualquer uma delas, mas havia feito uma descrição do conteúdo.

— Pensei que ele fosse me acusar de tê-las mandado, disse ela. — Mas nunca fez isso. Foram escritas num computador, e ele sabia que eu não entendia nada de computador. Achou que elas estavam bem escritas e imagino que me considerasse ignorante demais para escrevê-las: dizia o tempo todo que eu era ignorante. Ela mudou de assunto. — Meus filhos foram ficar com minha mãe. O senhor sabia disso?

— Ela disse que ia convidá-los. Fay desligou a televisão com o controle remoto. Ainda que Sanchia não estivesse assistindo ao vídeo, que não houvesse olhado para ele uma só vez desde que Wexford entrou no quarto, ela imediatamente soltou um grito de protesto:

— Põe de volta, põe de volta, põe de volta! Se era antes uma criança muda e silenciosa, agora compensava o tempo perdido. Levantou-se, foi para perto da mãe e começou a bater nela com um jipe militar de brinquedo.

— Ah, está bem, disse Fay, — Mas você vai ter de assistir. Eu acho que não aguentaria os meninos no momento. Com ela já é bastante difícil, mas mesmo assim não quero me separar dela.

— A senhora não vai precisar lidar com eles, disse Wexford. — Onde mora sua mãe?

— Minha mãe e meu pai. Ele continua vivo. O senhor achou que ele tivesse morrido? Eles moram em Myringham. Deu um endereço. — O senhor vai pedir a eles que fiquem com os meninos um pouco mais?

— Pode ser. Se a senhora quiser. Eu quero ter uma conversa com Edward e Robert, Sra. Devenish. A senhora se opõe de alguma forma?

Ela ficou surpresa que lhe tenham perguntado, mas em seguida pareceu abatida. Como se houvesse sido descoberta? Ou estivesse prestes a ser descoberta?

— Não, acho que não, disse, com voz cansada. — Não, não me importo. Faria alguma diferença se eu me importasse? Ele não iria responder a isso, não quando ela já havia consentido.

— Eu vou, é claro, conversar com eles na presença de sua mãe ou de seu pai. Como se ela não houvesse escutado, ou não ligasse a mínima, disse com uma voz ausente:

— Não contei nada a eles do que estava acontecendo até... Bem, até o ano passado, acho eu; foi então que contei à minha mãe o que o Stephen fazia comigo, e o senhor sabe o que ela disse? Ela disse: "Você deve ter feito alguma coisa para provocá-lo." E meu pai disse: "Não tem nada demais nisso. Costumavam dizer antigamente que se tinha o direito de bater na mulher com uma vara, contanto que ela não fosse mais grossa que o seu polegar." E ele riu e disse que eu estava fazendo tempestade em copo d'água. É por isso que eu... Bem, que eu me afastei um pouco deles ultimamente, mas as crianças os adoram.

Ele apenas assentiu com a cabeça. Às vezes não há absolutamente o que dizer. Lynn saiu da cozinha e se encontrou com ele no saguão.

— Ela não deu nenhum telefonema, senhor, e o telefone está na secretária eletrônica para gravar as chamadas recebidas, mas não houve nenhuma. Eu verifiquei.

— Você agiu corretamente, disse Wexford, deixando Lynn muito contente.

Foi para o escritório e se sentou lá, tentando reconstituir mentalmente a cena daquela manhã, se o que Fay Devenish disse era verdade, se às oito horas realmente um homem havia aparecido na porta da frente, um homem que trouxe uma faca consigo e foi recebido por Devenish. A faca estava numa pasta? Numa sacola? Ou será que encontrou uma faca ali, pronta para ser usada? E será que Devenish o conhecia? Devenish estivera no escritório, cenário da última imolação da esposa, e viu um homem que conhecia aparecer na porta da frente. É presumível que não tivesse receio algum desse

homem, ou acreditasse não haver razão para temê-lo. Eles entraram juntos no escritório, onde há quinze minutos atrás Devenish havia castigado a esposa, cortando de ponta a ponta a palma da mão dela com uma faca, pelo crime abominável de não ter comprado laranjas. Mas que faca? A mesma faca? E onde ela estaria agora? De uma coisa estava certo: não era aquele punhal na bainha pendurado na parede. A lâmina dele estava corroída pela ferrugem, ele viu quando o tirou dali.

O que foi que aconteceu nesta sala, neste recinto varonil tão odiado por Fay, nesta sala forrada de couro com espadas penduradas, entre esse homem e Devenish? Ameaças? Exigências? Recusas em ceder, ou pagar, ou o quê? Então a faca aparece e o homem esfaqueia Devenish três vezes no peito. Coberto de sangue, sangue de Devenish, ele deveria estar coberto de sangue, saiu da casa, levando a faca ensanguentada, e disparou rua abaixo sem que ninguém o visse. Quem acreditaria numa história igual? Mesmo assim, ele já havia escutado outras coisas mais esquisitas. Era preciso que não perdesse mais um instante e fosse até a residência dos Dodds falar com Edward e Robert Devenish.

Foi alcançado pela ligação no telefone do carro quando já estava sendo conduzido por Donaldson através dos vilarejos, seguindo para o Norte pela estrada Sewingbury-to-Myringham. De início, a linha estava com ruído e o som falhava, sem que conseguisse identificar a voz de quem estava falando. Subitamente, a voz de Trevor Ferry ficou clara e quase aos berros no fone.

— Eu me lembrei de uma coisa. O senhor se lembra de que me perguntou se eu sabia de alguém que pudesse ter uma queixa contra Devenish? Bem, existe alguém.

— Verdade?

— Ah, antes que eu me esqueça, minha mulher foi até a delegacia de Kingsmarkham para dizer que eu estava definitivamente em casa, e ainda na cama, naquela manhã às oito horas. Ela me forneceu, como vocês dizem, um álibi, está bem?

— É assim que chamamos isso, Sr. Ferry, disse Wexford, se perguntando por que essa gente queria sair tão rápido pela tangente, e se tinham alguma coisa para esconder.

— Mas quem é essa pessoa ressentida? O coração de Wexford ficou um

pouco pesaroso quando o outro disse:

— Não me lembro do nome. E deu um pulo em seguida quando ele acrescentou: — Mas posso contar a história. Esse cara disse que o irmão morreu por culpa de Devenish.

— Se me permite, vou dar uma passada de manhã cedo na sua casa.

— Cedo a que horas? Disse Ferry.

— Não se preocupe, o senhor já estará acordado. Não vou passar antes das nove e meia.

Ao dizer até logo, Trevor Ferry pareceu desapontado, quando desligou, de que Wexford não estivesse indo imediatamente para lá, disparando a toda a velocidade para a casa dele e escutar suas tremendas revelações. Mas cem histórias sensacionais dos pecados, ou maldades, de Devenish com colegas de trabalho e clientes descontentes não alterariam o fato de que a versão de Fay dos acontecimentos não se sustentava. Apenas se comprovada, sua história se tornaria crível, mas que tipo de corroboração poderia haver para ela?

A casa de três andares ficava quase no centro de Myringham. Fay Devenish dificilmente poderia ter crescido ali, a construção era muito recente. Tudo parecia novo, desde a fachada recém-pintada de branco com uma tinta brilhante, os vidros reluzentes, até as plantinhas na jardineira do jardim da frente. Até mesmo o carro na entrada da garagem era novo, um sedã de duas portas pintado de rosa-choque, na última moda, com uma placa do Sul. Aparentemente, nada havia ali que pudesse interessar a garotos de doze e dez anos. Talvez os avós saíssem muito com eles. Mas não demorou muito para que Wexford, uma vez no interior da casa, na qual foi admitido pelo pai de Fay Devenish, um homenzinho magrelo que se parecia muito com ela, mudasse de opinião. A casa inteira parecia um paraíso para meninos e, considerando que isso dificilmente poderia ter sido feito espontaneamente, ou apenas porque pediu à Sra. Dodds que convidasse os netos, ele imaginou que fosse assim o tempo todo. Havia um trem elétrico montado numa das salas, a qual era totalmente reservada para ele, por onde passaram antes de subir as escadas.

A maioria dos adultos apaixonada por trens elétricos guarda suas estradas-de-ferro escondidas lá em cima no quarto perto do sótão, mas o Sr. Dodds tinha a sua no térreo. Tinha exércitos no console da lareira, zoológicos

de brinquedos no peitoril das janelas, uma videoteca de horror, com monstros e visitantes do espaço exterior no andar térreo, e, em todos os cômodos, até onde a vista de Wexford alcançava, havia um aparelho de televisão.

— E um vídeo, disse o Sr. Dodds. — Não tem muito sentido sem um vídeo, não é? Não faz muito tempo, nos mudamos para cá, a gente morava num lugar maior, mas consegui enfiar todas as minhas coisas aqui. Temos quatro quartos, e um deles está inteiramente reservado para as minhas miniaturas de aviões. Eu costumava ter cães e gatos também. Aqui não dá, mas eu tenho quinze porquinhos-da-índia no quintal e gerbilos, os gerbilos vivem no nosso quarto.

Os dois garotos Devenish estavam na sala que o Sr. Dodds chamava de vestíbulo, cada qual com um computador, "eu tenho seis", acrescentou o avô deles; Edward jogava paciência no dele, enquanto Robert estava concentrado num jogo de futebol que, pelas cores das camisas dos jogadores, parecia ser a França jogando contra o Brasil. Vestida de vermelho berrante com uma saia muito curta, a Sra. Dodds estava sentada ali lendo placidamente a revista Vogue. Wexford a cumprimentou e disse olá para os meninos, mas esses o ignoraram completamente. Como teria Fay reagido a um ambiente assim? Os cães e gatos, da mesma forma que os porquinhos-da-índia e os gerbilos, isso dava para entender, mas o que dizer dos soldadinhos de chumbo e dos trens para uma menina?

Talvez as coisas fossem diferentes quando ela era pequena e a família Dodds morava numa outra casa. Os Dodds talvez tenham passado a gostar desses passatempos juvenis apenas quando entraram na segunda infância. O que quer que tenha sido, Edward e Robert estavam obviamente deliciados com tudo isso, e ele teve alguma dificuldade não apenas de convencer os garotos, mas de fazer com que o senhor e a senhora Dodds dessem o comando de "exit" ou "shut down" nos computadores, ou qualquer que fosse o jargão para desligá-los. A Sra. Dodds chegou ao ponto de dizer que isso não se fazia, logo agora que eles estavam se divertindo tanto. Wexford não conseguiu evitar de pensar no que Fay havia lhe contado sobre os pais não levarem a sério suas queixas sobre o comportamento do Stephen Devenish, dizendo que eram coisas sem importância.

A única coisa boa a respeito daquela sala era que, exceto pelos computadores e uma enorme televisão com videocassete, não havia qualquer sinal dos interesses principais do Sr. Dodds. Não havia Godzilla algum, autorama, ou Lego para distrair os dois meninos. Os avós decidiram ficar enquanto Wexford conversava com os garotos, e esse ficou agradecido por isso. Mais tarde, ninguém poderia dizer que ele agira inadvertidamente. O garoto mais velho e mais alto se sentou numa poltrona ao lado da avó, o mais novo num sofá perto do avô. Havia algo de perturbador na semelhança dos dois com o falecido. Edward já havia adquirido as feições de um jovem Lorde Byron, bonito, olhos castanhos, com uma boca que mostrava decisão e um queixo firme. Então, quando Robert se virou para buscar apoio no avô, ele percebeu de relance no ângulo de sua cabeça e no desenho do nariz a presença de Fay e, de certa forma, essa ínfima e efêmera semelhança, que logo deveria sumir, era o que havia de mais triste...

— Eu gostaria de que vocês me contassem o que aconteceu ontem de manhã, começou ele, — Desde quando vocês acordaram até saírem para pegar a carona até a escola com a Sra. Daley. Esperou até que Edward fizesse que sim, sendo que Robert acenou vivamente com a cabeça. — Vocês se levantaram e desceram para tomar o café-da-manhã. Isso deve ter sido por volta das sete e meia. O que foi que vocês comeram no café da manhã?

— A gente sempre come a mesma coisa, disse Edward, — Cornflakes com suco de laranja... Bem, ele come sucrilhos... E torradas. Ficou olhando de um lado para o outro, como se quisesse o encorajamento dos avós. "Eu estou indo bem?", foi a pergunta silenciosa que fez. — Meu pai come, quero dizer, costumava comer um café-da-manhã completo. Ovos, bacon e, às vezes, uma salsicha com pão frito e, de vez em quando, cogumelos. Uma sombra lhe passou no rosto. Wexford entendeu, talvez pela primeira vez, o significado da expressão "ficar com cara de enterro". — A mamãe estava sem laranjas para fazer o suco e papai ficou furioso, mesmo com o suco congelado. Ele tomou o café-da-manhã e foi para o escritório, ele disse que ia para o escritório e foi mesmo.

Edward olhou para o avô e, recebendo um sorriso encorajador, prosseguiu de uma forma que era difícil até para rapazes mais velhos:

— Papai chamou a mamãe para dentro do escritório e eu... Eu fechei a porta da cozinha, eu...

— Continue, por favor, Edward, disse Wexford. — Eu estou entendendo o que você quer dizer. Está tudo bem, você pode prosseguir. O menino estava desesperado e Wexford sentiu por ele uma empatia que nunca havia sentido nem com relação aos próprios netos. Mas foi Robert quem entrou na conversa e salvou o irmão. Ele falou quase bruscamente:

— Ele, quero dizer, o papai, ia começar a maltratar ela. Espancando ou dando pontapés nela, ele estava sempre fazendo isso. A avó soltou um gritinho:

— Robert, que vergonha, como você tem a coragem de dizer tamanho desplante! Robert deu de ombros. De repente, ele pareceu ser décadas mais velho que a idade que tinha, um velhinho, como seu avô. — Eu estou contente que ele tenha morrido, disse claramente. Mais gritinhos seguiram-se a essa afirmação. O Sr. Dodds balançou a cabeça com pesar:

— Eles têm uma imaginação muito forte nessa idade, comentou. Wexford interveio.

— Talvez devêssemos deixar Edward continuar. Só uma coisa, Edward: o seu pai levou com ele uma das facas do suporte de madeira na cozinha?

— Eu acho que não. Não, não levou.

— Enquanto sua mãe e seu pai estavam no escritório, você escutou algum deles? Será que era imaginação sua, ou ele viu um alarme fugaz aparecer rapidamente nos olhos de Robert? Edward disse:

— Não. Nada disso. Robert acrescentou:

— Eu não escutei nada.

— Prossiga, então, por favor, Edward.

— A mamãe voltou, disse o garoto, mostrando mais segurança agora, — Com a mão enrolada numa toalha. Era a toalha do banheiro do primeiro andar, era bastante grande, mas o sangue estava escorrendo. Ele tinha cortado ela. Não adianta fazer essa cara, vovó. Eu não estou contando nenhuma mentira, e você sabe disso. Só que você não gosta de escutar a verdade. Você acha que a gente gosta disso? Ele não esperou pela resposta da Sra. Dodds. — Ela pegou um pano e amarrou na mão, então disse para mim e o Robert que estava na hora da gente ir pra casa da Sra. Daley. Quando não é a mamãe, é ela quem faz o trajeto da escola, ele explicou para aqueles que pudessem não saber. — Nós tínhamos acabado de sair no corredor quando alguém tocou a campainha. Eu abri a porta e era uma visita pro papai, um homem. Eu disse

pra ele ir pro escritório, e ele foi, e então Robert e eu saímos pra ir pra casa da Sra. Daley.

— Isso mesmo, disse Robert.

* * *

Vinte e Dois

OS DOIS MENINOS ficaram olhando para ele, até que Robert desviou a vista. Se você assistir a seu pai batendo sistematicamente na sua mãe será que você, por sua vez, vai espancar a sua mulher quando a ocasião chegar? Dizem que essas crueldades formam uma corrente de uma geração para a outra. Será que o pai de Devenish espancava a mãe dele? Wexford pôs de lado esses pensamentos horríveis, não fazia sentido se deter neles, e perguntou a Edward se ele podia descrever o homem que deixou entrar na casa. O garoto franziu a testa. Parecia que estava se concentrando.

— Era só um cara, disse. — Não tão alto quanto o papai. Ele usava jeans com um paletó, uma camisa, e uma gravata.

— Ele tinha uma pasta, disse Robert. — O punhal estava dentro da pasta. O irmão se virou para ele.

— Como é que você sabe? Você não tem como enxergar através do couro. Você não pode dizer o que ele tinha na pasta.

— É possível você dar um palpite a respeito da idade dele? Wexford sabia que isso era difícil, quase inútil. Para uma criança de doze anos, qualquer um com mais de vinte e cinco é um velho. Mas Edward disse prontamente:

— Uma idade parecida com a do papai.

— Será que você prestou atenção na cor dos olhos dele? Ou no cabelo? Robert começou a rir, se sacudindo na cadeira de tanto rir e batendo nas pernas.

— O cabelo dele era azul e os olhos vermelhos!

— Você é um panaca, disse Edward. — Nem parece que já tem dez anos de idade. Ele falou para Wexford, parecendo, de repente, um adulto: — Eu não me lembro do cabelo dele, e não prestei atenção nos olhos. Quero dizer, eu não sabia que ia precisar lembrar. Ele era só um homem que foi falar

com o papai.

Ao que parece, nunca ocorrera ao Sr. ou à Sra. Dodds que a filha deles pudesse vir a ser suspeita do assassinato do marido, de forma que não deram nenhum sinal de alívio. Na verdade, estavam desnorteados. Quem poderia ter imaginado antes de ontem, que era o que parecia que estavam dizendo a si mesmo, toda uma existência poderia virar, assim, de ponta à cabeça de uma hora para outra, sem aviso prévio? A Sra. Dodds parecia estar tentando encontrar uma forma de distração, um meio de desanuviar a atmosfera, ou de eliminar a gravidade da situação, e se saiu com uma ideia bastante prosaica, a panaceia universal dos ingleses, mas apresentou triunfalmente sua ideia.

— Que tal tomarmos uma xícara de chá?

— Eu não gosto de chá, disse Robert. E Wexford disse: — Agora não, Sra. Dodds, por favor. É importante que eu faça ainda ao Edward algumas perguntas pertinentes. Ele se virou para o garoto. — A sua mãe estava na cozinha quando o homem entrou no escritório para falar com seu pai?

— Eu acho que sim. Nós deixamos ela lá. Pode ser que ela tenha ido ao jardim, mas eu acho que não. Ela estava tentando fazer com que a mão parasse de sangrar.

— Onde estava a Sanchia?

— Na cozinha com a mamãe. Mamãe precisa ajudá-la a comer, senão ela deixa tudo cair no chão.

— Esse homem chegou de carro? Robert começou a rir de novo.

— Ele veio no trem-bala. Entrou pela porta da nossa garagem a duzentos e cinquenta quilômetros por hora.

O riso do garoto era amalucado, mas desprovido de jocosidade ou alegria, ou até divertimento. Era o cacarejar de um papagaio, ou de uma cacatua. Ele abria a boca, mas sem sentimentos, e o som escapulia. Wexford ficou incomodado com a lembrança do que Jane Andrews havia lhe dito, de que as três crianças, não apenas a garotinha, devem ter ficado traumatizadas pelo que testemunharam e ouviram naquela casa.

— Edward? Ele perguntou.

— Ele deve ter ido a pé, disse o menino. — Eu não vi carro algum. Ou pode ser que ele tenha deixado o carro na rua, eu não vi. As pessoas muitas

vezes não entram de carro na nossa propriedade porque elas não sabem se tem lugar pra estacionar.

— O que foi que ele disse a você? O menino ficou pensando.

— Mais ou menos isto: "Eu vim ver o Sr. Devenish", ou "Eu vim ver o seu pai", uma coisa assim, eu não me lembro direito.

— E você não escutou nenhum ruído vindo do escritório depois que ele entrou lá?

— Eu já disse pro senhor. Eu falei pra ele entrar no escritório e então fomos embora, meu irmão e eu. Eu fechei a porta da frente atrás da gente e fomos caminhando rua abaixo até a casa da Sra. Daley.

— Daley, Baley, Faley, cantarolou Robert e, regredindo como um bebê, enfiou um dedo na boca e choramingou: — Posso sair agora? Vovô, eu quero ir brincar com os aviõezinhos.

— Vocês podem ir, disse Wexford.

Quando retornou à delegacia, foi ao encontro de Burden que o esperava, sentado na sua sala, a sala de Wexford, bebendo chá na sua mesa e comendo uma bomba de chocolate de maneira muito meticulosa, com a ajuda de um guardanapo de papel.

— Você não vai acreditar nisso, mas aquele vigarista do Smith, Monty Smith, está dizendo que alguém gravou em vídeo toda a cena da bomba incendiária com uma câmara caseira de videocassete.

— Aquela mulher Mitchel... Onde é que ela mora? Oberon Road? É vizinha de porta de Smith? Em alguma parte daquele lugar... Ela tem uma filmadora, disse Wexford.

— Já não tem mais. Ela diz que a vendeu, e eu não tenho como provar que não. De qualquer forma, ela afirma que estava no meio da multidão do lado de fora dos portões do pátio e que não teria condições de filmar de lá, e é verdade. Monty Smith diz que não reconheceu quem estava filmando o espetáculo todo. Não era alguém que ele conhecesse. Colin Crowne continua firme na história dele de que se desfez da bomba incendiária do Flay numa caçamba de entulho que estava em frente ao número 21 da Oberon Road, e havia uma caçamba ali. Era para os operários, os mesmos que largaram uma pilha de tijolos dando sopa para que o Sexteto de Kingsmarkham atirasse com toda a força contra a janela do Smith. Se o que Crowne está dizendo é verdade, alguém encontrou a bomba ali e se apropriou dela.

— Eu duvido que Crowne se desfizesse de qualquer coisa ou, para ser mais preciso, jogasse fora qualquer coisa pela qual pudesse conseguir algum dinheiro. Ainda sobrou um pouco de chá? Não? Está bem, eu vou ligar pedindo mais. Nós nos enganamos a respeito de Fay Devenish, disse ele. — Neste caso, o assaltante desconhecido tocou realmente a campainha. E contou a Burden o ocorrido. — O engraçado é que, quando Fay me contou a história a respeito do homem tocando a campainha, e que ela ouviu uma voz de homem, eu praticamente não acreditei. Foi um clichê tão grande que ela usou... "Não fui eu, foi um estranho misterioso que tocou a campainha da porta." Eu sabia que não iríamos conseguir que a história fosse corroborada, mas foi.

— E você havia separado os dois meninos da mãe deles, para que ela não pudesse ficar a sós com eles e lhes pedisse que mentissem a favor dela. Wexford deu uma risadinha. Ele estava se sentindo inexplicavelmente contente.

— Eu gosto da maneira em que você emprega o subjuntivo, Mike. Deve ser uma das consequências da sua associação com a Mensa Internacional. É claro que foi essa a minha razão para separá-los. E estou muito feliz por isso. Robert também confirmou a história. Ele disse que o homem tinha uma pasta.

— Que continha a arma e, talvez, uma capa de chuva? Presumivelmente. De forma que aquilo que achava que seria uma perda de tempo, tentar descobrir quem foi que mandou as cartas com ameaças, ou qualquer novidade que Trevor Ferry tenha para nós, passou na verdade a ser uma informação fundamental. Alguém tinha o Devenish na mira, e realizou sua vingança, ou seja lá o que fosse.

— Vamos sair daqui e falar com ele agora. Eu vou com você.

— Eu não acho que isso adiante alguma coisa, disse Burden.

Esse tipo de frase, ou versões semelhantes dela, sempre deixava Wexford em alerta. Ela era empregada invariavelmente quando representava o contrário do verdadeiro, e sempre se obtinham boas informações assim. Ele se interessava muito menos em ouvir relatos nos quais o sujeito se gabava de serem sensacionais, de arrepiar o cabelo, ou aqueles considerados do ponto de vista do narrador como sendo capazes de levar a prisões imediatas. Falou, então, o que dizia sempre neste tipo de situação:

— Isso, nós vamos avaliar. Eram três da tarde, e Gillian Ferry abriu a porta para eles.

Burden perguntou se ela havia voltado mais cedo do trabalho, e ela respondeu que fazia dois dias que as aulas haviam acabado na escola. Era uma mulher magra e nervosa, com rosto precocemente enrugado e os cabelos louros mostrando fios prateados; para todos os efeitos, uma pessoa banal, a não ser pelos olhos verdes raivosos. Depois de tê-los acompanhado até a sala de visitas, onde o marido estava de novo apreciando trivialidades culinárias na televisão, ela os deixou, fechando a porta de maneira bastante brusca quando saiu. O bater da porta fez com que Ferry estremecesse. Ele se sacudiu como se estivesse deixando o universo das cozinhas bolonhesas e banquetes toscanos para voltar ao mundo real.

— Vocês querem saber a respeito do sujeito cujo traseiro Devenish chutou? Eu vou contar pra vocês. Foi há mais ou menos dois anos. Aliás, tem mais tempo do que isso porque eu ainda trabalhava lá, e foi perto da ocasião em que o Devenish recebeu o grande aumento de salário. É impressionante, eu acho que ninguém jamais prestaria qualquer atenção nisso, se não tivessem publicado aquela matéria no jornal cheia de fotos.

— O senhor se refere ao Kingsmarkham Courier?

— É, o jornaleco daqui. Eles chamaram o Devenish de ricaço e botaram fotos dele e da casa dele, e tinha até uma da esposa dele com um bebê... Foi esse bebê que andou sumido, não foi? Bem, por volta da mesma época, apareceu um cara que ia voar com a Seaward para Amsterdã, acho que era Amsterdã, só que quando ele chegou a Gatwick disseram a ele, e a mais umas duas pessoas, que o voo estava lotado e faltava lugar. Nós tínhamos vendido mais passagens do que lugares disponíveis. Era o voo das dezesseis horas e dez minutos, das quatro e dez da tarde, como dizem os leigos. Ora, isso não acontece com muita frequência, pelo menos com a Seaward, mas acontece, especialmente nos voos populares. A questão com Amsterdã, o nome do aeroporto é Schiphol, é que de lá se pode conseguir um voo barato para os EUA, quero dizer mais barato. Bem, isso não era o que esse cara queria fazer, ele estava indo a Amsterdã para um fim de semana de sacanagem ou sei lá o quê, ou ele pensava que ia, só que nós estávamos com superlotação e a gente precisava fazer alguma coisa por ele, entende.

Ferry olhou ansioso para os dois policiais, à espera, aparentemente, de um beneplácito. Wexford fez isso com um aceno encorajador.

— Aí começamos a fazer ofertas aos passageiros, ele prosseguiu, — Vocês sabem de que tipo: "se o senhor desistir do seu lugar nesse voo e pegar o seguinte, digamos, daqui a três horas, nós lhe ofereceremos um jantar de graça no Holiday Inn, mais uma garrafa de vinho como cortesia". Bem, um dos passageiros aceitou, mas ficaram sobrando dois pra gente resolver. É claro que melhoramos a oferta e o outro sujeito aceitou, mas não esse cara. E nós estávamos encrencados, porque, por incompetência, acho, imprimimos duas passagens para o mesmo assento, assento que esse sujeito achava que era o dele. Eu fui chamado, é claro, eu era então gerente da Seaward, e tive uma conversa com o sujeito em particular; eu levei ele para uma sala e lhe ofereci uma bebida. Todo mundo já havia embarcado, e esperava a decolagem. Eu sabia que tinha problemas pela frente, ele não queria ganhar milhagem extra, então eu ofereci, por conta própria, cento e cinquenta libras para ele pegar o voo seguinte. Bem, o resultado foi que ele aceitou, disse que ia pegar a grana e trocar o valor da passagem por dinheiro e eu concordei, portanto, ele não pegou o voo e usou o dinheiro para alugar um carro com motorista para ir até Harwich e, de lá, pegar a barca pro porto de Hoek van Holland, ao norte de Roterdã.

— Por que ele mesmo não foi dirigindo? Perguntou Burden. Era algo irrelevante, mas ele queria saber.

— Ele gostava da ideia do luxo. Foi isso que ele disse, o luxo. Parece que o cara passou a vida inteira sem nunca ter sido conduzido por um motorista, nem numa porcaria de um táxi, pelo menos foi o que disse. Bem, ele conseguiu o carro e o motorista, mas nunca chegou a Hoek. O carro se esborrachou na M25 perto da saída para Dartford e morreram os dois, ele e o motorista.

Ferry olhou para eles revelando uma expressão mais animada que de hábito, orgulhoso, evidentemente, da sua narrativa dramática.

— Onde é que entra a intimidação, ou ameaça, contra o Devenish? Perguntou Wexford.

— Já estou chegando lá, disse Ferry, com um talento de narrador para suspense. Ele parecia muito mais esperto, não mais o indivíduo frustrado, e a

cor lhe voltou ao rosto cinzento. — Esse cara tinha uma irmã e ela era, ou continua, sei lá, casada com um sujeito extremamente agressivo. Eles moram perto daqui. Wexford achou que conseguiria esclarecer os dados razoavelmente bem, contanto que Ferry desse um nome às suas personagens principais, "o cara" e "o sujeito".

— Continue, disse.

— Bem, esse cara sabia do que aconteceu; parece que o sujeito ligou pra irmã do aeroporto de Gatwick e contou a ela a história toda. Quero dizer, ele estava se sentindo o rei da cocada preta, era o máximo como ele havia conseguido tirar o dinheiro da companhia. Quero dizer, imagino que ele tenha contado alguma vantagem de ter passado a gente pra trás.

Ferry fez uma pausa, quando a esposa entrou trazendo três canecas de chá numa bandeja. O leite longa-vida veio na caixa e o açúcar num saco quase vazio. Não havia colheres, de forma que nenhum deles adoçou o chá. Gillian Ferry saiu tão rapidamente quanto entrou. Ao oferecer as canecas, o marido dela ficou procurando algum lugar para servir de apoio, mas procurou em vão, deu de ombros e desistiu.

— Por favor, continue, Sr. Ferry, disse Burden.

— Está bem. Onde eu estava? Ah, sim. Vocês entendem que a Seaward não tinha nada a ver com o que o sujeito ia fazer com o dinheiro. Ele decidiu gastar a grana num carro com motorista, o carro se espatifou e ele morreu. Não tinha como a Seaward ser responsabilizada. Só faltou dizer que a companhia aérea provocou também a morte do motorista. Mas esse cara, o cunhado, e a mulher, a irmã dele, viram a coisa de outra forma. Por alguma razão, ficaram em cima de Steve Devenish e botaram a culpa nele.

— Porque o Sr. Devenish era, podia se dizer, o chefão da Seaward? Perguntou Wexford.

— Exatamente. Da maneira que esse cara via a coisa, ou melhor, da maneira que eu acho que ele entendia, se a gente pode dizer que um animal desses entende alguma coisa, era Steve Devenish quem determinava a política da companhia, o que era verdade só em parte, e a política da companhia era de fazer superlotações nos seus voos seduzindo... Bem, "subornando" foi a palavra que ele usou... Com tentações pessoas como o cunhado dele, oferecendo grandes quantias de dinheiro que subiam à cabeça delas, de forma que elas acabavam fazendo bobagens.

— Fazendo com que elas se achassem o máximo, não é? Disse Burden.

— Os maiorais, disse Ferry. — Então, esse cara foi em primeiro lugar ao escritório da Seaward em Kingsmarkham, e aconteceu que Steve estava lá. O sujeito armou o maior barraco, ameaçando processar a companhia. Steve achou que a história era furada, e continuou a ignorar a coisa quando o sujeito invadiu o escritório dele em Gatwick. Só que dessa vez ameaçou chamar a polícia.

— E ele chamou?

— Não que eu saiba. Steve não precisava fazer isso, mas ele mesmo botou o cara para fora do escritório. O Steve era um sujeito grandalhão, como imagino que vocês saibam. Mais tarde, ele recebeu uma carta do advogado do cara, quem quer que ele fosse, dizendo que a mulher do sujeito tinha direito a uma compensação substancial. Asneira, é claro. Os advogados da própria Seaward logo colocaram ele no seu lugar. Ferry tomou um gole do chá e descansou a caneca numa mesinha, deixando um círculo molhado nela. — É claro que, disse ele, — Quando as ameaças de morte começaram a aparecer, Steve deveria ter procurado mesmo a polícia, mas não procurou por alguma razão. Sabem o que eu acho? Acho que ele não queria mais chateação.

— O que o senhor quer dizer com chateação, Sr. Ferry?

— Bem, ele expulsou o sujeito do escritório dele, não foi? Quero dizer, atirou literalmente o cara para fora de lá. E quando uma figura grandalhona como Steve, no que se poderia considerar no auge da forma, pega pelos fundilhos um sujeito pequeno como era esse cara e joga ele num chão de mármore, mesmo que isso não deixe sequelas, com certeza machuca. O cara disse que tinha quebrado uma costela. Eu não sei, não estava lá. Mas era por isso que ele não queria que vocês se metessem.

"Parecia ser a história de Rachel Holmes se repetindo inteira", pensou Wexford. Você é atacado, física ou verbalmente, mas com certeza ilegalmente, porém ao reagir contra seu agressor, você o machuca e, temendo repercussões, mantém sigilo, ou pelo menos tenta manter o máximo de sigilo a respeito da agressão original. É preciso dar um nome a isso, que tal Síndrome de Kingsmarkham? Ele olhou para Ferry concordando com a cabeça, no momento exato em que Gillian Ferry entrou de volta na sala. Ela abriu a porta com um pontapé porque tinha as mãos cheias de livros e papéis, trabalhos das crianças para serem corrigidos durante as férias. Mas a impressão que Wexford teve foi de que ela a chutou com raiva.

— O senhor mencionou ameaças de morte, disse ele.

— Quer dizer cartas? O chá estava muito aguado, fraco e morno, e ele desejou que houvesse algum vaso de plantas perto, onde pudesse disfarçar e se livrar da bebida, mas não havia. Nada de verde brotava ali. — O senhor chegou a ver alguma delas? Ferry balançou a cabeça.

— Steve me falou a respeito. Isso foi pouco antes de ele me dizer que a Seaward estava "abrindo mão dos meus serviços". Expressão bacana, essa, não é? É o que chamam de um eufo qualquer coisa.

— Um eufemismo, Gillian Ferry disse, num tom professoral bastante rude. Isso explicou um bocado de coisas para Wexford a respeito do seu relacionamento com o marido. Ela achava que havia casado com alguém intelectualmente inferior e continuava ressentida. Teria sido atraída por Ferry porque ele teve sucesso e esteve um dia bem de vida? E, achando que isso era pouco, será que ela vinha tentando desde então melhorá-lo? Ele se virou para Ferry:

— O seu ponto de vista é de que o cunhado escreveu as cartas?

— Quem mais? Talvez tenha sido a mulher dele que escreveu. O cara é quase analfabeto, pelo menos foi o que me disseram. Steve não levou elas a sério. Bem, se ele continuou não levando elas a sério, eu não sei. Eu não estava mais lá, estava? Tinham "aberto mão dos meus serviços". O cara também ficou ligando, até que Steve mudou o telefone e tirou o número do catálogo.

Wexford achou interessante que, de todas as pessoas com quem falou a respeito de Stephen Devenish, Trevor Ferry fosse a única a se referir a ele com o diminutivo do seu nome de batismo. Ninguém mais, aparentemente, o chamava de Steve. Ainda assim, apesar das aparências, ele tinha razões pessoais para guardar rancor contra Devenish e nunca poderia ter sido íntimo do outro. Wexford achava difícil acreditar que Ferry não guardasse ressentimentos.

— O senhor se refere sempre a ele como "o cara", disse. — Qual é o nome dele?

— Ah, eu não falei? O nome dele é Meeks, Carl Meeks.

Isso não deveria ser nenhuma razão em especial para provocar surpresa,

mas Wexford ficou surpreso. Ele se lembrava de Meeks devido a todas as confusões que ocorreram no Muriel Campden: era um homenzinho baixo e gordo, de rosto redondo e boca mole, cuja mulher era uma dessas obesas mórbidas que, até recentemente, não importando o meio social, quase não se viam na Inglaterra. Burden os tinha entrevistado na caçada ao assassino de Hennessy, e Wexford se lembrava de ter sussurrado para ele, parafraseando Shakespeare: "É essa espécie de tolo que povoa a Terra com sua prole indesejável." Mas daí a dizer que ele era agressivo? Violento? Que esse homem e essa mulher fossem capazes da autoria da carta bem-escrita que encontrou na gaveta da mesa de Devenish, era questionável. Dificilmente teriam tido acesso à linguagem empregada.

— Quando foi exatamente que o senhor deixou a Seaward, Sr. Ferry?

— Gostei desse "deixou", disse Ferry com um riso sem graça. — É quase tão bom quanto "abrir mão dos seus serviços". Eu a deixei em julho, há exatamente dois anos atrás, lutei para continuar pagando as prestações da minha casa que, por sinal, ficava na Kingsbrook Valley Drive, em Kingsmarkham, uma área boa da cidade, sabe, fracassei, vendi o imóvel por muito menos do que já havia pago e comprei este buraco aqui.

— De forma que o senhor não sabe se as ameaças continuaram a ser enviadas depois de setembro, há dois anos atrás?

— Não, e ele também agora não pode dizer, não é? Talvez a viúva saiba.

"Pelo menos nós sabemos que ele recebeu uma carta muito recentemente", pensou Wexford, e ficou bastante surpreso quando ouviu Burden perguntar o nome da escola particular onde Gillian Ferry ensinava.

— É Francis Roscommon, em Sewingbury.

— É longe, comentou Burden. Ele estava se lembrando das bicicletas cobertas com plástico do lado de fora na entrada. — O senhor continua a ter carro?

— Ela pega o ônibus, disse Ferry secamente.

* * *

Fay o acompanhou até o jardim. Era uma daquelas raras manhãs de verão frias e úmidas, quando mal dava para a pessoa se sentar do lado de fora.

Quando o sol aparecia, ficava quase quente demais, e quando as nuvens o encobriam, frio demais. Três cadeiras de vime foram arrumadas em volta de uma mesa de vime na parte mais larga do gramado, debaixo de uma amoreira, de forma que parecia que eles eram esperados, mas Fay contou que os vizinhos não paravam de chegar. Ela lhes oferecia chá e eles lhe ofereciam suas condolências, ainda que não soubesse que tipo de pêsames sentiam por ela, uma vez que a maioria deles tinha sido alertada pela polícia e pela Assistência Social, dentro dos procedimentos da Operação Vigilantes da Dor, a respeito da situação dela com o marido.

A garotinha, Sanchia, tinha uma colcha estendida para ela na grama, sobre a qual havia um copo de um líquido cor de laranja, pelo menos era o que parecia indicar a mancha, que ela conseguiu virar, uma lata aberta de Coca-Cola, um pacote de biscoitos recheados de creme e um outro de chocolate crocante, e uma profusão de brinquedos. Era uma bagunça alegre e confortável, algo que, disso Wexford tinha certeza, Devenish nunca teria tolerado. Atravessando a casa na companhia de Fay, ele percebeu que, mesmo fazendo apenas três dias que o homem morrera, a casa já estava menos imaculada, menos arrumada. Eram dez e meia da manhã e dois copos de vinho, ainda sujos com a borra do vinho, estavam na mesa da sala de estar, apesar de terem certamente sido usados na noite anterior e largados ali.

— Jane foi passar o dia em Brighton, disse Fay para ele. — Ela esteve aqui ontem à noite e nós bebemos quase uma garrafa de vinho. Eu estou virando uma bagunceira, não lavei ainda os copos. Continuava sendo necessário para ela se desculpar pela desordem. — Eu não sei o que faria sem a Jane. Tive de me virar sem ela durante tanto tempo!

Ela estava com aparência muito melhor. Isso era estranho e, para qualquer um que não soubesse das coisas que aconteciam antes naquela casa, pareceria monstruoso. Seus olhos estavam mais brilhantes, sua tez colorida, e ela até parecia mais jovem. Alguma coisa lhe dizia que as roupas que ela estava usando, uma saia curta de brim e um tomara-que-caia bastante decotado haviam sido há muito banidas, mas foram felizmente guardadas para serem usadas, agora que o juiz e suas brutais censuras haviam desaparecido.

— Meus filhos voltam hoje para casa, disse ela. — Estou com saudades deles. Vai ser bom tê-los de volta.

— Os dois frequentam a mesma escola, não é? Acho que a senhora me contou.

— Isso mesmo. Em Sewingbury. Edward vai sair no ano que vem para estudar em Oundle.

— Não deixe que eles a esgotem.

— Acho que eu não vou ficar mais cansada do jeito que ficava. A única coisa é que choro o tempo todo. Começo a chorar à-toa, sem qualquer razão.

— Acho que a senhora está cheia de razões para isso, comentou, dizendo em seguida: — Sra. Devenish, a senhora está lembrada das ameaças feitas contra seu marido por um homem chamado Carl Meeks? A senhora se lembra de ele ter ido ao escritório da Seaward Air em Kingsmarkham e, depois, até o aeroporto Gatwick? E de seu marido tê-lo atirado pra fora, ao que parece deixando-o machucado?

— Ele era mestre em machucar as pessoas, disse ela, mas sem amargura.

— Mas a senhora está lembrada desses incidentes?

— Ele nunca falou muito a respeito deles comigo. Não falava do trabalho, mas me lembro de ele ter falado desse homem, Meeks. Estava orgulhoso de tê-lo machucado.

— A senhora acha que Carl Meeks foi quem mandou essas cartas com ameaças? Elas faziam ameaças contra a vida do seu marido, não faziam?

— Esse homem disse que o mataria, é verdade. Ela falava como se estivesse sonhando, quase como se estivesse ansiando que acontecesse alguma coisa. Então, falou com um tom de voz completamente diferente: — Eu cheguei a amá-lo tanto! Quando éramos noivos, ele era muito gentil e atencioso. Ele me agrediu quando estávamos em lua-de-mel, mas foi porque sentiu ciúmes de me ver falando com um homem no hotel, e ficou muito arrependido depois. Só que, mesmo naquela vez, sabe, ele disse que eu o tinha obrigado a fazer aquilo, que a culpa era minha por ser... Namoradeira.

Seus olhos encheram-se de lágrimas. Ela fez um som baixinho que estava entre um soluço e um suspiro, e Sanchia apareceu com o saco de biscoitos na mão, oferecendo consolo:

— Mamãe, não chora.

— A mamãe não vai chorar, meu amor, disse Fay, e era verdade, ela

parou de chorar. Pôs os braços em volta da garotinha e a beijou na testa. — Eu tenho tanta sorte! Disse. — Vejam só tudo o que eu tenho: três filhos maravilhosos, saúde e estou livre, mas alguma coisa me faz continuar chorando. Eu sempre amei Stephen, e o amor que sentia por ele continua de alguma forma a existir. Ele tentou socá-lo, chutá-lo e enxotá-lo para fora de mim e, no final, quase conseguiu, mas quando penso no amor que tive uma vez por ele, eu choro. E é verdade que eu era a única mulher que existia para ele, a única que ele sempre amou, isso era verdadeiro. Só que ele tinha... Bem, ele tinha uma forma esquisita de demonstrar isso...

* * *

Vinte e Três

Os operários que trabalhavam na restauração do número 16 da Oberon Road estavam sentados no degrau da entrada, fazendo o lanche das dez da manhã. Até agora, a única coisa que tinham feito era repor as telhas que haviam caído do telhado durante o tumulto liderado pelo Sexteto de Kingsmarkham. As pichações ainda estavam lá: "imundície", "papa-anjo" e "assassino", em meio aos corpos decapitados e as fuças de animais, tudo feito em vermelho, rosa, azul e amarelo. A última coisa que os operários iriam fazer seria repintar o reboco. Mais tarde, durante o dia, se não chovesse, mas parecia que ia chover, eles iriam começar a substituir os vidros nas janelas do andar de cima.

Haviam terminado o café e começado a fumar o segundo cigarro, quando apareceu uma caminhonete do Departamento de Meio Ambiente e Parques e Jardins da Secretaria Municipal de Kingsmarkham. O logotipo pintado na porta era o de uma boneca segurando uma enxada e um boneco segurando um ramo de flores. Essa inversão daquilo que algumas pessoas chamariam de ordem natural das coisas ocorreu em resposta às exigências de vereadoras feministas. O motorista da van, cujos cabelos eram compridos como os de uma menina adolescente, e o seu companheiro, com a boca aberta e a língua de fora, de tom vermelho muito parecido com o da tatuagem que tinha no pulso, desceram da cabine e deram a volta até o quintal para examinar a situação. Assombrados pelo tamanho do mato que chegava agora até o peito, pela sanguinária, ou sempre-noiva, que crescia gigantesca, e pelo cardo que tinha a altura de um homem, sem falar na cama de ferro, eles deram meia-volta para fumar um cigarro com os operários. O motorista disse que isso era trabalho para uma escavadeira. Como todas as máquinas desse tipo no departamento estavam ocupadas, isso significava que seriam precisos pelo menos três meses até que uma delas estivesse disponível

para ser usada nesse jardim, de forma que, em sua opinião, eles teriam sorte de terminar o serviço perto do Natal. Havia o problema adicional de colocar uma escavadeira no quintal do número 16.

Da sua janela no primeiro andar do prédio de apartamentos no Muriel Campden, Rochelle Keenan estava gravando em vídeo os quatro homens com sua filmadora. A Municipalidade de Kingsmarkham tinha acabado de proibir que seus empregados fumassem em lugares públicos, e Rochelle pretendia usar o vídeo como parte de sua vingança contra o motorista da van. Há alguns anos, quando o marido dela esteve internado na Stowerton Royal Infirmary, prestes a ser rebatizada de Princess Diana Memorial Clinic, para uma operação de hérnia, ela teve um caso passageiro com ele, foi o motorista quem terminou e, agora, fingia não conhecê-la quando a via. Ela o viu acender mais um cigarro, antes de se sentar num banco de campanha que um dos operários trouxe do lado de dentro da casa. John Keenan não sabia a respeito do caso da mulher, mas suspeitava de alguma coisa, em grande parte devido, era o que Rochelle pensava, ao fato de a caçula dos filhos de Keenan, Winona, ter cabelos ruivos. Ele disse que, assim que conseguisse juntar as trezentas libras, que era quanto custava o kit para os testes do DNA, iria comprá-lo e botar a coisa em pratos limpos. Para ter certeza de que faria a coisa direito, ele já havia esfregado a ponta de um coletor de amostras dentro da boca de Winona, só que o empreendimento deu em nada porque a garotinha engoliu tudo. Rochelle não sabia qual dos dois era o pai de Winona, e não ligava muito para isso. Estava muito mais interessada no seu vídeo e em conseguir que o motorista ruivo fosse demitido, ou pelo menos severamente advertido.

A distância de uma cuspidela dali, na Ariel Road, “Uma cuspidela” no Muriel Campden sendo mais um fato do que uma figura de linguagem, Maria Michaels tinha um encontro com Miroslav Zlatic. Ele admirava mulheres poderosas e conseguiu de alguma forma fazer com que ela entendesse isso com sinais e, sem dizer palavra, que havia se apaixonado por ela quando a viu fazendo o arremesso que quebrou o vidro da janela da delegacia. O encontro dos dois, planejado para aquela manhã, deveria ocorrer na casa caindo aos pedaços perto de Myringham, para onde Miroslav havia levado Lizzie Cromwell e, provavelmente, outras moças também. Largando o desprezível Monty Smith na cama, Maria havia saído para pegar o ônibus até

Myringham na parada da Rua York.

Wexford a viu no momento em que o carro dele entrou na rua de acesso do condomínio, mas ignorou o aceno alegre que ela lhe dirigiu. Ainda que não pertencesse ao Sexteto de Kingsmarkham, ela era certamente responsável por grande parte dos danos criminosos causados no dia da morte de Hennessy. O problema era que, assim como o envolvimento de outras pessoas, não havia como provar. Donaldson o conduziu até o fim da Ariel Road, descendo depois a Puck Road, e contornou o condomínio para ter uma ideia do que estava acontecendo ali, se é que acontecia alguma coisa. A placa da Puck Road havia sido de novo adulterada com um F.

— Eu não sei por que não rebatizam logo de uma vez, comentou com Karen Malahyde. — Que a chamem de Titânia, ou algo assim.

— Eu não acho que essa seja uma boa escolha para evitar pichações, senhor.

— O quê? É, talvez não. As primeiras gotas isoladas bateram contra o para-brisa, e a chuva torrencial caiu em seguida. Donaldson ligou os limpadores de para-brisa na velocidade máxima, mas, mesmo assim, achou prudente parar até que a chuva pesada amainasse. Alguém no número 2 da Oberon Road fechou com violência um basculante.

Wexford esfregou a condensação no vidro, sem, contudo, conseguir ver alguma coisa no lado de fora, além de uma água opaca caindo a cântaros, nem sequer os grafites do número 16.

— Senhor, esse Meeks, disse Karen, — Eu imagino que ele esteja recebendo auxílio-desemprego?

— De qualquer forma, ele está desempregado.

— Vivendo às custas dos impostos que pagamos e, pelo que ouvi falar, são ambos obesos.

— Ter excesso de peso não tem nada a ver com fartura, disse Wexford. — Não é bem uma questão de afirmar que não dá pra ser ao mesmo tempo excessivamente rico e ao mesmo tempo excessivamente gordo, mas para ser magro é preciso ser rico.

— Comida barata faz a gente engordar, disse Donaldson com sabedoria, — Essas porcarias de sanduíches e batatas fritas. Ele deu partida no carro e

estavam de novo andando, a chuva agora era uma garoa. Wexford vestiu a capa de chuva de plástico.

— Acho que preciso comprar uma capa, comentou para ninguém em particular, mas os ombros de Donaldson se encolheram um pouco.

Ninguém o havia culpado pela perda de Wexford, mas ele se sentia às vezes responsável por negligência. Estava pensando como, no caso de se encontrar com Charlene Hebden enquanto estava por ali, iria confrontá-la e obrigá-la a dizer a verdade, quando se viu diante do número 24, e Wexford mandou que parasse para que ele e a policial Malahyde pudessem descer.

Karen Malahyde nunca parecia se importar com a chuva. Suas roupas tinham aparência impermeável, mesmo suas saias e blusas, e seu corte de cabelo, num homem, seria considerado militar. Ela ficou na calçada em frente vigiando a casa, deixando que Wexford procurasse abrigo numa varanda minúscula e tocasse a campainha. Linda Meeks foi reconhecida imediatamente, era uma figura bastante frequente nas aglomerações tumultuadas. "Deveria ter o sétimo lugar na hierarquia", pensou, importante o bastante para fazer com que chamassem o grupo de Septeto de Kingsmarkham, ainda que nunca tenha sido um dos cabeças. Era grande, fofa e almofadada, parecia que sua carne cheia, cobertas de covinhas de celulite, malhada de rosa e branco, guardaria o contorno de um dedo que fosse imerso nela. Estava na cara, pelo brilho alarmante nos seus olhos azul-claros, que sua expectativa era de ser interrogada pelos dois policiais a respeito da morte do sargento detetive Hennessy. Essa não seria a primeira vez. Mesmo assim, ela tivera a esperança de que a primeira vez houvesse sido a última. Wexford teve a sensação de havê-la tranquilizado quando disse que gostaria de conversar com ela e o marido a respeito do cunhado, aquele que havia morrido num acidente de carro a caminho de Harwich.

— Meu irmão, disse Linda Meeks, — Ele era meu irmão, não meu cunhado. Ela parecia estar muito aliviada, e certamente com a melhor das disposições. — Entrem. Querem uma xícara de chá?

Wexford disse que não, obrigado, e Karen disse que agora não, o que significava, tanto para um como para o outro, que o assunto era sério demais para amenidades como xícaras de chá. Ambos esperavam encontrar Meeks na

frente da televisão com uma lata de alguma coisa e um pacote de salgadinhos, comportamento esse que, como dizia Barry Vine, um jogador de golfe, era parte da tradição de se morar no Muriel Campden. Em vez disso, ele estava num abrigo no quintal fazendo um trabalho de carpintaria. Aparentemente, era uma mesa que estava fazendo, pois as pernas e a base estavam concluídas e, agora, aplainava o que parecia ser o tampo. Ao vê-los, pôs cuidadosamente a plaina no chão ao seu lado e saiu, abrindo um guarda-chuva.

O quintal estava extremamente bem-cuidado. Tinha hortaliças plantadas da mesma forma que outras pessoas geralmente cultivam flores. Quer dizer, os legumes não eram plantados em fileiras, como numa horta, mas formavam conjuntos em combinações vegetais: as alfaces formavam agradável contraste com as beterrabas e, no lugar de clêmatis, a trepadeira da cerca eram feijões em plena floração arroxeada. Meeks viu uma plantinha insignificante que não devia estar ali e, apesar da chuva, arrancou-a de lá.

— Nunca deixe uma erva-daninha em paz, disse filosoficamente.

Ele era um homem baixinho, menor que a mulher, e tinha a gordura, como é frequente com seres de meia-idade do sexo masculino e bebedores de cerveja, concentrada no ventre. Essa região do seu corpo, tão grande e protuberante, era capaz de causar constrangimento a quem a olhava. Parecia que seu dono se sentia embaraçado, aflito, pelo que era quase uma deformidade; que estava envergonhado de ser tão grotesco. Mas, se Meeks sentia alguma coisa no gênero, ele não dava nenhum sinal. Andava ereto, mesmo com aquele volume enorme à frente dele, enquanto os acompanhava de volta para dentro da casa, onde jogou a erva-daninha numa lata de lixo.

Na sala de estar, era o garoto Scott Meeks quem estava com a televisão ligada jogando um videogame, no qual o jogador fazia pontos se conseguisse fazer com que um surfista num mar bravio passasse por ilhas, navios e outros obstáculos sem se esborrachar. O pai ia permitir que continuasse, isso o deixava quieto e inofensivo, mas Wexford pediu que ele desligasse a TV e os deixasse sozinhos. Scott, com quem nunca ninguém havia falado antes naquele tom, deu um olhar de desprezo para Wexford e fez beicinho, mas obedeceu e saiu, batendo a porta atrás dele.

— Eu gostaria também de falar com a sua esposa, Sr. Meeks, disse Wexford, — Mas não antes de ter tido uma palavrinha com o senhor. Fale-me a respeito desse problema com o seu cunhado. Para início de conversa, qual era o nome dele?

— Jimmy... Bem, James, eu acho, James Crabbe.

Se Meeks estava surpreso de que a polícia mostrasse finalmente algum interesse pelos infortúnios do cunhado, não deu sinal disso. Pelo contrário, a impressão que transmitia era que estava contente pela oportunidade de falar a respeito daquilo que, evidentemente, havia se tornado uma obsessão para ele e, antes que Wexford pudesse formular qualquer outra pergunta, mergulhou num relato sem pé nem cabeça, a respeito dos malfadados acontecimentos no aeroporto de Gatwick.

— Do começo ao fim, tava todos contra ele, não adianta me dizer que não fazem diferenciação entre os passageiros, eles tava com implicância contra ele viajar no avião e, é o que eu acho, por que ele tava de bermudas e sandálias, e isso fez com que torcessem o nariz, já tavam com a cabeça feita pra fazer dele uma vítima, tenho certeza de que pagaram àquela gente pra, como é que se diz, superlotar o avião e então...

— Só um momento, Sr. Meeks, disse Karen. — O senhor poderia nos dizer como soube de tudo isso? O senhor não estava lá, estava?

— Ele bateu um fio pra gente, disse Meeks. — O Jimmy ligou. Ele e a Linda eram muito próximos, eram gêmeos. Ela levou uma porrada com isso dele morrer assim, tô dizendo pra vocês. A história também me chateou, mas ela ficou arrasada, isso deixou ela seis dias de cama, diziam até que ela ia ter uma crise nervosa. Bem, como eu tava dizendo, ele deu uma ligada pra gente. Ele tava se sentindo o máximo, como se tivesse na televisão, todo prosa porque conseguiu a grana da Seaward, e ia gastar ela indo de motorista pra pegar a barca.

— Por que ele estava indo para Amsterdã? Perguntou Wexford. “Jimmy Crabbe não era gay”, pensou, ou será que era? Ele não ia comprar queijo ou porcelana, nem assistir ao Plantão da Madrugada. — Era só um passeio?

— Foi por causa da namorada dele, disse Meeks. — Ela descolou um trabalho de babá por lá. Ele ia passar o fim de semana com ela enquanto o pessoal pra quem ela trabalhava estava fora. Mas não deu certo. O carro que ele alugou se arrebentou na M2S quando saiu do túnel Dartford perto do

aeroporto. Uma carreta derrapou e foi pra cima dele.

— Mas isso, com certeza, não foi culpa de ninguém disse Karen. — Bem, talvez o motorista da carreta fosse culpado, ou o motorista do carro alugado, mas não a Seaward Air. Tudo que eles fizeram foi entregar o dinheiro a ele. "De que lado que tu tá?", deve ter pensado Meeks.

— Eles num devia ter posto tentação no caminho dele, disse profeticamente. — Gente como o Jimmy precisa da gente cuidando o tempo todo deles, tão sempre precisando de proteção.

— O cunhado do senhor não era... Wexford pensou numa expressão que fosse politicamente correta, mas foi infeliz ao perguntar: — Ele não tinha problemas mentais, tinha? Meeks deu um pulo.

— O que o senhor tá querendo dizer? Que o Jimmy era retardado, é isso? Eu nunca disse isso, eu nunca pensei numa coisa dessas. O que tava dizendo é que ele nunca tinha ido a lugar nenhum nem feito nada bacana, foi isso que ele disse pra gente, ele pagou aquele carro porque nunca andou com motorista. Ele tava com trinta e seis anos e nunca tinha tido uma namorada antes dessa. Aquela gente da Seaward botou minhoca na cabeça do pobre coitado, em vez de botar ele naquele avião, e obrigado as aeromoças a servirem pra ele cerveja e sanduíches. O senhor sabia que ele nunca tinha andado de avião antes? Bem, ele nem chegou a entrar naquele, não é? Por causa deles. Por causa daquele filho-da-puta do Stephen Devenish, o cara que cagava as regras, o mandachuva que determinava o que tinha de ser feito. Linda Meeks enfiou a cabeça na porta entreaberta.

— Eu escutei você gritando, Carly, está tudo bem?

— É claro que estou. Só fiquei meio nervoso.

— Deixe-nos um pouco mais sozinhos, Sra. Meeks, por favor. Ela se retirou da sala, sem dizer palavra. E quando a porta se fechou, Wexford mudou de assunto completamente, e perguntou de súbito a Meeks onde esteve na última terça-feira, às oito da manhã. Meeks pareceu confuso, mas aparentemente não se deu conta da ligação de uma coisa com a outra.

— Eu estava passeando com o cachorro, disse ele. — Eu sempre passeio com meu cachorro às oito da manhã.

— Eu não estou vendo nenhum cachorro.

— Ele tá na cozinha com a Linda.

Wexford perguntou também se Meeks tinha um carro, e se alguém o havia visto enquanto estava fora; após receber um "não" para a primeira

pergunta, e "não sei" para a segunda, "não sei", substanciado pela afirmação: "Eu saio às sete e meia, não tem muita gente por aí a essa hora. O pessoal daqui deve ter me visto. Eu sempre vou mais cedo que qualquer um pro Parque York, ou pro campo, e nunca tem alguém lá tão cedo assim.". Ou era pura atuação dele, ou a investigação o pegou desprevenido.

— Ele está morto, né? O tal Stephen Devenish? Apagaram ele. E então ele percebeu, de malgrado, que era suspeito. — O senhor tá achando que eu apaguei o cara?

— Nós não achamos nada a respeito, Sr. Meeks, disse Karen. — Estávamos apenas tentando excluir o senhor das nossas investigações. O senhor ameaçou o Sr. Devenish, não foi? Deu telefonemas com ameaças e escreveu cartas querendo matá-lo, além de ter ido até o escritório da Seaward Air. Carl Meeks balançava a cabeça.

— Eu nunca escrevi carta nenhuma. Parecia que ele estava se convencendo se ia ou não fazer uma confissão, chegou até a fechar os olhos por um instante, fazendo uma careta, e disse de chofre: — Eu não sei escrever nem ler direito, nunca tive jeito pra coisa, confesso que isso não é minha praia. Ele ficou um pouco mais animado: — A patroa é que sabe ler e escrever.

— Acho que agora vamos conversar com a sua esposa, Sra. Meeks, disse Wexford.

— Traz o Buster pra cá contigo, disse Carl Meeks em voz alta para a esposa.

A mulher havia trocado de roupa; em vez dos leggings e da camiseta, ela agora usava um vestido de xadrezinho, de forma que parecia uma toalha de mesa com mangas. Seria por causa dos dois policiais? Ou porque ela estava de saída? Mas não foi seu aspecto que causou impacto. Ela entrou na sala arrastada, parecendo um tílburi sendo puxado por um cavalo impetuoso, atrelada ao maior cão que Wexford já vira. Ele parecia ser um dogue alemão, de pelagem azul-acinzentada, o qual se livrou da guia e partiu direto para cima de Carl, colocou as patas no ombro dele e lambeu seu rosto com uma enorme língua gosmenta azul-escura.

— Desce garotão, desce! Sai de cima de mim! Agora chega. Já pra baixo!

— Acho que já vi o bastante, disse Wexford, — O suficiente para saber

que o senhor realmente possui um cachorro. Talvez a senhora possa levá-lo para a cozinha, Sra. Meeks. Obrigado. Esperou até ela voltar, arfando devido ao esforço, e não disse nada até que se sentasse e recuperasse o fôlego. — A senhora não gostava muito de Stephen Devenish, não é verdade, Sra. Meeks?

— Eu não dava a mínima pra ele, disse ela, ofegante. Foram precisos alguns momentos para que ela conseguisse falar: — Eu não conhecia ele... Bem, só de vista. E não só ele. Tô falando de toda aquela gente da Seaward. Uma vez que começou, ela soltou a língua. — Aquele motorista tava de porre, eles descobriram não sei quantos litros do sei-lá-o-quê no sangue dele, e foi aquele povo da Seaward que disse pro Jimmy procurar por ele, disseram pra ele que o sujeito, sei lá como se chamava, era um bom motorista, eles recomendaram ele, e o coitado tava por fora. Ele só fez o que mandaram, eles mataram ele. O senhor tava dizendo que eu não gostava do Stephen Devenish, e eu pergunto, o que que o senhor ia pensar dum cara que jogou seu marido escada abaixo?

— Nós ouvimos dizer que ele o expulsou do escritório, disse Karen.

— Então ouviram errado. Ele foi chutado pra fora do escritório e, depois, o riquinho agarrou ele pela gola do casaco e arrastou ele até o alto das escadas e jogou ele lá embaixo.

— Foi assim mesmo, Sr. Meeks? Meeks assentiu. Ele, porém, não parecia nem um pouco à vontade, não importava para onde o seu agressor o jogara, o que importava era que sua mulher o visse sob uma luz tão abjeta, como sendo um homem que pudesse ser jogado de um lado pro outro.

— Ele era um filho-da-puta, disse finalmente.

— Foi uma dádiva de Deus que ele tá morto.

— Mas o senhor não o matou? Isso fez com que Linda Meeks soltasse um gritinho agudo. O marido dela respondeu.

— Para com isso. O cara tinha duas vezes o meu tamanho. Controlando seus ressentimentos, Linda Meeks disse, muito séria:

— Ele não ia deixar que Carl matasse ele.

— Isso quer dizer muita coisa, comentou Wexford mais tarde com Burden. — A gente sabe que quem quer que o esfaqueou era mais baixo do que ele, cabe então aqui a sua pergunta: por que ele teria deixado alguém matá-lo?

— Imagino que ele tenha sido surpreendido.

— Bem, ele não teria sido apanhado de surpresa por Meeks. Se Meeks for o estranho que Edward Devenish viu e sua mãe ouviu, para Devenish não

se tratava absolutamente de um estranho. No momento em que ele foi encaminhado para aquele escritório, Devenish já estaria sabendo quem era e se tinha, ou não, intenções de lhe fazer mal.

— Será que você está sugerindo que Devenish, após ter cortado a mão da mulher, tenha largado a faca que usou, a qual certamente estava manchada de sangue, em cima da mesa, ou de uma mesa? E, depois de Meeks entrar, que a tenha deixado no mesmo lugar de forma que estivesse à disposição de Meeks para usá-la?

— Isso se a faca estivesse lá, Mike. Só Deus sabe de onde ela saiu, talvez ele guardasse uma faca numa gaveta. Por que não? Ele tinha um chicote. Talvez ele a guardasse com o objetivo de castigar a esposa, tenha-a usado naquela manhã e então o quê? A faca não estava no escritório, ele não a jogou janela afora... Por que faria isso? Burden comentou pensativo:

— Ele pode ter usado a faca para cortar a mulher e depois a entregado a ela, mandando que ela a levasse embora para lavá-la.

— Você sabe no que isso me faz pensar? Isso me lembra um dos cânones da lei dos hebreus. "Tu não cozerás o cabrito no leite da própria mãe." É como acrescentar insulto à injúria.

— Mas ele era capaz disso.

— Eu acredito que fosse. Wexford ficou sentado em silêncio por um momento, refletindo sem qualquer prazer a respeito da maldade humana. — Nós já tivemos o relatório a respeito das facas que estavam na cozinha. São facas caras com cabo de chifre. Nenhum traço de sangue humano em qualquer uma delas. As impressões digitais da Sra. Devenish foram encontradas em todas menos duas, e as dele em nenhuma.

— Será que alguma delas tem uma lâmina que se encaixa nos ferimentos?

— Duas têm. Mas você não precisava se preocupar com isso. Essas lâminas são... Bem, elas têm um tamanho padrão. Milhares de facas nas cozinhas das pessoas e à venda nas lojas são daquele tamanho e poderiam causar aqueles ferimentos. A prova que procuramos é o sangue de Devenish numa faca e, como eu disse, não havia sangue algum. Pode ser que fosse uma daquelas facas, mas ao que tudo indica não foi e a faca que usaram foi levada por alguém.

— Por Carl Meeks?

— Talvez. Eu não sei. Os acontecimentos nos levam à conclusão de que o assassino de Devenish ou levou uma faca consigo, e aconteceu de essa faca

ter uma lâmina do mesmo tamanho daquelas do jogo da cozinha dos Devenish, ou ele usou a faca que Stephen Devenish largou na mesa depois de ter cortado Fay. Precisa ser uma coisa ou outra. Se aconteceu como você está dizendo e ele deu a faca para Fay lavar, será que ela foi capaz de lavá-la tão bem a ponto de remover qualquer vestígio do uso que teve anteriormente? Mas por que ela faria uma coisa dessas? De forma que tudo leva a crer que o assassino usou essa mesma faca e a levou embora consigo.

— A não ser que houvesse oito facas, e não sete, nos encaixes do bloco de madeira.

— Eu não acho que houvesse, pois o que Fay disse é verdade, de forma que, mesmo havendo oito encaixes na madeira, se você enfiar oito facas neles, elas ficam presas umas nas outras. Eu sei, eu experimentei.

— E Meeks?

— Nós vamos perguntar de casa em casa no Muriel Campden para saber se algum dos vizinhos o viu sair com o cachorro às oito horas naquela manhã. O cão dos Meek é um enorme dogue alemão, uma coisa azul-acinzentada que atende pelo nome de Buster. Não é o tipo de animal que passa despercebido. Se a gente o vê uma vez, nunca mais esquece.

— Do jeito que as coisas vão, disse Burden, — Logo a gente vai acabar conhecendo aquele bando do Muriel Campden melhor que nossas famílias.

* * *

Era uma bela tarde, mesmo estando um tanto abafado. Os moradores das Oberon, Ariel e Puck Roads, juntamente com os da torre de apartamentos, estavam sentados nos degraus de entrada em frente das casas, se fosse o caso, ou, em se tratando dos moradores dos apartamentos, em espreguiçadeiras no gramado da torre.

— Isso parece um maldito acampamento de ciganos, disse Tony Mitchel, que achava a coisa vulgar, o tipo de coisa que fazem os moradores dos conjuntos habitacionais.

Eles futricavam. Fazia semanas não paravam de falar a respeito de quem poderia, ou não, ter jogado a bomba incendiária que matou Ted Hennessy, sendo que cada um tinha pontos de vista diferentes, dependendo do partido que havia tomado em vendetas privadas, ou do grau de sua paranoia. Eles

agora tinham Carl Meeks como assunto central, um tópico que se tornara ainda mais excitante com a entrada em cena de três policiais fazendo perguntas de casa em casa. Maria Michaels disse que estava sentada do lado de fora para que eles não se dessem ao incômodo de tocar a sua campainha. Ela acabara de ver sua velha amiga Tasneem Fowler entrar em casa acompanhada de uma mulher chamada Tracy Qualquercoisa, e ela gritou para elas que fossem visitá-la para tomar um drinque quando houvessem terminado o negócio, ou sei lá o quê, que foram tratar com Terry e os garotos. Maria entrou em casa e pegou duas cadeiras, que pôs no pedacinho de grama do jardim em frente da casa; estava indo pegar uma terceira cadeira quando se encontrou com Monty Smith descendo as escadas, carregando todos os pertences dele em duas sacolas de supermercado.

— Tô louco, disse Monty, — Pra enfiar a mão na sua cara.

— Vem que tem, queridinho. Eu não sou que nem a pobre coitada da bestalhona da Tasneem. Lembranças de dias gloriosos da época em que era uma arremessadora de pesos vieram-lhe à lembrança. — Basta eu começar e você vai levar tanta porrada que vai ficar sem saber de onde veio. E não feche a porta, eu estou pegando mais uma cadeira e uma mesa pra levar pra fora.

Humilhado, rejeitado e expulso, Monty Smith saiu caminhando pela Oberon na direção do ponto de ônibus da Rua York. A meio caminho de lá, encontrou o detetive Archbold, que perguntou se podia trocar uma palavrinha com ele. Por palavrinha se entenda uma pergunta sobre o paradeiro de Monty às oito da manhã daquela terça-feira e se ele tinha visto Cari Meeks passear com o cachorro. Monty respondeu que Archbold devia estar de brincadeira, pois ele nunca saía da cama antes das dez, ou pelo menos isso era o que costumava fazer, mas só Deus sabe o que o futuro lhe reservava.

Shirley Mitchel estava no gramado; ela recolhia lixo, pegando latas de cerveja, embalagens de salgadinhos, guimbas de cigarro, quentinhas e papel laminado, além de anúncios de aluguel de carro, num carrinho de supermercado que ela forrou com plástico. Archbold lhe perguntou a respeito de Carl Meeks e ela começou a criticar longamente os donos de cachorros cujos animais sujavam as calçadas. Aquele Buster era um dos que mais sujavam. Ela mesma havia oferecido ao senhor e à senhora Meeks uma pá de lixo, um ancinho e invólucros higiênicos para coleta dos dejetos do dogue

alemão, mas eles riram na cara dela. Não, ela não podia ter certeza se vira Carl Meeks passear com o cachorro na manhã de terça-feira, mas o via todas as manhãs, ou quase todas as manhãs, e era quase certo que o vira, pois assim podia correr até a calçada e limpar a porcaria antes que algum vizinho infeliz pisasse em cima.

Um dos poucos moradores do Muriel Campden que não estavam sentados do lado de fora era Terry Fowler. Ele e os garotos estavam assistindo a um vídeo que ele gravou da final da Copa do Mundo de 1998 entre Brasil e França. Eles haviam acompanhado a transmissão ao vivo do jogo e, desde então, já tinham assistido duas vezes ao vídeo. Essa era a terceira vez, mas para Terry, Kim e Lee Fowler nunca era demais assistir a um jogo de futebol, principalmente jogos internacionais dessa dimensão.

A França marcou seu primeiro gol quando uma chave entrou na fechadura da porta da frente e Tasneem entrou na sala acompanhada de uma desconhecida. Ela só tomou coragem de ir até lá porque Tracy a encorajou prometendo ir junto. Elas foram paradas no caminho por Lynn Fancourt, que perguntou sobre Carl Meeks. As duas acharam a coisa toda muito excitante, mas, infelizmente, tiveram de dizer que não faziam a menor ideia, visto que não residiam ali e estavam apenas de visita. A ideia de estar "apenas de visita" na sua própria casa encheu d'água os olhos de Tasneem, e os vestígios das lágrimas continuavam em seu rosto quando entrou na casa, ficando cara a cara, depois de tantos meses, com o marido e os dois filhos dela.

— O que você tá fazendo aqui? Disse Terry, ignorando a tentativa tímida de Tasneem de apresentar a amiga. — Você tá achando que pode ir embora quando quer e ficar longe a porra de um ano inteiro, e então entrar aqui com essa cara-de-pau, que nem uma santa, como se tivesse saído pra fazer compras, não é?

Kim e Lee nem sequer olharam para ela: estavam assistindo à França partir para fazer o segundo gol. Tracy Miller deu uma olhadela à sua volta e exclamou:

— Este lugar está uma imundície, aposto que não era assim quando a

Tas morava aqui.

Ela foi até a televisão e o videocassete e desligou os dois. Os meninos fizeram uma gritaria de protestos. Terry ficou em pé de estalo e, então, aconteceu o que o pai de Tracy costumava chamar de troca de insultos; começou por Terry, que a chamou de escória e puta intrometida, e ela o chamou de animal. Seguiu-se uma enxurrada de palavrões, com Terry xingando Tasneem com palavrões tão variados e obscuros, que Tracy nunca ouviu falar na metade deles. Os dois meninos caíram em pranto, e o coração de Tracy ficou apertado por causa deles. Ela achou que Terry fosse agredir Tasneem e estava pensando se ia, ou não, ficar no meio dos dois, como se já não bastasse o que ela teve de aturar na sua própria vida de casada, quando Tasneem disse:

— Está bem, eu vou embora, e agora é de vez, não estou aguentando mais.

Elas saíram até o corredor da entrada e ouviram a televisão ser religada. Terry e Lee se sentaram de novo, mas Kim veio correndo até as duas, se agarrou às calças de Tasneem, ela estava usando uma túnica salwar kammez por cima das calças, e soluçou:

— Não vai embora. Eu não quero que você vá. Tasneem soltou um grito de tristeza, mas Tracy disse, com calma e com firmeza:

— Querido, você precisa parar de chorar. Você e o seu mano vão morar com a mamãe de vocês e tudo vai ficar bem.

Só Deus sabe se isso seria verdade. Tracy levou Tasneem para fora de casa e meio que a arrastou rua abaixo até a casa de Maria Michaels. Maria estava sentada diante da casa numa cadeira no jardim, com uma mesinha elegante na frente dela, na qual havia uma bandeja com copos, uma garrafa de uísque, uma garrafa de gim, duas latinhas de água tônica e duas de refrigerante sabor laranja. Ela disse olá à Tracy, que era um prazer conhecê-la e perguntou o que a amiga querida ia tomar: uísque, ou gim, a bebida das desgraçadas? Como Tasneem era mulçumana, ela pediu um refrigerante de laranja, mas Maria insistiu em que ela tomasse algo mais forte, “para levantar o ânimo”.

— Para com isso, os homens são assim, disse Tracy, mas Maria exclamou:

— E daí? Será que Tracy nunca ouviu falar na igualdade dos sexos?

Ambas as mulheres abraçaram Tasneem, e Tracy levou o uísque até os lábios da amiga, como uma enfermeira alimentando o doente com Sustagem. Maria disse, então, que tinha algo a lhes dizer que iria animá-las, uma verdadeira fonte de risada. Ela havia posto Monty Smith para fora de casa, o safado preguiçoso, e, quer saber de uma coisa, ela estava com outro. Maria estava contando a elas que Miroslav Zlatic tinha sido um guerreiro da liberdade em Sarajevo e como ele precisou fugir quando colocaram sua cabeça a prêmio, além dele ser ótimo de cama, quando o detetive Kevin Cox abriu o portão do jardim, e subiu caminhando na direção das três para perguntar a respeito de Carl Meeks. Maria estava louca para ajudar. Ela ofereceu uma bebida, mas Cox, que olhava com vontade para a garrafa de gim, foi obrigado a recusar. Carl Meeks, disse ela, era constante na sua rotina de passeios com o cachorro às oito da manhã. Quer dizer, ela o via muitas vezes quando estava de saída para o trabalho e aquele cão mais parecia um cavalo, mas não todos os dias, meu querido; naquela manhã, por exemplo, ele não saiu. Ela estava de folga naquela manhã e sorriu sonhadora ao rememorar.

— E na última terça-feira de manhã? Perguntou Cox.

— Bem, eu vi ele, mas se foi na segunda, na terça, ou na quarta, sei lá, isso eu não sei. Como disse, eu não vejo ele todos os dias. Tem dia que ele vai até os gramados. Ele anda pelo parque.

— Eu gostaria de ter um cachorro, comentou Tasneem. — Eu vou ter um, quando conseguir que meus meninos voltem pra mim.

— É claro que vai, minha querida, e um gato e um coelho e, também, até um jacaré, se quiser.

Cox foi embora, percorreu em vão as últimas casas da Ariel Road, cujos moradores estavam fora, e fez uma visita aos Crowne e à Sue Ridley, e aos vizinhos de porta, e aos vizinhos de porta dos vizinhos, mas três famílias não conheciam Carl Meeks, nem mesmo de vista, ou disseram que não conheciam, e os Crowne acordavam muito tarde para vê-lo saindo com o

dogue alemão. Na casa dos Meeks, na Oberon Road, Lynn Fancourt estava interrogando Darren Meeks. Darren continuava ainda entregando os jornais, de forma que Lynn pensou ser ele, entre todos, aquele que saberia dizer onde o pai estava naquela terça-feira de manhã, mas Darren não sabia, ele saíra para fazer suas entregas às sete e quinze. Mesmo assim, achou que o pai provavelmente levou Buster para passear. O cachorro fazia tamanho escarcéu, ganindo e uivando, para dar sua volta, que a gente tinha de levá-lo para passear para ter um pouco de paz.

— Então, quais são as novidades lá pra banda dos ricaços? Quis saber Maria, depois que Tasneem lhe contou que Tracy trabalhava para uma senhora na Ploughman's Lane.

— Aquele filho-da-puta foi assassinado, disse Tracy, — Ele era mais um desses aí, espancava a mulher e fazia outras coisas nojentas. Ninguém sabia de nada até ela sequestrar a própria filha para livrar ela das garras dele e, então, a verdade apareceu. A vizinhança foi avisada para não tirar o olho de cima dele, mas isso acabou sendo conversa fiada, porque aquelas mansões ficam a quilômetros de distância uma da outra.

— Há males que vêm pro bem, disse Maria. — Acho que foi ela quem matou.

— Eu não sei. Ao que parece, não foi, porque eles ficam perguntando pra todo mundo sobre aquele fulano sei lá como ele se chama.

— Ah, mas eu acho que foi ela, minha querida. Eu tinha acabado com ele.

* * *

O relatório clínico de Lorde Tremlett revelou que Stephen Devenish recebeu no peito três ferimentos à faca e, em sua opinião, tais ferimentos foram feitos por alguém totalmente frenético. O golpe que provocou sua morte atravessou o ventrículo esquerdo do coração. Eles poderiam ter sido feitos por uma mulher, mas era impossível garantir que foi um homem ou uma mulher. Tudo leva a crer que ele ou ela fosse mais baixo que Devenish, pois o defunto era um homem muito alto. O assassinato foi cometido, dentro da estimativa original, entre quinze para as oito e oito e meia. O legista foi incapaz de determinar a hora com mais precisão. A arma usada foi uma faca de cozinha com uma lâmina de cinco centímetros de largura no seu ponto

mais largo e com cerca de vinte ou vinte e cinco centímetros de comprimento. Devenish era um homem saudável na casa dos trinta, de excepcional vigor físico, um perfeito exemplar de homem sem cicatrizes ou defeitos físicos. O inquérito foi iniciado e ficou em aberto.

Wexford compareceu ao rito sumário no tribunal e foi visitar depois a viúva, para lhe dizer que os funerais poderiam ser realizados quando ela quisesse. Jane Andrews estava na Woodland Lodge, se tornara aparentemente uma hóspede da casa, e os dois filhos de Fay haviam voltado ao lar. Seria imaginação sua, ou Sanchia já aparentava estar mais calma, sossegada e feliz? Pela primeira vez, ele percebeu que ela também era bonita, se parecendo, talvez, com a própria mãe quando essa era da sua idade, com as faces rosadas e uma pele acetinada e traços regulares, com grandes olhos azuis e cabelos finos e brilhantes. Seu cabelo estava muito mais comprido do que quando foi tirada a fotografia da família reunida e, agora, não havia como confundi-la mais com um menino. Seu rosto era delicado e feminino. Ela olhou para ele e sorriu. Isso o fez pensar como era terrível que alguém pudesse morrer, e mais, morrer de morte violenta, deixando atrás de si tamanho alívio e libertação.

A família inteira, pois Jane Andrews se encaixava nela como se fizesse parte, estava na grande sala de estar, cujas janelas de batentes estavam escancaradas. As crianças corriam entrando e saindo do jardim, trazendo pedaços de grama nos sapatos que ficavam no tapete branco. Não havia ninguém ou razão para impedi-las. Mas quando ela entrou com ele na sala, Jane Andrews sugeriu à Sanchia que seria bom ela empurrá-la no seu balanço novo, fazendo com que a criança segurasse sua mão e a puxasse para o jardim, deixando-o sozinho com Fay. Fay exclamou, com voz fria e prática:

— Eu tenho permissão para cremá-lo?

— É claro que sim. A agência funerária que a senhora escolher cuidará das formalidades. Acho que a única diferença é que serão precisos dois médicos e não um, para assinar o atestado de óbito.

A sua expressão não lhe permitiu ler os pensamentos dela. “Não existe arte alguma”, pensou, “que nos torne capazes de perceber no rosto o que a mente está concatenando.”. Queimá-lo, destruí-lo, espalhar as cinzas, livrar-se dele para sempre, era nisso que ela estava pensando? Ou seria mais algo

como, eu o amei um dia, quando ele parecia ser outro; se somente ele pudesse ser do jeito que eu acreditei que ele era quando jovem...

— Como os meninos estão se sentindo? Ele perguntou a ela.

— Eles estão bem.

— Eu gostaria de conversar com eles de novo, especialmente com Edward, a respeito do homem que veio aqui na última terça-feira às oito da manhã. Fay fez que sim com a cabeça, não estava aparentemente nem chocada, nem satisfeita.

— Eu vou vender esta casa. Devo colocá-la à venda quando tudo isso, ela empregou uma expressão extraordinária no contexto, — For espalhado aos quatro ventos. Ele ficou sem palavras. — O senhor sabe, ele deixou tudo o que podia para as crianças. A casa está no meu nome, eu não sei por que razão ele fez isso, deve ter sido alguma artimanha para não pagar impostos, acho eu. Ele sempre disse que eu era incapaz de lidar com dinheiro. Quer que eu chame Edward agora?

— Acho que ele virá por conta própria, Sra. Devenish. Um pequeno rubor apareceu no rosto dela. Ela parecia quase encabulada.

— Não pense, por favor, que eu o estou corrigindo, o senhor não precisa se lembrar disso agora, mas vou passar a usar o meu nome de solteira. No futuro, passarei a ser Sra. Dodds.

Edward entrou vindo do jardim. Wexford podia jurar que ele havia crescido nesses últimos dias: estava entrando na puberdade e já tinha um ar de adolescente.

— Edward, por favor, sente. O garoto olhou para a mãe e depois de receber sua permissão foi se sentar na cadeira mais desconfortável da sala; se empertigou e olhou direto para Wexford. — O homem que você deixou entrar nesta casa na manhã em que seu pai morreu, foi descrito por você como sendo só um cara. Você poderia ser mais específico? Percebendo que o garoto não estava muito certo do que ele queria, Wexford acrescentou. — Será que você pode descrevê-lo para mim? Feche os olhos e tente fazer um retrato mental dele. Edward fechou os olhos, mas os abriu quase de imediato. Olhou de novo para a mãe e disse:

— Era só um cara qualquer. Com uma idade parecida com a do papai. Eu já disse isso. Ele fez uma careta como se estivesse fazendo força para

lembrar. — Acho que ele estava de jeans e talvez de paletó. Ah, ele carregava uma pasta.

— Que tipo de pasta? Uma pasta de executivo?

— Uma grande pasta de executivo, disse Edward.

— Vamos lá, a campainha da porta tocou quando você e Robert estavam de saída no corredor da entrada indo para a porta da frente. A porta do escritório do seu pai fica à direita. Essa porta estava fechada?

— Acho que sim. Pode ser que estivesse só... Sei lá, encostada.

— Entendo. Então você abriu a porta e viu o homem com a pasta. O que foi que ele disse? E o que foi que você disse?

— Acho que eu não disse nada. Ele disse que gostaria de falar com o Sr. Devenish.

— Que tipo de voz era? Grave, fina?

— Uma voz bastante grave, disse Edward. — Só uma voz de um cara comum.

Fay Devenish tinha tentado parecer indiferente à coisa toda, olhando para o jardim de onde Jane Andrews, Robert e Sanchia estavam caminhando lentamente na direção da casa, mas agora se virou para Edward e o escutou com uma expressão inescrutável. Como que recebendo uma deixa, ele falou com um esnobismo que só uma criança de pais ricos educada em escolas particulares é capaz:

— Ele falava com o sotaque dessa gente daqui. Como o seu, só que era mais forte. Wexford não deixou transparecer qualquer reação quanto a isso. Mas, internamente, sorriu. Era impossível até mesmo aborrecer-se com aquela pobre criança.

— Ele era gordo? Magro? Moreno? Louro?

— Eu não sei. Não prestei atenção.

— Você teria prestado se fosse um homem obeso, não é?

— Ele não era nada disso, tinha tamanho normal.

— Então, foi o seu pai quem saiu do escritório, ou foi você quem abriu a porta e deixou o homem entrar?

— Eu abri a porta e só disse pro cara "aí dentro", e depois Robert e eu fomos embora. Nós batemos a porta da frente depois que saímos, como a gente sempre faz. A gente tinha de ir pra casa da Sra. Daley e não podíamos nos atrasar, ou ia ter encrenca.

— Você fechou a porta do escritório depois que o homem entrou? Edward pareceu subitamente entediado, como se houvesse perdido todo o interesse.

— Eu não me lembro. Posso ir agora?

— Pode. Mas eu quero falar com o seu irmão. Essa foi uma tarefa inútil. Robert era tão infantil quanto o irmão era, mesmo que o efeito não fosse de todo agradável, maduro.

— Ele era a cara do Batman.

— Você consegue se lembrar do que ele disse, Robert?

— Ele disse "pão, pão, queijo, queijo" e eu perguntei: "Onde está o Godzilla?" e ele virou um urso, um pelo preto cresceu nele todo e ele rugiu e mostrou todos os dentes grandes que tinha. Eu disse: "Você não é o Godzilla, você é a Fera.".

Robert caiu numa gargalhada descontrolada. Para surpresa de Wexford, ele rolava no chão, rindo e soltando gritinhos. Jane Andrews entrou, cutucou Robert com o dedão do pé, e falou num tom professoral:

— Levanta. Vamos, para de bancar o maluco.

Isso surtiu efeito, mas só até certo ponto, uma vez que o riso do menino foi sucedido por um pranto descontrolado. Fay colocou o braço em volta dele e ele ficou soluçando com a cabeça apoiada no ombro dela. Os olhos da mãe se encontraram com os de Wexford por cima da cabeça do filho, mas ele só conseguiu enxergar um vazio neles, além de uma resignação sofrida. Jane vestia jeans e suéter, mas o rosto dela estava maquiado e ela usava brincos, uma longa corrente de prata como colar, e um relógio enorme com um mostrador negro com prata. Aparentava estar satisfeita consigo mesma, contente de estar ocupada e sendo útil, a amiga da heroína, seu leme e arrimo.

— Eu vou ficar aqui o tempo que Fay desejar, disse, — Enquanto precisarem de mim. E se abaixou para pegar Sanchia.

Mas quando a menininha viu o irmão nos braços da mãe, mostrou de imediato sinais de ciúme, empurrou Jane e subiu para se aninhar ao lado de Robert. O quase adolescente Edward, sem hesitar muito, mas incapaz de

encontrar um canto na cadeira de Fay para ele, ficou em pé atrás e encostou o rosto nos cabelos da mãe. Wexford e Jane Andrews trocaram olhares e Jane sorriu.

— Amor de mãe, como dizem os psicólogos, comentou.

* * *

Vinte e Quatro

IMAGINAR uma agulha no palheiro não é muito diferente do conceito de procurar uma faca em centenas de hectares de bosques, interligados por jardins, com moitas e cercas vivas, além das ramificações de um sistema de drenagem por debaixo de tudo isso. Os canais foram revistados à procura da faca e coube ao policial Peach e à policial Brodrick a tarefa desagradável de examinar todo o lixo coletado naquela terça-feira na Ploughman's Lane pela firma que faz a coleta de lixo de Kingsmarkham, a Agate PLC. Apenas numa residência, uma faca foi jogada na lata de lixo. Mas era somente uma faca, de um tipo completamente diferente, curta e serrilhada. Todas as facas levadas da Woodland Lodge foram devolvidas a Fay Devenish. Antes de serem restituídas, Wexford examinou cuidadosamente, talvez pela vigésima vez, as lâminas lisas ou serrilhadas e seus cabos de chifre, chifre marrom-escuro, mas em dois casos eles estavam descoloridos e tinham um tom mais claro. Ele examinou especialmente duas delas, uma com um cabo escuro, e a outra com um cabo mais claro, cujas lâminas combinavam com os ferimentos de Stephen Devenish.

— Ele deve ter trazido a faca naquela pasta, comentou Burden. — Ele a trouxe e a levou. O jovem Edward disse que era uma pasta grande. De que tamanho você acha que era? Grande o bastante para levar alguma coisa que cobrisse o paletó e os jeans? Digamos, uma capa de chuva?

— Não me fale de capas de chuva, disse Wexford. — Dora vai me levar até Londres no sábado para comprar uma nova. Outra Burberry, foi o que ela disse. Só Deus sabe quanto estão custando. Ele suspirou. — O quê você está querendo dizer é que esse sujeito trouxe uma capa de chuva com ele para proteger a roupa de manchas de sangue. Talvez fosse a minha. Foi no Muriel Campden que ela desapareceu.

— Será que você pode levar isso a sério? Ele teria de proteger a roupa

dele.

— Não tem a menor importância se protegeu ou não, murmurou Wexford. — Ninguém o viu.

— Está bem, mas ele não podia saber disso, podia? Wexford não respondeu. — Ninguém viu Carl Meeks também. É claro que o problema em verificar alguém que faz suas tarefas rotineiras todo dia à mesma hora, está no fato de que as pessoas que o veem não conseguem lembrar quando foi que o viram. Todos disseram que viam frequentemente Carl Meeks com o gigante do Buster, mas não sempre, e não conseguem dizer quais foram os dias em que o viram. Darren Meeks estava na rua entregando seus jornais, de forma que ele não sabe. Scott estava na cama. As escolas primárias não haviam ainda interrompido as aulas para as férias de verão, o que só aconteceria naquela tarde, mas o jovem Scott não é um candidato ao prêmio de assiduidade, isso supondo que esses prêmios ainda existam. Linda Meeks disse que ele sempre leva sem falta o cachorro para passear, sem exceção.

— Reg, disse Burden, — Sinceramente, você acredita que Carl Meeks matou Devenish? Faz mais de dois anos desde que Devenish o atirou escada abaixo, ou seja lá o que fez com ele. Se ele fosse se vingar do Devenish, por que iria esperar tanto tempo?

— E se ele esperou por tanto tempo, o que teria desfechado a vingança na última terça-feira? Imagino que seja possível que Meeks tenha se encontrado com Devenish em algum lugar, pode ser que tenha até ido a um dos escritórios da Seaward, feito uma nova tentativa e ter sido mais uma vez maltratado.

— Não, ele não fez isso, disse Burden, triunfalmente. — Eu verifiquei essa possibilidade. Ninguém pertencendo ao pessoal dos escritórios da Seaward em Kingsmarkham, Brighton e Gatwick viu ou ouviu falar de Meeks desde o incidente com a escada. Mas existe a possibilidade de Devenish ter se encontrado com ele na rua e o insultado, ou algo no gênero...

— Mas nós tão temos razão alguma para supor isso.

— Agora, eu quero lhe dizer uma coisa, disse Burden. — Eu me pergunto se você percebeu.

— Percebi o quê?

— Gillian Ferry.

— Que houve com ela?

— A Sra. Ferry é uma das professoras na escola que Edward e Robert frequentam. Ela leciona inglês na Escola Francis Roscommon em

Sewingbury. Wexford pensou a respeito.

— De fato leciona. Isso é pertinente?

— Eu não sei. Mas isso cria, por assim dizer, uma dupla ligação entre os Ferry e os Devenish. Você não acha um pouquinho esquisito?

* * *

Já passavam alguns minutos das dez horas quando Sylvia pôs o telefone no gancho. Ela esteve conversando durante vinte minutos com uma mulher que ligou, mas se recusou a se identificar. Graças a Deus ninguém mais ligou enquanto isso. Ela se levantou, andou até a janela e olhou para o jardim embaixo. As janelas iluminadas na Kingsbrook Avenue pontuavam a escuridão. Os gramados pareciam faixas de veludo cinzento e os ciprestes, figuras encapuzadas. Sylvia pensou que não havia nada como as horas de trabalho solitário na Helpline para aguçar a imaginação. Ela gostaria tanto de poder contar a alguém o que a mulher anônima lhe disse... Ela podia contar, é claro, para Griselda, ou Lucy, ela não era um sacerdote e aquilo não era um confessionário, mas Griselda estava de férias e a exausta da Lucy provavelmente já estava dormindo. Era para o pai que Sylvia na verdade queria contar, mas só faria isso com a autorização de Griselda, ou Lucy. De pé ali, olhando os quintais das casas onde as luzes começavam a se apagar, ela pensou a respeito do pai, de como ele a ouviria atentamente e de como a aconselharia com sabedoria. Se ela não se sentia melhor com o marido, pensou Sylvia, não era o caso com o pai. Mais uma coisa boa que o Hide lhe proporcionara. A porta atrás dela que estava refletida na janela escura se abriu, e Tracy Miller entrou vestida com um jogging rosa e com os cabelos longos presos no alto da cabeça. Sylvia se virou e sorriu, contente de ter alguma companhia. Tracy fazia frequentemente uma visita de meia hora antes de se recolher. Os filhos dela a acordavam às seis da manhã.

— Eu recebi uma ligação tão... Bem, tão assustadora, Trace!

— Um desses filhos-da-puta dizendo que vão cortar fora os seus peitos? Sylvia riu de verdade, o que só comprovava que a gente ia ficando durona e com o passar do tempo mitigava as coisas mais terríveis.

— Não foi um homem. Foi uma mulher. Eu queria poder contar pra você, mas não posso. Você conhece as regras. As ligações são estritamente confidenciais.

— Eu sei. É só por saberem disso que elas confiam em você, só assim as pobres coitadas conseguem ligar pra você.

— Você chegou a usar a Helpline antes de vir para cá?

— Eu? Eu liguei ao todo umas dez vezes antes de ter tomado coragem para romper. A essa altura, ele já tinha pregado as portas do armário para que eu não pudesse pegar minhas roupas e cortou meus sapatos. Fiquei uma semana andando descalça. Bem, você tá sabendo como ele é. Ele lhe assustou quando pulou o muro, não foi? Sylvia fez que sim com a cabeça. — Ela pediu meu conselho e eu dei. Pelo menos fiz o que pude. Eu não sou advogada. Apenas me lembrei de uma coisa que havia lido e eu disse para ela ter cuidado. Se você tiver de mentir, minta. Será que agi errado, Trace?

— Não pergunta pra mim, querida. Eu lá sei alguma coisa? A gente precisa fazer o que a gente precisa, é isto o que eu digo.

* * *

Não fazia cinco anos que a capela do crematório existia; as paredes eram cobertas por um lambri delicado de madeira de lei, e as janelas eram um bocado inspiradas nos desenhos de Chagall para vitrais. As cortinas, de linho verde-escuro, foram bordadas por uma artesã local com corpos celestiais, galáxias e cometas com suas longas caudas, e o púlpito era um cilindro de aço polido com recortes em forma de estrela através dos quais a luz brilhava levemente. Mas apesar de tudo isso, era um lugar triste, frio, austero e projetado para abrigar mais pessoas enlutadas do que era provável que um dia viessem a ocupar os bancos de madeira clara no seu interior. Eles, em geral, eram de um número inferior a dez, como era o caso hoje, quando apenas a família dele, além de alguns conhecidos, chegaram para cremar Stephen Devenish.

Havia um representante da Seaward Air, cuja capa de chuva Wexford achou muito parecida com a sua Burberry desaparecida. Ele ficou sentado, parecendo estar pouco à vontade, com um chapéu de feltro cinza-claro no colo. Reconheceu a relações públicas de Devenish, uma moça elegante trajando um tailleur negro e sapatos de verniz com saltos extremamente altos. Era extraordinário como os ingleses evitavam ostensivamente sentar junto de qualquer pessoa que não conhecessem. A quatro lugares de distância dela estava Trevor Ferry. Qualquer um pode ir a um enterro, o convite não é

obrigatório. Mas, mesmo assim, Wexford se surpreendeu de vê-lo ali. Será que ele veio para se regozijar, casquinar, ou simplesmente comemorar em silêncio? Ferry não olhou na direção dele, mas permaneceu sentado dirigindo o olhar para a abstração que ficava no alto da parede que poderia representar tanto um anjo como uma árvore da vida, sendo impossível dizer qual dos dois.

Fay entrou acompanhada da mãe e do pai, com Jane Andrews caminhando atrás com Edward. Esses foram todos os presentes na congregação. Nenhum dos pais de Devenish ainda vivia, e ainda que ele tivesse uma irmã, ela não compareceu. Não havia flores e se Fay fez algum tipo de pedido para que, em vez de flores, fossem feitas doações para a caridade, não houve nenhuma menção de sugestão no gênero. Num certo momento, o representante da Seaward fez menção de se levantar para fazer algum tipo de elogio fúnebre, mas Fay tocou o seu braço e lhe sussurrou alguma coisa que o fez se sentar de novo. Nenhum hino foi entoado. O órgão tocava apenas baixinho THE WATER MUSIC de Haendel, foram murmuradas algumas palavras do breviário ecumênico, e o caixão se encaminhou lentamente para longe, até desaparecer atrás de cortinas de veludo bege, levando o corpo de Devenish para a fornalha. Sem esperar por qualquer ato de despedida, ou algum tipo de cerimônia final, Fay se levantou e partiu, com a pequena congregação se dispersando aos poucos atrás dela. O clérigo que oficiava a cerimônia pareceu constrangido. A música cessou. Do lado de fora, o homem da Seaward entrou numa Mercedes negra que estava à sua espera e foi embora. Wexford se viu caminhando ao longo do caminho de cascalho na companhia de Trevor Ferry.

— Esta foi uma cerimônia curiosa, disse Ferry puxando conversa. — Um bom exemplo de como se livrar de um estorvo.

— Foi dessa forma que o senhor entendeu a cerimônia? Disse Wexford divertido.

— O senhor acha que não foi? Imagino que queira saber o que me trouxe aqui.

— Se quiser me contar.

— Eu não me importo, e não estou orgulhoso disso. O fato é que sou um homem pobre... Bem, disso o senhor sabe. Estou desempregado e ao que parece continuarei assim, não tenho nada o que fazer, estou chateado. Não

posso me dar ao luxo de ir ao cinema e certamente não posso pagar anuidade de clubes. Meus olhos ficaram quadrados... É assim que se dizia quando eu era pequeno... De tanto assistir à televisão. Por isso eu gosto de sair de vez em quando para fazer qualquer coisa que seja de graça.

— Como os enterros?

— Por que não? Não dá pra gente penetrar em casamentos. Não se forem bacanas. Além disso, acredite ou não, depois de tudo o que aconteceu, senti pena do pobre coitado. Ele não era tão mal assim. Foi um bom passeio, não foi? Eu às vezes vou até a estação de trem para assistir ao expresso INTERCITY passar.

Wexford não disse nada. Voltou a chover, uma gota caiu no nariz dele e ele podia ver os pingos que caíam do tamanho de uma moeda na calçada.

— De qualquer forma, eu precisava falar com o senhor. Tudo isso faz as coisas ficarem diferentes. Eu, por exemplo, entrei para a Campanha da Vizinhança para Ruas Limpas da prefeitura de Kingsmarkham.

Eles já estavam quase chegando ao estacionamento, onde Donaldson esperava por Wexford. Esse último se virou e deu uma olhadela no crematório em forma de pão-de-açúcar, com suas portas de aço e uma cruz de vidro na cumeeira.

— Campanha do quê?

— O senhor não ouviu falar nela? Grupos de gente como eu que se organizou para ir a áreas específicas coletar o lixo. Ah, a gente não recebe dinheiro, é trabalho voluntário. Mas a gente encontra pessoas com quem conversar, conheci um pessoal muito bom, e eles oferecem um lanche de café com biscoitos. Terça-feira é o meu dia. O único senão é que você precisa começar terrivelmente cedo, às oito da manhã, no gramado em frente da prefeitura.

Wexford ficou tão surpreso e, ao mesmo tempo, tão chocado que alguém chegasse a tal nível de enfado, sem nada o que fazer, que fosse capaz de buscar esse tipo de passatempo, que levou algum tempo antes que percebesse a importância do que Ferry estava dizendo. E quando o fez, com Ferry falando que precisava ir embora, que tinha de pegar o ônibus antes que

começasse a chover pesado, Wexford só conseguiu dizer até logo.

* * *

Naquela noite, Patrick Flay e Monty Smith foram pegos assaltando uma casa na Orchard Drive. Kaylee não estava com eles. Os vizinhos reconheceram Flay, ou reconheceram o assaltante que haviam visto cortando uma vidraça na janela da casa ao lado como sendo o mesmo homem que viram fazendo baderna do lado de fora do bar York Arms. Quem quer que ele fosse, de uma coisa estavam certos: não tinha nada que tentar entrar na casa do vizinho e chamaram a polícia.

Eram quinze para a meia-noite. A polícia veio prontamente, entrou na casa pelo mesmo artifício que Flay e Smith usaram para entrar, e encontrou os dois homens no quarto do dono da casa colocando joias e objetos dentro de uma sacola de lona. Monty Smith disse que era um sujeito respeitador da lei e que fora levado para o mau caminho por Patrick Flay. A mulher de Flay vinha lhe dando abrigo desde que a namorada o pôs na rua. De qualquer forma, ele nunca teria feito algo assim caso não tivesse sido expulso da sua própria casa e não estivesse sem recursos, morando na rua. Flay não disse absolutamente nada e pulou pela janela. O resultado foi que quebrou uma perna e, enquanto Smith era encaminhado para a delegacia, ele foi levado de ambulância. Na manhã seguinte, na Princess Diana Memorial Clinic, onde estava sendo submetido a uma tração da perna, ele contou a Burden que, afora a bomba incendiária que deu a Colin Crowne, ele havia vendido dois dos seus artefatos para John Keenan e dois para Peter McGregor.

— Quem é Peter MacGregor?

— O cara que vive com a Sue Ridley, vizinho de porta dos Crowne. Burden não fez qualquer comentário. — Não faz mal eu contar tudo agora, disse Flay, — Tá na cara que eu vou ficar só Deus sabe quanto tempo em cana. Eu não disse nada antes porque tava com medo de eles me pegarem. Tudo isso parecia altamente suspeito para Burden.

— E aquela história com Kaylee e a portinhola do gato?

— Antes de receber minha sentença, disse Flay com certa altivez, — Eu vou fazer questão de que sejam levados em consideração uma série de crimes.

— Eu aposto que sim.

— Não posso falar mais agora, estou sofrendo com dores. Minha perna parece que está pegando fogo. Sabe de uma coisa? Faz uma hora que o senhor está aqui e não me perguntou nenhuma vez como estou passando.

* * *

Burden se encontrou com Wexford para almoçar no Europlate. Wexford disse que só tinha quarenta e cinco minutos de folga e pediu que Henri apressasse os pedidos. O escocês grandalhão de Glasgow tinha um ar de quem ia dar umas dicas dizendo que os pratos do dia eram suflé pomadoro secco e osso buco à l'orange. Wexford disse que nem pensar. Ele ia comer um peixe com batatas cozidas e o seu amigo, cordeiro assado.

— Ótima pedida, disse Burden e se controlou para não dizer que não lhe pediram para sugerir algum prato. — A irmã de Jenny, o senhor sabia, tem um amiga italiana que morou a vida inteira na Toscana sem nunca ouvir falar em tomates secos até ir, em Londres, a um restaurante no Soho? Wexford riu.

— Eu encontrei Trevor Ferry no enterro. Ele contou a Burden a conversa que tiveram. — Quando voltei, dei uma ligada para a Prefeitura... Bem, na verdade o prédio já não tem mais nada a ver com a Prefeitura... Estou falando do prédio que costumava ser o do Midland Bank e que, agora, abriga a Campanha da Vizinhança para Ruas Limpas de Kingsmarkham. Sabe o que eles me disseram?

— Que Ferry chegou coberto de sangue ao ponto de encontro, disse Burden, com sarcasmo.

— Nada disso. Eles me disseram que a área coberta nas manhãs de terça-feira abrangia Winchester Drive, Harrow Avenue, Eton Gardens e ruas adjacentes.

— E daí? Dessas, Winchester Drive é a rua mais próxima da Ploughman's Lane e mesmo assim fica um bom quilômetro longe dali.

— Exato. Eu perguntei a respeito de um monte de detalhes sobre a campanha. Os voluntários podem, aparentemente, trabalhar em grupos ou individualmente, quer dizer, um homem, ou uma mulher, poderia fazer sozinho uma rua. Mas na última terça-feira muito pouca gente apareceu... Lamentavelmente, é o tipo de problema inerente a essa espécie de iniciativa. Burden refletiu.

— Você está dizendo que Ferry pode ter sido largado por conta própria e, enquanto estava sozinho, deu um pulo na Woodland Lodge?

— De qualquer forma, eu pretendo pôr isso em pratos limpos. A nossa Eurogororoba está chegando. Uma garrafa de água mineral gasosa veio junto. Burden encheu os dois copos. — Karen foi até Brighton trocar mais uma palavrinha com a Sra. Probyn. Ou melhor, dez mil palavrinhas. Barry e Lynn estão no Muriel Campden, ainda esperançosos de encontrar alguém que corrobore a afirmação de Meeks de que ele saiu, como de hábito, na terça-feira para passear com o cachorro. Ou melhor, eles não desistiram de encontrar alguém que o tenha visto sair com ou sem o cachorro às sete e meia da manhã. Wexford provou o peixe, fez um ruído de aprovação. — Nada mal. O que importa, Mike, é que Ferry mentiu. Ele mentiu ao dizer que estava na cama às oito horas da manhã naquela terça-feira e depois, distraído, esqueceu a mentira que contou da última vez e disse a verdade.

— Você acredita que ele estava sem dúvida na rua com esse pessoal das Ruas Limpas?

— O organizador se lembrou dele. Apareceu tão pouca gente, entende, que ele se lembrava de todos que foram. Por falar nisso, uma das outras pessoas que apareceram foi Shirley Mitchell.

— O quê? A Shirley Mitchel que mora na casa quase vizinha à do Smith?

— Exatamente.

— Você já falou com ela?

— Ainda não, disse Wexford. — Mas se ela me disser que Ferry desapareceu assim que eles chegaram à Winchester Drive, eu vou revirar completamente aquela casa onde ele mora.

Ao chegar à delegacia em cima da hora marcada na intimação, foi exatamente isso que Shirley Mitchel disse a ele. Ela começou com um preâmbulo a respeito de ser uma boa cidadã e da importância do que chamava de "valores comunitários". Esse tipo de lixo era a praga do nosso tempo e o que havia de mais nocivo para o meio ambiente. Wexford escutou pacientemente. Em seguida, ela disse que a maioria das pessoas que se ofereciam como voluntárias "estava se lixando pro trabalho". Trevor Ferry era um desses. Ela estava certa de que ele só foi voluntário para conseguir uma carona até o alto da colina para gozar lá de cima uma vista da paisagem do vale do Kingsbrook à qual, de outra forma, não teria acesso.

Ele estava sempre saindo de fininho. Eles não trabalhavam necessariamente sozinhos, a ideia era que o trabalho fosse feito em grupos, mas quando ela trabalhava num grupo com Ferry, ele quase sempre sumia. Ela achava que ele desaparecia para fumar calmamente um cigarro, coisa que não podia fazer durante o trabalho, uma vez que havia uma proibição de fumar nos locais públicos de Kingsmarkham para qualquer um que estivesse a serviço do município, mesmo sendo trabalho voluntário.

— Os fumantes estão entre os que cometem os piores delitos ligados ao lixo residual, disse ela. — Um bocado de gente não sabe disso. Eles ficam debochando do mal que uma guimba de cigarro pode fazer ao meio ambiente. Bem, os filtros vão se juntando. E eles não são biodegradáveis, são indestrutíveis. Wexford percebeu que estava lidando com uma fanática.

— Mas será que o Sr. Ferry fuma?

— Não me pergunte, disse secamente Shirley Mitchel. — Eu não quero saber sobre os hábitos imundos dele. O senhor me perguntou se ele estava lá ao mesmo tempo em que eu, e eu estou dizendo que não estava. Nós chegamos lá em cima no micro-ônibus, só nós quatro. Ele ficou com a Winchester Drive, eu com a Harrow Avenue e os outros dois ficaram com o resto. Bem, eu já estava com o meu equipamento pronto e a minha sacola...

— Que equipamento é esse?

— Nós temos uma espécie de pau com uma ponta de ferro, e você pode ter também uma coisa menor parecida com... Bem, não com um punhal, não poderia chamá-lo disso, é mais parecido com um bastão curto, com uma das extremidades pontiaguda. Dá pro senhor imaginar, não dá, com uma ponta afiada de forma que se possa furar qualquer coisa para pegá-la.

Ficando por um momento em silêncio, Wexford pensou em Devenish e nos ferimentos dele. Somente uma faca poderia tê-los feito, e não uma haste com ferrão pontiagudo. Mas a história toda era esquisita, muito mais esquisita do que ele havia esperado. Em vez de continuar a conversa, ele pediu a ela que o desculpasse por um momento e saiu. Do lado de fora da sala, pegou o telefone mais próximo e conseguiu falar com Barry Vine.

— Barry, veja se a Prefeitura recebeu de volta todas as ferramentas da faina de limpeza na manhã da última terça-feira. E caso contrário, qual é a

que estava faltando.

Shirley Mitchel estava sentada na sala dele olhando fixamente para um objeto que, há muito tempo, há muitos anos, fora usado como cinzeiro. Quando Wexford voltou e se sentou no seu lugar em frente dela, ela empurrou um pouco mais para longe de si o cinzeiro, como se ele ainda constituísse uma ameaça.

— Então, que horas eram quando a senhora pensa ter visto o Sr. Ferry pela última vez naquela manhã? O grupo se reuniu provavelmente às sete e meia, o micro-ônibus deve ter saído às vinte e cinco para as oito, chegando ao local escolhido às... Que horas? Faltando quinze minutos para as oito?

— Um pouco antes disso, disse ela. — O ponto de partida escolhido foi a Harrow Avenue. Aquele era o meu segmento. Os outros apenas foram para os deles com suas ferramentas. Ah, e o Ferry levou uma bolsa com ele. Wexford sentiu seus músculos se contraírem.

— Que tipo de bolsa? Uma pasta?

— Eu não chamaria disso. Ele sempre anda com aquela bolsa, parecida com uma sacola de lona, com uma espécie de fecho de couro... Correção, o fecho mais parecia ser de plástico. É ali que ele carrega os cigarros, isso não me surpreenderia, e talvez uma garrafa. Eu já vi ele bebendo enquanto trabalha. E já vi comendo sanduíches. Até esses últimos ela fazia soar como se fosse um crime. Ele franziu um pouco a testa.

— A senhora, então, ficou sem vê-lo por um tempo depois das quinze para as oito. Quando foi que o viu de novo?

— Quando cheguei ao final da Harrow Avenue, ao ponto em que ela faz esquina com a Winchester Drive. Eu cheguei ao término da rua e estava começando a limpar o outro lado. Ele acenou para mim. O senhor quer saber que horas eram? Nove em ponto, ou um pouquinho depois.

Depois que ela foi embora, Barry Vine contou a Wexford que, na última terça-feira, uma das ferramentas usadas na campanha de limpeza, uma daquelas curtas com ponta, havia desaparecido. Só se percebeu o sumiço depois que os voluntários foram deixados no gramado diante do prédio da Prefeitura. Wexford se sentou e releu o relatório patológico a respeito de Stephen Devenish. Ele já o havia relido pelo menos três vezes antes. Mais uma vez, ele dizia que os ferimentos de Devenish foram causados por uma

faca de lâmina chata com cerca de vinte ou vinte e cinco centímetros de comprimento. Calculou que a ferramenta usada na campanha fosse cilíndrica, com uma ponta pontiaguda como a de um lápis. Precisava ver uma delas. Mas, primeiro, ele começou a preparar o pedido de um mandado de busca para a casa de Ferry.

— Ele teria tido tempo de chegar lá na hora, disse Burden. — Pode ter feito o percurso a pé, caminhado até a Ploughman's Lane, ido pela entrada da propriedade até a porta da Woodland Lodge, tocado a campainha, entrado e feito o serviço por volta das oito horas.

— O tempo, mesmo assim, é apertado, não é? A ideia fora de Wexford, mas ele continuava a duvidar dela. — Deve ter sido precisamente às oito horas quando ele chegou, uma vez que Edward e Robert chegaram à casa da Sra. Daley por volta das oito e cinco. Eu não o consideraria um homem em boa forma, e o caminho é todo ladeira acima.

— Mas é uma subida suave, disse Burden. — Mesmo um homem completamente fora de forma consegue caminhar oitocentos metros em quinze minutos. Uma vez lá, ele tinha todo o tempo do mundo. Stephen Devenish pode ter sido assassinado entre quinze para as oito e oito e meia. Ele pode ter ficado lá discutindo com ele durante dez minutos antes de fazer o serviço.

— Por que Devenish não o teria jogado porta afora como fez com Meeks?

— Isso é irrelevante, disse Burden com leveza. — Além do mais, a conversa pode ter sido amigável de início. Eles então discutiram. A questão é, sem dúvida, se Ferry poderia facilmente ter feito o serviço em tempo. Ele tinha os meios, a oportunidade e o motivo.

— Vingança?

— Ora, Reg, a gente sabia o tempo todo que quem quer que fez isso o fez por vingança. Esse é o único motivo plausível.

— Eu estou de saída para ver as hastes com ponta, disse Wexford.

O velho prédio do Midland Bank ficava em frente à agência do Ministério do Trabalho e da Nationwide Building Society. Uma reforma grosseira havia removido o pórtico com colunas e a cópia do friso do Partenon, colocando na entrada principal portas giratórias de um metal branco trançado, que lembrava uma grade de congelador. Essa era a sede do

Departamento de Meio Ambiente e Parques e Jardins de Kingsmarkham e o logotipo mulher-com-enxada e homem-com-flores estava na porta. Logo depois de entrar no saguão, Wexford encontrou Rochelle Keenan saindo do elevador. Isso o deixou quase completamente indiferente, a não ser pela lembrança de que havia algum parentesco entre ela e Shirley Mitchel, a sua informante da manhã; elas eram irmãs, cunhadas, ou algo assim. Subiu até a sala que abrigava a Campanha Ruas Limpas e lhe mostraram os utensílios pontudos que podiam ter sido usados no assassinato de um homem. O menor deles lembrou Wexford de algo que ele nunca tinha usado de verdade, mas havia frequentemente ouvido falar e lido a respeito: um fura-gelo, outrora o queridinho dos escritores norte-americanos de suspenses policiais. Mas a coisa talvez não se parecesse nada com isso.

— O utensílio que sumiu não foi devolvido a vocês? Não foi. A mulher que lhe mostrou os utensílios viu a coisa filosoficamente. Tanta coisa de propriedade do município desaparecia, coisas que eram oferecidas com fins diversos para o público e desapareciam, ou eram vandalizadas, que ela estava surpresa que só um houvesse sumido. Será que ele ouviu falar da destruição fatal de Jodi, o bebê virtual?

— Fatal? Disse Wexford.

— Mas ele não era de verdade.

— Talvez não. Ela pareceu amuada. — Mas era extremamente valioso.

Enquanto isso, a busca na casa Ferry na Oval Road havia começado. Wexford disse a Burden:

— Não há qualquer hipótese de os ferimentos no peito de Stephen Devenish se encaixarem em uma dessas hastes. Eles foram descritos com precisão no relatório do médico-legista. Foi uma faca, e não uma haste.

— E se a gente a encontrar mal lavada e envolta numa toalha no quarto de Ferry?

— Eu duvido muito que encontremos. Mesmo se encontrarmos, o fato é que foi uma faca, com medidas bastante precisas, a arma usada, e não qualquer tipo de haste.

— Com o corpo de Devenish cremado... — "Dois punhados de cinzas brancas guardados numa urna de bronze", só que ela não teria desperdiçado uma boa urna de bronze com ele. Mesmo assim, isso não faz a menor

diferença. O relatório médico é maravilhosamente preciso. Burden olhou indeciso para ele.

— Então o que você pensa encontrar?

— Possivelmente, nada. Possivelmente, algo que não tenha relação com a morte de Devenish. Você está lembrado de algo que havia salientado para mim e que eu deixara passar despercebido? A questão de Gillian Ferry ser professora na escola frequentada pelos dois garotos Devenish?

— É claro que lembro. Ela ensina inglês na Francis Roscommon.

— Sente-se um minuto, Mike. Wexford foi se sentar no seu lugar na mesa e apontou o lugar em frente para Burden. Ele afastou o cinzeiro que Shirley Mitchel havia empurrado para o lado dele. — Gillian Ferry também é a... Bem, a gente costumava chamá-las de chefes de turma, agora deve haver um outro termo... De Robert Devenish. Eu não sou perito nessas coisas, mas sinto que Robert é um menino seriamente perturbado, uma criança que foi, provavelmente, mais afetado que o irmão e a irmã pela maneira como o pai tratava a mãe. Com quem, então, ele poderia fazer confidências? Quem estaria disponível para escutar os horrores que aconteciam naquela casa?

— Acho que estou percebendo aonde você quer chegar.

— Sim, ele tinha essa professora, a orientadora da turma dele. Vamos supor que ele lhe tenha feito confidências. Ela já tinha razões suficientes para odiar Devenish, ele foi o responsável pelo marido dela ter perdido o emprego e, sem querer, por obrigá-la a voltar a trabalhar. Praticamente qualquer mulher, aliás, qualquer homem também, ficaria comovida com uma criança lhe dizendo que sua mãe era espancada constantemente pelo pai. Muitas ficariam ultrajadas e furiosas...

— Você está dizendo que a Gillian Ferry matou Devenish?

— Não, Mike. O que estou dizendo é que ela escreveu as cartas.

* * *

Vinte e Cinco

ERA UMA casa pequena demais e com muito poucos móveis para que os investigadores tivessem muito trabalho com a busca. Menos de meia hora depois de terem começado a vasculhar, encontraram a haste com ponta de ferro que pertencia à municipalidade. Trevor Ferry não fizera nenhum esforço para escondê-la, deixando-a numa gaveta da cozinha junto com um martelo e um par de chaves de fenda. Em teoria, ele a havia roubado, mas na prática ele a havia simplesmente trazido para casa por distração. De qualquer forma, mesmo um exame detalhado da ferramenta deixaria claro que ela, mesmo podendo se tornar uma arma mortal, não foi usada com esse fim. A bolsa que Ferry trazia consigo na véspera, assim como na última terça-feira, nunca poderia ter sido descrita como uma pasta de documentos, mesmo por um garoto de doze anos. Era uma sacola mole, desestruturada, barata e quase desmantelada, feita de lona verde-garrafa, e seu fecho era plástico cor de couro. Wexford não iria perder tempo mostrando-a a Edward Devenish. Será que Edward teria por sua vez mencionado qualquer pasta se o irmão caçula não o tivesse feito? A indignação de Ferry diante da busca realizada na casa dele não teve limites; ele acusou Wexford de "deslealdade" e até de "traição", apenas, ao que parece, por eles terem saído juntos do crematório e terem tido uma conversa razoavelmente amigável.

— Eu chamo isso de uma grande sujeira e um logro hipócrita, disse ele. — Extrair informações de mim fingindo que era meu amigo. Wexford ignorou a última parte. Era ridícula demais para ser levada a sério e isso o fez lembrar de Brian St George.

— Foi o senhor quem falou por conta própria, Sr. Ferry, disse suavemente. — Eu não perguntei nada ao senhor.

— Eu devia saber que não se deve abrir a boca na frente de gente da sua laia.

— Por que o senhor me disse que estava ainda na cama às oito horas da manhã naquela terça-feira quando na verdade estava participando da Campanha das Ruas Limpas?

— Porque naquela ocasião eu tive o bom senso de ficar de boca fechada. Eu sabia o que vocês iriam imaginar se eu dissesse ter estado na Winchester Drive às quinze pras oito. Vocês já sabiam que eu e Steve Devenish não morríamos de amor um pelo outro. E posso declarar isso com todas as letras.

— O senhor me disse, e vou citá-lo: "ele não era tão mal assim". O sangue subiu ao rosto de Ferry, lhe inchando as veias. Pareceu até inundar os olhos. — Eu odeio ele, disse.

— Será que a sua esposa também o odiava, Sr. Ferry? Muitos homens teriam visto nessa pergunta uma sugestão de que pudesse ter havido relações sexuais, ou desejo sexual entre Devenish e Gillian Ferry.

Mas nesse caso Trevor Ferry não viu nada disso, segundo Wexford percebeu, pelo fato de ele ter titubeado e fechado levemente os olhos, que o marido tinha quase certeza de que foi a esposa quem escreveu as cartas ameaçadoras. Ela não estava em casa quando a busca foi realizada e não sabia nada a respeito. A raiva que controlara explodiu quando viu a polícia na sua casa e, se virando para Ferry, chamou-o de idiota, um idiota cabeça-de-vento sem culhões.

— Você é fraco como um bebê! Você é uma criança, você não cresceu!

Wexford não encontrou qualquer vestígio das cartas, mas nem imaginara encontrar. Dificilmente ela teria feito cópias, conservando-as como referência num fichário. Um programa Word para Windows foi usado na geração delas, mas os investigadores não encontraram nenhum computador. Ele ficaria surpreso caso encontrassem um nessa moradia, onde o dinheiro era tão curto. Ela deve ter usado um dos computadores da Escola Francis Roscommon. Mostrou a carta a ela, cuja última linha ameaçava transformar a esposa de Devenish em viúva e seus filhos em órfãos, e perguntou se ela era a autora. Ela segurou a carta e a ficou lendo durante um bom tempo. Wexford podia ver, por seu rosto, o quanto ela admirava a própria obra. Quando terminou, ela estava sorrindo e admitiu desafiadoramente sua autoria.

— Sim, fui eu que a escrevi. Escrevi muitas cartas para aquele homem.

Mais de cem. Ao todo, cento e dezesseis, se é isso que quer saber.

Ela havia levantado os olhos deixando-os de tal forma esbugalhados que pareciam duas esferas. Se estivessem no escuro, Wexford tinha certeza de que sairiam fagulhas daqueles cabelos de um louro quase branco. Seu rosto estava contorcido enquanto falava.

— Eu as escrevi todas. Tive prazer em escrevê-las. Sempre mantendo um tom educado, até mesmo formal. Todas começavam com "Prezado Sr. Devenish". Eu caprichei na prosa, ainda que não tenha muita segurança dele ter percebido isso. Seu tom deixava claro que ela estava certa de ter sido espirituosa e divertida. — Era para o meu próprio regozijo, minha vingança particular. Isso me fazia sentir melhor em relação a um bocado de coisas. O marido olhava fixamente para ela, e pôs em seguida o rosto entre as mãos. Gillian Ferry o olhou com desprezo. — Eu não fiz isso por amor a você, disse ela, — Portanto, nem pense nisso. Eu deveria ter largado você quando perdeu aquele emprego por embriaguez, quando ficava de pileque todos os dias... Só Deus sabe por que não lhe abandonei. Para Wexford, ela disse com mais calma: — Não foi por causa dele. Aliás, foi só um pouquinho. A razão principal era Devenish ser o filho-da-mãe que era, esmurrando a esposa no rosto e retalhando-a, além de fazer isso tudo na frente dos filhos, gostando que eles assistissem. Robert me contou, eu sou professora de Robert na escola, ou tento sê-lo, mas não se pode ensinar muita coisa a uma criança que vive numa casa de pesadelos. Crianças assim não são exatamente receptivas.

— Ele lhe contou que o pai espancava a mãe dele?

— "Espancar" seria a palavra apropriada para isso, imagino. Contudo, não é a que eu escolheria. Ele me contou como a tortura começou. A pobre coitada da mulher colocou, sem querer, uma faca com cabo de chifre na máquina de lavar pratos e, quando terminou a lavagem, o sabão ou a água quente havia descolorido o cabo. Devenish a cortou por causa disso, ele a retalhou com aquela mesma faca. Seus olhos relampejaram. — Eu gostaria de conhecer o sujeito que deu cabo dele, eu apertaria a mão dele. Wexford disse para ela tomar cuidado. Mas ela fez pouco caso do que ele disse. — Eu vou para a prisão?

— Provavelmente, não.

— Pena! Eu bem que gostaria de ir para a prisão. Seria uma mudança disto aqui, dele, e daquela maldita escola.

Quando retornou a Kingsmarkham, Lynn Fancourt estava à sua espera com a informação de que Carl Meeks podia ser eliminado da investigação. Foram encontradas duas pessoas que se lembravam de tê-lo visto, no dia do assassinato de Devenish, às oito da manhã no parque de Kingsbrook com Buster. O relatório dela já estava na mesa dele; ela, porém, quis dizer pessoalmente que as testemunhas não eram nem vizinhos, nem faziam parte da comunidade duvidosa de Kingsmarkham. Eram ambos proprietários de cães que estavam levando seus cachorros para passear; a mulher era uma dona de butique na Rua York, que foi roubada por Patrick Flay, e o homem, um professor de faculdade que ensinava informática na Universidade de Myringham.

Mas, na verdade, foi Buster o responsável por livrar a cara de Carl Meeks. Como disse Burden, se a gente o vê uma vez, nunca mais esquece, Buster era um cachorro para ser lembrado. A dona da primeira guia, presa na coleira de um cocker spaniel, o viu pela primeira vez naquela terça-feira; ela se lembrava disso porque era seu aniversário e ela queria poder pedir ao namorado um dogue alemão de presente, mas só que já tinha o cocker spaniel. Buster se meteu numa briga com o Jack Russel do professor. Apesar de serem bastante carinhosos com seres humanos, os dogue alemães têm, aparentemente, o hábito de se meter com cães menores, agarrando-os com os dentes e sacudindo-os no ar até a morte. Ou pelo menos foi o que disse o professor. Ele teve de levar o seu terrier ao veterinário, o que acabou sendo um aborrecimento muito grande para ele, uma vez que era justamente naquela terça-feira que ia começar um curso de verão em Sewingbury. Carl Meeks livrou a cara, como diria Burden.

— Mas Ferry não, não é mesmo?

— Não mesmo, disse Wexford.

— O que você quer dizer?

— O fato de ele não ter usado a haste de catador de lixo não quer dizer absolutamente que não tenha sido ele. E o fato de ter sido a mulher dele quem escreveu as cartas também não o isenta. Ele continua sem álibi. Estava a distância de uma caminhada da casa de Devenish na hora apropriada. Admite que odiava o homem. E tem mais uma coisa... Ele me dá a impressão de não se importar com a própria vida. O que teria sobrado para ele? Só vai

se aposentar daqui a vinte anos. Não tem filhos. A mulher o despreza. Sua casa é uma porcaria. Talvez ele tenha cometido o assassinato porque, como a esposa, estivesse se lixando com o que pudesse acontecer com ele, qualquer coisa valeria algo de novo, até a prisão.

— Estamos exagerando um pouquinho, não acha? As pessoas não agem realmente assim.

— "Seres humanos não fazem essas coisas", é isso que diria Ibsen? Talvez. De qualquer forma, a gente tem agora um suspeito muito mais verossímil.

— Temos? Wexford fez que sim. Disse, em seguida, que era o bastante por aquele dia e que tal uma bebida no Olive and Dove?

— Eu quero lhe contar uma história.

Eles foram a pé até o bar, uma caminhada até a Rua High. Era uma tarde suave com um sol nublado, úmida e parada. Uma feira de caridade estava promovendo um queijos e vinhos na igreja de São Pedro, mas pela pequena quantidade de visitantes, a frequência estava abaixo do esperado. Entretanto, como que para contradizê-lo, com o fechamento da feira às seis, uma quantidade de gente começou a surgir, carregando sacolas, alegres com a sensação de triunfo e de satisfação interior trazida pelas compras na quermesse divina. Wexford avistou Maria Michaels e Miroslav Zlatic em meio à multidão. Lembrou-se de sua capa desaparecida e a perspectiva extenuante de comprar uma nova e, em seguida, de uma ida anterior ao Olive and Dove, quando foi surpreendido por um repórter que o fotografou segurando uma caneca de cerveja, com a foto saindo publicada com uma legenda vulgar. Ele nunca se esqueceu disso e ficou apavorado com a perspectiva de que acontecesse de novo. Mas isso fora no lado de fora, no pátio do estabelecimento, e naquela noitinha eles estariam sob a proteção calma e reclusa do reservado do patrão.

— Você está muito silencioso, disse Burden.

— Estou pensando. De qualquer forma, não acho que alguém possa ficar "muito" silencioso. Ou se está em silêncio, ou não. É como dizer que alguém morreu de morte morrida. — Não foi o caso do Devenish, disse Burden. — Eu não acho que tenha conhecido alguma vez um defunto que alegrou tanta gente com a própria morte. Não houve qualquer voz dissonante.

— Eu duvido que os filhos dele tenham ficado contentes, Mike. As crianças têm uma rara capacidade de amar pais que não merecem o amor delas. Pode-se dizer que as crianças amam seus pais a qualquer preço. É triste. Tanto o pátio como o bar do Olive and Dove estavam lotados naquela tardinha, na maioria, por gente com menos de trinta anos, muitos até com menos de dezoito.

— Nos Estados Unidos você precisa mostrar uma identidade para provar a idade, disse Burden.

— Isso funciona quando se tem uma. E se você não tiver um passaporte, ou uma carteira de motorista, o que acontece? Não venha me dizer como eles fazem na América, eu sei disso. O fato é que eles não fazem isso aqui.

Não havia ninguém no reservado. Era pequeno demais e, com sua única janela dando para um quintal cheio de engradados de latas de cerveja, muito mal iluminado para atrair a juventude de Kingsmarkham. As três mesinhas tinham tampo de mármore e as cadeiras tinham os assentos estofados com um couro vermelho-escuro bastante gasto. Uma outra característica que desencorajava a maioria era um aviso na parede que dizia: NEM PENSE EM FUMAR AQUI. Você tinha a opção de ir fazer fila no bar para ser servido, ou de tocar um sino de bronze para ser servido. Sem isso, ninguém ia até lá. Os dois pediram cerveja Adnams. Ela foi servida em copos, o que deixou Wexford de bom humor, mesmo que no passado tenha preferido canecas de estanho. Ele não havia bebido mais numa caneca, elas eram de vidro hoje em dia, desde aquele dia inesquecível. Dizendo um raríssimo "Saúde" para Burden, deu um grande gole na sua cerveja.

— Saúde! Disse Burden. — Eu andei pensando naquele garoto, Edward Devenish. Ele poderia ter matado o pai dele. Isso depois de ter visto a mãe entrando na cozinha com a mão sangrando no lugar retalhado por Devenish. Ele pode muito bem ter ido até o escritório, pegado a faca e esfaqueado o pai de surpresa. Ele é um garoto grande e forte, ainda que menor que Devenish, e nós estamos procurando justamente alguém que seja menor que Devenish.

— E o sangue, Mike? Teria ele protegido suas roupas antes de entrar lá? Ou lavado a roupa antes de ir para a escola? E o que dizer de Robert? Ele também estaria metido nessa? Você está se esquecendo do que acabei de dizer a respeito do amor dos filhos pelos pais.

— Talvez, mas os filhos podem matar seus pais, o parricídio não é algo

desconhecido. Não é? E por falar nisso, por que a gente chama o ato e quem comete parricídio e não patricida?

— Eu não sei, disse Wexford impaciente e, não sendo do seu feitio, acrescentou: — O que isso importa? Ele não esperou resposta. — Na França, no tempo em que havia a pena capital, os parricidas eram enviados para a guilhotina descalços e com os rostos cobertos. Eu li isso em algum lugar. Mas Edward e Robert Devenish não são parricidas. Ele hesitou. — Eu sei quem cometeu esse assassinato. E não foi nenhum dos nossos suspeitos. Acho que eu, ele acrescentaria pensativo, sempre soube quem foi o assassino. Burden ficou simplesmente olhando para ele, sem dizer nada. — Eu disse que ia lhe contar uma história.

Alguém apareceu no quintal carregando um engradado de garrafas vazias, largando fragorosamente tudo no chão. Wexford estremeceu. "Silêncio", ou ainda menos, "muito silencioso", não eram mais descrições que tivessem qualquer importância. O campo se tornara tão barulhento quanto a cidade. Ele deu mais um gole. A cerveja continuava sendo bastante boa.

— Fay Devenish e seu filho Edward e, de certa forma, seu filho Robert nos disseram que um homem, um desconhecido para Edward, apareceu na porta da frente de Woodland Lodge naquela manhã de terça-feira às oito horas. Um pouco antes, ou depois, das oito, imagino. Pode ser que faltassem dois ou três minutos para as oito horas, ou que houvessem passado dois ou três minutos das oito. Nós também sabemos que Stephen Devenish foi esfaqueado até a morte, recebendo três facadas no peito, entre quinze para as oito e oito e meia. É assim que se apresenta o cenário: às sete e trinta e cinco, ou sete e quarenta, é necessário mais uma vez deixar uma margem, Stephen Devenish, seriamente aborrecido com o fracasso da esposa em providenciar suco de laranja fresco, se retira do recinto e vai para seu escritório. Talvez, tenha fechado a porta atrás de si, talvez não. Fay, os dois meninos e Sanchia permaneceram na cozinha. Não se passaram nem cinco minutos e Devenish chamou a mulher até o escritório, presumivelmente a partir da porta do escritório. Ele gritou: "Venha até aqui, Fay", ou, até mesmo, sabendo como ele era: "Venha cá, minha querida." Ela sabia o que ia acontecer, como provavelmente os meninos, mas foi mesmo assim. Ela não tinha muita escolha, tinha? Se ela não fosse, ele iria busca-la, arrastando-a para fora da cozinha, num ato de violência que seria testemunhado por Sanchia. Ela

entrou no escritório. Devenish avisou que precisava ser castigada, que ela era péssima dona-de-casa e mãe, que era louca, precisava aprender e outras coisas no gênero, sem dúvida. Ele manda que ela estique a mão e a retalha através da palma. Ela provavelmente grita. Pode ter até berrado alto o bastante para que as crianças ouvissem na cozinha. Devenish limpa a faca em alguma coisa, quiçá o próprio lenço, o qual ela mesma terá de lavar, e a manda embora. Sua mão sangra em profusão, de forma que ela atravessa o saguão na direção da toalete onde deixou a água fria correr sobre a mão na pia, envolvendo-a em seguida com a toalha que estava dependurada lá."

— Certo, disse Burden um pouco impaciente. — Nós já sabemos de tudo isso. E o que mais?

— Espera. A porta do escritório é deixada entreaberta. Fay voltou à cozinha, com a mão envolta na toalha. Nenhum dos dois garotos perguntou o que aconteceu. Eles sabem. Fay mandou que os dois se aprontassem para a escola, era o último dia de aula e eles sabiam que precisavam estar na casa da Sra. Daley antes das oito e cinco. Nos próximos cinco minutos, ou quase, eles foram até o saguão de entrada, usaram o banheiro para lavar as mãos e se prepararam para sair. Tocou a campainha. Edward abriu a porta e lá, no degrau de entrada, estava um homem que ele nunca vira. Esse homem tinha quase a mesma idade que o pai dele, isto é, trinta e cinco pra cima, está trajando jeans e um paletó, e carregava uma pasta. Disse que veio para se encontrar com Stephen Devenish. Edward gritou algo como: "Papai, tem alguém para ver o senhor", e disse para o homem: "Ele está aí", apontando para a porta entreaberta do escritório. Fay também escutou da cozinha a voz do homem, mas não a de Edward. Possivelmente porque a voz de um menino de doze anos é naturalmente mais fina e mais aguda que a de um homem maduro. Entretanto, enquanto Edward não conseguiu se lembrar precisamente das palavras que o homem teria dito, Fay Devenish conseguiu. Ela se lembrou de ele ter dito: "Eu vim falar com o Sr. Devenish.". Agora, se Devenish já tinha chegado naquele instante até a porta, ou se permaneceu no interior sem ser visto, isso a gente não sabe. Edward não consegue se lembrar e Robert é infantil demais para ser uma testemunha confiável. De qualquer forma, o homem entrou no escritório e fechou a porta. Isso é muito importante. Se um estranho chega à sua casa e é dirigido para a sala onde você está, ele só irá fechar a porta se você pedir, não é mesmo? A menos que ele não seja um estranho, e sim alguém bem chegado a você, alguém que tenha de fato o status de um amigo, ou pelo menos algum laço de parentesco.

Burden assentiu.

— Eu diria ainda mais do que isso, falou. — A pessoa que entrou seria um amigo de longa data, ou alguém que tenha alguma autoridade sobre você. O que quero dizer é que eu, por exemplo, fecho a porta atrás de mim quando entro na sua sala, mas Lynn não fecharia. Por outro lado, Southby a fecharia, assim como o chefe de polícia.

— Isso é verdade. Contudo, não é relevante neste caso. Eu acho que existe uma terceira categoria de pessoa. A essa categoria pertence alguém que seja apenas um conhecido, não um amigo. Na verdade, um conhecido que se transformou num inimigo e, enquanto inimigo, não precisa mais se dar ao trabalho de observar os costumes sociais de praxe, nem sequer ter boas maneiras. Ele ou ela fechará a porta apenas para ter silêncio e isolamento, de forma que a fecha sem pedir permissão à pessoa que está lá dentro. A porta foi fechada. Os meninos saíram de casa, e fecharam a porta da frente. Fay estava na cozinha dando café à Sanchia e tentando estancar o sangue que continuava a jorrar da mão dela. Tem a louça do café da manhã para pôr na máquina de lavar pratos, além das roupas que também precisa lavar, mais a faina do dia da casa, a limpeza, fazer as camas, compras e cuidar de uma menina de três anos. Ela não escutou quando a visita de Devenish foi embora da casa e, é claro, também não ouviu Devenish saindo. Devenish estava morto, seu corpo estirado no chão do escritório com três facadas no peito, incluindo a que perfurou fatalmente o coração. Fay achou que ele já havia saído para o trabalho. Limpou e arrumou a cozinha, pôs a louça e os talheres do café na lavadora de pratos e apertou o botão de partida, tirou Sanchia de sua cadeirinha e lhe deu os seus brinquedos para que se distraísse. Em algum momento, na hora seguinte, ela a levou para o quarto de brinquedos e ligou a televisão num canal de desenhos, ou pôs um vídeo. Em seguida, ela subiu até os quartos, fez as camas, juntou a roupa suja e, junto com a toalha com a qual envolvera a mão, levou tudo para a lavanderia e pôs na máquina de lavar roupas.

— Será que toda esta descrição de afazeres domésticos é mesmo necessária? Murmurou Burden.

— Eu acho que sim. Wexford bebeu o último gole de cerveja, pousou o copo, se perguntando por que um copo sempre deixa um anel de umidade na superfície da mesa, mesmo quando está seco. Era um dos pequenos mistérios da vida, só que eram os grandes que ele precisava elucidar. — Por volta das nove horas, prosseguiu, — Fay foi ver se Sanchia estava bem no quarto de

brinquedos, e colocou, talvez, um outro vídeo. Em seguida, foi limpar o escritório, levando sem dúvida um espanador e puxando o aspirador de pó. Encontrou Devenish morto estirado no chão e ligou pra gente.

— Está bem, mas vem cá, interrompeu Burden, — Você está sugerindo que existem duas facas? Aquela que foi usada por Devenish para cortar a mão da mulher e a que o homem da porta trouxe consigo? Por que, se não for isso que você está fazendo, é preciso que diga também que o homem da porta não trouxe nenhuma arma com ele, seja porque não tinha a intenção de matar Devenish, seja porque sabia que a faca estaria lá à espera dele, o um absurdo.

— Eu posso estar sugerindo que ele só pensou em matar Devenish quando viu a oportunidade que a faca lhe oferecia. Talvez, Devenish lhe tenha dito algo intolerável, fazendo com que pegasse a faca e o esfaqueasse.

— Bem, talvez. Mas quem é ele, esse homem misterioso que ninguém soube reconhecer, mas que possuía autoridade ou intimidade suficiente para fechar a porta do escritório de Devenish?

— Antes de tudo, disse Wexford, — Eu gostaria de falar a respeito da faca, ou melhor, das facas. Mas que tal a gente tomar outra cerveja? Toque o sino.

Sentindo-se como uma personagem de algum mistério da época vitoriana, o tipo de literatura que sua mulher o encorajava de vez em quando a ler, Burden pegou o sino de bronze e o sacudiu três vezes com força. Pena que na mesa não houvesse uma vela metida num desses castiçais com a asa em forma de caracol, ou pelo menos uma lamparina a óleo. As paredes ocres encardidas do reservado aparentemente não eram pintadas desde a época em que uma história no gênero teve sua primeira edição. O garçom chegou. Ele era um sujeito que só poderia ter existido no final do século XX, com o piercing de argola no lábio furado, o cabelo rastafári em longas madeixas e um logotipo para defesa de espécies ameaçadas com a cara de um tigre nas costas da mão. Mas ele tinha maneiras agradáveis e uma polidez antiquada no servir; anotou os pedidos bem-humorado, voltando num instante com dois copos e um pacote de castanhas de caju, oferta do gerente.

— Eu não acho que estaremos sendo corrompidos se aceitarmos isso, e você? Disse Wexford depois que o garçom saiu. — Isso não vai fazer com que sejamos mais lenientes com ele na próxima vez em que ele for renovar a licença do estabelecimento. Ele riu. — Tratemos das facas agora. Nós dois

sabemos que a madeira tem encaixes para oito facas, mas só havia sete lá. Mesmo assim, o último encaixe é pequeno demais e pouco profundo para conter uma faca longa e larga o suficiente para ter produzido os ferimentos em Devenish. A oitava faca não existe e Fay estava nos dizendo a verdade quando nos contou que ela nunca existiu, porque caso essa fosse inserida na madeira ficariam todas justas demais, impedindo que se tirasse uma delas.

— Nós já discutimos isso antes.

— Está bem, já discutimos. Todas essas sete facas têm o cabo de chifre, mas cinco cabos são marrom-escuros, e dois são mais claros, quase amarelos. Consequência de as facas terem sido postas no lavador de louça numa temperatura de água muito elevada. Eu sei porque eu mesmo experimentei. Dora, aliás, não gostou nada quando viu o que eu fiz.

— Que vergonha! Caçoou Burden, — Bem na hora em que você estava fazendo isso pelo bem da justiça e da verdade... Ignorando a observação dele, Wexford prosseguiu:

— Edward Devenish já havia me contado saber que isso havia ocorrido com uma das facas do jogo, Gillian Ferry me contou que foi por isso, por ela ter colocado uma faca com cabo de chifre na lavadora, que Devenish cortou a mão de Fay. Na verdade, essa parece ter sido a primeira vez que ele a cortou, tendo sido a faca danificada que lhe deu a ideia de fazer isso.

— Mas foi só uma faca, não duas?

— Gillian, ao repetir as palavras de Robert, mencionou apenas uma faca. Mas nós temos duas. Quando foi escaldada a segunda faca? Certamente, não antes da morte de Devenish. Fay era frequentemente castigada por uma ninharia, de forma que não iria arriscar o pescoço se arriscando a cometer a mesma ofensa pela qual fora deliberadamente retalhada pela primeira vez.

— Certo. Então por que ela a colocou na máquina de lavar pratos? Burden respondeu à sua própria pergunta. — Provavelmente, porque uma lavagem desse tipo, com duração de quanto tempo, quarenta minutos? Iria remover eficazmente qualquer vestígio de sangue ou impressões digitais que porventura estivessem nela.

— As lâminas combinam absolutamente com os ferimentos de Stephen Devenish, disse Wexford. — Você não está curioso em saber quem era o homem da porta?

— Eu conheço você o bastante para saber que só irá me contar quando achar que está na hora. Wexford sorriu. Tomou um gole de sua cerveja Adnams recém-tirada, e fez que sim com a cabeça.

— Lembre-se que, segundo Edward, era um homem com cerca de trinta e seis, trinta e sete anos, alto, mas não tão alto quanto o pai dele, e trazia uma pasta de documentos. Bem, existe uma mulher envolvida dos pés à cabeça nisso tudo que, quando a vi pela primeira vez, por causa do cabelo dela e da ausência de maquiagem, altura, magreza e as roupas, pensei ser um homem. Foi por um curtíssimo intervalo de tempo, um lapso de segundos e não de minutos, mas eu a tomei por um homem.

— Jane Andrews, disse Burden.

— Sem ser absolutamente desprovida de encantos, ou o que se chamava antigamente de "paraíba", disse Wexford, — Ela pode se fazer ficar parecida com um homem. Quase não tem peito, é alta e tem o corte de cabelo adequado. Hoje em dia, os paletós de homens e mulheres quase não têm diferença. Os jeans são os mesmos para os dois sexos. Vamos supor que Jane Andrews tenha se vestido com um paletó e jeans, quiçá acrescentando algum outro adereço masculino, sapatos de homem tamanho 41... Imagino, de qualquer forma, que seja esse o tamanho dos pés dela... Uma camisa branca? Uma gravata? Edward disse que o homem estava usando gravata. E uma pasta de documentos. A maioria das pessoas ainda associa pastas de documentos com homens, ainda que essa imagem esteja aos poucos mudando. Isso seria suficiente. Ela sairia de sua casa em Brighton às sete, sete e quinze. Sua mãe ainda estava deitada na cama dormindo e, provavelmente, continuaria assim nas próximas duas horas. Não havia mais ninguém para vê-la saindo, ou se importar se ela ia sair ou não. Ela chega à Ploughman's Lane, um lugar que conhece muito bem, ainda que fizesse muito tempo desde que estivera lá pela última vez. Estaciona o carro em algum lugar. Talvez na Ploughman's Glose, ou até na parte mais baixa da colina, onde ela faz esquina com a Winchester Drive. Ela vai a pé até a Woodland Lodge levando a sua pasta, dentro da qual estão uma capa de chuva fina de plástico e uma arma, pois pensa em matar Stephen Devenish, sendo esse o objetivo da sua visita.

— Então, que aconteceu...?

— Com a outra faca? A que foi usada para cortar a Fay e depois lavada na água fervente da lavadora? Espera. É de se presumir que Jane tenha levado uma faca com ela, ou até mesmo um revólver. Porque ela escolheu essa hora do dia, isso eu não sei. Talvez, houvesse tentado marcar um encontro com ele na rua, mas ele se recusou até mesmo a falar com ela.

— O motivo dela, está claro, é a sua simpatia e afeição por Fay Devenish?

— Isso e o ódio que sentia, e há anos vinha sentindo, por Stephen Devenish. Pode ser que sua empatia pela irmã Louise Sharpe...

— Seria uma empatia bastante ilógica, disse Burden, exaltado. — O Devenish pode ter sido um miserável e um ímpio, mas ninguém pode dizer que ele foi o responsável pelos problemas de Louise Sharpe. Wexford suspirou.

— Nós estamos falando de emoções, Mike, não de lógica. Ele fez uma pausa, olhou para cima da mesa, para então dizer: — Jane Andrews tocou a campainha e a porta foi aberta quase imediatamente por Edward. Ela o reconheceu, é claro, mas ele não. Por que deveria? Há anos não a via e, na última vez em que a viu, ela estava com cabelos compridos. A Sra. Probyn nos disse que a filha dela costumava ter "belos cabelos compridos". Jane, sem dúvida, deve ter engrossado a voz nas poucas palavras que trocou com Edward, uma proeza relativamente fácil. Sua voz já é grossa para uma mulher. Ela se dirige ao escritório e, por um instante, ele fica sem saber quem é aquela pessoa. Ele diz olá, ou algo no gênero, e pergunta no que pode ser útil a ela... Bem, a "ele", uma vez que pensa se tratar de um homem. Ela fala com sua voz normal e ele, então, a reconhece...

— Por que ele não a põe pra fora?

— Não sei, Mike. Ainda falta pôr os pingos nos "is" em algumas coisas. O que importa é que ele não a pôs. Talvez ele apreciasse um enfrentamento. Pode ser que suspeitasse de que Fay e ela ainda estivessem mantendo contato, talvez soubesse que elas estavam e queria dizer a ela o que era capaz de fazer se ela não cessasse de se comunicar com a mulher dele. E nós temos uma ideia do que poderia ser isso, não temos? Castigos ainda mais graves e frequentes. Ou pode ser que ele tenha preferido negar as coisas que Jane lhe disse, dizendo que ela era maluca, uma das respostas favoritas dele. De uma coisa você pode estar certo, ele não pensou que ela tivesse ido até lá para matá-lo. As coisas que ele disse a deixam fora de si. Uma faca está largada em cima da mesa. Ela trouxe uma arma também, mas por que usá-la quando existe uma dando sopa? Ela a pega, Devenish é tomado de surpresa e é esfaqueado por ela. Ela limpa a faca... Com o quê? Nas suas próprias roupas provavelmente, essas, de qualquer maneira, já estão sujas de sangue... A põe de volta na mesa, tendo adivinhado a razão de ela estar lá e qual fora o seu uso, sabendo que Fay naturalmente iria pegá-la e lavá-la. Ela conhece a amiga. Ela veste a capa de chuva que trouxe e sai da casa, pega o carro e vai dirigindo para casa, onde a mãe ainda continua na cama. Que tal isso? Acho que explica tudo. Burden

levantou o copo num brinde.

— Então, congratulações, se é que isso é adequado. Wexford assentiu. Ele não bebeu.

— O único problema, disse, — É que tudo isso é mentira.

* * *

Vinte e Seis

A NOVA capa tinha o aspecto desconfortável da coisa nova. Entretanto, não era desconfortável e vestia muito bem, tinha a largura correta para os ombros e o comprimento certo. Burden teria gostado de usá-la. O amor de Burden por roupas novas o deixava embasbacado, era grande seu prazer em vesti-las pela primeira vez, em se sentir elegante. Isso era algo que Wexford nunca conseguiu entender. Parte do problema para ele estava no aspecto de roupa nova, da aparência de ser nova. Ele não era alguém que se dava importância demais, também não era tímido, ou desejoso de aparecer, mas, quando vestia roupas novas, tinha a impressão de que todo o mundo olhava para ele. Pensou, com certa saudade, na sua velha capa de chuva, naquela gabardine tão confortável, com o aspecto simpático de usada e levemente gasta. Ele amava até as pequenas nódoas irascíveis e a mancha clara em forma de coração feita por algo desconhecido, a qual desafiava os esforços das lavanderias. Mas voltara a chover. O tempo quente e seco não durara mais do que um dia. Ele ia ter de usá-la, dar o seu jeito nela, fazer com que se ajustasse a ele. O leve brilho do tecido, a rigidez das abas da gola, isso o deixava desconfortável. Pelo telefone, ele disse a Burden:

— Basta que se tenha só uma semana de estiagem depois de toda essa chuva para que os chefões das companhias de água decidam proibir o uso de mangueiras. Espera só pra ver se estou errado.

— Qual é razão verdadeira que levou você a me ligar, Reg?

— Como você me conhece bem.

— Talvez. Então, o que há de novo? Wexford contou para ele de coração pesado e uma voz sombria. Mas Burden já sabia. Ele o veria mais tarde e valia a pena ficar assim; o que será, será. A justiça seguiria o seu caminho.

A chuva estava tão grossa que Donaldson teve de parar o carro na Winchester Drive, estacionar debaixo das árvores e esperar que amainasse um pouco. Sentado no banco de trás, Wexford nem se dava ao trabalho de limpar com a mão um espaço no vidro embaçado e pensava se haveria, sem pôr em risco a própria carreira e o próprio emprego, alguma coisa que pudesse dizer, qualquer deixa que pudesse dar, qualquer indireta sobre os riscos enormes que estava correndo. Expressões do tipo "pena de prisão perpétua" e "provocação além do suportável" passavam velozes na sua cabeça. A batida da chuva ressoava no teto do carro. A condensação escorria no vidro.

— Vamos tentar sair daqui, está bem? Disse com uma aspereza que não era do seu feitio. — Não dá pra gente ficar o dia inteiro sentado aqui.

Foi só ele falar e a chuva diminuiu um pouco. O barulho da chuva diminuiu. Os limpadores de para-brisa conseguiam dar conta no limite com o rio que escorria pelo vidro. Donaldson deu partida no carro e dirigiu devagar ladeira acima, enviando repuxos de água sobre a calçada quando as rodas passavam pelas poças. Na entrada da propriedade, um galho pesado encostou na capota do carro, fazendo que caísse uma cascata de água.

O reboco das paredes de Woodland Lodge estava manchado de cinza escuro devido à chuva. Uma poça d'água se formara na frente do degrau da entrada e Wexford se deparou com o dilema de um pulo indigno dele ou a perspectiva de ficar com os sapatos ensopados. Ele pulou. O pequeno salto de Lynn Fancourt foi mais elegante. A campainha soou, ecoando pela casa. Ele deve ter tocado essa campainha uma dúzia de vezes, mas nunca tinha percebido como era alta antes, pensou enquanto esperava; o cuco não existia mais. Jane Andrews apareceu na porta com Sanchia logo atrás dela. Vestindo uma saia comprida e um suéter de seda, ela não se parecia nada com um homem. Seus cabelos pareciam mais longos e o cabeleireiro havia feito mechas louras neles.

— Ela está à sua espera, disse, acrescentando: — Ela sabe a razão da sua vinda.

— Obrigado, disse ele, porque não sabia que outra coisa dizer.

— Eu vou levar as crianças para passear de carro em algum lugar. Vou

inventar algum lugar para irmos na chuva.

A casa parecia com um lugar habitado por gente, mulheres e crianças viviam ali, e não mais como um museu de uma casa no campo. O cardigã de alguém fora largado no corrimão da escada. As flores no grande vaso chinês estavam murchando. Na espaçosa sala de estar onde Fay Devenish estava sentada sozinha havia livros espalhados sobre a mesa de centro, em meio a jornais de um ou dois dias atrás. Ela ficou em pé de um salto quando ele e Lynn entraram.

— Sente-se, por favor, Sra. Devenish. Com voz pausada e triste, nem um pouco histérica, ela disse calmamente:

— O senhor sabe, não sabe? Eu sabia que descobriria. Só gostaria de que o senhor soubesse que eu não permitiria que ninguém mais levasse a culpa por isso. Quero dizer, se o senhor houvesse prendido qualquer outra pessoa eu o teria impedido.

— Tenho certeza de que sim.

— Eu matei Stephen, é claro que matei. O senhor sabia o tempo todo, não sabia?

Ele não iria admitir para ela que no fundo do coração, de fato, sempre soubera. Ou pelo menos sempre receara isso. A verdade era que ele não queria encarar a coisa. Teria, logo ele, feito a polícia perder seu tempo ao longo desses últimos dias? Ele disse calmamente:

— Não existe nenhum homem, nenhum estranho apareceu na porta da frente. É apenas uma história que qualquer pessoa assustada teria inventado, é a primeira coisa que vem à mente. Isso ocorreu à senhora da mesma forma que ao seu filho Edward, talvez porque são mãe e filho, apenas ele foi mais longe do que a senhora. Ele deu uma aparência ao homem misterioso: altura, roupas e uma idade. A senhora só havia lhe dado a voz. Ele limpou a garganta. — Edward a ama, a senhora entende. Ele não pensou duas vezes a respeito de mentir pela senhora. Naquela manhã, quando estava na escola e o diretor veio lhe dizer, acho que Edward já sabia então que a senhora havia matado o pai dele. Era óbvio para ele. Ele teria feito o mesmo... Algum dia.

Lynn fez um ruído insignificante atrás dele, aspirando levemente o ar.

Fay estivera olhando impassível para ele, mas os lábios dela tremeram quando falou do seu filho. Ele sabia que estava falando para atrasar a confissão incriminadora que ela logo faria.

— Ninguém apareceu naquela porta, disse ele. — Edward inventou isso, sem saber que a senhora havia inventado a mesma coisa. Ele e Robert saíram para a escola, mas, já então, há dez minutos que seu marido estava morto. O seu marido tirou a faca do encaixe de madeira depois do café da manhã e a levou com ele para o escritório. Foi por isso que a senhora já sabia o que ele iria fazer quando a chamou. A senhora o matou depois que ele a cortou com a faca.

— Foi, disse ela.

— Ele gritou? Soltou um berro? Isso ela não ia responder. — De qualquer forma, não faria diferença se gritou. No caso de Edward, Robert e Sanchia terem ouvido. Teria sido simplesmente algo de novo para eles escutarem o pai gritando, em vez da senhora.

Ele percebeu que ela estremeceu. "Uma condenação por assassinato", pensou, significava pena de prisão perpétua. Não é sempre que alegar legítima defesa funciona, frequentemente não é o caso. Se uma mulher der testemunho de que sofria repetidamente violências, se sabendo que na última ocasião ela reagiu matando, o júri ia querer saber o que havia de especial nessa última vez para levá-la a isso. Por que matá-lo então se, no passado, ela suportou com passividade a violência? Pegar uma faca e matar um homem desarmado? Isso é assassinato. É um assassinato idêntico ao cometido por um estranho que o tivesse visto na rua e decidido esfaqueá-lo. E para assassinato a pena é de prisão perpétua, não há opção quanto a isso, nada de homicídio de segundo ou terceiro grau, como eles têm nos Estados Unidos. Na Inglaterra, assassinato é assassinato e a pena é a prisão perpétua.

— Eu vou levá-la de volta comigo agora, Sra. Devenish, e a senhora, é claro, vai solicitar a presença de um advogado.

— O senhor está me prendendo?

— É claro.

— Isto é o que eu vou declarar: o Stephen sempre disse que eu era... Que eu era mentalmente instável e tinha razão. Naquela manhã, ele me retalhou e eu enlouqueci, perdi o controle, não sei o que foi que eu fiz, ou

por que o fiz. Eu devo ter agarrado a faca e o esfaqueado num frenesi. Eu não me lembro, tudo ficou enevoado, foi assim que ficou. Dizem que a gente vê tudo vermelho. Eu vi, só via o vermelho na frente dos meus olhos. Eu perdi a cabeça. Nem sequer o enxergava quando o golpeei. Ela o encarou como se estivesse vendo tudo vermelho agora e todo o corpo dela tremeu. — Eu enlouqueci, disse.

Ele suspirou, mas se sentiu descontrair interiormente. Ela podia estar mentindo, mas ele não se importava com isso. Se ela se aferrar a esta história, e o advogado, a sua defesa, iria adorar isso, ela poderia ser salva.

— Jane irá cuidar dos meus filhos, disse com o tom de voz mais sereno que ele já a ouvira empregar. — Sei que posso ficar muito tempo sem vê-los, mas eles estarão bem com a Jane.

* * *

Epílogo

NOS MESES que se seguiram, a busca continuou atrás do assassino de Ted Hennessy, mas as investigações chegaram a um impasse. Sabia-se que a bomba incendiária havia sido lançada por John Keenan ou Joe Hebden, contudo nenhum dos dois estava disposto a testemunhar contra o outro, e nenhum dos dois admitia ter possuído, ou manipulado, uma das bombas.

Em meados de outubro, Brenda Bosworth tirou os três filhos da escola por uma semana e os levou para umas férias em Clacton, a reboque da mãe dela. Assim que ela partiu, ficando fora do caminho, Miroslav Zlatic e Maria Michaels se casaram no novo salão nupcial do Hotel Cheriton Forest com o máximo de pompa e o mínimo de discrição. Enorme de grávida, Lizzie Cromwell compareceu, acompanhada da mãe, no casamento e na recepção que se seguiu, e não estava nem um pouco aborrecida. Visto que, como ela disse para todo o mundo enquanto bebia champanha espanhol, Miroslav só havia se casado para ter a cidadania britânica, além de Maria ser anos e anos mais velha do que ele.

Duas semanas depois, ela deu à luz uma menina na ala reservada à maternidade na Princess Diana Memorial Clinic e a batizou de Millenia. Durante o único dia e noite em que Lizzie passou lá, Colin Crowne, que já vinha consolando Brenda pela deserção de Miroslav, juntou os trapos com ela. Debbie disse que de jeito algum ela iria viver a três portas de distância do novo casal, mas, em vez do número 16 da Oberon Road, que tinha agora uns primos dos Meeks como inquilinos, a Secretaria de Habitação de Kingsmarkham, satisfeita em ter de volta o número 45 da Puck Road, foi alojá-la junto com Lizzie e Millenia num apartamento de dois quartos na Glebe Close.

Mais relocações ocorreram na torre de apartamentos quando John Keenan conseguiu, finalmente, juntar dinheiro suficiente para comprar o kit de teste de DNA, que usou provando que não era o pai biológico da ruivinha Winona. Enquanto pensava no que fazer da vida, ele alugou um quarto na casa dos Mitchells, indo totalmente contra as regras da Secretaria de Habitação. Shirley Mitchell, ainda que sendo irmã da mulher dele, ficou totalmente do seu lado. O marido andava seriamente preocupado com ela desde que passou a sacudir qualquer criança que visse jogando o invólucro de uma barra de chocolate, ou de um saco de salgadinhos na rua. Cedo ou tarde, ela acabaria por esbofetear uma delas e seria levada ao Tribunal Europeu de Direitos Humanos.

Saindo-se muito bem na Universidade de Myringham, revelando uma aptidão especial para as Ciências Sociais, Tasneem Fowler também foi realocada. A Secretaria de Habitação de Kingsmarkham conseguiu finalmente um apartamento tipo estúdio para ela, perto de onde Debbie e Lizzie Cromwell foram morar. Na sua audiência de divórcio, ela e Terry receberam mutuamente a custódia de Kim e Lee, mas Terry ficou com a guarda. Os meninos, quando perguntados com quem preferiam morar, optaram pelo pai.

Tracy Miller ganhou tanto dinheiro trabalhando de manhã até a noite, que montou seu próprio negócio de faxina doméstica com dez empregados, o qual chamou de Tracy's Treasures, e começou a pagar um financiamento de uma casa na Eton Road para ela e a filha.

Certa manhã, quando estava saindo de uma casa na Ariel Road, cujos moradores haviam transformado no centro de distribuição do tráfico de cocaína, Wexford viu um homem sair da torre de apartamentos usando uma capa Burberry. Era uma gabardina cáqui clara, com uma mancha em forma de coração na bainha do lado esquerdo. Ele precisou só de alguns segundos para identificar o sujeito como sendo Peter McGregor, companheiro de Sue Riddley, outrora vizinho dos Crowne na Puck Road. Wexford não sabia o que ele estava fazendo na torre e, considerando o que andava acontecendo por ali, era melhor não saber.

Antes de seguir em frente, McGregor deu uma espiada inocente e calma

para ele. Wexford sabia que não tinha como provar coisa alguma. Além disso, ele estava usando a capa nova agora, na verdade não era mais nova, a qual ia ficando confortavelmente usada, já tendo inclusive umas manchinhas minúsculas. Ele tinha de ir ainda para outro lugar, dessa vez na Harrow Avenue. Donaldson o conduziu até lá, mas ele chegou cedo, de forma que teve tempo de fazer uma caminhada até o alto da colina vendo, com certo prazer indefinido, que o agente imobiliário havia posto um anúncio de "Vendida" no portão da Woodland Lodge. Que bom! Pertencia a ela, estava no nome dela. Se estivesse no de Devenish, só Deus sabe se um dia ela iria conseguir o dinheiro, da forma como são tomadas providências para que ninguém se beneficiasse com o crime dele, ou dela. Ela vivia atualmente, nove meses após a morte de Stephen Devenish, em Brighton, ela e as crianças, numa casa que comprou quase pegada à de Jane Andrews. Ainda teria de viver e carregar a vida inteira o estigma de uma condenação por homicídio. Sua alegação de perda da razão, de que havia enlouquecido e dificilmente poderia saber o que estava fazendo, salvou-a, com ela recebendo apenas uma pena em sursis. Ao sentenciá-la, o juiz disse:

— Fomos ensinados a não falar mal dos mortos. De mortuis nil nisi bonum. Sobre os mortos somente o bem. Mas devem existir exceções a esse axioma. Stephen Devenish era um homem trabalhador, um homem que sustentava satisfatoriamente a sua família e, creio eu, um homem honesto. Mas também era, em muitos aspectos, um monstro. Essa mulher viveu provações inimagináveis, abusos e torturas nas mãos de um ímpio que a usava como saco de pancadas para satisfazer seus impulsos de sádico.

Louise Sharpe casou de novo. Seu marido era o mesmo homem que a salvou de sua tentativa de suicídio, quando entrou mar adentro. Grávida de seis meses, ela esperava o nascimento do bebê para o fim de julho.

Vingativa como sempre, Rochelle Keenan foi até a polícia com o filme que fez do motim de Kingsmarkham, afirmando que o mesmo mostrava sem sombras de dúvida que foi John, seu marido, quem lançou a bomba incendiária responsável pela morte do sargento detetive Hennessy. Burden, que a interrogou, ficou um pouco chocado. Ele pensava já ter visto de tudo, se tornando insensível a qualquer coisa e que nada podia surpreendê-lo ainda. Mas uma esposa se esforçando zelosamente para conseguir a prisão perpétua

para o marido, isso era demais. Pôs o filme no seu videocassete, o que mais podia fazer? Mas ficou quase contente quando as imagens que apareceram não eram nada melhores que aquelas de um circuito interno de TV, imagens cinzentas e granuladas praticamente irreconhecíveis de pessoas. Deu certamente para ele ver alguém jogando uma garrafa com um trapo enfiado no gargalo, ele viu três homens atirando garrafas e uma mulher, um tijolo, mas de quem eram as mãos de onde partiram os mísseis, disso não dava para fazer ideia. Ainda assim, ele não desistiria de encontrar o assassino de Hennessy. Iria até o fim, afirmou.

— Quando você morrer, disse Wexford, — E eles abrirem você para embalsamá-lo, vão encontrar escrito no seu coração: “Pegar o assassino de Hennessy.”

— Espero que, logo abaixo, encontrem também escrito: "E pegou".

— Todos nós desejamos isso, Mike, disse Wexford.

Sylvia e Neil, por fim, decidiram se divorciar. Desde então, passaram estranhamente a se entender melhor e Wexford, às vezes, tinha a esperança de que essa nova situação pudesse levar a uma reconciliação. Continuavam a viver na mesma casa, mesmo que em andares diferentes, aquela antiga residência de um prior, sendo grande o bastante para acomodar os dois à vontade. As crianças conheciam a situação, mas não davam nenhum sinal de se importar com isso enquanto os pais vivessem sob o mesmo teto. “Seria uma outra história”, pensou Wexford, “caso Neil se mudasse.”. E no caso de Neil ou Sylvia encontrar uma outra pessoa? “Uma intrusa”, como diria Stephen Devenish em outro contexto. Dora decidiu que nada mudara, nada era definitivo, enquanto eles estivessem ainda juntos. Mas ele, quando refletia em silêncio sobre o assunto, ficava se perguntando como se sentiria em relação ao casal, se fossem outros que sua filha e o seu genro, os pais dos seus netos. Será que, caso fosse um casal de estranhos, ele não acharia melhor uma separação definitiva para que todos vivessem finalmente felizes?

Quando chegou em casa de noitinha, Sylvia esperava por ele. Ele nunca tocava no assunto do divórcio iminente, a não ser que ela o fizesse. Ela costumava falar a respeito, basicamente quando se aproveitava das ocasiões em que as crianças tinham saído com o pai, para listar exaustivamente os defeitos de Neil e, às vezes, para, lhe fazer justiça, os próprios defeitos dela.

Mas, naquela noite, ela lhe deu um beijo especialmente carinhoso de boas-vindas e disse que tinha uma coisa para contar, algo para confessar. Wexford ficou com o coração apertado. Se a mãe dela estivesse presente na sala, isso não aconteceria. Nenhuma das duas filhas ousava chocar a mãe, cuja língua, sabiam, podia ser dura e as opiniões arrebatadoras. Mas contavam tudo para o pai. Ele era inabalável, ou pelo menos era o que pensavam, e receava que ela lhe fosse dizer que tinha um amante. Ou que conhecera alguém que prometia ser seu amante. Ou que Neil tinha uma namorada. Coisas no gênero, o que mais poderia ser uma confissão? Algo totalmente diferente.

— Papai, disse ela, — Você se lembra de ter me dito uma vez que não podia me imaginar desrespeitando a lei?

— Acho que sim, disse circunspecto.

— Bem, eu não estou certa de ter desrespeitado a lei, mas acho que encobri um crime. Ela o olhou cautelosa. — Eu não me lembro se cheguei a contar a você que, logo no início do meu trabalho atendendo à Helpline do Hide, uma mulher chamada Anne telefonou. O marido dela estava no jardim com a filha, ela me disse, e, então, ela o viu se aproximando e teve medo de que ele descobrisse que estava falando comigo.

— Pode ser que sim. De forma muito discreta, se não me engano.

— Foi, bem, isso deve ter sido em abril. Ela estava aterrorizada pelo marido, mas, como muitas delas, não se decidia a abandoná-lo. O nome dela certamente não era Anne, é claro que não, elas dão nomes falsos. Bem, ela telefonou de novo, mas o que me disse dessa vez foi algo completamente diferente. Ele não estava mais sendo violento com ela, tudo isso havia cessado, ela não falou por quê. Ela disse que queria me perguntar uma coisa a respeito da lei concernente a... Bem, a mulheres que matam os maridos que as maltratam.

— Continue.

— Em primeiro lugar, eu disse que não era advogada, e que não podia ajudá-la. Falei que o Hide tinha os préstimos de uma advogada, nós temos, ela trabalha de graça, que a aconselharia se ela ligasse para aquele número. Eu estava prestes a fornecer o telefone, quando ela disse que não faria isso, que tudo o que queria era saber qual a melhor desculpa que uma mulher poderia usar para matar o marido. Poderia alegar legítima defesa? Um arrepio suave, nada desagradável, percorreu a espinha de Wexford.

— Então é essa sua confissão? Sylvia olhou pensativa para ele.

— Eu disse a ela... Disse o que sabia. Aquilo que aprendi, isto é, quando tive uns dias de treinamento antes de poder trabalhar lá. Eu disse que, se uma mulher usar uma faca, ou um revólver, para matar um homem desarmado, ou dormindo, ela não pode alegar legítima defesa. E isso se devia ao fato de que não importava o que ele ameaçara fazer futuramente com ela, ou aquilo que tinha feito no passado; o "critério de premeditação" para o homicídio, eu me lembro dessa expressão, estaria presente. Um júri podia até ser compreensivo, mas ela não escaparia da prisão perpétua porque essa é a sentença mandatária para assassinato.

— E então?

— Então, ela perguntou se fosse o caso de ela ter sido provocada além do suportável. Eu disse para ela esquecer a coisa toda. Que a única possibilidade seria uma alegação de perda temporária da razão. Em outras palavras, se uma mulher enlouquece, pega um revólver, ou qualquer coisa no gênero, e fica fora de controle. "Você ficará de qualquer forma para sempre marcada como uma criminosa, mas escaparia provavelmente da prisão." Foi isso que eu disse. "Então, passados alguns meses, percebi que essa mulher maltratada era a mesma da foto no julgamento da mulher que se declarou culpada de homicídio por perda temporária da razão, e me lembrei de tudo que havia lhe dito. Eu soube então, apenas senti que Fay Devenish era Anne e que havia explicado a ela a maneira de escapar da prisão perpétua por assassinato. E que meu próprio pai era o policial encarregado da investigação. Faz tempo venho tentando contar isso a você, mas só agora tomei coragem.

Wexford respirou fundo. Tanta coisa dependia de quando ela recebeu esse telefonema. Stephen Devenish morrera na manhã do dia 29 de julho.

— Quando foi que ela ligou, Sylvia?

— Quando foi? Deixe-me ver. Eram dez da noite, disso eu me lembro. No final de julho, eu acho. No último dia de aula das crianças.

— Quando foi que eles entraram de férias?

— Eu não me lembro. "Anne" provavelmente ligou numa quarta, ou numa sexta-feira, porque são essas as noites em que eu trabalho normalmente. Quero dizer, tem exceções, mas não houve nenhuma naquela semana. Eu me lembro disso. Papai, me diga, será que fiz alguma coisa terrível?

Wexford, agora seriamente perturbado, saiu para procurar o calendário do ano passado. Ele sempre guardava os calendários por um ou dois anos. Se "Anne" fez aquela ligação antes do dia 29 de julho, isso significava que o ataque de Fay Devenish ao marido não foi em resposta ao corte que recebeu dele, talvez, ele nem sequer a tivesse cortado, talvez ela mesma tenha feito isso, mas sim um homicídio premeditado, planejado, possivelmente com muita antecedência. Wexford fechou os olhos, abrindo-os em seguida, encontrou o calendário no escaninho da mesa e o pegou, procurando pelos dias certos no caminho, quase caindo nos últimos quatro degraus.

— Fala logo, papai, disse Sylvia. — Não me deixe com esse suspense.

— O dia 29, quando Stephen Devenish morreu, era uma terça-feira. Esse foi o último dia de aula. A meticulosa da sua mãe marcou isso na folhinha. Foi, portanto, numa quarta, ou numa sexta-feira, que Fay Devenish ligou para você, de forma que era quarta-feira trinta de julho, ou sexta, primeiro de agosto. Ele lhe deu um pequeno sorriso. — Você se livrou da forca.

— Graças a Deus! Disse ela, — Mas mesmo assim fui eu que a ajudou a tirar o pescoço da forca.

— Eu sei. Mas, então, ele já estava morto. Sylvia... Ele se aproximou e segurou a mão dela. — Não se preocupe: não houve dano algum.

Fim